



SciELO



SciELO

T. V.





SciELO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REVISTA DO MUSEU PAULISTA



TOMO XIX



1935

S. Paulo — Brasil





SciELO

Índice Geral

Prefacio.....	V-VIII
O. PINTO, OLIVERIO M. — Aves da Bahia. Notas críticas e observações sobre uma collecção feita no reconcavo e na parte meridional do estado....	pp. 1-326
CUNHA VIEIRA, CARLOS OCTAVIANO DA — Os contingideos do Brasil.....	pp. 327-398
MIRANDA-RIBEIRO, ALÍPIO DE — <i>Cycloramphus</i> , <i>Grypus</i> e <i>Ilodiscus</i> e as Leis da Prioridade	pp. 399-416
MIRANDA-RIBEIRO, PAULO DE — Sobre uma nova especie do genero <i>Callipogon</i> (Coll. <i>Cerambycidae</i>); <i>Callipogon joinvillei</i> sp. n.....	p. 417
OLALLA, A. M. — El <i>Berlepschia rikeri</i> y su Biologia	pp. 419-424
OLALLA, A. M. — El genero <i>Sciurillus</i> representado en la amazonia y algunas observaciones sobre el mismo .	pp. 425-430
CAMARGO-ANDRADE, CARLOS AMADEU — O genero <i>Loboederus</i>	pp. 431-442
LANE, JOÃO E FREDERICO LANE JR. — Notas sobre parasitismo em borboletas.....	pp. 443-446
LUEDERWALDT, H. — Monographia dos Lucanideos Brasileiros.....	pp. 447-574
LANE, JOÃO E CARLOS A. CAMARGO-ANDRADE — Nota sobre <i>Phanaeus</i> (<i>Megaphanaeus</i>) <i>septentrionalis</i> Pessôa.....	pp. 575-578
SPITZ, ROBERTO — Revisão das cinco especies do genero <i>Myelobia</i> Herr-Schaeff.....	pp. 579-594

Tinha-a quasi prompta quando a morte o surpreendeu. E' um bello artigo apresentado com a consciencia e a proficiencia que tanto distinguem a produccão scientifica volumosa e valiosa de seu autor. Foi esta memoria revista pelo Snr. Dr. José Elias de Moraes, digno assistente da Cadeira de Parasitologia da Faculdade de Medicina de S. Paulo e dedicado amigo do saudoso naturalista.

Seja-me permittido endereçar a este joven scientista os inuitos agradecimentos que lhe devemos pelo seu grande trabalho de traduzir e organizar os originaes desta monographia. De tal se desempenhou cabal e brilhantemente.

Do illustre zoologo brasileiro o Snr. Prof. Alipio de Miranda Ribeiro, cujas memorias sobre cer-videos, psittacideos, batrachios, peixes, tanto realce tem dado a nossa Revista publicamos mais um artigo sobre pontos controversos relativos a diversos generos de sapos do Brasil.

Do zeloso conservador do Museu, Snr. Carlos Octaviano da Cunha Vieira, que tanto se dedica ao estudo da nossa Ornis, traz o presente tomo a primeira das monographias que ja tem preparadas sobre alguns grupos de aves brasileiras, os *Cotingideos do Brasil*, estudo acurado, proficiente e consciencioso.

Do Snr. Alfonso Maria Olalla, naturalista e colleccionador equatoriano, que reside no Extremo Norte e desde bastante tempo mantem relações com o Museu, imprimem-se dous artigos. sobre assumpto ornithologico e sobre um genero de esquilos representado na Amazonia.

Concorre o Snr. Carlos Amadeu de Camargo Andrade, naturalista colleccionador do Museu, com um artigo sobre o genero *Loboederus* e o Snr. Roberto Spitz, nosso sub-assistente aposentado, com uma revisão de cinco especies de borboletas do genero *Myelobia*, em campo de sua especialidade.



O joven entomologo, naturalista do Museu Nacional, Paulo de Miranda Ribeiro contribuiu com uma nota em que descreve uma especie nova de cerambycideo.

O Snr. João Lane, assistente do Museu para a sub-seccão de invertebrados assigna duas contribuições, uma sobre parasitismo em larvas de borboletas (em collaboração com o Snr. Frederico Lane) e uma nota sobre *Phanaeus* (em collaboração com o Snr. Camargo-Andrade).

Assim, pois, onze memorias e artigos, maiores e menores, todos sobre zoologia perfazem o volume XIX da revista.

Ao terminar esta rapida resenha cabe-me destacar o zelo extraordinario, com que o Snr. Carlos Amadeu de Camargo Andrade acompanhou a factura deste volume. Assim lhe endereço meus muitos, e os mais sinceros, agradecimentos pelo que fez para a melhor apresentação do velho órgão do Museu Paulista. ja agora quadragenario.

AFFONSO DE E. TAUNAY

Director do Museu Paulista

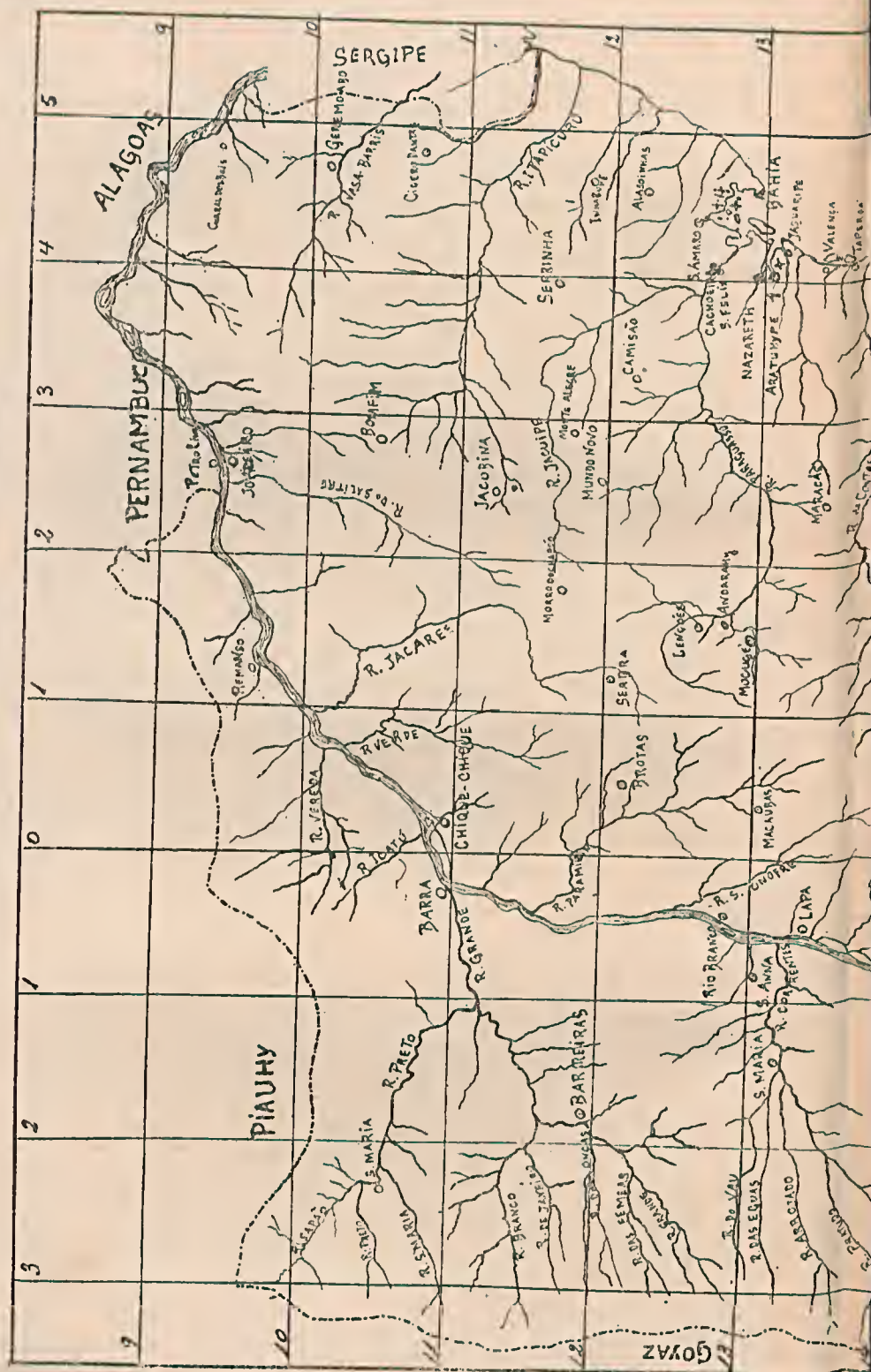
São Paulo, 10 de Outubro de 1935

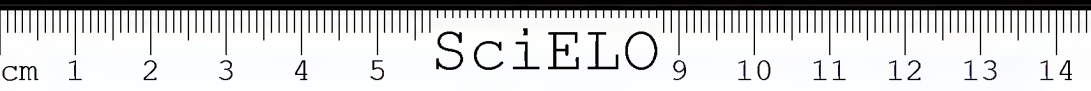




Map of the River of the South

Mapa do Estado da Bahia





Aves da Bahia¹

Notas criticas e observações sobre uma collecção feita no Reconcavo e na parte meridional do Estado

POR

OLIVERIO M. DE O. PINTO

A Bahia, apesar de ter sido durante muito tempo, por força do rapido desenvolvimento alcançado na primeira phase da nossa historia, um dos pontos do Brasil que mais largo contingente de material zoologico forneceram aos museus e colleccionadores estrangeiros, muito esforço ainda requer para dizer-se sufficientemente conhecida sua rica e variada fauna. Pondo de parte a contribuição dos autores prelinneanos e dos viajantes que perlustraram o seu territorio nos tres primeiros seculos do descobrimento, e exceptuados os exemplos singulares de Neuwied, Swainson e Spix, quase todos os objectos naturaes levados para a Europa durante o seculo passado eram fructo de commercio exercido por colleccionadores leigos, em que a deficiencia dos conhecimentos mais elementares, impedia de illustrar cada especimem com os informes necessarios a seu estudo scientifico.

No caso particular das aves, só excepcionalmente era feita referencia aos sexos dos individuos, e indicações geographicas precisas faltam, por exemplo, em todos os innumeros exemplares remettidos por Wucherer, os quaes representam a immensa maioria do material ornithologico bahiano existente nas opulentas collecções do Museu Britannico, ao tempo em que foram elaborados os volumes magistraes do seu *Catalogue of Birds*. Natterer, o mais prodigioso dos zoologos colleccionadores que

(1) Trabalho apresentado ao XII Congresso Internacional de Zoologia, reunido em Lisboa (15-21 de Setembro de 1935).

em todos os tempos exploraram o sólo do nosso paiz, nunca pisou terras da Bahia, atravez dos milhares de kilometros de suas incessantes e laboriosas perigrinações. Só modernamente, no correr d'este século, têm sido ellas exploradas por colleccionadores competentes, taes como Otmar Reiser, encarregado da parte de ornithologia na importante expedição de Steindachner, ao rio S. Francisco e seu affluente Rio Grande. Mais nos nossos dias, Kaempfer¹ realizou n'aquella zona quase identico percurso e outros viajantes colleccionadores trabalharam ainda na zona da caatinga, a interesse de varias instituições estrangeiras, especialmente norte-americanas. A' mesma região em parte se referem as interessantes observações ornithologicas feitas por Neiva e Penna na proficua *Viagem Scientifica* que emprehenderam a interesse do serviço federal de combate ás seccas do Nordeste.² Mas no que toca ás mattas do sul, nossos conhecimentos continuavam a ter na obra do Principe Neuwied a fonte de informações mais completa e fidedigna, acontecendo cousa semelhante com o Reconcavo,³ de onde eram conhecidos nos museus bem poucos exemplares authenticos.

Razão teve pois o Museu Paulista de ter voltado desde muito tempo as suas vistas para a Bahia, encaminhando para lá seu fallecido colleccionador E. Garbe, que uma vez trabalhara na zona de Caravellas, e de outra na de Ilhéos e Itabuna, trazendo, como de habito, material valioso e abundante. Todavia, apesar de uma lista publicada na *Revista do Museu Paulista* pelo Snr. João L. de Lima, o referido material estava ainda a exigir novas achegas que facultassem o seu estudo critico com mais cuidado e pormenor.

(1) Cf. Naumburg, *Auk*, XLV, pp. 60-65 (1928).

(2) *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, Tomo VIII, fasc. 3, pp. 74-224 (1916).

(3) Entre as mais importantes contribuições ao estudo das aves d'esta zona é de citar-se o artigo de Nicoll (*The Ibis*, 1906) sobre uma pequena colleção feita na ilha de Itaparica.

De enorme extensão territorial e diversísimos aspectos physiographicos, que variam desde as caatingas adustas do nordeste até as pujantes florestas hygrophilas de sua porção meridional, a Bahia abriga forçosamente flora e fauna muito variadas, á feição das multipas condições oecologicas e climaticas. Um museu historico-natural onde as riquezas de seu sólo encontrassem archivo adequado e pudessem ser estudados á luz da sciencia com o carinho que merecem, falta-lhe infelizmente ainda hoje, mau grado o interesse pratico e as vantagens economicas evidentemente decorrentes d'estas investigações. Tempo virá em que tal voto se realize, tomando ella a si o importante papel que lhe cabe no vasto programma de exploração nacional que o Brasil terá inevitavelmente que realizar, para acompanhar a tripha dos paizes mais adeantados. Caberá então á Bahia, não só occupar-se com aquillo que lhe diz mais directamente respeito, de accôrdo com os limites politicos assignados ao seu territorio, senão tambem lançar as suas vistas para os estados limitrophes, uma vez que nem vantagem nem necessidade existem de multiplicar as actividades n'este terreno, o que equivaleria a dispersal-as e enfraquecel-as.

Por todos estes factos, e ainda porque uma permanencia de longos annos, sob os claros céos que viram nascer os meus maiores, me houvesse despertado desde cedo intensa curiosidade pela sua natureza, foi com vivo interesse e satisfação que aceitei a incumbencia de realizar alli uma viagem de exploração zoológica, com vistas particulares para a zona lustrada por Wied, e a interesse dos dois institutos que desde alguns annos se vêm associando em emprehendimentos d'esta ordem, a saber o Museu Paulista e o Mus. of Comparative Zoology da universidade de Harvard.

Marcada para Julho, mas impedida durante alguns mezes pelos acontecimentos que suspenderam a vida normal de nosso estado, escrevendo, paginas memoraveis nos fastos de sua historia, minha partida de S. Paulo deu-se a 25 de Outubro, pouco depois do meio-dia, com

destino a Santos, de onde ás 19 horas o vapôr Araçatuba zarpava em direcção ao Rio de Janeiro, arcando sob o peso de volumosa carga, de que fazia parte consideravel quantidade de louça sanitaria, producto de nossa industria, destinada ao porto de Victoria. Fazendo-me d'esta feita acompanhar pela familia, que na cidade do Salvador seria acolhida por pessoas caras, sentia-me forrado ás apreensões mais graves de que a ausencia se torna inevitavelmente responsavel.

No Rio de Janeiro estacionou o navio das 12 horas do dia 26 ás 18 de 27, permittindo que tomassemos tranquillamente terra e fizessemos alguns passeios pela cidade maravilhosa, com tanto maior alegria quanto nos era este regalo proporcionado por parentes amaveis que vieram ao nosso encontro.

A's 17 horas de 28 chegámos em Victoria, cidade que se ergue pittorescamente no alto de morros, ao fundo de um canal tortuoso e cercado de montanhas verdejantes. Retomámos nossa viagem maritima ás 20 horas, com o mar muito mais calmo do que no começo, o que todavia não me libertou da penosa contingencia de permanecer recluso no meu camarote até as 15 horas do dia 30, quando chegavamos á capital da Bahia.

Não foi sem emoção que revi o lindo panorama da velha cidade de Thomé de Souza, com morros cobertos de casario heterogeneo e as torres musgosas de suas egrejas tradicionaes, reminiscencias saudosas de um passado que a irreverente picareta do progresso apagará um dia sem deixar vestigios. Edificações novas, grandes e bellas, erguem-se agora na parte baixa que a construcção das dócas muito ampliou, modificando-lhe profundamente o aspecto no logar em que o forasteiro recebe as suas primeiras impressões. Lançado a prumo da cidade alta ao bairro marítimo, a immensa torre do novo elevador imprime ao conjuncto um traço inconfundivel, concorrendo para dar lisongeira impressão ao visitante. Mas não só no aspecto de suas edificações melhorou enormemente n'estes ultimos annos a metropole



Cidade de Nazareth: porto sobre o rio Jaguaripe, (pag. 4)



Cidade de Nazareth: chegam os cargueiros para a feira semanal, (pag. 4)



Rio Aratubype: vista parcial da cidade que lhe tomou o nome, (pag. 4)

mais antiga do Brasil; um asseio rigoroso, quase inacreditavel, nota-se em todas as suas ruas, assim no centro como nos bairros distantes, fazendo hoje da velha cidade de hygiene descuidosa a capital mais limpa de nosso paiz. Entre outras, uma visita ao matadouro local, a amavel convite do Dr. Deraldo Dias de Moraes, chefe do serviço municipal de hygiene e meu presado amigo, forneceu-me o ensejo de verificar a extensão do mesmo cuidado n'outros sectores, deixando-me inapagavel a lembrança do extremado asseio e irreprehensivel ordem que presidem aos seus trabalhos.

A Capital bahiana, que conta com bairros residenciaes aprazibilissimos, reflecte a franca prosperidade que anima o estado nos dias que correm, graças sobretudo ao incremento crescente do cultivo e da exportação do cacáu, seu principal producto.¹ Alguns dias n'ella permaneci, aguardando a chegada dos companheiros com que deveria partir para o interior. Mas, emquanto não vinham os Snres. Carlos Camargo, e Walter Garbe, o primeiro naturalista colleccionador do Museu Paulista, e o segundo contractado *ad hoc*, puz-me em diligencias para escolher o itinerario que melhor nos conviria, buscando informes de quantos se diziam conhecedores do sertão, e capazes de fornecer as necessarias instrucções. Foi assim que de pessoas amigas colhi a suggestão de visitar as famosas mattas do Rio de Contas, aproveitando as facilidades offerecidas pela estrada de ferro de Nazareth, com o que seguiriamos, em sentido inverso, o caminho do principe Maximiliano, e poupar-nos-iamos ao sacrificio, para mim penosissimo, de arrostar de novo, e tão depressa, as inclemencias de outra viagem maritima.

(1) Segundo dados officiaes, a Bahia vem exportando annualmente cerca de 70 mil toneladas (67,000 kilos em 1930) de cacau, o que lhe garante o segundo logar entre todos os paizes productores. No volume da produção exportada sobrepua de muito a todos os outros o porto de Ilhéos, de cujo município, junctamente com Itabuna, costumam sahir, por anno, entre 600 e 800 mil saccos de sessenta kilos, n'um total de 1.000.000 a 1.200.000 para todo estado.

Nossa partida para a cidade de Nazareth deu-se a 9 de Novembro, ás oito horas da manhã, e ás tres e meia da tarde chegavamos á velha cidade das farinhas, com mais de seis horas de viagem monotona, feita principalmente entre as margens apertadas de um canal marítimo, que se continua sem linha de demarcação nitida com o rio Jaguaripe. Visitando-o pela primeira vez, a impressão que me veio do logar, foi antes desagradavel. Apesar do pittoresco do rio, cujo ancoradouro apparecia coalhado de embarcações a vela, a perspectiva da cidade contrista pela sua pessima localização entre morros que a encurralam ao longo de estreito valle, pelo aspecto vetusto e desigual da edificação, e ainda pela quantidade desproporcionada de homens de côr. Entretanto nota-se animado movimento commercial, inórmente nos dias de feira semanal, quando accorrem ao porto mercadores dos pontos mais diversos, trazendo cada qual os productos de suas terras ou os fructos de sua industria, entre os quaes merecem menção especial, pela sua abundancia, os artefactos de barro cosido e a farinha de mandioca, reputada a melhor da zona.

Estando em Nazareth, considerei logo a amavel suggestão que me fizera o Dr. Oswaldo Campos, companheiro de saudosos tempos, de visitar o Engenho da Ponte, de propriedade do Snr. Carlos de Araujo Silva, situado não longe da velha cidade de Aratuhye, outróra conhecida pelo nome de Aldeia. Já no dia seguinte para lá nos dirigiamos, favorecidos pela franca hospitalidade que é um dos traços mais nobremente característicos do povo da Bahia. Coube-nos a satisfação de permanecer durante alguns dias n'aquelle sitio aprazivel, aproveitando muito utilmente o tempo em excursão nos seus arredores. Mattas densas cobrem ainda grande parte das terras do Engenho, extendendo-se principalmente sobre as montanhas; os cannaviaes alargam-se em manchas de um verde desmaiado nas encostas e nos planos, emquanto na porção mais baixa correm as aguas de um pequeno ribeiro, tributario do Aratuhye, as quaes, de-



Aratuhype: Engenho da Ponte (casa de residencia), pag. 6



Aratuhype: estrada para Nazareth (cargueiros que demandam a feira), pag. 6



Jequié: collecta de agna no Rio de Contas, (pag. 7)



Jequié: caçada de veados na Fazenda Provisão (ao centro os irmãos Valverde, (pag. 7)

pois de represadas, dirigem-se para a grande roda hydraulica que dá movimento aos cylindros. Não se faz assucar; todo xarope é fermentado para o fabrico da agua-ardente que se armazena em amplos tonneis.

O trabalho do engenho é feito exclusivamente por negros, habitualmente semi-nús. Sua condição pareceu-me differir apenas da dos escravos de outróra, supportando elles com estoica submissão não só as asperezas da lide ininterrupta, como ainda o mais rispido dos tratamentos. Confrange a sua incrível condescendencia perante o desconforto material, e muito mais ainda a miseria moral de que dão ameúdadamente prova. A humildade com que supportam frequentemente as mais injuriosas exprobações e violentas ameaças dão testemunho contristador de extranha insensibilidade, e fazem reviver, ainda em nossos dias, o drama sombrio do captiveiro em que viveram os seus avós. E' corrente que os máos tratos são o estimulo unico a que sabem reagir, e que por outros meios seria impossivel conseguir d'elles a efficiencia desejada. Dir-se-ia que o reconhecem e com isso se conformam. Que lhes importa a elles baldões e maus tratos, posto que o senhor, convertido agora em patrão, lhes dê tecto para descansar, alimento para o sustento do corpo, e primeiro que tudo, com invariavel generosidade, a aguardente, remedio certo para todas as suas dôres e aborrecimentos? E' verdade que despertam ás vezes antes do sol e trabalham duramente todo o dia, sem limite de horas; mas têm tambem os seus momentos alegres, porque o amo, em que pese a aspereza do tratamento que lhes inflige, não hesita em compartilhar tambem muitas vezes de seus folguedos e de suas devoções. Pela noite de 12, por ser um sabbado, e talvez para festejar a nossa presença, foram os negros do Engenho convidados a se reunir na casa principal, afim de darem largas á sua jovialidade simples, sambando freneticamente até quase o alvorecer. Houve musica, muita aguardente, e alguns dos cantores se pegaram ao desafio. A crença catholica, eivada do fetichismo e da supersticiosidade inherentes ao mysticis-

mo da raça, appareceu como a fonte quase exclusiva da inspiração dos repentistas, que mutuamente se provocavam ou revidavam os golpes recebidos. Faltos de imaginação, repetiam incessantemente os mesmos temas, repisando rimas já de todo gastas, muitas vezes mettidas á força, sem consideração pelo sentido. De espaço a espaço novas doses da bebida lhes vinham em soccorro da inventiva claudicante, enquanto os violões retillintavam, marcando o compasso monotono das cantigas, ou os pandeiros rufavam clamorosos, proclamando a victoria ephemera de um dos contendores. Vinha já perto o dia e echoava ainda ao longe o alarido das vozes enrouquecidas, quase abafadas pelo ruido surdo dos calcanhares de encontro ao soalho...

Por duas vezes fomos até o rio Aratuhype, que percorremos de canôa em extenso trecho, na caça de aves ribeirinhas, como maçaricos e saracuras; mas ordinariamente nos limitavamos a percorrer os arredores do Engenho, onde aprendi a conhecer o aspero grasnido das Aracuãs (*Ortalis aracuan*), ouvindo-o quase todas as manhãs por entre as espessas toucciras de bambús. Minhas buscas eram geralmente feitas percorrendo pela manhã as margens hervosas e irregulares do correjo, ou palmilhando a passo lento a estrada sombria e solitaria, que parte de Aratuhype e estende a sitios distantes seu leito de grossos blócos de pedra granítica, maravilha só explicavel pelo preço misero dos braços captivos que outrora a edificaram. O logar nada tinha capaz de aca-roçoar grandes ambições; mas, apesar de por alli transitarem os copiosos cargueiros de fumo, de farinha ou ou de toucinho que demandavam a feira, um ou outro frango d'agua se animava a procurar no leito da estrada migalhas para o seu sustento. Offereceram-me alvo facil alguns poucos que tive a dita de surprehender a esgravatar as frinchas da pedra; com grande satisfação para mim, provaram pertencer á especie *Rallus crassirostris* Lawrence, ainda mal conhecida na sua distribuição e bastante rara nos museus.

Entre os passaros predominava em numero o Sanguede-boi (*Rhamphocelus bresilius*), um dos exemplos certamente mais bellos da avifauna indigena e só por causa de sua trivialidade menos contemplado pela nossa attenção.

No dia 17 voltámos para Nazareth e a 19 tomámos o trem para Jequié, na margem do rio de Contas e ainda ponto terminal da linha ferrea. A viagem, que comprehende cerca de 260 kilom. e dispende pouco menos de doze horas, não proporcionou ensejo para observações de nota; apenas me surprehendeu a quantidade de mendigos que em muitas estações se acercam dos viajantes, reclamando com insistencia o que uma espontanea caridade não lhes offerece de prompto. Fóra d'isso a impressão é alegre e ha muito menos mescla na população, que parece progressivamente enriquecer-se de elemento caucasico.

A cidade de Jequié, pela rapidez do seu surto, pôde ser considerada como a capital d'aquella parte do sertão. Entreposto commercial de notavel importancia, já se destaca pelo aspecto de suas habitações, pelos seus melhoramentos urbanos e pela sua vida social adeantada. Era todavia de calamidade a época em que por lá passámos; a secca pavorosa que assolava então todo o Nordeste fazia tambem sentir duramente os seus effeitos, transformando o rio de Contas, cujas cabeceiras apparecem nos mappas a centenas de kilometros d'aquelle logar, em um rosario de poços ou cacimbas de aguas estagnadas ou barrentas. Em nosso hotel era lama e não agua o que corria das torneiras para o consumo ordinario, e a agua para beber era trazida de léguas além, em pequenos barris, no dorso de jumentos, a modo do que é costume em toda região. O calor, constantemente torrido, concorria para aggravar as consequencias da escassez do liquido precioso.

Nossa permanencia em Jequié foi assignalada pela visita amavel dos irmãos Valverde, commerciantes activos e intelligentes, que alli conquistaram situação inveja-

vel a custa de esforço pertinaz. Enthusiastas do esporte cynegetico e eximios atiradores, convidaram-nos para assistir uma caçada de veado na Fazenda Provisão, de cujos cerrados, batidos pela matilha, não tardou que rompessem dois bellos catingueiros, facilmente mortos na primeira corrida. Dos mesmos senhores recebi como lembrança para o Museu, uma enorme pata de Gavião real ou Harpia (*Harpyia harpyia*), trophéo de caça significativo da occurencia, não muito rara ainda hoje, do maior dos nossos gaviões n'aquella zona da Bahia.¹

Deixámos Jequié no dia 22, partindo de automovel para o lugar chamado Rio Branco, de onde após uma pequena parada continuámos viagem até Gytáina. A 23 retomámos caminho em direcção a Rio Novo, localidade situada á margem esquerda do Rio de Contas, seguido por nós atravez de todo trajecto, em pessimas estradas. Orientava-nos o desejo de conhecer as grandes mattas do rio Gongogy, um dos affluentes mais importantes d'aquella arteria fluvial, em sua margem direita ou meridional. Mas, apezar de toda diligencia, fora-nos impossivel traçar antecipadamente um itinerario certo, tão contradictorias ou propositalmente erroneas, eram frequentemente os informes que nos ministravam, em cada lugar por onde passavamos. Cercava-nos por toda parte um ambiente pesado de desconfianças mal dissimuladas, buscando cada qual que nos transviassemos, ou que pelo menos enveredassemos para pontos distantes. Porque não podia caber na cabeça d'aquellas populações ignorantes e simples, que fosse realmente nosso objectivo aquelle que propalavamos. Preadores de terras ou grilheiros julgavam-nos muitos; exploradores á cata de minas e de thezouros escondidos diziam-nos quase todos. Começava a se formar em torno de nós as lendas mais ex-

(1) Ha no Instituto Historico da Bahia, proveniente da mesma zona um outro pé, sendo quase certo haver pertencido ao mesmo individuo. Colhi tambem informações sobre outros exemplares da mesma especie mortos na região de Jequié e de Amargosa, onde são commumente tomados por aguias verdadeiras.



A caminho da Serra do Palhão (partida de Distampina), pag. 9



Povoado de Distampina (rua principal), pag. 9



Rio Gongogy: Fazenda Santa Maria (não longe de Cajazeiras), pag. 13

travagantes, e até o nosso estagio final no rio Jucurucú, servimos de pasto á imaginação fantasiosa dos matutos, que se comprazia em crear ao nosso respeito as invencionices mais pittorescas. D'ahi as hesitações e as difficuldades que tínhamos que vencer a cada passo, sempre no reccio de que nos pudessemos internar afinal em zona menos propria aos nossos interesses. Encontrámos todavia na pessoa do Snr. Lycurgo de Araujo, pharmaceutico em Rio Novo, um informante intelligente e honesto, cujo parecer se me afigurou então prudente seguir sem mais vacillações.

Assim, já no dia seguinte foi-nos possivel arranjar a tropa e os animaes de sella com que deixámos Rio Novo, rumando para o sul, em demanda do povoado de Distampina, distante 4 1/2 leguas, proximo já da zona montanhosa, onde graças á protecção da atormentada topographia, ainda nos nossos dias frondeja uma das matas mais pujantes e frondosas que tenho visto. Até quando durarão estas reservas florestaes que opulentam aquelle recanto do sólo brasileiro? Ninguem poderá prevel-o com segurança; mas, continuando alli as derrubadas na proporção em que as assistimos, não pode existir duvidas sobre que ellas, como as muitas outras, estão fadadas a desaparecer sob a cupidez e a inconsciencia dos homens, deixando após si a calamidade das terras desnudadas, em que o flagello da secca extenderá prestes o seu sinistro dominio. Tempo é porém ainda de acudir; e será já grande cousa que se transporte, para o terreno das realidades concretas, os recentes dispositivos legais, com que o governo da Nação resolveu, em boa hora, acautelal da furia destruidora a irrecuperavel riqueza d'esta parte do nosso patrimonio.

Cerrados e capoeiras a principio; em seguida largos trechos de matta, restos todavia da selva primitiva, duramente provada pelos iterativos incendios. De espaço em espaço abrem-se clareiras, transformadas em pastagens onde vagueiam raras cabeças de gado, rezes magras e mofinas, horriavelmente flagelladas pelo berne.



A região continúa com este desanimador aspecto até o Rio do Peixe, um dos afluentes do Rio de Contas, aqui convertido pela estiagem em miseravel ribeiro de aguas semiestagnadas e barrentas.

Distampina, commercio mesquinho perdido n'aquella paragem erma, fica a cavalleiro do rio e muito proximo de suas margens. Pouco adeante de Distampina demora o sitio do Snr. Agenor Almeida, onde apeámos, valendo-nos de apresentações trazidas de Rio Novo.

Recebidos com amabilidade e franqueza, passámos promptamente a trocar as nossas impressões, cabendome a satisfação de colher, atravez d'ellas, alguns dados assaz interessantes, com referencia ás condições de vida creadas pelo poder publico aos moradores d'aquelle sertão. No absurdo das imposições fiscaes tive a explicação bastante para o atrazo em que forçosamente permanecem aquelles logares, onde o espirito de iniciativa se estiola deante de mil obices offerecidos á sua actividade e á sua expansão. Pesadas taxas intermunicipaes oneram todos os productos susceptiveis de serem exportados, entrando a produção e o commercio, em antagonismo flagrante com os interesses do proprio estado. D'ellas são exemplo as seguintes, colhidas do acaso, referentes ao municipio de Itacaré: cacáo, fumo, café, 400 réis por arroba; farinha de mandioca e cereaes, 1\$500 por volume; aguardente, 2\$500 por volume. Tributação ainda mais illogica e contraproducente é a que se lança sobre as hemfeitorias e melhoramentos introduzidos nos seus bens pelos proprietarios; valem ellas ás vezes por verdadeiras multas infligidas ao contribuinte, pelo seu espirito adeantado e progressista. Arrolem-se as seguintes, entre tantas outras: 10\$ por installação de cancella (!); 30\$ por montagem de estufa para cacáo; 100\$ pela de uma olaria. Não é de admirar que á sombra d'estas, vicejem tambem nas relações entre particulares gravames extorsivos, como sejam os pesados impostos de pedagio, que entre Jequié e Conquista sommam 10\$ por passageiro e 60\$ por caminhão de carga.



Rio Gongogy : Fazenda Santa Maria (uma corrideira), pag. 13



Rio Gongogy: engenho e Fazenda abandonados em consequencia da endemia palustre, (pag. 15)



Madro de Deus: vista panoramica tirada dos altos da Igreja (ao fundo o mar e es centernos da ilha de Maré), pag. 17



Madro de Deus: costa do Soape (vê-se ao longe a bellissima praia arenosa que a guarnece até a "ponta"), pag. 17

Em honrosa excepção á esquivança com que fomos recebidos por varios visitantes a que nos apresentou o Snr. Agenor, franqueou-nos o Snr. Santiago Barbosa as suas terras situadas nos altos da serra do «Paião», ou melhor Palhão, pondo á nossa disposição o rancho humilde dos lavradores que alli se occupavam no plantio e cultivo de uma vasta clareira, não havia muito aberta no coração da matta. Para lá partimos na tarde do dia 26, chegando ao alto da serra após quatro horas de marcha apenas. Attingida a meta, encontrámo-nos n'um dos pontos culminantes d'aquelle systema de montanhas. Em todas as direcções desatava-se a perder de vista o panorama emocionante e soberbo das mattas virgens, extendidas sem interrupção apparente atravez de valles sombrios e grimpas mais ou menos alterosas. A viagem foi feita mais por picadas recentemente abertas do que por verdadeiras estradas, ordinariamente em ascenção bastante penosa, que fazia ameúde resvalar no solo pedregoso os cascos das nossas cavalgadas, offegantes e causadas. Indícios de vida animal relativamente muito poucos, em antagonismo notavel com aquella incomparavel orgia de vegetação; de quando em quando porém, ao passarmos por algum valle mais humido e sombrio, irrompia da folhagem densa um assobio estentorico, sem semelhança com qualquer das vozes de mim conhecidas. Era o «Bastião», (*Lipaugus cinereus*), cotingideo de plumagem obscura e verdoenga, pouco menor do que o Sabiá, sentinella sempre prompta a dar o alarma ao primeiro rumor estranho que o inquiete e perturbe. Ha qualquer semelhança entre sua voz estridente e os gritos usados communmente pelos almocreves, razão pela qual é o passaro conhecido pelo nome de «Trapeiro» em alguns logares do Brasil. Si, com o fim de provocal-o, faz-se algum ruido mais forte, açoitando os animaes ou vibrando golpes de facão em algum tronco do caminlio, repetem-se mais ameúdados e vehementes os assobios do passaro, cortando por alguns minutos com o clamor de suas notas o silencio impressionante da matta deserta.

Custaram-nos bastantes sacrificios e fadigas os trabalhos de collecta na serra do Palhão; nossas excursões eram sempre longas, em terreno invariavelmente accidentado e escorregadio, por effeito da humidade constante. O peor é que nada viamos d'aquella abundancia e d'aquella riqueza com que sonhávamos, por inexperiencia ainda do que é communmente a vida no interior da mata. Tucanos (*Ramphastos ariel*), Maitacas (*Pionus maximiliani*) e Papagaios (*Amazona rhodocorytha*) era o que mais ouviamos nos arredores do acampamento. Pela manhã e á tarde um passaro singular, o Bico de Cravo (*Monasa morphoeus*) entoava na sombra alegres concertos. Não era tambem raro ouvir-se nas mattas o coro monotono dos Guigós (*Callithrix melanochir*). Extendendo um pouco o raio de nossos passeios, resolvemos visitar o rio Gongogy, que corre, não muito longe, para além das primeiras duas serras á nossa frente. Fomos conhecê-lo a 2 de Dezembro, depois que cessara a chuva cahida desde a vespera; sahimos pela manhã e levámos connosco o preto Victorino, posto ao nosso serviço desde os primeiros dias, quando m'o apontaram como caçador profissional e guia seguro para toda região.

Detivêmo-nos alguns instantes no sítio de Joaquim Bento, que vem logo após a primeira quebrada. Havia lá grande animação por parte dos moradores, que se occupavam no fabrico da farinha de mandioca. Não ha quem desconheça a importancia excepcional d'este alimento entre as populações do norte do Brasil; elle bem merece que lhe abramos n'estas linhas um curto parenthesis. E' a farinha de mandioca a base do sustento tanto do pescador das praias como dos caboclos do interior; um pedaço de peixe ou um naco de carne secca, bastam na maioria das vezes para uma solida refeição. E'lhe indispensavel complemento a pimenta, de que usam e abusam os bahianos, preferindo sempre as mais causticas variedades. Quando não é ingerida mesmo a secco, escaldam-na com agua quente para fazer o classico pirão, iguaria classica que só por si synthetiza a

alimentação substancial das pessoas sãs. Ao doente carecedor de rigorosa dieta, recommenda-lhe o medico que não coma «pirão», significando com isto a interdicção de se alimentarem com os salgados de que constam o almoço e o jantar. Herança dos indios, a industria da farinha, embora ainda conserve na generalidade de seus aspectos a simplicidade de seus primitivos processos, já hoje tem experimentado algumas modificações tendentes a aperfeiçoal-a. Nas zonas que visitei não vi mais, para exprimer a massa da mandioca, o emprego do «tapiti», sendo a operação invariavelmente realizada por meio de prensas de madeira, fabricadas com uma grossa tora excavada em côcho, no interior do qual penetra, impulsionada por um forte parafuso de pão, uma grossa prancha que faz as vezes de pistão. Não que o uso do tapiti esteja universalmente esquecido; elle persiste nos logares em que escassia a matta fornecedora de madeira e abundam as palmeiras que garantem a materia prima ao fabrico d'aquelle primitivo engenho. Com longas tiras extrahidas ao tecido cortical flexivel e tenacissimo da face superior do peciolo das grandes palmas do dendezeiro, é feito um longo tubo, tecido em diagonal, onde será posta a massa a exprimer. O tapiti é pendurado por uma das suas extremidades n'um grosso caibro, enquanto que na outra é feita energica tracção por meio de fortes pesos, de maneira que o sacco de trança é forçado a alongar-se, diminuindo progressivamente de calibre, e deixando o liquido da massa escorrer pelos intersticios. A deficiencia da compressão é supprida pela continuidade do esforço e conduz ao mesmo resultado que as verdadeiras prensas. A massa da mandioca é em seguida torrada em tachos rasos e amplos, com ajuda de uma grande pá de madeira, que pessoa pratica ininterruptamente manobra, mobilizando a massa enquanto se vae fazendo a mais e mais pulverulenta, e tomando d'ella ameúde uma certa quantidade, que se deixa cair então de certa altura, para melhor arrefecel-a e uniformizal-a.

Deixámos o sitio de Joaquim Bento e não tardou que vingássemos mais uma escarpa, de onde descendo pelas suas encostas selvagens e abruptas, lógo avistámos na baixada, o amplo valle em que o Gongogy escôa lentamente as suas aguas. Outrôra a floresta extendia a sua protecção até as margens do rio; hoje, atacada pelo machado e pelo fogo, seu infallível alliado, ellas se acham inteiramente despidas de um e de outro lado, mostrando apenas um lençol ininterrupto de capim, onde se cria a solta o gado zebú. A' nossa passagem acorriam de todos os cantos as rezes esparsas, juntando-se em magote e dirigindo-se ao nosso encontro, movidas pela extranha curiosidade característica de sua raça. Ao contrario do que se observava nas pastagens do alto da ser-ra, os animaes apresentam aqui aspecto sobremodo agradável, nédios e luzidios, sem vestigios apreciaveis da praga do berne.

Escassamente caudaloso, oscillando sua largura entre 15 e 30 metros, as aguas do Gongogy correm suavemente sobre leito de areia e pedras, encrespando apenas sua luzente superficie ao sopro calmo da brisa. Approximando-me da barranca recebi a saudação alegre de um bando de Piaçócas (*Jacana jacana*) que immediatamente se puzeram em fuga para a margem opposta. Logo em seguida, como que advertido de que algo de novo alli haveria, tomou inesperadamente pouso nas pedras marginaes um casal de Quero-queros (*Belonopterus cayennensis*). Attingido por certo tiro teve um d'elles ainda forças para erguer vôo e mudar-se para o outro lado do rio, onde após curta evolução cahia exanime na areia da praia. Não era possivel deixal-o, victima imbelles de uma crueldade sem proveito; ousei arriscar-me atirando-me a nado na traiçoeira corrente e trazendo commigo bem alto, para que não se lhe molhassem as pennas, o primeiro exemplar dos de sua grei que entrava na nossa collecção. A' tarde voltámos; ao passar no lugar de uma antiga roça vi, por entre os mamoeiros pejados de fructos maduros, o vulto esquivo de um grande Ja-

pú (*Ostinops decumanus*). Não longe, em alterosa arvore que os punha a salvo de tiro efficiente, pendiam nas extremidades dos ramos innumeros ninhos pendulares de uma colonia numerosa do citado passaro. O momento era propicio; alguns minutos de anciosa expectativa, na vizinhança dos mamoeiros, davam-me dentro de pouco um magnifico exemplar macho da especie.

As excursões no alto do Palhão continuaram a nos proporcionar magro rendimento; até o preto Victorino, que sahia ordinariamente com os seus cães ás primeiras horas do dia para só voltar á tarde, não nos trazia mais do que Jabotis (*Testudo tabulata*) e avantajados Teiús (*Tupia nimbis teguixin*). Na esperança de jornadas mais felizes voltámos ainda varias vezes ao rio Gongogy, resolvendo afinal mudar o acampamento para a sua proxima vizinhança. Para facilitá-lo tinha eu em meu poder uma carta do Cel. Virgilio Tourinho, recommendando-nos ao administrador da Fazenda Santa Maria, localizada na margem opposta do rio, uma legua mais ou menos a montante, e não muito longe do pequeno povoado de Cajazeiras. A 12 fizemos a nossa transferencia, transportando em lombo de animaes toda bagagem, atravez de uma picada que foi preciso mandar alargar previamente a foice e facão. Abrigámo-nos n'um rancho tosco, cuja cobertura era feita da casca de grossas arvores, consoante o uso d'aquelles logares, em que falta material mais commodo, como o sapé ou a palmeira. O Gongogy passava d'alli a uns cem metros, e a um kilometro rio acima recebia elle pela margem esquerda o seu affluente Rio Novo, ribeiro medianamente caudaloso, vestido ainda em parte de sua natural vegetação, e por isso ponto preferido para as nossas peregrinações. Uma epizotia mortifera grassava no gado, victimando cada dia novas rezes, cujos cadaveres eram dentro de pouco cercados pelos urubús. Além dos urubús communs (*Coragyps urubu* e *Cathartes aura*) apparecia tambem com regular frequencia, estando a carniça ainda nova, o Urubí-rei (*Sarcorhamphus papa*), em

numero de um ou mais exemplares. Pude observar então a sem razão do preconceito, já contradicto aliás por outros observadores, de que o urubú vulgar teme a vizinhança do seu agigantado companheiro, afastando-se respeitoso á sua approximação. Na carniça, como fora d'ella, uns e outros costumam apparecer junctos, e se essa companhia não se verifica mais ameúde é apenas porque effectivamente o urubú-rei, muito mais prudente, só desce a reconfortar-se quando se julga em plena garantia de perigos. Correndo as paginas do meu diário, rememoro a observação, que fiz pela manhã do dia immediato ao de nossa chegada, de um bello exemplar macho de urubú-rei, a descansar em galho de arvore bastante elevada, ao lado de numerosos urubús pretos, enquanto enorme multidão d'estes ultimos disputava freneticamente os despojos de um bovino em putrefacção incipiente. Parece porém certo, a julgar por observações que me foi dado fazer em novas circumstancias, que o urubú branco despreza a carniça dos animaes em decomposição muito adeantada, ao contrario do que se dá com a especie ordinaria.

Entre os passaros mais communs nas margens do Gongogy e afluentes salienta-se pela sua enorme abundancia o Guache, chamado na zona Japuíra ou Japíra (*Cacicus haemorrhous*). Seus ninhos pendem profusamente dos ramos das arvores que se debruçam sobre o rio, e o alarido d'esta ave bullenta ouve-se alli durante todo o dia, quase em cada canto. Si, como é frequente, cobijando uma presa facil, apparece nas proximidades algum gavião, levanta-se em toda colonia espantoso clamor, incapaz de enganar aos que tenham a experiencia de uma vez ouvil-o. O Japú grande ou Japú-gamella é raro n'estas circumstancias; seus ninhos ao em vez de balouçarem sobre as aguas, installam-se quase sempre no interior da matta, em arvores elevadas. Communissimo ainda na região, embora difficil de vêr-se, é o Garrinchão (*Heleodytes turdinus*), troglodytideo de restricta area de dispersão geographica. Vive aos casaes

ou em pequenos bandos, emboscados sempre na espessura da folhagem á orla da matta, ou nos enredados de cipós, onde sua presença se evidencia ao viandante pela algazarra muito característica com que inevitavelmente o saúda. Entre os papagaios, tanto nas mattas da serra como nas proximidades do rio, são muito frequentes os Jurús (*Amazona farinosa*) e principalmente os Chauãs (*Amazona rhodocorytha*), reconhecíveis facilmente pela voz, que nos primeiros lembra o ladrido de um cão, e nos ultimos sôa como qualquer consa capaz de justificar a designnação onomatopaica applicada pelo povo. Bastante encontradiças eram as Tiribas ou Fura-mattos, de pelo menos duas especies (*Pyrrhura cruentata* e *P. leucotis*), e n'uma myrtacea, de fructos semelhantes á pitanga, appareciam invariavelmente Periquitos da especie *Urochroma surda*. Entre os gaviões, além das especies campestres que viviam empoleiradas nos troncos em torno do rancho, como o minusculo Gaviãozinho (*Gampsonyx swainsonii*) mostravam-se muito frequentemente, em vôo nas alturas, sempre em sociedade, os Gaviões-thezouras (*Elanoides forficatus*), desafiando em belleza qualquer outro volátil. Certo dia em que appareceram numerosos sobre as margens do rio, podemos obter um exemplar para nossa collecção; examinando-lhe o conteúdo gastrico, alli encontrámos em grande quantidade uma lagarta de lepidoptero, ficando claro o significado das evoluções que executavam em torno de uma cópada arvore, cujos ramos affloravam, sem se deter no vôo. Provada assim á evidencia a posição de realce que merece entre as aves uteis. Os cuculideos são ricamente representados na zona, merecendo menção os do genero *Coccyzus*, de que conseguimos duas especies, inclusive *C. euleri*, considerada bastante rara. O Aracuão (*Neomorphus geoffroyi*), gigante da familia entre nós, ocorre com muita frequencia no interior da matta, cujo sólo raramente abandona, catando alimento por entre os detrictos e as folhas. Entre as corujas é de encontro muito trivial o minusculo Caboré (*Glauclidium brasilianum*) de que cor-

re a lenda de apegar-se ás aves grandes mettendo-se-lhes sob a aza, e roendo-lhes as entranhas. De beija-flores, além das especies mais communs, foram colligidas duas do genero *Glaucis*, entre ellas *G. dohrni*, ainda assaz mal conhecida em sua distribuição geographica, e agora notificada na Bahia pela primeira vez. Como se vê, algos nos deu e muita cousa nos promettia a região do Gongogy; por infelicidade porém, as febres palustres, phantasma de cujos perigos nos haviam feito sombrios vaticinios, eram-nos uma permanente ameaça. A tradição dos seus maleficios confirmava-se de modo doloroso no espectáculo de sitios inteiros abandonados, taes como uma fazenda immediatamente vizinha d'aquella em que estavamos. Aberta havia pouco tempo, com bôa casa de moradia, curraes, engenho e outras bemfeitorias, lá estava deserta, á espera que o tempo realizasse a sua obra, enquanto as trepadeiras e arbustos sylvestres viçavam sorridentes, grimpendo pelos telhados, ou collando-se ás paredes e tapumes. Era regular o espaço inteiramente aberto que separava do rio a nossa tenda, e á noite não sentiamos pernalongos; mas, si acontecia ser preciso ir até lá ao cahir da tarde, enxameavam em nuvem os perigosos insectos, assaltando-nos em sua furia sanguiscenta. Nas margens do rio não existiam alagados; mas, grandes quantidades de baronezas ou aguapés (*Eichornia*, *Pontederia*) accumulam-se na superficie das aguas, propriando talvez ao diptero adequado creadouro. Não se mostraram infundados os nossos receios, nem tampouco nos valeu a precaução de ingerirmos diariamente comprimidos de quinina e plasmochina, em dose moderada. A 28, voltando eu ao meio dia da excursão habitual, comeccei a sentir-me fortemente indisposto, manifestando-se immediatamente a febre, que á tarde subia em violento accesso, acompanhado de vomitos irreprimiveis e fortes dores no figado e no baço. Estava pois excluida para nós a possibilidade de permanecer mais tempo n'aquelle local, e decidimos deixal-o quanto antes.

Já no dia seguinte, debaixo embora dos mais penosos sacrificios, punhamo-nos a caminho para o Palhão, onde era forçoso passar, para tomarmos connosco o material lá deixado, e uma parte da bagagem. Ao chegarmos já o Snr. W. Garbe se sentia tambem accommettido dos symptomas da doença, tornando mais séria a situação. Graças porém á fincza do Snr. Santiago Barbosa, era-nos já possivel no dia 30, deixando encarregado da bagagem um dos companheiros, retomar a viagem para o Rio Novo, onde todavia não pudemos chegar n'uma só arancada, porque novo e violento accesso febril obrigou-me a accitar, em meio caminho a hospitalidade do Snr. José Deolindo Costa, distincto fazendeiro, a quem tenho o prazer de exprimir os meus agradecimentos. Não menos credor da nossa gratidão é o meu presado amigo Dr. Antonio Araponga, pelos soccorros clinicos que nos prestou quando de passagem por aquella cidade. Graças ao seu conhecimento do meio e á sua segura orientação, foram prompta e efficaamente combatidos os symptomas de uma infecção cuja gravidade ficou attestada mais tarde pelo laboratorio, com a presença no sangue dos crescentes de *Plasmodium falciparum*. Tínhamos porém pressa de continuar a viagem, esperando apenas que as melhoras o consentissem, o que felizmente não tardou, porquanto ás 3 horas da tarde de 3 de Janeiro tomavamos o automovel para Jequié, em viagem directa, que durou sete horas. Immensos arciaes e estradas inqualificavelmente más; com o carro sempre a ferver passámos successivamente Gytaúna, Barra-Avenida, Rio Branco. Ahi fecharam-se os horizontes, cobrindo-se o céu de nuvens ameaçadoras, que todavia fugiram á nossa frente, permittindo que chegassemos antes do imminente diluvio, ás 10 horas da noite. Tomámos o comboio para Nazareth pouco antes das 6 horas da manhã, e como bons fados nos pareciam auxiliar d'agora por deante, á meia noite partia o vapôr que nos conduziria á cidade do Salvador. A's 6 horas precisamente chegavamos; mas enquanto ficavam Canargo e

Garbe, descansando e olhando ao mesmo tempo pela bagagem, já ás 9 horas embarcava-me para a ilha de Madre de Deus, onde me encontraria com a familia, afim de repousar durante alguns dias, refazendo-me do abalo soffrido, e proseguindo no tratamento. Não tardou, effectivamente, que o amenissimo clima da ilha influenciasse do modo mais benefico sobre minha saúde periclitante, de modo que ao chegarem os companheiros, uma semana depois, já me sentia com forças bastante, para reiniciar com elles a tarefa de colleccionar material zoologico.

Foi ainda de muito feliz inspiração a escolha d'aquelle logar para a exploração ornithologica do Reconcavo, um dos objectivos mais importantes da Excursão. Attesta-o a abundancia e a variedade de formas representativas que conseguimos reunir alli durante o espaço de dois mezes, enriquecendo o nosso conhecimento da distribuição geographica de muitas especies, algumas das quaes notificadas pela primeira vez n'aquella região.

Muito proximo da terra firme, de que a léste, na ponta do Soape, é apenas separada por estreito braço de mar, deixado quase a secco pelas grandes marés equinoxiaes de março e setembro, reúne a ilha de Madre de Deus todos os attributos que concorrem para dar ás praias da Bahia o seu pittoresco aspecto e irresistivel encanto. Grande é por isso o numero das pessoas, que durante os mezes quentes do anno, procuram em seus ares saudaveis repouso salutar e villegiatura agradável. Localizam-se de preferencia estes veranistas na porção da praia do Soape chamada Costa, orientada principalmente para o sul, fronteiriço á cidade do Salvador, cujo casario parece emergir das ondas nos confins do horizonte, ora enevoadado pela bruma, ora perfeitamente vizivel sob os raios do sol, reflectidos ameúde nos vitraes em fortes reverberos. Localizámo-nos na extremidade opposta, voltada para o poente, no logar chamado Mirim, proximo ao Porto, onde as aguas da bahia, protegidas dos ventos pelas ilhas proximas, apresentam-se de ordinario diapha-



Madre de Deus: Soape de dentro (o "rio do Soape", estreito braço de mar, separa este lado da ilha da terra firme de Corupéba), pag. 19



Madre de Deus: Soape de dentro (residência de pescadores), pag. 19



Ilha de Madre de Deus: vista do porto á hora de chegada do vapor (canôas faziam o transporte dos passageiros e bagagens, por estar inutilizada a ponte, cujos restos se veêm), pag. 17



Madre de Deus: a colheita de cêcos é feita por pessoas praticas, quo sobem na arvore por meio de um laço especial,

(pag. 20)

nas e tranquillias, qual vasto e transparente lago. Bellissimo é ainda o panaroma descortinado n'esta parte da ilha, mórmente quando a calma da manhã espelha, no crystal limpidissimo das aguas, os contornos multiformes das terras proximas. A' esquerda, separada apenas pelo estreito e profundo canal do Boqueirão, fica a Ilha dos Frades, uma das mais importantes em extensão, eminentemente montanhosa e coberta ainda de vegetação mais ou menos espessa e agreste. Do lado opposto ficam Maria Guarda e Bimbarra, muito proximas uma da outra, aquella já bastante devastada pelo homem, esta conservada ainda em parte no seu primitivo aspecto selvatico, muito accidentada e vestida de vegetação densa. Em frente, rumo ao poente, em plano mais proximo, pequenas ilhas como a ilha de Bom-Jesús, a Ilha das Vaccas e a do Medo. Em plano muito mais distante, como estreita faixa continua e sombria, as terras firmes do continente, onde nas occasiões mais propicias, a custo se distinguem pequenos povoados, como a Saubara e o Acupe.

Geographicamente a ilha de Madre de Deus apparece-nos como um pedaço de terra de estabilidade precaria e ephemera duração. Fustigada pelos ventos, que na ponta do Boqueirão realizam typicos exemplos de erosão colia, corroida pela acção continuada das ondas cuja violencia desastrosa se patenteia particularmente durante os temporacs do sul e nas grandes marés dos equinoxios, toda sua costa meridional achase sob ininterrupto trabalho de destruição. Na praia do Soape, onde o terreno é chato, arenoso, e abundante vegetação halophila concorre para a sua fixação, marcha o processo lento e paulatinamente; mas no Mirim o phenomeno physico se reveste de intensidade verdadeiramente dramatica, exhibindo aos meuos attentos um quadro impressionantes da ephemera e transitoria existencia de certas formas e relevos do nosso planeta. Já pela enorme superficie das lages que repontam para o mar em extensas corôas descobertas pela vasante, já pelo facto, muito mais palpavel, do recuo da costa, a que, solapados

pelas aguas, as filas de coqueiros, só conferem passageira protecção, o observador immediatamente se apercebe do notavel phenomeno geographico em virtude do qual, em futuro não muito remoto, terá inevitavelmente desapparecido, devorado pelo mar, um dos pontos mais pittorescos do nosso extenso littoral. Porque, si algum deposito pôde accumular-se na face opposta da ilha, em correspondencia com o Engenho Velho, ou em frente á ponta de Santo Estevam, este facto constructivo é de insignificante importância, e incapaz de contrabalançar o phenomeno opposto, que se processa nos outros sentidos, inclusive no Porto.

Outrora séde de retiros e sitios da aristocracia assu-careira de Santo Amaro e comviziunhanças, hoje é a ilha habitada principalmente por pescadores, cujo nucleo mais importante e homogeneo é encontrado no chamado rio do Soape, estreito braço de mar que a separa de Corupéba, na terra continental. Aqui não afflúem os veranistas, cuja presença inflúe poderosamente na vida dos naturaes, induzindo-os a outras actividades differentes das em que se compraziam nos primeiros tempos, modificando-lhes os costumes simples e despertando-lhes uma ambição de lucros faceis, tanto maior quanto mais incapazes se sentem de um trabalho ininterrupto ou de um esforço prolongado. No Soape quase todos os pescadores possúem a sua canôa ou píroga, construida de um tronco unico e adquirida no sul do estado. Não havendo tempestade, saem cada noite para pescar com as rêdes que elles mesmo fabricam, com os fios da palmeira Tncum (*Astrocaryum*), extremamente tenazes e resistentes á agua do mar, ou mesmo de algodão, tornado imputrescível pela immersão no macerato de cascas tannicas de mangue vermelho (*Rhizophora mangle*). Levam communmente comsigo as varas de pescar, a que chamam birimbãos, e recorrem outras vezes á tarrafa, engenho em cujo manejo são exímios, dando além d'isso prova de grande força muscular, tendo-se em vista o tamanho incommum da maioria d'ellas. Muito usual é

ainda entre elles o uso do *munzuá*, especie de cóvo de formato imperfeitamente hexagonal, conformado em angulo reentrante em uma das bordas, afim de que o peixe uma vez alli transviado, penetre na bôcca da armadilha, cujas malhas hexagonaes solidissimamente tecidas mantel-o-ão irremediavelmente captivo. Conseguem com este engenho capturar não só molluscos e crustaceos, como peixes, ás vezes de grande força ou alentadas dimensões, taes como Méros (*Promicrops*) e Caramurús. Em tal afan mergulham para dispôr habilmente a armadilha em frente á lóca da pedra, residencia da presa visada, ou fazem com muitas d'ellas um longo rosario, que lançam ao mar em logar marcado. Pela maré baixa, com grandes anzões ou fisgas encabadas em vara resistente a que chamam «bicheiros», sáem a mariscar, extrahindo directamente das tocas Polvos, Lagostas, Caramurús, etc.

Infelízmemente, já hoje se vae tambem generalizando em toda zona o uso de meios damnosos de pesca, salientando-se entre elles o emprego de bombas de dynamite. Contra pratica tão funesta de nada têm valido prohibições e ameaças da capitania dos portos, porque, partindo o exemplo dos poderosos, julgam-se todos com igual direito a depredar os mares, sem consideração pelas ruinosas consequencias d'ahi fatalmente decorrentes. Nos nossos passeios quase diários pelo Soape era infallivel que ouvíssemos, com o coração compungido e intima revolta, os estampidos das grandes bombas, lançadas umas após outras pelos pescadores. Assim era, e é provavel que assim continúe a ser, até que o empobrecimento definitivo d'aquellas aguas, outr'ora tão piscosas, venha pôr um paradeiro natural á inqualificavel usança.

Numerosas plantações de coqueiros (*Cocos nucifera*) ornamentam as costas da ilha, concorrendo para tornar sobremodo pittorescos os seus aspectos; porém, mais diffundidos ainda são os dendêzeiros (*Elaeis guineensis*), palmeira importada da Africa durante o trafico negro e ainda hoje cultivada na Bahia para o fabrico do azeite de dendê, condimento caracteristico das reminiscencias

africanas vinculadas á culinaria regional, afamada entre todas pela variedade e exquisitez de suas iguarias.

Coqueiros e dendêzeiros, si altos demais, como geralmente acontece, para que seus fructos possam ser alcançados a vara, exigem o concurso de pessoas praticas, que n'elles sobem com o auxilio de um laço especial, fabricado com as proprias fibras corticaes das folhas do dendêzeiro. Compõe-se o laço de duas alças independentes, em que o operador apoia respectivamente um pé e uma côxa, firmando-se alternativamente n'um ou n'outra, enquanto a alça opposta é transportada com as mãos um passo acima. O processo é muito rapido e parece offerecer perfeita segurança, permittindo ao machado attingir commodamente os cachos, que no caso dos dendêzeiros prendem-se solidamente á planta por um pedunculo curto e muito espesso, fundamente engravado entre as bases das folhas.

Em certos pontos do Soape, e mais especialmente na Corupéba, predomina uma pequena palmeira indigena, muito espalhada em quase todas as ilhas do Reconcavo; é o ouricuri ou licuri (*Cocos schizophylla*), cujos fructos maduros, ricos de saboroso mel, são alimento avidamente procurado, não só pelo gado como por certas aves, entre as quaes as Aracuans (*Ortalis araquan*), alli ainda bem frequentes.

Como em quase todo nordéste do Brasil, mangueiras e cajueiros são as arvores fructiferas mais abundantes na região; as lavouras são escassas, localizadas principalmente na zona do Soape, onde o amendoim, a mandioca, e o aipim são cultivados para consummo local.

A agua é fornecida á população por tres ou quatro grandes poços ou cisternas, algumas das quaes, devido á vizinhança do mar, dão liquido pouco proprio aos usos alimentares. Normalmente são elles sufficientes para o consummo e resistem bem ás estiagens; mas soffriam agora os effeitos da secca generalizada e achavam-se esgotadas de todo. Para attender á freguezia, os aguadeiros mais zelosos dirigiam-se ás fontes alta madrugada, afim



Madre de Deus: frente da velha casa em que a comitiva installou o seu laboratório (jéques pacientes distribuem, em barris, agna aos habitantes), p. 21



Madre de Deus: dois "munzuás" ou cóvos, muito usados na pesca de peixes e mariscos, (pag. 25)



Madre de Deus: um coqueiral, (pag. 20)

de pacientemente colher, com pequenas latas, as minguas gottas d'agua, á medida que se juntavam no fundo lamento da cisterna. A distribuição é feita em pequenos barris, transportados ordinariamente em dorso de jumentos ou jegues, até o maximo de quatro.

Accommodados na casa, já agora em ruínas, da bôa velha D. Senhorinha,¹ hoje fallecida, fazíamos as nossas excursões diarias, ampliando-lhes successivamente o raio até as ilhas circunjacentes e a propria terra firme, onde colleccionámos nos logares chamados Santo Estevão, Cahype e, especialmente, Corupéba. Em todos estes pontos predominam evidentemente os elementos avifaunísticos da caatinga, representados por algumas formas eminentemente caracteristicas, de que *Pseudoseisura cristata*, colleccionada em Corupéba, será talvez a mais interessante.

Nas proximidades mesmo de nossa moradia, foram durante longos dias forte centro de attração para muitos passarinhos os altos mulungús (*Erythrina sp.*), então litteralmente cobertos de vistosas flores vermelhas. Ao lado dos Beija-flores de mais de uma especie (*Eupetomena macroura*, *Anthracothonax nigricollis*, *Agyrtrina leucogaster*, *Chrysolampis elatus*), e dos communissimos Sanhaços (*Thraupis sayaca*, *T. palmarum*) concorriam ainda ameúde coerebideos, entre os quaes merece referencia particular a formosa e sympathica Sapitica (*Cyanerpes cyanea*). A região do Soape, mais proxima do continente e muito menos povoada, é frequentada por differentes especies que só por accidente se aventuram alhures, como o Sangue-de-boi (*Rhamphocelus bresilius*), o Cardeal (*Paroaria dominicana*) e o Soffrê (*Icterus jamacaii*). O Trinca-ferro (*Saltator maximus*), o Canario do campo (*Emberizoides herbicola*), o Dorminhoco (*Nyctalus maculatus*), diversos Papa-capins (*Sporophila bou-*

(1) Cabe-me aqui agradecer a meu prezado tio, Prof. Vieira do Campos, um dos herdeiros, o interesse e a amabilidade com que franqueou a casa em que trabalhara a comitiva do musen Paulista, durante todo o tempo passado em Madro de Deus.

vreuil, *S. leucoptera*, *S. nigricollis*), as pombas Juritys (*Leptoptila verreauxi*), varios Pica-paus (*Chrysoptilus melanochloros*, *Ceophloeus lineatus*), embora visitem indistinctamente os varios pontos da ilha, apparecem tambem alli com muito mais frequencia e regularidade. Mas até no Mirim podem ás vezes ser vistas aves sylvestres, como o Bico-de-agulha (*Galbula rufoviridis*), que dir-se-ia ha muito afugentadas pelo convivio do homem. Por toda parte abundam as pequenas pombas ou rôlas, tanto a Sangue-de-boi¹ (*Columbi-gallina talpacoti*), como a Fogo-apagou (*Scardafella squamata*) e muito principalmente a Rôlinha (*Columbi-gallina minuta*), sempre avistada nos quintaes e nos caminhos, em bandos numerosos.

Entre os columbideos maiores não occorrem outros além das pombas Pocassús (*Columba rufiua*), duramente perseguidas pelos mezes de verão, quando abatem sobre as quixabeiras (*Bumellia* sp.), de cujo fructo são extremamente gulosas. Pertencem aos passaros mais communs a Corruira ou Carriça (*Troglodytes musculus*), o Canario-da-terra (*Sicalis flaveola*), o vireonideo chamado Gente-de-fôra (*Cyclarhis guianensis*) e o mimoso sylviideo *Poliophtila livida*; mas nenhum excede em abundancia aos Bem-te-vis (*Pitangus sulphuratus*), ás Marid'ê-dias (*Elaeuia*) e muito principalmente aos Sanhaços ditos de coqueiro (*Thraupis sayaca*), cujo canto estridente ouve-se o dia todo em cada cópa ou galhada. Cuculideos são muito raros na ilha, onde apenas parece frequental-a com alguma regularidade o Sacy ou Peixe-frito (*Tapera naevia*); mas nas terras continentaes proximas os Annus são tambem frequentes, tanto o preto (*Crotophaga ani*), como o branco (*Guira guira*).

Em Madre de Deus são raros os dendrocolaptídeos, não obstante ser extremamente commum o Carrega-madeira (*Phacellodomus rufifrons*), cujos gigantescos ui-

(1) Ouvi pela primeira vez alli applicar-se este nome a rôla commum, conhecida entre nós pelo appellido mais proprio de «caldo de feijão». Con-vém evitar confusão com a outra ave conhecida na zona pelo mesmo nome.

nhos, feitos de gravetos seccos entrelaçados, pende dos galhos de innumeras arvores, dos genipapeiros em particular. Na Corupéba abundam os João-de-barros, representados por duas especies (*Furnarius figulus*, *F. leucopus*), vistas muitas vezes em commun.

Psittacideos parecem representados apenas pelo minusculo Tuim ou Cuiuba (*Forpus passerinus*) e por duas especies de Periquitos (*Tirica tirica*, *Eupsittula aurea*), a ultima alli imprópriamente chamada Jandaya.

Gaviões, representados em Madre de Deus apenas pelas formas mais communs, como o Cará-cará (*Mitvago chimachima*) e o Gavião-de-rapina¹ (*Rupornis magnirostris*), existem-nos nas terras vizinhas figurados por exemplos mais escassos, taes como *Elanus leucurus* e *Parabuteo unicinctus*. Nas praias de Corupéba e Cahype era ainda muito commun um gavião preto de que infelizmente não conseguimos exemplar, mas que é com toda verosimilhança o appellidado Caramujeiro (*Rosthramus hamatus*). Entre os rapineiros nocturnos são encontrados na ilha a Corujinha (*Otus choliba*) e a Suindára (*Tyto alba*), chamada Corujão, na falta de outra maior. Mas sobretudo merece referencia a rica fauna de aves ribeirinhas, para as quaes nos foram campo fertil as margens lodosas e os mangues que orlam o Soape, e as costas da Corupeba.

As condições locais d'aquelle recanto da bahia recommendam-no ás preferencias de numerosos charadrideos, que alli acampam regularmente durante os mezes quentes do anno, ao cabo dos quaes retornam ás terras septentrionaes (Canadá, norte dos Estados-Unidos) de onde vieram. Fazem parte d'esta corrente migratoria o Maçarico-de-bico-torto (*Numenius hudsonicus*), especie sobre cuja occorrença entre nós escasseiam indicações, os dois Maçaricos de bico direito (*Totanus melanoleucus* e *T. flavipes*) e varias Batuirinhas menores (*Pisobia fuscicollis*, *P. minutilla*, *Arenaria interpres*, etc.). Como ave

(1) Estes nomes vulgares nem sempre conservam a applicação de que gosam em outras partes do Brasil.

de arribação ocorre também allí *Squatarola squatarola*, espécie quase cosmopolita, raramente notificada no Brasil e, ao que parece, pela primeira vez agora na Bahia. As pedras e corôas da costa são frequentadas por outras pequenas Agachadeiras (*Charadrius semipalmatus*, *C. collaris*), ao passo que na espessura dos mangues occultam-se as Saracuras (*Aramides cajanea*) e os Savacús (*Nyctanassa violacea*), grande garça nocturna, cuja presença durante a claridade do dia apenas se trõe pelo som forte e desagradavel que emite, quando perturbada no seu silencio. A' noite os Savacús abandonam seu esconderijo e sãem a mariscar á beira da maré, sendo facil avistal-os lepidos e activos, sob a claridade do luar. De varios exemplares abatidos por Camargo n'estas circumstancias, apenas dous ingressaram na nossa collecção.

O ardeideo mais abundante, não só nos mangues, como nas margens dos rios que visitamos é a Maria-molle (*Butorides striata*), conhecida em Madre-de-Deus pelo nome, algo equivalente, da Anna-velha. N'um grande paúl hervoso, a que chamam o tanguê do Cahype, entre numerosa tribu de aves aquaticas de que faziam parte a Franga d'agua azul (*Ionornis martinica*) e a Narceja commum (*Capella paraguayae*), pude matar um exemplar da linda garcinha vermelha (*Ixobrychus crythromelas*), de encontro pouco frequente.

Pelo anóitecer as aves de vôo largo, como os marcaricos, abandonam as praias, voando para logares distantes, onde possam encontrar abrigo seguro, estando no numero d'estes um ilhéu rochoso situado ao largo, entre a costa de Cahype e a ilha de Maré. Esta pedra, que conserva ainda hoje o nome de Itapitanga, com que a referiu Gabriel Soares, em certas épocas do anno fica á noite litteralmente coberta de aves marinhas, marcaricos principalmente. Parece porém fora de duvida que os seus inquilinos dirigem-se eventualmente para outros pousos, porque na occasião (4 de Fevereiro) em que a visitei um dos companheiros, estava inteiramente deserta, com grande surpresa para os pescadores.

Na ilha os Mammíferos são naturalmente muito escassos, occurringo em abundancia notavel apenas as Preás (*Cavia spixii* Wagl.) e morcegos de varias especies. Afóra os verperilionideos de regimen quase exclusivamente insectivoro, numerosos phyllostomatideos frugivoros torvelinham em torno das arvores fructiferas, especialmente das amoreiras e dos sapotizeiros, quando podem ser facilmente caçados, agitando rapidamente ao ar uma vara flexivel. Um dos fructos de que se mostram extremamente gulosos é a baga da coerana (*Cestrum* sp.), arbusto extremamente abundante em quase todos os pontos da ilha. Fartam-se com a sua polpa muito rica n'um principio tintorial rôxo-negro, semelhante á tinta de escrever, o qual eliminado depois com as fezes do animal, macula com nodoas indeleveis as paredes caiadas e até roupas, porventura extendidas na vizinhança dos desvãos, em que ordinariamente se abrigam.¹

Os animaes de creação, com especialidade os suinos são atacados frequentemente por morcegos hematophagos, provavelmente da especie *Desmodus rufus*. Entre os animaes d'este grupo merece referencia particular *Noctilio leporinus*, que habita os ôcos das arvores, em colonias de individuos aparentemente sempre de um mesmo sexo, e só apparece depois de apagados os ultimos clarões do crepusculo, quando a generalidade dos sens semelhantes desde muito se acha em actividade. E' este morcego notavel pelo cheiro desagrabilissimo que de si exhala, relacionado, ao que parece, com a existencia de uma glandula especial, e ainda pela notavel singularidade de seu regimen piscivoro. Tão grande é a voracidade por peixes nos individuos d'esta especie, que á noite rondam as canôas dos pescadores, afim de lhes roubarem das malhas das rêdes a presa appetecida.

A's ilhas proximas só muito poucas visitas nos foi dado fazer; podemos apreciar ainda assim algumas singularidades avifaunisticas, salientando-se entre todas a

(1) O facto, de observação antiga, já vem mencionado por Ayres do Casal (*Choreographia Brasiliæ*, vol. I, pag. 87).

existência abundante, na ilha da Bimbarra, da Gralha do campo ou Can-can (*Uroleuca cyanoleuca*), quase desconhecida nas comvizinhanças.

Onde tem sido mais poupada a flora primitiva, como na Ilha dos Frades e na Bimbarra, occorrem exemplos desconhecidos em Madre de Deus. Está n'este caso a impropriamente chamada Andorinha (*Chelidoptera tenebrosa*), muito commum nasquellas duas ilhas.

A precipitação com que fomos compellidos a abandonar a exploração ornithologica da zona do Rio de Contas fazia-me ter ainda as vistas sempre voltadas para o sul da Bahia, de cujas ricas florestas éra licito esperar novidades de mais sensação. Assim, desde que podemos dar por satisfactoriamente desempenhada a tarefa no Reconcavo, providenciei no sentido de podermos fazer uma nova estação na parte mais meridional do estado, escolhendo alli a zona do Prado, famosa pelas opulentas mattas que ainda hoje, em certos pontos, chegam a alcançar a costa, onde podem avistal-as do mar os viajantes.

Embarcámos a 9 de Março, com a intenção de chegarmos a Caravellas e d'alli, aproveitando as facilidades de conducção que nos offereceu muito obsequiosamente o capitão do porto da Bahia, visitar o archipelago dos Abrólhos, onde possante pharol previne os mareantes do immenso perigo dos arrecifes e cachopos peculiares á região. Infelizmente não nos foi dado realizar esta parte do programma, em virtude do pessimo tempo reinante á nossa chegada em Caravellas, e da necessidade premente de não perdemos tempo. Deixámos assim Caravellas na tarde mesma do dia de nossa chegada (13 de Março), seguindo de automovel para a cidade do Prado, onde apeámos ás 2 e tanto da madrugada, com passagem por Alcobaça.

Relações feitas em viagem approximaram-me logo do Snr. Aristoteles Ferreira, proprietario de terras na Cachoeira Grande, em plena zona das mattas do Rio Jucurucú (Rio do Sul). O facto de estarem ellas arren-



Rio Jucuruçú (Rio do Sul): descendo a Cachoeira do Rubim, cuja subida é uma das mais difíceis, (pag. 27)



Rio Jucuruçú: a Cachoeira Secca é apenas uma corredeira fácil de transpôr, (pag. 27)



SciELO

dadas no momento ao Snr. Lourival Mascarenhas não creou para nós dificuldades, offerecendo-nos até muito espontaneamente o mesmo senhor algumas installações de que alli dispunha.

O rio Jucurucú offerece navegabilidade franca até cerca de 30 kilometros da cidade do Prado.¹ E' formado por dois braços chamados rio do Norte e rio do Sul, o ultimo dos quaes nasce na serra dos Aymorés, em Minas Geraes, não muito longe da cidade de S. Miguel, apresentando em seu curso cerca de 15 cachoeiras ou corredeiras, entre as quaes a supra mencionada salienta-se em importancia.

Conseguimos, para o transporte do pessoal e bagagens, fretar uma grande canôa inteiriça, encarregando-se do serviço dois remadores pretos, um dos quaes em idade bastante avançada, garantia de uma experiencia de que muito carecia o mais moço, rapaz musculoso, mas de pouca diligencia. A precaução providencial de levarmos connosco bôa quantidade de aguardente foi obedecida com escrupuloso cuidado, e provou de inestimavel alcance nas dificuldades mais tarde offerecidas pela subida das corredeiras. N'estas occasiões a ajuda, que não seria facil obter por meio do dinheiro, é-nos offerecida espontaneamente em troco de alguns goles, ministrados com generosidade. Infelizmente a minha provisão provou ter ficado aquém das necessidades...

O começo da viagem rio acima, na manhã de 16, tornou-se particularmente facil por nos haver offerecido reboque um navio motor, que viera em busca de carregamento de madeiras, de modo que já á tarde do primeiro dia, havendo o barco lançado ferros no seu porto de destino e continuando nós a viagem, nossa canôa chegava ao sitio das Duas Barras, assim chamado porque alli se entroncam os dois braços formadores do Jucurucú.

(1) O Prado chamou-se Jucurucú (nome indigena) até a ordem regia de 1761. Sua egreja parochial, dedicada a N. S. da Purificação, data de 1795 (20 de Outubro).

A' margem vagarosa do barco, lentamente fugiam de um lado e d'outro as margens chatas do rio, a principio orladas de mangues, e logo além guarnecidas de vegetação arbustiva. Nas enseadas e remansos accumulavam-se os aguapés ou baronezas (*Eichornia*), formando extensas campinas fluctuantes.

Emquanto o Rio do Norte, segundo nol-o informaram, banha região quase descoberta em que predominam campos e cerrados, o Rio do Sul, de curso aliás mais extenso e de maior volume d'aguas, segue em direcção á Serra dos Aymorés, cujo acclive vinga em degrãos successivos, atravessando na maior parte de seu percurso frondosas e extensissimas florestas. Não muito acima de Duas Barras, como se adensassem cada vez mais as trevas da noite, pensaram os nossos canoeiros em fazer estação, aprôando n'uma das margens. Tal foi porém a onda de mosquitos a cahir sanguisedentos sobre nós, que immediatamente foi resolvido extender o sacrificio, remando mais algumas horas, á cata de ponto menos inhospito.

Estacionámos afinal amarrando a canôa aos seus remos fincados no leito do rio como estacas, no lugar em que copada arvore se debruçava sobre uma das margens. Tudo correu bem nas primeiras horas da noite; mas, pela madrugada fomos subitamente surpreendidos por violento choque de encontro aos flancos da canôa, immediatamente libertada de suas amarras e arrastada correnteza abaixo.

Apezar da obscuridade reinante, verificou-se logo a causa do accidente, encontrando-nos cercados de todos os lados por vastissima esteira de aguapés, que viajava rio abaixo, tangida pelas aguas vertidas por profusos aguaceiros no trecho mais alto do rio. Quebrara-se um dos nossos robustos remos na refrega; o outro foi a custo encontrado, por entre as hervas e os galhos das arvores marginaes, a que nos agarravamos com desesperada energia, afim de impedir nossa descida desastrosa ao sabor da corrente. Abicámos na margem, amar-

rando solidamente a canôa em esteio mais firme, e esperámos pela manhã. Com um remo apenas e um tosco varejão viajamos todo o dia de 17, ao cabo do qual aportámos entre uns moradores, onde nos foi dado encontrar abrigo bastante confortavel para aquelles logares.

O terceiro dia da viagem transcorreu sem incidentes; mas continuámos a lutar com difficuldades imprevistas, para conseguir qualquer artigo de alimentação. Resultaram sempre infructiferas as tentativas de nos provermos, nos raros sitios ribeirihos, dos mais banaes recursos de subsistencia. Fructas, nem mesmo bananas, não as havia, a julgar ao menos pelas informações e pelas respostas negativas. A um rapagote que descia com uma pequena canôa cheia de cachos de banana, a serem vendidas na feira, perguntámos si não lhe sorriria vender alli mesmo aquelle carregamento; muito escandalizado, respondeu-nos que não poderia chegar ao Prado com a sua canôa vasia!

No lugar chamado Pedra Redonda, onde pernoitámos, surpreendeu-nos violenta tempestade, primeiros indicios da estação chuvosa que haveríamos de aturar durante toda a ultima etapa de nossa jornada.

Só na tarde do quarto dia attingimos a primeira corredeira, extensa de uns duzentos e cincoenta metros, conhecida pela denominação de Cachoeira Pequena. Apesar de sua correnteza relativamente discreta, foi preciso transportar a bagagem por terra, começando a se fazer necessario o auxilio dos caboclos existentes no lugar. Dois d'elles se promptificaram a nos acompanhar até a Cachoeira do Rubim, onde chegámos ás primeiras horas da noite. Como era tarde, só na manhã seguinte foi e difficil do que a primeira.

Matei aos ultimos clarões do dia, um exemplar lindo do Corujão matteiro (*Pulsatrix pulsatrix*), cuja figura espectral assomou por entre as sombras de uma galhada, juncto á margem do rio. Com as azas feitas para-quedas, a esplendida ave abateu silenciosamente no sólo, sem uma contorsão ou gemido; dir-se-ia havel-o

feito propositalmente. Injectei-a de formól e hoje figura dignamente nas collecções do Museu.

Alcançámos a meio-dia terras do Snr. Aristoteles. Vingámos mais uma insignificante corredeira, a Cachoeira Seca, e á tardinha chegavamos finalmente á Cachoeira Grande, ponto de nosso destino. Desde o Rubim que navegavamos já em plena matta, e a pujança da vegetação não fizera senão crescer d'ahi por deante. Nossos constantes companheiros eram os bandos de Anús-coroyas (*Crotophaga major*), irrequietos e loquazes, mas difficeis de serem divulgados por entre a basta folhagem das plantas marginaes, onde prudente e invariavelmente se mantêem escondidos. Ao ruido da canôa que se aproxima, mudam de pouso, para sentar logo adeante, fazendo ás vezes assim longo percruso.

Na Cachoeira Grande a comitiva separou-se em dous grupos, permanecendo eu e Garbe no rancho existente á margem direita do rio, fronteiro á marulhosa cachoeira, enquanto Camargo preferiu internar-se mais além, seguindo por terra, em companhia de um caboclo, até o chamado Primeiro Rancho, cerca de duas e meia leguas acima.

Uma larga estrada ou arrastadoiro corta a zona quase parallelamente á direcção geral do rio Jucuruçú (Rio do Sul), facilitando a penetração no interior. Trecho talvez da grande via de comunicação aberta ha cerca de quarenta annos pelo engenheiro Appollinario Frot, encarregado pelo governo de ligar a cidade do Prado a S. Miguel do Jequitinhonha, em Minas-Geraes. Por ella a subida é feita do littoral á Cachoeira Grande em um dia de marcha a cavallo, como o fizera Garbe, a quem um accesso de paludismo impediu de fazer conosco a viagem de canôa. A floresta, a cuja impressionante pujança tive ensejo de fazer referencias, tem character estrictamente hygrophilo e não differe das que cobrem a zona do Mucury e se extendem até o Rio Dôce.

Abundam essencias da mais alta valia, sendo alli ainda em nossos dias o Pau-brazil importante artigo de

exportação para o estrangeiro, especialmente para a Allemanha, que o emprega no fabrico das tintas. O intenso principio corante, que lhe dá ao cerne uma eôr sanguinea magnifica, é parcialmente soluvel na agua, como o prova a tonalidade vermelha adquirida pelo liquido posto em contacto com a madeira. Fornecem oleo precioso o Andá-assú (*Joannesia princeps*) e a Copahyba (*Copaifera langsdorffi*), enquanto que nas construcções de diversa natureza se disputam a primazia essencias preciosas, como o Jaearandá (*Machoeium villosum*) e outros, o Araribá (*Pinckneia rubescens*), a Aroeira (*Schinus aroeira*), as Caanelas (*Nectandra*) e innumeras outras.

Tudo estava a prometter abundantes resultados para as nossas colleções zoologicas, si não houvesse infelizmente coincidido a nossa permanencia na zona com uma temporada intensamente chuvosa e impropicia. Sopraram durante toda nossa estadia os ventos de sul e léste, trazendo aguaceiros abundantes e ininterruptos, tornando as exeursões muito penosas e de muito minguado rendimento. Ainda assim conseguiram-se boas series de aves sylvestres de elevado porte, como Macucos, Jacús, Pavós, etc. Os psittacideos tinham-se feito raros, talvez porque n'esta estação tenham, conforme nol-o informaram, o habito de imigrar para as terras baixas do littoral, onde effectivamente encontrámos numerosissimos bandos de Tíribas e Periquitos. Um dos passaros mais typicos da região, o bellissimo cotingideo vulgarmente conhecido por Crejoá (*Cotinga cincta*), foi encontrado apenas em nossa viagem de volta pelo Rio Jucuruéu, sem que conseguissemos um unico exemplar. Entre os grupos melhor representados figura o dos Surucuás, de que nas cereanias da Cachoeira Grande conseguimos colleccionar quatro especies bem distinctas (*Trogon strigillatus*, *Trogonurus collaris*, *T. curucui* e *T. aurantius*).

Deante das chuvas, eada vez mais ininterruptas, demos como findos os nossos trabalhos no Jueurucú, iniciando a 9 de Abril a viagem de retorno, que conseguimos fazer em dois dias. D'esta vez a unica inter-

rupção que fizemos foi no lugar chamado Ponte do Gentio, onde nos offerecem bôa pousada o turco Miguel, installado alli com armazem, estallagem e não sei mais que meios de extrahir dinheiro á magra bolsa dos madeireiros e dos raros viajantes.

O lugar pareceu-me assaz propicio a uma investigação ornithologica; á noitinha innumeras vezes entoavam multisono concerto, salientando-se o cantar ameno dos Tres-potes (*Aramides cajanea*), cuja saudação recebemos logo á chegada, como prenuncio de proximos phenomenos atmosphericos. Nossa viagem de regresso estava todavia pretraçada e não nos detivemos, sentindo embora antecipadamente a lembrança saudosa do scenario magnifico que acabavamos de deixar, sem haver podido exploral-o na medida de suas tentadoras promessas. O Jucurucú havia sido, apesar dos rigores da estação, muito mais hospitaleiro connosco do que o Gongogy; o paludismo não dera mais signal de sua presença, embora n'um dos doentes este desaparecimento não devesse ser, infelizmente, definitivo.

Voltámos á cidade do Salvador, onde me pude demorar ainda por alguns dias e acquiescer ao honroso convite do Prof. Bernardino de Souza, secretario perpetuo do Instituto Geographico e Historico da Bahia, para que alli fizesse uma primeira comunicação sobre os episodios e resultados obtidos atravez da jornada, que apesar de todos os contratempos, permittiram-me os fados levar a bom termo.

O momento é azado para registrar, com sincero prazer, os agradecimentos devidos a quantos contribuíram para o exito da espinhosa missão, merecendo especial referencia as seguintes pessoas, além das já incidentemente citadas nas linhas que precedem. Ao Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, digno director do Museu Paulista, cuja bôa vontade e esclarecido interesse eram indispensaveis, e estiveram sempre á testa do empreendimento; ao Dr. Arthur Neiva, então director do Instituto Biologico de São Paulo, pelo apoio e pela assistencia in-

variavelmente prestados á ideia, desde o seu nascedouro; ao Dr. Afranio Amaral, pela valiosa cooperação prestada, já pessoalmente, já como delegado do Prof. Thomas Barbour, director do Museum of Comparative Zoology, cuja associação com o Museu Paulista já foi anteriormente assignalada. Credores ainda da mesma gratidão são todos quantos, com uma visão menos estreita do alcance patriótico das tentativas d'esta natureza, não hesitaram em offerecer á comitiva as facilidades de locomoção e de transporte que estavam ao seu alcance, taes como os Snrs. Drs. Manoel Pedreira e Joaquim Wanderley de Araujo Pinho, respectivamente presidente e superintendente da Estrada de Ferro do Sudoeste da Bahia, e os Exmos. Snrs. Drs. Alvaro Ramos e Matta Barros, respectivamente Secretario da Agricultura e Director da mesma Secretaria, graças principalmente a cujos bons officios foi feita a viagem ao sul do Estado nos vapores da Navegação Bahiana, sem maior onus para a Excursão. Captivaram-nos ainda, com as suas gentilezas e os seus serviços, amigos prestimosos, que seria vã tentativa querer rememorar sem omissão, entre os quaes permitto-me todavia nomear os Drs. Enéas Gonçalves e Leonidas Siqueira de Menezes, distinctos engenheiros civis, e ainda o Snr. Oscar Sampaio, director de importante estabelecimento industrial em Nazareth, de quem recebemos generosamente as mais valiosas apresentações.

São Paulo, 28 de Maio de 1935.

Nota. O Catalogo de Aves do Brasil de Ihering é, ainda agora usado como lista de referencia, no que respeita á seriação das especies tratadas. Na quostão da nomenclatura houve o proposito de trazel-a ao corrente da sciencia actual, sendo todavia responsaveis por alguns desvios o facto de estarem já promptos desde algum tempo os originaes da parte respectiva.

AVES COLLIGIDAS NA REGIÃO DE RIO DE CONTAS

Tinamidae

Tinamus solitarius
Crypturellus soui albigularis
Crypturellus noctivagus noctivagus
Crypturellus parvirostris

Cracidae

Ortalis aracuan

Columbidae

Claravis pretiosa
Leptoptila verreauxi ochroptera
Oreopeleia violacea violacea

Rallidae

Pardirallus nigricans
Aramides cajanea cajanea
Ionornis martinica

Charadriidae

Belonopterus cayennensis lampronotus

Jacaniidae

Jacana spinosa jacana

Ardeidae

Butorides striata

Anhingidae

Anhinga anhinga

Falconidae

Rupornis magnirostris nattereri
Elanoides forficatus yetapa
Gampsonyx swainsoni swainsoni
Harpagus bidentatus bidentatus
Cerchneis sparverius australis

Strigidae

Otus choliba decussatus
Pulsatrix perspicillata pulsatrix
Speotyto cunicularia grallaria
Glaucidium brasilianum brasilianum

Psittacidae

Aratinga auricapilla
Pyrrhura cruentata
Pyrrhura leucotis leucotis
Tirica tirica
Amazona rhodocorytha
Urochroma surda
Pionus maximiliani maximiliani

Alcedinidae

Chloroceryle amazona

Momotidae

Baryphthengus ruficapillus

Caprimulgidae

Nyctidromus albicollis derbyanus
Nyctiphrynus ocellatus
Setopagis parvula

Trochilidae

Glaucis hirsuta hirsuta
Glaucis dohrni
Pygmornis ruber ruber
Melanothrochilus fuscus
Thalurania glaucopis
Anthracothorax nigricollis nigricollis
Heliothrix auritus auriculatus

Trogonidae

Trogon strigillatus strigillatus
Trogonurus collaris collaris.

Cuculidae

Coccyzus melacoryphus
Coccyzus euleri
Piaya cayana macroura
Neomorphus geoffroyi
Tapera naevia naevia
Guira guira

Ramphastidae

Ramphastos ariel
Pteroglossus aracari aracari

Picidae

Galbula rufoviridis

Bucconidae

Malacoptila striata striata

Monasa morphoeus morphoeus

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis

Picidae

Chloronerpes erythropsis

Veniliornis maculifrons

Celeus flavescens intercedens

Phloeoceastes robustus robustus

Formicariidae

Thamnophilus palliatus

Thamnomanes caesius caesius

Myrmotherula axillaris luctuosa

Pyriglena leucoptera

Dryophila squamata squamata

Dendrocolaptidae

Ipoborus teucophthalmus teucophthalmus

Xenops minutus minutus

Dendrocincla turdina

Sittasomus griseicapillus olivaceus

Xiphorhynchus guttatus guttatus

Lepidocolaptes fuscus tenuirostris

Xiphocolaptes albicollis bahiae

Dendrocolaptes platyrostris platyrostris

Tyrannidae

Fluvicola climazura

Machetornis rixosa rixosa

Rhynchocyclus olivaceus olivaceus

Myiornis auricularis berlepschi

Myiozetetes similis similis

Myiophobus fasciatus flammiceps

Myiobius barbatus mastacalis

Empidonomus varius rufinus

Tyrannus melancholicus melancholicus

Myiodynastes solitarius

Pipridae

Neopelma inornata

Coliigidae

Tityra cayana braziliensis

Erator inquisitor

Platypsaris rufus rufus

Laniocera hypopyrrha

Lipaugus vociferans

Attila rufus hellmayri

Turdidae

Turdus fumigatus fumigatus

Turdus rufiventris rufiventris

Troglodytidae

Heleodytes turdinus turdinus

Vireonidae

Vireosylva chivi agilis

Hirundinidae

Iridoprocne albiventer

Tanagridae

Tanagra violacea pampolla

Thraupis sayaca sayaca

Rhamphocelus bresilius bresilius

Tachyphonus cristatus brunneus

Compsothraupis loricata

Fringillidae

Oryzoborus angolensis angolensis

Saltator maximus

Pitylus fuliginosus

Caryothraustes canadensis brasiliensis

Sporophila nigricollis nigricollis

Volatinia jacarina jacarina

Sicalis flaveola flava

Icteridae

Ostinops decumanas

Cacicus haemorrhous aphanes

Icterus cayenensis tibialis

Gnorimopsar chopi chopi

**AVES COLLECCIONADAS NO RECONCAVO E
ADJACENCIAS****Cracidae**

Ortalis aracuan

Columbidae

Columba rufina sylvestris
Scardafella squamata squamata
Columbigallina minuta minuta
Columbigallina talpacoti talpacoti
Leptoptila verreauxi ochroptera

Rallidae

Rallus longirostris crassirostris
Pardirallus nigricans
Aramides mangle
Aramides cajanea cajanea
Porzana albicollis
Creciscus melanophaius melanophaius
Lonornis martinica

Charadriidae

Arenaria interpres morinella
Squatarola squatarola cynosurae
Charadrius semipalmatus
Charadrius collaris
Numenius hudsonicus
Totanus melanoleucus
Totanus flavipes
Tringa solitaria solitaria
Actitis macularia
Pisobia minutilla
Pisobia fuscicollis
Capella paraguayae

Jacaniidae

Jacana spinosa jacana

Ardidae

Nyctanassa violacea violacea
Butorides striata
Ixobrychus exilis erythromelas

Phalacrocoracidae

Phalacrocorax olivaceus olivaceus

Falconidae

Parabuteo unicinctus unicinctus

Rupornis magnirostris nattereri

Elanus leucurus

Gampsonyx swainsoni swainsoni

Strigidae

Otus choliba decussatus

Tytonidae

Tyto alba tuidara

Psittacidae

Aratinga aurea aurea

Pyrrhura cruentata

Forpus passerinus vividus

Tirica tirica

Alcedinidae

Chloroceryle americana americana

Caprimulgidae

Nyctidromus albicollis derbyanus

Trachilidae

Eupetomena macroura simoni

Agyrtrina leucogaster bahiae

Anthracothonax nigricollis nigricollis

Chrysolampis elatus

Cuculidae

Piaya cayana pallescens

Tapera naevia naevia

Crotophaga ani

Guira guira

Galbulidae

Galbula rufoviridis

Bucconidae

Nystalus maculatus striatipectus

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis

Picidae

Chrysoptilus melanochloros nattereri
Celens flavescens intercedens
Ceophloeus lineatus improcerus
Picumnus pygmaeus

Formicariidae

Taraba major stagurus
Thamnophilus palliatus
Thamnophilus torquatus
Herpsilochmus pectoralis
Neorhoptas grisea grisea
Pyriglena leucoptera

Dendrocolaptidae

Furnarius figulus figulus
Furnarius leucopus assimilis
Synallaxis frontalis frontalis
Certhiaxis cinnamomea russeola
Phacellodomus rufifrons rufifrons
Tripophaga macroura
Pseudoseisura cristata
Dendroplex picus

Tyrannidae

Fluvicola climazura
Arundinicola leucocephala
Machetornis rixosa rixosa
Rhyncocyclus olivaceus olivaceus
Todirostrum cinereum cearae
Todirostrum fumifrons fumifrons
Euscarthmornis nidipendulus nidipendulus
Euscarthmornis striaticollis striaticollis
Phaeomyias murina murina
Camptostoma obsoletum cinerascens
Myiozetetes similis similis
Pitangus sulphuratus maximiliani
Elaenia flavogaster flavogaster
Megarynchus pitangua pitangua
Myiarchus ferox ferox
Myiarchus pelzelni pelzelni
Myiophobus fasciatus flammiceps
Tyrannus melancholicus despotes
Myiodynastes solitarius

Pipridæ*Machaeropterus regulus regulus**Neopelma pallesceus***Cotingidæ***Pachyramphus viridis viridis***Turdidæ***Turdus leucomelas albiventer**Turdus rufiventris juensis***Troglodytidae***Troglodytes uuculus wiedi***Mimidæ***Mimus saturnius areuaceus**Donacobius atricapillus atricapillus***Sylvidæ***Polioptila livida cearensis***Motacillidæ***Authus lutesceus lutesceus***Mniotiltidæ***Basileuterus flaveolus**Ateleodacnis bicolor***Vireonidæ***Vireosylva chivi agilis**Pachysylvia poecilotis amaurocephala**Cyclarhis gujanensis cearensis***Mirundinidæ***Iridoprocne albiventer**Stelgidopteryx ruficollis ruficollis***Cærebidae***Dacnis cayana cayana**Cyanerpes cyanea cyanea**Coereba chloropyga chloropyga***Tanagridæ***Tanagra chlorotica violaceicollis**Tanagra violacea pampolla*

Tangara cayana flava
Thraupis sayaca sayaca
Thraupis palmarum palmarum
Rhamphocelus bresilius bresilius
Tachyphonus rufus rufus
Nemosia pileata
Thlypopsis sordida sordida
Schistochlamys ruficapillus capistratus

Fringillidae

Cynocompsa cyanea cyanea
Saltator maximus
Sporophila bouvreuil
Sporophila leucoptera cinereola
Sporophila nigricollis nigricollis
Volatinia jacarina jacarina
Sicalis flaveola flava
Myospiza humeralis humeralis
Emberizoides herbicola herbicola
Paroaria dominiana

Icteridae

Molothrus bonariensis bonariensis
Leistes militaris superciliaris
Icterus jamacaii

AVES COLLIGIDAS NA CACHOEIRA GRANDE DO RIO JUCURUCÚ

Tinamidae

Tinamus solitarius
Crypturellus variegatus
Crypturellus noctivagus noctivagus

Cracidae

Penelope superciliaris jucupemba
Pipile jacutinga

Columbidae

Columba plumbea plumbea
Columbigallina talpacoti talpacoti
Oreopeleia violacea violacea

Rallidae

Aramides cajanea cajanea

Heliornithidae*Heliornis fulica***Falconidae***Micrastur ruficollis**Micrastur gilvicollis**Geranospiza caerulescens gracilis**Leucopternis polionata***Strigidae***Pulsatrix perspicillata pulsatrix**Glaucidium brasilianum brasilianum***Psittacidae***Pyrrhura cruentata**Pyrrhura leucotis leucotis**Forpus passerinus vividus**Tirica tirica**Amazona farinosa farinosa**Amazona rhodocorytha**Pionus menstruus***Alcedinidae***Megasceryle torquata torquata***Momotidae***Baryphthengus ruficapillus***Caprimulgidae***Nyctibius aethereus**Nyctidromus albicollis derbyanus***Trogonidae***Trogon strigillatus strigillatus**Trogonurus collaris collaris**Trogonurus curucui curucui**Trogonurus aurantius***Cuculidae***Piaya cayana macroura**Crotophaga major***Ramphastidae***Ramphastos ariel**Pteroglossus aracari aracari**Selenidera maculirostris maculirostris*

Galbulidae*Galbula rufoviridis***Bucconidae***Mouasa morphocus morphocus***Picidae***Chloronerpes crythropsis**Tripsurus flavifrons**Philococcytes robustus robustus***Formicariidae***Thamnomanes caesiatus caesiatus**Myrmotherula axillaris luctuosa**Myrmoderus ruficauda**Formicarius ruficeps***Dendrocolaptidae***Ipoborus leucophthalmus leucophthalmus**Philydor atricapillus**Sclerurus caudacutus umbretta**Dendrocincla turdina**Lepidocolaptes fuscus tenuirostris**Xiphocolaptes albicollis albicollis**Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris**Dendrocolaptes platyrostris platyrostris***Tyrannidae***Tyrannus melancholicus melancholicus***Cotingidae***Laniocera hypopyrrha**Rhytipterna simplex simplex**Lipaugus vociferans**Ampelion melanocephalus**Pyroderus scutatus scutatus***Tanagridae***Tanagra violacea pampolla**Thraupis ornata**Habia rubica*

.....

Ordem TINAMIFORMES

Familia TINAMIDAE

Tinamus solitarius (Vieillot)

Matuco, Macuca

Cryptura solitaria VIEILLOT 1819, Nouv. Diet. d'Hist. Nat., XXXIV, p. 105 (baseado em «Macoieogoé» de Azara, Apuntam., N.º 332: Paraguay).

Tinamus brasiliensis NEUWIED, (*nec* Latham), 1821, Reise nach Bras., II, p. 124 (Rio Cachoeira: Corrego, perto de S. Pedro de Alcantara) e p. 135 (Serra da Sussuarana, perto do Rio Cachoeira); idem, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 496.

♂ juv., Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 3 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 27 de Março de 1933.

♀, Cachoeira Grande, 21 de Março.

♀, Cachoeira Grande, 27 de Março.

♂, Cachoeira Grande, 31 de Março.

♂, Cachoeira Grande, 4 de Abril.

As florestas de léste da Bahia possivelmente representam hoje em dia o limite septentrional da area geographica d'esta esplendida ave, existente em todos os estados do sul do Brasil, inclusive Minas Geraes, e até no Paraguay. Si hoje ella talvez não avance além das mattas do Camamú, é porém fóra de duvida que se extendia em tempos idos, até Pernambuco, ou pelo menos

Sergipe, pois ainda em 1640 a encontrou Maregráve,¹ que indubitavelmente a ella se refere sob o nome de *Macucagua*.² O termo, usual ainda na Bahia aos tempos de Neuwied, foi quiçá pela primeira vez registrado por Gabriel Soares,³ e em nossos dias sobrevive na Amazonia, applicado a especie affim.

Os exemplares trazidos da Bahia pela Excursão apresentam no colorido do dorso, ora mais azeitonado, ora mais tirante a castanho, as mesmas variações a que se mostram sujeitos os do Brasil meridional, com que praticamente se confundem. O da Serra do Palhão é ave muito jovem, com approximadamente a metade do tamanho do animal adulto; n'elle a plumagem das costas e das azas é salpicada de pontuações claras, caracter tambem nitidamente observado n'uma f de Santa Catharina (n.º 2226 do M. P.) indubitavelmente relacionado com a idade⁴ e talvez com o sexo. Nos altos da Serra do Palhão encontrei em Dezembro ninhinhos recentes de Macuco, observação que se harmoniza com os informes de Neuwied, quando nos diz que já em Setembro tem elle posto seus ovos. Nada pois mais provavel do que provir o nosso exemplar da ultima postura.

Na grande floresta do Rio Jucurucú o Macuco é ainda muito abundante, apesar da perseguição tenaz que lhe movem os naturaes, muito amigos de sua carne, sa-

(1) *Hist. rer. Natur. Bras.*, p. 213 (1648).

(2) A etymologia tupy do vocabulo é assim explicada por Rodolpho Garcia: de *má* por *yá* = fructo + *cugiguar* por *curihur* = que traga, tragador, comedor (Cf. *Nomes de Aves em Língua tupy*, publ. do Minist. da Agricult., 193, Rio de Janeiro, p. 26). A outros julgar a procedencia d'esta etymologia, abonada tambem por Baptista Caetano.

(3) *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, edic. da Rev. Trimensal do Inst. Hist. e Geog. do Brasil, Tomo XIV, 2.ª edic., p. 207. Não vejo razões em Varnhagen quando contesta ser o "macucagoá" (oscripto tambem *macuagôá* na referida obra, pag. cit.) de Gabriel Soares o verdadeiro Macuco, ou Macuca no feminino, como é de uso actualmente na Bahia (Cf. op. cit. p. 356, nota 153).

(4) G. R. Gray (*List Gallinæ Brit. Mus.*, 1867, pag. 9) baseou o seu *Tinamus guttulatus* em indivíduos portadores do alladido character.

bidamente saborosa. Dos meus varios encontros com elle, ficou-me a impressão de que alli se mostra até certo ponto descuidoso, talvez por não conhecer sufficientemente o perigo que lhe é a presença do homem; por duas vezes surprehendido por mim no claro da picada, attrahido pelos araçás que juncavam litteralmente o chão, ao em vez de fugir com precipitação e tumulto, limitou-se a bater em retirada á minha frente, após haver-me fitado com natural espanto. Doeu-me precisar roubar a vida a victima tão confiante e indefesa. São bem conhecidos os seus habitos sedentarios e a invariabilidade com que escolhe para dormir o mesmo galho de arvore, sempre bastante grosso e horizontal para que solidamente repousem as plantas asperas dos tarsos, ás mais das vezes pouco elevado acima do sólo. Ao anoitecer, feito o costumeiro passeio pela matta á busca do alimento, dirige-se o Macuco para o seu poleiro habitual, alçando sempre o vôo de um mesmo ponto do sólo, facil de reconhecer, ao caçador experimentado, n'uma pequena area de chão batido e limpo de folhas. E' então que se lhe ouve quasi invariavelmente a voz, constante de um ou dois pios breves, limpidos e sonoros.

***Crypturellus¹ soui albigularis* (Brab. & Chubb)**

Tururim, Tururi

Crypturus soui albigularis BRABOURNE & CHUBB, 1914, *Annals and Magaz. of Nat. Hist.*, 8.^a ser., XIV, p. 320 (Rio de Janeiro).

Crypturus Sovi LICHTENSTEIN, 1823, *Verzeichnis Dubletten Berliner Museum*, p. 68 (Bahia).

Tinamus Sovi NEUWIED, 1833, *Beitr. Naturges. Bras.*, IV, p. 522 (Rio Mucuri, Caravellas, Belmonte).

(1) *Crypturellus* Brabourne & Chubb, 1914 (*Ann. Magaz. Nat. Hist.*, 8.^a ser., XIV, p. 322) cujo typo é por designação original *Tinamus tataupa* Temminck, tem prioridade sobre *Crypturornis* Oberholser, 1922 (nome novo para substituir *Crypturus auctorum*, não de Illiger) o para a aplicar-se a todos os Inambús, considerados actualmente congenericos (Cf. Peters, *Check-list of Birds of the World*, 1, p. 15, 1931).

Crypturus pileatus SALVADORI, 1895, Catal. Birds of Brit. Mus., XXVII, p. 522, *partim* (Bahia).

♀, Serra do Palhão, 29 de Novembro de 1932.

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 18 de Dezembro de 1932.

C. soui albigularis estende-se pelo léste brasileiro desde Pernambuco até Rio de Janeiro, inclusive Minas Geraes. É a raça mais meridional da espécie, cuja forma typica se encontra na Venezuela, nas Guianas, no Baixo Amazonas e no Maranhão, enquanto que na bacia do Madeira uma outra, *C. soui hoffmannsi* Brab. & Chubb passa a substituí-la.

***Crypturellus variegatus* (Gmelin)**

Chororão

Tetrus variegatus GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 768 (baseado no «Tinamou varié» de Buffon & Daubenton, Pl. Enlum. 328: Cayena).

Crypturus variegatus SALVADORI, 1895, Catal. Birds Brit. Mus., XXVII, p. 535 (Bahia); Lima, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, pag. 96 (Itabuna).

♀, Rio Jucuruçú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 25 de Março de 1933.

♂, Cachoeira Grande, 25 de Março.

♀, Cachoeira Grande, 26 de Março.

Especimen suplementar: ♂ (n.º 10.153 do M. P.), Itabuna, Julho de 1919, E. Garbe coll.

Ave de larga distribuição, conhecida desde a Venezuela e as Guianas, em todo norte do Brasil, até o Espírito Santo (Rio Dôce), inclusive a Amazonia (Rio Negro, Pará, etc.).

***Crypturellus noctivagus noctivagus* (Neuwied)**

Zabelê, Jahó

Tinamus noctivagus NEUWIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 158 (Espírito-Santo: Fazenda Muribeca, no Rio Itabapuaana);

idem, 1821. op. cit. p. 111 (sertão de Ilhéos: «Ribeirão dos Quiricos»), p. 145 (Boqueirão, perto do Rio Catolé, afl. esq. do Rio Pardo), p. 158 (Serra do Mundo Novo, á esq. do Rio Pardo); idem, 1833, Beitr. Naturg. Bras. IV, p. 504 (Rios Mucuri, Peruhype, Belmonte, Ilhéos); PELZELN, 1841, Orn. Bras., p. 293, nota (Bahia).

Pezus Zabelé SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 62, tab. LXXXVII (Bahia?: «in limite sylvarum campestrium (Catingha)»).¹

Crypturus noctivagus SALVADORI, 1895, Catal. Birds Brit. Mus., XXVII, pag. 539 (Bahia).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 19 de Dezembro de 1932.

♀, Rio Jucuruê (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 26 de Março.

O nosso Jahó é universalmente conhecido na Bahia pelo nome de Zabelê; ouve-se-lhe alli na matta a cada passo o canto inconfundível, e é bastante saber-se imital-o com toleravel perfeição para ter na ave presa certa, cada vez que se vá á sua procura. Por isso innumerous foram os exemplares conseguidos pelo caboclo Celé, nosso auxiliar eventual quando no Palhão e no Gongogy, infelizmente, quase todos perdidos, deante da improficuidade das re-commendações feitas de não atirar o animal á queima roupa.

A area geographica de *C. n. noctivagus* estende-se por todo léste do Brasil, desde o Piauihy até o Rio Grande do Sul, sendo substituido a partir da margem esquerda do Amazonas por *C. n. dissimilis* Salvadori, peculiar ás Guianas e á bacia do Orenoco.

***Crypturellus parvirostris* (Wagler)**

Nambú, Inambú-chororó

Crypturus parvirostris WAGLER, 1827, Syst. Av., Genus *Crypturus*, sp. 13 («Brasília»: Bahia, loc. typ. por suggestão de Hellmayr; SALVADORI 1895, Cat. Birds Brit. Mus., XXVII, p. 526 (Bahia).

Pezus Nambu SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 63: parte = ♀, teste Hellmayr (Bahia).

(1) Cf. Hellmayr Abhandl. K. Bayer. Akad. Wiss. München, II Kl., XXII Bd., p. 720 (1906).

Microcrypturus parvirostris HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 478 (Rio Preto: S. Marcello).

♂, Rio Gongogy (proximo de Cajazeiras), 22 de Dezembro de 1932.

A côr vermelha escarlata dos tarsos permite, em vida, distinguir facilmente este Inambú da especie precedente, em que elles são rôxo-carminados; mas nos individuos conservados desapparecem aquellas differenças de colorido e só o tamanho bico, comprido de 22 a 23 mill. no primeiro e menos de 20 mill. no ultimo, pode facilitar o reconhecimento das duas especies, estreitamente semelhantes em porte e coloração de plumagem. No exemplar agora colligido, em cujo rotulo annotou o collector — «pés tirantes a rôxo» mede o bico 19 mill.

Ordem GALLIFORMES

Familia CRACIDAE

Penelope superciliaris jacupemba Spix

Jacú, Jacupemba

Penelope Jacupemba SPIN, 1825, Av. Bras., II, p. 55 tab. LXXII (Rio de Janeiro: Presidio de S. João — typo no Museu de München).

Penelope marail NEUWIED, 1820 (*nec* Linnaeus), Reise nach Bras. I, p. 262 (Rio Mucuri: Morro da Arara), p. 326 (Rio Jequitinhonha).

Penelope superciliaris NEUWIED, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 539; SCLATER & SALVIN, 1870, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 528 (Bahia); GRANT, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXII, p. 491 (Bahia, *Wucherer*).

♂, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 24 de Março de 1933.

♂, Cachoeira Grande, 25 de Março.

♀, Cachoeira Grande, 26 de Março.

♂ immat., Cachoeira Grande, 27 de Março.

♂, Cach. Grande, 28 de Março.

♂, Cach. Grande, 31 de Março.

♀, Cach. Grande, 7 de Abril.

A forma typica de *Penelope superciliaris* Illiger¹ foi modernamente circumscripita por Hellmayr² á Amazonia (Baixo Amazonas, Rio Madeira, etc.), sobre a base de terem as aves d'aquella zona «decidedly markings on the wing and tail coverts are wider and paler, varying from hazel to ochraceous tawny». Com isso modificou o competente ornithologo o conceito em que primitivamente tinha a raça *jacupemba*, quando restringia sua area ao Piahy e procurava caracterizal-a pela côr branco-avermelhada («blass röstlichen Superciliarstreifen») dos superciliios.³ Tal como elle mesmo foi o primeiro a verificar, é praticamente impossivel basear qualquer discriminação no colorido das listas superciliares, tão susceptivel é elle de variações, podendo quando muito dizer-se que nas aves do Nordeste é commum apresentarem-se as sobranceiras mais ou menos arruivadas, emquanto que nas do sul do Brasil o colorido cinzento esbranquiçado dos superciliios é regra que quasi não soffre excepção. Na collecção do Museu Paulista, a par de uma numerosa serie de exemplares do sul do Brasil (S. Paulo, Minas, etc.) em que a lista superciliar é nitidamente cinzento-clara, existe uma ♀ de Jaboticabal (n.º 1254), incapaz de se distinguir no particular de tres individuos provenientes do Maranhão (Primeira Cruz, Miritiba).

Ortalis aracuan (Spix)

Aracuã

Penelope Aracuan SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 56, *partim*, descr. do ♂, *nec tabula!* («ad pagum St. Domingo districtus

(1) Cf. Temminck (1815), *Hist. Nat. Pig. et Gallin.*, III, pp. 72 e 693 («Brazil» = Pará, *vide* Hellmayr).

(2) *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 473 (1929).

(3) Cf. Hellmayr, *Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. München*, II Kl., XXII, p. 690 (1906).

Minas Novas»); NEUWIED, 1820, Reise nach Bras., I, p. 282 (costa meridional da Bahia, entre Alcobaça e Prado), II, p. 340; idem, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 549 (descripc., etc.).

Penelope albiventris WAGLER, 1830, Isis, p. 1111 («Brasília versus flumen Amazonum» — *errore!*: segundo Hellmayr, o typo é a mesma ave descripta por Spix).

Ortalis albiventris GRANT, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXII, p. 503 (Bahia).

Ortalis aracuan HELLMAYR, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. Muenchen, II Kl., XXII, p. 693 (Bahia).

♂, Rio Gongogy (Fazenda Santa-Maria), 20 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy. 23 de Dezembro.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus, no Recôncavo), 20 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba. 4 de Fevereiro.

Cabe a Hellmayr o merito de haver desembrulhado a synonymia d'esta especie, confundida por Spix com a que é peculiar ao nordeste do Brasil, que as considerava respectivamente ♂ e ♀ de uma mesma ave. E' todavia innegavel que, ao descrever *Penelope aracuan*, teve o zoologista bavaro principalmente em vista a especie de baixo dorso ruivo e abdomen branco («dorsum infimum maris castaneum»... «abdomen sordide albicans»), peculiar á Bahia e Estados immediatamente meridionaes, isto é, a mesma que Wagler descreveu posteriormente sob o nome de *P. albiventris*, baseando-se evidentemente na estampa que apparece na obra do citado naturalista. A outra especie, recebeu de Hellmayr o nome de *Ortalis spixi*, e ocorre desde as Guianas até o Piauhy. O Principe Neuwied, que foi a primeiro naturalista a nos dar informações precisas sobre os habitos da Aracua, observa com muita exactidão que «er scheint weniger in den geschlossenen grossen Uerwaldungen, zu leben, als in Vor- und Niederwaldungen, *Catingas*, *Carascos* in den dicht verflochtenen, vom Winde niedergehaltenen Gebüsch der Seeküste», etc'

Durante minha excursão vi aracuãs pela primeira vez no Engenho da Ponte, em Aratuhype. Sua voz, para mim inteiramente estranha, era ouvida cada manhã por entre as espessas touceiras de bambús, que limitavam o cannavial. Mais tarde encontrei-a novamente nas capoeiras vizinhas do Rio Gongogy, onde devem ser muito abundantes, a julgar pelo enorme alarido que faziam certas manhãs, particularmente após uma pequena chuva. N'estas circumstancias, quando os raios solares redoiravam as folhas humidas, tirando chispas de luz em cada gotta pendente, era de ver-se o alvoroço em que ficavam, esquecendo até por vezes a natural prudencia, para deixar os cipoaes espessos e apparecer no alto das macêgas, expondo-se a acção directa da luz e do calor que lhes enxugaria as pennas. Com o clamor de seus grasnidos correspondiam-se então entre grandes distancias, n'um côro prolongado e singularissimo, em intercadencias de calma e de excitação.

No Reconcavo não foi sem surpresa que ainda fui encontrar aracuãs em abundancia nos pontos da terra firme adjacentes á Ilha de Madre de Deus, taes como Corupêba e Santo Estevam. Seu esconderijo predilecto allí são as espessas moitas da pequena palmeira Ouricury ou Licuri, em perfeita concordancia com o que já havia observado o Príncipe Neuwied (*Reise nach Brasilien*, I, p. 282), em sua viagem de Alcobaça para o Prado. Segundo me informaram são ainda numerosas as aracuãs na proxima ilha da Bimbarra, o que aliás não causa estranheza, dado o aspecto selvagem e a densa vegetação que allí existe.

Ao descer o Rio Jucurucú, em meados de Abril, tivemos o nosso ultimo encontro com esta ave. Pelo segundo dia de nossa viagem, ao nos approximarmos do ultimo trecho do Braço do Sul, fomos repentinamente sobresaltados pelos gritos ensurdecedores de um casal de aracuãs, que no espesso da folhagem dos arbustos marginaes procurava afugentar pelo panico um grande Gavião. Certo é que o rapineiro teria apezar de tudo rea-

lizado suas sombrias intenções, não fora a nossa providencial passagem por alli n'aquelle momento. Em todo trecho alto do referido rio, consoante o aspecto da flóra em que domina exclusivamente a selva primitiva, a Araçuã não existe; o mesmo não acontece no Braço do Norte, que corta zona aberta, onde a ave ocorre, segundo me consta até proximo das cabeceiras.

Pipile jacutinga (Spix)

Jacutinga

Penelope jacutinga SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 53, tab. LXX («inter Bahiam et Rio de Janeiro»).

Penelope leucoptera NEUWIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 139 (Rio de Janeiro: Rio Parahyba); II, p. 110 (Rio Cachoeira: Ribeirão dos Quíricos); idem, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 544.

Pipile jacutinga HELLMAYR, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. Münchn, II Kl., XXII Bde., p. 689 (critica).

♀, Rio Jucurucú (Braço do Sul, pouco abaixo da Cachoeira Grande), 9 de Abril de 1933.

Bem caracterizada pelo colorido violaceo-pardacento de sua plumagem, das differentes especies de Jacutingas existentes no Brasil é esta a que possui mais vasta area de dispersão. A partir do Paraguay, é encontrada em todas as mattas virgens dos estados meridionaes, até as do sul da Bahia, que não ultrapassa. Durante toda a expedição encontrámo-la unicamente nas florestas do alto Rio Jucurucú (Braço do Sul). Avistei-me varias vezes com as Jacutingas nas minhas excursões em torno da Cachoeira Grande. Pousadas quase sempre nos galhos de arvores alterosas, ordinariamente em numero de duas ou mais, raras vezes appareciam ao alcance da espingarda. Pela manhã, dias mais cedo, dias mais tarde, faziam visita aos grandes araçazeiros pejados de fructos maduros, ou repousavam nos ramos mais elevados de alguma arvore vizinha. Não consegui abater um unico

exemplar, apesar dos esforços empregados n'este sentido, o que trouxemos tendo sido adquirido de um caboclo, não muito longe da Cachoeira Grande, em nossa viagem rio abaixo.

Neuwied (*Beitr. Naturg. Bras.* IV, p. 549) informa ter um de seus caçadores encontrado um ninho de Jacutinga com dois ou tres ovos, durante o mez de Fevereiro; isso demonstra que na Bahia ella se reproduz em epoca diversa d'aquella em que o faz no sul do Brasil, uma vez que Ihering (*Rev. Mus. Paul.* IV, p. 284) afirma que ella só apparece no norte do Rio Grande do Sul pelos mezes de Maio e Junho, em bandos de 4 a 16 aves, para desaparecer em Dezembro, depois de realizadas a nidificação e a postura.

Ordem COLUMBIFORMES

Família COLUMBIDAE

Columba rufla sylvestris Vieillot

Pomba Pocassú, Cassaroba

Columba sylvestris VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XXVI, p. 366 (baseada em «Paloma montes» de Azara, Apuntam. n.º 319: Paraguay).

Columba rufla NEUWIED, 1820 (nec Temminck), Reise nach Bras., I, p. 301 (sul da Bahia: Trancoso), II, pag. 341 (Rio Jequitinhonha: ilha Cachoeirinha); idem, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 453 (Bahia: Caravellas, rios Mucuri, Alcobaça, Peruhype, Belmonte); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 86 (Rio Grande: «Cesarea» das Cabras; Rio Preto: Fazenda Taboa);¹ idem, 1925, op. cit., p. 189.

♂, ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 18 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 19 de Janeiro.

(1) "Cesarea" estará por Senzala; "Taboa" é escripta pelo Autor "Taboa" á p. 189 da obra citada.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 26 de Fevereiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 29 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 29 de Janeiro.

D'entre as verdadeiras pombas é talvez a única que apparece nos pontos do Reconcavo por nós visitados. Em Madre de Deus e cercanias conhecem-na pelo nome de Pocassú, ignorado no sul do Brasil; frequentam a ilha principalmente no verão, attrahidas pelas bagas de certas plantas, entre as quaes figura muito especialmente a Quixabeira (*Bumellia sp.*), espinheiro ainda abundante na ponta do Mirim. Os exemplares trazidos na collecção foram offerta do Snr. Juvenal Martins, actual proprietario da bonita chacara que se estende por toda aquella parte da ilha. Quasi todas as madrugadas ia elle esperal-as, emboscado sob a copa espessa e entrelaçada do espinhoso arbusto, surprehendendo assim a incauta ave em seu repasto matinal.

C. rufina sylvestris differe de *C. r. rufina*¹ das Guianas e norte do Brasil (Amazonas: Rio Negro; Pará: ilha de Marajó, etc.) por ter a ponta da cauda pardo-acinzentada, em contraste com o trecho basal, preto;² ella ocorre no Paraguay em quasi todos os estados do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão, inclusive Matto-Grosso e Minas.

***Columba plumbea plumbea* Vieillot**

Pomba amargosa

Columba plumbea VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 358 («Brésil»: local. typica Rio de Janeiro, por designação de Hellmayr).³

(1) *Columba rufina* Temminck & Knip., 1808-1811, *Pigeons*, I, fam. seconde, p. 59, pl. 24 (Guiana Franceza).

(2) Cf. Hellmayr, 1906, *Nov. Zool.*, p. 47; Chubb, 1910, *Ibis*, p. 60 (chave das subespecies).

(3) *Novit. Zool.* XVII. p. 415, (1910).

Columba locutrix NEUWIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 118 (Rio Cachoeira), p. 213 (Giboya, perto de Conquista); idem, 1833, Beitr., IV, p. 225 (local. precit. e mais Rio Jequitinhonha).

♀, Rio Jucuruçú (Cachoeira Grande), 4 de Abril de 1933.

Esta Pomba, que o Príncipe Maximiliano encontrou durante sua viagem nas mattas virgens de varios pontos do interior da Bahia, ocorre em todos os estados do léste brasileiro, da Bahia para o sul. Entre as especies affins ella se destaca pelo maior comprimento da cauda, caracter que serviu para separal-a, com outras, no genero *Eoenas*. Seu canto, que tive occasião de apreciar, é segundo Neuwied agradavelmente modulado, e condiz satisfactoriamente com a anomatopéa portugueza «um só fico».¹ Ha no Brasil mais duas raças d'esta especie; uma amazonica (*C. plumbea pallescens* Sneth.) e outra de Goyaz (*C. p. baeri* Hellmayr), caracterizadas, a primeira pelas suas menores dimensões, e a segunda pela côr cinzenta clara do abdomen.²

***Scardafella squammata squammata* (Lesson)**

Fogo-apagou

Columba squammata LESSON, 1831, Traité d'Ornithol., p. 474 (baseada em *Columba squamosa* Temminck & Knip).

Columba squamosa TEMMINCK & KNIP, 1810, Les Pigeons, I, p. 127, pl., 59 («Bahin» au Brésil»: corr. Bahia); NEUWIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 160 (Rio Pardo: Barra da Vereda), p. 232 (Conquista); idem, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 469.

Scardafella squamosa SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 464 (Bahia, Wucherer); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 87 (Serra da Soledade, Joazeiro); idem, 1925, op. cit. (loc. cit. e mais Fazenda da Serra, no Rio Grande).

(1) Beitr. Natur. Bras., IV, p. 458.

(2) Cf. Hellmayr Novit. Zool., XVII, p. 415 (1910); Naumburg, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., LX, p. 66 (1930).

Scardafella squammata squammata HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 465 (Macaco Secco, perto de Andarahy).

♀, ilha de Madre de Deus (Reconcavo), 15 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 15 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 17 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 4 de Fevereiro.

♀ juv., Madre de Deus, 4 de Fevereiro.

♂, Madre de Deus, 9 de Fevereiro.

♀, Cahype (a uma legua de Madre de Deus), 14 de Fevereiro.

Exemplares addicionaes: ♀ (n.º 7.399), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Dezembro de 1907, Garbe coll.; ♀ (n.º 7.400), Cidade da Barra, Janeiro de 1908, Garbe coll.; 0 exemp. sem sexo (n.º 2.372), «Bahia», compr. de Schlüter, 1898.

A julgar pelos exemplares presentes, as aves dos differentes pontos da Bahia, apresentam os mesmos caracteres da forma typica, dando razão a Hellmayr que impugna a validade de *S. s. cearae* Cory,¹ proposta na supposição de que vivesse nas catingas do nordeste variedade distincta da do resto do Brasil.

Todos os exemplares agora colleccionados provêem do Reconcavo (Madre de Deus e adjacencias) onde esta rôla é communissima. Era quasi fatal encontrar-me agradavelmente com ellas em cada passeio pelos campos desnudados do Mirim, sempre em numero de um ou mais casaes, a catar com as pequenas sementes cahidas das arvores os pedregulhos que nunca dispensam. A' vista do transeunte desferem vôo com ruido muito peculiar, semelhante ao de um chocalho ou guiso, razão pela qual é conhecida em certos logares pela denominação de Pomba-cascavél. Mais apropriada lhe é comtudo o nome de Fogo-apagou, de uso universal na Bahia, pou-

(1) *Scardafella squammata cearae* Cory, 1917, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. ser, XII, J. 6 (Quixadá).

cas onomatopéas chegando á perfeição com que aqui se imita o arrulho ameno desta rôla, uma das aves seguramente mais sympathicas que possuímos.

***Columbigallina¹ minuta minuta* (Linnæus)**

Rôla, Rolinha

Columba minuta LINNÆUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, I, p. 285 (baseada em «*Turtur parvus fuscus americanus*» de Brisson;² «San Domingo», errore!: Berlepsch & Hartert³ substituíram por Cayena).

Chamaepelia minuta SALVADORI, 1893, Catal. Brit. Mus., XXI, p. 481 (Bahia, *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 87 (Barrinha perto de Joazeiro, Joazeiro, Barra do Rio Grande, Santa Rita do Rio Preto); idem, 1925, op. cit., p. 190.

Chamaepelia minuta minuta HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. ser., XII, p. 467 (Bahia, crit.).

♀, ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 12 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 13 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 17 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 21 de Janeiro.

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus), 31 de Janeiro.

♂, Corupéba, 31 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 8 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 24 de Fevereiro.

Especimens supplem.: ♂ (n.º 7.381), Joazeiro, Dezembro de 1907, Garbe coll.; ♀ (n.º 7.374), Bomfim, Dezembro de 1907; ♂ (n.º 2.374), «Bahia», comprado de Schlüter (1898).

A Rôlinha, endêmica em todos os campos de léste e centro do Brasil (Maranhão, Piauí, Ceará, Pernam-

(1) Cf. *Check-list of North American Birds*, 4.^a edit., pag. 386 (1931).

(2) Brisson, *Ornith.*, I, p. 116, pl. 8, fig. 2.

(3) Berlepsch & Hartert, *Novit. Zool.* IX, p. 119 (1902).

buco, S. Paulo, Matto-Grosso) é muito abundante em qualquer parte do Reconcavo. Os numerosos individuos trazidos agora d'esta procedencia em nada differem dos que possúe o Museu Paulista de outros pontos do Brasil.

***Columbigallina talpacoti talpacoti* (Temminck & Knip)**

Rôla, Rôla-sangue-de-boi (Madre de Deus)

Columba Talpacoti TEMMINCK & KNIP, 1811, Les Pigeons, 1, Colombigallines, p. 22, pl. 12 («l'Amérique méridionale» = Brasil, por designação de Brabourne & Chubb); NEUWIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 465 (descr., etc.).

Columba minuta NEUWIED, 1821 (*nec* Linnaeus, 1466), Reise nach Brasilien, II, p. 341 (Rio Jacuítinhonha: Ilha Cachoeirinha).

Chamaepelia talpacoti SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus. XXI, p. 485 (Bahia, *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 87 (Barra, na cidade de Salvador, e Ilha do Fogo, no Rio São Francisco); idem, 1925, op. cit. (loc. cit. e mais Fazenda da Serra, no Rio Grande).

sexo?, ilha de Madre de Deus (bahia de Todos os Santos), 14 de Janeiro de 1933.

2 ♂♂, Cahype (terra firme, não longe de Madre de Deus), 14 de Fevereiro de 1933.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 17 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 20 de Fevereiro.

♀, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 22 de Março de 1933.

♂?, Rio Jucurucú, 22 de Março.

Especim. supplem.: ♀ (n.º 7.369), Bomfim, Dezembro de 1907, Garb coll.; ♂ (n.º 7.370), Joazeiro, Dezembro de 1907; ♀ (n.º 7.372), Joazeiro, Dez. de 1907.

Na Bahia, como na maioria dos estados do Brasil esta Rôla é muito commum quase por toda a parte. Sua area abrange ainda grande parte da America Meridional a léste dos Andes, com excepção da Venezuela, norte da Colombia e Trinidad, onde é substituida por *C. t. ru-*

lipennis, variedade bem caracterizada. Encontrei-a em todos os pontos da Bahia por nós visitados, nos campos e na vizinhança das habitações, especialmente no Reconcavo, onde todavia é suplantada em abundancia pela especie precedente. Em Madre de Deus, para distingui-la da ultima, usam applicar-lhe a denominação, algo extravagante, de «Rôla sangue-de-boi».

***Claravis pretiosa* (Ferrari-Perez)**

Rôla azul, Pombo Pararú

Peristera pretiosa FERRARI-PEREZ, 1886, Proc. Un. St. Nat. Mus., IX, p. 175 (nome novo para substituir *Columba cinerea* Temminck & Knip,¹ 1811, *nee* Scopoli, 1786: «Brésil»).

Peristera cinerea SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 491, (Bahia, Wueherer).

Claravis cinerea REISER, 1925, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 192 (Queimadas).

♀, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 9 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy, 26 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy, 26 de Dezembro.

sexo?. Rio Gongogy, 26 de Dezembro.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 7.727), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Junho de 1908 Garbe coll.; ♀, Bomfim, Maio de 1908; ♀♀ (n.ºs 7.387 e 7.388), Bomfim, Junho de 1908. ♂ (n.º 4.390), Bomfim, Junho de 1908.

E' assaz vasta a distribuição d'esta bonita Rôla, cujos machos azues cinzentos tão bem se differenciam das fêmeas pardo-acanneladas. Ella ocorre em todos os estados do léste brasileiro, desde o Pará até Santa Catharina, e bem assim nos estados centraes, sem que apresente modificações susceptíveis de serem apreciadas.

(1) Temminck & Knip, *Les Pigeons*, I, *Colombes*, p. 126, pl. 58.

Leptoptila verreauxi ochroptera* Pelzeln¹Juriti*

Leptoptila ochroptera PELZELN, 1870, Orn. Bras., pp. 278, 451. *partim* (Rio de Janeiro: Sapetiba);? SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 555 (Bahia, *Wucherer coll.*).

Columba iamaicensis NEUWIED, 1821 (*nec* Brisson, 1760), Reise nach Bras.. II. p. 341 (Rio Jequitinhonha: ilha Cachoeirinha).

Columba rufaxilla NEUWIED, 1833 (*nec* Richard & Bernard, 1792), Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 474 («eine der gemeinsten Arten in allen von mir bereis'ten Gegenden von Brasilien»).

♂, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 9 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy, 27 de Dezembro.

♂, Corupéba (proximo á Madre de Deus, no Reconcavo), 20 de Janeiro de 1933.

♂, ilha de Madre de Deus, 31 de Janeiro.

♂, Corupéba, 11 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 20 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 26 de Fevereiro.

Como soube observar o principe Neuwied, esta *Pombaba* existe profusamente disseminada por quasi toda parte do éste brasileiro, explicando-se difficilmente que o conde Salvadori (Cat. Birds Brit. Mus., XXI, p. 553) tenha identificado a *L. reichenbachii* a ave de que se occupou o insigne viajante naturalista. Em minhas peregrinações pelo interior da Bahia encontrei-a invariavelmente onde quer que houvesse vegetação arbustiva bastante densa para lhe offerecer abrigo, assim nos cerrados e capoeiras, como á orla das mattas, em cujo intimidade todavia não penetra. Pelas horas mais calmosas do dia, seu arrulhar melancolico echôa por entre a folhagem das moitas ou o enredado dos pequenos capões. Timidas e prudentes, é muito difficil surprehen-

(1) Inclino-me hoje a reconhecer a validez de *Leptoptila ochroptera* Pelzeln para esta especie a que profere Hellmayr chamar *L. verreauxi decipiens* (Salvadori). Cf. *Field. Mus. Nat. Hist. Zool. Ser.*, XII, p. 472, nota.

del-as n'estas circumstancias; mal que presintam a aproximação do importuno, silenciam a principio, para logo se porem em fuga com o seu caracteristico bater de azas, pousando mais adeante, onde recommencam dentro de pouco o queixume interrompido. Seus ninhos abrigam-se commumente no espesso dos arbustos espinhosos, reducto capaz de garantil-os sufficientemente do ataque dos felinos, seus inimigos mais temiveis.

A patria de *L. v. ochroptera* comprehende o leste do Perú e da Bolivia, o Brasil central e nordeste do Brasil, desde a Bahia até Santa Catharina.

Oreopeleia¹ violacea violacea (Temm. & Knip)

Juriti

Columba violacea TEMMINCK & KNIP, 1808-181, Pigeons, Fam. Colombes, p. 67, pl. 29 («Habitat in America australi»: para loc. typ. pode accitar-se Bahia, Brasil).

Geotrygon violacea SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. p. 565 (Bahia, Wucherer).

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 11 de Dezembro de 1932.

♂, Serra do Palhão, 30 de Dezembro.

juv., Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 30 de Fevereiro de 1933.
Exemplar addic.: ♂ (n.º 10149), Ilhéos, Abril de 1919, Garbe coll.

A distribuição d'esta bonita Juriti atravez do Brasil é ainda imperfeitamente conhecida; conhecem-se exemplares da Bahia, de Minas de S. Paulo, Paraná e é sabido que sua area se estende até a parte mais septentrional do continente sul-americano. Os especimens agora trazidos da Bahia, ao passo que concordam exactamente com um ♂ de S. Paulo (Franca), tanto em dimensões (aza 149 mm., cauda 92 mm., culmen 16 mm.)

(1) *Oreopeleia* Reichenbach, 1852, *Av. Syst. Nat.* p. XXV. Typo: *Columba martinica* Linnaeus. O nome tem sido emendado de differentes formas: *Oreopeleia* Bonaparte, 1851, *Oreopelia* Gray, 1856, etc. O genero *Geotrygon* é hoje circumscripto á *Columbigallina versicolor* Lafresnaye.

como em colorido da plumagem, differem de um ♂ de Illhéos com ter coloração menos violacea, mais pardacenta, especialmente no peito, onde este ultimo tom é é francamente predominante.

Ordem RALLIFORMES

Familia RALLIDAE

Rallus longirostris crassirostris Lawrence

Saracura

Rallus crassirostris LAWRENCE, 1871, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y., X, p. 20 (Bahia); SLATER, 1894, Catal. Birds Brit. Mus., XXIII, p. 11 (Bahia, Dr. Lushnath coll.).

2 ♀♀, Rio Aratuhybe (perto de Nazareth), 15 de Novembro de 1932.

♂, Cahype (não longe da ilha de Madre de Deus), 18 de Março de 1933.

Especimen addic.: ♀ (n.º 7.776), Caravellas, Agosto de 1908, E. Garbe coll.

Embora notificada com relativa raridade, é esta *Saracura* bastante diffundida em nosso paiz, como o prova ser ella conhecida do Pará (ilha de Marajo), do Maranhão (ilha Mangunça), de Pernambuco, de S. Paulo (Iguape, Casqueirinho), e finalmente da Bahia, patria typica da raça brasileira. Não é, na opinião de Hellmayr,¹ ainda caso liquido sua differença subespecifica, ficando a depender de melhor estudo comparativo entre bôa serie de exemplares do Brasil e da Guiana, patria de *R. l. longirostris* Boddaert.²

A tabella abaixo dá as medidas dos bicos e do tarso n'uma serie de ♂♂ adultos, de varias procedencias.

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool Ser.* XII, p. 480 (1929)

(2) *Rallus longirostris* Boddaert, 1783, *Tabl. Pl. Enlum.* p. 52 (baseado em Daubenton, *Pl. Enl.* 849: "Guiana" = Cayena)

	culmen	tarso
n.º 8.037, Franca (S. Paulo).	59 mm.	50 mm.
n.º 8.184, Ituverava (S. Paulo)	55	51
n.º 4.263, Itararé (S. Paulo)	55	48
n.º 1.164, Jaboticabal (S. Paulo)	56	52
n.º 5.874, Ilha Grande (Rio de Janeiro)	56	48
n.º 8.309, Atafona (Rio de Janeiro) . . .	54	51
n.º 8.308, Atafona (Rio de Janeiro) . . .	56	48
n.º 14.076, Aratuhype (Bahia)	51	48

***Pardirallus nigricans* (Vieillot)**

Saracura

Rallus nigricans VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVIII, p. 560 (baseado em «Ipacahá obscuro» de Azara, Apuntam., III, n.º 219: Paraguay).

Limnopardallus nigricans Sharpe, 1894, Catal. Birds Brit. Mus., XXIII, p. 31 (Bahia, Wucherer).

♂, Aratuhype (Engenho da Ponte), 11 de Novembro de 1932.

♂, juv. Engenho da Ponte, 11 de Novembro.

♀, Engenho da Ponte, 12 de Novembro.

♀ ?, Rio Gongógy (Fazenda Santa Angelica), 9 de Dezembro.

E' esta uma das pequenas Saracuras de mais vasta distribuição na America Meridional; tem sido assignalada na Guiana (Surinam), na Colombia, no Chile, no norte da Rep. Argentina (Misiones, Catamarca, Mendoza, Tucuman, etc.), no Paraguay, e em quasi todos os estados do centro e do léste do Brasil (Matto-Grosso, Minas, estados maritimos, do Rio Grande do Sul a Pernambuco). Atravez d'esta immensa area não parece experimentar variações subordinadas ao elemento geographico; mas, no que respeita ás variações individuaes, embora de pouca importancia, ellas frequentemente se observam no comprimento dos tarsos e do bico, motivo pelo qual é mais que problematica a validade de *P. n.*

macropus Sztolcman,¹ subespecie baseada n'um unico ♂ de Vermelho (Estado do Paraná), em que as dimensões das alludidas partes ultrapassariam a media (culmen 55 mm., tarso 53 mm.).

***Aramides mangle* (Spix)**

Treis-potes

Gallinula Mangle SPIX, 1825, Av. Bras., p. 74, tab. XCVIII («ad littora maris in locis paludosis»: Bahia, patria typica, por designação de Hellmayr).²

Aramides mangle SHARPE, 1894, Catal. Birds Brit. Mus., XXIII, p. 54 (Bahia, Wucherer, *Luschnath*).

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus, no Reconcavo), 16 de Março de 1933.

Especimens addic.: ♂ (n.º 7.600), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Março de 1908, E. Garbe coll.; 3 ♀♀ (n.ºs 10.150 a 10.152), Ilhéos, Abril de 1919, Garbe coll.

Os manguesaes da costa maritima devem ser, conforme observou Spix, o habitat constante d'esta *Saracura*. Todavia, mesmo alli parece que é bem menos frequente que a especie seguinte, a julgar pelo menos do que pude observar. E' conhecida da orla maritima de todos os estados littoreanos, desde o Maranhão (Primeira Cruz, *Schwanda coll.*) até o Rio de Janeiro (Sapetiba, *Natterer coll.*).

***Aramides cajanea cajanea* (Müller)**

Treis-potes, Saracura

Fulica cajanea P. L. S. MULLER, 1776, *Natursyst. Supplem.*, p. 119 (baseado em Daubenton, Pl. Eulum. 352: Cayena).

Aramides chiricote SHARPE, 1894, Catal. Birds Brit. Mus., XXIII, p. 58 (Bahia, Wucherer).

(1) *Ann. Zool. Mus. Polon.*, V, p. 117 (1927).

(2) *Field. Mus. Nat. Hist.*, Zool. Ser. XII, p. 481 (1929).

Aramides cayanae REISER, 1925, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, j. 230 (Rio Preto).

♂, Rio Aratuhye, 16 de Novembro de 1932.

♀, Rio Gongogy (Fazenda Santa Maria, não longe de Cajazeiras), 23 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus, no Recôncavo), 18 de Fevereiro de 1933.

♂, Rio Jucuruçú (Cachocira Grande), 29 de Março.

E' a mais commum das Saracuras grandes na Bahia. Em todos os estagios da Excursão houve oportunidade de travar conhecimento com ella, ora á margem lodosa dos rios, ora nos densos juncaes adjacentes aos pantanos, ora nos mangues da costa. São perfeitamente exactas as informações do principe Maximiliano a respeito dos seus habitos; pela madrugada é quase sempre quem dá o primeiro grito de alarme, quebrando o silencio da noite com a sua voz sonora e estentorica, emittida simultaneamente por todo bando, n'um concertto multisono onde só com excesso de bôa vontade poder-se-á reconhecer as syllabas da onomatopéa «Treis potes», pela qual é correntemente conhecida nos estados do Nordéste.

O exame da pequena serie trazida agora da Bahia ensea-me occasião de emittir parecer sobre as suppostas raças brasileiras d'este rallideo. E' ainda habito entre os ornithologistas separar as aves do sul do Brasil (S. Paulo a Rio Grande do Sul) e do Paraguay, sob *A. cajane chiricote* (Vieillot).¹ Hellmayr foi todavia o primeiro a reconhecer (Cf. *Abh. K. Bayer, Akad. Wiss. München, II Kl., XXII, p. 712*) que a coloração mais ou menos parda ou rufescente do alto da cabeça é caracter que varia sem relação com o factor geographico, ao contrario do que acreditara Sharpe (*Catal. Birds Brit. XXIII, p. 59*) entre outros. A coloração do dorso, que Hellmayr suppoz a principio bom elemento de diferencia-

(1) *Rallus chiricote* Vieillot, 1819, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, XXVIII, p. 551 (baseado no "Chiricote" de Azara, *Apuntam.*, III, p. 214: Paraguay).

ção entre as aves da Guiana e as do Brasil meridional, está muito longe de ser fulvescente nas primeiras e cinzento olivaceo nas ultimas. O exame da bôa serie de exemplares que temos no Museu Paulista é concludente no revelar as grandes variações individuaes a que está sujeito o colorido das partes superiores d'esta Saracura, fallhando assim qualquer discriminação subespecifica que n'elle se baseie. Hellmayr, recentemente (*Field Mus. Nat-Hist., Zool. ser., XII, p. 482, 1929*). chegou tambem mais ou menos á mesma conclusão.

***Porzana albicollis* (Vieillot)**

Saracura, Franga d'Agua, Sanã

Rallus albicollis VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVIII, p. 561 (baseado em «Ipacaha aplomado y pardo» de Azara, Apuntam., n.º 374: Paraguay).

Porzana albicollis SHARPE, 1894, Catal. Birds Brit. Mus., XXIII, p. 102 (Bahia, *Wucherer*).

♂, ilha de Madre de Deus (no Reconcavo), 26 de Janeiro de 1933.

sexo?, Madre de Deus, 26 de Janeiro.

sexo?, Corupéba (perto de Madre de Deus), 11 de Fevereiro.

Afóra o exemplar, remettido para a Europa pelo Dr. Wucherer, que atravez da collecção Salvin-Godman foi ter ao Museu Britanico e vem registrado por Sharpe no volume XXIII do monumental *Catalogue of Birds*, não me consta que haja na litteratura zoologica outra notificação da occurrencia d'esta franguinha d'agua em terras da Bahia. Não parece alli rara apesar d'isso, podendo até acontecer que se encontre largamente disseminada pelo estado, ainda que não tanto como no sul do Brasil, e particularmente em S. Paulo, onde costuma ser o mais commum dos representantes do grupo. Sua distribuição é aliás bastante vasta na America do Sul (Venezuela, Guianas, norte da Rep. Argentina, Paraguay) e no Brasil abrange quase todo o léste (Pernambuco, Bahia, Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo).

Circus melanophthalmus melanophthalmus* (Vieillot)Pinto d'Agua*

Rallus melanophthalmus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVIII, p. 549 (baseado em «Ipacaha pardo obscuro» de Azara, Apuntam., n.º 376: Paraguay).

Porzana melanophthalma PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 317, nota margin. (Bahia).

Crex lateralis LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 79, *partim* (Bahia).

♂, Aratuhybe (Engenho da Ponte), 9 de Novembro de 1932.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 8 de Fevereiro de 1933.

Parece-me mais do que problemática a validade de *C. m. lateralis* (Licht.) nome com o qual propugna Hellmayr¹ a separação das aves da Guiana e do norte brasileiro até a Bahia, sob a alegação de terem ellas as bochechas e as regiões auricular e loreal arruivadas, ao em vez de pardas, como nas do sul do Brasil e adjacencias. Nada se me afigura menos constante do que estas suppostas diferenças. Examinando a serie em mãos, verifico loros arruivados não só n'um casal de Espirito Santo (n.ºs 6.425 e 6.426), como ainda, embora menos accentuadamente, n'um ♂ de S. Paulo (n.º 1.943: Iguape); por outro lado, os individuos trazidos agora da Bahia não apresentam o menor indicio de ru-fescencia nas regiões alludidas.

Porphyrio martinica* (Linnaeus)Franga d'agua azul*

Fulica martinica LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, I, p. 259 (ilha de Martinica).

Gallinula martinicensis NEUWIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 93 (Rio Itahype, ao norte de Ilhéos); idem, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 812 (Rio Itahype).

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser.*, XII, p. 483 (1929).

Porphyriola martinica SHARPE, 1894, Catal. Birds Brit. Mus., p. 189 (Bahia, *Wucherer*); Reiser, 1910, Denks. math-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 96 (Barrinha, perto de Joazeiro, Barra do Rio Grande, ilha no R. S. Francisco proxima de Sambaiba); idem, 1925, op. cit., p. 231.

♂, Cahype (no Reconcavo, não longe da ilha de Madre de Deus), 18 de Março de 1933.

♀, Cahype, 18 de Março.

Encontrei-me pela primeira vez com esta linda Franga d'agua nas proximidades das margens do Rio Gongogy, em pequenos charcos litteralmente tomados de vegetação palustre, que só durante a estação pluviosa se enchem de agua, justificando a denominação local, quiçá impropria, de lagôas. De um garoto a quem fiz o aceno de alguns nickeis e emprestei minha espingarda, adquiri então um magnifico exemplar cujo desaparecimento agora das collecções não sei como explicar. Mais tarde, no Reconcavo, fui encontral-a de novo n'um grande paúl ou «tanque» proximo ao Engenho do Cahype. Ao nos approximarmos pela manhã do local, vimos varios exemplares a catar sem nenhuma cerimonia no lodo das margens, indifferentes ao movimento e á presença das pessoas e dos animaes que iam ameúde allí dessedentarse. Bastou porém um unico tiro para que, advertidas das nossas intencções, afundassem na espessura quase inextricavel da vegetação que enchia o lodaçal, onde penetrámos até a agua pela cinta, sem conseguir avistar uma só. A custa de pertinacia e ao cabo de algumas horas, passado o primeiro espanto, foi possivel então toruar a vel-as, duas d'ellas pagando afinal com a vida o tributo que era forçoso lhes cobrar.

Reiser encontrou esta especie bastante disseminada ao longo do Rio S. Francisco, quando por ocasião da sua importante viagem, e no résto do Brasil é ella conhecida na maioria nos estados, a saber, Pará, Piauhy, Pernambuco, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Matto-Grosso, Goyaz. Ella ocorre ainda em todos os paizes temperados e quentes da

América, desde o Canadá e os Estados-Unidos, até o Paraguai e norte da República Argentina, incluídos o México, a América Central e as Antilhas.

Família HELIORNITHIDAE

Heliornis fulica (Boddaert)

Picapara, Patinha d'água, Mergulhão

Colymbus fulica BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enl., p. 54 (baseado em Daubenton, Pl. Enl. 893: Cayena).

Podia surinamensis WIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 93 (Rio Itahype).

Podia surinamensis WIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 823 (descripc., etc.).

♂?, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 6 de Abril de 1933.

Vi mais de uma vez este pequeno Mergulhão por entre as plantas marginaes do Rio Jucurucú, sempre isoladamente. Sua área geographica se estende da América Central pelo norte da América Meridional (Colômbia, Venezuela, Guianas, Equador, Perú) até o Paraguai e o norte da Argentina, inclusive grande número de estados do Brasil (Amazonas, Pará, Maranhão, Bahia, Goyaz, Matto-Grosso, São Paulo). Não parece todavia abundante em parte alguma e sabe furtar-se promptamente á observação, seja mergulhando, seja embrenhando-se pelos juncos eervas ribeirinhas.

Ordem CHARADRIIFORMES

Família CHARADRIIDAE

Arenaria interpres morinella (Linnæus)

Maçarico, Agachadeira

Tringa Morinella LINNÆUS, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 249 (baseado em Catesby: Carolina).

Arenaria interpres SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXIV, p. 92 (Bahia, Dr. Wucherer).

♀, Ilha de Madre de Deus (Praia do Soape), 2 de Fevereiro de 1933.

♀, Madre de Deus (Praia do Soape), 2 de Fevereiro, 1933.

♀? Corupeba, 14 de Fevereiro de 1933.

♂, Cahype, 14 de Fevereiro, 1933.

Especimens addicionaes: 2 ♀♀ (n.ºs 10.155 e 10.156 do M. P.). Ilhéos, Abril de 1919, Garbe coll.

Este Maçarico constitue em todo o Continente Americano raça particular de uma especie cosmopolita, e parece frequentar toda costa do Brasil, onde tem sido notificado em numerosos estados (Pará, Maranhão, Piauhý, Bahia, Rio de Janeiro).

***Belonopterus cayennensis lampronotus* (Wagler)**

Espanta-Boiada, Quero-quero

Charadrius lampronotus WAGLER, 1827, Syst. Av., I, Genus Charadrius, sp. 48 (*partim*: Brasil), *teste* Hellmayr).¹

Vanellus cayennensis WIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 198 (Rio Pardo: Fazenda da «Vereda», perto de Barra da Vereda); idem, 1893, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 754 (*descripc.*, etc.).

Belonopterus cayennensis SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXVV, p. 163, *partim* (Bahia, Dr. Wucherer); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXXVI, p. 94 (Joazeiro e arredores); idem, 1925, Op. cit., p. 223 (Joazeiro, Soledade, Cidade da Barra, Rio Grande: Faz. da Serra; Rio Preto: Faz. Porto de Pedra).

Belonopterus cayennensis SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., Publ., Zool., XII, p. 491 (Cidade da Barra).

♀, Rio Gongogy, 2 de Dezembro de 1932.

Na Bahia fiz o meu primeiro encontro com o Quero-quero nas margens do Rio Gongogy, onde frequentavam ora as pedras da corrente ora os campos de criação,

(1) Cf. *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 491, 1929.

passeiando por entre o gado. Mostravam-se alli com-tudo muito ariscos, e para trazer o unico exemplar que acima referi foi preciso atravessar o rio a nado afim de buscar a ave ferida que cahira exanime na margem op-posta.

Encontrei-o tambem na Curupéba, onde um ou mais casaes eram hospedes habituaes das salinas que alli exis-tem.

O exemplar agora obtido apresenta nitidamente os caracteres da variedade *lampronotus*,¹ cuja area abrange a Republica Argentina, o Uruguay e quase todo Bra-sil, á excepção do extremo septentrional, na margem es-querda do Amazonas onde o substitue a raça gua-nense.²

***Squatarola squatarola*³ cynosurae Tahyer & Bangs**

Squatarola squatarola cynosurae THAYER & BANGS, 1914, Proc. New Engl. Zool. Cl., V, p. 23 (terras arcticas da America: Ilha Baillic).

♂, Corupeba (Costeiro das Ostras), 5 de Fevereiro de 1933.

♀, Ilha de Madre de Deus (Suape de Dentro), 2 de Fevereiro de 1933.

♀, Corupeba (Costeiro das Ostras), 5 de Fevereiro de 1933.

♀, Corupeba (Costeiro das Ostras), 6 de Fevereiro de 1933.

Raça levemente diferenciada de *Squatarola squata-rola* Lin., especie quase cosmopolita, tem esta ave o seu verdadeiro habitat nas regiões circumpolares da Ame-rica Septentrional (Alaska, peninsula de Melville, Point Barrow, etc.), de onde emigra para o sul durante o in-verno boreal, quando em bandos avança pelo continen-te sul-americano, até os estados meridionaes do Brasil,

(1) Cf. Oliverio Pinto, 1932, *Rev. Mus. Paul.* XVII, 2.^a parte, p. 713.

(2) Cf. Hollmayr, 1929, *Field Mus. Zool. Publ.*, XII, p. 491.

(3) *Tringa quatarola* Linnæus, 1758, *Syst. Nat.* ed. 10.^a, p. 149 ("Ha-bitat in Europa" = Suecia); *Tringa helvetica* Linnæus, 1766, *Syst. Nat.*, ed. 12.^a, 1, p. 250.

As raras notificações da ave entre nós (Piauhy: Amaração; S. Paulo: S. Sebastião; Pará: Cajutuba) parece significar que só accidentalmente nos visita, e sua occurrencia na Bahia é, ao que sei, a primeira vez que se registra.

Charadrius semipalmatus Bonaparte

Maçarico

Charadrius semipalmatus BONAPARTE, 1825, Journ. Acad. Nat. Sci. Phila., V, parte 1.^a, p. 98 (baseado em *Tringa hiaticula* Wilson, nec Linnaeus).

Aegialeus semipalmatus SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXIV, p. 250 (Bahia, Dr. Wucherer coll.).

♀, Ilha de Madre de Deus, 23 de Janeiro de 1933.

♀, Corupeba, 26 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 30 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 2^a de Fevereiro de 1933.

Este Maçarico de colleira é bastante commum sobre os lagos costeiros que a vasante deixa a descoberto, a par da especie anterior, bastante parecida com elle, mas bem menor. E' ave migratoria, que deixa as terras arcticas pelo inverno, para visitar as paragens longinquas da America Meridional, até o Chile e a Patagonia. Nas costas brasileiras apparece regularmente então, como o prova o elevado numero de pontos em que tem sido notificado (Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul).

Charadrius collaris Vieillot

Maçarico de colleira

Charadrius collaris VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd. XXVII, p. 136 (baseado em «Mbatuitui collar negro» de Azara, Apuntam., n.º 392: Paraguay).

Aegialitis collaris SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXIV, p. 288 (Bahia, Dr. Wucherer); REISER, 1910, Denks. Math.-

naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 94 (Joazeiro, Barra do Rio Grande); idem, 1925, Op. cit., p. (accresc.: Fazenda da Serra, no Rio Grande).

♂, Ilha de Madre de Deus, 23 de Janeiro de 1933.

♂, Ilha de Madre de Deus, 23 de Janeiro de 1933.

♀, Ilha de Madre de Deus, 24 de Janeiro de 1933.

♂, Ilha de Madre de Deus, 27 de Janeiro de 1933.

♂, Corupeba, 20 de Fevereiro de 1933.

Especimen adicional: ♀ (7.598 do M. P.), Joazeiro, Dezembro de 1907, Garbe coll.

E' o mais commum e abundante dos pequenos Maçaricos que frequentam as corôas de Madre-Deus e provavelmente de todas as ilhas do Reconcavo. Semelhante á especie anterior pelo elegante collar escuro que lhe escurece a alva plumagem, é sensivelmente menor do que aquella. Reside egualmente nas terras mais septentrionaes do Continente Americano, onde se reproduz durante o verão, emigrando para o sul durante o inverno. Apparece portanto entre nós nas mesmas circunstancias, quando visita provavelmente todos os nossos Estados (Amazonas, Pará, Piauí, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Matto-Grosso).

Numenius¹ hudsonicus Latham

Maçarico-do-bico-torto

Numenius Hudsonicus LATHAM, 1790, Ind. Orn., II, p. 712 (baseado no «Eskimaux Curlew» de Pennant:² Bahia de Hudson).

sexo?, Ilha de Madre de Deus (Rio do Suape), 26 de Janeiro de 1933.

♂, Ilha de Madre de Deus (Rio do Suape), 29 de Janeiro de 1933.

(1) Ridgway (*Birds of North and Middle America* VIII, p. 385) restringe o genero *Numenius* Brisson ás especies *argyatus* o *americanus*, collocando *N. hudsonicus* no gon. *Phaeopus* Cuvier, 1816 (*Règne Anim.*, I, p. 285)

(2) *Aret. Zool.*, II, n.º 364, pl. 19.

♂, Corupeba (Costeiro das Ostras), 4 de Fevereiro de 1933.
♀, Madre de Deus (Rio do Suape), 4 de Fevereiro de 1933.
sexo?, Corupeba (Costeiro das Ostras), 4 de Fevereiro de 1933.
 , Corupeba, 16 de Fevereiro de 1933.

Este soberbo Maçarico conta pouquissimas referencias na litteratura ornithologica concernente ao Brasil; na Bahia, tanto quanto me informam as fontes que pude consultar é a primeira vez que sua presença é scientificamente registrada. No entanto, na zona do Reconcavo por mim percorrida, ou mais propriamente nas praias lodosas e nos mangues da peninsula de Corupeba (adjacente á ilha de Madre Deus), era elle relativamente abundante na quadra em que estivemos. A's primeiras horas do dia succediam-se seus numerosos bandos uns após outros, vindo todos de direcção approximadamente a mesma, a saber dos lados da Ilha de Maré, ao largo de cuja costa se encontra um grande arrecife, onde, segundo me informaram, dormem aos milhares, em companhia de outras aves do mesmo grupo. E' a corôa ou ilhéu de pedra chamado Itapitanga, que vejo já mencionado por Gabriel Soares, como pedreira onde os primeiros moradores da Bahia iam buscar com que robustecer a architectura dos seus edificios e monumentos. Uma expedição foi realizada certa madrugada até o singular ilhéu, mas com tanta infelicidade, que foi elle encontrado naquella dia inteiramente ermo de seus habituaes hospedes. Informaram então os naturaes que isso frequentemente acontece, em contraste com as occasiões em que toda a pedra está occupada pelas aves. Acredito que, aves migratorias que são, cheguem até nós em successivos bandos, os quaes acampam temporariamente em certas zonas de eleição onde transitoriamente residem até a proxima partida. A visita á corôa teria coincidido com algum intervallo entre as levas dos alados visitantes.

Numenius hudsonicus consta que tem sido encontrado no Brasil, afóra a Bahia, no Pará (Ilha de Marajó,

Cajutuba), Maranhão (Guimarães, Primeira Cruz,¹ Piauí, (Amarração, Ilha Grande). É ave pacífica que, quando ergue o vôo sobressaltada, desfere invariavelmente um assobio característico.

***Totanus melanoleucus* (Gmelin)**

Maçarico

Scolopax melanoleuca GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 659 (baseado no «Stone Snipe» de Pennant, Arct. Zool., II, p. 659: Labrador, Chateau Bay).

Totanus maculatus NEUWIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 727 (Viçosa: proximidades da Barra Velha, fins de Maio).

♀, Ilha da Madre de Deus (Rio do Suape), 22 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus (Suape), 30 de Janeiro de 1933.

♀, Corupéba (Costeiro das Ostras), 3 de Fevereiro de 1933.

♂, Corupéba (Costeiro das Ostras), 4 de Fevereiro de 1933.

♂, Corupéba, 9 de Fevereiro de 1933.

É a primeira vez, depois do príncipe Max. Neuwied que este grande Maçarico se registra na Bahia, de cujo Reconcavo deve ser, com certeza, visitante regular. A ave aparece entre nós no grande vôo migratório que emprende anualmente durante o inverno boreal á procura de climas mais amenos; alcança então a America Meridional até as latitudes mais extremas (Patagonia, Terra do Fogo), com occurrencias em todos os paizes sul-americanos, inclusive varios pontos do Brasil (Amazonas, Pará, Matto-Grosso, S. Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul), quer em aguas dôces, quer no littoral marítimo.

(1) O Museu Paulista possui dois exemplares d'esta procedencia.

(2) Deante das fundamentaes divergencias verificadas entre os autores modernos no modo de tratar o velho genero *Totanus* Bechstoin, prefiro acompanhar Wetmore (*Bull. Un. St. Nat. Mus.* n. 133, p. 151), que n'elle conserva as especies *melanoleucus* e *flavipes*. É ainda interessante notar que, enquanto Mathews separa estas duas especies respectivamente sob *Glottis* e *Iltornis*, Hartert reúne sob *Tringa* 13 especies, inclusive aquellas duas (Cf. *Voegel Palaearct. Fauna*, II, 1921, p. 1607).

Totanus flavipes (Gmelin)*Maçarico*

Scolopax flavipes GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 659 (baseado no «Yellow-Shank» de Pennant, Arct. Zool., II, p. 468: New-York).

Totanus flavipes NEUWIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 723 (sem local); Reiser, 1910, Denks. Lagôa da Bôca da Catinga de Cima).

♂, Corupeba, 26 de Janeiro de 1933.

♂, Corupeba (Costeiro das Ostras), 4 de Fevereiro de 1933.

♀, Costeiro das Ostras 4 de Fevereiro de 1933.

♂, Corupeba, 16 de Fevereiro de 1933.

♂, Corupeba, 16 de Fevereiro de 1933.

Embora tenha sua verdadeira patria nas regiões frias da America Septentrional (Quebec, Saskatchewan, Mackenzie, etc) nas suas migrações para o nosso hemispherio) deixa-se ficar por tempo indeterminado, como o prova o facto de poder este Maçarico ser observado entre nós nos diferentes mezes do anno. Sua presença tem sido registrada, além da Bahia, no Amazonas, no Pará, em Matto-Grosso, em S. Paulo, no Rio Grande do Sul.

Tringa solitaria solitaria Wilson*Maçarico*

Tringa solitaria WILSON, 1813, Amer. Orn., II, p. 730 (montes do Kentucky e New-York: localidade typica, por designação de Ridgway¹ — Montes Pocono, Pennsylvania).

Helodromas solitarius SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXIV, p. 444 (Bahia).

Totanus solitarius REISER, 1905, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 94 (Joazeiro; Rio Preto: Cantinho); idem, 1925, Op. cit., p. 226 (comment.).

(1) *The Birds of and Middle America*, VIII, J. 359 (*Bul. Un. St. Nat. Mus.* n. 50)

Tringa macroptera SPINX, 1824, Av. Bras., II, p. 76, tab. XCIII
(«in Provinciis Rio de Janeiro et Bahia»).

♀, Aratuhye, 11 de Novembro de 1932.

♀, Corupeba, 24 de Fevereiro de 1933.

Residente em todo o norte e léste da America Septentrional, este pequeno Maçarico d'alli emigra pelo inverno, em direcção ao sul, atravez dos Estados Unidos e Antilhas, avançando até quase toda a America do Sul, a Patagonia e a Terra do Fogo exceptuadas. Durante os mezes de verão é extremamente commum em S. Paulo e ocorre tambem provavelmente em todos os outros estados do Brasil, tanto em aguas dôces como na costa maritima.

***Actitis macularia* (Linnæus)**

Maçarico

Tringa macularia LINNÆUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, I, p. 249 (baseada no «Spotted Sandpiper» de Edwards: Philadelphia, Pennsylvania).

Tringoides macularia SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXIV, p. 468 (Bahia, Dr. Wucherer).

Actitis macularia REISER, 1925, Denks. Math.-Naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 227 (Rio Preto?)

sexo?, Rio Aratuhye, 15 de Novembro de 1932.

sexo?, Rio Aratuhye, 15 de Novembro de 1932.

Abandona pelo inverno sua zona de procreação nas terras arcticas e temperadas da America, emigrando para o sul, quando visita quase todos os paizes da America Meridional, inclusive muitos Estados do Brasil (Amazonas, Pará, Piahy, Pernambuco, Minas-Geraes, S. Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul).

Pisobia minutilla* (Vieillot)Maçarico*

Tringa minutilla VIEILLLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXXIV, p. 466 (Halifax loc. typ.).

Limonites minutilla SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXIV, p. 548 (Bahia); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXV, p. 95 (Joazeiro, Santa Rita do Rio Preto); idem, 1925, Op. cit., p. 228.

a. ♂, Madre de Deus (Suape), 24 de Janeiro de 1933.

b. ♂, Corupéba, 26 de Janeiro de 1933.

Especimen adicional: sexo? (n.º 8.577 do M. P.), Cidade da Barra, Outubro de 1913, Garbe.

Apparece entre nós nas mesmas circunstancias que a especie anterior, tendo sido igualmente registrada em varios estados do Brasil (Pará, Maranhão, Piauh, Matto-Grosso).

Os dois exemplares agora colligidos medem:

	aza	cauda	culmen	tarso	dedo medio
a. ♂	86 mm.	41 mm.	18 ½ mm.	19 mm.	20 mm.
b. ♂	89	39	18	19	20

Pisobia fuscicollis* (Vieillot)Maçarico*

Tringa fuscicollis VIEILLLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXXIV, p. 461 (baseada em «Chorlito pestorejo pardo» de Azara, Apuntam., n.º 401: Paraguay); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 91 (Barra do Rio Grande); idem, 1925, op. cit., p. 227.

a. ♀, ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 19 de Janeiro de 1933.

b. ♀, Corupeba, 26 de Janeiro de 1933.

c. sexo?, Madre de Deus, 24 de Janeiro.

d. ♀, Corupeba (perto de Madre de Deus), 26 de Janeiro.

e. sexo? Corupeba, 25 de Janeiro.

f. ♀, Madre de Deus, 2 de Fevereiro.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 8.576), Cidade da Barra, Outubro de 1913, E. Garbe coll.

Todos os exemplares colligidos no Reconcavo, á differença dos já existentes no Museu, assemelham-se exactamente no colorido da plumagem, em que as partes superiores são de um cinzento claro quise uniforme, sem nenhum vestigio de manchas, quer pretas, quer ferruginosas; as partes inferiores tambem divergem das dos nossos exemplares mais antigos por serem quase inteiramente alvas, exceptuado apenas o alto do peito, onde as penas são mais ou menos tingidas de cinza clara, sem nenhuma pinta preta distincta. Differem ainda os individuos da recente serie pelas suas dimensões menores, (aza com 100 mill. de comprim. em media) particularmente as do bico, que em nenhum excede a 22 millimetros, ao passo que elle attinge a 26 mill. n'uma ♀ de Cidade da Barra (n.º 8.575). A forma muito menos delgada do bico, e muito particularmente o notavel excesso de comprimento dos tarsos (22 a 23 mill.) sobre o dedo médio (20 mill.), caracter que ás vezes¹ tem valido a separação generica das duas especies, parece todavia justificar a sua determinação.

Exemplar	aza	cauda	culmen	tarso	dedo medio
a.	95 mm.	43 mm.	20 1/2 mm.	22 1/2 mm.	20 1/2 mm.
b.	102	42	23	22 1/2	21
c.	106	41 1/2	19 1/2	21 1/2	19 1/2
e.	93	41	18 1/2	21	20
d.	100	45	22 1/2	22	20 1/2
f.	95	37	22	22 1/2	21 1/2
N. 8576	117	48	22	24 1/2	22

Esta Maçarico apparece entre nós como ave de arribação e, além da Bahia, tem sido notificado em S. Paulo (Iguape), Santa Catharina (Blumenau) Rio Grande do Sul, Matto-Grosso (Rio Guaporé), Amazonas (Rio Negro) Pará (Rio Tocantins) e Maranhão.

(1) Cf. Sharpe, *Catal. Birds Brit. Mus.*, XXIV, p. 520 (1896).

Capella paraguayae paraguayae (Vieillot)

Bico-rasteiro, Agachadeira, Agachada, Batuíra, Rasga-mortalha, Narceja

Scolopax paraguayae VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., III, p. 356 (baseada em «Becassina secunda» de Azara, Apuntam., n.º 388: Paraguay).

Gallinago paraguayae REISER, 1905, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 95 (Alagoinhas, Joazeiro); idem, 1925, Op. cit., p. 229 (accresc.: Cidade da Barra).

Scolopax frenata NEUWIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 712 («in allen von mir bereits'ten brasilianischen Gegenden gefunden»).

Gallinago frenata SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXIV, p. 646 (Bahia).

Capella paraguayae paraguayae HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ. Zool., XII, p. 496 (Rio Preto: S. Marcello).

♂, Corupeba (proximo á ilha de Madre de Deus), 21 de Janeiro de 1933.

Especimens adicionais: ♂ (n.º 8.574 do M. P.), Cidade da Barra, Setembro de 1913, Garbe; ♀ (n.º 8.573 do M. P.), Cidade da Barra, Setembro de 1913, Garbe coll.

Esta subespecie, cujo verdadeiro nome, segundo alguns autores como Wetmore,¹ seria *C. p. brazilensis* (Swainson) procria em todas as zonas da America temperada e quente, desde o norte da Argentina (Buenos Aires, Tucuman, etc.) e o Paraguay até a Colombia e as Guianas, inclusive todo Brasil, onde tem sido assignalada na maioria dos estados (Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Goyaz, Mato-Grosso).

E' todavia ave de arribação que geralmente só frequenta cada zona em determinadas épocas do anno. De vôo extremamente veloz e incerto, atiral-a quando em movimento é proeza difficil que só os virtuosos da espin-

(1) Bull. Un. H. Nat. Mus., n.º 133, pp. 161-162, 1926.

garda praticam com successo. Nas noites enluradas costuma entreter-se descrevendo no espaço céleres parabolas, ouvindo-se-lhe então um ruido guttural, muito característico, de onde a phantasia popular tirou o nome funesto de *Rasga-mortalha* que em certos logares lhes dão.

Familia JACANIDAE

*Jacana spinosa*¹ *Jacana* (Linnaeus)

Marrequinha, Piaçoca, Jassanã

Parra Jacana LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a I, p. 259 («*Ameria australis*» = Surinam por designação de Berlepsch & Hartert);² WIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 786 (sem localid.: «der gemeinste Sumpfoegel in den von mir bercis'sten Gegenden von Brasilien»).

Jacana jacana SHARPE, 1896, Cat. Birds Brit. Mus., XXIV, p. 82 (Bahia, *Dr. Wucherer*); REISER, 1910, Denkschr. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 95 (Cidade do Salvador: Cabula; Rio Grande: Lagôa do Boqueirão; Rio Preto: Santa Rita).

♂, Rio Gongogy, 7 de Dezembro de 1933.

♀, Rio Gongogy, 8 de Dezembro de 1933.

♂, Rio Gongogy, 9 de Dezembro de 1933.

♂, Cahype, 14 de Fevereiro de 1933.

(1) Para os que obedecem o actual Codigo Intern. de Nomencl. Zoologica o consequentemente tomam a 10.^a edição do *Systema Naturae* como ponto de partida, o nome a adoptar para a especie é, conforme demonstrou Hellmayr (*Fiehl Mus. Publ. Zool.*, XII, p. 489, in nota) *Fulica spinosa* Lin., 1758 (*Syst. Nat.*, 10.^a ed., I, p. 152: baseada em «The Spur-winged Water Hen» de Edwards) em vez do *Parra jacana* Lin., 1766.

(2) Cf. *Novit. Zool.* 1902, IX, p. 129. Não quero discutir neste momento a questão da propriedade do *Parra jacana* para nome da raça brasileira. O nome linneano apoia-se em citações varias que o tornam um composto difficil de tratar, tanto mais quanto certos autores citados por Linneu, como Brisson (*Orn.* V, p. 125), tinham já sob consideração aves diferentes. Como n'outros casos, seria para desejar que manifestasse aqui sua opinião a Comissão Intern. de Nomencl. Zoologica.

Pode-se ainda hoje afirmar com o príncipe Neuwied que é a Piaçoca a mais commum e encontradiça das nossas aves palustres, na Bahia pelo menos. Como tive ensejo de referir em outro trabalho (Cf. *Rev. Mus. Paul.* XVII, 2.^a parte, p. 714) a plumagem d'esta ave é sujeita a curiosas variações, cujo condicionamento não me parece sufficientemente esclarecido.

Ordem ARDEIFORMES

Familia ARDEIDAE

Nyctanassa violacea violacea (Linnaeus)

Sabacú (ou Savacú) de corôa

Ardea violacea LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., ed. 10.^a, I, p. 143 (baseada em «The Crested Bittern» de Catesby: Carolina).

Ardea cayennensis NEUWIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 652 (foz do Rio Pardo, Barra do Poxi, Rio Comandatuba).

Nyctanassa violacea SHARPE, 1893, Cat. Birds Brit. Mus., XXVI, p. 130 (Bahia, Dr. Wucherer).

♂, Ilha de Madre de Deus (Mangues do Suape), 20 de Fevereiro de 1933.

Este grande Socó, que no Baixo Amazonas (Marajó) é conhecido vulgarmente, segundo Goeldi,¹ por *Matirão*, e ao norte do Amazonas (Rio Uraricuera, cabeceiras do Rio Branco) por *Tamatião*,² goza na zona do Reconcavo bahiano por mim visitada, da designação popular de *Sabacú de corôa*. O uso, aliás muito regional, d'este nome, não deixa de ser facto curioso na onomastica vulgar, sabido como é ser o termo francez «*Savacou*» usual para o nosso Colhereiro, tambem existente na Guiana.

(1) *As Aves do Brasil* 1894, p. 528.

(2) Cf. Shattuck, 1926, *Medical Rep. of Hamilton Rice Exped. Amaz.*, p. 280.

Os habitos d'esta especie são estritamente nocturnos, como sóe acontecer nas garças do seu grupo; durante o dia mantêm-se escondidos no mais denso dos mangues, ouvindo-se-lhe apenas de quando em quando, si sobresaltados, um grasnido alto e característico. Si á noite desenvolvem actividade, correndo a orla do mangue, á busca de crustaceos e animaes marinhos outros, momento em que se mostra extraordinariamente experto e diligente.

Em noites de luar, quando a vasante lhes faculta deixar o cerrado dos mangues e apparecer em céu aberto, não é muito difficil atiral-os, com a condição de possuir uma bôa vista. Mais custoso todavia é n'aquellas circumstancias encontrar o exemplar ferido; elle raramente morre no logar, conseguindo quase sempre alcançar n'um ultimo alento os mangues, onde se embrenha. Por isto, de tres individuos mortos n'aquellas circumstancias, apenas um logrou ser encontrado, a tempo de ser aproveitado; dos outros só se lhes viu mais tarde o cadaver semi-devorado pelos siris. A especie existe desde o sul dos Estados-Unidos (Carolina do Sul, Texas, etc.), a America Central e as Antilhas até a Venezuela, as Guianas, o Equador e grande parte do Brasil (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa Catharina).

***Butorides striata* (Linnaeus)**

Anna-velha (Reconcavo), *Socózinho*, *Maria-molle*

Ardea striata LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., ed. 10^a, I, p. 144 (Surinam).

Ardea virescens NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 95 (Rio Itahype, ao norte de Ilhéos).

Butorides striata SHARPE, 1898, Cat. Birds Brit. Mus., XXVI, p. 175 (Bahia, Dr. Wucherer); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 93 (Cidade do Salvador: Rio Vermelho; Rio S. Francisco: Joazeiro, Barra do Rio Grande).

- ♀, Rio Aratuhype, 15 de Novembro de 1932.
♀, Rio Aratuhype, 16 de Novembro de 1932.
♀, Rio Aratuhype, 16 de Novembro de 1932.
♀, Rio Gongogy, 8 de Dezembro de 1932.
sexo?, Rio Gongogy, 9 de Dezembro de 1932.
sexo?, Reconcavo (Ilha da Bimbarra), 25 de Janeiro de 1933.
♂, Ilha de Madre de Deus (Suape) 21 de Janeiro de 1933.
♀, Ilha de Madre de Deus, 26 de Janeiro de 1933.
♀, I. de Madre de Deus (Mangues do Suape), 30 de Janeiro de 1933.
♀, I. de Madre de Deus (Suape), 10 de Fevereiro de 1933.
♂, Corupéba, 12 de Fevereiro de 1933.
♀, Madre de Deus, 13 de Fevereiro de 1933.
♀, Corupéba, 24 de Fevereiro de 1933.
Especimen adicional: ♂ (n.º 7.437 do M. P.), Cidade da Barra, Janeiro de 1908, E. Garbe coll.

Este pequeno Socó, conhecido na Ilha de Madre de Deus e immediações pelo nome de Anna-velha, é das aves mais communs em todos os mangues de rios e nas praias lodosas do Reconcavo. Sua plumagem é sujeita ás mais desconcertantes variações de aspecto e colorido, corsoante a idade da ave, motivo pelo qual certos individuos têm sido ás vezes atribuidos a uma especie vizinha (*B. virescens*), propria da America do Norte. Sharpe, no Catalogo do Museu Britanico, dá uma descripção assaz fallia d'esta especie, limitando-se quase que tão somente a comparal-a a *B. atricapilla*, exclusiva da Africa. Nos individuos muito jovens não se verifica a côr cinzenta ardosiada que caracteriza o colorido geral dos exemplares em plena maturidade; as partes superiores são antes pardas, com lustro verde mais ou menos accentuado no dorso e nas grandes coberteiras superiores das azas, que têm, alem disso, a extremidade e os bordos fortemente tingidos de canella ou de ferrugem; o alto da cabeça é verde-pardacento, com as pennas marcadas de ferrugem na linha média; as partes inferiores são fortemente marcadas de manchas

longitudinaes pardo-escuras, mais ou menos misturadas de tons côr de cannela; as remiges primarias e coberteiras correspondentes são cinzento-escuras, com uma mancha branca na parte terminal. Nas aves mais avançadas em crescimento accentuam-se os tons verdes, tanto no pileo, verde-negro, como no dorso, onde pouco e pouco dominarão os matizes côr de cinza ou ardosiados; na face inferior desaparecem quase por inteiro as manchas pardo-escuras, surgindo no pescoço os tons intensos de cannela ou de ferrugem, fortemente destacados sobre o fundo branco, enquanto o abdômem adquire colorido cinzento, mais ou menos uniforme, sem as manchas longitudinaes do jôvem. Nos individuos completamente crescidos o pileo ennegrece cada vez mais, perdendo o lustro verde quase completamente, ao mesmo tempo que a plumagem se torna de um cinzento claro, apenas as coberteiras das azas conservando a orla clara ou acannelada, e lustro verde apreciavel.

Este Socózinho vive em todas as zonas da America Meridional tropical e sub-tropical (Guianas, Venezuela, Colombia, Equador, Perú, Bolivia, norte da Argentina) e é conhecida em todos os estados do Brasil. Wetmore¹ separou as aves da parte meridional do continente sul-americano, sob a allegação de que teriam o abdômem mais pallido e mais acinzentado, revivendo para ellas o velho nome *Ardea cyanura* Vieillot;² mas é desnecessario frizar quão problematico deve ser o valor d'estas differenças, n'uma ave de tal forma sujeita a variações individuaes. E' este tambem o parecer de Hellmayr.³

(1) Bull. Un. St. Nat. Mus. 1926

(2) Nouv. Dict. d'Hist. Nat., 1817, XIV, p. 421 (baseada em azara: Paraguay).

(3) Field Mus. Zool., XII, p. 487, 1929.

***Ixobrychus*¹ *exilis erythromelas* (Vieillot)**

*Ardea erythromelas*² VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XIV, p. 422 (baseada na «Garza roxa y negro» de Azara, Apuntam., n.º 360: Paraguay).

Ardetta erythromelas SHARPE, 1898, Cat. Birds Brit. Mus., XXVI, p. 234 (Bahia, Dr. Wucherer).

D'esta linda Garça vermelha, das menores que temos, trouxe eu apenas a aza de um exemplar inutilizado por um tiro infeliz. Obtive-o a 14 de Fevereiro, na lagôa pantanosa e cerrada de vegetação, conhecida pelo nome de Tanque do Cahype, a cerca de meia legua da Ilha de Madre de Deus.

A especie que existe das Guianas á Argentina, parece antes rara no Brasil, onde foi pela primeira vez verificada no Rio de Janeiro pelo príncipe Neuwied,³ em circumstancias analogas áquellas em que tambem fui encontrá-la. E' ainda conhecida do Amazonas (Barra do Rio Negro), Pará (Ilha de Marajó, Monte Alegre), Maranhão (S. Bento), de Goyaz (Rio Araguaia) e de S. Paulo (Iguape).

(1) *Ixobrychus* Billberg, 1828 (*Syn. Faun. Scand.*, I, p. 166: Typo por designação de Stone, 1907 — *Ardea minuta* Lin.) tem prioridade sobre *Ardetta* Gray, 1842 (*List of Birds, Append.*, p. 13: Typo, por design. original — *Ardea minuta* Lin.)

(2) Escripito *erythromelas*, por evidente erro typographico.

(3) *Beitr. zur Naturges. Bras.*, IV Bd., II Abt., p. 625 ("in den weit ausgedehnten Rohrgelaegen erlegt, welche den Rio Braganza bedecken, ein Gewaesser, welches von den Campos der Goyatacazes ausgeht, und in die Lagoa Feia mündet").

Ordem PELECANIFORMES

Familia PHALACROCORACIDAE

Phalacrocorax olivaceus olivaceus (Humboldt)*Pata d'agua, Biguá, Corvo marinho*

Pelecanus olivaceus HUMBOLDT,¹ 1805, Réc. d'Obs. Zool. et d'Anat. Comp., I, p. 47 (Colômbia: Rio Magdalena, perto de Banco).

Halius brasilianus NEUWIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 895 (sem localid.).

Phalacrocorax vigua Sharpe, 1898, Cat. Birds Brit. Mus., XXVI, p. 378 (Bahia); REISER, 1925, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 239 (Rio S. Francisco, perto de Sambaíba).

♂, Ilha de Madre de Deus (Engenho Velho), 26 de Janeiro de 1933.

♂, Corupeba (Costeiro das Ostras), 3 de Fevereiro de 1933.

O Biguá parece hospede habitual do Rio do Suape² e da costa continental, do Cahype á Corupeba. Exerciam atracção sobre elles os pescueiros ou *gambôas*, certamente por causa de affluxo de peixe que ellas motivam.

Familia ANHINGIDAE

Anhinga anhinga (Linnæus)

Plotus Anhinga LINNÆUS 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, I, p. 218 (baseado na «Anhinga» de Marcgrave: nordeste do Brasil, local. typica Pernambuco); NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 900 (Rio Belmonte e Itahipe).

Plotus melanogaster Neuwick, 1821, Reise nach Bras., II, p. 93 (Rio Itahipe).

(1) Richmond (*Proc. Biol. Soc. Wash.*, XXXIX, p. 142, 1926) chamou a attenção para o nome de Humboldt, condemnando á synonymia *Hydrocorax vigua* Vieillot o *Halius brasilianus* Lichtenstein.

(2) Nomo dado ao estreito braço do mar que sopara a Ilha de Madre de Deus da terra firme (Corupeba e Sto. Estovam).

Plotus anhinga REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 97 (Rio S. Francisco: ilha perto de Sambaíba); *idem*, 1925, Op. cit., p. 239 (crit., etc.).

sexo?, Rio Gongogy (confluência com o Rio Novo), 24 de Dezembro de 1932.

Não pude saber de que nome gosa actualmente esta ave na Bahia, entre os naturaes. Ao tempo de Neuwied era ella conhecida por «Myuá», possivelmente hoje esquecido.

Sua area geographica estende-se do sul dos Estados-Unidos até a Argentina e o Chile, inclusive o Brasil, onde ocorre do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

Ordem ACCIPITRIFORMES

Familia FALCONIDAE

Micrastur ruficollis (Vieillot)

Gavião matteiro, Gavião caboré (em S. Paulo)

Sparvius ruficollis VIEILLOT, 1817, Nou. Dict. d'Hist. Nat., X, p. 322 («Amérique Méridionale» = Brasil, segundo Hellmayr, que examinou o typo no Museu de Paris: Rio de Janeiro, terra typica, por designação de Berlepsch & Hartert)¹.

Micrastur ruficollis SHARPE, 1874, Cat. Birds Brit. Mus., I, p. 78 (Bahia, Dr. Wucherer coll.); Ridgway, 1875, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad. p. 491 (Bahia); Hellmayr, 1921, Novit. Zool., XXVIII, p. 179, 180, *partim*? (Bahia).

Micrastur ruficollis jugularis GURNEY,² 1884, List Diurnal Birds of Prey, p. 118 (Bahia).

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 7 de Abril de 1933.

(1) Novit. Zool., 1898, XV, p. 290.

(2) Tanto Hellmayr (Nov. Zool., 1921, p. 179) como Sclater (*The Ibis*, 1918, p. 345) affirmam que *M. ruficollis jugularis* Gurney applica-so a individuos de verdadeiros *ruficollis* em phase plumbea; fica assim subentendida a presença de tons ferrugineos residuaes nos exemplares em que baseou Gurney sua nova especie.

Comparado com as aves de S. Paulo, o exemplar do Rio Jucurucú mostra as partes superiores muito menos ferruginosas, antes pardo-acinzentadas, com banho rufecente no alto do dorso e nas coberteiras das azas; o colorido ferrugineo é todavia bastante intenso no alto do peito, em cujos limites com a base do pescoço vê-se uma cinta semilunar de penas claras, signal de maturidade incompleta. A cauda, cintada de cinco faixas brancas, a terminal inclusa, é mais longa do que a aza, e mede 175 mm. ao passo que a ultima tem apenas 166 mm. Todo o peito e a parte alta do abdômem é listada de faixas pardo-escuras, espaçadas approximadamente de meio centimetro, medianamente largas; a parte central do baixo ventre é branca immaculada, mas as côxas e o crisso são listados como o peito. Todos os caracteres portanto de legitimo *ruficollis*, com tendencia para a chamada phase plumbea, a qual, segundo informa Sclater (Op. cit. p. 346) apresenta na Bahia todos os estagios intermediarios, «but all retain some traces of rufous on the throat and chest». Esta particularidade é importantissima no fornecer um elemento certo de diagnostico com *gilvicollis*, em que qualquer tinta ruiva absolutamente não existe.

A existencia, agora demonstrada, de *gilvicollis* em plena area de *ruficollis*, impede-me de acompanhar Sclater e Hellmayr, quando as considera variedades geographicas de uma e mesma especie, e lhes applica por isso denominação trinominal.

***Micrastur gilvicollis* (Vieillot)**

Sparvius gilvicollis VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., X, p. 323 (sem local.: terra typica, por designação de Hellmayr¹ Cayena).

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 20 de Março de 1933.
Especimen addicional: ♂ (n.º 11.864 do M. P.), Itabuna, Junho de 1919, E. Garbe coll.

(1) Cf. *Novit. Zool.*, 1910, XVII, p. 410.

O exemplar que consegui caçar agora no Rio Jucurucú não apresenta em parte alguma de sua plumagem o mais leve indicio de colorido ferruginoso e concorda rigorosamente com a descrição do exemplar typico de *Micrastur gilvicollis* dada por Hellmayr: ¹ «Throat greyish; foreneck and chest closely barred with dark grey and white, without the slightest trace of rufous; belly and under-tail coverts white, with narrower dusky bars, becoming evanescent on the longer crissal feathers; the upper parts plain dark slate grey; the tail with three white cross-bands, the terminal one included; axillaries and under-wing coverts white, only the exterior carpal coverts finely vermiculated with dusky; bill dark brown (bleached), base of lower mandible dull yellow; outer and inter toe equal in length». A mesma coisa se verifica com o exemplar de Itabuna, caçado em 1919 por Garbe, de modo que, si o Prof. Hellmayr tivesse occasião de examinal-os certamente não manteria a sua opinião de que «*M. gilvicollis* is peculiar to, and the only species of the genus found in, the great Amazonian forest region», e que «alls records of *M. gilvicollis* from outside this area are due to erroneous identification of some allied species, or else the localities are unreliable».

Não menos decisiva do que a descrição de Hellmayr é a comparação dos dois exemplares bahianos supra-nomeados com um ♂ adulto (n.º 3673 do M. P.) colleccionado outra no Rio Juruá por E. Garbe, portanto em região tipicamente pertencente á especie *gilvicollis*. A ave amazonense, apesar de achar-se em exposição ha muitos annos, em nada differe das aves bahianas, assim nos caracteres de colorido da plumagem, como no que se refere ao numero e aspecto das faixas brancas das rectrizes. Em todas é caracter commum e importante o comprimento constantemente maior da aza em re-

(1) Hellmayr, 1921, *Novit. Zool.*, XXVIII, p. 179.

lação á cauda, facto que bem observado por Ridgway,¹ serviu de elemento diagnostico para o seu *M. concentricus*, assim mero synonymo de *gilvicollis*, como já o affirmara Hellmayr.²

De tudo isso conclúo que é impossivel deixar-se de reconhecer nos exemplares da Bahia aqui em discussão, a mesma ave amazonica para a qual todos os ornithologos modernos estão de accordo em applicar o nome de *Microstus gilvicollis*; a area d'esta especie consequentemente estende-se muito mais para leste e para o sul, alcançando a parte meridional do estado da Bahia, onde a grande matta terá talvez bastantes pontos de semelhança com a selva amazonica, para lhe offerecer habitat adequado.

Eis as medidas de aza e cauda nos tres exemplares alludidos:

	aza	cauda
♂, (n. 3.673 do M. Paulista), Rio Juruá, 1908	174mm.	146mm
♂, (n. 11.156 do M. Paulista), Itabuna, 1919	178	142
♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 1933	186	156

***Geranospiza caerulescens gracilis* (Temminck)**

Gavião

Falco gracilis TEMMINCK, 1821, Nouv. Réc. de Pl. Color., pl. 91 («parties orientales du Brésil»).

Falco hemidactylus NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 97 (sem localidade precisa).

Geranospizias gracilis REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 89 (Rio Grande: Fazenda da Serra, e Faz. do Estreito; Rio Preto: acima da Faz. Ingazeira); idem, 1925, Op. cit., p. 202.

Geranospiza caerulescens gracilis HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool. ser., XII, p. 457 (Lamarão).

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 24 de Março de 1933

♀, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 24 de Março de 1933

(1) Nov. Zool., 1921, p. 179.

(2) Proc. Acad. Nat. Sci. Phidad., 1875, p. 496.

Consegui abater o casal d'este Gavião valendo-me do velho stratagemma de attrahil-os imitando o chiado de um passaro ferido, cousa que se consegue facilmente aspirando o ar com os labios de encontro ao dorso de uma das mãos. No alto da matta espessa a presença das aves trahia-se-me apenas pelo pio com que se correspondiam de instante a instante. Mal que comeci a illudil-os com a perspectiva de uma presa facil, vi agitarem-se as folhas de certo ramo onde o primeiro acabava de se empoleirar; fazel-o descer com um tiro foi obra de um segundo. Instantes após repetia o companheiro o mesmo apello e eu conseguia pôr em pratica, com egual felicidade, o mesmo artificio.

Em divergencia com Hellmayr, cujo proceder acompanyo, Wetmore e outros preferem considerar *Geranospiza gracilis* especie autonoma, em virtude de não serem conhecidas especimens de transição entre esta e a forma typica, peculiar á bacia do Orenoco e ao norte do Amazonas. De qualquer sorte, *G. gracilis* estende o seu territorio da margem direita do Amazonas ao Paraguay e ao norte da Argentina, inclusive a maior parte do Brasil (Pará, Maranhão, Piauhy, Bahia, Espirito Santo, Minas-Geraes, S. Paulo, Matto-Grosso, Rio Grande do Sul).

***Parabuteo unicinctus unicinctus* (Temminck)**

Falco unicinctus TEMMINCK, 1824, Nouv. Réc. de Pl. Color. d'Ois., pl. 313 (Bôa-Vista, ao sudoeste de Minas-Geraes, sobre o Rio Parahyba: typo no Museu de Paris, coll. Saint-Hilaire, teste Hellmayr).¹

Erythrocnema unicincta SHARPE, 1874, Cat. Birds Brit. Mus., I, p. 85 (Bahia, Wucherer coll.).

♀ ad., Corupeba (perto da Ilha de Madre de Deus), 16 de Dezembro de 1933.

Este grande Gavião, cuja area geographica se estende atravez de quase toda America Meridional, desde

(1) Cf. *Nov. Zool.*, 1921, XXVIII, p. 184.

a Venezuela e as Guianas até o Paraguay e o norte da Argentina, tem sido verificado em varios Estados do Brasil (Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Matto-Grosso) sem que pareça todavia muito commum em nenhum d'elles. Na Bahia sua occurrencia é desde muito tempo conhecida pelo exemplar remettido para a Europa por Wucherer; não ha referencias sobre a ave na Amazonia e quanto ao nordeste do Brasil, parece que a unica observação até hoje registrada é a de um exemplar do Maranhão (Bóavista), comprado pelo Mus. Paulista a Schwanda. Pelo menos, a especie não vem mencionada na magistral revisão, que Hellmayr¹ consagrou á avi-fauna daquela zona.

***Rupornis magnirostris nattereri* (Sclater & Salvin)**

Gavião carijó (S. Paulo)

Asturina nattereri SCLATER & SALVIN, 1869, Proc. Zool. Soc. London, p. 132 (sem indicação de typo: Bahia, *terra typica* por proposta de Hellmayr).²

Falco magnirostris SPIN, 1824 (nec Gmelin, 1788), Av. Bras., I, p. 18 — descr. de uma ♀ juv. ³ («in provincia Piauhy, Bahia, etc.»); NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 102. *partim* («in allen vom mir bereisten Gegenden von Brasilien der gemeinst Raubvogel»: restrinja-se á Bahia).

Asturina magnirostris SHARPE, 1874, Cat. Birds Brit. Mus., I, p. 207, *partim* (Bahia, *Dr. Wucherer coll.*).

Rupornis nattereri REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 89 (Serra da Soledade, Barra do Rio Grande, Fazenda da Serra e Lagoa do Boqueirão, no Rio Grande).

Rupornis magnirostris nattereri REISER, 1925, Denks. Math.-naturw. Wiss. Wien, LXXVI, p. 203 (ement., distrib., etc.); HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool., XII, p. 460 (Cidade do Salvador, Serra da Soledade e mais local. referidas a proposito de Reiser).

(1) Cf. *Field Mus. Publ., Zool.*, XII, 1929, pp. 235 a 501.

(2) *Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. München*, II Kl., XXII, p. 573, 1906.

(3) Cf. Hellmayr, Op. cit. A ave adulta foi por Spix descripta aparte sob o nome *F. insectivorus*.

♀ adulta, Rio Gongogy, 15 de Dezembro de 1932.

♀ juv., Ilha de Madre de Deus, 5 de Fevereiro de 1933.

Especimens adicionais: ♂ ad. (n.º 10.157 do M. P.), Belmonte, Agosto de 1919, Garbe; ♀ immat. (n.º 7421 do M. P.), Bomfim, Julho de 1908, Garbe; ♀ immat. (n.º 7443 do M. P.), Bomfim, Fevereiro de 1908.

A raça *nattereri*, intermediaria em tamanho e attributos de plumagem a *R. m. magnirostris* da Amazonia e *R. m. magniplumis* do sul do Brasil, offerece difficuldades serias ao ornithologo. No que respeita ao colorido da plumagem, as aves adultas da Bahia têm de ordinario as partes superiores bem menos escuras do que as de S. Paulo e Paraná, tirantes a cinza, embora estejam ainda muito longe do colorido francamente acinzentado das aves do Pará e muitas do Maranhão.¹ Já os individuos juvenis, ou de maturidade incompleta, não offerecem differença sensivel, pelo menos em relação á forma *magniplumis*. Em todas as partes superiores têm a mesma côr parda, com abundante mescla de branco no alto da cabeça e do dorso. Com referencia ás dimensões, vão estas crescendo gradativamente das aves do norte para as do sul, occupando *nattereri* posição francamente intermediaria. Dou abaixo o quadro das dimensões obtidas na serie de que disponho:

Rupornis magnirostris magnirostris

	aza	cauda	culmen
n. 10.134, ♂ ad., Pará (Santarém)	209 mm.	149 mm.	26 mm.

(1) Mas é mister chamar a attenção para o facto paradoxal de apresentarem os nossos exemplares do sul da Bahia (ns. 10.157 e 13.977) muito mais semelhança de plumagem com as aves do Maranhão do que os da catinga do norte do estado (ns. 7421 e 7443), um dos quaes é impossivel distinguir dos de S. Paulo. Tambem no Maranhão as variedades *magnirostris* e *nattereri* confundem as suas respectivas areas, de modo que, embora domine alli a forma *nattereri*, exemplos ha, como reconheço Hellmayr, impossiveis de distinguir das aves typicas da Amazonia. Está p. ex. neste caso um ♂ ad. de Primeira Cruz (n. 6.679 do M. P.) caçado em Julho de 1906 por Schwanda.

Rupornis magnirostris nattereri

	aza	cauda	culmen
n. 6.679, ♂ ad., Maranhão (Primeira Cruz)	208mm.	149mm.	25mm.
n. 6.678, ♀ juv., Maranhão	201	451	25
n. 10.157, ♂ ad., Bahia (Belmonte)	217	152	24
n. 13.977, ♀ ad., Bahia (Rio Gongogy)	225	152	26
n. 7.443, ♀ immat., Bahia (Bomfim)	216	160	25
n. 7.421, ♀ immat., Bahia (Bomfim)	228	160	25

Rupornis magnirostris magniplumis

n. 1.255, ♀ ad., S. Paulo (Jaboticabal)	229	162	27
n. 1.849, ♀ imat., Paraná (Jacarezinho)	232	167	26½
n. 9.090, ♀ imat., Rio Grande do Sul	231	173	24
n. 10.350, ♀ ad., Minas (Rio Matipós)	237	165	25
n. 1.647, ♂ juv., S. Paulo (Rincão)	205	157	22
n. 12.354, ♂ ad., Matto-Grosso (Coxim) ¹	218	161	25
n. 13.067, ♂ ad., Matto-Grosso (Coxim)	225	155	27
n. 3.194, sexo?, im., Parag. (Puerto Bertoni)	241	170	27

Leucopternis polionota Kaup*Gavião pomba*

Leucopternis polionota KAUP (ex Gray),² 1847, Isis, p. 212
(Brasil: Estado de S. Paulo — typo no Brit. Mus., *fide* Swann).

♀, Rio Jucurucú (Braço do Sul, proximidades da Cachoeira Grande), 4 de Abril de 1833; oferecido ao Museu Paulista pelo Snr. João de Sant'Anna.

Este Gavião, que só existe no Brasil e parece ainda raro nas collecções, é agora notificado na Bahia pela primeira vez, constituindo provavelmente o Rio Jucurucú o ponto mais septentrional em que já foi encontrado. O Museu Paulista possui tres exemplares de Marianna, no

(1) Em Matto Grosso e no oeste do Paraguay differencia-se ainda uma outra raça que se caracteriza pela cor ferruginosa rectrizes, pelo menos na sua base. Desta raça (*L. m. superciliaris*, Vieillot) temos exemplares de Curumbá, e uma ♀ do Aquidauana, que inadvertidamente, em trabalho anterior (*Rev. Mus. Paul.* XVII, 2.^a parte, p. 720), referi a *magniplumis*.

(2) *Buteo polionotus* Gray, 1844 (*Cat. Accip. of Brit. Mus.*, p. 17), *nomen nudum*.

sul de Minas, e accusam os autores sua presença também no Rio de Janeiro. Natterer obteve-o em S. Paulo (Ipanema) e d'esta procedencia é egualmente o exemplar typico, segundo o testemunho de Swann, que o examinou no Museu Britannico. Conhecem-se ainda individuos de Santa Catharina (Blumenau)¹ e Rio Grande do Sul.²

O exemplar agora trazido foi caçado pelo Snr. João de Sant'Anna, preto morador no alto Jucurucú, que d'elle fez presente ao Museu Paulista.

***Elanoides forficatus yetapa* Vieillot**

Gavião-thezoura

Elanoides yetapa VIEILLOT, 1823, Tabl. Encycl. Méth., Orn., III, p. 1205 (baseado em Azara, Apuntam., n.º 38: Paraguay).

Falco Yetapa NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 141 (Mucuri, Caravellas, Ilhéos).

♀, Rio Gongogy, 27 de Dezembro de 1932.

O Gavião-thezoura, que existe em quase toda America, desde o Dominio do Canadá até a Republica Argentina (Misiones), considera-se actualmente representado por duas raças, das quaes uma tem o Brasil incluído em sua vasta area geographica, extendida a partir da America Central (Costa-Rica) e da Colombia. Em nosso paiz sua occurencia tem sido notificada praticamente em todos os estados maritimos e centraes.

Durante a ultima excursão, vi-os pela primeira vez nos altos da Serra do Palhão,³ em bandos de quatro ou mais aves, a descrever nas alturas magnificos circulos,

(1) Cf. H. Berlepsch: *Zur Ornith. der Provinz. Santa Catharina*, in *Journ. für Ornith.*, XXI, p. 291, 1873.

(2) H. von Ihering: *As Aves do Rio Grande do Sul*, p. 28 (1899).

(3) Segundo se deprehende do estudo dos mappas a Serra do Palhão deve ser um nome particular da Serra do Peri-peri, cujos massiços se erguem entre o Rio de Contas e seu affluente Gongogy.

ostentando em toda plenitude o vôo magestoso com que muito poucos rivalizarão.

Mais tarde, no Rio Gongogy, uma circumstancia feliz proporcionou-me o ensejo de observal-os bem de perto. A 4 de Abril, desde a manhã eram vistos em grande numero a voar nas immediações da margem oposta áquella em que estavamos acampados, como se algum motivo forte alli houvesse para attrahil-os, convidando-os a descer até ao nivel das arvores pouco alterosas da orla fluvial. Em suas magnificas parabolás, deixava-se cada qual, de quando em quando, rastejar até a fimbria das galhos, como a tirar qualquer cousa sem interromper o movimento. Claros que já eram os motivos de tal procedimento, tornaram-se evidentes depois de ser abatido um exemplar, verificando-se que seu estomago estava repleto de uma larva de lepidoptero, facto perfeitamente condicente com as observações feitas outorá pelo príncipe Neuwied sobre o regimen alimentar d'esta utilissima ave de rapina.

De seu intestino retirei tambem um grande Cestoide, cuja especie aguarda ainda determinação.

***Elanus leucurus* (Vieillot)**

Milvus leucurus VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XX, p. 563, err. 556 (baseado em «Alcon-blanc» de Azara, Apuntam., N.º 36: Paraguay).

Elanus leucurus SHARPE, 1874, Cat. Birds Brit. Mus., I, p. 339 (Bahia, Dr. Wucherer).

♂, Corupéba (perto da Ilha de Madre de Deus), 14 de Fevereiro de 1933.

Existe este bonito Gavião desde o sul dos Estados Unidos até o norte da Republica Argentina e o Chile. No Brasil onde não parece ser muito commum em parte alguma, tem sido verificado, além da Bahia de onde já (Wucherer tinha fornecido um exemplar ao Museu Britanico), no Amazonas (Rio Branco, Netterer coll.), Pará (Ilha de Marajó, Sneathlage), Minas-Geraes (Lagôa San-

ta, Lund) e S. Paulo (varias localidades, inclusive o Ypiranga, nos arredores da Capital).

Desde as nossas primeiras visitas á Corupeba que nos impressionou a presença constante de um pequeno Gavião branco, a esmiuçar das alturas todos os pontos do campo, na procura diligente de presa appetecida. De tempos a tempos exhibia aos nossos olhos, com maestria inegualada, a manobra que em linguagem commum se chama peneirar, permanecendo largos minutos no mesmo ponto do espaço, a bater as azas na medida estrictamente necessaria ao contrabalanço das forças do vento e da gravidade, sem avançar nem recuar e tampouco subir ou baixar.

Garbe tomou a peito desde logo adquirir um exemplar do curioso rapineiro, conseguindo-o afinal, não antes de muitas tentativas mallogradas. Mais tarde um outro individuo, provavelmente o companheiro do casal, escapou de ser morto de emboscada no momento exacto em que me distrahia, para buscar um pequeno passaro abatido n'aquelle instante sob a mesma arvore.

***Gampsonyx swainsonii swainsonii* Vigors**

Gaviãozinho

Gampsonyx Swainsonii VIGORS, 1825, Zool. Journ., II, p. 69 (Bahia, «ten miles w. s. w. of Bay of San Salvador»).

Gampsonyx swainsoni SHARPE, 1874, Cat. Birds Brit. Mus., I, p. 340 (Bahia, Dr. Wucherer coll.); IHERING & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 97 (Bahia); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 90 (Barra do Rio Grande; Estreito da Ursa, no Rio Preto); idem, 1925, Op. cit., p. 207 (crit. etc.).

Falco rufifrons NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 123 (Mucuri).

sexo?, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 19 de Dezembro de 1932.

(1) *Field Mus. Zool.*, XII, p. 457 (1929).

♀ ?, Corupeba (proximo á Ilha de Madre de Deus), 23 de Fevereiro de 1933.

Especimens adicionais: ♀ (n.º 7.611 do Mus. Paul.), Bomfim (antiga Villa-Nova), 1908, E. Garbe coll.; sexo? (n.º 7.610 do Mus. Paul.), Bomfim, 1908, Garbe.; ♂, (n.º 7.609 do M. P.), Joazeiro, Fevereiro de 1907, Garbe coll.; sexo? (2.397 do M. P.), «Bahia», comprado de Schlüter, 1898.

Hellmayr ¹ reputa duvidosas as raças propostas ultimamente para este pequenino Gavião. Admitte-se que a forma typica dilata o seu dominio geographico do leste do Perú ao norte da Argentina e ao Paraguay, inclusive as zonas de campo de grande numero de estados brasileiros (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Bahia, Espirito-Santo, Minas-Geraes, Matto-Grosso).

***Harpagus bidentatus bidentatus* (Latham)**

Gavião Queri-queri

Falco bidentatus LATHAM, 1790, Index Ornithologicus, I, p. 38 (Cayena); NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 132 (Rio Peruhype, perto de Viçosa).

♂, Rio Gongogy, 13 de Dezembro de 1932.

Especimen adicional: ♂ juv., Bomfim (antiga Villa-Nova), Junho de 1908, Garbe coll.

Este Gavião existe na Colombia, Venezuela, Perú, leste da Bolivia, Guianas e talvez em todos os estados do norte do Brasil (Amazonas, Pará, Maranhão, Bahia, Minas-Geraes, norte de Matto-Grosso).

***Cerchneis sparveria australis* (Ridgway)**

Gavião Queri-queri

Tinnunculus sparverius var. *australis* RIDGWAY, 1817, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad. for 1870 1870, p. 149 (novo nome para *Falco gracilis* Swainson, ¹ nec Lesson: «in the province Bahia»)

(1) *Anim. in Menagerie*, p. 281, Dec. 1837.

Cerchneis cinnamomina SHARPE, 1874, Cat. Birds Brit., I, p. 439 (Bahia, Dr. Wucherer coll.).

Cerchneis sparverius australis REISER, 1910, Denks., Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 91 (Carnaúba, ao sul de Joazeiro; Pau da Canôa, no Rio Preto); idem, 1925, Op. cit., p. 207.

Cerchneis sparveria australis HELLMAYR, 1929, Field Mus., Zool., XII, p. 454 (Rio Preto: S. Marcello).

♀, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 24 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy, 25 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy, 28 de Dezembro de 1932.

Especimen adicional: ♀ (n.º 7444 do M. P.), Cidade da Barra, Janeiro de 1908, E. Garbe.

Muito imperfeito é ainda o nosso conhecimento das raças sul-americanas de *Cerchneis sparveria*. Mesmo as duas mais correntemente admittidas offerecem difficuldades não ainda solucionadas, tanto no que respeita aos seus caracteres differenciaes, como no tocante ás areas geographicas respectivas. Wetmore,¹ que refere a *cinnamomina* as aves do norte da Argentina, diz que as brasileiras d'ella differem pelo menor tamanho (175 a 185 mm. de aza, em vez de 187 a 199 mm.), pela maior largura da faixa preta subterminal da cauda, pelas extremidades das rectrizes, brancacentas em vez de ferruginosas, etc. Já Swann não vê differenças entre os exemplares do norte da Argentina e os do Brasil, incluindo-os a todos na variedade *australis*, cujas dissemelhanças com *cinnamomina* só poderão assim ser averiguadas pela sua comparação com individuos provenientes do Chile, terra typica da ultima. E' que, segundo informa Hellmayr,² as duas raças se fazem insensivelmente transição, justamente ao nivel da região platina, onde as aves apresentam caracteres intermediarios.

C. s. cearae Cory³ baseado n'um unico exemplar de Quixadá, será com toda probabilidade, simples va-

(1) Bull. Un. S. Nat. Mus., n. 133, p. 101, 1926.

(2) Field Mus. Zool., XII, p. 454, 1929.

(3) Field Mus. Orn. 1, p. 318, in nota (1915).

riação individual de *C. s. australis*. Encarada desta forma, *C. s. australis* occupa na America Meridional extensa area, desde o leste do Pará e da Bolivia até o norte da Argentina (Cordoba, Tucuman, Buenos-Aires), o Paraguay e o Uruguay, atravez de quase todo Brasil (Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa-Catharina, Rio Grande do Sul, Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso).

Ordem STRIGIFORMES

Familia STRIGIDAE

Otus choliba decussatus (Lichtenstein)

Coruja

Strix decussata LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Mus. Ber., j. 59 (Bahia).

Scops brasilianus SHARPE, 1875, Cat. Birds Brit. Mus., II, p. 108 (Bahia, Dr. Wucherer coll.).

Pisorhina choliba decussata Reiser, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 91 (Rio Grande: «Pedra do Bordes»).

Otus choliba decussata HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool., XII, p. 405 (S. Amaro; S. Marcello, no Rio Preto).

♀, phase escura, Rio Gongogy, 18 de Dezembro de 1932.

♂, ph. ruiva, Madre de Deus, 23 de Janeiro de 1933.

♀, ph. ruiva, Madre de Deus, 22 de Janeiro de 1933.

♂, ph. ruiva, Madre de Deus, 30 de Janeiro de 1933.

Esta Coruja, chamada ainda ás vezes Caboré, é todavia bem maior do que este, e possui dos lados da cabeça os pennachos ou orelhas característicos; apresenta-se igualmente sob duas phases, uma pardo-escura e outra ruiva, sujeitas ambas a variações extremamente accentuadas no desenho e no tom, que tornam enormemente embaraçosa a caracterização das diferentes raças propostas para a especie. Sobre o assumpto tive ocasião

de estender-me em trabalho anterior.¹ Segundo Hellmayr *O. ch. decussata* é peculiar á Bahia, Minas e Goyaz.

***Pulsatrix perpicillata pulsatrix* (Neuwied)**

Corujão

Strix pulsatrix NEUWIED, 1820, Reise nach Bras., I, p. 366, in nota margin. (Rio Jequitinhonha: Ilha da Chave;² typo presentemente no Am. Mus. de New-York); idem, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 268 (Lagôa da Arara, perto do Rio Mucuri; Rio Belmonte).

Pulsatrix pulsatrix BERLEPSCH, 1901, Brit. Orn. Club, XII, p. 4-6, critica (Bahia).

juv., Rio Gongogy, 24 de Dezembro de 1932.

♂ im., Rio Jucurucú, Março de 1933.

Infelizmente nenhum dos dois exemplares colleccionados agora na Bahia representa a ave em sua maturidade. O primeiro é verdadeiramente um filhote, coberto ainda inteiramente da densa pennugem propria á phase juvenil, embora já possúa as remiges e rectrizes em franco desenvolvimento. Recebi-o de um fazendeiro que o obtivera casualmente por ocasião de ser abatida uma grande arvore em mattas de sua propriedade, nas margens do Rio Gongogy. Ao segundo, não obstante se approximarem as suas dimensões das definitivas, restam-lhe ainda no alto da cabeça, no mento e no crisso, grande parte da pennugem branca do periodo inicial; isso todavia não impede que se lhe reconheçam os futuros caracteres de colorido da plumagem, coincidentes com os da maioria dos exemplares de *P. pulsatrix* do sul do Brasil.

(1) *Rev. Mus. Paul.*, XVII, 2.^a parte, p. 723,

(2) Não ha como ter duvidas sobre a provincia do exemplar typico. uma vez que o principe Neuwied, durante toda sua viagem apenas colleccionou um exemplar na localidade mencionada, como precisamente informa (*Op. cit.* p. 365).

E' difficil e controvertida a questão das especies e raças sul americanas do genero *Pulsatrix*, de que no quadro abaixo procuro resumir, tão satisfatoriamente quanto possivel, a opinião dos autores, no que diz respeito ás formas que nos interessam:

- a) Dedos desnudados até proximo á base; coberteiras superiores das azas, mais ou menos marcadas de manchas mais claras, ocraceas (*P. melanonota*) b
- b) Tamanho relativamente menor; partes inferiores mais claras, amarello-creme ou palhete, cortadas de faixas transversaes pardo-escuras; lista superciliar igualmente mais clara (Perú, oeste do Amazonas?)
P. melanonota melanonota.
- bb) Tamanho maior; partes inferiores muito mais escuras, côr de canella ou ferrugem, sem vestigio de faixas transversaes; supercilios igualmente mais carregados, côr de canella (Sul do Brasil: Espirito-Santo, S. Paulo, Paraná)¹ *P. melanonota sharpei*.
- aa) Dedos emplumados cm quasi toda sua extensão; coberteiras das azas immaculadas (*P. pulsatrix*) c
- c) Tamanho menor; cabeça e alto do dorso muito mais escuros do que o resto das costas; partes inferiores mais claras, fulvcentes, ou côr de canella desmaiada (Paraná, Venezuela, leste do Equador, Bolivia, Guianas, Amazonia) *P. perspicillata perspicillata*.
- cc) Tamanho maior; partes superiores mais claras, uniformes em tom, ou apenas mais escuras na cabeça e no alto do dorso; partes inferiores de côr mais carregada, variando do canella claro ao ferrugineo intenso (leste do Brasil, da Bahia do Rio Grande do Sul) *P. perspicillata pulsatrix*.²

Com respeito ás diferenças entre *perspicillata* e *pulsatrix* resumidas no esquema de accordo com os estudos

(1) Cf. Hollmayr, 1915, *Verh. Orn. Gesell. Bayern*, XII, p. 158.

(2) Sigo Hollmayr no modo do encarar as relações das diferentes formas incluídas no eschoma; sobre o assumpto a opinião dos ornithologistas tom variado desde a separação de cada uma em especie autonoma com Borlepsch, até a coespecificidade de todas, com Ridgway (*Birds of North and Middle America*, VI, 1914, p. 755, in nota).

de Berlepsch,¹ o exame da serie do Museu Paulista suggerer reparos importantes. Assim é que somente dois exemplares (Santa-Catharina e Alto da Serra) se conformam exactamente com os elementos de diagnose de *pulsatrix*, mormente no que toca aos caracteres da plumagem, a saber o dorso muito mais claro, quase uniforme em tom com a cabeça, e as partes inferiores, ao contrario, muito mais carregadas do que em *perspicillata*, acaneladas escuras, ou ferrugineas. O exemplar de Santa Catharina, particularmente, representa um individuo completamente adulto, que se salienta pela côr clara de toda a superficie dorsal, pela ausencia de qualquer mancha frontal ou superciliar, e pela côr canella carregada do abdômen. Nos demais, que são maioria, não só a côr da superficie dorsal varia bastante, como muito principalmente a da plumagem ventral, ora canella clara ora apenas côr de palha ou cremea, como em *perspicillata*. O exemplar do Rio Jucurucú, com todas as probabilidades analogo as que o principe Neuwied obteve no Rio Belmonte, concorda com as aves sulinas de plumagem mais clara no ventre e de dorso mais carregado, menos uniforme, as quaes são typicamente *pulsatrix*, portanto. Quanto ás de Santa-Catharina e áquellas que lhe copiam os caracteres, poder-se-ia talvez tratar de uma variedade particular, a que restaria dar nome adequado.

A seguir dou as dimensões dos exemplares á minha disposição:

Pulsatrix melanonota sharpei

	aza	cauda	culmen	garra
n. 7.793, ♂ ? Theophilo Ottoni	193mm.	184mm.	?mm.	20mm.
n. 2.419, sexo ? Piracicaba	201	184	32	22
n. 2.420, ♀ ad. Piracicaba	205	191	33	24

(1) *Bull. Orn. Cl.*, XII, 1901, p. 4-6

Pulsatrix perspicillata perspicillata

n. 2.451, sexo ? Equador	232mm.	188mm.	41 $\frac{1}{2}$ mm.	24 $\frac{1}{2}$ mm.
n. 2.745, juv. ? Rio Juruá	207	183	40	23
n. 10.869, ♂, Rio Tapojoz	210	175	42	26

Pulsatrix perspicillata pulsatrix

n. 4.294, ♀ ad., Salto Grande	255mm.	219mm.	43mm.	28 $\frac{1}{2}$ mm.
n. 6.102, ♂ ad., Itapura	238	213	44	28
n. 8.470, ♀ ad., R. S. Franc. (Minas)	246	218	45	29
n. 4.552, ♀ ad., Goyaz (Ponte do Ipê Arcado)	243	205	39	27
♂ im., Rio Jucurucú (Bahia)	232	209	43	29

Pulsatrix perspicillata subsp.?

	aza	cauda	culmen	garra
n. 1.995, sexo ? Sta. Catharina	231mm.	204mm.	43mm.	28 mm.
n. 5.551, ♀ im., Alto da Serra (S. Paulo)	225	213	43	29 $\frac{1}{2}$,

Speotyto cunicularia grallaria (Temminck)*Coruja do campo*

Strix grallaria TEMMINCK, 1822, Nouv. Réc. de Pl. Color. d'Ois., 25.o livr., pl. 146 («Brésil»; Hellmayr¹ escolhe Faxina em S. Paulo para *terra typica*, do exemplar alli obtido por Natterer).

Strix cunicularia NEUWIED, 1821 (*nec* Molina), Reise nach Bras., II, p. 191 (Vallo, confins de Bahia e Minas, não longe do Rio Pardo), p. 344; idem, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 248 (descripc., etc.).

Speotyto cunicularia REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 91 (Joazeiro); idem, 1925, Op. cit., p. 210.

Speotyto cunicularia grallaria HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool. ser., XII, p. 405 (Bahia).

Speotyto cunicularia beckeri CORY, 1915, Field Mus. Nat. Hist. Publ. Orn. ser., I, p. 299 (Rio Preto: S. Marcello).

sexo?, Rio Gongogy (perto de Boa Nova), 9 de Dezembro de 1932.

(1) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 405, 1929.

A Coruja do campo, bem conhecida pela sua vida diurna e pelo habito de fazer seus ninhos em buracos do chão, como cóvas de tatú, etc., tem vasta distribuição na America, sendo encontrada desde a banda occidental dos Estados Unidos, o Mexico e as Antilhas até o Chile e a Argentina. Assume em tão dilatada zona diferenças mais ou menos notáveis, em que os ornithologos baseam numerosas subespecies. Com relação ao Brasil está provada a existencia de pelo menos duas raças, uma das quaes (*S. cun. minor* Cory)¹ de habitat restringido aos campos do alto Rio Branco, no Amazonas.

A separação das aves do Nordeste, propugnada por Cory poderá vir a achar apoio nos factos, uma vez que os exemplares da Bahia e do Maranhão possuem em média dimensões sensivelmente inferiores aos de Minas e sul do Brasil. A aza, que nos exemplares do norte mede sempre nos individuos machos menos de 170 mm., ao contrario do que se verifica nos do sul, tem no especimen do Rio Gongogy apenas 165 mm.

***Glaucidium brasilianum brasilianum* (Gmelin)**

Caboré

Strix brasiliana GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, pars I, p. 289 (baseado em «Le Hibou du Brésil» de Brisson² = «Cabure Brasiliensibus» de Marcgrave³ Nordeste de Brasil — Ceará, por sugestão de Hellmayr.⁴

Strix ferruginea NEUWIED, 1803, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 234 («sehr gemein in allen grossen brasilianischen Urwäldern»).

Glaucidium ferox SHARPE, 1875, Cat. Birds Brit. Mus., II, p. 200 (Bahia, Dr. Wucherer coll.).

(1) Poderá tratar-se talvez de *S. cun. brachyptera* Richmond, raça peculiar á Venezuella (Hellmayr).

(2) Brisson, 1760, *Ornith.*, I, p. 499.

(3) Marcgrave, 1648, *Hist. Nat. Bras.*, 212.

(4) Cf. Hellmayr, 1929, *Field Mus. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 407. Talvez o Pernambuco, zona em que fez Marcgrave a maior parte de suas observações, tivesse sido designação mais feliz.

Glaucidium brasilianum REISSER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 91 (Rio Preto: Bôca da Catiuga de Cima); idem, 1925, Op. cit., p. 210.

♂, phase ferruginea, Rio Gongogy (não longe de Bôa Nova), 9 de Dezembro de 1932.

♂, ph. parda, Rio Gongogy, 9 de Dezembro de 1932.

♀, ph. parda, Rio Gongogy, 9 de Dezembro de 1932.

♂, ph. ferr. Rio Gongogy (não longe do ponto em que recebe o Rio Novo), 26 de Dezembro de 1932.

♀, ph. parda, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 7 de Abril de 1933.

Especimens additionaes: sexo?, (n.º 2428 do M. P.), 1898, comprado de Schlüter; ♀ (n.º 10.027 do M. P.), Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.

O Caboré, como é sabido apresenta-se sob duas *phases* ou modalidades diversas de colorido de plumagem; ora pardo, ora côr de ferrugem, tons fundamentaes a que se allia o branco, em muito mais abundancia nas partes inferiores do que nas superiores, onde elle affecta o aspecto de manchas e salpicos. Os salpicos e as manchas brancas são muito mais destacadas e mais puras na phase parda, especialmente no que respeita á cauda, cortadas alli de faixas brancas nitidamente contrastadas pelo fundo escuro, emquanto que os individuos ruivos possuem a cauda inteiramente d'esta côr, apenas marcada de faixas escuras equidistantes. O principe Maximiliano, que suppôz tratar-se de duas especies distinctas descreveu uma phase sob *Strix ferruginea* e a outra como *St. passerinoides*.¹

O Caboré, de que *Gl. br. phalaenoides* (Daudin) é uma variedade peculiar ao extremo norte do nosso continente (Venezuela, Guianas), existe em todo Brasil (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Espírito-Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Rio Grande do

(1) *Beitr. Naturg., Bras.*, 1890, III, Bd., p. 239.

(2) *Ann. Zool. Mus. Polon.*, V, 1926, p. 126.

Sul, Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso) e ainda em varios paizes da America Meridional, como o Paraguay e o norte da Argentina. Autores como Sztolcman² admittem para as aves do sul do Brasil uma raça particular sob *Gl. ferox*; penso com Hellmayr não haver justificativa para tal procedimento.

Familia TYTONIDAE

Tyto alba tuidara (Gray)

Coruja branca, Suindara

Strix tuidara GRAY, 1829, in Griffith & Pidgeon, «The Animal Kingdom» by Cuvier, VI, p. 75 (baseada em «Tuidara» de Marcgrave: «Brazil» — Pernambuco, loc. typica provavel).

Strix flammea NEUWIED, (nec Linnaeus), 1821, Reise nach Bras., II, p. 265 (Bahia: Cid. do Salvador).

Strix perlata NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 263.

Strix flammea perlata REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 91 (Joazeiro, Cidade da Barra); idem, 1925, Op. cit., p. 211.

♀ ad., Ilha de Madre de Deus, 13 de Janeiro de 1933.

♂ ad., Ilha de Madre de Deus, 13 de Janeiro.

A Suindara, raça brasileira de uma especie, quase cosmopolita, de que Hartert, em moderna revisão, distinguuiu não menos de trinta variedades, tem sido notificada em quase todos os estados (Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa-Catharina, Matto-Grosso).

Sabe-se como é esta Coruja affeiçãoada aos velhos edificios e ás torres das Igrejas, etc. O casal acima registrado morava nas aguas furtadas de um antigo sobrado actualmente em ruinas; nas proximidades do poleiro em que se haviam installado havia todo um ossuario de pequenas peças esqueleticas as mais variadas, onde se viam restos de morcegos, de ratos, de passarinhos, etc.

Ordem PSITTACIFORMES

Familia PSITTACIDAE

Aratinga auricapilla (Kuhl)*Jandaya*

Conurus auricapillus KUHLE (ex Lichtenstein manuscr.), Consp. Psitt., p. 20 («Brasília»: pode aceitar-se Bahia para loc. typ.).

Psittacus auricapillus NEUWIED, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 178 (Conquista, Porcos).

Conurus auricapillus SALVADORI, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XX, p. 178 (Bahia, Dr. Wucherer coll.); HELLMAYR, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. München, II KI, XXII, p. 582, crítica (Bahia).

Aratinga auricapilla auricapilla HELLMAYR, 1929, Field Mus., Zool. Ser., XII, p. 441 (Macaco Secco, perto de Andaraíhy).

♂ ad., Rio Gongogy, 21 de Dezembro de 1932: aza 163,5 mm., cauda 147 mm.

♀ ad., Rio Gongogy, 21 de Dezembro de 1932: aza 165,5 mm., cauda 137 mm.

♂ ad., Rio Gongogy, 21 de Dezembro de 1932: aza 163 mm., cauda 144 mm.

♂ ad., Rio Gongogy, 21 de Dezembro de 1932: aza 161 mm., cauda 133 mm.

♂ ad., Rio Gongogy, 21 de Dezembro de 1932: aza 161,5 mm., cauda 141 mm.

Já em estudo anterior¹ chamei a atenção para as variações a que está, n'esta especie, sujeita a coloração do mento e dos lados da cabeça nos exemplares de S. Paulo e de outros pontos do sul do Brasil, citando exemplos em que o verde d'estas regiões se apresentava intensamente lavado de amarello, caracter que Hellmayr julgou peculiar ás aves da Bahia, consideradas por isso subespecificamente distinctas. O exame da presente serie só faz reforçar o parecer já expellido; si

(1) Rev. do Museu Paulista 1932, XVII, 2.^a parte, p. 729.

banho amarello existe nas bochechas ou na garganta de algum dos presentes exemplares, fica elle muito aquem do que se verifica em certos individuos de S. Paulo, e muito espeecialmente nos do Paraná (Faz. Monte Alegre), de que no alludido trabalho houve menção circumstanejada. No que respeita ás dimensões, nada egualmente se observa de partiicular, cousa que aliás é facil de verificar cotejando as medidas que apresento, com os dados já conhecidos.

Em estudo relativamente recente refere-se Hellmayr á exemplares de *A. a. auricapilla* de Macaco Seeo (perto de Anadarahy), inclinando-se pela hypothese de serem as duas raças por elle diseriminadas, meras variedades geographicas de *A. jandaya*, em que, como se sabe, o amarello entra como elemento preponderante no colorido da plumagem. A ser que *auricapilla* oceupe entre as outras duas formas posição morphologica e geographicamente intermediaria, é possivel existirem na Bahia as formas *auricapilla* e *aurifrons*, espalhada aquella nas zonas do norte e do centro do estado, e a ultima confinada ás mattas do sul, de onde provieram os individuos por mim agora estudados, e que só mais abundante material poderá definitivamente dizer a que raça perteneem.

***Aratinga aurea aurea* (Gmelin)**

Jandaya, Periquito de cabeça amarella

Psittacus aureus GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 329 (baseado em «La Perruche du Brésil» de Brisson = «Golden-crowned Parakeet» de Edwards: «supposed to be a native of Brazil»);¹ NEUWIED, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 173 (Mucuri).

Conurus aureus SALVADORI, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XX, p. 199 (Bahia, Dr. Wucherer coll.); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 57 (Matta de S. João; Alagoinhas; Rio Preto; Barro Vermelho); idem, 1925, Op. cit., p. 119.

(1) A Bahia pode ser aceita para localidade typica.

- ♂, Ilha de Madre de Deus, 13 de Janeiro de 1933.
♀, Madre de Deus, 13 de Janeiro de 1933.
♂, Corupeba (prox. á Madre de Deus), 9 de Fevereiro de 1933.
♀, Madre de Deus, 18 de Fevereiro.
♂, Corupeba, 18 de Fevereiro.

Occorre provavelmente em todo o Brasil (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Espírito-Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Minas-Geraes, Matto-Grosso) este elegante periquito de que no Paraguay, e no sul de Matto-Grosso, segundo Cherrie & Reichenberger vive uma raça¹ diferente, pelas suas dimensões um pouco maiores.

***Pyrrhura cruentata* (Neuwied)**

Fura-matto, Tiriba grande

Psittacus cruentatus NEUWIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 72, in nota margin. (Rio de Janeiro: Fazenda Tiririca, não longe de Cabo Frio); idem, 1821, Op. cit., II, p. 147 (Rio (Rio Catolé, affl. do Rio Pardo); idem, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 183 (Mucuri).

Psittacus erythrogaster NEUWIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 341 (Rio Jequitinhonha: Ilha Cachoeirinha).

Pyrrhura cruentata SALVADORI, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XX, p. 213 (Bahia, Dr. Wucherer coll.).

- ♀, Serra do Palhão, 29 de Novembro de 1932.
♀, Serra do Palhão, 30 de Novembro de 1932.
♀, Rio Gongogy (proximo á foz do Rio Novo), 17 de Dezembro de 1932.
♂, Rio Gongogy, 17 de Dezembro de 1932.
sexo?, Rio Gongogy, 17 de Dez. de 1932.
♀, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 30 de Março de 1933.
♂, Rio Jucurucú (Cach. Grande), 2 de Abril de 1933.

(1) *Eupsittula aurea major*, Ch. & Reichenb., 1923, Am. Mus. Novit. LVIII, p. 3.

Esta grande Tiriba, conquanto muito commum nas mattas onde existe, possui habitat assáz circumscripto, occorrendo ainda actualmente nos estados de Espirito-Santo, Rio de Janeiro e Minas-Geraes. E' problematico que ainda exista no norte de S. Paulo, onde outróra Natterer obteve exemplares (Araras).

***Pyrrhura leucotis leucotis* (Kuhl)**

Fura-matto (Bahia), *Tiriba* ou *Tiriva pequena* (S. Paulo)

Psittacus leucotis Kuhl., 1820 (*ex* Lichtenstein in Mus. Berol.), Consp. Psittac., p. 2. («Brasilia»: pode aceitar-se o sul da Bahia para local. typica); Neuwied, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV. p. 188 (sem local.)

Pyrrhura leucotis SALVADORI, 1819, Cat. Birds Brit. Mus., XX, p. 216, *partim* (Bahia, Dr. Wucherer).

♀, Serra do Palhão, Dezembro de 1932.

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 19 de Março de 1933.

♀, Rio Jucurucú (Cach. Grande), 24 de Março de 1933.

2 ♂♂, Rio Jucurucú (Cach. Grande), 24 de Março de 1933.

♂, Rio Jucurucú (Cach. Grande), 3 de Abril de 1933.

♀, Rio Jucurucú (Cach. Grande), 6 de Abril de 1933.

Especimen adicional: ♂ (n.º 10.165 do Mus. Paul.), Itabuna, Agosto de 1919, E. Garbe.

Esta pequena Tiriba existe nas mattas de leste do Brasil, a partir do Rio de Janeiro, até a Bahia, sendo substituída no Ceará por *P. l. griseipectus* Salvadori, differente pelo branco mais puro das regiões auriculares e pela côr cinzenta, ao em vez de esverdeada, da garganta e do collo (Helmayr).¹ Uma especie muito affim, *P. pfrimeri*, foi descripta por Miranda Ribeiro² de leste de Goyaz (Santa Maria de Taguatinga), não sendo impossivel que occorra no oeste bahiano, em que pese a cadeia de montanhas (Serra do Duro) que separa os dois estados.

(1) *Field Mus. Publ., Zool., Ser. XII*, p. 444, 1920.

(2) *Rev. Mus. Paulista*, 1920, tomo XII, p. 36.

Forpus¹ passerinus vividus* (Ridgway)**Cuiúba* (Bahia), *Tuim* (S. Paulo), *Cú-tapado***

Psittacula passerina vivida RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Nac. Mus., X, p. 539 (Bahia); HELLMAYR, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. München, II^e Kl., XXII Bd., p. 587 (typos de Spix, crit.); REISER, 1925, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 120 (Bomfim, Joazeiro, Barra do R. Grande).

Psittacus passerinus NEUWIED, (nec Linnaeus), 1821, Reise nach Bras., II, p. 341 (Rio Jequitinhonha: Ilha Cachoeirinha); idem, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV., p. 260 (descr.).

Psittacus passerinus SPIN, 1824, Av. Bras., I, p. 38, tab. XXXIII, fig. 1 (♂ ad.), fig. 2 (« ♀ » = ♂ juv.) fide Hellmayr (Rio S. Francisco).

Psittacula passerina SALVADORI, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XX, p. 245 (Bahia, Dr. Wucherer coll.); REISER, 1910, Denkschr. Mat.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 57, *partim* (Joazeiro; Barra do Rio Grande; Ilha no Rio S. Francisco, perto de Sambaíba).

♂, Corupeba (perto da Ilha de Madre de Deus), 26 de Janeiro de 1933.

♀, Corupeba, 26 de Janeiro de 1933.

♂, Ilha de Madre de Deus (alto do Mirim), 19 de Fevereiro
2 ♂♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 7 de Abril de 1933.
de 1933.

♀, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 7 de Abril.

Especimen adicional: ♀ (n.º 12.109 do M. P.), dada do Dr. Sérgio Meira Filho, 1927.

Os Tuins do leste brasileiro, da Bahia para o sul, constituem raça levemente diferenciada da dos do Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará), e merecem tecnicamente o nome de *F. p. flavissimus*. Segundo Hellmayr, a quem se devem bons estudos sobre o assumpto, as aves nordestinas differem pelo verde muito mais claro e mais amarelado das partes superiores; por ter a testa, as

(1) Sobre os motivos da substituição de *Psittacula* Illiger, 1811 por *Forpus* Boie, 1858, Cf. Mathews, *Birds of Australia*, 1917, VI, p. 169.

bochechas, e o alto da garganta lavados de amarello limão, sendo inteiramente d'esta côr; pelo azul mais claro, cobalto em vez de esmalte, das azas e do uropygio; pelas partes inferiores de verde mais amarellado.¹ As duas raças offerecem em commum a côr anilada intensa do uropygio, caracter que as distingue de *F. p. deliciosus* Ridgway, do baixo Amazonas, sem fallar nas outras formas de habitat mais remoto.

F. p. vividus, que existe em todo sul do Brasil (Bahia, Espirito-Santo, Minas-Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa-Catharina, Rio Grande do Sul)² e ainda no Paraguay e no norte da Argentina, é muito commum na Bahia, onde frequenta esta ou aquella zona, ao sabôr das estações e das alternativas climatericas. Em Madre de Deus affluem ás vezes estes psittacideos em bando numerozo, attralidos pelas mangueiras e goiabeiras em época de fructificação; pagam não raro os estragos que commettem, caindo prisioneiros das varas untadas com o leite viscoso da Jaqueira (*Artocarpus integrifolia*) que lhes offerecem insidiosamente como poleiro.

Tirica tirica (Gmelin)

Periquito, Periquito verdadeiro

Psittacus Tirica GMELIN, 1888, Syst. Nat., I, p. 351, (baseado em *Psittacula brasiliensis* de Brisson = «Tui tirica» de Marcgrave: Nordeste do Brasil, ou mais precisamente, Pernambuco).

Psittacus viridissimus NEUWIED, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 198 (Belmonte).

Protogerys tirica SALVADORI, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XX, p. 254 (Bahia, Dr. Wucherer coll.).

(1) Cf. *Field Mus. Publ. Zool. ser.*, XII, p. 446, 1929. Vide ainda *Nov. Zool.*, 1907, XIV, p. 86.

(2) É certo que ocorre tambem no sul do Matto Grosso, porque tive occasião de verificar um individuo da especie em Sant'Anna de Parana-hyba, n'um mamoeiro.

- ♂, Rio Gongogy, 2 de Dezembro de 1932.
♂, Rio Gongogy, 7 de Dezembro.
2 ♀♀, Rio Gongogy, 18 de Dezembro.
♂ Rio Gongogy, 19 de Dezembro.
♂, Cahype, 14 de Fevereiro de 1933.
+, Cahype, 14 de Fevereiro.
♂, Corupeba, 17 de Fevereiro.
♀, Rio Jucurucú, 27 de Março.
2 ♀♀, Rio Jucurucú, 30 de Março.
sexo?, Rio Jucurucú, Março.
♀, Rio Jucurucú, 4 de Abril.

Como se vê da lista supra, em que figuram exemplares de quase todos os pontos visitados, este Periquito é assaz commum em grande parte da Bahia, onde todavia não consta que exista na zona oeste e na extremidade septentrional. Sua area geographica é todavia relativamente restricta, comprehendendo os estados do leste brasileiro, da Bahia ao Paraná, inclusive Minas-Geraes.

Amazona farinosa farinosa (Boddaert)

Jurú, Jerú, Juruassú

- Psittacus farinosus* BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enl. d'Hist. Nat., p. 52 (baseado em Daubenton, Pl. Enl. n.º 861: Cayena).
Psittacus pulverulentus NEUWIED, 1820, Reise nach Bras., I, p. 258 (Morro da Arara, perto do Rio Mucuri); idem, 1821, Op. cit., II, pp. 251, 252 (Rio Jequiriçá); idem, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 231 (Rio Mucuri, Serra do Mundo Novo,¹ Rio Jequiriçá).

- ♀, Rio Jucurucú, 3 de Abril de 1933.

Na Bahia a especie parece confinada ás mattas da região meridional, onde é bastante frequente, embora me desse a impressão de vel-o menos do que o Chauã.

(1) Talvez a mesma tambem chamada Serra do Periperi.

Piaya cayana pallescens* (Cabanis & Heine)Alma de Gato*

Pyrhococcyx pallescens CABANIS, & HEINE, 1862, Mus. Hein., IV, p. 86 (norte do Brasil: Hellmayr, mediante exame do typo, designou a Bahia para localidade typica, devendo hoje restringir-se, para maior exactidão, ao norte d'aquelle estado).

Piaya cayana REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 59 (Rio S. Francisco, Rio Grande, Rio Preto); idem, 1925, Op. cit. p. 125.

Piaya cayana pallescens HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool. Ser., XII, p. 431 (Santo-Amaro, Macaco Secco, perto de Andarahy, S. Marcello, no Rio Preto).

♂, Corupeba (Reconcavo, proximo á Ilha de Madre de Deus), 7 de Fevereiro de 1933.

♀, Ilha da Bimbarra (perto de Madre de Deus), 21 de Fevereiro.

Exemplares addicionaes: ♂ (n.º 7581), cidade do Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Março de 1903, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7580), Bomfim, Março de 1903, Garbe.

Os exemplares do Reconcavo (Corupeba, Bimbarra) assemelham-se muito mais aos de Bomfim do que aos do sul da Bahia, devendo ser seguramente referidos a *P. cayana pallescens*, que se caracteriza pelas suas menores dimensões (menos de 300 mill. de cauda), ao lado do colorido geral mais claro, ruivo acannelado no dorso, e cinzento na parte inferior, com as côxas e o abdômem posterior escurecidos. Comparadas com as aves do Maranhão, de que o Museu Paulista possui tres machos de Primeira Cruz, comprados de Schwanda, vê-se que estas por sua vez formam, como já o verificou Hellmayr,¹ uma raça geographica bastante distincta de *pallescens*, contrastando n'ella o colorido carregado do dorso com o das partes inferiores, quase brancas, apenas acinzentadas nas côres e no crisso. A oportunidade reclama ainda algumas considerações sobre as raças brasileiras de *Piaya cayana*, assumpto sobre que já se têm successiva-

(1) *Field Mus. Zool.*, XII, p. 434 (1929).

mente externado muitos ornithologos competentes, sem que esteja ainda hoje definitivamente resolvido. No que respeita á area geographica de *P. c. pallescens* parece ella restringir-se ao norte da Bahia, sul de Piauhy, e adjacencias. Não parece justificado acompanhar Stone¹ em extendel-a até o Matto-Grosso, onde vive uma outra raça, que embora copie muito approximadamente os caracteres de colorido de *pallescens*, d'ella todavia se distingue pelas suas dimensões accentuadamente mais consideraveis, mormente as da cauda, ordinariamente excedente de 300 mill. Este ultimo caracter filia a forma matto-grossense, a que cabe o nome de *P. cayana cabanisi*,² mais directamente a *P. cayana macroura*, que allia ás suas dimensões talvez ainda um pouco maiores, uma coloração uniformemente mais carregada.

P. cayana macroura deve aliás ser considerada uma forma central, com que fazem transição, de um lado *P. cayana cabanisi* no extremo meridional de Matto-Grosso, e de outro lado *P. cayana pallescens* nas latitudes medias da Bahia, Reconcavo de comvizinhanças. Os individuos d'esta ultima zona obedecem muito menos ao typo de *pallescens* do que os de Bomfim, approximando-se sensivelmente dos caracteres de *macroura*, em cuja area o sul da Bahia já está comprehendido.

Quanto ás outras variedades de *P. cayana* existentes no Brasil, só muito material facultará um estudo definitivo; mas não me parece inteiramente inutil dar aqui a opinião que actualmente faço das suas relações de parentesco e de distribuição:

a. *Piaya cayana cayana* (Linnaeus). Distribuição: Guianas Franceza e Hollandeza, valle do Orenoco, margem esquerda do Baixo-Amazonas (*apud* Hellmayr).³

(1) *Proc. of the Acad. of Nat. Sci. of Philadelphia*, 1908, pp. 492 e ss.

(2) *Piaya cayana cabanisi* Allen, 1893, *Bull. Am. Mus of Nat., Hist.*, V., p. 136 (chapada)

(3) *Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. Math. physik. Kl.*, XXVI, 2 Abh., p. 71 (1912). Não disponho de material d'este raça.

b. *Piaya cayana* sp.¹ Distrib.: Pará (Marajó, Igarapé-Amí, Acará, Capim, etc.), Maranhão (Tury-assú, Primeira Cruz, Boa-Vista, Miritiba).

Cauda menor de 300 mill.; dorso castanho ferrugineo; partes inferiores muito claras, quase brancas, apenas acinzentadas nas côxas e no crisso.

c. *Piaya cayana pallescens* (Caban. & Heine). Distribuição: Piauíhy (Parnaguá), norte da Bahia (Rio Preto, Macaco Secco perto de Andarahy, Reconcavo).

Cauda pequena, menor de 300 mill.; dorso claro, acanelado; abdomen cinzento claro, coxa e crisso cinzentos escuros.

d. *Piaya cayana macroura* Gambel. Distrib.: sul da Bahia, Espirito-Santo, Minas-Geraes, S. Paulo, etc., até o Rio-Grande do Sul e o Paraguay.

Cauda muito longa maior de 300 mill.; partes superiores de colorido pardo-chocolate carregado; abdomen cinzento mais ou menos escuro; côxas e crisso escuros, quase pretos.

e. *Piaya cayana cabanisi* Allen. Distrib.: Matto-Grosso (Chapada, Corumbá, Urucúm, etc.).

Cauda longa de mais de 300 mill.; partes superiores muito claras, côr de canella; partes inferiores quase como em *macroura*, porém com as côxas e o crisso nunca tão escuros, antes cinzentos que pretos.

f. *Piaya cayana obscura* Snethlage.² Distrib.: margem esquerda do medio e alto Amazonas (Rio Madeira, Rio Purús, Rio Juruá, norte da Bolívia, sudeste do Perú).

Semelhante a *P. c. macroura* no colorido da plumagem, de dorso ferrugineo-chocolate e crisso (bem como as côxas) quase preto, mas com a cauda muito mais curta (menos de 300 mill.), tal como *P. c. cayana*.

(1) Hollmayr, o primeiro que apontou a independencia d'esta raça, não propoz contudo nome para ella (Cf. *Field Mus. Zool. Ser.*, XII, p. 434).

(2) *P. cayana obscura* Snethlage, 1908 *Journ. f. Orn.*, LVI, p. 21 (Rio Purús: Bom Lugar etc.)

Playa cayana macroura* GambelAlma de Gato*

Playa macroura GAMBEL, 1849, Journ. Acad. Nat. Sci. Phila, p. 215 («Surinam», *errore!* = Paraguay, teste Cabanis & Heine).¹

♂, Rio Gongogy (não longe de Boa-Nova), 19 de Dezembro de 1932.

♀, Rio Gongogy, 22 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy, 26 de Dezembro.

sexo?, Rio Gongogy, 28 de Dezembro.

♀, Rio Jucurucú, 3 de Março de 1933.

Especimen adicional: ♀ (n.º 10.177 do M. P.), Itabuna, Janeiro de 1919, E. Garbe.

P. cayana macroura apresenta-se ordinariamente no sul da Bahia com caracteres muito menos typicos do que nos estados meridionaes do Brasil; ao lado de exemplares, como uma fema de Itabuna (n.º 10.177 do Museu Paulista), perfeitamente comparaveis em coloração e porte aos de S. Paulo, outros existem em que a cauda é mais curta e a plumagem muito mais desmaiada, tanto em cima como em baixo, approximando-se visivelmente de *P. c. pallescens*, que substitue *macroura* do Reconavo para o norte. Estão n'este caso as do Rio Gongogy, algumas das quaes, tomadas isoladamente, poriam forçosamente em embarço o ornithologo. Já em Espirito-Santo² *P. c. macroura* assume todos os caracteristicos que lhe definem o typo.

Tambem com *P. c. cabanisi* faz transição *P. c. macroura* no sul de Matto-Grosso e comvizinhanças de S. Paulo; aves de Aquidauana por exemplo, determinadas já alhures por mim como *cabanisi*, têm contudo a plumagem muito mais carregada do que as de Corumbá, Coxim, etc., occupando posição intermediaria com relação ás de S. Paulo e Rio Grande do Sul.

(1) Cf. *Proc. of the Acad. of Nat. Sci. of Philadelphia*, 1908, p. 501.

(2) Cf. E. Naumburg, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, LX, 1930, p. 164 e ss.

Neomorphus geoffroyi (Temminck)

Jacú-Porco (Bahia), *Aracuçã*, *Jacú-molambo* (Minas)

Coccyzus Geoffroyi TEMMINCK, 1820, Nouv. Réc. de Pl. Color, d'Ois., pl. 7 (sem indicação de localidade: Hellmayr¹ suggere a Bahia para loc. typica); NEUWIED, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 324 (Rio Jagoaripe, Rio Belmonte).

Neomorphus geoffroyi SHELLEY, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XIX, p. 416 (Bahia, Dr. Wucherer coll.).

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Rio Gongogy), 10 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy, 14 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy, 23 de Dezembro.

Concordam todos com os exemplares do Espírito-Santo que temos no Museu. Provada que seja a opinião de Snethlage que os julgou racialmente diferentes dos do norte do Brasil caber-lhes-á ainda assim o nome *geoffroyi* deante da designação da Bahia para patria typica da especie, feita por Hellmayr. Assim *Nemorphus dulcis* Snethlage² reduz-se a synonymo de *N. geoffroyi*, a menos que o exame do exemplar typico, porventura ainda existente, prove não pertencer elle á raça éste-brasileira.

A especie tem larga dispersão no Brasil, occorrendo desde o Amazonas (Rio Madeira), o Pará e o Maranhão, até os estados de Bahia, Espírito-Santo, Minas-Geraes (Rio Matipós) e Rio de Janeiro (Cantagallo).

Tapera naevia naevia (Linnaeus)

Peixe-jrito (Bahia), *Sary*, *Sem-fim* (S. Paulo)

Cuculus naevius LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12^a, I, p. 170 (baseado exclusiv. em «*Cuculus cayanaensis naevius*» de Brisson:³ Cayena, mus. D. Aubry).

(1) *Novit. Zool.*, 1905, XII, p. 298.

(2) *Orn. Monatsber.*, 1927, XXXV, p. 80 (Espírito-Santo: Rio Dôce).

(3) *Orn.*, IV, p. 128 (1760)

Diplopterus naevius SHELLEY, 1891, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XIX, p. 423, *partim* (Bahia, *Wucherer*).

♂, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 22 de Dezembro de 1932.

♂, Corupeba (proximo á Ilha de Madre de Deus), 20 de Fevereiro de 1933.

♀, Corupeba, 20 de Fevereiro.

Especimen adicional: ♂ (n.º 8.568 do Mus. Paulista), Joazeiro, Novembro de 1913.

Os dous exemplares de Corupeba foram por mim mortos no chão, a pouca distancia um do outro, quando procuravam esconder-se por entre a ramagem rasteira dos arbustos e gramineas. Acredito fossem os mesmos de que dias antes procurei debalde approximar-me, quando empoleirados em galhos elevados, faziam ininterruptamente ouvir o pio plangente que todos lhe conhecem.

***Crotophaga major* Gmelin**

Coroia ou *Anum Coroia* (Bahia), *Anum-peixe*, *Anum de enchente* (S. Paulo)

Crotophaga major GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 363 (baseado primordialmente sobre «*Crotophagus major*» de Brisson: Cayena, musen do Abb. Aubry); SHELLEY, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XIX, p. 428 (Bahia, *Wucherer coll.*); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 59 (Rio S. Francisco, Rio Grande).

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 22 de Março de 1933.

♂, Rio Jucurucú, 24 de Março.

Não vi o Anú-coroia nos pontos visitados no Rio Gongogy, talvez por causa da devastação soffrida pela matta primitiva ao longo de todo o seu percurso. Em compensação na parte alta do Rio Jucurucú era elle abundantissimo, fugindo á frente de nossa canôa em

(1) *Orn.*, IV, p. 180 (1760).

bandos numerosos, protegidos pela ramaria densa das arvores marginaes. As notas que emittem variam ao extremo de timbre; associam-se frequentemente em orchestração sui generis, e nada têm de commum com as da especie vulgar.

***Crotophaga ani* Linnaeus**

Anum preto

Crotophaga Ani LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., ed. 10.^a, I, p. 105 (baseado essencialmente em «Ani» de Marcgrave, Hist. Nat. Bras., p. 193 (nordeste do Brasil, ou melhor, Pernambuco, patria typica).

Crotophaga ani SHELLEY, 1891, Catal. Birds Brit. Mus., XIX, p. 429 (Bahia, Wucherer); Reiser, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad., Wissens. Wien, LXXVI, p. 59 (Joazeiro); idem, 1925, op. cit., p. 127 (Barra do Rio Grande, Joazeiro).

♀, Corupéba, (perto de Madre de Deus, no Reconcavo), 20 de Janeiro.

♀, Corupéba, 20 de Janeiro.

Na Bahia, como em todo Brasil, exceptuando-se o interior das mattas, é das aves mais communs. Affeição-se porém especialmente aos campos e pastagens, onde priva com rebanhos, catando no dorso dos animaes carapatos e outros ectoparasitos. Existe desde o Paraguay e a Republica Argentina até o sul dos Estados-Unidos (Florida), inclusive a America Central, o Mexico e as Antilhas.

***Guira guira* (Gmelin)**

Anum branco

Cuculus Guira GMELIN, 1788, Syst. Nat. I, p. 414 (baseado essencialmente sobre «Cuculus cristatus brasiliensis» de Brisson¹ = «Guira Acangatara Brasiliensibus» de Marcgrave:² nordeste do Brasil, ou mais precisamente Pernambuco, patria typica).

(1) *Ornith.*, IV, p. 144 (1760).

(2) *Hist. Nat. Bras.*, p. 216 (1648).

Coccyzus Guira NEUWIED, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 335 (Vereda, Angicos, nos confins de Minas e Bahia).

Guira guira REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 59 (Matta de S. João, Joazeiro, lagôa do Boqueirão, no Rio Grande); idem, 1925, Op. cit., p. 127 (comment., etc.).

♀, Rio Gongogy (não longe de Bôa Nova), 14 de Dezembro de 1932.

2 ♂♂, Rio Gongogy, 25 de Dezembro.

♀. Corupeba (Reconcavo, perto da Ilha de Madre de Deus), 22 de Fevereiro de 1933.

O Anum-branco mantém-se admiravelmente constante em seus caracteres através da vasta area geographica que lhe é propria. Frequenta as zonas de campo na parte oriental da America do Sul, desde a foz do Amazonas (Ilhas Marajó e Mexiana) até o Uruguay e a Argentina, extendendo-se ainda pelo centro, através do Paraguay e do Matto-Grosso, até a Bolivia.¹ Wetmore, em seu importante trabalho sobre as aves da região platina,² dá um bom apanhado sobre os habitos deste cuculideo; essencialmente insectívoro, faz enorme consummo de gafanhotos e cigarras, pelo que deve ser tratado como ave da maior utilidade.

Ordem SCANSORES

Familia RAMPHASTIDAE

Ramphastos ariel Vigors

Tucano

Ramphastos ariel VIGORS, 1826, Zool. Journ., II, p. 166, pl. 15 (Rio de Janeiro).

Ramphastos dicolorus NEUWIED, (*nec* Linnaeus!), 1820, Reise nach Bras., I, p. 247 (Alcobaça), II; p. 155 (Rio Pardo).

(1) Occorrerá ainda a oeste dos Andes, havendo menção de um exemplar do Chile no Cat. de aves do Museu Britânico (vol. XIX, p. 434).

(2) Bull. Un. St. Nat. Mus., n. 133, p. 186.

Rhamphastos ariel SCLATER, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XIX, p. 131 (Bahia).

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 28 de Novembro de 1932.

♂, Rio Gongogy, 28 de Dezembro.

♀, Rio Jueurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 21 de Março de 1933.

♀, Cachoeira Grande, 27 de Março.

♀, Cachoeira Grande, 8 de Abril.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 10.037), Ilhéos, Maio de 1919, E. Garbe coll.

Especie muito constante nos seus caracteres e largamente espalhada no Brasil, ocorre no baixo Amazonas (margem direita, Santarém, etc.; Utinga perto de Belém, etc.), no Maranhão (Miritiba) e em quase todo leste brasileiro, desde o sul da Bahia até Santa-Catharina, inclusive Minas-Geraes. Reiser, que percorreu todo o noroeste da Bahia, não o viu n'esta região, nem tampouco no Piauí.

Pteroglossus aracari aracari (Linnaeus)

Arassari

Ramphastos Aracari LINNAEUS 1758, Syst. Nat., ed. 10.^a, I, p. 104 (baseado em «Aracari» de Maregrave:⁽¹⁾ nordeste do Brasil, ou mais precisamente Pernambuco); NEUWIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 101 (Ilhéos), p. 155 (Rio Pardo).

Pteroglossus wiedi SCLATER, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XIX, p. 138 (Bahia).

2 ♀, Rio Novo (affl.^{te} do Rio Gongogy, margem dir.), 16 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Novo (do Gongogy), 16 de Dezembro.

♀, Rio Jueurucú (Cachoeira Grande, no Braço do Sul), 21 de Março de 1933.

(1) *Hist. Nat. Bras.*, p. 217.

♀, Rio Jucurucú (Cach. Grande), 27 de Março.

♂, Cachoeira Grande, 6 de Abril.

2 ♀♀, Cachoeira Grande, 7 de Abril.

Os exemplares bahianos possuíam ainda, mais ou menos distinctamente, o preto da garganta e dos lados do pescoço tingido de castanho, a modo do que se observa nas aves de S. Paulo e de todos os estados do sul. Em compensação nenhum vestígio se observa de côr castanha na garganta de cinco ♂♂ adultos de Santarém e tampouco n'um outro de Bôa-Vista, no Maranhão, deante do que me inclino pela separação das aves do norte do Brasil em uma nova subespecie, a que proponho chamar-se *P. aracari amazonicus* differente de *P. a. aracari* pela ausencia de castanho na garganta, e de *P. a. atricollis* (Mueller) das Guianas, pela lista negra do culmen que é estreita como na forma meridional.

Em resumo assim comprehendendo as variedades geographicas de *P. aracari*:

Pteroglossus aracari aracari (Linnaeus). Lista negra do culmen relativamente estreita; garganta preta sempre manchada de tons castanhos mais ou menos intensos e bem, assim os lados do pescoço; côxas de um verde menos puro, mesclado de tons cinzentos ou pardos. Sul e leste do Brasil: Bahia, Espirito-Santo, Minas-Geraes, S. Paulo, Santa Catharina.

Pt. a. amazonicus n. subsp. Lista negra do culmen estreita; garganta preta sem nenhum tom castanho apreciavel; côxas verdes, sem mescla de tons cinzentos ou pardos. Norte do Brasil: Amazonia, Maranhão.

Pt. a. atricollis Mueller. Lista negra do culmen muito mais larga; garganta preta, sem vestígios de castanho; côxas perfeitamente verdes. Guianas, Venezuela.

Selenidera maculirostris maculirostris (Lichtenstein)*Arassari-póca*

Pteroglossus maculirostris LICHTENSTEIN, 1823, Vers. Doubl. Berl. Mus., p. 7 (Brasil); NEUWIED, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 290 (Belmonte, Rio Pardo).

♀, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 21 de Março de 1933.

♂, Cachoeira Grande, 23 de Março.

2 ♂♂, Cachoeira Grande, 30 de Março.

♀, Cachoeira Grande, 30 de Março.

2 ♂♂, Cachocira Grande, 6 de Abril.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 10.182 do M. P.), Itabuna, Julho de 1919, E. Garbe coll.

Este Arassari é endêmico em todo nordeste do Brasil, desde as mattas do sul da Bahia, até as do Rio Grande do Sul (Novo Hamburgo), inclusive as do leste de Minas Geraes (Theophilo-Ottoni). Na Amazonia (Rio Madeira, Rio Tapajoz, Rio Tocantins) vive *S. m. gouldi* (Natterer), cuja diferença mais visível está em ter a maxilla marcada de uma unica mancha negra proximo á base.

Ordem PICIFORMES**Familia PICIDAE*****Galbula rufoviridis* Cabanis**

*Galbula rufoviridis*¹ CABANIS, 1851, in Ersch & Gruber, «Allg. Enc. Wiss. und Künste», sect. I, t. III, p. 308 («Brasilien»); REISER 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 58 (Lagôa da Extrema no Rio Grande, Fazenda Taboa no Rio Preto.²

(1) Não tenho meios de verificar esta referencia; mas sigo a graphia quo se vê em Cabanis & Heine, *Mus. Hein.*, IV, p. 220, adoptada tambem por Hellmayr (*Nov. Zool.*, 1910, p. 389 e *Field Mus. Zool.*, XII, 1910, p. 425).

(2) Á pag. 123 da mesma publicação voltou mais tarde (1925) Reiser a tratar da ave, escrevendo *rufo-eridis*.

Galbula rufo-viridis SCLATER, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XIX, p. 165 (Bahia, *Wucherer*); CORY, 1919, Field Mus. Publ. Zool. ser., XIII, part II, p. 382 (Santo-Amaro, S. Marcello no Rio Preto).

♀, Aratuhye (Engenho da Ponte), 10 de Novembro de 1932.

♂, Engenho da Ponte, 11 de Novembro.

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 4 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy, 23 de Dezembro.

♂, Calhye (no Reconcavo, não longe de Madre de Deus), 17 de Fevereiro de 1933.

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 23 de Março.

Especie largamente diffundida em quase todo Brasil (Rio Madeira, baixo Amazonas, Matto-Grosso, Goyaz, Minas, estados de leste, desde o Maranhão até o Paraná), onde frequenta a vizinhança dos cursos d'agua, na mata ou fóra d'ella. Na Ilha de Madre de Deus vi-o com relativa frequencia, dos lados do Mirim, conhecendo-lhe então a voz, que consta de uma longa serie de piados agudos, espaçados e de intensidade deerescente.

Familia BUCCONIDAE

Nystalus maculatus maculatus (Gmelin)

Dormião, Dorminhoco

Alcedo maculata GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 451 (baseado em «*Ispida brasiliensis naevia*» de Brisson¹ = «*Matuiti*» de Marcgrave;² nordeste do Brasil).

Bucco maculatus SCLATER, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XIX, p. 190 (Bahia, *Wucherer etc.*); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 58 (Matta de S. João, Alagoinhas, Joazeiro).

Nystalus maculatus maculatus CORY, 1919, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part. II, p. 397 (Santo Amaro, Macaco Secco, perto de Andarahy); HELLMAYR, 1929, Field Mus. Zool., XII, p. 426, crit.

(1) *Orn.* IV, p. 524 (1760).

(2) *Hist. Nat. Bras.*, p. 17.

♂, Corupeba (proximo á Ilha da Madre de Deus, no Reconcavo), 20 de Janeiro de 1933.

♀ ?, Corupeba, 20 de Janeiro.

2 ♂♂, Corupeba, 26 de Janeiro.

♀, Corupeba, 26 de Janeiro.

♂, Corupeba, 1 de Fevereiro.

2 ♂♂, Ilha de Madre de Deus, 10 de Fevereiro.

♂, Ilha da Bimbarra (proximo á Madre de Deus), 21 de Fevereiro.

♀, Corupeba, 24 de Fevereiro.

Especimens adicionais: ♂, Joazeiro (n.º 7416 do M. P.), Novembro de 1907, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7414), Novembro 1907; ♀ (n.º 7415), Joazeiro, Outubro de 1907; ♂ (n.º 7417), Cidade da Barra, Janeiro de 1908; ♀ (n.º 8571), Cidade da Barra, Setembro de 1913, E. Garbe; sexo? (n.º 2346) «Bahia» comprado de Shlüter em 1898.

A maior parte dos exemplares da Bahia apresenta bem definidos os caracteres de *N. m. maculatus* a saber o comprimento relativamente grande do bico (cujo culmen alcança ás vezes 36 mm. e raramente desce abaixo de 32 mm), e a forma arredondada, approximadamente cordiforme das pintas pretas das partes inferiores, densamente distribuidas no peito e escassas no abdomen; alguns individuos contudo, como um ♂ de Madre de Deus e uma ♀ de Corupeba têm as maculas nitidamente alongadas, approximando-se assim das aves do Matto-Grosso, que Cherrie & Reichenberger¹ chamaram *N. m. pallidigula*, mas que com difficuldade podem ser separadas das da Bolivia e do norte da Argentina, referidas a *N. m. striatipectus* (Sclater).

A area de *N. m. maculatus* abrange todos os campos do norte do Brasil, desde o Baixo-Amazonas (Santarém, Marajó) até o norte de Minas (Pirapora). No sul de Goyaz e partes adjacentes de Matto-Grosso (Sant'Anna do Paranhayba)² vive *N. m. parvirostris* Hellmayr, apenas differente de *maculatus* pelo tamanho menor do bico (32 mm. ou menos) e da cauda.

(1) Amer. Mus. Nov., LVII, p. 6 (1923): Urucum, perto de Corumbá.

(2) Cf. Oliverio Pinto, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª parte, p. 743.

Nos campos de Corupeba ouvem-se diariamente pelo verão as notas amenas do Dorminhoco, alli extremamente commum; raramente se espantam com os transeuntes, senão que pelo contrario, costumam fital-os fixamente como se quizessem incutir o receio de chegar-lhes até mais perto.

***Malacoptila striata striata* (Splx)**

Bucco striatus SPIN., 1824, Av. Bras., I, p. 52, tab. XL, fig. 2 («Rio de Janeiro», «Bahia»).

Malacoptila striata striata HELLMAYR, 1929, Field Mus. Zool. ser., XII, p. 428, no texto (Caravellas).

♂ juv., Serra do Gongogy (5 de Dezembro de 1932.

E' antes raro este passaro nas mattas do sul da Bahia. A raça, que ocorre no sudeste brasileiro até Santa Catharina, existe tambem em Minas-Geraes; no Maranhão ella é representada por *M. s. minor* Sassi, notavelmente menor (83 a 90 mm. de aza, em vez de 92 a 99 mm., segundo Hellmayr).

***Monasa morphoeus morphoeus* (Hahn)**

Bico de cravo, Bico de fogo

Bucco morphoeus morphoeus HAHN, 1823, Voegel aus Asien, etc., Lief. XIV, pl. 2 (Brasil).

Monacha morpheus SCLATER, 1891, Cat. Birds Brit. Mus., XIX, p. 204 (Bahia, Wucherer coll.).

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Rio Gongogy), 29 de Novembro de 1932.

♂, Serra do Palhão, 30 de Novembro.

♂, Serra do Palhão, 1 de Dezembro.

♂, Serra do Palhão, 3 de Dezembro.

♀, Serra do Palhão, 4 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy (margem direita, não longe de Boa Nova), 27 de Dezembro.

sexo?, Rio Gongogy, 27 de Dezembro .

♀, Rio Jucurucú, 5 de Abril de 1933.

Especimens additionaes: ♂ (n.º 10.186 do M. P.), Itabuna, Julho de 1919, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 10.187), Itabuna, Julho de 1919; ♀ (n.º 10.185), Itabuna, Junho de 1919; ♂ (n.º 10.189) Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.

O Bico-de-cravo é assaz abundante nas florestas do sul da Bahia por mim visitadas; apparecem quase sempre em grupos numerosos cuja presença se trõe, especialmente á tardinha, por estridente vozerio. A presente raça estende-se do Pará, atravez de Goyaz e do sul do Piahy, até o Espirito-Santo e o Rio de Janeiro; as aves do oeste do Amazonas (Rio Juruá) pertencem antes á *M. m. peruana* Sclater, que differe pelas suas dimensões consideravelmente menores.

***Chelidoptera tenebrosa brasiliensis* Sclater**

Andorinha do matto, Andorinha

Chelidoptera brasiliensis SCLATER, 1862, Cat. Am. Birds, p. 275 (sudeste do Brasil: Bahia, pode aceitar-se como local. typica); idem, 1882, Mon. of Jacam. and Puff-bds., p. 165, pl. 55, fig. 2 (Bahia); idem, 1891, Cat. Bds. Brit. Mus., XIX, p. 208 (Bahia, *Dr. Wucherer coll.*).

Capito tenebrosus NEUWIED, (*nec* Pallas), 1832, Beitr. Naturg. Bras., p. 342 (Rio Grande de Belmonte).

♂, Rio Gongogy, 8 de Dezembro de 1932.

sexo?, Rio Gongogy, 18 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy, 23 de Dezembro.

♀, Ilha dos Frades (na Bahia de Todos os Santos), 13 de Fevereiro de 1933.

♂, Ilha dos Frades, 13 de Fevereiro.

♀, Ilha da Bimbarra, 21 de Fevereiro.

♀, Corupeba (perto da Ilha da Madre de Deus), 22 de Fevereiro.

♂, Corupeba, 22 de Fevereiro .

Exemplares additionaes: ♀ (n.º 7.737) Caravellas, Agosto de 1908, E. Garbe coll.; ♂ (10.190), Belmonte, Agosto de 1919, Garbe; 2 exempl.s sem sexo, de «Bahia», um comprado de Schlüter, e outro off. pelo conde Berlepsch.

Os exemplares do Reconcavo em nada differem dos do sul da Bahia sendo como estes referiveis á forma peculiar do leste do Brasil (Pernambuco, a S. Paulo, inclusive Minas-Geraes), caracterizada pela coloração do abdomen, muito mais claro do que em *C. r. tenebrosa*, côr de cannela, ou mesmo esbranquiçada, em vez de bruno-ferruginea. Já as aves de Rio Preto, no noroeste do estado, pertencem, segundo Hellmayr,¹ a forma typica, cuja area se estende da Venezuela e Guianas atravez da Amazonia, até o Maranhão e o Piahy.

Familia PICIDAE

Chloronerpes erythropsis (Vieillot)

Picus erythropsis VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 98 («Brésil»).

Chloronerpes erythropsis HARGITT, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XVIII, p. 75 (Bahia, Dr. Wucherer).

♂, Rio Gongogy, 15 de Dezembro de 1932.

♂. Rio Jucurucú, 6 de Abril de 1933.

sexo? Rio Jucurucú, 2 de Abril.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 10.195), Ilhéos, Maio de 1919, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.196), Itabuna, Julho de 1919, Garbe; sexo? (n.º 2.355), «Bahia», compr. de Shlüter.

Pequeno Pica-pau peculiar ao leste brasileiro, desde Pernambuco até S. Paulo (Ypiranga, Ubatuba, etc.), inclusive Minas Geraes.

Chrysoptilus melanochloros nattereri (Malherbe)

Picus nattereri ou *Chrysoptilus* (Swains.) *nattereri* MALHERBE, 1845, Soc. Roy Sci. de Liège, II, p. 66 (Brasil, coll. Natterer: = Cuyabá).

? *Chrysoptilus chrysomelas* HARGITT, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XVIII, p. 115 (Bahia, Dr. Wucherer).

(1) *Field Mus. Publ. Zool., Ser.*, XII, p. 429 (1929).

♂, Ilha de Madre de Deus (na Baía de Todos os Santos),
11 de Janeiro de 1933.

♀, Ilha de Madre de Deus, 13 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 22 de Janeiro.

sexo?, Corupeba (perto de Madre de Deus), 26 de Janeiro.

♂, Corupeba, 30 de Janeiro.

sexo?, Corupeba. 4 de Fevereiro.

Os exemplares da presente serie, todos do Reconcavo, copiam exactamente os caracteres da plumagem dos de Matto-Grosso, patria typica do *C. m. nattereri*, apresentando como elles toda a superficie ventral de amarello levemente esverdeado, densamente pintada de manchas pretas, redondas ou cordiformes, relativamente grandes. Os do norte do estado (cidade do Bomfim, etc.), e com elles varios exemplares do Maranhão (Primeira Cruz, Schwanda coll.), pelo contrario, differem com ter as partes inferiores decididamente mais claras, mais amarellas (menos esverdeadas), marcadas de pintas accentuadamente menores, muito mais escassas e espaçadas, especialmente no abdomen, em cujo trecho medio por vezes nem existem. E' difficil não reconhecer n'estes a variedade *C. m. flavilumbis* Sundevall,¹ cuja validez assim se afirma em que pese ao parecer contrario de Hellmayr,² ao mesmo tempo que sua area geographica se amplia notavelmente para o norte do Brasil. Entre os especimens de Primeira Cruz (norte do Maranhão, perto de Miritiba) destaca-se ainda um ♂ pela escassez extrema das manchas pretas das partes inferiores, limitadas apenas ao pescoço e ao alto do peito, traços estes coincidentes com os da descripção de *C. m. mariae* Har-

(1) Cory (*Field Mus. Publ. Zool.*, XIII, 1919, p. 444) refere a *flavilumbis* exemplares de Macaco Socco perto de Andarahy). Hellmayr pelo contrario, considera-os de *nattereri*, bem como os que Roiser collocou em Joazeiro o Santa Rita do Rio Preto (*Field Mus. Zool.*, XII, p. 411).

(2) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XII, 1929, 411.

giitt, conhecido não só do leste do Perú, como, segundo Hellmayr,¹ de Marajó e da Ilha Mangunça.

***Tripsurus flavifrons* (Vieillot)**

Picus flavifrons VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXV, p. 75 («Brésil»).

Picus coronatus NEUWIED, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 419 (Belmonte, Alcobaça).

♀, Rio Jucurué (Cachoeira Grande), 3 de Abril de 1933.
Exempl. addic.: 2 ♂♂ (n.ºs 10.192 e 10.194), Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 10.193), Belmonte, Agosto de 1919, Garbe.

Os exemplares da Bahia são em media maiores do que os de S. Paulo, accusando ordinariamente um pouco mais de 120 mm., de comprimento de aza, ao que se poderia accrescentar maior quantidade de vermelho nas partes inferiores. A especie existe em todo o sudeste do Brasil (sul da Bahia, Espirito-Santo, Minas-Geraes, sudeste de Goyaz e de Matto-Grosso, Rio de Janeiro, S Paulo, etc., até Rio Grande do Sul) e no Paraguay.

***Vendicorax maculifrons* (Spix)**

Picus maculifrons SPIX, 1824, Av. Bras., I, p. 62, *partim* (diagn. da ♀), tab. LVI, fig. 1 («in sylvis Rio de Janeiro»);²

Dendrobates maculifrons HARGITT, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XVIII, p. 359 (Bahia).

♀, Serra do Palhão, 29 de Novembro de 1932.

♀, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Rio Gongogy), 2 de Dezembro de 1932.

♀, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 16 de Dezembro.

♂?, Rio Gongogy, 17 de Dezembro.

(1) Cf. Op. cit. e ainda *Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. Muenchen*, XXVI, 2 Abh., p. 135 (1912).

(2) Cf. Hellmayr, 1906, *Abh. K. Bayer. Akad. Wiss.*, II Klasse, XXII, p. 608.

Pode reputar-se hoje satisfatoriamente conhecida a area geographica d'este pequeno Pica-pau, privativo do leste brasileiro. A' Bahia, já referida por Hargitt, accrescentam-se os estados de Espirito-Santo, de onde o Museu Paulista possui uma serie de exemplares caçados em Porto Cachoeiro por E. Garbe, Minas-Geraes (Lagôa Santa), onde o collecionara Lund, e Rio de Janeiro, patria dos individuos obtidos por Spix e Natterer.

Observo nos exemplares trazidos da Bahia, manchas cuneiformes, amarelladas claras nas coberteiras superiores das azas, mais nitidamente destacadas do que nos do Espirito-Santo; os lados do pescoço serão talvez tambem mais fortemente tingidos de amarello.

Celeus flavescens flavescens (Gmelin)

Pica-pau de cabeça amarella

Picus flavescens GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 427: «Brasilia» (Rio de Janeiro local. typica sugger. por Cory).¹

♂, Serra do Gongogy, 2 de Dezembro de 1932.

sexo?. Rio Gongogy, 15 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy, 27 de Dezembro.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 10.200), Belmunte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.201), Ilhéos, Maio de 1919; ♀ (n.º 10.199), Ilhéos, Maio de 1919.

Os picapaus do sul da Bahia filiam-se sem margem de duvida á forma typica da especie, apezar da largura um tanto grande e do matiz algo carregado das faixas transversaes amarellas que cortam o preto das costas e das azas. E' comtudo apreciavel a sua tendencia á raça encontradiça em latitudes um pouco mais septentrionaes, individualizada por Hellmayr sob o nome de *C. f. intercedens*. Como de regra nos individuos pertencentes á

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Zool. ser.*, vol. XIII, p. 448 (1919).



Celeus flavescens flavescens

1. ♂ do Novo Hamburgo (R. G. do Sul)
2. ♀ de Valparaizo (S. Paulo).
3. ♀ do Rio Gongogy (Bahia).

Celeus flavescens intercedens

4. ♂ de Inhúmas (Goyaz).
5. ♂ de Inhúmas (Goyaz).
6. ♂ do Rio das Almas (Goyaz).

Celeus flavescens ochraceus

7. ♂, 8. ♀, 9. ♂ de Primeira Cruz (Maranhão).



zona limite das areas de duas variedades affins, ha accentuada fluctuação no aspecto dos caracteres peculiares a cada uma, occupando no particular posições extremas dois exemplares constantes da collecção do Museu Paulista. São elles um ♂ de Belmonte (n.º 10.200), em que ás faixas amarellas das partes superiores, mórmente no dorso são reduzidas a estreitas linhas, e uma ♀ (n.º 10.199) de Ilhéos, que considerada isoladamente, ninguem hesitaria em referir á variedade *intercedens*, dada a desusada quantidade de amarello que apresenta no dorso, onde o preto assume nitidamente a forma de manchas cordiformes bem destacadas.

***Celeus flavescens intercedens* Hellmayr**

Celeus flavescens intercedens HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 82 (Goyaz: Fazenda Esperança); Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. ser., XIII, part II, p. 448 (Santo Amaro).

♂, Corupéba, (proximo á illa de Madre de Deus, no Reconcavo), 4 de Fevereiro de 1933.

♀, Corupéba, 4 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 24 de Fevereiro.

Exempl. addic.: ♀ (n.º 7.452), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Fevereiro de 1908, E. Garbe coll.

Em concordancia com a opinião de Hellmayr e de Cory, é licito referir os pica-paus do Reconcavo á mesma forma descripta em Goyaz pelo primeiro d'aquelles autores. Todavia, nem os exemplares de Corupéba, nem taupouco uma ♀ de Bomfim, no norte secco da Bahia, apresentam bem definidos os caracteres da raça hoje excellentemente representada no Museu Paulista por exemplares do sul de Goyaz (Inhúmas e Rio das Almas). Nas aves da parte septentrional da Bahia que tenho em observação, o amarello das partes superiores conserva o seu aspecto de faixas transversaes perfeitamente destacadas, comquanto mais largas e algo mais carregadas de tom, do que acontece como regra nas do sul do estado.

Veja-se a este proposito a estampa illustrativa em que se põe em confronto os caracteres de coloração das tres raças, representadas por individuos de varios pontos do Brasil.

***Phloeocastes¹ robustus robustus* (Lichtenstein)**

Picapau

Picus robustus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl., p. 10 (Bahia).

Campophilus robustus HARGITT, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XVIII, p. 477 (Bahia, Wucherer).

♀, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 30 de Novembro de 1932.

2 ♂♂, Serra do Palhão, 6 de Dezembro.

♀, Serra do Palhão, 6 de Dezembro.

♂, Serra do Palhão, 2 de Dezembro.

sexo? Serra do Palhão, 12 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy, 15 de Dezembro.

2 ♀♀, Rio Gongogy (não longe de Bôa-Nova), 16 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy, 16 de Dezembro.

sexo?, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 20 de Março de 1933.

Este grande Pica-pau, muito abundante nas mattas do leste bahiano, onde parece ter seu limite geographico septentrional, existe em todos os estados do sul, até o Paraguay, inclusive Minas-Geraes e leste de Goyaz (Fazenda Esperança, Catalão). No nordeste da Argentina é substituído por *P. r. percoccineus* Dabbene, que differe por ser um pouco maior, e ter mais vivo o vermeiço da cabeça e crista.

(1) *Phloeocastes* Cabanis, 1862 (*Journ. f Orn.*, p. 176) difficilmente pode ser separado morphologicamente de *Scapanus* Cabanis & Heine, 1863 *Mus. Hein.*, IV, p. 90) de que apenas parece differir pelos caracteres de plumagem assignalados por Ridgway (*Birds of North and Middle America* VI, p. 9), a saber o baixo dorso e o uropygio fulvecente, em vez de proio, e a porção proximal das remiges manchadas de preto e canela.

Ceophloeus lineatus improcerus Bangs & Penard*Pica-pau*

Ceophloeus lineatus improcerus BANGS & PENARD, 1918, Bull. Mus. Comp. Zool. LXII, p. 58 (Bahia); CORY, 1919, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part. II, p. 457 (Rio Preto: S. Marcello).

Ceophloeus lineatus HARGITT, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XVIII, p. 508, *partim* (Bahia, *Wucherer coll.*); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 60 (Sambaiba, no Rio S. Francisco).

♂, Ilha de Madre de Deus (na Bahia de Todos os Santos), 18 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 21 de Janeiro.

Especimens addic.: ♀ (n.º 10.202), Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe; ♂ (2.361), «Bahia», compr. de Shlüter em 1894.

Diferente de *C. lineatus lineatus* L. apenas por suas dimensões um pouco menores (menos de 180 mm. de comprimento de asa), esta raça só é conhecida até hoje da Bahia, onde a encontrei não só no Reconcavo como nos campos do Rio Gongogy. As aves do sul do Brasil, como tive ocasião de provar recentemente,¹ assemelham-se perfeitamente às da Guiana e da Amazonia, pertencendo portanto á forma typica, sendo singular que não tenha sido ainda verificada a existencia da especie em nenhum estado do nordeste, nem mesmo no Piauh, cujo sul foi explorado ornithologicamente por Reiser.

Picumnus pygmaeus (Lichtenstein)

Picus pygmaeus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 12 (Brasil: adopte-se a Bahia como loc. typica).

Picumnus pygmaeus HARGITT, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XVIII, p. 508, *partim* (Bahia, *Wucherer coll.*); REISER, 1910, Denks. Math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 61 (Fazenda da Serra, Faz. Rainha e Lagôa da Extrema, no Rio Grande);

(1) *Rev. do Mus. Paul.*, XVII, 2.a parte, p. f. 59-60 (1932)

idem, 1925, Op. cit., p. 131; CORY, 1919, Field Mus. Publ., Zool., XIII, part II, p. 503 (Macaco Secco, perto de Andarahy).

♂, Corupeba (perto da Ilha de Madre de Deus), 20 de Janeiro de 1933.

♀, Corupeba, 20 de Janeiro.

Especimens additionaes: ♂ (n.º 8.570), Cidade da Barra, Outubro de 1913, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.353), Cidade da Barra, Fevereiro de 1908, Garbe; ♀ (n.º 8.569), Cidade da Barra, Outubro de 1913, Garbe; ♂ (n.º 7.357), Cidade do Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Junho de 1908, Garbe; ♀ (n.º 7.356), Bomfim, Maio de 1908; ♀ (n.º 7.355), Bomfim, Julho de 1908.

Minusculo pica-pau, estritamente da caatinga, de que só se conhecem exemplares do Maranhão (Codó, Cocos), do Piauí (Parnaguá, Piranha) e da Bahia.

Ordem PASSERIFORMES

Subordem MESOMYODI

Familia FORMICARIIDAE

Taraba major stagurus (Lichtenstein)

Lanius stagurus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 45 (Bahia, teste C. E. Hellmayr, que examinou os typos).

Thamnophilus albiventer SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 23, tab. 32 (Rio S. Francisco, isto é, Joazeiro).

Thamnophilus bicolor SWAINSON, 1825, Zool. Journ., II, p. 86 (= ♂) (catingas de Humildes, no norte da Bahia).

Thamnophilus cinnamomeus SWAINSON, 1825, Zool. Journ., II, p. 87 (= ♀) (Urupé, norte da Bahia).

Thamnophilus stagurus NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 990 (Rio Jequitinhonha: Quartel dos Arcos, na ilha Cachoeirinha).¹

(1) Cf. Neuwied, *Reise nach Brasilien*. 1821, II, p. 341.

Thamnophilus major SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 186, *partim* (Bahia, *Wucherer coll.*, etc.); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 65 (faz. do Riacho, no Rio Grande; Santa Rita do Rio Preto).

Taraba major stagurus HELLMAYR, 1924, Field Mus. Publ. Zool. ser., XIII, part. III, p. 47 (Macaco Secco, perto de Andaraíhy); idem, 1929, Field Mus., Zool. ser., XII, p. 364 (distrib., crit., etc.).

♂, Aratuhyte (Engenho da Ponte), 12 de Novembro de 1932.

♂ Rio Gongogy (não longe de Bôa-Nova), 26 de Dezembro.

♀, Corupeba (perto de Madre de Deus, na bahia de Todos os Santos), 18 de Fevereiro de 1933.

Exemplares adicionais: ♂ (n.º 7.384), Bomfim (antiga Villa-Nova da Rainha), Abril de 1908, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.382), Bomfim, Junho de 1908; ♀ (n.º 10.217) Belmonte, Agosto de 1919, Garbe coll.; ♂ (n.º 2.839), «Bahia», comprado de Schlüter.

As numerosas variedades geographicas de *Taraba major* peculiares ao territorio brasileiro distinguem-se umas das outras por differenças mais ou menos notáveis na coloração de ambos os sexos, e muito particularmente pela distribuição e quantidade variavel de branco nas rectrizes dos machos. N'este particular *T. m. stagurus* da Bahia e do nordeste do Brasil (Maranhão, Piauí, Ceará, norte de Goyaz), representa uma forma extrema, em que os machos se distinguem pela maior abundancia de branco na cauda, que nas pennas lateraes assume a disposição de faixas transversaes ordinariamente completas, enquanto que nas centraes existe sempre sob a forma de pequenas manchas, ao longo de cada uma das margens. Um macho de Pirapora, existente nas collecções do Museu Paulista, apresenta tambem manchas brancas distinctas nas bordas das rectrizes centraes, o que nos leva a incluir, pelo menos uma parte de Minas-Geraes, na area geographica de *T. m. stagurus*.

Na forma typica, espalhada do norte da Argentina e do Paraguay atravez do Brasil central (Matto-Grosso, sul de Goyaz, oeste de S. Paulo), as rectrizes

lateraes são ainda largamente marcadas de branco, quase como em *stagurus*; mas as do centro se apresentam inteiramente pretas ou excepcionalmente com manchas brancas vestigiaes na fimbria da barba interna. A redução do branco nas rectrizes dos machos attinge o seu maximo em *T. m. melauurus* (Sclater), raça amazonica (Rio Juruá, Rio Purús, leste do Equador e do Perú) em que aquella côr desaparece inteiramente da cauda, ou se liimita a pequenas manchas no apice das rectrizes lateraes. *Taraba uajor semifasciatus* (Cabanis), da porção septentrional do continente sul-americano (baixo Amazonas, valle do Orenoco, Guianas) é, d'este ponto de vista, rigorosamente intermediaria, com possuir só as rectrizes lateraes manchadas de pintas brancas, muito maiores na barba interna do que na externa, onde se reduzem a simples vestigios, ou mesmo desaparecem.

Muito menos caracterizada é, como reconhece Hellmayr,¹ *T. m. borbae*, propria do Rio Madeira, tanto morphologica como geographically, simples forma de transição entre *melanurus* e *semifasciatus*, podendo n'ella exhibirem os machos indistinctamente os caracteristicos de uma d'estas ultimas, conforme o caso. No que diz respeito ás femeas, as das differentes raças formam uma verdadeira serie em que as partes superiores apresentam tonalidades que variam entre o pardo castanho das de *melanurus* e o acannelado claro das de *stagurus*, passando pelo castanho-ferrugineo de *semifasciatus* e o ferrugineo-acannelado da forma typica. As de *borbae*, segundo Hellmayr, «combines the dark saccardo brown upper parts of *melauurus* with the basally white under-tail coverts of *semifasciatus*».

(1) *Field Mus. Publ. Zool., Ser., XIII, part. III, p. 49, nota b.*

***Thamnophilus palliatus* (Lichtenstein)**

Lanius palliatus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 46 (Bahia).

Thamnophilus palliatus SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus. Nat. Hist., XV, p. 212 (Bahia, *Wucherer coll.*).

Thamnophilus fasciatus SWAINSON, 1825, Zool. Journ., II, p. 88 (Bahia: Urupé).

♀, Aratuhye (Engenho da Ponte), 10 de Novembro de 1932.
2 ♂♂, Engenho da Ponte (perto de Aratuhye, ao sul de Nazareth), 13 de Novembro.

2 ♂♂, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 14 de Dezembro.
♀, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

Exempl. addie.: ♂, (n.º 2.841), «Bahia», comprado de Schlüter.

Relativamente commum nas mattas do Rio Gongogy, a especie ocorre no Brasil, a partir do Rio de Janeiro, em todo o Espirito-Santo, no leste de Minas (Rio Matipós), em larga zona do Brasil septentrional (leste da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará), e no norte de Mato-Grosso (Rio Guaporé), extendendo ainda seu dominio até o norte da Bolívia e o leste do Perú.

***Thamnophilus torquatus* Swainson**

Thamnophilus torquatus SWAINSON, 1825, Zool. Journ., II, p. 89 (Bahia: Urupé); Selater, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 213 (Bahia, *Wucherer, coll. etc.*); REISRE, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien., LXXXVI, p. 66 (Alagoinhas); idem, 1925, Op. cit., p. 142.

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 11 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 12 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 15 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 19 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 21 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 23 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 27 de Janeiro.

Especeimen addicional: um ♂ (n.º 2847) de «Bahia», comprado de Schlüter.

E' bastante curioso que d'este passárinho, tão abundante na Ilha de Madre de Deus, não houvesse sido coligido em outra parte um exemplar sequer. A area geographica da especie estende-se a partir da Bolivia, atravez do Brasil central (Matto-Grosso, Goyaz, Minas-Geraes), por quase todo leste do Brasil, desde o Piauhy e Pernambuco até S. Paulo.

***Thamnomanes caesius caesius* (Temminck)**

Muscicapa caesia TEMMINCK, 1820, Nouv. Réc. de Pl. Color. d'Ois., pl. 17, figs 1 (♂) e 2 (♀) (baseado nos exemplares de Neuwied: leste do Brasil, ou mais precisamente, o sul da Bahia, *terra typica*);¹ NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 826 (sertão da Bahia).

Thamnomanes caesius PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 80 *partim* (exemplares de Kammerlacher, caçados na Bahia, *fide* Helmayr); SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 227 (Bahia, *Wucherer*).

♀, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 4 de Dezembro de 1932.

♂, Serra do Palhão, 5 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 14 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy, 14 de Dezembro.

♂, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 21 de Março de 1933.

♂, Cachoeira Grande do Rio Jucurucú, 22 de Março.

♀?, Cachoeira Grande, 2 de Abril.

♂, Cachoeira Grande, 5 de Abril.

♀, Cachoeira Grande, 6 de Abril.

Especimens addicionaes: 3 ♀♀ (n.os 11.548, 12.829 e 12.830 do M. P.), Ilhéos, Abril de 1919, E. Garbe coll.; ♂, Ilhéos, Maio de 1919, E. Garbe.

Th. caesius, raça typica, é peculiar ás mattas de leste do Brasil, desde o sudeste da Bahia até o Rio de Janeiro (Macahé), inclusive o leste de Minas-Geraes, de onde

(1) Cf. Allen, *Bull. Am. Mus. of Nat. Hist.*, II, p. 250 (1889).

o Museu Paulista possui exemplares caçados por Pinto da Fonseca no Rio Matipós, affluente do Rio Dôce.

Admittem-se actualmente varias raças em *T. caesius*, algumas d'ellas de reconhecimento assaz delicado, e validez aparentemente problematica.¹

***Myrmotherula axillaris luctuosa* Pelzeln**

Myrmotherula luctuosa PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, pp. 82, 153² (Bahia, Sellow coll.).

Myrmotherula melanogastra SCLATER, (nec Spix), 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 240 (Bahia, Wucherer).

♂, Rio Gongogy (affl.^{te} do Rio de Contas, margem direita), 24 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 27 de Março de 1933.

Especimens addic.: ♂ 7741 do M. P.), Caravellas, Agosto de 1908; ♂ (n.º 10.220), Belmonte, Agosto de 1919; ♂ (n.º 10.221), Ilhéos, Abril de 1919; ♂ (n.º 10.222), Ilhéos, Maio de 1919.

Peculiar ao éste brasileiro, desde Pernambuco até o Rio de Janeiro.

Nada tem de facil a distincção entre os machos d'esta variedade e os de *M. a. axillaris*, da Amazonia e das Guianas. Casos ha, e d'isso é prova um exemplar de Caravellas (n.º 7741 do M. P.), em que os individuos masculinos de *luctuosa* têm os flancos francamente tingidos de branco (em vez de apenas cinzento claro), tal como na forma typica; o mesmo poder-se-á dizer com respeito á extremidade branca das rectrizes lateraes, embora seja ella em media mais extensa em *luctuosa* do que em *axillaris*. Diferença mais constante parece offerecerem as remiges, cuja fimbria externa e cuja extre-

(1) Cf. Hollmayr, *Field Mus. Publ., Zool. Ser.*, XIII, part. III, pp. 129-132 (1924).

(2) Segundo Hollmayr (*Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part. III, 1924, p. 148) na descripção de Pelzeln só a do macho se refere a esta especie.

midade, só em *luctuosa* se mostram apreciavelmente tingidas de branco. As fêmeas, pelo contrario, são muito mais facéis de distinguir, seja pela coloração mais cinzenta da cabeça e do dorso em *luctuosa*, seja, e muito principalmente, pela orla externa das remiges, que só em *axillaris* se mostra distinctamente tingidas de ferrugem, bem como as pontas das coberteiras superiores das azas.

***Herpsilochmus pectoralis* Sclater**

Herpsilochmus pectoralis SCLATER, 1857, Proc. Zool. Soc. London, XXV, p. 132 (sem indicação de localidade: a Bahia deve ser tomada para loc. typica, por suggestão de Hellmayr);¹ SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 247 (Bahia, Wucherer coll.).

♂, Corupeba (proximo á Ilha de Madre de Deus, no Reconcavo), 23 de Fevereiro de 1933.

Especim. addic.: ♂ (n.º 2.818), Bahia, comprado de Schüter em 1898; ♀ (n.º 12.835), Bahia, Schlüter, 1898.

Na sua maior parte, os exemplares de *H. pectoralis* existentes nos museus são oriundos da Bahia, porém escasseiam indicações sobre a procedencia precisa dos mesmos. E' de crêr que, á maneira de muitos outros passarinhos encontrados no Reconcavo, occorra a especie em toda caatinga secca do norte e do occidente do estado, extendendo sua area até o Maranhão, onde Schwanda colleccionou numerosos exemplares, respectivamente em Codó, Cocos (Field Mus. *fide* Hellmayr), Primeira Cruz (Tring Mus., *fide* Hellmayr) e Boa-Vis-ta (uma ♀, n.º 6836 do Mus. Paulista). Hellmayr chamou a attenção para o proximo parentesco da especie com *H. longirostris*, de que todavia se distinguem os machos, muito facilmente, pela mancha negra semi-lunar, caracteristica, do peito, e as fêmeas, com mais um

(1) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part. III, p. 176.

pouco de atenção, pela côr bruno-acannelada (em vez de cannela clara) do pileo, e pelo tom francamente olivaceo (em vez de cinzento-olivaceo) das partes superiores.

***Neorhopias grisea grisea* (Boddaert)**

Turdus griseus BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enl., p. 39 (baseado sobre «Le Grisin, de Cayenne» de Daubenton, Pl. Enlum. 643, fig. 1: Cayena).

Formicivora nigricollis SWAINSON, 1825, Zool. Journ., II, p. 147 (catingas de Humildes, na Bahia).

Formicivora grisea SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 249 (Bahia, Dr. Wucherer); Reiser, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 66 (cidade do Salvador, Faz. da Serra no Rio Grande).

Neorhopias (Formicivora) grisea REISER, 1925, Denk. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 143 (Salvador, Rio Grande).

Neorhopias grisea grisea HELLMAYR, 1924, Field Mus. Publ. Zool. ser., XIII part III, p. 184 (Bahia, S. Amaro).

♂ Aratuhype, 12 de Novembro de 1932.

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 18 de Janeiro de 1933.

♂, Corupeba (perto de Madre de Deus), 19 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 27 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 28 de Janeiro.

♀, Corupeba, 6 de Fevereiro.

♀, Ilha dos Frades (bahia de Todos os Santos), 13 de Fevereiro.

Especimens adicionais: ♂ (n.º 7.742) Caravellas, Agosto de 1903, E. Garbe; ♀ (n.º 7.743), Caravellas, Agosto de 1903.

Os exemplares colligidos em Caravellas no extremo sul da Bahia marcam o limite meridional da area conhecida d'este passarinho, que ocorre sem modificações apreciaveis,¹ em todo o nordeste da America do Sul, desde as Guianas, atravez da Amazonia (Rio Negro, Rio Madeira, baixo Amazonas), do Brasil central (norte de Mat-

(1) Hellmayr, 1924, *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part. III, p. 185; E. Naumburg, 1930, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, LX, p. 207.

to-Grosso, Goyaz) e do Nordeste (Maranhão, Piauí, Pernambuco, etc.).

Na caatinga brasileira e no Planalto Central elle concorre com *N. melanogaster* (Pelzeln), especie muito vizinha, cujas femeas se distinguem á primeira vista das de *N. grisea grisea* por terem a superficie ventral clara, quase branca (em vez de cannella), ao passo que os machos serão facilmente confundidos sem um exame mais attento, á luz do qual os de *melanogaster* mostrarão possuir bico muito mais afilado, cauda consideravelmente mais longa (55 a 65 mm. em vez de 48 a 53 mm.), supercilijs brancos muito mais largos, barba interna das terciarias largamente orlada de branco (em vez de apenas esbranquiçada), etc.

***Pyriglena leucoptera* (Vieillot)**

Turdus leucopterus VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XX, p. 272 («Brésil» = Rio de Janeiro, Delalande coll. *vide* Hellmayr).

Lanius domicella LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl., Berliner Mus., p. 47 (Bahia).

Dryophila trifasciata SWAINSON, 1829, Zool. Illustr., ser. 2, pl. 27 (Bahia: mattas de Pitanga).

Pyriglena leucoptera SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 269 (Bahia, *Wucherer*); HELLMAYR, 1924, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part III, p. 225 (Bahia).

♂, Aratuhy, perto de Nazareth (Engenho da Ponte), 17 de Novembro de 1932.

2 ♂♂, Rio Gongogó (não longe de Cajazeiras), 16 de Dezembro.
♀, Rio Gongogó, 16 de Dezembro.

Especimens addic.: ♂ (n.º 7.343) Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Fevereiro de 1908, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.231), Ilhéos, Abril de 1919, Garbe.

Commum nas mattas do sudeste do Brasil, desde a Bahia e Minas-Geraes até Santa Catharina, occorre ainda no Paraguay (Alto Paraná) e no nordeste da Argentina (Misiones).

Myrmoderus ruficauda (Neuwied)

Myiothera ruficauda NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1060 (sem indicação de localidade: Hellmayr¹ suggere para loc. typica Rio Dôce, no Espírito Santo).

Myrmeciza ruficauda SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 281 (Bahia, Wucherer coll.).

♀, Rio Jucuruê (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 24 de Março de 1933.

A area d'esta especie parece circumscripta ás matas do sul da Bahia e do Espírito-Santo. O Museu Paulista possui tres ♂ e duas ♀ caçados em Porto Cachoeiro (sobre o Rio Santa Maria, no Espírito-Santo) por E. Garbe.

Drymophila squamata squamata (Lichtenstein)

Myiothera squamata LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 44 (Bahia).

Formicivora squamata PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 84 (Bahia, Kammerlacher coll.); Lima, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 99 (Ilhéos, exemplares no M. P.); SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 254, *partim* (Bahia, Wucherer coll.).

Drymophila squamata squamata HELLMAYR, 1924, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part III, p. 200 (Bahia).

♂, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 15 de Dezembro de 1932.

Exempl. additionaes: ♀ (n.º 7.753), Caravellas, Agosto de 1908, E. Garbe coll.; 3 ♂♂ de Ilhéos, caçados em Abril de Maio de 1919 por E. Garbe.

O macho colligido agora no Rio Gongogy apresenta bem nitido o caracter em que Hellmayr baseou a definição de *D. s. squamata*, a saber, o alto da cabeça uniformemente negro na porção central, limitado d'um e d'outro lado por una lista de pintas brancas. Esta particularidade, que observo tambem n'um macho de Ilhéos,

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, part. III, p. 272* (1924).

é todavia muito longe de ser constante, ocorrendo frequentemente exemplos de pileo inteiramente maculado de pintas brancas a modo do que é regra nas aves de Rio de Janeiro e S. Paulo, separadas sob *D. s. stictocorypha* (Boucard & Berlepsch).¹ Um dos machos de Ilhéos (n.º 10.225), tanto pelo seu pileo pintado de branco, como pelo abdomen cinzento escuro, é impossível de distinguir-se dos exemplos do sul do Brasil.

***Formicarius ruficeps ruficeps* (Spix)**

Pinto do maito, Gallinha do maito

Myothera ruficeps SPIX, 1824, Av. Bras., I, p. 72, tab. LXXII, fig. 1, (sem indicação de localidade: Rio de Janeiro, loc. typica, por sugestão de Hellmayr, que examinou o typo no Mus. de Munich).

Myioturdus Tetema NEUWIED, (nec Vieillot), 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1038 (Mucuri).

Formicarius ruficeps PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 90, *partim* (exempl. de *Kammerlacher*, caçados na Bahia, *fide* Hellmayr);² LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2ª parte, p. 99 (Itabuna).

Formicarius colma SCLATER (nec Boddaert), Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 302 (Bahia, *Wucherer* etc.).

Formicarius ruficeps ruficeps HELLMAYR, 1924, Field Mus. Zool., XIII, part III, p. 278 (Caravellas, Ilhéos, Belmonte).

♀, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 21 de Março de 1933.

2 ♂♂, Cachoeira Grande do Rio Jucurucú, 25 de Março.

♂, Cachoeira Grande, 26 de Março.

♀, Cachoeira Grande, 26 de Março.

♂, Cachoeira Grande, 4 de Abril.

♀, Cachoeira Grande, 5 de Abril.

Especimen adicional: ♂ (n.º 10.232 do Mus. Paul.), Itabuna, Junho de 1919.

(1) *The Humming Bird*, II, p. 44 (1892).

(2) Cf. *Field Mus. Publ., Zool.* XIII, part. III, p. 279 (1924).

Peculiar ás mattas da região costeira do Brasil, desde a Bahia até Santa Catharina, o Pinto-do-matto, que também existe a leste de Minas (Rio Matipó), é extremamente commum na região do Rio Jucurucú; era quase infallivel encontral-o a cada passeio pela floresta, sobresaltando-se ao primeiro rumor e pondo-se em fuga com grande alarido. Sua voz é um pio muito semelhante ao de um pinto domestico já crescido, circunstancia que se allia á apparencia da ave para justificar-lhe perfeitamente o nome vulgar.

Uma outra raça, (*F. ruficeps amazonicus* Hellmayr),¹ apenas diferenciada pelo tamanho um pouco menor e cauda mais curta, occupa a Amazonia (inclusive o oeste de Matto-Grosso) e o norte do Maranhão (Turyassú).²

Familia DENDROCOLAPTIDAE

Furnarius figulus figulus (Lichtenstein)

Antassa-barro

Turdus figulus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 40 (Bahia).

Optiorynchus rufus NEUWIED, (*nec Merops rufus* Gmelin), 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 667 (Rio Jequiriçá, Jaguaripe, Reconcavo).

Furnarius melanotis SWAINSON, 1837, Amim. in Menag., p. 324 (Bahia).

Furnarius figulus PELZELN, 1881, Ibis, p. 410 (Bahia); SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 12 (Bahia, Wucherer); NICOLL, 1906, Ibis, p. 668 (Ilha de Itaparica); MÈNÉGAUX & HELLMAYR, 1906, Mém. Soc. Hist. Nat. d'Autun, XIX, p. 51 (Bahia; critica); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 69 (Matta de S. João e ilha do Rio S. Francisco perto de Sambaiba); idem, 1925, op. cit., p. 152 (Barra do Rio Grande).

(1) *Orn. Monatsb.*, 1902, X, p. 34: Rio Madeira — Borba.

(2) Cf. Hellmayr, *Novit. Zool.*, 1907, p. 390; *Field Mus. Publ. Zool.*, XII, p. 279.

Furnarius figulus figulus HELLMAYR, 1925, Field Mus. Publ. Zool. Ser., XIII, part IV, p. 24 (Bahia).

2 ♂♂, Corupéba (perto de Madre de Deus, no Reconcavo), 20 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba, 3 de Fevereiro.

Especim. supplm.: 2 ♂♂ (n.º 7.314 e 7.315 do M. P.), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe; ♀ (n.º 7.313), Joazeiro, Dez. de 1907.

A raça typica de *F. figulus* ocorre em todo o nordeste brasileiro, desde a Bahia até o Maranhão, sendo substituída no baixo Amazonas por *F. f. pileatus*, diferente pela cor pardo-escura do alto da cabeça, em flagrante contraste com a do dorso.

***Furnarius leucopus assimilis* Cabanis & Heine**

Amassa-barro, João de Barro

Furnarius assimilis CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 22 («Brasilien»: Bahia local. typica, por sugestão de Hellmayr); MÉNÉGAUX & HELLMAYR, 1906, Mém. Soc. Hist. Nat. Autun, XIX, p. 53 (Bahia); IHERING, 1914, Rev. Mus. Paul., IX, p. 435 (Cidade da Barra).

♀, Corupéba (perto da ilha de Madre de Deus, no Reconcavo), 26 de Janeiro de 1933.

♀, Corupéba, 1 de Fevereiro.

♂, Ilha dos Frades, 4 de Fevereiro.

♂, Ilha dos Frades, 13 de Fevereiro.

Exempl. addic.: ♀ ? (n.º 7.311), Bomfim (ant. Villa Nova da Rainha), Maio de 1908, Garbe coll.; ♀ (n.º 7.312), Joazeiro, Dezembro de 1910.

Peculiar aos campos do Nordeste (do Maranhão á Bahia) e do Brasil Central (Matto-Grosso, Goyaz), prolonga a sua area até o sudeste da Bolivia. Como tive ensejo de observar em recente trabalho,¹ os exemplares de MattoGrosso exhibem frequentemente, senão

(1) *Rev. Mus. Paul.*, XVII, 2.^a parte, p. 757 (1932).

sempre, uma coloração ferruginosa mais intensa do que os da Bahia. N'este particular, não ha differença entre as aves do Reconcavo (Corupéba, etc.) e as da caatinga (Bomfim).

***Synallaxis frontalis frontalis* Pelzeln**

Synallaxis frontalis PELZELN, 1859, Sitzungsber. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, XXXIV, p. 117 (novo nome para *Parulus ruficeps* ♀ de Spix,¹ não de Lichtenstein: Bahia, Rio S. Francisco); SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 39, *partim* (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 68 (Rio Grande: Cidade da Barra, Faz. da Serra).

Synallaxis frontalis frontalis HELLMAYR, 1925, Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII, part. IV, p. 80 (Rio Preto: S. Marcello).

♂, Ilha de Madre de Deus, 13 de Janeiro de 1933.

♂, Ilha de Madre de Deus, 16 de Janeiro.

sexo?, Madre de Deus, 23 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 29 de Janeiro.

Especimens supplementares: ♂ (n.º 7.265), Cidade da Barra (ou Barra do Rio Grande), Janeiro de 1908; ♀ (n.º 8.535), Cidade da Barra, Janeiro de 1908; ♂ (n.º 7.263), Bomfim (ant. Villa Nova), Março de 1908; 2 ♀♀ (n.ºs 7.260 e 7.266) Bomfim, Março de 1908; sexo? (n.º 2.857), Bahia, compr. de Schilüter.

Synallaxis f. frontalis existe espalhada desde o Paraguay e o norte da Argentina por todos as regiões campestres do Brasil central e leste (Matto-Grosso, Minas-Geraes, S. Paulo, Goyaz, Bahia, Maranhão, Piauhy, Ceará). As variações observadas ás vezes nos caracteres da subspecie parece não se subordinarem á influencia geographica;² assim a area pardo-escura da região frontal, tão conspicua em certos individuos, n'outros se reduz extraordinariamente, tornando-se apenas perceptivel. O mesmo se pode dizer com relação ao colorido das

(1) Cf. Hellmayr, *Field Mus. Publ. Zool.* XII, p. 348 (1929).

(2) *Av. Bras.*, I, p. 85, tab. LXXXVI, fig. 2.

azas e do pileo, que em individuos adultos, varia entre o cannella e o ferrugineo intenso. Em alguns exemplares as partes inferiores são tambem muito mais claras do que de costume, salientando-se n'este particular uma ♀ da Cidade da Barra, em que a parte media do abdomen é quase branca.

***Certhiaxis cinnamomea russeola* (Vieillot)**

Sylvia russeola VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XI, p. 217 (baseado em Azara, Apuntam., n.º 233: Paraguay).

(?) *Synallaxis cinnamomea* SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 50, *partim* (Bahia, Wucherer coll.).

♂, Corupéba, 20 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba, 22 de Fevereiro.

sexo?, Corupéba, Fevereiro?

Exempl. addic.: um ♂ de Caravellas, caçado em Agosto de 1908 por E. Garbe.

Comparados com os do norte da Bahia (Joazeiro, Cidade da Barra), e com os do Brasil meridional, os exemplares trazidos do Reconcavo, comquanto intermediarios do ponto de vista de certas nuanças muito tenues de colorido, approximam-se decididamente muito mais dos ultimos, a cuja raça devem portanto ser referidos. Na fauna do Reconcavo é um dos poucos exemplos da presença de elementos proprios ao sul do Brasil e extranhos á região nordestina.

No extremo Nordéste as aves differem pelo seu tamanho mais reduzido, pelo colorido ruivo-acannelado mais claro das partes superiores, etc.; esta raça, a que Cory¹ chamou *C. c. cearensis*, extender-se-ia até a caatinga bahiana, sem attingir o Reconcavo.

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Orn. Ser.*, I, p. 340 (1916).

Phacellodomus rufifrons rufifrons (Neuwied)*Carrega-madeira* (Reconcavo)

Anabates rufifrons NEUWIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 177 (Ribeirão da Ressaca, nos confins de Bahia e Minas Geraes).

Malurus garrulus SWAINSON, 1822, Zool. Illustr., III, pl. 138 (Bahia).

Phacellodomus rufifrons SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 80 *partim* (Bahia, *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 68 (Alagoinhas, Santa Rita do Rio Preto, Rio S. Francisco); *idem*, 1925, *op. cit.*, p. 49.

sexo?, Ilha de Madre de Deus, 28 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 29 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 5 de Fevereiro.

2 ♂♂, Madre de Deus, 10 de Fevereiro.

♂, Madre de Deus, 10 de Fevereiro.

♀, Madre de Deus, 15 de Fevereiro.

Exempl. addic.: sexo? (n.º 2863) Bahia, compr. de Schlüter.

Não serão muitas as arvores na ilha de Madre de Deus em que se não vejam um ou inais galhos penderem sob o peso dos ninhos enormes que o Carrega-madeira constrói com paus seccos e gravetos. Enquanto dura a laboriosa tarefa o casal faz ouvir a cada momento seu canto característico, á moda do nosso João-de-barro, em analogas circumstancias.

Esta raça, substituída em Matto-Grosso e Bolivia por *P. r. sincipitalis* Caban., ocorre nas caatingas de leste do Brasil, desde Minas Geraes (Rio das Velhas) até o sul do Piauhý (Gilboez).

Tripophaga macroura (Neuwied)

Anabates macrourus NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 147 (Rio Catolé, affl. do Rio Pardo).

Sphenura striolata LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 42 (Bahia).

Anabates (Sphenura) striatus SPIN, 1824, Av. Bras., I, p. 83 (Bahia).

Tripophaga striolata SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 83 (Bahia, Wucherer coll.).

♀, Aratuhype (Engenho da Ponte), 13 de Novembro de 1932.
Especimen supplm.: sexo? (n.º 2.862), Bahia, compr. de Schlüter.

Especie privativa das mattas de Bahia e Espirito-Santo. Um exemplar da ultima procedencia, talvez por incompleta maturidade não apresenta mancha ferruginea distincta na garganta, sendo ainda mais claro no colorido geral.

***Pseudoseisura cristata cristata* (Spix)**

Anabates cristatus SPIN, 1824, Av. Bras., p. 83, tab. LXXXIV, (Bahia: Malhada, no Rio S. Francisco).

Homorus cristatus SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 86 (Bahia, Wucherer coll.); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 68 (Soledade, perto de Carnahyba, no Rio S. Francisco).

Pseudoseisura cristata MENÉGAUX & HELLMAYR, 1906, Mém. Soc. d'Hist. Nat. XIX, p. 87 (Bahia: Rio S. Francisco); HELLMAYR, 1906, Abhandl. K. Bayer. Ak. Wiss. München, II Kl., XXII Bd., p. 629 (critica); IHERING, 1914, Rev. Mus. Paul., IX, p. 438 (Cidade da Barra).

♂, Corupéba, 13 de Fevereiro de 1933.

Exempl. addic.: 2 ♂♂ (n.ºs 7.334 e 7.335), Joazeiro, Novembro de 1907; ♀ (n.º 7.333), Joazeiro, Novembro de 1907; ♂ (n.º 8.522), Cidade da Barra, Setembro de 1913; sexo? (n.º 5.272), Bahia, perm. do Mus. de Berlepsch.

***Ipoborus¹ leucophthalmus leucophthalmus* (Neuwied)**

Anabates leucophthalmus NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 141 (Rio Ilhéos); idem, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1170.

(1) *Automolus* Reichenbach, 1853, sendo preoccupado por *Automolus* Burmeister, 1845, (*Handb. d. Entomologie*, 4 fasc. 2, pp. 192 o 202) em

Automolus leucophthalmus LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 99 (Ilhéos).

♀, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 30 de Novembro de 1932.

2 ♂♂, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 31 de Março de 1933.

sexo?, Cachoeira Grande, 31 de Março.

♂, Cachoeira Grande, 6 de Abril.

Exempl. addic.: ♂ (10.233 do M. P.), Ilhéos, Abril de 1919, E. Garbe coll.; sexo? (n.º 10.234), Ilhéos, Abril de 1919, Garbe.

Os dois exemplares, ambos adultos, caçados por E. Garbe nas cercanias de Ilhéos, valem a meu vêr por indivíduos topotypicos de *Anabates leucophthalmus* Neuwied. Em identicas condições deverão estar também, senão todos os especimens trazidos agora do sul da Bahia, pelo menos a ♀ caçada na Serra do Palhão, zona praticamente a mesma do Rio Cachoeira, de que é apenas separada pelas elevações montanhosas que ladeiam o Rio Gongogy. A comparação, assaz instructiva, dos referidos exemplares com os do Brasil meridional (Minas, S. Paulo, etc.) não descobre qualquer differença de colorido entre elles; com apresentarem todos no uropygio e na cauda a mesma coloração ferrugineo-acannelada, nem tampouco nas dimensões, perfeitamente equivalentes. *A. l. leucophthalmus*¹ é portanto o nome proprio da variedade sulina, continuando a chamar-se *A. l. bangsi* á raça descripta no Reconcavo bahiano (S. Amaro) por Cory, differente da forma typica pelas suas dimensões um pouco maiores (90 a 97 mm. de aza, segundo Hellmayr) e pelo colorido mais escuro, «decidedly darker chestnut rufous»¹ das rectrizes, coberteiras superiores

substituição foi proposto *Automoliana* Strand (*Arch. f. Naturg.*, XCII, A, heft 8, p. 56). *Ipoborus* Caban. & Heine, 1859 (*Mus. Hein.*, II, p. 31) parece-me comtudo perfeitamente aceitavel. Cf. O. Pinto, *Rev. Mus. Paul.*, XVII, 2.^a parte, p. 803, nota (1933).

(1) Hellmayr, *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, parte IV, p. 212, nota margin.

e uropygio. As dimensões um pouco maiores encontradas por Hellmayr nos typos de Neuwied, aliás concordantes em colorido com as aves de Minas e S. Paulo, só poderão significar uma variante accidental.

A título de contribuição dou abaixo as medidas dos nossos exemplares de *A. l. leucophthalmus*:

	aza	cauda	culmen
♀, n. 14.175, Serra do Palhão	90mm.	81mm.	22mm.
♂, n. 10.233, Ilhéos	89	89	21
sexo ? 10.234, »	92,5	85	22
♂, n. 14.171, Rio Jucurucú	82,5	82	22
♂, n. 6.321, Rio Doce (Espírito Santo)	90	87	19,5
♂, n. 6.179, » » » »	89	84	21
sexo ? n. 11.849, Santa Luzia do R. das Velhas (Minas)	90	86	20,5
sexo ? n. 2.867, Iguape (S. Paulo)	90	84	21
♀, n. 5.441, Ubatuba » »	87	80,5	21
♀, n. 5.440, » » »	83,5	78,5	20
♀, n. 11.131, Itatiba » »	84,5	84	20
♂, n. 2.866, Piracicaba (S. Paulo)	90	85,5	20,5
♂, n. 2.865, Tietê (S. Paulo)	86	84	21,5
♂, n. 8.242, Ituverava (S. Paulo)	92,5	87	19
♀, n. 5.818, Rio Feio » »	87	78,5	20,5
♀, n. 5.122, Itapura » »	80,5	91,5	20
sexo ? n. 1.842, Jacarezinho (Paraná)	86	80	20,5
» n. 4.747, Puerto Bertoni (Paraguay)	89	83	22

***Philydor atricapillus* (Neuwied)**

Anabates atricapillus NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 147 (Rio Catolê, affluente do Rio Pardo).

*Philydor*¹ *atricapillus* SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 96 (Bahia, Wucherer coll.).

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande) 25 de Março de 1933.

(1) Escreito *Phyllitor*, por erro typographico evidente.

Especie largamente diffundida pelas mattas do Brasil meridional (Minas, Espirito-Santo, S Paulo), até o nordeste do Paraguay e da Argentina.

***Xenops minutus minutus* (Sparman)**

Turdus minutus SPARRMAN, 1788, Mus. Carlsonianum, fasc. 3, p. 68 (sem ind. de local.: Rio de Janeiro, por suggestão de Hellmayr).¹

Xenops genibarbis SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 110, *partim* (Bahia, Wucherer coll.).

Xenops minutus minutus HELLMAYR, 1925, Field Mus. Publ., XIII Zool. Ser., XIII, part IV, p. 232 (Bahia).

♂?, Serra do Palhão, 11 de Dezembro de 1932.

Tem larga distribuição nas mattas do nordeste brasileiro, desde a Bahia até o Paraná e o leste do Paraguay

***Sclerurus caudacutus umbretta* (Lichtenstein)**

Myiothera umbretta LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 43, (Bahia).

Sclerurus caudacutus umbretta HELLMAYR, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 56 (critica: Bahia).

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 25 de Março de 1933.

♂, Cachoeira Grande, 8 de Abril.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 10.250) Ilhéos, Maio de 1919, Garbe coll.;

♂ (n.º 10.249), Itabuna, Julho de 1919, Garbe.

Espalhado desde o Espirito-Santo até o Baixo-Amazonas e o Rio Madeira. Admitte-se ser representado na alta bacia amazonica (Rio Solimões, Rio Negro, Rio Juruá) por *S. c. brunneus* Sclater, variedade muito discutivel, desde que tenho sob exame um ♂ de Porto Cachoeiro no Espirito-Santo (n.º 6.344), perfeitamente semelhante a outro do Rio Juruá (n.º 2.784). No que

(1) O exemplar typo de *Turdus minutus* Sparman, ainda existente no Museu de Stockholm, foi verificado por Lönnberg pertencer á presente especie.

toca ás nuances de que a plumagem de *S. c. umbretta* é susceptível, noto ser a côr dos exemplares trazidos do Rio Jucuruçú um tanto differente, pela tonalidade uniformemente mais olivacea, menos arruivada, do que nos demais, e muito especialmente nos que ha pouco referi.

***Dendrocincla turdina* (Lichtenstein)**

Dendrocolaptes turdinus LICHTENSTEIN, 1820, Abh. Akad. Wiss. Berlin, annos 1818-19, p. 204, pl. 2, fig. 1; idem, 1822, op. cit., annos 1820-21, p. 264 (Bahia).

Dryocopus turdinus NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1112 (Rio Catolê, affl.^{te} do Rio Pardo).

Dendrocops turdinus LAFRESNAYE, 1851, Rév. Mag. Zool., 2.^a ser., III, p. 465 (Bahia).

Dendrocincla turdina RIDGWAY, 1888, Proc. U. S. Nat. Mus., p. 492 (Bahia); SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 167 (Bahia, Wucherer coll.); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 246 (Bahia).

♀, Serra do Palhão, 4 de Dezembro de 1932.

♀, Serra do Palhão, 7 de Dezembro.

2 ♂♂, Rio Jucuruçú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 21 de Março de 1933.

sexo?, Cachoeira Grande, 21 de Março.

♂, Cachoeira Grande, 2 de Abril.

Exemplares supplementares: ♀ (n.º 10.236), Itabuna, Agosto de 1919 E. Garbe coll.; ♀ (n.º 10.235), Itabuna, Junho de 1919.

O estudo da collecção de *D. turdina* do Museu Paulista leva-me a rejeitar convictamente a separação das aves do sul do Brasil em variedade diversa, correntemente conhecida por *D. turdina enalincia* Oberholser.¹ Hellmayr, que inclúe já o Espirito-Santo na area da supposta variedade, diz que ella differe da forma typica pela sua «much more olivaceous coloration, the upper parts being rufescent olive brown rather than tawny

(1) *Proc. Acad. Nat. Sci. Phila.*, LVI, p. 454 (1904).

brown, the throat decidedly paler than breast and abdomen which lack the ochraceous tinge»,¹ etc. Ora, a plumagem do passaro, tanto na Bahia como em S. Paulo é sujeita a importantes variações de colorido, sendo possível em cada caso encontrar exemplares perfeitamente comparaveis máu grado a diversidade de sua proveniência. A ♀ caçada 7 de Dezembro na Serra do Palhão (região do Rio de Contas, ao norte de Ilhéos), por exemplo, apresenta não só as partes superiores como a face abdominal decididamente arruivadas ou rufescentes, como uma de Espirito Santo (n.º 6.326) e um ♂ de Itapura (oeste de S. Paulo). Em compensação, um ♂ do Rio Jucurucú, quase no extremo sul da Bahia, nos limites portanto da area attribuida a *enalincia*, exhibe muito precisamente os caracteres de plumagem descriptas na forma typica, facto cuja significação augmenta enormemente deante de outro ♂ de Valparaizo (oeste de S. Paulo), em que a plumagem é typicamente de *turdina*, inteiramente isenta de qualquer tom ruivo, quer no dorso, quer no abdomen, conforme tive já occasião de accentuar em trabalho anterior.²

Conclúo em perfeita harmonia de opinião com Ihering,³ vendo muito maior vantagem em manter integra *D. turdina*, do que em scindil-a em duas formas insusceptiveis de caracterização precisa.

***Sittasomus griseicapillus olivaceus* Neuwied**

Sittasomus olivaceus NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1146 («in den inneren grossen Urwäldern»).

Sittasomus griseicapillus olivaceus HELLMAYR, 1917, Verh. Orn. Ges. Bay., XIII, p. 192 (Bahia).

♂, Rio Gongogy, 24 de Dezembro de 1932.

(1) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part IV, p. 364, nota margin. (1925)

(2) *Rev. do Museu Paulista*, tomio XVII, 2.^a parte, p. 72.

(3) *Catalogos da Fauna Brasileira, Aves*, p. 246 (1907).

Esta raça, diferente de *S. g. sylviellus* do sul do Brasil pela tonalidade francamente olivacea do alto da cabeça e da região interescapular, é conhecida apenas da Bahia, onde aliás parece rara. Exemplos de *S. Marcello*, no Rio Preto, examinados por Hellmayr¹ aproximam-se, ao contrario, de *S. griseicapillus reiseri* Hellmayr,² do nordeste do Brasil.

***Xiphorhynchus guttatus guttatus* (Lichtenstein)**

Dendrocolaptes guttatus LICHTENSTEIN, 1820, Abhandl. Berliner Akad. Wiss., anno 1818-19, p. 201; op. cit., 1822, anno 1820-21, p. 264 (Bahia).

Dendroornis guttata PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 45 (Bahia); SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 128, *partim* (Bahia Wucherer coll.).

Dendroornis guttata guttata MENÉGAUX & HELMAYR, 1906, Mém. Soc. d'Hist. Nat. d'Audan, XIX, p. 98 (Bahia).

Xiphorhynchus guttatus LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.ª parte, p. 99 (Ilhéos, Itabuna).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 17 de Dezembro de 1932.

♀, Rio Gongogy, 27 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy, Janeiro de 1933.

Especim. supplem.: ♂, (n.º 7.765) Caravellas, Agosto de 1908, Garbe coll.; ♂ (n.º 10.238) Ilhéos, Maio de 1919; ♀ (n.º 10.237), Ilhéos, Maio de 1919; ♂ (n.º 10.240), Itabuna, Julho de 1919, Garbe coll.; ♀ (n.º 10.239), Itabuna, Junho de 1919.

Ave peculiar ás mattas do sudeste brasileiro, desde a Bahia até o Rio de Janeiro, conta varias formas affins em outras zonas do paiz.³

(1) Cf. *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 362 (1929).

(2) *Sittasomus griseicapillus reiseri* Hellmayr, 1917, *Ver. Orn. Gesell. Bayer.*, XIII, p. 190 (Lagoa da Missão, perto de Parnaguá, no Piauí).

(3) Cf. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XIII, parte IV, pp. 295 e ss. (1925).

Dendroplex picus picus (Gmelin)

Oriolus Picus GMELIN, 1788, Syst. Nat. I, p. 384 (baseado essencialmente sobre o «Talapiot» de Buffon e Daubenton, Pl. Enlum. n.º 605: Cayena).

Dendrocolaptes Picus LICHTENSTEIN, 1820, Abhandl. Akad. Wiss. Berlin, annos 1818-19, p. 203 (diagn.); idem, 1822, op. cit., 1820-21, p. 265 (Bahia); idem, 1823, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 16 (Bahia).

Deudropex picus SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 138 (Bahia, Wucherer coll.); IHER. & IHERING 1907, Cat. Av. Bras., p. 249 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 67 (Cabula, na cid. do Salvador); idem, 1925, op. cit., p. 146.

Dendroplex picus bahiae BANGS & PENARD, 1921, Bull. Mus. Comp. Zool., LXIV, 369 (Bahia).

Deudroplex picus picus HELLMAYR, 1924, Field Mus. Publ. Zool. ser., XIII, part. III, p. 288 (S. Amaro).

♂, Ilha da Bimbarra (na bahia de Todos os Santos), 21 de Janeiro de 1933.

♂ Corupeba (proximo á ilha de Madre de Deus), 9 de Fevereiro.

• ♀, Corupeba, 9 de Fevereiro.

Espeçim. suplem.: ♂ (n.º 7.762), Caravellas, Agosto de 1908, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.764) Caravellas, Agosto de 1908, Garbe; ♀ (n.º 7.285), Bomfim (ant. Villa Nova), Março de 1908, Garbe; sexo? (n.º 2874), «Bahia», compr. de Schlüter.

Dendroplex picus, de que varias raças têm sido discriminadas na porção mais septentrional da America do Sul, é, ao longo do territorio brasileiro em que ocorre, notavelmente constante em seus caracteres de plumagem. Os proprios exemplares do Matto-Grosso, hoje referidos a *D. picus knerii* (Des Murs), forma do alto Amazonas (Rio Solimões, Rio Ucayali, Rio Madeira, etc.), que se diz ser, em comparação com a forma typica, proporcionalmente maior e de bico mais avantajado,¹

(1) Cf. Hellmayr, 1924, *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XIII, parte IV, p. 291, nota margin. Com referencia á raça diz textualmente o

na realidade difficilmente se differenciam das aves do norte do Brasil. Um unico individuo que tenho de Matto-Grosso, (♀, n.º 12.189, Coxim, no Rio Piqueri, Lima coll.) tem apenas as suas partes superiores, inclusive a cauda, de um castanho-ferrugineo mais carregado que os das outras procedencias; o abdomen não apresenta nenhuma differença apreciavel e quanto á dimensões (aza 102 mm.; cauda 92 mm.), ellas tambem não ultrapassam á media das de *D. p. picus*. Com referencia ás aves da Bahia e do nordeste do Brasil, a que attribuem Bangs & Penard abdomen mais ruivo, propondo a sua separação em *D. p. bahiae*, sou do parecer de Hellmayr (op. cit., p. 290, nota) e de Naumburg (*Bull. Am. Mus.* LX, 1931, p. 251-2), quando fogem a reconhecer as differenças apontadas para justificar a nova subespecie. E' todavia possivel que os exemplares do Maranhão e da Bahia, possúam as partes superiores mais claras, menos castanhas, do que os do Pará e Amazonas, como me suggere a comparação dos que tenho deante dos olhos.

A maior ou menor rufescencia do abdomen dos passaros da Bahia ou do Maranhão é accidente meramente individual, acontecendo até que, d'este ponto de vista, alguns exemplares agora trazidos se destacam pela coloração desmaiada e pardacenta das partes inferiores.

***Lepidocolaptes fuscus tenuirostris* (Lichtenstein)**

Dendrocolaptes tenuirostris LICHTENSTEIN, 1820, Abhandl. Akad. Wiss. Berlin, annos 1818-19; idem, 1822, op. cit., annos 1820-21. p. 265 (Bahia: Rio S. Francisco).

Picolaptes tenuirostris SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 151, *partim* (Bahia, Wucherer coll.).

autor: «Similar to *D. p. picus*, but decidedly larger, with heavier, paler bill; under parts much more tawny». Cf. ainda E. Naumburg (*Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* LX, 1930, p. 251) que dá informes importantes sobre dimensões.

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Rio Gongogy), 28 de Nov. de 1932.

♂, Rio Jucurucú (Braço de Sul: Cachoeira Grande), 14 de Abril de 1933.

Especimens supplem.: ♂ (n.º 10.242), Ilhéos, Abril de 1919, E. Garbe coll.; 3 ♂♂ (n.ºs 10.243 - 10.245), Ilhéos, Maio de 1919; ♂ (n.º 10.246), Itabuna, Julho de 1919; ♀ (n.º 10.247), Itabuna, Julho de 1919.

Comparados com os passaros do Brasil meridional, os do sul da Bahia distinguem-se pelas suas dimensões apenas um pouco maiores em media, consoante o traço característico mais importante assignado a *L. f. tenuirostris* por Hellmayr.¹ A mesma observação contudo não se applica a uma pequena serie de exemplares da zona secca do estado, todos provenientes das cercanias de Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), que accentuadamente differem de todos os outros, não só pelo seu tamanho proporcionalmente muito menor, como tambem pelo seu colorido decididamente mais claro, tanto nas partes inferiores, onde a côr predominante é o amarello fulvescente, sob a forma de largas manchas mal debruadas de olivacco-pardacento, como ainda nas superiores, especialmente nas azas e na cauda, acanneladas em vez de castanho-escuras. Tanto quanto posso julgar, os exemplares da caatinga bahiana formam uma raça nitidamente caracterizada, impossivel de confundir com *L. f. atlanticus* Cory,² cujos caracteres exactamente oppostos, concordam, ao contrario, com os das aves da Bahia meridional, á excepção talvez da coloração das partes inferiores. *Dendrocolaptes tenuirostris* Lichtenstein, baseado como si sabe n'um exemplar do Rio S. Francisco, é nome que talvez se applique propriamente ás aves de Bomfim, caso em que caberia *atlanticus*, ou um novo nome, á variedade maior, commumente conhecida pela designação de Lichtenstein.

(1) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, parte IV, p. 233, nota margin.

(2) *Field Mus. Publ. Orn. Ser.*, I, p. 341 (1916).

Deixo a outros conseguir com mais amplos recursos o assumpto complexo, para cujo esclarecimento poderá contribuir o quadro de medidas que a seguir apresento. Têm-se como adultos os especimens aqui estudados.

Lepidocolaptes fuscus fuscus

		aza	cauda	culmen
♂, n. 8.245,	Ituverava, S. Paulo	79,5mm	70,5mm.	24mm.
♀, n. 8.246,	» » »	79	69	24,5
♀, n. 150,	Ypiranga, » »	76	70,5	24
♂, n. 6.514,	Alto da Serra, S. Paulo	80	74	25,5
♂, n. 1.211,	S. Sebastião, » »	79,5	71	24
♂, n. 5.776,	Ilha Grande, R. de Janeiro	79,5	70	25
♀, n. 7.899,	Nova-Friburgo, R. de Jan.	79,5	69	24,5
♂, n. 6.322,	Rio Dôce, Espirito-Santo	81	77	24
♂, n. 6.323,	» » » »	87	75,5	26,5
♂, n. 6.324,	» » » »	82	74	25,5

Lepidocolaptes fuscus tenuirostris (?)

♂, n. 10.241,	Ilhéos, Bahia	82mm.	74mm.	28mm.
♂, n. 10.242,	» »	82	74	25,5
♂, n. 10.243,	» »	88	78	28
♂, n. 10.244,	» »	82	75,5	26
♂, n. 10.245,	» »	88	72	28
♀, n. 10.247,	Itabuna »	90	78	25
♂,	Rio Jucurucú »	87	74	25

Lepidocolaptes fuscus nova subsp.?

♂, n. 7.310,	Bomfim, Bahia,	75,5mm.	79mm.	22mm.
♀, n. 7.306,	» »	79	73	25
♀, n. 7.308,	» »	78,5	67	23
♀, n. 7.309,	» »	81	70	23

Xiphocolaptes albicollis albicollis (Vieillot)

Dendrocopus albicollis VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat. nouv. éd., XXVI, p. 117 (Brésil = Rio de Janeiro, coll. Delalande, teste Hellmayr).

♂, Rio Jucurncú (Cachocira Grande), 2 de Abril de 1933.
♀, Cachoeira Grande, 7 de Abril.

A forma typica de *X. albicollis*, bem definida pelas listas pretas transversaes que ornamentam o abdomen, é peculiar aos estados do sul do Brasil e só agora parece ter sido notificada na Bahia. Sua presença n'esse estado circumscrever-se-á, muito provavelmente, ás matas do extremo meridional, e nada tem de surpreendente, uma vez que a ave é já conhecida do Espirito-Santo. Os exemplares obtidos agora no Rio Jucurucú, suportam perfeitamente confronto com os de S. Paulo e Minas.

***Xiphocolaptes albicollis bahiae* Cory**

Xiphocolaptes bahiae CORY, 1919, The Auk, XXXVI, p. 510 (Macaco Seceo, perto de Andarahy).

Xiphocolaptes albicollis belmontensis LIMA, 1920, Rcv. Mus. Paul., XII, p. 102, estampa color., fig. 2 (Belmonte).

Xiphocolaptes albicollis bahiae HELLMAYR, 1925, Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII, part IV, pag. 277 (Macaco Secco).

♀, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 11 de Dezembro de 1932.

Espeim. addic.: ♂ (n.º 10.248 do M. P.), Belmonte, Agosto de 1919.

Ainda apenas conhecida dos logares supramencionados esta raça, differente da forma typica pela ausencia de qualquer vestigio de faixas pretas no abdomen e crissó, deve ser espalhada em toda a região banhada pelas bacias do Rio de Contas, Rio Paraguassú e intermediarios.

***Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris* (Lichtenstein)**

Dendrocolaptes trochilirostris LICHTENSTEIN, 1820, Abhandl. Akad. Wiss. Berl., anno 1818-19, p. 207, pl. 3.^a (Brasil = Bahia); idem, 1822, op. cit. anno 1820-21, p. 263 (Bahia); NEUWIED, 1821, Reisc nach Brasilien, II, p. 141 (Rio da Cachoeira).

Xiphorhynchus trochilirostris NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1140 (Rio da Cachoeira SCLATER, 1890, Cat. Birds Brit. Mus., XV, p. 159 (Bahia).

Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris HELLMAYR, 1910, Nov. Zool., XVII, p. 331 (critica; Bahia); idem, 1925, Field Mus. Publ. Zool. Scr., XIII, part IV, p. 342 (Bahia).

Campylorhamphus trochilirostris intermedius LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 103, estampa color., fig. 1 (Ilhéos).

♂, Rio Jucuruçú (Cachoeira Grande), 22 de Março de 1933.
Especimen addic.: ♂ (n.º 10.251), Ilhéos, Maio de 1919, E. Garbe coll.

Os dois exêmples não apresentam quase diferença apreciável em ambas as azas, e particularmente as rectrizes são de um ferrugineo carregado, tendente a castanho, tal como em *C. falcularius* do sul do Brasil. O bico, embora muito mais claro do que no último, apresenta ainda assim a maxilla parcialmente escurecida. A' diferença das aves do sul da Bahia, varios exêmples de Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), no nordeste do estado, têm as azas e a cauda muito mais claras, acaneladas, ao lado de um bico inteiramente claro. Em recente trabalho,¹ onde o assumpto foi pormenorizada-mente estudado, propuz separal-os como raça distincta sob *C. t. omissus*.

***Dendrocolaptes platyrostris platyrostris* Spix**

Dendrocolaptes platyrostris SPIX, 1824, Av. Bras., I, p. 37, tab. LXXXIX (Rio de Janeiro).

Dendrocolaptes picumnus PELZELN, (uec Lichtenstein), 1868, Orn. Bras., I, p. 43, *partim* (Rio Parahyba, no sudeste de Goiaz); LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 99 (Belmonte e Itabuna).

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 28 de Novembro de 1932.

(1) *Boletim Biologico*, Nova Serie, II, pp. 61-65 (Dezembro de 1933).

- ♀, Serra do Pallão, 2 de Dezembro.
♂, Rio Gongogy (não longe de Bôa-Nova), 20 de Dezembro.
♀, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.
♂, Rio Gongogy, 26 de Dezembro.
♀, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 30 de
de Março de 1933.
Exemplares supplem.: ♀ (n.º 10.252), Belmonte, Agosto de 1919,
E. Garbe coll.; sexo? (n.º 10.253), Itabuna, Junho de 1919,
Garbe.

Com uma serie de mais de trinta exemplares de *D. platyrostris*, provenientes dos differentes pontos do Brasil, é-me facil obter uma noção clara das suas variedades geographicas. As aves do sul da Bahia, conforme as previsões de Hellmayr¹ representam termos de transição entre as do sul do Brasil e *D. p. intermedius* da região nordestina, n'elle incluída a parte septentrional d'aquelle estado; mas approximam-se decididamente mais da forma typica, possuindo d'ella o alto da cabeça quase preto (em vez de olivaceo-pardacento), marcado de estrias longitudinaes claras nitidamente destacadas, bem como as azas e a cauda muito mais carregadas em colorido, côr de chocolate ou pardo-castanhas (em vez de castanho-acannelados). Em compensação têm alguns pontos de semelhança com a forma nordestina, avultando entre elles o colorido mais desmaiado, mais pardacento (menos olivaceo) das partes inferiores, marcadas de faixas escuras menos nitidas. A area geographica de *D. platyrostris platyrostris* comprehende portanto todo o sudeste do Brasil, desde as mattas de leste da Bahia até o Rio Grande do Sul, ali comprehendido o estado de Minas-Geraes (Lagôa Santa, Rio Jordão perto de Aragnary, Agua Suja, Rio Matipós, etc.), o Paraguay e o nordeste da Argentina.

(1) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part IV (1925), p. 266, nota margin.

Família TYRANNIDAE

Fluvicola climazura (Vieillot)*Lavadeira, Lavandeira*

Oenanthe climazura VIEILLLOT, 1824, in Vieillot & Oudart, Galerie d'Ois., I, p. 255, pl. 157 («Brésil»).

Muscicapa mystacea SPIN, 1825, Av. Bras., II, p. 22 («in provincia Bahia»).

Entomophagus mystaceus NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 782 (Rio Belmonte, Rio Itahype).

Fluvicola climazura PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 97 (Brasil, = Bahia. Kammerlacher coll.); SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 36 (Bahia, Wucherer coll.); REISER, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 71 (Cabula, na eid. do Salvador); idem, 1925, op. cit., p. 155; Nicoll, 1904, The Ibis, p. 40 (cidade do Salvador).

Fluvicola climazura IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 258, (Bahia); idem, 1914, Rev. Mus. Paul., IX, p. 439, pl. 9, fig. 1 (Cidade da Barra; nidif.).

Fluvicola climazura climazura HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ. Zool. ser., XIII, part V, p. 83 (S. Amaro, Cabula).

2 ♂♂, Aratuhye (perto de Nazareth), 11 de Novembro de 1932.

sexo? Aratuhye (Engenho da Ponte), 12 de Novembro.

sexo? Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 21 de Dezembro.

♀, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 22 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 22 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 28 de Fevereiro.

Especimens supplm.: 2 ♂♂ (n.ºs 7.246 e 7.247), Joazeiro, Novembro de 1907, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 8546), Cidade da Barra, Outubro de 1913; sexo? (n.º 2.887), «Bahia», compr. de Schlüter.

Lavadeira, de todos os passaros da Bahia talvez aquelle que mais assiduamente acompanha o homem nos logares habitados, tem a sua area geographica limitada ao nordeste do Brasil, até o Maranhão. Mesmo no cen-

tro das cidades, onde nada tem a temer graças á sympathy que inspiram os seus modos graciosos, vêem-se-lhe frequentemente os grupos de um ou mais casaes, nota de poesia para cujo agradavel effeito contribúe a voz flebil e característica que lhe é peculiar. O nome lhe veio da sua predilecção pela vizinhança dos rios ou lagôas e quaesquer logares em que haja agua, onde com mais abundancia e facilidade encontra os pequenos insectos de que se alimenta.

***Arundinicola leucocephala* (Linnaeus)**

Viuvinha, Rendeiro

Pipra leucocephala LINNAEUS, 1761, Mus. Ad. Frid., II, Prodr., p. 33 (sem indie. de localid.); idem, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, I, p. 340 (Surinam).

Arundinicola leucocephala SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 37 (Bahia, *Wucherer*); NICOLL, 1906, The Ibis, p. 668 (ilha de Itaparica); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 71 (Santa Rita do Rio Preto); idem, 1925, op. cit., p. 156.

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus, na Bahia de Todos os Santos), 26 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba, 3 de Fevereiro.

, Corupéba, 3 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 9 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 9 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 11 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 24 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 26 de Fevereiro.

A Viuvinha, quase sempre aos casaes, nunca se afasta dos brejos ou das bordas apaúladas dos rios e lagôas. Todos os individuos trazidos da Bahia foram mortos, em differentes occasiões, n'um pequeno tanque ou cacimba existente na península da Corupéba, na proximi-

dade mesma dos apicuns que a defrontam com a ilha de Madre de Deus. A presença de vegetação palustre, de gramineas e juncos, é condição propicia, senão necessaria, ao passarinho. Na lagôa de Corupêba, alguns fios de arame farpado de uma cerca, esticados a pequena altura da superficie liquida, eram o pôleiro predilecto e fatal onde deixaram a vida os varios exemplares que fazem parte da nossa serie. Um facto curioso me chamou alli a attenção; é que não me lembro de ter visto nunca mais de um casal occupar aquelle logar, ao mesmo tempo, como se mutuamente se excluíssem, evitando uma nociva concurrencia. Mas era infallivel a substituição, ao cabo de um ou poucos dias, do casal eliminado, por novos occupantes, o mesmo acontecendo si apenas um dos membros houvesse sido victima. A observação calou-me no espirito e o facto me pareceu a primeiro extraordinario; mais tarde porém, lendo o capitulo que Darwin consagra aos habitos conjugaes das aves, verifiquei como é corrente entre ellas esta substituição, facil e immediata, de um dos conjuges porventura desaparecido.¹

Não foram ainda verificadas variedades geographicas na Viuvinha, apezar da vasta area occupada pela especie, extendida desde o Paraguay e o nordeste da Argentina, atravez de todo Brasil, até a Colombia, a Venezuela e as Guianas .

***Machetornis rixosa rixosa* (Vieillot)**

Tyrannus rixosus VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist., nouv. éd., XXXV, p. 85 (baseado sobre «Suiriri» de Azara, Apuntam., n.º 197: Paraguay).

Muscicapa Joazeiro SPIN, 1825, Av. Bras., II, p. 17, tab. XXIII (Joazeiro).

Muscicapa Miles NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 850 (Nazareth).

(1) Cf. Ch. Darwin, *La Descendance de l'homme et la Selection sexuelle*, trad. franç. por Ed. Barbier Reinwald, Paris, pags. 429-433.

Machetornis rixosa SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 52 (Bahia, Wucherer, etc.); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 71 (Rio Preto: Pão da Canôa e Santa Philomena); idem, 1925, op. cit., p. 157.

♀, Aratuhybe, 10 de Novembro de 1932.

♂ ? Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 8 de Dezembro.

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus, no Reconavo), 20 de Janeiro de 1933.

sexo?, Corupéba, 1 de Fevereiro.

Exempl. addic.: ♀ (n.º 7.539), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe coll.; sexo? (n.º 2891), Bahia, compr. de Schlüter.

Este Suiriri, espalhado nas zonas de campo de todo Brasil, á excepção da Amazonia, ocorre tambem nas republicas do Prata e no leste da Bolivia. *M. rixosa flavigularis* Todd,¹ differente apenas pela coloração da garganta que é amarella como o peito, em vez de esbranquiçada, substitúe a raça brasileira na Venezuela (valle do Orenoco) e no nordeste da Colombia (baixo Magdalena, Santa-Martha, etc.).

***Rhynchoecylus olivaceus olivaceus* (Temminck)**

Platyrhynchus olivaceus TEMMINCK, 1820, Nouv. Réc. de Pl. color. d'Ois., pl. 12, fig. 1 («Brésil»).

Todus olivaceus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 51 (Bahia).

Rhynchoecylus olivaceus SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 165 (Bahia, Wucherer etc.).

Craspidoprion (sic) *olivaceus* LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2ª parte, p. 99 (Ilhéos, etc.).

♀, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 27 de Dezembro de 1932.

♂ Rio Jueneucú (Cachoeira Grande), 2 de Abril de 1933.

Specimens supplm.: ♂ (n.º 7.732), Caravellas, Agosto de 1903, Garbe coll.; ♂ (n.º 10.261), Belmonte, Agosto de 1919; ♀

(1) *An. Carnegie Mus.* VII, p. 210 (1912).

(n.º 10.263), Belmonte, Agosto de 1919; ♂ (n.º 10.262), Ilhéos, Abril de 1919; ♀ (n.º 10.260), Ilhéos, Abril de 1919; ♂ (n.º 10.264), Itabuna, Julho de 1919.

Circumscripto às mattas de leste do Brasil, entre Rio de Janeiro e Bahia, este passarinho é substituído na Amazonia (inclusive a floresta amazonica do norte do Maranhão) por *R. o. guianensis*, variedade que Hellmayr, aliás, reputa muito pouco satisfactoria.¹

***Todirostrum cinereum cearae* Cory**

Todirostrum cinereum cearae CORY, 1916, Field Mus. Publ., Orn. ser., I, p. 342 (Ceará: Serra de Baturité).

Todirostrum cinereum SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 69, *partim* (Bahia, *Wucherer*); NICOLL, 1904, The Ibis, p. 40 (Bahia); Iher. & Ihering, 1907, Cat. Av. Bras., p. 265 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 72 (cidade do Salvador, e ilha do Fogo, perto de Joazeiro); *idem*, 1925, op. cit., p. 157 (localid. e Santa Rita do Rio Preto).

Todirostrum cinereum cearae HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ., Zool. ser., XII, part V, p. 299 (Caravelas).

♂, Aratuhybe (perto de Nazareth), 10 de Novembro de 1932.

♀, ilha de Madre Deus, 12 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 14 de Janeiro.

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus), 11 de Fevereiro.

♂, Madre de Deus, 20 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 25 de Fevereiro.

Especimens addic.: ♂ (n.º 7.563), Joazeiro, Novembro de 1907, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.848), Cidade da Barra, Outubro de 1913, Garbe coll.; sexo? (n.º 2.894), Bahia, comprado de Schlüter.

Todos os exemplares da Bahia que tenho sob os olhos têm as partes superiores perfeitamente cinzentas

(1) Cf. *Field Mus. Publ., Zool. Ser.*, XII, part V, p. 288 (1927).

ardosiadas, sem quaesquer indícios de oliva, com o que se distinguem nitidamente dos do sul do Brasil (S. Paulo, Matto-Grosso, etc.), representativos de *F. c. colorcum* Ridgw. A forma typica da Amazonia e das Guianas, não só se differencia pelo amarello vivo das margens das sceundarias e das coberteiras superiores das azas, como ainda possui as partes superiores distinctamente lavadas de verde olivaceo.

***Todirostrum fumifrons fumifrons* Hartlaub**

Todirostrum fumifrons HARTLAUB, 1853, Journ. f. Orn., p. 35
(Brasil: Hellmayr designou Bahia como patria typica).

Euscarthmus fumifrons SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus.,
XIV, p. 79, *partim* («Guiana» = Bahia, *teste* Hellmayr).

♀, ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos),
23 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 29 de Janeiro.

Apezar de ser a Bahia o primeiro estado em que se verificou a existencia d'este raro passarinho, os exemplares trazidos agora da ilha de Madre de Deus, na Bahia de Todos os Santos, onde coube por parte a W. Garbe caçal-os, são até hoje os unicos cuja procedencia é alli precisamente registrada. Afóra a Bahia sabe-se que elle ocorre tambem no Maranhão pelos especimens, ambos machos, colligidos por H. Snethlage em varios pontos (Grajahú, Barra do Corda, alto Parnahyba e Tranqueira) e estudados por Hellmayr.¹

O Reconcavo marcará talvez o limite meridional da raça, que nas Guianas é substituida por *T. fumifrons penardi* Hellmayr,² apenas differente.

(1) *Field Mus. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 321 (1929).

(2) *Brit. Orn. Club*, XV, p. 90 (1905); typo de proximidades de Paramaribo.

Euscarthmornis nidipendulus nidipendulus (Neuwied)*Caga-sebo*

Euscarthmus nidipendulus NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 290, (Rio Mucuri e Barra da Vereda, no Rio Pardo); SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 78, *partim* (Bahia, *Wucherer*, etc.).

Euscarthmornis nidipendulus nidipendulus HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part V, p. 311 (Bahia).

♀, Aratuhype (perto de Nazareth, no Engenho da Ponte), 12 de Novembro de 1932.

Exemplares addic.: 2 ♂♂ (n.ºs 7.555 e 7.557), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Março e Abril de 1908, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.756), Bomfim, Março de 1908, Garbe.

Este minúsculo passarinho é representado no estado de S. Paulo por *E. nidipendulus paulistus* (Hellmayr), um pouco maior em tamanho, não se conhecendo exemplares quer da primeira, quer da segunda raça em nenhum outro estado do Brasil. O exemplar de Aratuhype accusa dimensões ainda um pouco mais exiguas do que os de Bomfim, na caatinga bahiana, além de possuir o peito tingido de verde olivaceo:

	aza	cauda	culmen
♂, n. 7.555, Bomfim	44,5 mm.	34 mm.	10,5 mm.
♂, n. 7.557, >	44	35,5	11
♀, n. 7.556, >	44	34	10,5
♀, n. 14.231, Aratuhype	40,5	27,5	11

Euscarthmornis striaticollis striaticollis (Lafresnaye)

Todirostrum striaticolle LAFRESNAYE, 1853, Rev. Magaz. Zool., 2.^a ser., V, p. 58 (Bahia).

Euscarthmus striaticollis SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 83 (Bahia, *Wucherer*); IHERING & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 269 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. akad. Wiss. Wien, LXXXVI, p. 72 (Lagôa da Extrema, no Rio Grande e Porto da Pedra no Rio Preto).

Euscarthmornis striaticollis striaticollis HELLMAYR, 1910, Nov. Zool., XVII, p. 290 (Bahia); idem, 1927, Field Mus. Publ. Zool. ser. XIII, part V, p. 312 (S. Amaro; S. Marcello no Rio Preto).

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 14 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 26 de Janeiro.

♂, Corupéba, 31 de Janeiro.

♂, Corupéba, 7 de Fevereiro.

Especimen supplém.: sexo? (n.º 2897), Bahia, compr. de Schlüter.

***Myiornis auricularis berlepschi* nov. subsp.**

Myiornis auricularis HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ. Nat. Hist., Zool. ser., XIII, part V, p. 337, *partim* (Bahia).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 23 de Dezembro de 1932.

TYPO de Caravellas (sul da Bahia, Brasil), n.º 7.731 do Museu Paulista; ♂ adulto, caçado em Agosto de 1908 por Ernest Garbe.

Caracteres. — Semelhante a *M. a. auricularis* (Vieillot), porem com a região auricular branca (em vez de côr de ferrugem), ou pelo menos muito mais clara do que na forma do sul do Brasil.

Embora a côr da mancha auricular apresente nas aves do Brasil meridional extensas variações, parece certo que as da Bahia apresentam como caracter constante terem aquella região accentuadamente mais clara, ás vezes quase branca, senão branco-fulvescente, ao contrario das primeiras, que a têm mais ou menos ruiva e ás vezes francamente ferruginea.

E' possivel que *Euscarthmus cinereicollis* Neuwied, em cuja descripção se registra «auf dem Ohre steht ein weisser Fleck», se applique propriamente á raça bahiana; mas na ausencia do exemplar typo, ou de qualquer indicação de localidade, pelo naturalista allemão, não se pode ter certeza sobre o ponto.

As aves do Espírito-Santo, de que o Museu Paulista possui uma bôa serie de exemplares, occupam, do ponto de vista do colorido das auriculares, posição intermedia, mas ainda assim se approximam decididamente mais de *M. a. auricularis*, sob que devem ser arrolados. Emquanto *berlepschi* é privativo da Bahia, a forma typica dilata a sua area a partir do Espírito Santo, por todo o sul do Brasil, até o Paraguay e o nordeste da Argentina.

***Phacomylas murina murina* (Spix)**

Platyrrhynchus murinus SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 14, tab. XVI, fig. 2 (Brasil).

Myiopathis semifusca SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 123 (Bahia).

Phacomylas murina IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 297 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 73 (Barra do Rio Grande; Fazenda da Porteira e Porto Grande, no Rio Preto); idem, 1925, op. cit. p. 160.

♀, Corupéba (perto da ilha de Madre de Deus, no Reconcavo), 13 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba, 23 de Fevereiro.

Especim. supplm.: ♂ (n.º 7.565), Joazeiro, Novembro de 1907, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.566) Joazeiro, Novembro de 1907; sexo? (n.º 2.909), Bahia, compr. de Schlüter.

Encontradição nos campos de quase todo Brasil, desde o Rio Grande do Sul e o Matto-Grosso até a margem direita do Amazonas, ao norte do qual é substituído por *P. m. incomta* (Caban. & Heine) raça muito parecida. As dimensões de um ♂ de Santarem (estado do Pará: margem direita do Amazonas), concordam precisamente com as dos exemplares trazidos do Reconcavo bahiano (aza 56 mm.; cauda 48 mm.; culmen 9,50 mm.). Os de Joazeiro, variam entre 55 e 59 mm. de comprimento de aza.

Camptostoma obsoletum cinerascens (Neuwied)

Hylophilus cinerascens NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 723 (Espírito-Santo: Barra do Jucú).

Ornithion cinerascens IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 280, *partim* (Bahia).

Ornithion obsoletum REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 73 (Rio Preto: Fazenda Santo Antonio).

Ornithion imberbe SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 126 *partim*,¹ (Bahia, Wucherer coll.).

♀ ?, ilha de Madre de Deus (no Reconcavo), 14 de Janeiro de 1933.

♀ juv., Madre de Deus, 22 de Janeiro.

Espeçim. supplem.: sexo? (n.º 2.914), Bahia, compr. de Schlüter.

C. o. cinerascens (Neuwied) é uma variedade muito fraca de *C. o. obsoletum* Temminck, de que Hellmayr a separou sobre a base de ter «decidedly smaller size and slightly paler coloration, especially of upper parts».² Entretanto, como ao depois o notavel ornithologo foi o primeiro a verificar, muito difficil é definir as areas geographicas de cada uma d'ellas, por isso que, si as aves da zona comprehendida entre Espírito Santo e Maranhão, se distinguem notadamente das do Brasil meridional pelos caracteristicos a pouco assignalados, ha uma grande região comprehendida entre Minas, Goyaz e o norte de S. Paulo, em que ellas affectam caracteres intermediarios, a ponto de poderem ser «with equal justification, be referred to either *obsoletum* or *cinerascens*».³

Reconhecendo assim as difficuldades do caso, preferiu o incansavel investigador da nossa avifauna extender, na sua revisão mais recente, a area geographica de *cinerascens* até Goyaz, Minas, Matto-Grosso e norte de S. Paulo, restringindo ao mesmo tempo a patria da

(1) Cf. Hellmayr, 1927, *Field Mus. Publ., Zool. Ser.*, XIII, parte V, p. 456.

(2) *Novit. Zool.*, XV, p. 44 (1908).

(3) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part V, pag. 455, nota.

forma typica. Afigura-se-me porém harmonizar-se melhor com os factos que observo proceder de modo contrario, circumscrevendo a area do *cinerascens* tão somente ao nordeste do Brasil, incluso alli o Espirito-Santo, terra typica da ave descripta por Neuwied. Tanto quanto posso julgar pelo material que tenho em mãos, sem desprezar os dados fornecidos pela litteratura do assumpto, parece-me que só d'aquelle estado para o norte se define, como caracter sufficientemente constante, uma diminuição evidente no tamanho dos exemplares, sujeitos alhures, deste ponto de vista, a fluctuações que tornam qualquer systematização praticamente impossivel. Porque, no que diz respeito ao colorido da plumagem, nenhum elemento verdadeiramente valioso se pode tirar para a definição das raças irmãs, sujeitas ambas a variações por assim dizer coincidentes, senão que só as do nordeste do Brasil apresentam feição especial, no tom predominantemente cinzento das partes superiores, levemente lavadas de olivaceo.

E' em S. Paulo que a fluctuação do tamanho attinge o seu maximo. Provam-no dous exemplares do Ypiranga, perfeitamente adultos, um dos quaes, ♂ (n.º 421), mede 56,5 mm. de aza, ao passo que o outro, uma ♀ (n.º 11.844), obtida com ninho e filhote, accusa apenas 52,5 mm., valor equivalente ao que se encontra em muitos especimens typicos de *cinerascens*. Quanto aos passaros de Bebedouro, referidos á principio (*Novit. Zool.* 1908, p. 44) por Hellmayr a *obsoletum* e mais tarde (*Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part. V, p. 456) a *cinerascens*, os que tenho d'aquella procedencia accusam proporções (55 a 56,5 mm. de comprim. de aza) que decidem sua filiação á primeira forma. Uma ♀ (n.º 5156) de Itapura não excede ás dimensões de *cinerascens* (52 mm. de aza), emquanto que um ♂ (n.º 12.644) de Tres Lagôas, localidade separada d'aquella quase que tão somente pelas aguas do Rio Paraná, tem de aza não menos de 56 mm. Uma ♀ de Franca e um exemplar insexuado (n.º 984) de Itatiba têm de aza o mesmo

comprimento (53 mm.) que uma ♀ (n.º 6.290) de Espírito Santo.

O quadro seguinte dá elementos para que, com melhor isenção, se ajuize do significado que merece o valor das dimensões, no conceito a formas sobre as duas variedades em estudo:

Camptostoma obsoletum obsoletum

	aza	cauda	culmen
♂, n. 8.768, Castro, Paraná (topotypico)	57,5mm.	49mm.	8mm.
sexo ? n. 4.205, Itararé, S. Paulo	58	50	8
♂, n. 4.206, Itararé, idem	57	45	7
♀, n. 5.733, Salto Grande do Paranapanema, idem	54	38,5	8
♂, n. 421, Ypiranga, idem	56,5	43	8,5
♀, n. 11.844, " "	52,5	42	8
sexo ? n. 2.913, " "	53	41,5	8
♂, n. 4.708, Bebedouro, idem	56,5	48	8
♂, n. 4.707, " "	55	44	8
♀, n. 7.960, Franca, idem	53	43,5	7,5
sexo ? n. 984, Itatiba, "	53	45,5	8
♂, n. 14.337, " "	57	45,5	8
♀, n. 5.256, " "	52	39,5	?
♂, n. 12.644, Tres Lagôas, Matto-Grosso	56	44	8
sexo ? n. 12.153, Campo Grande, idem	54	41	8

Camptostoma obsoletum cinerascens

♂, n. 6.292, Espírito Santo (topotypico)	51	42	8,5
♀, n. 6.290, Espírito Santo (idem)	53	40,5	9
♀, n. 14.226, Madre de Deus, Bahia	47	37,5	8
sexo ? n. 2.914, Bahia	51,5	44	8

Myiozetetes similis similis (Spix)

Muscicapa similis SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 18, *partim* (local. typica Rio Amazonas, por designação de Hellmayr).¹

Myiozetetes similis SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 161 (Bahia, Wucherer, etc.); NICOLL, 1901, Ibis, p. 40 (Bahia).

(1) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part V, p. 141.

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 8 de Dezembro de 1932.

♀, Rio Gongogy, 8 de Dezembro.

♂, Ilha de Madre de Deus (Reconcavo), 12 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 13 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 14 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 5 de Fevereiro.

Exempl. addic.: ♀ (n.º 8.554), Cidade da Barra, Outubro de 1913, E. Garbe.

Comparando com os da serie do Mus. Paul., em que estão representadas, as diferentes zonas do Brasil, noto que os exemplares do Reconcavo apresentam coloração mais pallida, tanto nas partes superiores, mais cinzentas (menos olivaceas), como na face ventral, de um amarello desmaiado (em vez de amarello-enxofre). Nada prejudica sobre a significação d'estas pequenas differenças, já difficilmente apreciaveis n'uma ♀ da Cidade da Barra, e dependentes talvez de circumstancias accidentaes. A serem todavia verificadas constantes, em maior ou menor grau, nas aves da Bahia, proponho chamar-se *M. similis pallidiventris* á nova variedade.

***Pitangus sulphuratus maximiliani* (Cabanis & Heine)**

Bem-te-vi

Saurophagus Maximiliani CABANIS & HEINE, 1859, Mus. Hein., II, p. 63 («Brasilien» = Bahia, fide Hellmayr).¹

Pitangus sulphuratus SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 176 (Bahia, Wucherer coll.).

Pitangus sulphuratus maximiliani REISER, 1910, Denks. math.-naturwiss. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 74 (Rio Vermelho na cidade do Salvador, Fazenda da Serra no Rio Grande).

♀, Aratuhybe (perto de Nazareth), 11 de Novembro de 1932.

♀, Ilha de Madre de Deus (Reconcavo), 17 de Janeiro de 1933.

(1) *Field Mus. Publ., Zool. Ser.* XIII, part V, p. 152 (1927).

♂, Madre de Deus, 10 de Fevereiro.

♀ Corupéba (perto de Madre de Deus), 20 de Fevereiro.

O Bem-tevi, quer pela sua abundancia, quer pela assiduidade com que emite as notas agudas e características, tão bem reproduzidas onomatopaicamente pelo nome popular, é no Reconcavo bahiano, o passaro que mais sobre si chama as atenções.

Existe em todo Brasil, representado por variedades, de caracteres e relações geographicas ainda não sufficientemente esclarecidos.¹

***Elaenia flavogaster flavogaster* (Thunberg)**

Marid'é dia

Pipra flavogaster THUNBERG, 1822, Mém. Acad. Sci. St. Pétersbourg, VIII, p. 286 (Brasil = Rio de Janeiro).²

Muscicapa pagana LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 54 (Bahia).

Elaenia pagana SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 137. *partim* (Bahia, *Wucherer*, etc.); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 73 (cidade do Salvador: Cabula).

2 ♂♂, Aratuhype (Engenho da Ponte), 12 de Novembro de 1932.

♀, Engenho da Ponte, 12 de Novembro.

♂, ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 13 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 28 de Janeiro.

Apezar de contar-se entre as aves mais communs da Bahia, e talvez por isso mesmo, foi infelizmente muito pequena a serie de exemplares colleccionados. Além disso accresce que quase todos representam aves em plumagem velha e desbotada, tornando ainda mais ardua a sua

(1) Cf. Oliv. Pinto, *Rev. Museu Paulista*, XVII, 2.^a parte, p. 81 (1927)

(2) Cf. Lönnberg, 1903, *The Ibis*, p. 241.

determinação. Em alguns, provenientes de Madre de Deus, mal se percebe a coloração olivacea do dorso e amarellada do abdomen; em todos as pennas do cocoruto são mais ou menos alongadas em crista, mas, á differença de *E. cristata* Pelzeln, tambem presente na mesma zona (S. Amaro), existe sempre indícios, pelo menos, de pennas brancas no vertice. E' possível que exemplares de *Aratuhype*, com simples vestígios de branco na base de raras pennas do vertice, devam ser antes referidos á especie de Pelzeln.

Megarhynchus pitangua pitangua (Linnaeus)

Bem-te-vi do bico chato

Lanius Pitangva LINNAEUS, 1766, Syst. Nat. ed. 12.^a, I, p. 136 (baseado em «*Pitangva Guacy*» de Marcgrave, Hist. Nat. Bras., p. 216: nordeste do Brasil, ou, mais precisamente, Pernambuco).

Megarhynchus pitangua SCLATER, 1888, Catal. Birds Brit. Mus., XIV, p. 189 (Bahia, *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 75 (Fazenda da Ingazeira e Porto da Pedra, no Rio Preto); idem, 1925, op. cit., p. 163; LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 100 (Belmonte).

♀, ilha de Madre de Deus, 18 de Janeiro de 1931.

♂, Madre de Deus, 22 de Janeiro.

Exemplar addic.: ♀ (n.º 10.267), Belmonte, Agosto de 1919, Garbe coll.

Pelo colorido amarello pallido do abdomen, muito descorado do que em todos os outros exemplares da nossa collecção, destacam-se, á primeira vista as aves caçadas agora em Madre de Deus. E' pena terem vindo apenas dois individuos, a especie sendo alli muito menos numerosa do que o bem-te-vi commum. A' presente raça, filiada a um grupo especifico cuja area se estende, com subspecies varias, até o Mexico, ocorre não só na maioria dos estados brasileiros (S. Paulo, Minas, Rio de

Janeiro, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará, Goyaz, Matto-Grosso) como ainda em quase toda a América Meridional, aquém dos Andes.

***Myiarchus ferox ferox* (Gmelin)**

Muscicapa ferox GMELIN, 1789, Syst. Nat. I, p. 934 (baseado essencialmente sobre «Le Tyran, de Cayenne» de Brisson: Cayena).

Myiarchus ferox SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 176 (Bahia, *Wucherer*, etc.).

Myiarchus ferox cantans REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 76, *partim* (cidade do Salvador; riacho Barroão, no Rio Preto).¹

Myiarchus ferox ferox Todd, 1922, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXV, p. 197, *partim* (Bahia); Hellmayr, 1927, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part V, p. 176 (S. Amaro, Macaco Secco, perto de Andaraí).

♂, Ilha de Madre de Deus, 22 de Janeiro de 1933.

Não admira que *M. f. ferox* ocorra na Ilha de Madre de Deus ao lado de *M. p. pelzelni*, porquanto ambas já foram notificadas no Reconcavo, a primeira na ilha de Itaparica, por Nicoll, e a segunda em S. Amaro, por Hellmayr.

O exemplar acima registrado exhibe nitidos os caracteres peculiares á *M. ferox*, a saber, as partes superiores olivaceo-escuras, o alto da cabeça pardo-anegrado, a garganta cinzenta mais escura do que em *pelzelni*, o bico quase preto, etc.

Foi colligido em Madre de Deus um outro ♂ (a 28 de Janeiro), cuja ausencia neste momento me impede de determinar com segurança.

(1) *Teste* Hellmayr (*Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII, part V, p. 176*).

***Myiarchus pelzelni pelzelni* Berlepsch**

Myiarchus pelzelni BERLEPSCH, 1883, The Ibis, ser. 4.a 1, p. 139 (Bahia); SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 171 (Bahia); NICOLL, 1906, Ibis, p. 663 (Ilha de Itaparica); REISER, 1925, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 165 (Fazenda da Serra, no Rio Grande).

Myiarchus ferox cantans REISER, (nec Pelzelni), 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 76, *partim* (Rio Grande: Fazenda da Serra).

sexo?, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 21 de Janeiro de 1933.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 7.533), Bomfim (ant. Villa Nova da Rainha), Junho de 1903, E. Garbe coll.; 2 ♂♂ (ns. 7.534 e 7.536), Bomfim, Março de 1908; ♂ (n.º 7.534), Joazeiro, Novembro de 1907; sexo? (n.º 2.946), Bahia, comp. de Schlüter.

M. p. pelzelni, como em geral os membros deste grupo difficil, reconhece-se entre os seus affins pela má coloração geral muito desmaiada, ao lado de um bico mais estreito e mais longo. O dorso é cinzento-oliváceo claro, volvendo a pardo-acinzentado no alto da cabeça; a garganta é cinzenta muito clara, enquanto que o restante da face abdominal é de amarello muito desbotado; a cauda e as azas são pardo-escuras, com a orla externa das remiges terciarias tingidas de branco.

Myiophobus fasciatus flammiceps* (Temminck)Caga-sebo*

Muscicapa flammiceps TEMMINCK, 1822, Nouv. Réc. de Pl. Color. d'Ois., pl. 144, fiz 3 («Brésil»: Hellmayr indicou Rio de Janeiro como patria typica).

Myiobius naevius SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 209, *partim* (Bahia), *Wucherer*, etc.); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 75 (Barra na cidade do Salvador); *idem*, 1925, op. cit., p. 164.

Myiophobus fasciatus flammiceps HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII, parte V, p. 249 (Santo Amaro, Macaco Secco, parto de Andarahy).

♂?, Engenho da Ponte (Aratuhype, parto da cid. de Nazareth), 10 de Novembro de 1932.

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 5 de Dezembro.

♀, ilha de Madre de Deus (Reconcavo), 13 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 18 de Janeiro.

sexo?, Madre de Deus, 23 de Janeiro.

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus), 31 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 4 de Fevereiro.

♂, Madre de Deus, 9 de Fevereiro.

2 ♂♂, Corupéba, 22 de Fevereiro.

♀, Madre de Deus, 26 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 26 de Fevereiro.

Especimen addie.: ♂ (n.º 2.941), Bahia, ex Berlepsch Mus.

Os exemplares que trouxemos agora d'este passarinho são, infelizmente, na sua generalidade, individuos jovens ou imaturos, em que a mancha corada do alto da cabeça apparece apenas imperfeita ou esboçada. Por isso seu estudo não pode conduzir a resultados muito concludentes, no que respeita aos caracteres das aves da Bahia, sobre cuja difficuldade de collocação já fizera Hellmayr o devido reparo.¹ Ainda assim, pode assegurar-se que as aves bahianas assignalam-se pelas suas proporções muito mais exiguas, em media, do que as do Brasil meridional e de Argentina, approximando-se, por este lado, de *M. f. fasciatus* (Mueller), cuja patria se admitte ser a porção mais septentrional do continente sul-americano (Venezuela, Guyanas). No que respeita á coloração geral da plumagem nota-se que os exemplares do Reconcavo a têm uniformemente mais pallida do que os de S. Paulo por exemplo, assim as partes superiores, pardo-acinzentadas, escassamente tingidas de ferrugem, como o abdome, quase branco, ao envez de amarelado. Quanto á nodoa corada do vertice, sempre ausente, ao que parece, nos individuos juvenis, é ella sujeita, como de habito, a variar entre o vermelho côr

(1) Cf. *Nor. Zool.*, XXXII, p. 177 (1925).

de tijolo e o amarelo sulfureo, sem relação necessaria com as circumstancias de idade ou sexo, muito embora de regra tenham-na os machos adultos perfeitamente amarella. Pensa Hellmayr não significar o colorido da mancha vertical mais que um carater meramente individual.¹

Um ♂ (?) adulto do Rio Gongogy, infelizmente especimen unico da zona, exhibe caracteres fundamente singulares e de difficil interpretação. Falta-lhe completamente qualquer vestigio de mancha pileal, vermelha ou amarella; as partes superiores são de um pardo-olivaceo, quase uniforme, sem laivos de ferrugem; a garganta e o peito de um cinzento-esverdeado approximadamente uniforme, sem menhuma mancha longitudinal distincta; as extremidades das coberteiras superiores das azas são manchadas de cannela e o abdomen é amarelo esbranquiçado, como nos exemplares de S. Paulo, com que rivaliza em dimensões.

Devido á importancia que têm as proporções na apreciação das variedades geographicas d'este passaro, dou a seguir as medidas que accusam exemplares sob exame:

	aza	cauda	culmen
♂, n. 11.225, Rio Gongogy, Bahia	65	59	12
♂, n. 2.941, Bahia	59 mm.	55 mm.	9,5 mm.
♂, n. 14.222, Corupéba, Bahia	60	54	11
♀, imm. n. 14.219, M. de Deus, idem	53	41	10
♀, imm. n. 13.133, M. de Deus, idem	53	47	11
♂, imm. n. 14.218, Aratuhype, idem	53	48	10
♂, n. 11.843, Pirapora, M. Geraes	61	57,5	11
sexo ? n. 1.475 Vargem alegre, idem	60	55	10
♂, n. 7.876, N. Friburgo, R. de Janeiro	63	57	10
♂, n. 445, Mogy-Guassú, S. Paulo	62,5	57	11,5
♂, n. 7.965, Franca, idem	63,5	60,5	11,5
♂, n. 11.788, Avanhandava, idem	65,5	57,5	13
♂, n. 11.235 Itatiba, idem	62	57	11,5
♂, n. 4.190, Itararé, idem	65,5	62	11,5
♀, n. 8.677, Itaquy, R. Grande de Sul	57	49	10
♂, n. 3.883, Las Palas, Rep. Argentina	62	58	10
sexo ? n. 78, La Plata, idem	67	65	12

(1) V. op. cit., p. 177, nota margin.

***Myiobius barbatus mastacalis* (Neuwied)**

Muscicapa mastacalis NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 151 (Rio Catolê, afflto. do Rio Pardo).

Muscipeta barbata SWAINSON, (*nec Muscicapa barbata* Gmelin), 1822, Zool. illustr., II, pl. 116 (Pitanga, a 20 leguas a oeste de Salvador); NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 934 (deser., habitos).

Myiobius barbatus SCLATER, 1888, Cat. Birds Britt. Mus., XIV p. 199, partim (Bahia, *Wucherer*, etc.); LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, p. 100 (Bahia = Ilhéos e Itabuna).

Myiobius barbatus mastacalis HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII, part V, p. 235 (Bahia).

♀, Serra do Palhão, Novembro de 1932.

♀, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 14 de Dezembro.

Especim. supplm.: ♂, (n.º 7.541), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Abril de 1903, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.278), Itabuna, Julho de 1919, Garbe; ♂ (n.º 10.269), Ilhéos, Abril de 1919.

Ave endêmica nas mattas de leste do Brasil, desde a Bahia até o sul de S. Paulo (Ubatuba, Iguape), ocorre ainda em Goyaz e na Amazonia (Pará, margem direita do Amazonas até o Rio Madeira, norte de Matto-Grosso).

Empidonomus varius rufinus* (Spix)Suiriri*

Muscicapa rufina SPIX, 1825, Av. Bras., II, p. 22, tab. XXXI, fig. 1 e 2 (Amazonas).

Muscipeta ruficauda NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 920 (Camamú, Rio Jequiriçá).

Empidonomus varius SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 265, partim (Bahia, *Wucherer*).

Empidonomus varius rufinus HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ., Zool. Ser. XIII, part V, p. 113 (Macaco Secco, perto de Andaraí).

♀, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 15 de Dezembro de 1932.

Hellmayr, que separou da forma typica as aves das Guianas e do norte do Brasil debaixo de *E. varius rufinus* (Spix), sobre a base de possuirem bico menor, superficie dorsal mais pallida (pardacenta em vez de anegrada) e face abdominal manchada de riscas longitudinaes menos distinctas e em area mais restricta, refere ás ultimas os exemplares da Bahia, achando que elles «agree well with those from the lower Amazonas, though one or two slightly diverge towards *E. v. varius*».¹ Leves como são as diferenças existentes entre as duas raças, é fora de duvida que as aves da Bahia, mórmente as do norte do estado, se approximam mais da forma septentrional do que da do sul, outro tanto podendo dizer-se das do Espirito-Santo, de onde o Museu Paulista possui um ♂, colleccionado por E. Garbe. Já os especimens de Minas Geraes, mesmo aquelles da zona oriental do estado, caso em que estão os caçados no Rio Matipós por Pinto da Fonseca, não podem ser distinguidos quer dos de Matto-Grosso, quer dos de S. Paulo.

Deante disso, podemos estabelecer para cada raça as seguintes areas geographicas:

E. varius varius: norte da Argentina, Paraguay, leste da Bolivia, sul e centro do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro, Minas Geraes e a chapada matto-grossense.

E. varius rufinus: leste e norte do Brasil, desde o Espirito Santo até o Pará e o Amazonas, leste do Perú e da Venezuela, Guianas.

O quadro abaixo evidencia o valor das diferenças de tamanho entre as duas raças estudadas.

	aza	cauda	culmen
♂, n. 11.380, Cubatão (S. Paulo)	100mm.	81,5mm	13,5mm
♂, n. 7.975, Franca (idem)	101	85	14
♂, n. 9.685, Olympia (idem)	102	83,5	13,5
sexo ? n. 2.945, Iguape (idem)	102	86	13

(1) *Field Mus. Zool. Ser.* XIII, part V, p. 113, nota margin.

	aza	cauda	culmen
♀, n. 10.410, Rio Matipós (M. Geraes)	100,5	84	14
♂, n. 12.211, Miranda (Matto-Grosso)	102	84	14
sexo ? n. 12.161, Miranda (idem)	100	80	14,5
♂, n. 3.380, Santarém (Pará)	94,5	78	13
♂, n. 7.526, Joazeiro (Bahia)	96	82	13
♀, n. 8.553, Cidade da Barra (idem)	96	81	13,5
♀, n. 14.208, Rio Gongogy (idem)	92,5	75,5	14,5

***Tyrannus melancholicus melancholicus* Vieillot**

Suiriri

Tyrannus melancholicus VIEILLOT, 1819, Nouv. Diet. d'Hist., nouv. éd., XXXV, p. 48 (baseado em «Suiriri guazu» de Azara, Apuntam., n.º 198: Paraguay).

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Rio Gongogy), 3 de Dezembro de 1932.

♂, Serra do Palhão, 4 de Dezembro.

♂, Rio Jucuruê (Cachoeira Grande), 4 de Abril de 1933.

Especimens addic.: ♂ (n.º 10.273), Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.

Os passaros do sul da Bahia pertencem indiscutivelmente á forma typica, cuja area se estende a partir do Paraguay e do norte da Argentina, atravez de todo Brasil meridional e central, até a Bolivia, o Perú, o Equador, a Colombia e o noroeste da Venezuela. A partir do Reconcavo, como em breve veremos, ella cede logar a outra raça, nitidamente diferenciada.

***Tyrannus melancholicus despotes* (Lichtenstein)**

Muscicapa despotes LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 55 (Bahia).

Tyrannus melancholicus REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien. LXXVI, p. 76 (Alagoinhas, Fazenda da Serra, no Rio Grande); idem, 1925, op. cit., p. 165.

Tyrannus melancholicus despotes BANGS & PENARD, 1921, Bull. Mus. Comp. Zool., LXIV, p. 378 (Bahia; critica); HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ. Zool. Ser., XIII, part V, p. 107 (S. Marcello, no Rio Preto; Macaco Secco, perto de Andarahy).

♀, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 12 de Janeiro de 1933.

Exempl. addic.: ♀ (n.º 7.537), Joazeiro, Novembro de 1907, E. Garbe coll.

A ♀ obtida na ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos, a 7 legoas da cidade do Salvador), assemelha-se exactamente á caçada annos atraz em Joazeiro por Garbe, enquadrando-se ambas na definição da variedade correntemente conhecida por *F. m. despotes* (Lichtenstem), cujas diferenças com a forma typica estão nas dimensões mais exiguas, na tonalidade mais esbranquiçada da garganta e na faixa peitoral mais estreita, mais amarella (menos cinzenta). A conveniencia do nome de Lichtenstein para a raça do norte do Brasil, deixa todavia margem a duvidas, por isso que, como vimos, occorre tambem na Bahia *T. m. melancholicas*, diffundido provavelmente em todo sudeste do estado. Só o exame do exemplar typico de *despotes*, existente talvez ainda no Museu de Berlim, poderá decidir sobre o ponto, justificando ou não a applicação de que o nome actualmente gosa. Dimens. da ♀ de Madre de Deus: aza 102 mill., cauda 83 mill., culmen 21,5 mill.

Myiodynastes solitarius (Vieillot)

Tyrannus solitarius VIEILLOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XXXV, p. 88 (baseado no «Chorreado todo» de Azara, Apuntam. n.º 196: Paraguay).

Myiodynastes solitarius SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 185 (Bahia, *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 75 (Carnahyba, ao sul Joazeiro); idem, 1925, op. cit., p. 162; HELLMAYR, 1927, Field Mus. Publ. Zool. Ser., XIII, part V, p. 125 (Macaco Secco, perto de Andarahy e S. Marcello, no Rio Preto).

♀, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 5 de Dezembro de 1932.

♀, Serra do Palhão, 7 de Dezembro.

2 ♂♂, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 16 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy, 17 de Dezembro.

♂, Ilha de Madre de Deus (na baía de Todos os Santos), 28 de Fevereiro de 1933.

Exemplar addic.: ♀ ? (n.º 7.542), Bomfim, Março de 1903, E. Garbe coll.

Especie largamente distribuida pela America do Sul, onde se encontra desde o Uruguay e o norte da Argentina, até o Perú, o leste do Equador e as Guianas, atravez do Paraguay da Bolivia e de todo Brasil.

Familia PIPRIDAE

Machaeopterus regulus regulus (Hahn)

Pipra regulus HAHN, 1819, Vögel aus Asien, Africa, etc., Lief. IV, pl. 4, figs. 1 e 2 (Brasil: a Bahia pode aceitar-se como local. typica).

Machaeopterus regulus SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 304 (Bahia, Wucherer); TIER, & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 300 (Bahia).

Machaeopterus regulus regulus, HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part VI, p. 40 (Bahia).

♂, Aratuhype (Engenho da Ponte), 11 de Novembro de 1932.
Exemplares addic.: ♀ (n.º 2137), «Brasilien» = Bahia, compr. em Hamburgo; sexo? (n.º 2.136), idem, idem.

Mattas do sudeste brasileiro, desde o Rio de Janeiro até a Bahia. Nos confins com o Perú (Rio Caquetá, Rio Javari) temos ainda *M. regulus strio'atus* (Bonaparte), variedade nitidamente diferenciada.

***Neopelma pallescens* (Lafresnaye)**

Tyrannula pallescens LAFRESNAYE, 1853, Rev. Magaz. Zool., 2.^a ser., V, p. 57 (Bahia).

Heteropelma flavicapillum SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 321 (Bahia, Wucherer, etc.).

Scotothorus pallescens IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 503 (Bahia).

Neopelma pallescens HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ. Zool. ser. XIII, part. VI, p. 89 (Santo Amaro).

♂, ilha da Bimbarra (perto da de Madre de Deus, no Reconcavo), 21 de Fevereiro de 1933.

Especimen addic.: sexo? (n.º 2.953), Bahia, compr. de Schlüter (1893).

Este passarinho ocorre nas zonas de campo do centro e do leste brasileiros (Matto-Grosso, Goyaz, Minas, norte de S. Paulo, Bahia, Piaulhy, Maranhão, baixo Amazonas).

***Neopema inornata* O. Pinto**

Neopelma inornata O. PINTO, 1933, Boletim Biologico, nova serie, n.º 1, pag. (Serra do Palhão, Rio Gongogy).

♂, Serra do Palhão, 30 de Novembro de 1932.

♀, Rio Gongogy, 19 de Dezembro.

♀? Rio Gongogy, 20 de Dezembro.

♂? Rio Gongogy, 20 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

Esta especie, por mim descripta como nova não ha muito tempo, tem estreitos laços de semelhança com *N. aurifrons* (Neuwied) e *N. pallescens* (Lafresnaye), mas não póde ser confundida com nenhuma das duas, quer porque não apresenta indicios de pennas douradas no vertice, character commum áquellas especies, quer por ser sensivelmente menor em tamanho. No resto não difere de modo apreciavel. As partes superiores, inclusive o alto da cabeça, são verdes olivaceas; as remiges e as rectrizes pardo escuras, com a fimbria externa tin-

gida de oliva; o abdomen amarello sulfureo, mais ou menos manchado de verde; a garganta e o peito cinzento-esverdeados.

Além dos exemplares da Bahia, o Museu Paulista já possuia em suas collecções um exemplar (♀?), caçado em 1905 no Espirito Santo por E. Garbe, e não precisamente determinado até esta data.

Familia COTINGIDAE

Tityra cayana braziliensis (Swainson)

Araponguinha

Psaris braziliensis SWAINSON, 1837, Anim. in Menager., p. 286 (norte do Brasil = provavelmente Bahia ou Pernambuco).

Tityra brasiliensis SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 329 (Bahia, *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturwiss. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 70 (Rio Preto: Fazenda Ingazeira); *idem*, 1925, op. cit., p. 152; Lima, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte (Bahia = Itabuna).

Tityra cayana brasiliensis, HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part VI, p. 207 (Macaco Secco, perto de Andaraíh).

♂, Rio Gongogy, perto de Cajazeiras, 17 de Dezembro de 1932. Especimen addie.: ♂ (n.º 10.279), Itabuna, Agosto de 1919.

Hellmayr, jogando praticamente com quase todo material existente nos museus, chegou a conclusões assaz interessantes no tocante ás relações de *T. c. brasiliensis* com a forma typica, peculiar á porção septentrional da America do Sul. A distincção das duas raças, afóra os caracteres de colorido do bico (de base rosea em porção muito mais larga em *cayana* do que em *brasiliensis*), equivalentes nos dous sexos, baseia-se essencialmente na coloração da plumagem das femeas, que em *T. c. cayana* têm o alto da cabeça uniformemente preto e o dorso cinzento claro, sem mescla de pardo, ao passo que em *T. c. brasiliensis* o primeiro é pintado de manchas longitudinaes brancas e o segundo distinctamente pardo-acin-

zentado. As duas subespecies fazem-se gradualmente transição na região amazonica, e particularmente no este boliviano, onde se observam individuos cujos caracteres participam dos das duas formas affins. As aves do alto Rio Juruá, bem representadas na collecção do Museu Paulista filiam-se typicamente á forma guianense, o que aliás acontece com frequencia nas da alta bacia amazonica. A area de *T. c. braziliensis* estende-se do Paraguay e do norte da Argentina (Misiones) atravez do centro (Matto-Grosso, Minas-Geraes) e do leste do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até o interior do Piahy.

Erator¹ inquisitor (Lichtenstein)

Araponguinha

Lanius inquisitor LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 50 (S. Paulo).

Tityra inquisitor inquisitor HELLMAYR, 1929 (Março), Field Mus. Publ., Zool. Ser., XII, p. 337 («Bahia», Macaco Secco, perto de Andarahy); idem, 1929 (Novembro), Field Mus. Zool. Ser., XIII, part VI, p. 216 (Macaco Secco).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 28 de Dezembro de 1932.

No Brasil, onde *E. inquisitor* é ainda representado por outras variedades geographicas circumscriptas á Amazonia é esta a raça mais largamente diffundida, occorrendo em quase todo leste, desde Santa Catharina até o Piahy, como tambem no Paraguay e no norte da Argentina. E' provavel que occorra ainda no sul de Matto-Grosso, onde a raça este-brasileira é substituida por *E. i. petzelni* (Salvin & Godman), apenas differenciada pela zona branca basal mais extensa das retrizes,

(1) *Erator* Kaup (*Proc. Zool. Soc. London*, 1851, p. 47. Typo: *Lanius inquisitor* Lichtenstein) revivido por Ridgway (*Bull. Un. St. Nat. Mus.* n. 50, part IV 1907 pp. 777, 860) parece differenciar-se morphologicamente de *Tityra* o suficiente para formar genero aparte, máo grado a semelhança que têm, á primeira vista, os passaros nelles contidos.

a que se accrescenta communmente uma mancha apical da mesma côr.¹

***Platypsaris rufus rufus* (Vieillot)**

Tityra rufa VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., III, p. 347 (baseado em Azara, Apuntam., N.º 208 = ♀ : Paraguay).

Hadrostromus atricapillus SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 333 (Bahia).

Hadrostromus rufus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 306 (Bahia).

Platypsaris rufus rufus HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part VI, p. 193 (Bahia).

♀, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 24 de Dezembro de 1932.

Especimens supplem.: ♂ (n.º 7.460) Cidade da Barra, Janeiro de 1908, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.462), Cidade da Barra, Janeiro de 1908, Garbe; ♂ (n.º 7.461) Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Março de 1908; ♂ (n.º 7.459), Bomfim, Maio de 1908; ♀ (n.º 7.465), Bomfim, Abril de 1908, Garbe coll.; sexo? (n.º 2.970), Bahia, comp. de Schlüter.

Passarinhos encontrado nos campos do centro (Matto-Grosso, Goyaz) e leste (desde Santa Catharina até o Piauí), ocorre ainda a leste da Bolivia, no norte do Paraguay e da Argentina.

***Pachyrhamphus viridis viridis* (Vieillot)**

Tityra viridis VIEILLOT, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., III, p. 348 (baseado em Azara, Apuntam., N.º 210: Paraguay).

Muscicapa nigriceps LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 56 (Bahia).

Muscipeta nigriceps NEUWIED, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 914 (Camamu).

(1) Um exemplar de S. Luiz de Caceres possui mancha branca apenas perceptível na fimbria terminal das rectrizes, assemelhando-se em tudo mais a exemplares typicos de *T. i. inquisitor*.

Pachyrhamphus viridis SLATER, 1857, Proc. Zool. Soc. London, XXV, p. 75 (Bahia); idem 1857, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 338 (Bahia). IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 307 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 70 (Santa-Rita do Rio Preto).

Pachyrhynchus viridis REISER, 1925, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 153 (Santa Rita; critica).

Pachyrhamphus viridis cuvierii HELLMAYR, 1929, (Março), Field Mus. Publ. Zool. ser., XII, p. 340 (S. Amaro, etc.)

Pachyrhamphus viridis cuvierii HELLMAYR, 1929, (Março), Field Mus. Publ. Zool. ser., XIII, part VI, p. 164 (S. Amaro, etc.).

♂, Corupéba (perto da ilha de Madre de Deus, no Reconcavo), 30 de Janeiro de 1933.

♀, ilha de Madre de Deus, 12 de Fevereiro.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 7.458), Cidade da Barra, Janeiro de 1908, Garbe; ♂, (n.º 2.976), «Bahia», compr. de Selüfer (1893).

As aves do norte do Brasil, especialmente as da Bahia, têm em media dimensões mais reduzidas do que as da parte meridional do paiz e as da Argentina, sendo por isso consideradas ás vezes raça differente, sob a denominação de *P. v. cuvierii* (Swainson). Todavia Hellmayr, em seu estudo mais recente do grupo,¹ levando em conta a grande variabilidade d'aquelle caracter, conclúe pela sua insufficiencia para discriminar as duas suppostas raças.

***Laniocera hypopyrrha* (Vieillot)**

*Ampelis hypopyrrha*² VIEILLOT 1925, Denks. math.-naturw. Kl. nouv. éd. VIII, p. 164 («Guyane» = Cayena, *fide* Hellmayr).

Muscicapa sibilatrix NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 810 (estrada do Capitão Felisberto, perto de Ilhéos).

(1) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, parte VI, p. 165, nota (Nov. de 1929).

(2) Erro typographico provavolmente, porque mais tarde (*Tabl. Encycl. Méth., Orn.*, II, p. 762, 1822) o proprio Vieillot rectificou para *hypopyrrha*.

Aulia hypopyrrha PELZELN, 1868, Orn. Bras., II, p. 123 (Bahia);
Sclater, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 354 (Bahia,
Wucherer).

Laniocera hypopyrrha LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a
parte, p. 100 (Itabuna).

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 29
de Novembro de 1932.

♀, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 3 de Abril de 1933.

Especimen suppl.: ♂ (n.º 10.294), Itabuna, Julho de 1919,
E. Garbe coll.

Tem vasta area geographica este passaro da matta.
Afóra o sul da Bahia, seu limite meridional extremo,
existe em grande parte da Amazonia (Rios Tocantins,
Tapajóz, Madeira, Juruá, etc.), nas Guianas, na Vene-
zuela (valle do Orenoco), no leste do Equador, da Co-
lombia e do Perú, no norte da Bolivia.

E' possivel que as aves da Bahia formem uma raça
particular, com serem aparentemente maiores e mais
verdoengos (Hellmayr).¹ Falta-me material de compara-
ção para opinar sobre o caso.

***Rhytipterna simplex simplex* (Lichtenstein)**

Muscicapa simplex LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berliner Mus.,
p. 53 (Bahia).

Lipaugus simplex SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV,
p. 356, *partim* (Bahia, *Wucherer*); IHER. & IHERING, 1907,
Cat. Av. Bras., p. 309, *partim* (Bahia); LIMA, 1920, Rev.
Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 100 (Itabuna e Belmonte).

Rhytipterna simplex simplex HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ.,
Zool. Ser., XIII, part VI, p. 152 (S. Amaro).

♂, Rio Jucurucú (Chehra, Grande), 21 de Março de 1933.²

Especimens addic.: ♂ (n.º 10.293), Itabuna, Julho de 1919, E.
Garbe coll.; 2 ♂♂ (ns. 10.291 e 10.292), Belmonte, Agosto
de 1919, Garbe.

(1) *Field Mus. Mus. Hist. Pub., Zool. Ser., XIII, part. VI, p. 150 nota.*

(2) Um segundo exemplar ♂ traz indicação da ilha do Madre de Deus,
proveniência certamente orronca, visto faltarem mattas na região.

A forma typica de *R. simplex* é peculiar ás mattas do leste brasileiro, desde o Rio de Janeiro até o Recôncavo bahiano. A partir do Maranhão é substituída por *R. s. frederici* (Bangs & Penard), raça de plumagem geral mais cinzenta, menos verdoenga, cuja area abrange todo o valle do Amazonas, a bacia do Orenoco e a Guianas.

***Lipaugus vociferans* (Neuwied)¹**

Sebastião, Bastião, Tropeiro

Muscicapa vociferans NEUWIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 242 (Bahia: Fazenda Pindoba, ao norte de Caravellas); *idem*, 1821, op. cit., II, p. 118 (Rio Cachoeira ou Ilhéos).

Muscicapa plumbea LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 53 (Bahia); NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 806 (Mucuri, Alcobaça, Ilhéos).

Lathria plumbea SCLATER, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 351 (Bahia, Wucherer).

Lathria cinerea LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 100 (Ilhéos e Itabuna).

3 ♂♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 29 de Novembro de 1932.

♀ ?, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 27 de Março de 1933.

♀, Cachoeira Grande, 30 de Março de 1933.

Especims. supplms.: ♂, (N.º 10.297), Ilhéos, Abril de 1919, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.295), Ilhéos, Maio de 1919, Garbe; ♀ ?, (n.º 10.296), Itabuna, Junho de 1919, Garbe.

(1) *Ampelis cinerea* Vieillot 1817 (*Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, nouv. éd., VII, p. 162: Cayena), usualmente adoptado para este passaro, é, como observa Hellmayr (*Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 342, nota) invalidado por *Ampelis cinerea* Latham, 1790. Não sei todavia o motivo pelo qual aquelle ornithologo accoita para nome da especie *Ampelis cineracea* Vieillot, 1822 (*Tabl. Enc. Méth., Orn.*, II, p. 761 — baseado sobre «Lo Cotinga cendréo» de Lovailant, 1801: Cayena), em vez de *Muscicapa vociferans* Neuwied, 1820, cuja prioridade está fora do discussão. A descripção fornecida em nota pelo Principe em sou *Reise*, embora succinta é sufficiente para identificar a ave.

E' este um passaro exclusivamente da matta, onde frequenta de preferencia os valles sombrios e as baixadas humidas. Durante a viagem tive meu primeiro encontro com elle na subida da Serra do Palhão, não muito longe do povoado de Distampina, quando a estrada, deixando as largas clareiras dos campos de criação e das derrubadas recentes, embrenhou-se pela floresta densa. A' nossa passagem respondiam os «bastiões» ao ruido da tropa e ás vozes dos viajantes com o grito ou assobio estentorico que lhes é peculiar, echoando de cada canto até de consideravel distancia. Quando, propositadamente para provocal-os, faziamos barulho na matta, quebrando gallios ou batendo nos troncos com o facão, então é que o clamor se generalizava a toda a redondeza, para só aos poucos dissipar-se, acalmándose progressivamente mais espaçados os assobios da passadeira em sobresalto. Nas mattas do Jucurucú não era menos abundante do que nos altos da Serra do Palhão. Bangs & Penard propoz separar em raça particular as aves da Bahia,¹ sobre a base de serem um pouco maiores do que as da Guiana (124 a 127 mm., em vez de 116 a 123 mm.);

***Attila rufus hellmayri* nov. subsp.²**

Attila cinereus SCLATER, (nec *Muscicapa cinerea* Müller), 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XIV, p. 363, *partim* (Bahia), *Wucherer*; JHER. & JHERING, 1907, Cata. Av. Bras., p. 310, *partim* (Bahia).

Attila rufus HELLMAYR, 1929, Field Mus. Publ., Zool. ser., XIII, part VI, p. 142, *partim* (Bahia).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 17 de Dezembro de 1932 (*typo*).

♂, Rio Gongogy, 19 de Dezembro.

(1) *Lathria cinerea plumbea* Lichtenstein. Cf. Bangs & Penard, *Bull. Mus. Comp. Zool.* LXII, ps. 71, 1918.

(2) Cf. *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII part VI, pag. 143, nota.

Exemplares addic.: ♀ (n.º 10.299), Ilhéos, Abril de 1908, E. Garbe coll.; sexo? (n.º 5.244), Bahia, ex Mus. Berlepsch, 1905.

Comparados com os individuos do sul do Brasil, especialmente com os de S. Paulo e Santa Catharina, os exemplares da Bahia ferem logo a vista pela extensão constantemente muito mais reduzida do cinzento da garganta, que ás vezes se restringe á porção mais anterior, ou exclusivamente ao angulo do mento. Este ultimo caso verifica-se por exemplo n'um dos passaros agora trazidos do Rio Gongogy (♂, 19 de Sembro), cuja garganta, excluido o angulo mental é francamente acannelada. A' nova raça, cuja validez não me parece comprometida pelos exemplos aberrantes da forma typica, é dedicada a Hellmayr, o infatigavel investigador da nossa ornis, a quem não escaparam as diferenças peculiares ás aves bahianas.

***Ampelion melanocephalus* (Neuwied)**

Procnias melanocephalus NEUWIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 168 (Quartel das Barreiras, entre os rios Itapemirim e Itabapuaia, no Espirito Santo); SWAINSON, 1821, Zool. Illustr., I, pl. 25 (mattas de Pitanga, no Est. da Bahia).

Ampelion melanocephalus PEZELN, 1868, Arn. Bras., II, p. 132 (Bahia); LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 100 (Itabuna).

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande, no Braço do Sul), 31 de Março de 1933.

Exemplar addic.: ♂ (n.º 10.301), Itabuna, Julho de 1919, E. Garbe coll.

Este bello passarinho, chamado em alguns logares Corocochó, habita as florestas do éste brasileiro, desde o sul da Bahia até o de S. Paulo (Iguape). Não parece commum; na minha excursão á Bahia vi-o apenas uma vez, em avultado numero, nas proximidades do rio Jucurucú, sobre uma arvore fructifera da matta.

Pyroderus scutatus scutatus* (Shaw)Pavó*

Coracias scutata SHAW, 1795, Mus. Lever., n.º 4, p. 199, com pl. color. (localid. não designada: sudeste do Brasil, patria typica, por indicação de Hellmayr).¹

Pyroderus scutatus LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.ª parte, p. 100 (Ilhéos).

♂, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 28 de Março de 1933.

sexo? Cachoeira Grande, 28 de Março.

♀, Cachoeira Grande, 1 de Abril.

♂? Cachoeira Grande, 4 de Abril.

Especimen addic.: ♂ (n.º 10.305), Ilhéos, Maio de 1919, E. Garbe coll.

Os alterosos araçazeiros carregados então de frutos eram no Rio Jucurucú o centro de atração destes magníficos passaros da matta. Quando lhes ouvi pela primeira vez a voz cava e soturna, tive a impressão de que um monjolo, muito ao longe, fizesse chegar até os meus ouvidos o rythmo lento de suas pancadas intermitentes.

A ave brasileira representa variedade geographica de especie extensamente distribuida na America meridional, onde alcança na Colombia as vertentes occidentaes da cordilheira dos Andes; encontra-se, a partir do norte da Argentina e do Paraguay, em todas as mattas extensas do sudeste do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

(1) Cf. *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XIII, part VI, p. 228.

Sub-ordem ACROMYODI

Familia TURDIDAE

Turdus*¹ *leucomelas albiventer* SpixSabiá*

Turdus albiventer SPIX, 1825, Av. Bras., I, p. 70, tab. LXIX, fig. 2, *partim*, «mas» (Pará: loc. typ. restr. por Hellmayr.²

Planesticus leucomelas albiventer HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 349 (Bahia).

♀, Corupéba (proximo á ilha de Madre de Deus, na bahia de Todos os Santos), 13 de Fevereiro de 1933.

2 ♂♂, Ilha da Bimbarra (na bahia de Todos os Santos), 21 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 23 de Fevereiro.

Diz Hellmayr que esta variedade, peculiar ao nordeste do Brasil, «is exactly intermediate between *T. l. leucomelas* Vieill.), of southern Brazil and Paraguay, and *T. l. ephiphialis* (Sclater), of Colombia, Venezuela, Guiana, and Brazil north of the Amazon». Como todas as formas intermedias, variam accentuadamente os caracteres da ave em função das diversas zonas de sua area geographica; assim é que os exemplares bahianos, apesar de se distinguirem visivelmente dos do sul do Brasil pela plumagem mais clara, pelo banho aruivado muito mais tenue das partes superiores, etc., não se confundem exactamente com os da porção septentrional extrema da area de *albiventer*. Na parte meridional da Bahia é provavel occorrer a forma typica de *leucomelas*,

(1) Verificado que o typo de *Turdus* deve ser *Turdus merula* Linnaeus, por subsequente designação de Selby (1825), em vez de *Turdus viscivorus* Linnaeus (por designação de Gray, 1840), os Sabiás voltam a ocupar o genero linneano, cahindo em synonymia o genero *Planesticus*. Cf. Oberholser *Proc. Biol. Soc. Wash.*, XXXIV, p. 105 (1921); *Check List of North American Birds*, 4 th edit., p. 390 (1931).

(2) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 249 (1929).

suposição em cujo apoio pode invocar-se o exemplo de casos analogos e ainda a existencia, no Museu Paulista, de um especimen com indicação vaga de procedencia — «Bahia», impossivel de ser distinguido dos de S. Paulo. Um exemplar de Santarém tem o dorso francamente cinzento-claro e merece ser referido a *ephippialis*.

***Turdus fumigatus fumigatus* Lichtenstein**

Sabiá da matta, Sabiá verdadeiro

Turdus fumigatus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 38 (Brasil: aceite-se por terra typica a Bahia); LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, p. 100 (Belmonte, Ilhéos).

♀, Rio Gongogy, 15 de Dezembro de 1932.

Especim. supplm.: ♂ (n.º 10.308) Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.306), Ilhéos, Maio de 1919; ♀ (n.º 10.307), Ilhéos, Maio de 1919.

Ave da matta, o Sabiá verdadeiro existe no Brasil, desde o Rio de Janeiro até o Pará e o Amazonas (Rio Madeira). Segundo Hellmayr na porção mais occidental deste estado faz transição com *T. f. hauxwelli*, forma do alto Amazonas (Perú, etc.). Considera o mesmo autor formas insusceptíveis de discriminação *T. f. fredericki* e *T. fumigatus abariensis* de Chubb.¹

***Turdus rufiventris rufiventris* Vieillot**

Sabiá coca, Sabiá laranjeira

Turdus rufiventris VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., nouv. édit., XX, p. 226 («au Brésil»).

Turdus rufiventris LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.ª parte, p. 100 (Belmonte).

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 248 (1929).

Turdus rufigiventris rufigiventris HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 249, no texto (Macaco Secco, perto de Andarahy).

♂ Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 16 de Dezembro de 1932. sexo?, juv., Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 29 de Março de 1933.

Especimens addic.: sexo? (n.º 10.309), Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.

Com referencia aos exemplares do sul da Bahia verifica-se o mesmo facto observado por Hellmayr em relação aos de Macaco Secco, a saber, que apresentam caracteres intermediarios entre os das aves do sul do Brasil e os das do Nordeste, comquanto muito mais se approxinem das primeiras do que das ultimas. Dá-se com o Sabiá-coca o mesmo phenomeno observado em outros passaros, que experimentam ao longo da extensa faixa este-meridional da Bahia, modificações gradativas, mediante as quaes as formas sulinas cedem o passo a variedades peculiares á caatinga secca, em geral de plumagem muito mais pallida e descorada. O Reconcavo da bahia de Todos os Santos parece assignalar de regra o limite septentrional das formas sulinas, o que se harmoniza com as modificações do ambiente geographico.

***Turdus rufigiventris juensis* (Cory)**

Sabiá-coca

Planesticus rufigiventris juensis CORY, 1916, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I, p. 344 (Juá, perto de Igatú, estado do Ceará).

Turdus rufigiventer REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 77 (Alagoinhas, Santa Rita e Barro Vermelho, no Rio Preto).

Turdus (Planesticus) rufigiventer juensis REISER, 1925, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, KXXVI, p. 168 (Alagoinhas, Rio Preto, *crit.*).

Planesticus rufiventris juensis HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 248 (S. Marcello, no Rio Preto).

♂, Aratuhype (Engenho da Ponte), 13 de Novembro de 1932.

♂, Aratuhype, 14 de Novembro.

2 ♂♂, Rio Aratuhype, 15 de Novembro.

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 24 de Janeiro de 1933.

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus), 26 de Fevereiro.

Os sabiás do Reconeavo, comparados com os de S. Paulo e mais estados do sul do Brasil, destacam-se nitidamente pelo colorido geral mais claro da plumagem, em que as partes superiores apresentam tom pardo-acinzentado (em vez de pardo-oliváceo) e o abdômen é antes acanelado que côr de ferrugem. Sua filiação á raça nordestina individualizada por Cory, impõe-se portanto. Já os do sul da Bahia, como vimos, approximam-se decididamente mais da forma typica.

Familia TROGLODYTIDAE

Heleodytes turdinus turdinus (Neuwied)

Garrinchão

Opetiorynchos turdinus NEUWIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 148 (Rio Catolê, affluente do Rio Pardo); idem, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 673 (Rio Belmonte, Rio Catolê).

Turdus scolopaccus LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 39 (Bahia).

Campylorhynchus variegatus SHARPE, 1881, Cat. Birds Brit. Mus., VI, p. 188 (Bahia).

Heleodytes turdinus HELLMAYR, 1906, Abt. K. Bayer. Akad. Wiss. München, II Kl., XXII, p. 628 (Bahia, *crit.*); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 321 (Bahia).

♀, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 14 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy, 15 de Dezembro.

sexo?, Rio Gongogy, 15 de Dezembro.

Especimen addic.: sexo? (n.º 3003), Bahia, compr. de Schlüter.

A distribuição geographica d'este passarinho é ainda bem imperfeitamente conhecida. Afóra o Espirito Santo (Rio Dôce) e a Bahia, de onde durante muito tempo provieram todos os exemplares conhecidos, sabe-se hoje que elle occorre tambem no Maranhão (Barra da Corda) e em Goyaz (Bôa-Vista).¹ Em toda excursão á Bahia não me recorde de o ter visto fora das margens do Rio Gongogy e comvizinhanças; mas era alli abundantissimo, ouvindo-se invariavelmente o coro caracteristico de suas vozes em cada canto, e muito especialmente á orla da matta. Existe sempre aos casaes isolados ou numerosos, mas é muito difficil distinguil-os por entre as tranqueiras onde se dissimulam e occultam, razão talvez de sua relativa raridade nas collecções zoologicas.

Troglodytes musculus wiedi (Berlepsch)

Carriça, Garriça, Corruira

Thryothorus wiedi BERLEPSCH, 1873, Journ. f. Orn., XXI, p. 231 (novo nome para *Thryothorus platensis* NEUWIED,² (nec *Sylvia platensis* Latham, 1790): Rio de Janeiro local. typica, por designada de Hellmayr.

Thryothorus platensis NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 742 (Caravellas, Belmonte).

♂, Aratuhype (perto de Nazareth: Engenho da Ponte), 14 de Novembro de 1932.

sexo? Rio Gongogy, 25 de Dezembro de 1932.

2 ♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 12 de Janeiro de 1932.

♂, Madre de Deus, 5 de Fevereiro.

(1) Cf. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 253.

(2) Neuwied, 1831, *Beitr. Naturg. Bras.*, III, p. 742.

A muitos surprehenderá sejam referidas as aves do sul da Bahia e Reconcavo á forma peculiar ao sul do Brasil, a quem Berlepsch separou sob a denominação de *T. wiedi*. E' impossivel comtndo proceder de outra forma, deante dos exemplares que formam a lista acima, e de sua cuidadosa comparação com os do Brasil meridional de um lado, e os do nordeste brasileiro, aqui incluso o norte da Bahia, de outro lado. Varios exemplares que possúe o Museu Paulista da Bahia, um ♂ e uma ♀ de Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha) entre elles, contrastam nitidamente com as aves do Reconcavo, exhibindo todos caracteres attribuidos a *T. musculus musculus* Naumann, a saber, partes inferiores de colorido mais intenso, mais ocraceo, ou melhor mais acannelado, com especialidade os flancos e o crisso.¹ Nos exemplares agora trazidos da Bahia, provenientes do Rio Gongo-gy e do Reconcavo, e bem assim n'um ♂ de Caravellas, caçado outrora por E. Garbe, nada d'isso se observa, senão que se approximam decididamente da raça do Brasil meridional, de colorido mais desbotado e partes inferiores muito menos tingidas de cannela. E' bem que se observe ainda occorrerem individuos typicamente de *wiedi*, com a plumagem do abdomen excepcionalmente mais fortemente tinhada, salientando-se no particular uma ♀ de Itararé, no sul de S. Paulo, capaz de supportar perfeitamente o confronto com os individuos mais intensamente corados do nordeste do Brasil. Tudo isto, chama a attenção para as obscuridades ainda reinantes com respeito á systematica das raças brasileiras de *T. musculus*, cuja definitiva classificação fica a depender de ultteriores estudos.

A filiação das aves do Reconcavo á forma sulina ao em vez da nordestina é, por outro lado, facto interessante, de que temos raros exemplos na distribuição geographica das aves da Bahia.

(1) Cf. Hellmayr, 1908, *Nov. Zool.* XV, p. 18.

Familia MIMIDAE

Mimus saturninus arenaceus Chapman*Sabiá da praia*

Mimus saturninus arenaceus CHAPMAN, 1890, The Auk, VII, p. 135 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXXVI, p. 78 (Matta de S. João, Joazeiro, Palmeira, perto de Sambaíba, no Rio S. Francisco); HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser., XII, pp. 251, 252 («Bahia», S. Amaro, Matta de S. João, Rio do Peixe, perto de Queimadas, Joazeiro, Sambaíba).

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 16 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♂, Santo-Estevão (no Reconcavo, perto de Madre de Deus), 2 de Fevereiro.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 24 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 25 de Fevereiro.

Pena é que todos os exemplares colleccionados do «Sabiá da praia» tenham a plumagem muito sovada e envelhecida, o que difficulta a apreciação perfeita das differenças que no tocante áquelle caracter distinguem a raça bahiana de *M. s. frater*, do sul e centro do Brasil. A côr das partes superiores, pardo-acinzentadas, pouco differe nas duas raças, mas aos nossos exemplares de *arenaceus* faltam inteiramente os tons fulvos ou cremeos tão evidentes na superficie abdominal, e particularmente no crisso, das aves de S. Paulo. Caracter differencial constante e muito notorio é o comprimento do bico, accentuadamente maior em *arenaceus* ($21\frac{1}{2}$ a 24 mm.) do que em *frater* ($18\frac{1}{2}$ a 20 mm.); só por elle é possível reconhecer ás vezes os individuos d'esta ultima forma, a que pertencem segundo Hellmayr, as aves do oeste bahiano, ao norte do Rio Preto.

Donacobius atricapillus atricapillus* (Linnaeus)Casaca de couro, Viola*

Turdus atricapilla LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 255 (baseado em «*Merula cristata* cap. b. spei» de Brisson, Orn. VI, App., p. 47, tab. 3, fig. 2 (Cabo da Bôa Esperança, errore! leste do Brasil, por rectific. de Berlepsch & Hartert).¹

Mimus brasiliensis NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 662 (Rio Catolê, affl. do Rio Pardo).

♂, Aratuhyte (perto de Nazareth: Engenhho da Ponte), 10 de Novembro de 1932.

♂, Engenho da Ponte, 14 de Novembro.

Parece commum nos banhados e nas margens dos rios da Bahia, onde quer que haja abundante vegetação de juncos e cyperaceas entre a qual habitualmente escolhe domicilio. Na viagem pelo Jucurucú ouvia-se-lhe ameúdadamente o canto, sobremodo rico de variantes e toadas.

Família SYLVIIDAE

***Polioptila plumbea cearensis* Cory**

*Polioptila livida*² *cearensis* CORY, 1916, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I, p. 343 (Juá, perto de Igatú, no Ceará).

Sylvia leucogastra NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 710 (sertão da Bahia).

Polioptila leucogastra SHARPE, 1885, Catal. Birds Brit. Mus., X, p. 446 (Bahia, *Wucherer*, etc.); IMERING, 1907, Cat. Av. Bras., 329 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 77 (Barra, na eid. do Salvador; Serra da Soledade; Faz. da Serra, no Rio Grande; Faz. da Taboa, no Rio Preto); idem, 1925, op. cit., p. 168.

(1) *Nov. Zool.*, IX, p. 4, (1902).

(2) Thomas E. Penard (*Auk*, XL, 1923, pp. 334, 335) demonstreu que *Motacilla livida* Gmelin (*Syst. Nat.*, I, p. 981) é a mesma ave descripta sob *Todus plumbeus* Gmelin (*Op. cit.*, I, p. 444), que por direito de precedencia deve prevalecer em nomenclatura.

♀, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 11 de Janeiro de 1933.

2 ♂♂, Madre de Deus, 15 de Janeiro.

♀?, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 18 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 18 de Fevereiro.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 18 de Fevereiro.

♂, Madre de Deus, 20 de Fevereiro.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 7.913), Joazeiro, Novembro de 1907, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.473), Joazeiro, Novembro de 1907; ♂ (n.º 7.276), Joazeiro, Dezembro de 1907; ♀ 7.274), Joazeiro, Dezembro de 1907; ♂ (n.º 7.275), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Junho de 1908, Garbe; ♂ (n.º 8.560), Cidade da Barra, Outubro de 1913; 2 ♀♀ (ns. 8.559 e 8.561), Cidade da Barra, Outubro de 1913; ♂, (n.º 3.004) «Bahia», comprado de Schlüter (1898).

Sigo a autoridade de Hellmayr¹ no referir as aves da Bahia, classicamente conhecidas por *Poliophtila leucogastra* (Neuwied), á forma descripta por Cory sob a denominação de *P. livida cearensis*. Segundo o mesmo ornithologo, o nome de Neuwied é invalidado por motivo de sua homonymia com *Sylvia melanocephala leucogastra* (Ledru),² passarinho das ilhas Canarias. A coespecificidade da forma leste-brasileira com *Poliophtila p. plumbea* (Gmelin),³ das Guianas, adoptada por Hellmayr desde longa data,⁴ e até hoje nunca seriamente contestada, tem em seu apoio a existencia de outras raças de caracteres não menos diferenciados, como *P. p. innotata* Hellmayr, da Guiana Inglesa. A forma typica, que differe da nordestina em pontos muito salientes, como a ausencia de pinta branca nas pontas das

(1) Cf. *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, pp. 257, 258 (1929).

(2) *Motacilla leucogastra* Ledru, 1810, *Voyage Tenoriffe, etc.*, I, p. 182 (Tenoriffe).

(3) *P. plumbea* (Gmelin) é, como vimos, identica a *P. Livida* (Gmelin) nomo mais ordinariamonte adoptado pelos autores.

(4) Cf. *Novit. Zool.*, XIV, pp. 4-5 (1907).

grandes coberteiras superiores das azas, e a estreiteza, ou mesmo carencia, de orla branca nas remiges secundarias, ocorre tambem no Brasil, desde as mattas da região costeira do Maranhão até o norte do Pará.

Familia MOTACILLIDAE

Anthus lutescens lutescens Pucheran

Anthus lutescens PUCHERAN (ex Cuvier manuscr.), 1855, Arch. Mus., Hist. Nat. Paris, VII, p. 343 (localidade typica Rio de Janeiro, teste Hellmayr);¹ REISER, 1925, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 172 (Rio S. Francisco, perto de Sambaiba).

Anthus rufus SHARPE, (nec *Alauda rufa* Gmelin),² 1885, Catal. Birds Brit. Mus., X, p. 606, partim (Bahia, Wucherer); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 79 (Rio S. Francisco).

Anthus lutescens lutescens HELLMAYR, 1912, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wiss. math.-physik. Kl., XXVI, p. 99 (Bahia, crit.); idem, 1921, Hornero, II, p. 183 (Rio S. Francisco, crit. distrib.).

♀, Corupéba (proximo á ilha de Madre de Deus, no Reconcavo), 29 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba, 11 de Fevereiro.

Especim. addic.: ♂ (n.º 7.477), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe; ♀ (n.º 7.476), Cidade da Barra, Janeiro de 1908.

A posição d'esta especie é hoje bem conhecida atravez dos estudos de Hellmayr, que em successivas publicações occupou-se do esclarecimento das relações entre as formas sul-americanas d'este grupo difficil.³ *A. l. lutescens*, a unica das numerosas formas brasileiras que se sabe occorrer na Bahia, é de todas as es-

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.* XII, p. 267.

(2) Berlepsch em 1885 (*Zeitschr. Gesam. Orn.*, II, p. 114) demonstrou que o nome de Gmelin, fundado sobre Buffon & Daubenton, *Pl. Entom.* 738 ("Petite Alouette de Buenos Ayres") não pode applicar-se á presente especie.

(3) Cf. *El. Hornero*, II, pp. 180-193 (1921).

pecies do genero a de mais vasta distribuição no continente americano, extendendo-se segundo Hellmayr desde a foz do Rio da Prata ás margens do Orenoco e ao sopé da cordilheira andina.

Familia MNIOTILTIDAE

Basileuterus flaveolus (Baird)

Myiothlypis flaveolus BAIRD, 1865, Rev. Amer. Birds, p. 252, nota (Paraguay).

Basileuterus flaveolus SILLARPE, 1885, Cat. Birds Brit. Mus., X, p. 380 (Bahia. *Wucherer*, etc.); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 333 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 78 (limites de Bahia com Piahy, proximo a Santa Rita); idem, 1925, op. cit., p. 171; HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser., XII, p. 258 (Santo Amaro).

♂, Ilha dos Frades (na bahia de Todos os Santos), 13 de Fevereiro de 1933.

sexo?, Ilha dos Frades, 13 de Fevereiro.

Exempl. addic.: ♂ (n.º 7.506), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe; ♂ (n.º 7.507) Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Março de 1908; sexo? (n.º 3.012) Bahia, compr. de Schlüter (1898).

Este bonito passarinho, de dorso verde olivaceo e face ventral amarello canario, encontra-se bastante difundido no Brasil onde existe desde o Paraná até o Piahy, inclusive os estados centraes. Occorre tambem a leste da Bolivia, e ainda, facto singular de distribuição discontinua, na costa septentrional da Venezuela (Hellmayr).

Atleodaenis bicolor (Vieillot)

Sylvia bicolor VIEILLOT, 1807 (?), Hist. Nat. Ois. Sept., II, p. 32, pl. 90 bis (sem indicação de localidade precisa: Hellmayr designou Cayena para localidade typica).

Dacnis plumbea SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 26 (Bahia, *Wucherer*, etc.).

Ateleodacnis bicolor IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 334 (Bahia).

♂, Santo Estevão (perto de Madre de Deus, no Reconcavo), 2 de Fevereiro de 1933.

sexo? Ilha da Bimbarra, 21 de Fevereiro.

♀, Corupéba (proximo a Madre de Deus), 3 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 25 de Fevereiro.

Espec. supplem.: ♂ (n.º 3.031), «Bahia», compr. de Selölüter, (1898).

Passariinho proprio dos mangues da costa maritima da America do Sul desde S. Paulo até as Guianas e a Venezuela, ocorre ainda nos barrancos de muitos rios da bacia amazonica (Rio Madeira, etc.), com variações apenas apreciaveis em seus caracteres.

Família VIREONIDAE

Vireosylva ¹ *chivi agilis* (Lichtenstein)

Lanius agilis LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Museum, p. 49 (Bahia).

Vireo olivaceus chivi REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 79 (cidade da Bahia e arrabalde da Barra, correço Barroço, no Rio Preto); idem, 1925, op. cit. p. 172.

Vireosylva chivi agilis HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 260 (Bahia).

♂ Serra do Palhão, 7 de Dezembro de 1932.

2 ♂ ♂, Corupéba (perto da ilha de Madre de Deus, na bahia de Todos os Santos).

Espec. supplem.: sexo? (n.º 7.518), Bonifim (antiga Villa Nova da Rainha), Março de 1908.

V. chivi agilis (Lichtenstein), endemico em todo o norte do Brasil, desde o Espirito Santo,² até o baixo

(1) V. Ridgway, *Birds of North and Middle America*, III, pp. 129, 130 (1904).

(2) O Museu Paulista possui uma serie de exemplares do Rio Dôce, indistinguiveis dos da Bahia.

Amazonas, distingue-se apenas por caracteres levíssimos de *V. c. chivi* (Vieillot), do Brasil meridional. As partes superiores possuem verde mais amarelado, mais vivo, mais brilhante; o alto da cabeça é de um cinzento mais claro, mais desmaiado; mas nem sempre se apreciam estas diferenças em indivíduos tomados isoladamente.

***Pachysylvia poecilotis amaurocephala* (Nordmann)**

Sylvia amaurocephala NORDMANN, 1835 in Erman, Reise Naturhist. p. 14 («Brazil» = confins de Bahia e Minas, onde Neuwied caçou o exemplar que serviu á descripção, teste Hellmayr).

Sylvia poecilotis NEUWIED, (nec Temminck), 1831, Beitr. Naturg. Braz., III, p. 715 (Bahia).

Pachysylvia amaurocephala HIER. & HIERING, 1907, Cat. Av. Bras. p. 336 (Bahia).

Pachysylvia (Hylophilus) poecilotis amaurocephalus REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 79 (cidade do Salvador); idem, 1925, op. cit., p. 172.

Pachysylvia poecilotis amaurocephala HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. scr., XII, p. 262 (S. Amaro).

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 11 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 11 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 23 de Janeiro.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 20 de Fevereiro.

2 ♀♀, Corupéba, 22 de Fevereiro.

Especim. suppl.: ♂ (n.º 7.511), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Março de 1908, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 7.510), Joazeiro, Dezembro de 1907; sexo? (n.º 3.022), «Bahia», compr. de Schlüter (1898).

Muito flagrantes são as diferenças entre os exemplares acima e os topotipicos de *P. poiciolotis poecilotis* (Temm.).

A separação entre *P. p. amaurocephala* e *P. p. poiciolotis* assenta em profundas diferenças de coloração exis-

tentes de ordinario entre as aves do nordeste brasileiro e as do Brasil meridional, devendo citar-se em primeira linha o colorido das partes inferiores, esbranquiçado ou fulvescente nos primeiros, e amarello esverdeado nos ultimos. Tambem differe a côr da região auricular, parda em *amaurocephala* e ennegrecida na forma typica. Estes caracteres são comtudo, nas duas formas, muito sujeitos a variações, que tornam difficil a determinação de certos exemplares praticamente intermediarios. No oeste de S. Paulo, onde as duas raças fazem transição, ha individuos perfeitamente comparaveis aos passaros da Bahia, de que resulta extender-se até alli a area geographica de *P. p. amaurocephala*. Hellmayr cita n'estas condições exemplares de Minas-Geraes (Agua Suja, perto de Bagagem), um outro de Botucatú e ainda outro do Rio Paraná, caçado por Natterer. Em condições perfeitamente identicas ha no Museu Paulista um ♂ (n.º 7.935) de Franca, além de outros que se lhe approximam.

***Cyclorhis gujanensis cearensis* Baird¹**

Gente-de-jora-já-chegou

Cyclorhis cearensis BAIRD, 1866, Rev. Amer. Birds, 1, p. 391 (Ceará); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVII, p. 79 (Cabula, na eid. do Salvador; Fazenda da Taboa e Santa Rita no Rio Preto).

Cyclorhis albiventris, SCLATER & SALVIN, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 156 (Bahia).

Cyclorhis Wiedii PELZELN, 1868, Orn. Bras., p. 74, *partim* (Bahia).

Cyclarhis gujanensis cearensis HELLMAYR, 1908, Nov. Zool., XV, p. 22 (Bahia); Naumburg, 1925, Auk, XLII, j. 316 (Bahia).

♀, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 17 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 21 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 22 de Janeiro.

♂, Ilha da Bimbarra (proxima de Madre de Deus), 24 de Janeiro.

sexo?, Madre de Deus, 28 de Janeiro.

Especim. addic.: ♂ (n.º 7.472) Bomfim, Abril de 1908, Garbe; sexo? (n.º 3.024), «Bahia», compr. de Schüter.

Passarinho extremamente commum em todo Reconcavo, tem recebido alli innumeradas appellações onomatopaicas, ao sabor dos caprichos interpretativos de quantos lhe conhecem o canto característico.

Em todos os exemplares colleccionados vê-se bem definida na base da mandibula a mancha escura, cuja ausencia seria constante nos individuos juvenis, separados outr'ora sob *C. wiedi* Pelzeln, como especie distincta.

No Museu Paulista ha varios exemplares dos campos de Itatiaya e de Campos de Jordão, inteiramente carentes de preto na mandibula, que me parecem antes individuos de *C. ochrocephala* Tschudi, em que a lista superciliar ferruginea é mais curta que de regra.

Familia HIRUNDINIDAE

Iridoprocne albiventer (Boddaert)

Andorinha

Hirundo albiventre BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enl., p. 32 (basado em «Hirondelle a ventre blanc de Cayenne» de Buffon-Daubenton, Pl. Enl. 546; fig. 2: Cayena).

Hirundo leucoptera NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 362 (Rio Mucuri, Belmonte, Ilhéos).

Tachycineta albiventris REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 76 (Joazeiro); idem, 1925, op. cit., pag. 167.

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 8 de Dezembro de 1932.
♀, Madre de Deus (bahia de Todos os Santos), 21 de Janeiro de 1933.

Especim. addic.: sexo? (n.º 7.482), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe coll.

Andorinha commum em quase toda a America Me-

ridional, desde a Venezuela¹ e as Guianas até o norte e o leste da Argentina (Chaco, Buenos-Aires).

***Stelgidopteryx ruficollis ruficollis* (Vieillot)**

Andorinha

Hirundo ruficollis VIEILLOT, 1817, Nouv. Diet. d'Hist. Nat., nouv. édit., XIV, p. 523 (Brasil = Rio de Janeiro, coll. Delalande, fide Hellmayr).²

Hirundo hortensis LICHTENSTEIN, 1923, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 57 (Bahia).

Stelgidopteryx ruficollis SHARPE, 1885, Cat. Birds Brit. Mus., X, p. 208, *partim* (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 77 (Rio Grande: Lagoa do Boqueirão e Boa Vista); idem, 1925, op. cit., p. 168.

♂, Ilha de Madre de Deus (na baía de Todos os Santos), 28 de Janeiro de 1933.

♂, Ponta de Santo Estevão (perto de Madre de Deus), 2 de Fevereiro.

♂, Corupéba (proximo a Madre de Deus), 7 de Fevereiro.

♂? Corupéba, 7 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 23 de Fevereiro.

♀, Rio Jueurucú (Cachoeira Grande), 29 de Março.

♂, Cachoeira Grande, 31 de Março.

Andorinha das mais comuns na Bahia, onde talvez exista durante todo anno. A raça brasileira, cuja area se expande a partir do Paraguay e da Rep. Argentina atravez de quase todo o Brasil (do Rio Grande do Sul e Matto-Grosso ao Pará) até o leste do Equador e do Perú, é substituida na parte mais septentrional da America do Sul por *S. r. aequalis* Bangs, raças estreitamente aparentadas.³

(1) A separação das aves da Guyana Inglesa e da Venezuela, como variedade particular, sob *I. a. aequatorialis* (Lawr.) si admittida, força a trinomialização a raça brasileira, que tem a Guiana Franca (Cayena), como patria typica. Cf. Chapman, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, XXXVI, p. 502 (1917).

(2) Cf. *Arch. f. Naturges.*, XCV, Abt. A., heft 10, p. 10 (1919).

(3) Cf. Hellmayr, *Nov. Zool.*, XIII, p. 13 (1906).

Familia COEREBIDAE

Dacnis cayana cayana (Linnaeus)*Sithyra*

Motacilla cayana LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 336 (baseado em «*Sylvia cayanensis caerulea*» de Brisson, Orn., III, p. 534: Cayena, collec. de Réaumur).

Dacnis cayana SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 19, *partim* (Bahia, *Wucherer*).

Dacnis cayana cayana HELLMAYR, 1912, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wiss., math.-physik. Kl., XXVI, Abh. 2, p. 6 (Bahia, *crit.*).

Dacnis cayana —? HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 268 (S. Amaro, «Bahia»).

♂, Corupéba (proximo á ilha de Madre de Deus, no Reconcavo), Fevereiro de 1933.

Diferença assaz pronunciada de tamanho justifica a separação das aves das Guianas e norte do Brasil das do Paraguay e Brasil meridional, em duas raças evidentemente distintas. Com effeito, enquanto as primeiras só excepcionalmente accusam mais de 65 mm. de comprimento de aza, nas ultimas, ordinariamente o referido membro orça por 78 ou 70 mm. Entretanto, a transição gradual que experimentam as duas variedades ao longo de extenso tracto do léste brasileiro, torna assaz difficil a determinação satisfatoria dos individuos d'esta zona; a admissão de uma nova variedade para estes passaros intermediarios, sob a denominação de *D. cyanatier* Lesson,¹ aventada por Hellmayr² parece-me desnecessaria, senão contraproducente. Antes se me afigura conformar-se melhor com os factos o procedimento seguido outr'ora pelo douto ornithologo,³ quando re-

(1) *Traité d'Orn.*, p. 458, (1831): Rio de Janeiro, patria typica.

(2) *Field Mus. Publ.*, Zool. Ser., XII, p. 268 (1929).

(3) *Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. Math. physik. Kl.*, XXVI, Abt. 2, p. 6, (1912).

feriu á forma typica as aves do leste brasileiro, do Rio de Janeiro para o norte, restringindo a area de *D. c. paraguayensis* Chubb¹ aos estados centraes e meridionaes, de S. Paulo para o sul. Segundo o mesmo autor, a area de *paraguayensis* avança ainda até o nordeste, onde alcança o interior do Maranhão (Tranqueira, Barra do Corda) e do Ceará (Serra de Baturité). Todavia, a meu ver, em relação ás aves do Rio de Janeiro, será mais acertado referil-os a *paraguayensis*. As medidas que a seguir apresento, todas de ♂♂ aparentemente adultos, servirão de subsidio ao estudo da questão.

	aza	cauda
n. 12.108, Pará, rio Amazonas	62 mill.	39 mill.
n. 10.110, Belmonte, Bahia	65	46
n. 14.260, Corupéba, idem	61,5	41,5
n. 6.145, Espirito Santo	62	43
n. 5.768, Ilha Grande, Rio de Janeiro	68,5	46
n. 5.340, Ubatuba, S. Paulo	68	45
n. 3.034, S. Sebastião, idem	68	46
n. 7.943, Franca, idem	69	47
n. 12.475, Valparaizo, idem	68	43
n. 270, Cachoeira, idem	72	50
n. 10.844, Itararé, idem	68	48
n. 565, Novo Hamburgo, Rio Grande Sul	70	46,5
n. 12.742, Sant'Anna do Paranahyba, M. Grosso	68	47

Cyanerpes cyaneus cyaneus (Linnaeus)

Sipilica

Certhia cyanea LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, I, p. 188 (baseado essencialmente em «*Certhia brasiliensis caerulea*» de Brisson, Orn. III, p. 628: *Cayena*, ex Mus. Réaumur).

Coereba cyanea SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 32. *partim* (Bahia, Wucherer coll.).

(1) *The Ibis*, 9.^a ser., IV, p. 619 (1910): Sapucahy, terra typica.

Cyanerpes cyanea cyanea HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 10 (Bahia, critica); LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 101 (Itabuna).

Cyanerpes cyaneus IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 344, *partim* (Bahia).

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 11 de Janeiro de 1933.

♂ imm., Madre de Deus, 12 de Janeiro.

♂ ad. Madre de Deus, 14 de Janeiro.

♂ juv., Madre de Deus, Janeiro.

♂ ad., Madre de Deus, Janeiro.

♂ ad. Madre de Deus, Janeiro.

Especim. supplm.: ♀ ad. (n.º 10.315), Itabuna, Julho de 1919, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 3.025) «Bahia», compr. de Schlüter (1893); ♂ immat. (n.º 11.846), «Bahia», compr. de Schlüter.

Este passarinho, incontestavelmente um dos mais bellos da nossa avifauna, ocorre provavelmente em todo o centro (Minas, Goyaz, Matto-Grosso) e norte do Brasil, do Rio de Janeiro (*Neuwied*) até o Pará, extendendo-se ainda até as Guianas. No valle do Orenoco a raça brasileira faz transição com *D. c. eximia* (Cabanis),¹ tipicamente do norte da Venezuela, cuja principal differença reside no tamanho menor do bico, que mede 20 a 22 mill. de comprimento, em vez de 14 a 19 mill. Hellmayr² aventa ainda a hypothese de formarem as aves do Brasil uma raça aparte, pelo facto de possuirem bicos «generally rather shorter and slenderer» do que os das Guianas e do valle do Orenoco.

Em exemplares que tenho sob exame encontro as dimensões abaixo:

(1) *Abelorrhina eximia* Cabanis, 1850, *Mus. Hein.*, I, p. 96 (Venezuela: Puerto Cabello).

(2) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 270 (1929). Cf. ainda *Nor. Zool.*, XIII, p. 10 (1906)

	aza	cauda	culmen
♂, ad. n. 3.361 Santarém, Pará	65 mill.	40 mill.	14 mill
♂, n. 14.259, Madre de Deus, Bahia	66	37	17
♂, n. 14.261, Madre de Deus, idem	65	38	16
♂, imm. n. 14.258, Madre de Deus	65,5	40	16,5
♀, ad. n. 10.315, Itabuna, idem	62	36,5	16,5
♂, ad. n. 3.025 "Bahia"	64	35	16
♂, imm. n. 11.846, "Bahia"	65	39	16
♀, ad. n. 6.144, Porto Cachoeiro, Espírito Santo	61,5	37	17

Em Madre de Deus, unico ponto da Excursão em que foi encontrado, deram-me para este passaro o nome de «Sapítica», allusivo á vivacidade e á graça de seus movimentos. Todos os exemplares colleccionados foram obtidos ás primeiras horas do dia sobre os altos mulungús (*Erythrina* sp.), litteralmente cobertos por aquella epoca de lindas flores vermelhas.

***Cereba chloropyga chloropyga* (Cabanis)**

Certhiola chloropyga CABANIS, 1850, Mus. Hein., I, p. 97 (Bahia);
SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 44 (Bahia, Wucherer).

♀, Ilha de Madre de Deus, 11 de Janeiro de 1933.

2 ♂♂, Madre de Deus, 12 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 14 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 15 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♂?, Madre de Deus, 23 de Janeiro.

sexo?, Madre de Deus, 26 de Fevereiro.

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus), 26 de Fevereiro.

A raça typica de *C. chloropyga* (Cabanis) é peculiar a todo o norte do Brasil, desde o Rio de Janeiro e Espírito-Santo até o Pará; no Brasil meridional, de Minas e S. Paulo ao Rio Grande do Sul, representa-a uma variedade, *C. chl. majuscula* (Cabanis), apenas differen-

te no tamanho um pouco maior, ao passo que em Matto-Grosso é licito reconhecer-se uma nova raça, *C. chl. alleni* Lowe, que se caracteriza pela tonalidade olivacea do cinzento das partes superiores.¹ E' util todavia assinalar as largas flutuações que se observam no tamanho das duas formas leste-brasileiras, como se deprenderá das medidas das azas dos exemplares abaixo:

	comprim. de aza
♂, n. 7.508 Joazeiro, Bahia	60 mill.
♂, n. 14.266, Madre de Deus, idem	57,5
♀, n. 14.264, Corupéba, idem	55
♀, n. 14.263, Madre de Deus, idem	53
♂? n. 14.262, Madre de Deus, idem	56,5
♂, n. 3.365, Santarém, Pará	50
♂, n. 3.364, Santarém, Pará	56
♂, n. 3.028, Ypiranga, S. Paulo	56
♂, n. 5.341, Ubatuba, idem	60
♂, n. 4.564, Bebedouro, idem	62
♂, n. 254, Cachoeira, idem	61
♂, n. 10.529, Ilha dos Alcatrazes, idem	60
♀, n. 5.342, Ubatuba, idem	57
♀? n. 1.538, Vargem Alegre, Minas-Geraes	58

Familia TANAGRIDE

Tanagra chlorotica violaceicollis ² (Cabanis)

Gurinhata, Gaturamo

Acroleptes violaceicollis CABANIS, 1865, Journ. Orn., XIII, p. 409 («Brasilien»).

Euphonia cchlorotica violaceicollis REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 85 (Bôca da Ipueira no Rio Grande e Santa Rita do Rio Preto); HELLMAYR, 1923, Novit. Zool., XXX, pgs. 234, 235, no texto (Bahia, critica).

(1) Cf. O. Pinto, *Rev. do Mus. Paul.*, XVII, 2.^a parte, p. 784 (1932).

*Euphonia aurea*¹ *violaceicollis* BERLEPSCH, 1912, Verhandl. V Intern. Orn.-Kongress., Berl. 1910, p. 1014 (Bahia).

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 27 de Janeiro de 1933.

Especim. addic.: ♂ (n.º 7.499), Joazeiro, Novembro de 1907, E. Garbe coll., ♀ (n.º 8.507), Cidade da Barra, E. Garbe, Setembro de 1913.

Não posso entrar na grande controversia travada em torno das variedades geographicas de *T. chlorotica* Linnaeus² e formas affins; com mais fartos elementos e mais largo saber fizeram-no Berlepsch³ e Hellmayr,⁴ sem lograr conclusões definitivas.

No que respeita ás aves brasileiras, abstrahida a Amazonia (Rio Tapajoz, Ilha de Marajó, etc.) e talvez a região costeira do Maranhão,⁵ até onde se estende a forma typica, é corrente referir todas as aves do resto do Brasil (Matto-Grosso, Goyaz, estados de lèste, desde o Maranhão até S. Paulo) a uma raça distincta, *T. chlorotica violaceicollis* (Cab.), peculiar ainda ao Paraguay e ao centro da Argentina, á qual se attribuem (Sclater, Berlepsch, Hellmayr, etc.), como diferenças principaes, terem os machos dimensões um pouco maiores (55 a 61 mill. de aza, em vez de 52 a 56 mill., segundo as medidas de Hellmayr), e lustro metallico, violaceo-purpureo, mais intenso, no pescoço.

Na pequena serie de *violaceicollis* que tenho em estudo, de que fazem parte exemplares de Maranhão (Miritiba, Boa Vista) e Matto-Grosso (Chapada), a me-

(1) *Parus aureus* Vroeg, nome frequentemente usado para os passaros do grupo *chlorotica*, é invalido do ponto do vista do Codigo Intern. de Nomencl. (Cf. Stone, 1912, *Auk*, XXIX, pp. 207-208; Hellmayr, *Novit. Zool.*, 1923, XXX, p. 223, nota).

(2) *Tanagra chlorotica* Linnaeus, 1766, *Syst. Nat.*, ed. 12.^a, I, p. 317 (baseada em *Tanagra cayanensis nigro-lutea* de Brisson, 1760, *Orn.*, III, p. 34: Cayena).

(3) *Verhandl. V Intern. Orn. Kongr.*, 1910, Berlin, pp. 1124 o ss. (1912).

(4) *Nov. Zool.*, XXX, pp. 332-335 (1923).

(5) Cf. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ.*, *Zool. Ser.*, XII, p. 279 (1929).

nor diferença não se observa no colorido dos machos, cuja face abdominal é invariavelmente amarella vitellina, emquanto que o pescoço e a garganta apresentam o mesmo colorido violaceo intenso com forte lustro purpurino. No tocante ás dimensões, parece processar-se uma diminuição gradual de tamanho em ordem directa da latitude, máo grado fluctuações um tanto largas:

	Medidas de ♂♂ adultos		
	aza	cauda	bico
n. 7.212, Miritiba, Maranhão	53 mill.	32 mill.	7,5 mill.
n. 7.211, " idem	54	32	7
n. 7.499, Joazeiro, Bahia	56	34	7,5
n. 13.313, Chapada, Matto-Grosso	54,5	31,5	7,5
n. 13.777, Chapada, idem	58	34	7
n. 13.314, Coxim, idem	56	33	7

***Tanagra violacea pampolla* Oberholser**

Gurinható, Gaturamo

Tanagra violacea pampolla OBERHOLSER, 1918, Proc. Biolog. Soc. Wash., XXXI, p. 125 (nome novo para *Euphonia violacea magna* BERLEPSCH,¹ Blumenau, em Santa Catharina).

Euphonia violacea SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 74, *partim* (Bahia, *Wucherer*); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras. p. 347 (Bahia).

Euphonia violacea magna LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 101 (Belmonte).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 17 de Dezembro de 1932.

♂, Ilha da Bimbarra (na bahia de Todos os Santos), 21 de Fevereiro de 1933.

♀, Rio Jucurucú (Braço do Sul: Cachoeira Grande), 24 de Março de 1933.

(1) *Verhandl. V Intern. Orn. Kongr., Berlin* (1910), p. 1018. A mudança de *Euphonia* em *Tanagra* acarreta a invalidez de *T. v. magna* por homonymia com *Tanagra magna* Gmelin (= *Saltator magnus*).

Especimens supplem.: 2 ♂♂ (ns. 10.114 e 11.916), Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 11.918), Belmonte, Agosto de 1919; ♂ (n.º 3.037), «Bahia», compr. de Schlüter (1898).

Com os exemplares bahianos de *Tanagra violacea* Linnaeus dá-se o que é frequente quando duas formas praticamente apenas differem pelo tamanho é experimentam entre si insensível transição ao longo da zona em que entram em contacto as suas areas respectivas. Geographicamente intermediarios entre *T. violacea violacea* Linnaeus do Brasil septentrional e Guianas, e *T. violacea pampolla* Oberholser do sul do Brasil, as aves da Bahia, sem ter com as primeiras quaesquer diferenças de plumagem, accusam ainda dimensões largamente cobertas pelos valores extremos e oppostos de cada uma d'aquellas raças.

Hellmayr,¹ analysando os caracteres dos individuos de Goyaz e nordeste do Brasil (Maranhão); não lhes encontrou pontos de dissemelhança com a forma typica, cujo comprimento de aza nos ♂♂, orçando ordinariamente entre 55 e 59 mill. chega em alguns casos a attingir 60 mill. (1 exempl. de Paramaribo) numero que poderemos tomar como limite. Com relação á *T. v. pampolla*, são correntes nos machos do Paraguay, do Paraná ou de S. Paulo, azas de 59 a 64 mill. de comprimento, não faltando casos (p. ex. um ♂ adulto de Iguape no qual a aza mede 58½ mill.) em que o valor encontrado esteja abaixo d'aquellas cifras. Os da Bahia, com um comprimento de aza que oscilla entre 59 e 62 mill., embora nunca alcancem as maximas attingidas pelos individuos topotypicos da forma sulina, mantem-se inegavelmente dentro das medidas peculiares a esta ultima, com que não tenho duvida em alistal-os.

As medidas que a seguir forneço, illustram o que acabo de expôr.²

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 278 (1929).

(2) Consulte-se sobre o assumpto Berlepsch, 1912, *Verhandl. V Orn. Kongr.* (1910), pp. 1127-28.

Tanagra violacea pampolla: comprimento de aza
(nos ♂♂ adultos)

n. 14.371, Ilha da Ilmbarra, Bahia	60 1/2 mill.
n. 14.372, Rio Gongogy, idem	60
n. 11.916, Belmonte, idem	59
n. 10.114, Belmonte	61,5
n. 3.037, "Bahia"	60
n. 6.296, Espirito-Santo (Rio Dôce)	60
n. 11.919, Piassaguera S. Paulo	59
n. 3.038, Iguape, idem	58,5
n. 6.505, Alto da Serra, idem	62,5
n. 10.633, Ypiranga, idem	61
n. 11.150, Itatiba, idem	63
n. 612, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul	62

***Tangara cayana flava* (Gmelin)**

Saltyra

Tanagra flava GMELIN, 1789, Syst. Naturae, I, p. 896 (baseado essencialmente em «*Tangara BrasilienDsis flava*» de Brisson¹ = «*Guira-perca Brasiliensibus*» de Marcgrave;² Ceará, local. typica, por suggestão de Hellmayr);³ NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 467 (Rio Mucuri).

Calliste flava SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 113 Bahia, *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 85 (Cidade do Salvador e correjo Barracão, no Rio Preto).

Calospiza flava IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 353 (Bahia).

Calospiza flava flava HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 27 (Bahia, crit.); Lima, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 101 (Ilhéos).

Tangara cayana flava HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 279 (S. Amaro, S. Marcello no Rio Preto).

(1) *Orn.*, III, p. 39 (1760).

(2) *Hist. Nat. Bras.*, p. 212 (1648).

(3) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 279 (1929).

♂ Aratuhyte (Eugenho da Ponte), 13 de Novembro de 1932.
2 ♀♀, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos),
12 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 13 de Janeiro.

3 ♀♀, Madre de Deus, 14 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 15 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

2 ♀♀, Madre de Deus, 17 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 17 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 23 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 27 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 9 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 11 de Fevereiro.

Especimens supplementares: ♂ (n.º 7.405), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Março de 1908, E. Garbe coll.; ♂, (n.º 10.117), Ilhéos, Maio de 1919, Garbe; ♂ (n.º 3.047), «Bahia», compr. de Schlüter (1898).

A subordinação de *Tangara flava* (Gmelin) ao grupo específico encabeçado por *T. cayana* (Linnaeus)¹ é justificada pela existencia de uma raça morphologica e geographicamente intermediaria, descripta por Hellmayr sob a denominação de *T. cayana huberi*.² Segundo o acatado ornithologista, a raça marajóense, no que respeita aos ♂♂, combina os caracteres da ave guianense com os da do leste brasileiro, apresentando da primeira a coloração amarello-palha do dorso e da segunda a larga mancha longitudinal preta, extendida na linha media das partes inferiores, desde o mento até o meio do abdomen. Com referencia aos passaros de leste do Brasil, Hellmayr reconhece duas raças distinctas com ad-

(1) *Tangara cayana* Linnaeus, 1766, *Syst. Nat.*, ed. 12.^a, I, p. 315 (baseado em "*Tangara cayanensis viridis*" de Brisson, *Orn.*, III, p. 21 : Cayena).

(2) *Tangara cayana huberi* Hellmayr, 1912, *Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. München, math. physikal. Kl.*, XXVI, 2 Abh., p. 125 (Ilha de Marajó : Cachoeira).

mittir a separação das do Brasil meridional sob *T. c. chloroptera* (Vieillot),¹ na base de apresentarem dimensões um pouco maiores, flancos de ocraceo mais carregado, e especialmente a região frontal mais ou menos tingida de ocraceo.² Recentemente, porém, voltando o referido autor a tratar da questão,³ observa serem aquelles caracteres muito menos pronunciados do que lhe pareceram a principio. Pela minha parte, dispondo no Museu Paulista de numerosa serie de exemplares quer do norte quer do sul do Brasil, acho praticamente impossivel manter separação racial entre os individuos respectivamente de uma e outra procedencia. O tamanho aparentemente menor das aves nordestinas é comprometido pelas oscillações individuaes a que o caracter está sujeito, convindo lembrar que o proprio Hellmayr encontrou em individuos do Ceará, typicamente de *flava*, dimensões equivalentes á dos de Minas e S. Paulo. Com referencia ao colorido, muito menos se verifica qualquer differença constante entre os exemplares do sul e os do nordeste. Fallando só dos da Bahia, que no caso mais directamente nos interessam, encontram-se no colorido do dorso todas os gradações, desde o amarelo-palha até o amarelo fulvescente ou mesmo francamente ocraceo. Em alguns, como um ♂ (n.º 14.367) de Madre de Deus é o uniforme a coloração desde a fronte até as coberteiras superiores da cauda; n'outros, como n'um de Aratuhy (n.º 14.368), a região frontal distinctamente se destaca pela sua tonalidade mais carregada.

No Brasil são ainda reconhecidos *T. c. sincipitalis* (Berlepsch) de Goyaz (capital e vizinhanças) e *T. c. margaritae* (Allen) do Matto-Grosso (Chapada), ambos com o amarelo do dorso mais ou menos tingidos de tons argenteos, mas differentes pela franca rufescencia da parte superior da cabeça, limitada á fronte no primeiro, e extendida á todo o vertice no segundo.

(1) *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, XXXII, n. 407.

(2) *Nov. Zool.*, XV, p. 27 (1.089)

(3) *Field Mus. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 280 (1929).

Thraupis sayaca sayaca* (Linnaeus)**Sanhaço, Sanhaço de coqueiro***

Tanagra Sayaca LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, 1, p. 316 (baseado em «*Tangara brasiliensis varia*» de Brisson, Orn. III, p. 18 = «*Sayacv Brasiliensibus*» de Marcgrave, Hist. Nat. Bras., p. 193: Pernambuco, localid. typica por designação de E. Naumburg, 1924).

Tanagra sayaca SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit., XI, p. 158 («Bahia», Wucherer); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 85 (Bôca da Ipueira, no Rio Grande; Fazenda Santo Antonio, no Rio Preto); idem, 1925, op. cit., p. 186; LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 101 (Belmonte).

Thraupis sayaca sayaca Naumburg, 1924, Auk, XLI, p. 111 («Bahia»).

♂, Rib. Gongogy (perto de Cajazeiras), 15 de Dezembro de 1932.

♂?, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

♂, Ilha de Madre de Deus (bahia de Todos os Santos), 13 de Janeiro de 1933.

♂, Madre de Deus, 15 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 9 de Fevereiro.

♂, Madre de Deus, 15 de Fevereiro.

Especimen supplem. ♂ (n.º 10.118), Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.

Em Madre de Deus, ilhas vizinhas, e provavelmente na maior parte do Reconcavo é este Sanhaço a ave mais commum e mais abundante; a qualquer hora do dia, com interrupções raras nos momentos mais calmosos, ouve-se-lhe a voz desharmoniosa de cada arvore, em que se empoleira em bando numeroso. Ao principe Maximiliano, que erroneamente descrevera sob «*Tanagra sayaca*» uma especie vizinha (*Thraupis cyanoptera*),¹

(1) *Tanagra cyanoptera* Vieillot, 1817 (Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 104: «Brésil»,—local. typica, por design. de Naumburg, Nova Friburgo, Rio de Janeiro) frequentemente confundido com *T. sayaca*, existe a partir do Paraguay e do Norte da Argentina, no Brasil central e em todo sudoeste

de existencia aliás problemática na Bahia, é portanto impossível que houvesse escapado a observação d'este passaro, quando em sua viagem pelo estado. O Sanhaço «*sayaca*» ocorre em todo o Brasil central e leste, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. A partir d'este estado, onde ambas coexistem, é substituído por *T. episcopus* Lin., espécie estreitamente aparentada, cujas relações com elle não me parecem ainda sufficientemente eselarecidas.¹ *T. sayaca obscura* Naumburg,² recentemente separada sob o fundamento de apresentar tamanho maior, culmen mais comprimido, colorido mais carregado, etc., substituiria a ave brasileira na Bolívia e na Republica Argentina.

***Thraupis palmarum palmarum* (Neuwied)**

Sanhaço de mamoeiro

Tanagra palmarum NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 76. (Cannaveiras); idem, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 489; SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 159, *partim* (Bahia, Wucherer); IHER. & IHERING, 1907, Catal. Av. Bras., p. 357 («Bahia»); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 85 (Alagoinhas, Fazenda da Taboa e correjo do Barracão no Rio Preto); idem, 1925, op. cit. p. 186; Lima, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 101 (Belmonte).

♂, Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 16 de Janeiro de 1933.

2 ♂♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 1 de Fevereiro.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 3 de Fevereiro.

♀, Madre de Deus, 4 de Fevereiro.

brasileiro, desde o Rio Grande do Sul até o Espírito Santo (*teste* Naumburg). Ihering (*Catal., Av. Bras.*, 1907, p. 357) inclue, é bem verdade, a Bahia na sua area geographica, mas não diz com que fundamentos.

(1) Cf. Hollmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 282.

(2) *Auk*, XLI, pp. 111, 114, 115 (1924).

Exempl. addicion.: ♂ (n.º 7.724) Caravellas, Agosto de 1908, E. Garbe coll.; 2 ♂♂ (n.ºs. 7.479 e 11.880), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Abril de 1908, Garbe coll.; ♂ (n.º 10.119), Belmonte, Agosto de 1919, Garbe; ♀ (n.º 11.882), Belmonte, Agosto de 1919; sexo? (n.º 3.060) «Bahia», permuta do Museu do Barão de Berlepsch.

A forma typica de *Thraupis palmarum* estende-se por quase todo territorio brasileiro, desde a Chapada mattogrossense até Minas, e do Rio Grande do Sul (Novo Hamburgo) ao Maranhão e ao leste do Pará (Prata, Belém, Tocantins, etc.); d'ahi em diante, nos valles do Amazonas e do Orenoco, substitue-o *T. palmarum melanoptera* Selater,¹ raça apenas diferenciada pelo colorido das remiges, ás quaes falta o debrum esverdeado, que se nota sempre distinctamente nas pennas alares das aves da Bahia ou do Brasil central. Os exemplares do Pará, onde as duas variedades se fazem transição, são por vezes difficeis de determinar; mas, os individuos que temos da porção mais oriental do estado (Belém, Tocantins, etc.) dão plena razão a Hellmayr,² quando refere á forma typica os passaros d'aquella região, enquanto que os exemplares de Obidos, Santarém, Parintins, etc., já mostram decididamente os caracteres de *T. p. melanoptera*, como os do Rio Madeira e afluentes.

Em exemplares da Bahia, e muito especialmente n'um ♂ (n.º 11.351) da ilha de Madre de Deus, observo na plumagem das partes inferiores accentuado banho violáceo, em nada inferior ao que se vê em certos exemplares menos corados de *Thraupis ornata*; outros caracteres todavia, como a ausencia de qualquer vestigio de mancha amarella nos encontros das azas, e a conformação do bico, mais curto e mais grosso, permitem ainda assim a sua identidade.

(1) *Thraupis palmarum melanoptera* Selater (ex Hartlaub manuscr.), 1856, *Proc. Zool. Soc. London*, XXIV, p. 235 (esto do Perú, etc.).

(2) Cf. Abhandl. K. Bayer. Akad. Wissens. math. physikal. Kl., XXVI, Abh. 2, p. 10 (1912); V. ainda *Novit. Zool.*, XVII, p. 274 (1910).

***Thraupis ornata* (Sparrmann)**

Tanagra ornata SPARRMAN, 1789, Mus. Carlson., pl. 95 et pag. («in India orientali», *errore.*: Rio de Janeiro, local. typ., por designação de Berlepsch).¹

Tanagra archiepiscopus NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 481 (Nazareth das Farinhas, no Rio Jaguaripe).

♂, Rio Jucurucú (Cachoeira Grande), 5 de Abril de 1933.

A zona de Nazareth, onde o príncipe Maximiliano teve o ensejo de encontrar o Sanhaço de encontros amarellos, marca ainda hoje o ponto mais septentrional em que a ave já fora registrada. Seu encontro agora no Rio Jucurucú, sem ter nada de extraordinario, visto que elle é bem conhecido do norte de Espirito-Santo e de Minas, não deixa de ser interessante, attenta a escassez de informes quanto á sua distribuição na Bahia.

Ramphocelus bresilius bresilius* (Linnaeus)Sangue-de-boi, Tié-sangue*

Tanagra bresilia LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, ed. 12.^a, I, pg. 314 (baseado, em ultima analyse, no «Tiépiranga» de Marcgrave, Hist. Nat. Bras., p. 192: léste do Brasil, ou mais precisamente, Pernambuco, *terra typica*).

Rhamphocoelus brasilius SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 170, *partim!* («Bahia»); LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 101 (Belmonte).

♂, Aratuhype (Engenho da Ponte), 10 de Novembro de 1932.

♀, Aratuhype, 11 de Novembro.

♀, Aratuhype, 12 de Novembro.

♂, Aratuhype, 13 de Novembro.

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 22 de Dezembro.

♂, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

(1) *Verhandl. V Intern. Orn. Kongress.*, 1910, Berlin (1912), p. 1054.

♀, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

♂ juv., Ilha de Madre de Deus (bahia de Todos os Santos), 18 de Janeiro de 1933.

Especimens supplm.: ♂, ♀ (ns. 10.334 e 10.333), Belmonte, Agosto de 1919, E. Garbe coll.

Na Bahia, em cuja porção mais meridional occorrem ainda exemplares typicos da forma sulina, as duas raças experimentam transição gradativa ao longo da extensa faixa maritima do estado. Os ♂♂ de Belmonte, embora se approximen mais estreitamente da forma typica, deixam ainda perceber sensivel differença entre o vermelho vivo, rutilante, do uropygio, e o rubro mais sombrio do dorso e do pileo. Este contraste é muito menos perceptivel nas aves do Reconcavo, entre as quaes occorrem ♂♂ perfeitamente comparaveis aos de Pernambuco. Ha no muscu Paulista, um ♂ (n.º 763), com os caracteres typicos de *R. b. bresilius*, em cujo rotulo se dá como procedencia Victoria, Espirito-Santo. Baseado n'elle é que von Ihering incluiu o mencionado Estado na area geographica da raça pernambucana, fazendo-a assim coexistir, contra toda expectativa, com *R. b. dorsalis* do Brasil meridional, tipicamente representado n'aquella região.¹ Inclino-me decididamente a acccitar opinião de Hellmayr² quando attribue o facto a erro manifesto na indicação de proveniencia. O Sangue-de-boi, um dos ornamentos mais vistosos que animam a paysagem em certos pontos do Reconcavo bahiano, taes como a zona de Nazareth e Aratuhype, onde sobrepuja talvez em numero a todas as aves frugivoras, fazendo concurrencia vantajosa aos Sanhaços e ás Sahyras. Em Madre de Deus e Corupéba, apesar de não ser frequente, ocorre nos trechos mais cobertos de vegetação, como a ponta do

(1) Convém acrescentar que a patria de *R. bresilius dorsalis* Selater ainda no extremo sul da Bahia interfere com a de *R. b. bresilius* (Lin.) como e prova a existencia no Museu Paulista de um ♂ (n. 7.717) caçado em Caravellas por Garbe em 1908.

(2) *Verhandl. Orn. Gesells. Bayer.*, XII, heft 2, p. 129 (1915).

Soape; também não é raro nos subúrbios da cidade do Salvador, em Brotas, por exemplo.

***Ihabia*¹ *rubica rubica* (Vieillot)**

Saltator rubicus VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XIV, p. 107 (baseado em Azara, Apuntam., N.º 85: Paraguay).

Phoenicothera rubica SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 196 («Bahia»).

♂, Rio Jucurucú (Cacheira Grande), 20 de Março de 1933.

♂, Cachoeira Grande, 27 de Março.

As matas da porção mais meridional da Bahia representam provavelmente o limite norte da área geographica d'este bello passaro, que ocorre a partir do Paraguay e do nordeste da Argentina (Misiones), em todos os estados do sul do Brasil, ahi incluídos Minas Geraes e o sul de Matto-Grosso (Sant'Anna do Paranahyba).² Na Bolivia vive *H. rubica amabilis* Berlepsch,³ que talvez se estenda pela porção occidental de Matto-Grosso.⁴

***Tachyphonus rufus rufus* (Boddaert)**

Tanagra rufa BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44, = ♀ (baseado em «Tangarou» de Buffon, Daubenton P. Enlum. 711: Cayena).

Tanagra nigerrima NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 534 (...«Sertong der Provinz Bahia»...).

Tachyphonus melaleucus SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 206 («Bahia», *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 84 (Cidade da Barra).

(1) Oberholser justificou a mudança de *Phoenicothera* em *Ihabia*. Cf. *Proc. Biol. Soc. Wash.*, XXXV, p. 79 (1922).

(2) Cf. O. Pinto, *Rev. Mus. Paul.*, XVII, 2.ª parte, p. 786 (1932).

(3) *Ornis*, XIV, p. 348, 1907 (San Mateo, N. da Bolivia).

(4) Cf. Hollmayr, 1925, *Novit. Zool.*, XXXII, p. 9.

Tachyphonus rufus LHER & LHERING, 1907, Catal. Av. Bras., p. 361 («Bahia»); REISER, 1925, op. cit., p. 185 (Barra); HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 283 (Macaco Secco, perto de Andarahy).

♂, Ilha de Madre de Deus (bahia de Todos os Santos), 27 de Janeiro de 1933.

♀, Ilha de Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 22 de Fevereiro.

♂, Madre de Deus, 27.

Especimens suplementares: 2 ♂♂ (ns. 7.571 e 7.572), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Maio e Junho de 1908; 2 ♀♀ (ns. 7.573 e 7.574) Bomfim, Junho de 1908, E. Garbe coll.; ♂ e ♀ (ns. 3.067 e 11.963 respectivte.), «Bahia», comprados de Schlüter (1898).

Deante do material existente no Museu Paulista evidenciam-se as relações de coespecificidade, já suspeitadas por Hellmayr,¹ entre *Tachyphonus rufus* Bodd. e *T. coronatus* (Vieillot), os quacs respectivamente se substituem no norte e no sul do Brasil. *T. rufus rufus*, conhecido durante muito tempo por *T. melaleucus* (Spaum.), estende-se por quase todo o Brasil central (Matto-Grosso, Goyaz, norte de Minas) e léste (da Bahia ao Pará), até as Guianas e Venezuela; *T. rufus coronatus*, ao contrario, confina-se aos estados de sudéste, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, extendendo-se ainda ao Paraguay e porção adjacente da Argentina (Misiones). A crista de pennas vermelhas no vertice, geralmente tão conspicua nos machos de *coronatus*, permite distinguil-os muito commodamente dos de *rufus*, em que typicamente não se observa o menor indicio d'aquelle character. Entretanto, na porção mais occidental de S. Paulo e comviziunhanças de Matto-Grosso, é muito frequente encontrarmos, ao lado de exemplares perfeitamente typicos de *rufus*, machos com vestigios mais ou menos evidentes da mancha vermelha no tope. Já está n'este caso

(1) Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser., XII, p. 284 (1929).

um ♂ aparentemente adulto de Glycerio, perto de Araçatuba, determinado dubitativamente «*Tachyphonus rufus?*», mas que prefiro considerar exemplar extremo da forma *coronatus*, communmente encontrada na zona.

De Itapura possúe o Museu Paulista um ♂ adulto (n.º 4.896) absolutamente sem vermelho no vertice, ao lado de dois outros, em que a mancha é evidente (n.º 11.947), ou apenas esboçada (n.º 4.897). Na mesma condição está um ♂ adulto de Sant'Anna do Paranahyba,¹ na porção mais oriental de Matto-Grosso, colleccionado recentemente.

Transição semelhante observa-se no sudéste de Matto-Grosso entre as ♀♀ das duas formas affins, possuindo ellas, em vez da plumagem quase uniformemente ferrugínica dos individuos typicos de *rufus*, o pileo accentuadamente mais escuro do que o dorso, a par de vestígios mais ou menos evidentes, na garganta, das manchas longitudinaes escuras que caracterizam *coronatus*.

Ha no Museu Paulista dois ♂♂ (n.ºs 7571 e 7572) e duas ♀♀ (n.ºs 7573 e 7574), todos adultos, de Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), na zona secca do nordeste bahiano, facéis de distinguir á primeira vista dos exemplares de outra procedencia pela conformação peculiar do bico, muito mais delgado e longo (20 a 21 mill. de comp.) do que de regra; é licito tratá-los como uma raça particular, talvez diffundida nas caatingas de outros estados vizinhos, que proponho chamar-se *Tachyphonus rufus subulirostris*. N'esta variedade, tanto quanto é possível julgar pelos especimens conservados, o bico se destaca ainda pela sua coloração francamente mais clara, amarellada, mórmente nas ♀♀.

(1) Cf. Oliv. Pinto, *Rev. Mus. Paul.*, XVII, 2.^a parte, p. 99 (1932).

Tachyphonus cristatus brunneus (Spix)

Tanagra brunnea SPIN, 1825, Av. Bras., II, p. 37, tab. XLIX, fig. 2, = ♂, teste Hellmayr (Rio de Janeiro).

Tachyphonus cristatus brasiliensis SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 211 (Bahia, Wucherer).

Tachyphonus cristatus brunneus HELLMAYR, 1906, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wissens. München, II, KI., XXII Bd., III Abt., p. 672 («Bahia»); idem, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 284 («Bahia»).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 15 de Dezembro de 1932.
Exempl. adicional: ♂ (n.º 8.621), «Bahia», comprado de Schlüter (1898).

Si exceptuarmos *T. cristatus madeirae* Hellmayr,¹ dos valles do Madeira e do Guaporé, será esta talvez a única raça do grupo *cristatus* existente verdadeiramente no Brasil. Sua distribuição abrange todos os estados marítimos, de S. Paulo (Iguape Ubatuba) ao Pará, senão também o Amazonas, onde todavia, as aves do Rio Negro foram certa vez por Hellmayr² referidas a *T. cristatus cristatellus* Sclater,³ raça de problemática validez.

Nemosia pileata pileata (Boddaert)

Tanagra pileata BODDAERT, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 45 (baseado em «Tangara a gorge noire» de Buffon = Daubenton, Pl. Enl. 720, fig. 2: Cayena); SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 222 (Bahia, Wucherer); IHER & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 364 (Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 84 (Carnahyba e Soledade, ao sul de Joazeiro; Lagoa do Boqueirão, no Rio Grande; Santa Rita e Porto da Pedra, no Rio Preto); idem, 1925, op. cit., p. 184.

Hylophilus caeruleus NEUWIED, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, pag. 731, = ♀ (Bahia).

(1) *Novit. Zool.*, XVII, p. 277 (1910).

(2) *Novit. Zool.*, XII, p. 275 (1905).

(3) *Tachyphonus cristatellus* Sclater, 1869, *Catal. Am. Birds*, p. 86 (Bogotá).

Hylophilus cyanoleucus NEUWIED, 1831, op. cit., p. 734, = ♂
(Bahia).

Nemosia pileata pileata HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist.
Publ., Zool. Ser., XII, p. 286 (Bahia, crit.); NAUMBURG,
1930, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., LX, p. 381 (Bahia, div.
local,¹ crit.).

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 11
de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 11 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 17 de Janeiro.

2 ♂♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 30 de Janeiro.

♀, Corupéba, 30 de Janeiro.

Exempl. addic.: 2 ♂♂ (ns. 7.513 e 7.514), Joazeiro, Novembro
de 1907, E. Garbe; ♀ (n.º 7.512), Joazeiro, Novembro de
1907, Garbe; ♀ (n.º 7.515), Bomfim (ant. Villa Nova da
Rainha), Junho de 1908, E. Garbe; ♂ e ♀ (n.ºs 3.076 e
11.935), «Bahia», compr. de Schlüter (1898).

Conforme observa Hellmayr, é extremamente difícil reconhecer, em sólo brasileiro,² duas raças d'este passarinho. O tamanho maior, que se admite ser caracter constante nas aves do Paraguay e Brasil meridional, separadas sob *N. p. paraguayensis* Chubb,³ mal se aprecia quando se tem para confronto numero sufficiente de aves do norte brasileiro, como se depreheende dos exemplares que possuem em mãos e das medidas consignadas no trabalho do referido ornithologo.⁴

Dou a seguir as medidas de exemplares adultos de pontos differentes do Brasil; as femeas, como se verá, nunca attingem as dimensões maximas dos machos.

(1) Afóra os "trade-skins" sem procedencia exacta, todos os exemplares estudados pela autora pertencem á collecção feita pela exped. de Reiser.

(2) Ao norte da Colombia e no nordeste do Perú vivem, respectivamente, *N. p. hypoleuca* Todd e *N. p. nana* Berlepsch, differentes, a primeira pela face abdominal inteiramente alva, a segunda pelo tom purpureo do azul das partes superiores.

(3) *Ibis*, 9.^a ser., IV, p. 629 (Paraguay: Sapucay).

(4) Consulto-se tambem a tabella de medidas apresentada por Naumburg, aliás partidaria da separação das duas suppostas variedades.

	aza	cauda	culmen
♂, n. 3.372, Santarém, Pará	69,5mill.	46mill.	11,5 mill.
♂, n. 7.514, Joazeiro, Bahia	74	47	12
♂, n. 7.513, " idem	73	52	13
♀, n. 7.512, " " idem	71	50	12
♀, n. 7.515, Bomfim, idem	74	51	12
♀, n. 14.366, Ilha de M. de Deus, idem	67	49	11,5
♀, n. 14.364, Corupéba, idem	69	42,5	12
♀, n. 14.370, Madre de Deus, idem	69	49	11,5
♂, n. 11.935, "Bahia"	73	49	12
♂, n. 6.231, Rio Dôce, Esp.-Santo	73	48	12,5
♀, n. 6.696, Rio Dôce, idem	75	51	11,5
♂, n. 6.233, Rio Dôce, idem	75,5	52	12,5
♂, n. 11.179, Rlo Matipós, M. Geraes	71	51	12
♀, n. 8.057, Franca, S. Paulo	72	51	12,5
♂, n. 4.882, Itapura, " idem	74	52	12
♀, n. 4.883, " idem	75	49	12
♂, n. 11.933, São Luiz de Cáceres, Matto Grosso	72,5	48	12
♂, n. 11.932, S. Luiz de Cáceres, idem	74	50,5	12,5

***Thlypopsis sordida sordida* (Lafresn. & d'Orbigny)**

Nemosia sordida LAFRESNAYE & D'ORBIGNY, 1837, Syn. Av., I, in Mag. Zool., VII, cl. II, p. 28 (Bolívia: Yucares).

Thlypopsis sordida SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 228 (Bahia, *Wucherer*); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 366 (Bahia).

Thlypopsis sordida HELLMAYR, 1906, Nov. Zool., XIII, p. 310 (Bahia, crit.); idem, 1923, Nov. Zool., XXX, p. 226 (Bahia, etc., crit.).

♂?, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 18 de Janeiro de 1933.

Especim. supplem.: ♂ (n.º 7.517), Bomfim (ant. Villa Nova da Rainha), Abril de 1908, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 11.847), Cidade da Barra, Outubro de 1913, Garbe; ♂ (n.º 3.077), «Bahia», compr. de Schlüter (1898).

Largamente diffundido, a partir do norte da Argentina (Tucuman) e do éste boliviano, pelo Brasil central

(Minas Geraes, Goyaz, Matto-Grosso), e lêste (do Rio de Janeiro ao baixo-Amazonas), este passarinho, que existe ainda no valle do Orenoco, é substituído no alto Amazonas (Perú) por *T. s. amazonum* Sclater, differente pelo colorido do abdomen, cinzento, sem indícios de tons ocraceos. As duas variedades fazem-se, segundo Hellmayr, insensível transição na zona do Rio Madeira.¹

***Comasothabupis*² *loricata* (Lichtenstein)**

Tanagra loricata LICHTENSTEIN, 1819, Abhandl. Akad. Wiss. Berlin, Physik. Kl., annos 1816-17, p. 159 (baseado no «Jacapu» de Marcgrave:³ localid. typica Ceará, por suggestão de Hellmayr).⁴

Tanagra bonariensis NEUWIED, (*nec* Gmelin), 1821, Reise nach Bras., II, pg. 178, 179 (Rio Ressaca, affluente do Rio Pardo, nos confins de Bahia e Minas); *idem*, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 530 (Ressaca).

Lamprotes loricatus SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 231 («Bahia», *Wucherer*, etc.); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 366 («Bahia»); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXV, p. 84 (ilha do Rio S. Francisco, perto de Sambaíba); *idem*, 1925, op. cit., p. 184.

Compsothraupis loricata HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 288 (Macaco Secco, perto de Andarahy; Rio do Peixe, perto de Queimadas).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 20 de Dezembro de 1932.

Exemplares addic.: 3 ♂♂ (n.ºs 7.435, 7.436 e 11.942), Joazeiro, Novembro de 1907; ♀ (n.º 7.434), Joazeiro, Novembro de 1907, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 7.433), Cidade da Barra, Fevereiro de 1908, E. Garbe; ♀ (n.º 7.432), Cidade da Barra, Fevereiro de 1908; ♂ (n.º 8.519), Cidade da Barra, Setembro de 1913, Garbe; ♂, (n.º 8.520), Cidade da Barra, Ou-

(1) Cf. Nov. Zool., 1923, p. 227.

(2) *Lamprotes* Swainson, 1837, sendo preoccupado por *Lamprotes* R. L., 1817, Richmond propoz, para substituil-o o novo nome *Compsothraupis*. Cf. Proc. Biol. Sol. Wash., XXVIII, p. 180.

(3) Hist. Nat. Bras., p. 192.

(4) Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 288 (1929).

tubro de 1913, Garbe; ♀ (n.º 8.521), Cidade da Barra, Setembro de 1913, Garbe; ♂ (n.º 3.070), «Bahia», compr. de Schlüter, (1898).

Depois do alto Rio Pardo, onde Neuwied a pouco mais de um século foi encontrá-lo em abundância, o Rio Gongogy é a zona mais meridional em que se verificou este bonito passaro, endemico em todos os estados do Nordeste, o norte de Goyaz (Rio Araguaya)¹ inclusive.

***Schistochlamys ruficapillus capistratus* (Neuwied)**

Tanagra capistrata NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 179, nota margin. (Barra da Vereda, no Rio Pardo, sul da Bahia); idem, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 500 (confins de Bahia e Minas).

Schistochlamys capistratus SCLATER, 1886 Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 301 (Bahia, Wucherer, etc.).

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 16 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 28 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 28 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 1 de Fevereiro.

♀, Madre de Deus, 1 de Fevereiro.

Depois que Berlebsch² reconheceram duas raças brasileiras n'este Sanhaço, Hellmayr,³ reivindicou para a especie, em substituição a *Tanagra capistrata* Neuwied, o nome mais antigo *Saltator ruficapillus* Vieillot,⁴ cuja identidade nunca foi devidamente reconhecida, por motivo de serio engano comettido na descripção original.

(1) Cf. Hellmayr, 1908, *Novit. Zool.*, XV, p. 30.

(2) *Verhandl. V Internat. Orn. Kongr.*, 1910, Berlin, p. 1109.

(3) *Verh. Orn. Gesells.*, XIV, p. 281 (1920)

(4) *Saltator ruficapillus* Vieillot, 1817, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, nouv. éd., XIV, p. 108 ("l'Amérique méridionale"): Hellmayr fixou o Rio de Janeiro como local. typica.

Comparados com os de S. Paulo e Paraná, os exemplares bahianos destacam-se á primeira vista pela côr muito mais clara do peito e da garganta, tirante a couro cortido em vez de cannela ou ferruginosa; tambem differem, como o observou Berlepsch, pelo pileo, egualmente mais claro, pardo acinzentado, ao em vez de pardo escuro. Quanto ás dimensões, observo nas aves bahianas dimensões medias bem inferiores (75 a 76 mill. de aza, em vez de 80 mill. ou mais) ás dos exemplares do sul do Brasil, caracter valioso de differenciação si verificado constante.

S. ruficapillus capistratus estende-se por todo nordeste brasileiro, desde o Maranhão, (Rio Parnahyba, etc.) até a Bahia, onde frequenta os campos seccos (carrascos) e as caatingas. Como a descripção de Neuwied baseia-se em exemplares dos confins da Bahia com Minas Geraes, estado até onde attinge a area de *S. r. ruficapillus*, seria de grande vantagem o exame do typo,¹ para tirar qualquer duvida quanto ao verdadeiro nome que lhe cabe.

Familia FRINGILLIDAE

Cyanocompsa cyanea cyanea (Linnaeus)

Azulão

Loxia cyanea LINNAEUS, 1758, Syst. Nat., ed. 10.^a, I, p. 174, (baseado em «*Coccothraustes caeruleus* de Edwards, pl. 125: «Angola», errore, Bahia, por designação de Berlepsch & Hartert).²

Fringilla Brissonii NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 561 (Barra da Vereda, nos confins da Bahia e Minas).³

Coccybator cyaneus CABANIS, 1851, Mus. Hein., I, p. 152 («Bahia»).

(1) Tem-se como havendo servido á descripção de Neuwied o exemplar ♂ que é hoje propriedade do Am. Mus. of Nat. Hist. de New-York (n.º 6861) Cf. Allen, J. A., in *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, II, p. 222 (1890).

(2) *Novt. Zool.*, IX, p. 24 (1902). Cf. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 292.

(3) Cf. Neuwied, *Reise nach Bras.*, II, p. 166 (1821).

Guiraca cyanea SHARPE, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XII, p. 71 («Bahia»); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 81 (Cidade do Salvador).

Cyanocompsa cyanea IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 368 (Bahia).

Cyanocompsa cyanea cyanea HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 292 (Santo Amaro; Macaéo Secco, perto de Andaraý; Rio do Peixe, perto de Queimadas).

♂, Ilha de Madre de Deus, 15 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 15 de Janeiro.

♂, Ilha dos Frades (proxima da de Madre de Deus), 13 de

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 25 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 25 de Fevereiro.

Especimens supplem.: ♂ (n.º 7.401), Joazeiro, Dezembro de 1907;

♂ (n.º 8.508), Cidade da Barra, Outubro de 1913; ♂ (n.º 3.089), «Bahia», comprado de Schlüter (1898).

Concordo com Hellmayr em reconhecer nas aves da Bahia e nordeste do Brasil uma raça visivelmente diferente da dos estados do sul (S. Paulo, Rio de Janeiro, etc.). Na forma *cyanea* propriamente dita o azul ferrete da plumagem é lavado mais ou menos intensamente de ultra-mar, tonalidade esta que em *C. cyanea sterea* Oberholser apenas se distingue no uropygio. Também nos machos de *cyanea* toda a metade frontal do pileo é azul-esbranquiçada, ao passo que em *sterea* tal coloração se restringe ordinariamente á barra frontal. Entre as femeas das duas variedades affins nenhuma diferença apreciavel se observa.

Segundo Hellmayr *C. c. cyanea* limita-se aos estados nordestinos, da Bahia ao Piauí, enquanto que *C. c. sterea* comprehende os estados littoraneos, do Rio de Janeiro para o sul, e grande parte dos do centro (Minas, Goyaz, parte de Matto-Grosso), avançando até o Paraguay e as Missões.

Oryzoborus angolensis angolensis (Linnaeus)*Curió*

Loxia angolensis LINNAEUS, 1766, Syst. Nat., ed. 12.^a, I, p. 303 (baseado em «*Coccothauster niger*» de Edwards, Glean. Nat. Hist., III, p. 296, pl. 352: «Angola», *errore!* — Hellmayr suggerir Bahia ou Rio de Janeiro).¹

Loxia torrida NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 166 (Barra da Vereda, no alto Rio Pardo).

Oryzoborus torridus SHARPE, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XII, p. 77, *partim* (Bahia).

♂ juv. Rio Gongogy, 26 de Dezembro de 1932.

Sem ser talvez muito abundante em parte alguma, o Curió existe espalhado em quase todo Brasil, sem diferenças apreciáveis em seus caracteres. A partir do trecho medio da bacia amazonica (Rio Negro, Rio Madeira), começa a ser substituído por *O. angolensis crassirostris* Berlepsch, tipicamente das Guianas, raça que apenas difere pelo tamanho menor do bico, e talvez pela extensão maior do espelho branco das azas, e pelo castanho mais carregado do abdomen dos machos.²

Saltator maximus (Müller)

Tanagra maxima P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursyst. Supplem., p. 159 (baseado no «*Tanagara des grands bois*» de Daubenton, Pl. Enlum. 205: Cayena).

Tanagra magna NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 525 («einer der gemeinsten Voegel in den von mir bereis'ten Gebueschen und Waeldern von Brasilien»).

Saltator magnus SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 285 (Bahia, *Wucherer*).

(1) *Novit. Zool.*, XV, p. 32, nota (1908); *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 293. Berlepsch indicou o Ceará (*Nov. Zool.*, XV, p. 119, em substituição a Surinam, indicada anteriormente por Berl. & Hartori (*Nov. Zool.*, IX, 1902, p. 25).

(2) Cf. Berlepsch, *Nov. Zool.*, XV, p. 119).

Saltator maximus LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.^a parte, p. 101 (Ilhéos, Belmonte).

Saltator maximus maximus, NAUMBURG, 1930, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., LX, p. 349 («Bahia»).

♀, Aratuhyte (Engenho da Ponte), 12 de Novembro de 1932.

♀, Aratuhyte, 13 de Novembro.

♀, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 15 de Dezembro de 1932.

♂, ♀, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

♀, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 19 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 25 de Fevereiro.

Espeimens addicionaes: ♂ (n.º 7.727), Caravellas, Agosto de 1908, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.121), Belmonte, Agosto de 1919, Garbe; ♂ (n.º 11.971), Ilhéos, Maio de 1919, Garbe; sexo? (n.º 3.087), «Bahia», ex Mus. Berlepsch (Ashmead, 1879).

Tampouco quanto Hellmayr¹ e Naumburg² consigo verificar as diferenças apontadas por Chubb³ entre as aves de leste do Brasil e as de Matto-Grosso, por elle separadas como *S. cyanus* (= *maximus*) *interjecior*.

O passaro tem larga distribuição na America do Sul, onde se estende a partir da Venezuela e Guianas, atravez da Amazonia, em todo Brasil central e leste, desde o Maranhão até o Rio de Janeiro.

Ptilus fuliginosus (Daudin)

Bico-pimenta

Loxia fuliginosa DAUDIN, 1800, Trait. Orn., II, p. 372.

Loxia grossa NEUWIED, (nec Linnaeus), 1821, Reise nach Brasilien, II, pp. 147, 148, 155 (Rio Catolé e Veruga, nas proximidades do Rio Pardo).

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 349 (1929).

(2) *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, LX, p. 349 (1930).

(3) *Ann. Magaz. Nat. Hist.*, 9.^a ser., VIII, pp. 445-446 (1921).

Fringilla Gnatho LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 22 («Bahia»); NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 552 (Rio Catolé).

Pitylus fuliginosus SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 304 («Bahia», Wucherer).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 23 de Dezembro de 1932.

Largamente distribuido a partir desde do Paraguay, em todo o sudeste do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

***Caryothraustes canadensis brasiliensis* Cabanis**

Caryothraustes brasiliensis CABANIS, 1851, Museum Heineanum, I, p. 144 (Bahia).

Fringilla viridis NEUWIED, (*nec* Vieillot), Beitr. Naturg. Bras., III, p. 555 (sertão de Ilhéos).

Loxia canadensis NEUWIED, (*nec* Linnaeus), 1821, Reise nach Brasilien, II, pg. 153, 155 (sertão de Ilhéos: Veruga, não longe do rio Catolé, affluente do Pardo).

Pitylus brasiliensis SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 306, *partim* («Bahia»).

Caryothraustes canadensis brasiliensis IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 373 («Bahia»).

♂, Serra do Palhão (adeante de Distampina), 7 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy (não longe de Cajazeiras), 14 de Dezembro. Especimen adicional. ♂ (n.º 2.538), «Bahia», compr. de Schlüter (1902).

Com referencia ás raças brasileiras deste bello passarinho devemos nos cingir ás conclusões de Hellmayr (*Novit. Zool.* XIII, 1905, pag. 276), que reconheceu no éste brasileiro duas formas bem caracterizadas, uma das quaes,¹ descripta impropriamente por Sclater² sob *Pitylus brasiliensis* (Cabanis), distingue-se pela testa cin-

(1) *Pitylus canadensis frontalis* Hellmayr, 1905, *Novit. Zool.*, XII, p. 277.

tada de preto, e tem sua area limitada a Pernambuco e adjacencias. As aves da Bahia e do Espirito Santo, representadas no Museu Paulista por uma pequena serie, carecem de preto na fronte, ao mesino tempo que, quando comparadas com as da Guyana e da baixa Amazonia, reconhecem-se immediatamente, não só pelas suas proporções accentuadamente maiores, como tambem por differenças assaz visiveis de colorido, á frente d'ellas a côr amarello-dourada, em vez de amarello-esverdeada, do alto da cabeça, e a maior extensão do preto na garganta e nas bochechas.

No quadro de medidas abaixo deixa de figurar a forma pernambucana de que, infelizmente, não tenho exemplares á disposição.

Caryothraustes canadensis canadensis

	aza	cauda	bico
♂, n. 6.760, Guiana Inglesa	85,5mill.	62,5mill.	18mill.
♂, n. 6.759, Igarapé-assú, Pará	84,5	62,5	14,5

C. canadensis brasiliensis

	aza	cauda	culmen
♂, n. 2.538, "Bahia"	95	77	15,5
♂, n. 14.323, Serra do Palhão, Bahia	99	82	18
♀, n. 6.244, Porto Cachoeiro, Esp.-Santo	94	80	16,5
♀, n. 6.156, Porto Cachoeiro	100	81,5	17
♀, n. 6.155, Porto Cachoeiro	95,5	80	17

Sporophila bouvreuil (Müller)

Caboclinho

Loxia bouvreuil P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursystem, Supplem., p. 154 (baseado em «Bouvreuil de l'Isle Bourbon» de Daubenton, Pl. Enlum. 204, fig. 1: localidade erronea, Hellmayr substituiu-a pela Bahia).

Spermophila nigroaurantia SHARPE, 1888, Catal. Birds Brit. Mus., XII, p. 113 (Bahia, Wucherer, etc.).

Sporophila bouvreuil HELLMAYR, 1904, Verhandl. Zool. Bot. Gesell. Wien, LIV, pg. 519-520 («Bahia»).

♂, Ilha da Bimbarra (na baía de Todos os Santos), 24 de Janeiro de 1932.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus, na baía de Todos os Santos), 31 de Janeiro.

2 ♂♂, Corupéba, 12 de Fevereiro.

O Museu Paulista possui raros exemplares deste passarinho, encontrando nos estados de leste do Brasil, desde São Paulo até a foz do Amazonas. Hellmayr, a quem pareceu os machos de São Paulo differirem algo dos Bahia em colorido,¹ discute as possíveis relações da especie com *S. pileata* (Sclater), sem chegar com-tudo a conclusões precisas.²

***Sporophila leucoptera cinercola* (Temminck)**

Papa-capim

Pyrrhula cinereola TEMMINCK,³ 1820, Nouv. Réc. de Pl. Color. d'Oiseaux. livr. 2, pl. 11, fig. 1 («Brésil»: Bahia, loc. typ. por indic. de Hellmayr, 1929).

Fringilla rufirostris NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 583 (Camamú).

Spermophila hypoleuca SHARPE, 1888, Catal. Birds Brit. Mus., XII, pag. 94 («Bahia», Wucherer).

Sporophila leucoptera hypoleuca IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 373 («Bahia»).

Sporophila leucoptera cinereola HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 294 («Bahia», Santo-Amaro).

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus, no Reconcavo), 11 de Fevereiro de 1933.

Especimens addic.: ♂, (n.º 2.497), «Bahia», compr. de Schlüter (1902); ♂ (n.º 3.100), «Bahia», couro comprado.

(1) *Verh. Zool. Bot. Gesell. Wien*, LIV, p. 520 (1904).

(2) *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 297 (1929).

(3) Chubb (*Bull. Brit. Orn. Club*, XII, p. 35, 1920) chamou a atenção para a prioridade de que goza *Pyrrhula cinereola* Temm. em relação a *Fringilla hypoleuca* Lichtenstein (*Verz. Doubl. Berlin. Mus.*, p. 26, 1923).

Sporophila l. cinereola é peculiar ao lèste brasileiro, desde o Rio de Janeiro até o Maranhão, ao passo que a forma typica, um pouco maior, differente ainda pela presença quase constante de estreita faixa branca no uropygio, estende-se atravez do Brasil central (oeste de Minas, Goyaz, Matto-Grosso), até o Paraguay e norte da Argentina.

***Sporophila nigricollis nigricollis* (Vicillot)**

Papa-capim

Pyrrhula nigricollis VIEILLOT, 1823 (Julho), Tabl. Enc. Méthod., Orn., III, p. 1027 («Brésil»: accito a Bahia como loc. typica).

Fringilla melanocephala NEUWIED, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 577 (Belmonte).

Spermophila gutturalis SHARPE, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XII, p. 128 partim (Bahia, Wucherer).

Sporophila gutturalis REISER, 1910, Denkschr. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 82 (Estreito da Uarsa, no Rio Preto); idem, 1925, op. cit., p. 179; IHER. & IHERING, 1907, Catal. Av. Bras., p. 377 («Bahia»).

♂, Aratuhybe, 10 de Novembro de 1932.

♂, Serra do Palhão (ao norte do Rio Gongogy), 6 de Dezembro.

2 ♂♂, Corupéba (perto da ilha de Madre de Deus, Reconcavo), 12, de Fevereiro de 1933.

♂, Corupéba, 17 de Fevereiro.

2 ♂♂, Corupéba, 24 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 17 de Fevereiro.

♀, Corupéba, 24 de Fevereiro.

Especimens addicionaes: ♂ (n.º 7.420), Cidade da Barra, Janeiro de 1908, Ernest Garbe coll.; ♂ (n.º 3.102), «Bahia», couro compr.

Não ha possibilidade de confusão entre os machos d'este Papa-capim e os de outra especie proxima, *S. caeruleascens*, muito espalhadas no sul e no centro do Brasil, e dada como existente tambem na Bahia. Com relação

às fêmeas, entretanto, ao lado de exemplares bem caracterizados pela côr amarellada do abdomen, em contraste com o colorido ocraceo ou acaunelado do peito, outros frequentemente apparecem que supportam perfeitamente o confronto com os de *caerulescens* pertencentes ao mesmo sexo. Afóra a presença frequente de uma area mais clara na garganta, apenas as dimensões um pouco menores (ordinariamente menos de 55 mill. de aza) e bico mais pequeno, distinguem então as ♀♀ de *nigricollis*, devendo notar-se porem que as da Bahia parece n'este particular se avantajarem um pouco sobre as do Maranhão e estados vizinhos.

S. nigricollis existe do Rio de Janeiro e do Matto-Grosso para o norte, extendendo-se até a porção mais septentrional do continente sul-americano. S. Paulo, patria de *S. gutturalis* Licht., é ainda incluído na sua area conhecida; mas, em que pese a autoridade de Berlepsch, tenho duvidas quanto a serem de *nigricollis* algumas ♀♀ de Itapura, existentes no Museu Paulista.

***Volatinia jacarina jacarina* (Linnaeus)**

Velludinho, Serrador, Tsúu

Tanagra Jacarina LINNAEUS, 1766, Syst. Naturae, ed. 12.^a, I, p. 314 (baseado em «*Tangara brasiliensis nigra*» de Brisson, = «*Jacarini*» de Maregrave: nordeste do Brasil, ou mais precisamente, Pernambuco, loc. typica).

Fringilla nitens NEUWIED, (*nec* Gmelin!), 1821, Reise nach Brasilien, II, pp. 160 e 166 (Barra da Vereda, no alto Rio Pardo, confins de Bahia e Minas).

Fringilla splendens NEUWIED, 1830 (*nec* Vieillot) Beitr. Naturg. Bras., III, p. 597.

Volatinia jacarini SHARPE, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XII, p. 152 («Bahia», *Wucherer*); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 82, (cidade do Salvador; Soledade, perto de Joazeiro, no Rio S. Francisco; lagôa do Boqueirão, no Rio Grande); idem, 1825, op. cit., p. 180.

Volatinia jacarina jacarina HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 297 (Rio do Peixe, perto de Queimadas).

♂, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogy), 6 de Dezembro de 1932.

♂, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

♂, Corupéba, 21 de Janeiro de 1933.

♀, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 23 de Janeiro.

2 ♀♀, Corupéba (perto de Madre de Deus), 24 de Fevereiro.

3 ♂♂, Corupéba, 25 de Fevereiro.

Este passarinho, em que os machos são de um bonito azul ferrete e as fêmeas pardas, é um dos mais comuns em todos os estados do Brasil.

A raça brasileira, em que os machos têm as penas axillares e as coberteiras inferiores das azas inteiramente alvas, a partir do baixo Amazonas soffre transição com *V. j. splendens* (Vicillot), raça septentrional, caracterizada pela redução progressiva das pennas brancas sub-alaes, que desaparecem totalmente nos individuos mais typicos, substituidas por pennas pretas.

Nas aves da Guiana Franceza, patria typica de *splendens*, encontram-se ainda frequentemente, ao lado de individuos perfeitamente caracteristicos, outros em que as sub-axillares são parcialmente brancas, motivo pelo qual Clyde Todd¹ prefere referil-as á forma brasileira, circumscrevendo a raça de sub-axillares pretas ao Mexico e adjacencias, sob o nome de *V. jacarina atronitens*. Não vejo comtudo vantagens n'este proceder, collocando-me no ponto vista de Hellmayr, com reconhecer nas aves da baixa Amazonia e extrema septentrional do continente sul-americano (Colombia, Venezuela, Guiana), caracteres, apezar de intermediarios, mais tendentes aos da ave mexicana do que ao da do Brasil.

(1) *Proc. Biol. Soc. Wash.*, XXXIII, p. 72 (1920).

Sicalis flaveola flava* (Müller)Canario-da-terra*

Fringilla flava P. L. S. MÜLLER, 1776, Natursystem, Supplem., p. 164 (baseado em Daubenton, Pl. Enlum. 321, fig. 1: «Brésil», patria typica Rio de Janeiro, por designação de Hellmayr).

Emberiza brasiliensis NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 166 e 179 (Barra da Vereda, no alto Rio Pardo); idem, 1830, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 614.

Sycalis flaveola SHARPE, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XII, p. 377, *partim* («Bahia», Wucherer); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 81 (Fazenda da Serra, no Rio Grande).

Sicalis flaveola flava HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 298 (S. Amaro, S. Marcello do Rio Preto).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 24 de Dezembro de 1932.

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 16 de Janeiro de 1933.

♂ juv., Madre de Deus, 16 de Janeiro.

♀, Madre de Deus, 19 de Janeiro.

♂, Madre de Deus, 21 de Janeiro.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 6 de Fevereiro.

♂ Corupéba, 9 de Fevereiro.

Passarinho bastante commum nos pontos visitados do Reconcavo. Os da Bahia, si machos e adultos, possuem a face abdominal de amarello vivo, quase uniforme, sem tons escuros apreciaveis; o dorso é intensamente sombreado de manchas escuras longitudinaes, que desaparecem progressivamente no pescoço e princiamente no alto da cabeça, que é amarello na metade posterior e de alaranjado intenso na metade frontal. Nas femeas a côr predominante é o pardo, sob a forma de manchas longitudinaes sobre fundo claro, muito mais escuras e mais densamente distribuidas no dorso do que no abdomen; á altura do peito corre uma faixa amarella clara, character

que não existe nas fêmeas do Brasil meridional (de Rio Grande do Sul ao sul de S. Paulo), pertencentes a *S. f. pelzelni* Selater, raça affim. Devo acrescentar que, afora a presença habitual de riscos escuros nos flancos, caracter em que assentou principalmente Selater a definição de *S. pelzelni*, os machos d'esta raça ainda se deixam distinguir apreciavelmente dos de *S. f. flava* pelo seu amarello menos vivo, pela maior mescla de pardo na plumagem, principalmente no dorso, e finalmente pela côr do pileo, muito mais manchado de pardo-escuro, e apenas tingido de laranja no seu limite frontal. As duas raças experimentam transição ao nível de São Paulo, onde ocorrem, sem se misturar.¹

***Myospiza humeralis humeralis* (Bosc)**

Tanagra humeralis Bosc, 1792, Journ. d'Hist. Nat., II, p. 179, pl. 34, fig. 4 (Cayena).

Ammodromus manimbe SHARPE, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XII, p. 691, partim («Bahia»); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 82 (Alagoinhas). XII, p. 691, partim («Bahia»); REISER, op. cit., p. 181.

♂, Corupéba (proximo á ilha de Madre de Deus, no Reconcavo), 23 de Fevereiro de 1933.

♂, Corupéba, 25 de Fevereiro.

Especimens supplem.: ♂ (n.º 7.523), Bomfim (antiga Villa Nova da Rainha), Dezembro de 1907; ♂ (n.º 7.522), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe, coll.; ♂ (n.º 7.722), Caravellas, Agosto de 1908, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 8.566), Cidade da Barra, Outubro de 1913.

Não tenho muito que acrescentar ao que em outra oportunidade² escrevi a respeito d'este passarinho,

(1) Hollmayr (*Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 299) ao analysar os traços de semelhança das raças attribuidas a *S. flaveola* Lin., contesta a validade do *S. fl. holti* Miller (*Auk*, 1925, p. 254: Serra do Itatiaia, S. Paulo).

(2) *Rev. Mus. Paul.*, XVII, 2.ª parte, p. 795 (1932).

commum nos campos e caatingas de quase todo Brasil. Apesar do Príncipe Neuwied não o haver encontrado em seu trajecto pela Bahia, elle parece bastante espalhado em todo o estado, como o prova a interessante serie existente no Museu Paulista. N'esta serie os exemplares se apresentam approximadamente uniformes, com terem a face dorsal pobre em ferrugem, embora marcada de preto em densidade variavel; a face ventral, tingida de branco e cinza, só excepcionalmente apresenta os tons acanelados, communs nas aves de São Paulo.

Emberizoides herbicola herbicola (Vieillot)

Canario do campo

Sylvia herbicola VIEILLOT, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., nouv. éd., XI p. 192 (baseado em «Cola aguda encuentro amarillo» de Azara. Apuntam., n.º 230: Paraguay).

Emberizoides herbicola SHARPE, 1888, Cat. Birds Brit. Mus., XII, p. 769 («Bahia»).

Emberizoides macrourus IHER. & IHERING (nec Gmelin), 1907, Cat. Av. Bras., 388 («Bahia»).

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus, no Reconcavo), 20 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba, 31 de Janeiro.

♀, Corupéba, 31 de Janeiro.

♀, Corupéba, 4 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 6 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 16 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 25 de Fevereiro.

Especimens suppl.: ♂ (n.º 7.721), Caravellas, Agosto de 1908, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.720), Caravellas, Agosto de 1908;

sexo? (n.º 3.114), «Bahia», compr. de Schlüter (1898).

Já uma vez tive que referir-me ás extraordinarias variações a que está sujeita a plumagem d'este passarinho, chegando a conclusões que não se afastam sensivelmen-

te das opiniões já emitidas sobre o assumpto por Hellmayr,¹ em trabalho de que eu então não dispunha. Para o douto ornithologo os exemplares avantajados em dimensões e de plumagem fortemente tirante a ferrugem, que serviram a Iher & Ihering para a criação de *E. m. itarareus* outra cousa não seriam senão aves em plumagem nova («frisch vermauserte Kleid»), emquanto os individuos claros exhibiriam roupagens em vespas de muda. Cita em apoio numerosos exemplares colleccionados em São Paulo por Natterer, entre os quaes é facil verificar que os colleccionados no meio do anno (entre Maio e Agosto) têm plumagem avermelhada, emquanto possúem-n'a esbranquiçada ou cinzenta os dos mezes extremos (Dezembro a Fevereiro). Isto condiz com o que se sabe sobre a época de reprodução da ave² e harmoniza-se, até certo ponto, com o facto de haverem sido caçadas em Maio as aves de Itararé descriptas por Ihering; mas, entre dous exemplares ♂♂ de Franca, possúe caracteres de *itarareus* uma ave de Janeiro (n.º 8062), ao passo que a outra, de Setembro (n.º 8004) não difere sensivelmente dos *herbicola* typicos. As aves bahianas, quer as trazidas agora do Reconcavo, quer as que já possúe o Museu Paulista de Caravellas, apresentam-se com os caracteres de plumagem typicamente attribuidos a *E. h. herbicola*; a face ventral e sempre bastante clara, sem qualquer mancha escura, apenas sombreada de pardoz-acinzentado no peito e nos flancos; o lado dorsal, inclusive o alto da cabeça são densamente marcados de estrias pretas longitudinaes, orladas de verdoengo, com muito pouco, ou quase nenhuma ferrugem. Quanto ás dimensões, caracter em que se baseia a separação entre a raça brasileira e *E. h. sphenurus*, as medidas que acabo de tomar na serie em estudo, induzem a conclusões menos categoricas do que as expendidas por Hellmayr;

(1) Abhandl. K. bayer. Akad. Wiss., math.-physik. Klasse, XXV. Bd., 2 Abh., p. 105 (1912).

(2) Ihering registrou um ninho d'este passaro em data do Novembro. Cf. Rev. Mus. Paul., V, p. 294 (1902).

a maior parte dos nossos exemplares de *herbicola* accusam menos de 70 mill. de comprimento de aza, valor equivalente ao que é de regra em *sphenurus*. Todavia, os especimens de Itararé, ha pouco sob discussão, salientam-se pelo seu tamanho, que concorda com os valores maximos attribuidos a *herbicola* por Hellmayr.

São de interpretação delicada os individuos semelhantes ao que serviu de typo a *E. h. ypiranganus* Ihering;¹ n'elles, todavia, parecem caracteres constantes, não só o colorido das partes superiores, marcadas até no uropygio de manchas longitudinaes muito mais numerosas, mais largas e mais intensamente negras do que nos exemplares ordinarios de *E. h. herbicola*, mas também dimensões sensivelmente menores, e a conformação particular das rectrizes, relativamente mais curtas, e abruptamente ponteagudas, em consequencia do entalhe fortemente excavado do pogonio interno em sua porção subterminal. D'este feitio possui o Museu Paulista além de varios exemplares do Ypiranga, um ♂ de Campos de Jordão e outro de Ocampo, na Republica Argentina; todos trazem a plumagem mais ou menos sovada, havendo já as rectrizes de alguns perdido as barbas em sua parte terminal.

E. herbicola herbicola (fórma commum).

	aza	cauda	culmen
♂, n. 14.318, Corupéba, Bahia	72,5mill.	108mill.	14mill.
♀, n. 14.317, >	68	105	14
♀, n. 14.316, >	68,5	107	13,5
♂, n. 7.721, Caravellas, Bahia	72	104	14
♂, n. 7.720, Caravellas	71	95	14
♂ ? n. 3.114, "Bahia"	71,5	111	13
♂, n. 13.316, Coxim, Matto-Grosso	77	113	14
♂, n. 10.002, S. Luiz, Matto Grosso	75	105	15
♀, n. 10.004, S. Luiz	69	?	13
♂, n. 10.001, S. Luiz	75	110	14,5
♂, n. 12.074, Itapetininga, S. Paulo	75	98	13

(1) *Catal. Av. Bras.*, p. 390 (1907).

	aza	cauda	culmen
♂, n. 8.001, Franca, S. Paulo	74	105	14
♂, n. 8.003, »	76	101	14
♂ ? n. 190, Cachoeira, S. Paulo	77	112	14
♂, n. 268, Cachoeira	74	119	14
♀, n. 14.382, R. Mogy-Guassú, S. Paulo	72	99	13

(forma *itarareus*)

♂, n. 4.061, Itararé, S. Paulo	75	119	14
♂, n. 4.062, »	76	105	14
♂? n. 5.561, Baurú, S. Paulo	76	112	12
♂, n. 8.062, Franca, S. Paulo	78	108	14

(forma *ypiranganus*)

♂, n. 6.749, Ypiranga (typo), S. Paulo	67	96	14
♂, n. 627, »	62	97	13
♂, n. 5.887, C. do Jordão, S. Paulo	65	104	13,5
♂, n. 7.095, Ocampo, Rep. Argentina	62	97	12

E. herbicola shenurus.

♂, n. 2.523, Nova Granada, Colombia	75	114	15
♂, n. 1.271, Merida Venezuela	67	91	14

Paroaria dominicana* (Linnaeus)Cardeal*

Loxia Dominicana LINNAEUS, 1758, Syst. Naturae, ed. 10.^a, 1, p. 172 (baseado em «Guirativica», sic! = Guirativica de Marcgrave: «Brasília», — pôde ser tomado como patria typica Pernambuco).¹

Paroaria larvata SHARPE, 1888, Catal. Birds Brit. Mus., XII, p. 811 («Bahia», Wucherer); IHERING & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 392 («Bahia»); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXXVI, p. 83 (Joazeiro; Soledade, junto de Carnahyba; Bem-Bom, perto de Remanso, no Rio S. Francisco); idem, 1925, op. cit., p. 182 (loc. cit. e mais Boqueirão, na foz do Rio Preto).

(1) A identidade de *L. dominicana* Lin. tem sido bastante discutida. Cf. Lönnberg, *Bihang Svensk. Akad. Handl.*, XXII, Afd. 4, n. 1, p. 29 (1896).

Paroraria dominicana HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 304 (Rio do Peixe, perto de Queimadas).

♂, Ilha de Madre de Deus (na baía de Todos os Santos), 27 de Janeiro de 1933.

♂, Corupéba (perto de Madre de Deus), 6 de Fevereiro.

♀, Coiupéba, 14 de Fevereiro).

♀, Corupéba, 25 de Fevereiro.

Especimens addic.: ♀ (n.º 7.404), Joazeiro, Novembro de 1907, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 3.115), «Bahia», compr. de Schlüter (1898).

Este Cardeal, peculiar ao nordeste do Brasil, estende sua área até o norte de Minas (Hellmayr). Em certos pontos do Recôncavo baiano é assaz comum; na ilha de Madre de Deus era encontrado quase todos os dias durante o nosso trajeto através do Soape, mas nunca o vi na zona mais povoada da ilha.

Família ICTERIDAE

Ostinops decumanus (Pallas)

João Congo, Japú-guassú, Japú-gamella

Xanthornus decumanus PALLAS, 1769, Spicil. Zool., fasc. VI, p. 1 (Surinam).

Cassicus cristatus NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 341 (Rio Grande de Belmonte, ou Jequitinhonha: Ilha Cachoeirinha); idem, 1831, Beitr. Naturg. Brás., III, p. 1220 (Rio Jequitinhonha e Rio Ilhéos).

Ostinops decumanus SCLATER, 1886, Cat. Birds Brit. Mus., XI, p. 315 (Bahia).

♂, Serra do Palhão (margem esquerda do Rio Gongogy), 2 de Dezembro de 1932.

♀, Serra do Palhão, 5 de Dezembro.

Numerosa colônia de Japús nidificava no alto da serra adjacente á margem esquerda do Rio Gongogy;

seus ninhos balouçavam nas pontas dos ramos de arvores alterosas, onde era baldado procurar attingil-os, sendo igualmente inefficazes as insistentes tentativas de abater alli alguns exemplares da bella ave a tiro de espingarda. Consegui uma bonita fema adulta, attrahida a ponto accessivel pelos mamociros de uma antiga roça, então carregados de fructos maduros. E' assaz curiosa a algazarra que fazem os Japús na época da procreação, havendo algo de musical no harpejo que de tempos a tempos intercallam no côro aspero de seus grasnidos ordinarios.

Permanece obscura a questão das variedades geographicas ¹ da especie, que se se distribue extensamente na America Meridional, desde o Paraguay até a Colombia e as Guianas. Quando comparo os exemplares da Bahia e do Espirito Santo, (Porto Cachoeiro) com os do sul do Brasil noto que os primeiros apresentam plumagem accentuadamente mais ennegrecida, enquanto que os ultimos têm-na, ainda quando machos e completamente adultos, um tanto tirante a pardo, com brilho esverdeado mais ou menos evidente.¹ A existencia de penas amarellas ou claras aqui e alli, de permeio com as outras, caracter principal de *O. decumanus maculosus* Chapuan,² não é apanagio das aves do Matto-Grosso e da Bolivia; nos exemplares de São Paulo é tambem bastante frequente, nada cedendo no particular ás do oeste matto-grossense um ♂ (n.º 3122) colleccionado em Piqueie por Zech.

(1) Cf. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 272 (1929).

(2) *Proc. Biol. Sec. Wash.*, XXXIII, p. 26 (1920): Bolivia, Yungas.

Cacicus haemorrhous aphanes* (Berlepsch)Japúira, Japira*

Cacicus haemorrhous aphanes BERLEPSCH, 1889, Journ. f. Orn., XXXVII, p. 300 (novo nome para *Cacicus haemorrhous* Auctorum, *nec* Linnaeus: sul do Brasil, loc. typo Santa Catharina); IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 395 (Bahia); LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., 2.^a parte, p. 101 (Ilhéos, Itábuna).

Cassicus haemorrhous NEUWIED, (*nec* Linnaeus), 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 119 (Rio Cachoeira ou Ilhéos) e p. 341 (Rio Jequitinhonha: ilha Cachoeirinha); idem, 1831, Beitr. Naturg. Bras. III, p. 1230; CASSIN, 1867, Proc. Acad. Sci. Phil., p. 63 (Bahia); SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 324 (Bahia).

♀, Serra do Palhão entre o Rio de Contas e o Gongogy), 28 de Novembro de 1932.

♀, Serra do Palhão, 5 de Dezembro.

sexo?, Serra do Palhão, 6 de Dezembro.

♀, Rio Gongogy, 14 de Dezembro.

Especimens addic.: ♂ (n.º 10.343), Ilhéos, Maio de 1919, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 10.344), Itabuna, Junho de 1919, Garbe; ♂ (n.º 8.627), «Bahia», compr. de Schlüter (1898); ♀ (n.º 3.123), «Bahia», compr. de Schlüter.

Nas mattas do sul da Bahia, dos icterideos é este de todos o mais commum; em logar algum porém os vi em tanta abundancia como nas margens do Rio Gongogy, onde os seus ninhos balouçavam á pouca altura da agua, pendentes das arvores debruçadas n'uma ou n'outra borda. A multidão loquaz d'estes passarinhos occupava-se activamente, na quadra em que visitámos a zona, da construcção dos vinhos e da criação dos filhotes. Já de si bulhentos e assustadiços, era frequente ouvir-se o vozerio infernal que levantavam toda vez que algum gavião se apresentava na vizinhança de suas colonias, com inequivocos intuitos.

Os exemplares bahianos que tenho em estudo são de plumagem negro-pardacenta, côr de fuligem, sem lus-

tro ou reflexo apreciável, á maneira do que é regra nas aves de São Paulo e outros estados do Brasil meridional. No entanto, a importancia do referido character na definição de *C. h. aphanes* parece-me muito relativa, por isso que varios exemplares possúe a collecção do Museu Paulista, provenientes de pontos diversos de São Paulo (Porto Tibiriçá, Valparaizo, Rio Mogy-Guassú) cuja plumagem é negra, intensamente lustrada de brilho azul ferrete, tal como acontece a *C. h. haemorrhous* (Lin.) representado por um macho adulto da Ilha da Trindade (Venezuela). A forma differente do bico, que na raça typica é mais grosso e mais alto na base, parece character mais solido, e é confirmada pela serie que tenho em mãos.

***Molothrus bonariensis bonariensis* (Gmelin)**

Chopim, Passaro preto

Tanagra bonariensis Gmelin, 1789, Syst. Nat. I, p. 893 (baseado em «Tangavio» de Buffon, = Daubenton Pl. Enlum. n.º 710: Buenos Aires).

Icterus sericeus Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 19 (Bahia).

Icterus minor Spix, (nec *Oriolus minor* Gmelin, 1788, Av. Bras., I, p. 67, tab. LXIV (Bahia: Rio S. Francisco).

Icterus violaceus Neuwied, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1212 (sertão da Bahia).

Molothrus bonariensis Sclater, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 335 (Bahia).

Molothrus bonariensis sericeus Hellmayr, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wiss. München, II Kl. XXII Bd., p. 613 (Bahia); Reiser, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien. LXXVI, p. 80 (Barra de Fazenda, da Serra, no Rio Grande); idem, 1925, op. cit., p. 175.

♂, Aratuhyte (Engenho da Ponte), 11 de Novembro de 1932.

♂, Ilha de Madre de Deus (na bahia de Todos os Santos), 21 de Janeiro de 1933.

♀, Corupéba (perto de Madre de Deus), 6 de Fevereiro.

Especimens additionaes: ♂ (n.º 7.326), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe; ♀ (n.º 7.323), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe coll.; ♂ (n.º 8.511), Cidade da Barra, Setembro de 1913, Garbe.

Todas as ♀♀ da Bahia que pude examinar possúem a plumagem pardo-acinzentada, mais ou menos clara, ao inverso do que é de regra nas do Brasil meridional, muito mais escuras, fuliginosas ou pardo anegradas. Si constante esta differença, seria para reconhecer-se a conveniencia da separação das aves bahianas sob *M. bonariensis sericeus* (Lichtenstein), a exemplo do que a principio fizera Hellmayr. Ulteriormente o competente ornithologo propugnou a invalidez da dita raça, opinião que me disponho a accitar deante do exemplo de uma ♀ do Rio Grande do Sul (Uruguayana), propriamente na zona geographica da forma typica, em tudo semelhante ás da Bahia.¹

Com relação a *Molothrus bonariensis melanogyna* Sytolcman,² não tenho duvida em que seja mero synonymo de *M. b. bonariensis*, cujas femeas, ordinariamente negro-pardacentas, apresentam assaz frequentemente tendencia a melanismo mais accentuado.

***Leistes militaris superciliaris* (Bonaparte)**

Trupialis superciliaris BONAPARTE, 1850, Consp. Av., I, p. 430 («Mexico», errore! — Matto-Grosso, loc. typ., por designação de Berlepsch).³

Leistes superciliaris PELZELN, 1871, Orn. Bras., p. 196 (Bahia).⁴

♀, Corupéba (proximo á Madre de Deus, no Reconeavo), 14 de Fevereiro de 1933.

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 273, nota (1929).

(2) *Ann. Zool. Mus. Polon.* V, p. 135 (1926): Invernadinha (Estado do Paraná).

(3) *Nov. Zool.*, XV, p. 123 (1908).

(4) Cf. Op. cit., p. 197, in nota margin.

Exempl. addic.: 3 ♂♂ (n.os 7.345-47), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe coll.; 2 ♀♀ (n.os 7.239-440), Joazeiro, Dezembro de 1907, Garbe.

Deve ser bastante commum este passarinho na zona de Joazeiro; no Reconcavo é antes raro, como o prova o unico exemplar alli colligido, o mesmo devendo acontecer com o sul da Bahia, onde durante a Excursão, afirmou-me W. Garbe tel-o visto proximo ás margens do Rio Gongogy. A raça typica, peculiar á Guiana e á Amazonia, differe por carecerem os machos da lista branca superciliar, que ornamenta a ave brasileira; as femeas, apresentam-se egualmente superciliadas nas duas raças, como o prova uma serie de individuos de Parintins, cujos machos nada differem dos das Guianas. No Maranhão, onde Hellmayr registrou a presença da raça typica,¹ occorrem individuos intermediarios, em que a lista superciliar se mostra variavelmente distincta. *L. m. superciliaris* tem area assaz vasta, extendendo-se por todo léste e centro do Brasil, até o Paraguay, o norte da Argentina o Uruguay, a Bolivia e mesmo o leste do Perú.²

***Icterus jamacai* (Gmelin)**

Soffrê

Oriolus Jamacai GMELIN, 1788, Syst. Nat., I, p. 391 (baseado em «*Xanthornus brasiliensis*» de Brisson³ = «*Jamaeai*» de Maregrave:⁴ «*Brasilia*», loc. typ. Ceará, por suggestão de Hellmayr); NEUWIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 175 (Vareda, no alto Rio Pardo, confins de Bahia e Minas).

Xanthornus jamacai IHER. & IHERING, 1907, Cat. Av. Bras., p. 402 («Bahia»).

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 274 (1929).

(2) Cf. Hellmayr, 1912, *Arch. f. Naturg.*, LXXXV, A, h. 10, p. 34.

(3) *Ornithol.*, II, p. 120 (1760).

(4) *Hist. Nat. Bras.*, p. 198 (1648).

Icterus jamacaii NEUWIED, 1831 Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1199 (sertão da Bahia); REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 80 (Joazeiro; Barrinha perto de Joazeiro; Cidade da Barra, Barrinha e Lagôa do Boqueirão, no Rio Grande); idem, 1925, op. cit., p. 177; HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 276 (Santo Amaro. Macaco Seeco, perto de Andarahy; Rio do Peixe, perto de Queimadas).

♂, Corupéba (proximo á ilha de Madre de Deus, na bahia de Todos os Santos), 20 de Janeiro de 1933.

♀, Madre de Deus, 30 de Janeiro.

♀, Corupéba, 7 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 12 de Fevereiro.

♂, Corupéba, 26 de Fevereiro.

Exemplares adicionais: ♂ (n.º 7.297), Cidade da Barra, Fevereiro de 1908, E. Garbe; 2 ♀♀ (n.ºs 7.294 e 8.514), Cidade da Barra, Fevereiro de 1908; ♂ (n.º 7.296), Joazeiro, Fevereiro de 1907, Garbe; ♀ ? (n.º 3.129), «Bahia», compr. de Schlüter (1898).

O Soffrê, um dos ornamentos mais brilhantes do nosso mundo alado, é ave peculiar aos campos seccos do nordeste do Brasil, onde ocorre desde o norte de Minas até o Maranhão, inclusos n'esta area todos os estados maritimos intermedios. A partir de Goyaz elle cede lugar a *I. croconotus* Wagl., facil de distinguir ao primeiro exame pela sua côr alaranjada mais intensa, extendida superiormente até o alto da cabeça, com excepção apenas de estreita faixa frontal. N'este passaro, para votal-o á nossa sympathia, concorrem com a feliz combinação de côres de sua plumagem, as notas agradaveis do canto melancolico, que de longe denuncia sua presença aos que o tenham ouvido uma só vez. Nos mezes de Janeiro e Fevereiro era quase certo encontral-o cada manhã nos arbustos e macégas da peninsula de Corupéba, fronteira á ilha de Madre de Deus, onde, embora occasional, avistei-o tambem mais de uma vez, na ponta do Mirim.

Icterus cayanaensis tibialis Swainson*Pêga, Encontro, Soldado*

Icterus tibialis SWAINSON, 1837, Anim. in Menag., p. 302 («Brazil»: Pernambuco, — pode accitar-se como patria typica): SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 370 (Bahia).

Xanthornus tibialis IHER. & IHERING, 1907, Catal. Av. Bras., p. 402 (Bahia).

Pendulinus tibialis REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 80 (Sambaíba, no Rio S. Francisco; Fazenda da Serra, no Rio Grande; Santa Rita e Fazenda Santo Antonio, no Rio Preto).

Icterus (Pendulinus) tibialis REISER, 1925, op. cit., p. 176 (Rio S. Francisco, Rio Grande, Rio Preto).

Icterus cayanaensis tibialis HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 275 (Lamarão; Macaco Secco, perto de Andarahy; S. Marcello, no Rio Preto).

♂, Rio Gongogy (perto de Cajazciras), 21 de Dezembro de 1932.

Especimens supplementares: ♂ (n.º 7.516), Joazeiro, Dezembro de 1907, E. Garbe coll.; ♀ (n.º 7.344), Joazeiro, Julho de 1907, Garbe; ♀ (n.º 8.515), Cidade da Barra, Outubro de 1913, Garbe coll.; 2 exempl. sem indic. de sexo (n.ºs 3.130 e 8.619), «Bahia», comprados de Schüter (1898).

O unico exemplar conseguido pela Excursão, como era de prever-se da zona extrema em que foi colleccionado, além do tom ocraceo do amarello dos encontros, só tem nas côxas escassas pennas de pontas amarellas, apresentando em proporções reduzidissimas o melhor caracter que define a raça *tibialis*, cuja area comprehende as caatingas do Nordeste, desde a Bahia até o interior do Maranhão. Facto semelhante dá-se com as aves do oeste d'este estado, onde a raça nordestina é gradualmente substituida pela forma typica, propria da Amazonia e Guianas.

Gnorimopar chopi chopi (Vieillot)*Passaro preto*

Agelaius chopi VIEILLIOT, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Naturelle, nouv. édit., XXXIV, p. 537 (baseado no «Chopi» de Azara, Apuntam., N.º 62, descr. do adulto: Paraguay).

Icterus unicolor NEUWIED, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, p. 1208, (*Angicos e Vereda*, nos confins de Bahia e Minas, proximo o Rio Pardo).

Aphobus chopi SCLATER, 1886, Catal. Birds Brit. Mus., XI, p. 404 (Bahia).

Gnorimopar chopi chopi HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 277 (Macaco Secco, perto de Andarahy).

♀, Rio Gongogy (perto de Cajazeiras), 23 de Dezembro de 1934.

♂, Rio Gongogy, 24 de Dezembro.

O Passaro preto, tão apreciado pelos seus dotes musicas, parece antes escasso na Bahia. Os exemplares colligidos concordam em seus caracteres com os do Brasil meridional, e pertencem, sem duvida, á raça typica. O ♂ adulto apresenta como medidas, 134 mill. de aza, 100 mill. de cauda e 241½ mill. de bico, bastante inferiores portanto ás de *G. chopi sulcirostris* (Spix) do nordeste do Brasil, em que a aza oscilla entre 140 e 152 mill. segundo Hellmayr. A raça nordestina, que, segundo Hellmayr, differe ainda da forma typica pela sua plumagem muito mais lustrosa, occorre egualmente na Bahia, confinada embora á zona secca do norte e centro do estado (Chique-Chique, Macaco Secco, perto de Andarahy).¹

(1) Cf. Hellmayr *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, XII, p. 277 (1929).

.....

ABSTRACT

This monograph deals with a collection of birds secured at several places in the State of Bahia, Brazil, by the expedition organized by the Museu Paulista with the collaboration of the Harvard Museum of Comparative Zoology between November of 1932 and April of 1933.

After a short stay in Aratuhybe, near the city of Nazareth, the members of the expedition proceeded to the Rio de Contas region, which is still covered with thick forests protected by the hilly feature of that section. A first stop was made high on the Palhão range, a little beyond Distampina, in the region between the Rio de Contas and the Rio Gongogy, the expedition having then passed to the banks of the latter river and staying for a while not far from the Cajazeiras village.

The extremely unsanitary conditions of that region, where malaria is very prevalent, induced the members of the expedition to turn North towards the Reconcavo, that is, the section surrounding the bay of Todos os Santos, where the island of Madre-de-Deus was selected for the work to be done in collecting birds. Various of the surrounding islands and some spots of the mainland were then visited, including Corupeba, Calhype and Santo-Estevam.

After having secured there a satisfactory collection, the expedition decided to the southernmost section of Bahia. At that stage the Rio Pardo or Jueuruçú was visited and an active collecting went on for one month around Cachoeira Grande, which is one of the most important water-falls of the southern fork of that river. This section, which is still nearly all covered by the primitive forests, shows the same physiographic feature of the North of the State of Espírito Santo, having also a considerably richer fauna than the Rio de Contas section.

The avifauna of the Reconcavo is mostly represented by forms peculiar to the North of the State of Bahia, many species, such as *Pseudoseisura cristata*, appearing to extend its range down to that section. This rule, however, presents some exceptions, such as *Chelidoptera teuebrosa brasiliensis* and *Certhiaxis cinnamomea russeola*, which represent southern forms reaching the Reconcavo.

The following species and races as collected by the expedition seem to have been reported from Bahia for the first time:

Squatarola squatarola cyuosurae
Numenius hudsonicus
Glaucis dolrui
Leucopternis polionota
Coccyzus euleri
Lepidocolaptes albicollis albicollis

Besides *Neopelma inornata* and *Campylorhamphus trochiliformis omissus*, both of which have already been described by the author, the following forms are now described as probably new to science:

Myiornis auricularis berlepschi
Myiozetetes similis pallidiventris
Attila rufus hellmayri
Tachyphonus rufus rubrirostris.

Indice

abarieusis, <i>Turdus fumigatus</i>	235
acqualis, <i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	249
acthereus, <i>Nyctibius</i>	132
<i>Actitis macularia</i>	85
agilis, <i>Vireosylva chivi</i>	145
<i>Agyrtrina leucogaster leucogaster</i>	139
bahiæ.....	139
alba tuidara, <i>Tyto</i>	116
albicollis albicollis, <i>Nyctidromus</i>	134
<i>Xiphocolaptes</i>	196
bahia, <i>Xiphocolaptes</i>	197
derbyanus, <i>Nyctidromus</i>	133, 134
Porzana.....	71
albigularis, <i>Crypturellus soui</i>	53, 54
albiventer, <i>Iridoprocne</i>	218
<i>Turdus leucomelas</i>	234
alleni, <i>Coereba chloropyga</i>	254
amabilis, <i>Habia rubica</i>	266
amaurocephalus, <i>Pachysylvia poecilotis</i>	246, 247
amazona, <i>Chloroceryle</i>	129
<i>Amazona farinosa farinosa</i>	123, 124
inornata.....	124
rhodocorytha.....	124
amazonicus, <i>Formicarius ruficeps</i>	181
<i>Pteroglossus aracari</i>	157
amazonum, <i>Thlypopsis sordida</i>	272
americana americana, <i>Chloroceryle</i>	130
mathewsi, <i>Chloroceryle</i>	130
americanus, <i>Coccyzus</i>	147
<i>Ampelion melanocephalus</i>	232
<i>Anabates leucophthalmus baugsi</i>	187
angolensis angolensis, <i>Oryzoborus</i>	276
crassirostris, <i>Oryzoborus</i>	276
Anhinga anhinga.....	95
ani, <i>Crotophaga</i>	151
<i>Anthracothorax nigricollis iridescens</i>	141
nigricollis.....	140, 141

<i>Anthus lutescens lutescens</i>	243
<i>aphanes</i> , <i>Cacicus haemorrhous</i>	292
<i>aracari aracari</i> , <i>Pteroglossus</i>	156, 157
<i>amazonicus</i> , <i>Pteroglossus</i>	157
<i>atricollis</i> , <i>Pteroglossus</i>	157
<i>aracuan</i> , <i>Ortalis</i>	57, 58
<i>Aramides cajanca cajanca</i>	72
<i>mangle</i>	72
<i>Aratinga aurea aurea</i>	118
<i>auricapilla</i>	117
<i>jandaya</i>	118
<i>arenaceus</i> , <i>Mimus saturninus</i>	240
<i>Arenaria interpres morinella</i>	77
<i>ariel</i> , <i>Ramphastos</i>	155
<i>Arundinicola leucocephala</i>	201
<i>assimillis</i> , <i>Furnarius leucopus</i>	182
<i>Ateleodactylus bicolor</i>	244
<i>atlanticus</i> , <i>Lepicolaptes fuscus</i>	195
<i>atricapillus atricapillus</i> , <i>Donacobius</i>	241
<i>Philydor</i>	188
<i>atricollis</i> , <i>Pteroglossus aracari</i>	157
<i>atraitens</i> , <i>Volatinia jacarina</i>	283
<i>Attila rufus hellmayri</i>	231
<i>aurantius</i> , <i>Trogonurus</i>	145
<i>aurea aurea</i> , <i>Aratinga</i>	118
<i>auricapilla</i> , <i>Aratinga</i>	117
<i>auricularis auricularis</i> , <i>Myiornis</i>	208
<i>berlepschi</i> , <i>Myiornis</i>	207
<i>auriculatus</i> , <i>Heliothrix auritus</i>	142
<i>auritus auriculatus</i> , <i>Heliothrix</i>	142
<i>auritus</i> , <i>Heliothrix</i>	144
<i>phaiuolaema</i> , <i>Heliothrix</i>	144
<i>poucheti</i> , <i>Heliothrix</i>	143
<i>australis</i> , <i>Certhia sparveria</i>	107
<i>axillaris luctuosa</i> , <i>Myrmotherula</i>	175
<i>bahiae</i> , <i>Agyrtrina leucogaster</i>	139
<i>Dendroplex picus</i>	194
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	197
<i>bangsi</i> , <i>Anabates leucopthalmus</i>	187
<i>barbatus mastacalis</i> , <i>Myiobius</i>	219
<i>Baryphengus ruficapillus</i>	131
<i>Baryphengus ruficapillus septentrionalis</i>	132
<i>Basileuterus flavcolus</i>	244
<i>Belonopterus cayennensis lampronotus</i>	78
<i>berlepschi</i> , <i>Myiornis auricularis</i>	207

bicolor, <i>Atleodacnis</i>	244
bidentatus bidentatus, <i>Harpagus</i>	107
bonariensis bonariensis, <i>Molothrus</i>	293
melanogyna, <i>Molothrus</i>	294
sericeus, <i>Molothrus</i>	294
borbae, <i>Taraba major</i>	172
bouvrenil, <i>Sporophila</i>	279
brasilianum brasilianum, <i>Glaucidium</i>	114
phalenooides, <i>Glaucidium</i>	115
brasiliensis, <i>Chelidoptera tenebrosa</i>	162
<i>Caryothraustes canadensis</i>	278, 279
<i>Tityra cayana</i>	225, 226
bresilius bresilius, <i>Ramphocelus</i>	264, 265
dorsalis, <i>Ramphocelus</i>	265
brunneus, <i>Sclerurus caudacutus</i>	185
<i>Tachyphonus cristatus</i>	269
Butorides striata.....	91
cabanisi, <i>Piaya cayana</i>	149, 150
Cacicus haemorrhous aphaeus.....	292
haemorrhous.....	293
caerulescens, <i>Sporophila</i>	281
gracilis, <i>Geranoospiza</i>	39
caesius caesius, <i>Thamnomanes</i>	174
cajanea cajanea, <i>Aramides</i>	72
Camptostoma obsoletum cinerascens.....	209, 210, 211
obsoletum.....	209, 210, 211
Campylorhamphus falcularius.....	198
trochilirostris omissus.....	198
trochilirostris.....	197
canadensis brasiliensis, <i>Caryothraustes</i>	278, 279
canadensis, <i>Caryothraustes</i>	279
Capella paraguayae paraguayae.....	88
capistratus, <i>Schistochlamys ruficapillus</i>	273
<i>Caryothraustes canadensis brasiliensis</i>	278, 279
canadensis.....	279
caudacutus brunneus, <i>Sclerurus</i>	189
umbretta, <i>Sclerurus</i>	189, 190
cayana brasiliensis, <i>Tityra</i>	225, 226
cabanisi, <i>Piaya</i>	149, 150
cayana, <i>Dacnis</i>	250
<i>Piaya</i>	149
cayana, <i>Tityra</i>	225
chloroptera, <i>Tangara</i>	260
eximia, <i>Dacnis</i>	252
flava, <i>Tangara</i>	258

cayana huberi, Tangara.....	259
macronra, Piaya.....	149, 150
margaritae, Tangara.....	250
obscura, Piaya.....	150
pallescens, Piaya.....	148, 149, 150
paraguayensis, Dacus.....	251
sincipitalis, Tangara.....	260
cayanus interjector, Saltator.....	277
cayennensis lampronotus, Belonopterus.....	78
tibialis, Icterus.....	297
cearae, Cerchneis sparveria.....	108
Scardafella squammata.....	64
Todirostrum ciuereum.....	204
cearensis, Certhiix cinnamomea.....	184
Cyclarhis gujanensis.....	247
Polioptila plumbea.....	241
Celex flavescens flavescens.....	169
intercedens.....	166, 167
Ceophloeus lineatus lineatus.....	169
improcerus.....	169
Cerchneis sparveria cearae.....	108
australis.....	108
Certhiix cinnamomea cearensis.....	184
russeola.....	184
Charadrius collaris.....	80
Chelidoptera tenebrosa brasiliensis.....	162
tenebrosa tenebrosa.....	163
chivi chivi, Vireosylva.....	246
agilis, Vireosylva.....	245
Chloroceryle amazona.....	129
americana americana.....	130
americana mathewsi.....	130
Chloronerpes erythropsis.....	163
chloroptera, Tangara cayana.....	260
chloropyga chloropyga, Coereba.....	253
majuscula, Coereba.....	253
alleni, Coereba.....	254
chlorotica violaceicollis, Tanagra.....	254, 255
choliba decussatus, Otus.....	109
chopi chopi, Gnorimopsar.....	293
sulcirostris, Gnorimopsar.....	298
chrysochlorus, Trogonurus curucui.....	145
Chrysolampis elatus.....	139, 141
Chrysophilus melanochloros mariae.....	164
flavilumbis.....	164
nattereri.....	163, 164

cinerascens, <i>Camptostoma obsoletum</i> ...	209. 110, 111
cinereicollis, <i>Euscarthmus</i>	207
cinereola, <i>Sporophila leucoptera</i>	280
cinereum cearae, <i>Todirostrum</i>	204
coloreum, <i>Todirostrum</i>	205
cinnamomea ccarensis, <i>Certhiaxis</i>	184
russcola, <i>Certhiaxis</i>	181
Claravis pretiosa	67
climazura, <i>Fluvicola</i>	209
Coccyzus americanus	147
culeri	19, 146
melacoryphus	146
Coereba chloropyga allenii	254
chloropyga	253
majuscula	253
collaris, <i>Charadrius</i>	80
collaris, <i>Trogonurus</i>	144
coloreum, <i>Todirostrum cinereum</i>	205
Columba plumbea plumbea	62
rufina sylvestris	61
Columbigallina minuta	65
talpacoti talpacoti	66
rufipennis	66
Compsothraupis loricata	272
coronatus, <i>Tachyphonus rufus</i>	267
crassirostris, <i>Oryzoborus angolensis</i>	276
Rallus longirostris	70
Creciscus melanophaius melanophaius	75
lateralis	75
cristata cristata, <i>Pseudoseisura</i>	186
Elaenia	215
cristatus brunneus, <i>Tachyphonus</i>	269
cristatellus, <i>Tachyphonus</i>	269
madeirae, <i>Tachyphonus</i>	296
cristatellus, <i>Tachyphonus</i>	296
croconotus, <i>Icterus</i>	296
Crotophaga ani	154
major	153
cruentata, <i>Pyrrhura</i>	119
Crypturellus noctivagus dissimilis	55
noctivagus	54, 55
parvirostris	55
soui albigularis	53, 54
hoffmannsi	54
variegatus	51

cunicularia grallaria, Speotyto	113
miuor, Speotyto	114
curucui curucui, Trogonurus	114
chrysochlorus, Trogonurus	145
cuvierii, Pachyrhamphus viridis	228
cyanea cyanea, Cyanerpes	251
Cyanocompsa	274, 275
sterea Cyanocompsa	275
Cyanerpes cyanea cyanea	251
Cyanocompsa cyanea cyanea	274, 275
sterea	275
Cyclarhis gujanensis cearensis	247
ochrocephala	248
cynosurae, Squatarola squatarola	79
Dacnis cayana cayana	250
eximia	252
paraguayensis	251
decuannus, Ostinops	290
maculosus, Ostinops	291
decussatus, Otus choliba	109
deliciosus, Forpus passerinus	122
Dendrociucula turdina	190
eualincia	190
Dendrocolaptes platyrostris intermedius	199
platirostris	198, 199
Dendroplex picus bahiae	194
kucarii	193, 193
derbyanus, Nyctidromus albigollis	123, 134
despotes, Tyrannus melancholicus	221
dissimilis, Crypturellus noctivagus	55
dohrni, Glaucis	136, 137
dominicana, Paroaria	289
Donacobius atricapillus atricapillus	241
dorsalis, Ramphocelus bresilius	265
Drymophila squamata squamata	179
stictocorypha	180
dulcis, Neomorphus	152
Elaenia cristata	214
flavogaster flavogaster	213
Elanoides forficatus yetapa	101
Elanus leucurus	105
elatus, Chrysolampis	139, 141
Emberizoides herbicola herbicola	286, 287, 288
sphenurus	287, 289
ypiranganus	288

<i>Empidonomus varius varius</i>	220
<i>rufinus</i>	219, 220
<i>ephiphialis</i> , <i>Turdus leucomelas</i>	234
<i>Erator inquisitor</i>	226
<i>erythromelas</i> , <i>Ixobrychus exilis</i>	94
<i>Chloronerpes</i>	163
<i>euleri</i> , <i>Coccyzus</i>	149
<i>Eupetomena macroura simoni</i>	138
<i>Euscarthmornis nidipendulus nidipendulus</i>	206
<i>paulistus</i>	206
<i>striaticollis striaticollis</i>	206
<i>Euscarthmus cinereicollis</i>	207
<i>exilis erythromelas</i> , <i>Ixobrychus</i>	49
<i>eximia</i> , <i>Daenis cayana</i>	252
<i>faleularius</i> , <i>Campylorhamphus</i>	189
<i>farinosa farinosa</i> , <i>Amazona</i>	123, 124
<i>fasciatus fasciatus</i> , <i>Myiophobus</i>	217
<i>flammiceps</i> , <i>Myiophobus</i>	216
<i>ferox ferox</i> , <i>Myiarchus</i>	215
<i>Glaucidium</i>	116
<i>figulus figulus</i> , <i>Furnarius</i>	181
<i>pileatus</i> , <i>Furnarius</i>	182
<i>flammiceps</i> , <i>Myiophobus fasciatus</i>	216
<i>flava</i> , <i>Tangara cayana</i>	258
<i>flavescens flavescens</i> , <i>Celeus</i>	166
<i>intercedens</i> , <i>Celeus</i>	166, 167
<i>flaveola flava</i> , <i>Sicalis</i>	284
<i>pelzelni</i> , <i>Sicalis</i>	285
<i>flaveolus</i> , <i>Basileuterus</i>	244
<i>flavifrons</i> , <i>Tripsurus</i>	165
<i>flavipes</i> , <i>Totanus</i>	84
<i>flavilumbis</i> , <i>Chrysoptilus melanochloros</i>	164
<i>flavigularis</i> , <i>Machaetornis rixosa</i>	203
<i>flavissimus</i> , <i>Forpus passerinus</i>	121
<i>flavogaster flavogaster</i> , <i>Elaenia</i>	213
<i>Fluvicola climazura</i>	200
<i>forficatus yetapa</i> , <i>Elanoides</i>	104
<i>Formicarius ruficeps amazonicus</i>	181
<i>ruficeps</i>	180
<i>Forpus passerinus deliciosus</i>	122
<i>flavissimus</i>	121
<i>vividus</i>	121
<i>frater</i> , <i>Mimus saturninus</i>	240
<i>frontalis frontalis</i> , <i>Synallaxis</i>	183
<i>frederici</i> , <i>Rhytipterna simplex</i>	230

fredericki, <i>Turdus fumigatus</i>	235
fulica, <i>Heliornis</i>	77
fuliginosus, <i>Pitylus</i>	277
fumifrons fumifrons, <i>Todirostrum</i>	205
penardi, <i>Todirostrum</i>	205
fumigatus abaricus, <i>Turdus</i>	235
fredericki, <i>Turdus</i>	235
fumigatus <i>Turdus</i>	235
hauxwelli, <i>Turdus</i>	235
Furnarius figulus figulus	181
figulus pileatus	182
leucopus assimilis	182
fuscicollis, <i>Pisobia</i>	86
fuscus atlanticus, <i>Lepicolaptes</i>	195
fuscus, <i>Lepidocolaptes</i>	196
Melanotrochilus	128
tenuirostris, <i>Lepidocolaptes</i>	194, 195, 196
Galbula rufoviridis	158
Gampsonyx swainsonii swainsonii	106
geoffroyi, <i>Neomorphus</i>	152
Geranospiza caerulescens gracilis	99
gilvicolis, <i>Micrastur</i>	97, 98
Glaucidium brasilianum brasilianum	194
phalenoides	115
ferox	116
Glaucis dohrni	20, 136 137
hirsuta hirsuta	136, 137
glaucopis, <i>Thalurania</i>	140
Guorimopsar chopi chopi	298
sulcirostris	298
maculirostris gouldi, <i>Selenidera</i>	158
gracilis, <i>Geranospiza caerulescens</i>	99
grallaria, <i>Speotyto cunicularia</i>	113
grisea grisea, <i>Neorhophias</i>	177, 178
griseicapillus olivaceus, <i>Sittasomus</i>	191
reiseri, griseicapillus <i>Sittasomus</i>	192
sylvellus	192
griseipectus, leucotis <i>Pyrrhura</i>	120
guianensis, <i>Rhynchocylus olivaceus</i>	120
Guira guira	154
gujanensis cearensis, <i>Cyclarhis</i>	247
guttatus guttatus, <i>Xiphorhynchus</i>	192
gutturialis, <i>Sporophila</i>	282
Habia rubica amabilis	266
rubica	266

haemorrhous aphanes, Cacicus	292
haemorrhous, Cacicus.....	283
Harpagus bidentatus bidentatus.....	107
Harpyia harpyia.....	10
hauxwelli, Turdus fumigatus.....	235
Heleodytes turdinus turdinus.....	18, 237
Heliornis fulica... ..	77
Heliolthrix auritus auriculatus	142
auritus	144
phainolaema	144
poucheti.....	143
hellmayri, Attila rufus	231
herbicola herbicola, Emberizoides	286, 287, 288
sphenurus, Emberizoides	287, 289
ypiranganus, Emberizoides.. ..	288
Hersilochmus longirostris	176
pectoralis.....	176
heterura, Setopagis parvula.....	135
hirsuta hirsuta, Glaucis	136, 137
hoffmansi, Crypturellus soui	154
huberi, Tangara cayana	259
hudsonicus, Numenius	81
humeralis humeralis, Myiospiza.....	285
hypoleuca, Nemosia pilcata	270
hypopyrrha, Lanioera	228
Icterus cayauensis tibialis	297
erocouotus	296
jaunaeali	295
improcerns, Ceophloeus lineatus.....	169
ineomta, Phaeomyias murina	208
innotata, Polioptilla polioptila.....	242
inornata, Amazona	124
Neopelma	121
inquisitor, Erator	226
pelzeni, Erator	226
intercedens, Ceolus flavescens	166, 167
interjector, Saltator cayanus.....	277
intermedius, Dendrocolaptes platyrostris ..	199
interpres morinella, Arenaria.....	77
Ipboborus leucophthalmus leucophthalmus	186, 187
iridescent, Anthracothorax nigricollis	141
Iridoprocne albirostris.....	248
Ixobrychus exilis erythromelas	84
jacana, Jacana spinosa.....	89

jacarina atronitens, Volatinia.....	283
jacarina, Volatinia.....	282
splendeus, Volatinia.....	283
jacupemba, Penelope superciliaris.....	56
jacutinga, Pipile.....	60
jamacaii, Icterus.....	295
jaudaya, Aratiuga.....	27, 118
juensis, Turdus rufiventris.....	236
knerii, Dendroplex picus.....	193
lampronotus, Belonopterus cayennensis.....	78
Laniocera hypopyrrha.....	229
lateralis, Crociscus melanophalus.....	75
Leistes militaris superciliaris.....	295
Lepidocolaptes fuscus atlanticus.....	195
fuscus fuscus.....	196
tenuirostris.....	194, 195, 196
Leptotila verreauxi ochroptera.....	68
leucocephala, Arundinicola.....	201
lencophthalmus leucophthalmus, Ipoborus.....	186, 187
leucogaster bahiae, Agyrrina.....	139
leucogaster, Agyrrina.....	139
leucogastra, Polioptila.....	242
leocomelas albiventer, Turdus.....	234
leocomelas, Turdus.....	234
ephiphialis, Turdus.....	234
leocophthalmus bangsi, Anabates.....	187
leucoptera cinercola, Sporophila.....	280
Pyriglena.....	178
Leucopternis polionota.....	103
leucopus assimilis, Furnarius.....	182
leucotis griselpectus, Pyrrhura.....	120
leucotis, Pyrrhura.....	120
leucurus, Elanus.....	105
lineatus lineatus, Ceophloeus.....	169
improcerus, Ceophloeus.....	169
Lipaugus vociferans.....	230
longirostris, Herpsilochmus.....	176
crassirostris, Rallus.....	70
longirostris, Rallus.....	71
loricata, Compsothraupis.....	272
luctuosa, Myrmotherula axillaris.....	175
lutescens lutescens, Anthus.....	243
Machaeropterus regulus regulus.....	223
striolatus.....	223
Machaetornis rixosa rixosa.....	202

<i>Machaetornis rixosa flavigularis</i>	203
<i>macropus</i> , <i>Pardirallus nigricans</i>	72
<i>maeroura</i> , <i>Playa cayana</i>	149, 150
<i>Tripophaga</i>	185
<i>simoni</i> , <i>Eupetomena</i>	188
<i>macularia</i> , <i>Aetitis</i>	85
<i>maculatus maculatus</i> , <i>Nystalus</i>	159, 160
<i>pallidigula</i> , <i>Nystalus</i>	160
<i>parvirostris</i> <i>Nystalus</i>	160
<i>striatipectus</i> , <i>Nystalus</i>	160
<i>maculifrons</i> , <i>Veniliornis</i>	165
<i>maculirostris goudi</i> , <i>Selenidera</i>	158
<i>maculirostris</i> , <i>Selenidera</i>	158
<i>maculosus</i> , <i>Ostinops decumanus</i>	291
<i>madeirae</i> , <i>Tachyphonus cristatus</i>	269
<i>magniplumis</i> , <i>Rupornis magnirostris</i>	103
<i>magnirostris magnirostris</i> , <i>Rupornis</i>	102
<i>nattereri</i> , <i>Rupornis</i>	101, 103
<i>major borbac</i> , <i>Taraba</i>	172
<i>Crotophaga</i>	153
<i>melanurus</i> , <i>Taraba</i>	172
<i>semifasciatus</i> , <i>Taraba</i>	172
<i>stagurus</i> , <i>Taraba</i>	170, 171, 172
<i>majnsacula</i> , <i>Coereba chloropyga</i>	253
<i>Malacoptila striata striata</i>	161
<i>manile</i> , <i>Aramides</i>	72
<i>margaritae</i> , <i>Tangara cayana</i>	260
<i>mariae</i> , <i>Chrysoptilus melanochloros</i>	161
<i>martinica</i> , <i>Porphyrola</i>	75
<i>melanogaster</i> , <i>Neorhopias</i>	178
<i>melanophaius lateralis</i> , <i>Cerciscus</i>	75
<i>mango</i> , <i>Trochilus</i>	140
<i>mastacalis</i> , <i>Myiobius barbatns</i>	219
<i>mathewsi</i> , <i>Chloroceryle americana</i>	130
<i>maximiliani maximiliani</i> , <i>Pionus</i>	126, 128
<i>sulphuratus</i> , <i>Pitangus</i>	212
<i>siy</i> , <i>Pionus</i>	127
<i>maximus</i> , <i>Saltator</i>	276
<i>Magaceryle torquata torquata</i>	129
<i>Megarhynchus pitangna pitangna</i>	214
<i>melacoryphus</i> , <i>Coccyzus</i>	146
<i>melancholicus</i> , <i>Tyrannus</i>	221
<i>despotes</i> , <i>Tyrannus</i>	221
<i>melanocephalus</i> , <i>Amphispiza</i>	232
<i>melanochloros flavilumbis</i> , <i>Chrysoptilus</i>	161

<i>melanochloros mariae</i> , <i>Chrysoptilus</i>	164
<i>nattereri</i> , <i>Chrysoptilus</i>	163, 164
<i>melanouota melanonota</i> , <i>Pulsatrix</i>	111
<i>sharppei</i> , <i>Pulsatrix</i>	111, 112
<i>melanogyna</i> , <i>Molothrus bonariensis</i>	294
<i>melanoleucus</i> , <i>Totanus</i>	83
<i>melanophaius melanophaius</i> , <i>Cerciscus</i>	75
<i>melanoptera</i> , <i>Thraupis palmarum</i>	263
<i>Melanotrochilus fuscus</i>	138
<i>melanurus</i> , <i>Taraba major</i>	172
<i>menstruus</i> , <i>Pionus</i>	125
<i>Micrastur gilvicollis</i>	97, 98
<i>ruficollis</i>	96, 97
<i>militaris superciliaris</i> , <i>Leistes</i>	295
<i>Mimus saturninus arenaceus</i>	240
<i>saturninus frater</i>	240
<i>minor</i> , <i>Speotyto cunicularia</i>	114
<i>minuta minuta</i> , <i>Columbigallina</i>	65
<i>minutilla</i> , <i>Pisobia</i>	86
<i>minutus minutus</i> , <i>Xenops</i>	189
<i>Molothrus bonariensis bonariensis</i>	293
<i>bonariensis melanogyna</i>	294
<i>bonariensis sericeus</i>	294
<i>morinella</i> , <i>Arenaria interpres</i>	77
<i>Monasa morphoeus morphoeus</i>	161
<i>morphocus peruana</i>	162
<i>morphoeus morphoeus</i> , <i>Monasa</i>	161
<i>peruana</i> , <i>Monasa</i>	162
<i>murina incomta</i> , <i>Phaeomyias</i>	208
<i>murina</i> , <i>Phaeomyias</i>	208
<i>musculus musculus</i> , <i>Troglodytes</i>	239
<i>wiedii</i> , <i>Troglodytes</i>	238
<i>Myiarchus ferox ferox</i>	215
<i>pelzelni pelzelni</i>	215, 216
<i>Myiobius barbatus mastacalis</i>	219
<i>Myiodynastes solitarius</i>	222
<i>Myiophobus fasciatus fasciatus</i>	217
<i>flammiceps</i>	216
<i>Myiornis auricularis auricularis</i>	208
<i>berlepschi</i>	207
<i>Myiospiza humeralis humeralis</i>	285
<i>Myiozetetes similis similis</i>	211
<i>pallidiventris</i>	212
<i>Myrmoderus ruficauda</i>	179
<i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i>	175

<i>naevia naevia</i> , Tapera.....	152
<i>nana</i> , <i>Nemosia pilcata</i>	270
<i>nattereri</i> , <i>Chrysoptilus melanochloros</i>	163, 164
<i>Rupornis magnirostris</i>	101, 103
<i>Nemosia pilcata pilcata</i>	269
<i>hypoleuca</i>	270
<i>nana</i>	270
<i>paraguayensis</i>	270
<i>Neomorphus dulcis</i>	152
<i>Neomorphus geoffroyi</i>	152
<i>Neopelma inornata</i>	224
<i>pallascens</i>	224
<i>Neorhophias grisea grisea</i>	177, 178
<i>melanogaster</i>	178
<i>nidipendulus nidipendulus</i> , <i>Euscarthmornis</i>	206
<i>paulistus</i> , <i>Euscarthmornis</i>	206
<i>nigricans</i> , <i>Pardirallus</i>	71
<i>macropus</i> , <i>Pardirallus</i>	72
<i>nigricollis</i> <i>iridescens</i> , <i>Anthracothorax</i>	141
<i>nigricollis</i> , <i>Anthracothorax</i>	140, 141
<i>Sporophila</i>	281
<i>noctivagus dissimilis</i> , <i>Crypturellus</i>	55
<i>noctivagus</i> , <i>Crypturellus</i>	54, 55
<i>Numenius hudsonicus</i>	81
<i>Nyctanassa violacea violacea</i>	90
<i>Nyctibius aetherens</i>	132
<i>Nyctidromus albicollis albicollis</i>	134
<i>derbyanus</i>	133, 134
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	134
<i>Nystalus maculatus maculatus</i>	159, 160
<i>pallidigula</i>	160
<i>parvirostris</i>	160
<i>striatipectus</i>	160
<i>obscura</i> , <i>Piaya cayana</i>	150
<i>Thraupis sayaca</i>	262
<i>obsoletum obsoletum</i> , <i>Camptostoma</i>	209, 210, 211
<i>cinerascens</i> , <i>Camptostoma</i>	209, 210, 211
<i>ocellatus</i> <i>Nyctiphrynus</i>	134
<i>ochrocephala</i> , <i>Cychlarhis</i>	248
<i>ochroptera</i> , <i>Leptotila verreauxi</i>	68
<i>olivaceus guianensis</i> , <i>Rhynchoeyclus</i>	204
<i>olivaceus</i> , <i>Phalacrocorax</i>	95
<i>Rhynchoeyclus</i>	203
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	191
<i>omissus</i> , <i>Campylorhamphus trochilirostris</i>	198

Oreopelia violacea violacea.....	69
ornata, Thraupis.....	263, 264
Ortalis aracanã.....	57, 58
spixi.....	58
Oryzoborus angolensis angolensis.....	276
crassirostris.....	279
Ostinops decumanus.....	17, 290
maculosus.....	291
Otus choliba decussatus.....	109
Pachyrhamphus viridis cuvierii.....	238
viridis.....	227
Pachysylvia poecilotis amaurocephalus.....	246, 247
poecilotis.....	246
paraguayae paraguayae, Capella..	88
parvula parvula, Setopagis.....	135
passerinus flavissimus, Forpus.....	121
vividus, Forpus.....	121
pallescens, Piaya cayana.....	148, 149, 150
Neopelma.....	224
palliatus, Thamnophilus.....	173
pallidigula Nystalus maculatus.....	160
pallidiventris, Myiozetetes similis...	212
palmarum melanoptera, Thraupis...	263
palmarum, Thraupis.....	262
pampolla, Tanagra violacea.....	256, 257, 258
Parabuteo unicinctus unicinctus.....	100
paraguayensis, Daenis cayana.....	251
Nemosia pileata.....	270
Pardirallus nigricans.....	71
macropus.....	72
Paroaria dominicana.....	249
parvirostris, Crypturellus.....	55
Nystalus maculatus.....	160
parvula, heterura, Setopagis.....	135
passerinus deliciosus, Forpus.....	122
paulistus, Euscarthmornis nidipendulus.....	206
pectoralis, Herpsilochmus.....	176
pelzelni, Erator inquisitor.....	226
pelzeni, Myiarchus.....	215, 216
Sicalis flaveola.....	285
penardi, Todirostrum fumifrons.....	205
Penelope supercilialis jacupemba.....	56
percoccineus, Phloeocastres robustus.....	168
peruana, Mouasa morphoeus.....	162
perspicillata perspicillata, Pulsatrix.....	111, 113

<i>perspicilata pulsatrix</i> , <i>Pulsatrix</i>	110, 111
<i>pfrimeri</i> , <i>Pyrrhura</i>	120
<i>Phacellodomus rufifrons rufifrons</i>	185
<i>sincipitalis</i>	185
<i>Phaenomyias murina incomta</i>	208
<i>murina</i>	208
<i>phainolaema</i> , <i>Heliothrix auritus</i>	144
<i>Phalacrocorax olivaceus olivaceus</i>	95
<i>phalenoides</i> , <i>Glaucidium brasilianum</i>	115
<i>Philydor atricapillus</i>	188
<i>Phloeocastus robustus pereocluens</i>	168
<i>robustus</i>	168
<i>Plata cayana cabanisi</i>	149, 150
<i>cayana</i>	149
<i>macroura</i>	149, 150
<i>obscura</i>	150
<i>pallescens</i>	148, 149, 150
<i>Piemus pygmaeus</i>	169
<i>pieus bahiae</i> , <i>Dendroplex</i>	194
<i>pieus</i> , <i>Dendroplex</i>	193, 194
<i>bahiae</i> , <i>Dendroplex</i>	194
<i>knerii</i> , <i>Dendroplex</i>	193
<i>pileata hypoleuca</i> , <i>Nemosia</i>	270
<i>nana</i> , <i>Nemosia</i>	270
<i>pileata</i> , <i>Nemosia</i>	269
<i>paraguayensis</i> , <i>Nemosia</i>	270
<i>pileatus</i> , <i>Furnarius figulus</i>	182
<i>Pionus maximiliani maximiliani</i>	126, 128
<i>siy</i>	127
<i>meustrans</i>	125
<i>Pipile jacutinga</i>	66
<i>Pisobia fuscicollis</i>	80
<i>minutilla</i>	86
<i>pitangna pitangna</i> , <i>Megarhynchus</i>	214
<i>Pitangus sulphuratus maximiliani</i>	212
<i>Pitylus fuliginosus</i>	227
<i>Platypsaris rufus rufus</i>	227
<i>platyrostris intermedius</i> , <i>Dendrocolaptes</i>	199
<i>platyrostris</i> , <i>Dendrocolaptes</i>	198, 199
<i>polionota</i> , <i>Leucopternis</i>	103
<i>Polioptila leneogastera</i>	242
<i>plumbea plumbea</i>	242
<i>cearensis</i>	241
<i>innonata</i>	242
<i>plumbea cearensis</i> , <i>Polioptila</i>	241

plumbea innotata Polioptila.....	242
plumbea, Columba.....	62
Polioptila.....	242
poecilotis poecilotis, Pachysylvia.....	246
amaurocephalus, Pachysylvia.....	246, 247
Porphyryla martinica.....	75
Porzana albicollis.. .. .	71
poucheti, Heliothrix auritus.....	143
pretiosa, Claravis.....	67
Pseudoscisura cristata cristata.....	186
Pteroglossus aracari amazonicus.....	157
aracari....	156, 157
atricollis.....	157
Pulsatrix melanonota melanonota.....	111
scharpei.....	111, 112
perspicillata perspicillata.....	111, 113
pulsatrix.....	110, 111
pygmaeus, Picumnus.....	169
Pygmornis ruber ruber.....	137
Pyriglena leucoptera.....	175
Pyroderus sentatus scutatus.....	233
Pyrrhura cruentata.....	19, 119
leucotis leucotis.....	120
griseipectus.....	120
pfrimeri.....	120
Rallus longirostris crassirostris.....	8, 70
longirostris.....	71
Ramphastos ariel.....	14, 155
Ramphocelus bresilius bresilius.. .. .	261, 265
dorsalis.....	265
regulus regulus, Machaeropterus.....	223
striolatus, Machaeropterus.	223
reiseri, Sittasomus griseicapillus.....	192
rhodocorytha, Amazona.....	121
Rhynchocyclus olivaceus guianensis.....	204
olivaceus.....	203
Rhyptipterna simplex frederici	230
simplex.....	229
rixosa flavigularis, Machaetornis.....	203
rixosa, Machaetornis.....	202
robustus robustus, Phlococeastes.....	168
percoccineus, Phlococeastes	168
ruber ruber, Pygmornis.....	137
rubica amabilis, Habia.....	266
rubica, Habia	266

<i>ruficapillus</i> , <i>Baryphthengus</i>	131
<i>septentrionalis</i> , <i>Baryphthengus</i>	132
<i>capistratus</i> , <i>Schistochlamys</i>	273
<i>ruficapillus</i> , <i>Sittasomus</i>	274
<i>ruficauda</i> , <i>Myrmoderus</i>	179
<i>ruficeps</i> <i>amazonicus</i> , <i>Formicarius</i> ..	181
<i>ruficeps</i> , <i>Formicarius</i>	180
<i>ruficollis</i> , <i>Micrastur</i>	96, 97
<i>aequalis</i> , <i>Stelgydopteryx</i>	249
<i>ruficollis</i> , <i>Stelgydopteryx</i>	249
<i>rufifrons</i> , <i>Phacellodomus</i>	185
<i>sincipitalis</i> , <i>Phacellodomus</i>	185
<i>rufina</i> <i>sylvestris</i> , <i>Columba</i>	61
<i>rufinus</i> , <i>Empidonomus varius</i>	219, 220
<i>rufipennis</i> , <i>Columbigallina talpacoti</i>	66
<i>rufiventris</i> <i>juensis</i> , <i>Turdus</i>	236
<i>rufiventris</i> , <i>Turdus</i>	235
<i>rufoviridis</i> , <i>Galbula</i>	158
<i>rufus</i> <i>coronatus</i> , <i>Tachyphonus</i>	267
<i>hellmayri</i> , <i>Attila</i>	231
<i>rufus</i> , <i>Platysaris</i>	227
<i>Tachyphonus</i>	266, 267
<i>subulirostris</i> , <i>Tachyphonus</i>	268
<i>Rupornis magnirostris magniplumis</i>	103
<i>magnirostris</i>	101
<i>nattereri</i>	101, 103
<i>russeola</i> , <i>Certhiax cinnamomea</i>	184
<i>Saltator cayanus interjector</i>	277
<i>maximus</i>	276
<i>saturninus arenaceus</i> , <i>Mimus</i>	240
<i>sayaca sayaca</i> , <i>Thraupis</i>	261
<i>obscura</i> , <i>Thraupis</i>	262
<i>Scardafella squamata cearae</i>	64
<i>squamata</i>	63
<i>Schistochlamys ruficapillus capistratus</i>	273
<i>Sclerurus caudacutus brunneus</i>	189
<i>umbretta</i>	189, 190
<i>scutatus scutatus</i> , <i>Pyroderus</i>	233
<i>Selenidera maculirostris gouldi</i>	158
<i>maculirostris</i>	158
<i>semifasciatus</i> , <i>Taraba major</i>	172
<i>sericeus</i> , <i>Molothrus bonariensis</i>	294
<i>Setopagys parvula heterura</i>	135
<i>parvula</i>	135
<i>septentrionalis</i> , <i>Baryphthengus ruficapillus</i>	131

sharpei, Pulsatrix melanonota.....	111, 112
Sicalis flavicola flava	284
pelzelni	285
similis pallidiventrís, Myiozetetes.....	212
similis, Myiozetetes	21
simoni, Eupetomena macroura.....	138
simplex frederici, Rhytipterna	230
simplex, Rhytipterna	229
sincipitalis, Phacellodomus rufifrons	185
Tangara cayana	260
Sittasomus griseicapillus olivaceus	191
reiseri.....	192
ruficapillus.....	274
sylviellus	192
solitarius, Tinamus	51
solitaria solitaria, Tringa	84
sordida sordida, Thlypopsis	271
amazonum, Thlypopsis.....	272
soui albigularis, Crypturellus.....	53, 54
hoffmansi, Crypturellus.....	54
sparveria australis, Cerchneis.....	107
cearae, Cerchneis.....	108
Speotyto cunicularia grallaria... ..	113
minor.....	114
sphenurus, Emberizoides herbicola	287, 288
spinosa jacana, Jacana	89
spixi, Ortalis	59
splendens, Volatinia jacarina	283
Sporophila bouvreuil.....	279
caerulescens.....	281
gutturális.....	282
leucoptera cinereola... ..	280
nigricollis nigricollis.....	281
squamata squamata, Drymophila.....	179
stictocorypha, Drymophila	180
squammata cearae, Scardafella	46
squammata, Scardafella	63
squatarola cynosurae, Squatarola.....	79
Squatarola squatarola.....	80
Stelgidopteryx ruficollis.....	249
aequalis.....	249
stictocorypha, Drymophila squamata	180
striata striata, Malacoptila.....	161
striaticollis striaticollis, Euscarthmornis	206
striatipectus, Nystalus maculatus	150

siy, Pionus maximiliani	117
solitarius, Myiodynastes	222
stagurus, Taraba major	170, 171, 172
sterea, Cyanocompsa cyanea	275
striata, Butorides	91
strigilatus strigilatus, Trogon	143
striolatus, Machaeropterus regulus	223
subulirostris, Tachyphonus rufus	268
sulcirostris, Gnorimoosar chopi	298
sulphuratus maximiliani, Pltangus	212
superelliaris, Leistes militaris	295
jacupemba, Penelope	56
surda, Urochroma	128
swainsonii swainsonii, Campsonyx	106
sylvestris, Columba rufina	61
sylviellus, Sittasomus griseicapillus	192
Synallaxis frontalis frontalis	183
Tachyphonus cristatus brunneus	269
cristatellus	269
madeirae	269
rufus rufus	266, 267
coronatus	267
subulirostris	268
talpacoti rufipennis, Columbbigallina	66
talpacoti, Columbbigallina	66
Tangara chlorotica violaceicollis	254, 255
violacea pampolla	256, 257, 258
cayana cloroptera	260
flava	258
huberi	259
margaritae	260
sincipitalis	260
violacea violacea	257
Tapera uaevia naevia	152
Taraba major borbae	172
melanurus	172
semifasciatus	172
stagurus	170, 171, 172
tenebrosa brasiliensis, Chelidoptera	162
tenebrosa, Chelidoptera	163
tenuirostris, Lepidocolaptes fuscus	194, 195, 196
Thalurania glaucopis	140
Thamnomanes caesius caesius	174
Thamophilus palliatus	173
torquatus	174

<i>Tlypopsis sordida amazonum</i>	272
<i>sordida</i>	271
<i>Thraupis ornata</i>	263, 264
<i>palmarum melanoptera</i>	263
<i>palmarum</i>	262
<i>sayaca obscura</i>	262
<i>sayaca</i>	261
<i>tibialis, Icterus cayanaensis</i>	297
<i>Tinamus solitarius</i>	51
<i>Tirica tirica</i>	122
<i>Tityra cayana brasiliensis</i>	225, 226
<i>cayana</i>	225
<i>Todirostrum cinereum cearae</i>	201
<i>coloreum</i>	205
<i>fumifrons fumifrons</i>	205
<i>penardi</i>	205
<i>torquata torquata, Megaceryle</i>	129
<i>torquatus, Thamophilus</i>	174
<i>Totanus flavipes</i>	81
<i>melanoleucus</i>	83
<i>Tringa solitaria solitaria</i>	81
<i>Tripophaga macroura</i>	185
<i>Tripsurus flavifrons</i>	165
<i>trochilirostris omissus, Campylorhamphus</i>	198
<i>trochilirostris, Campyloramphus</i>	197
<i>Trochilus mango</i>	140
<i>violicauda</i>	140
<i>Troglodytes musculus musculus</i>	239
<i>musculus wiedi</i>	238
<i>Trogon strigilatus strigilatus</i>	143
<i>Trogonurus aurantius</i>	145
<i>collaris collaris</i>	144
<i>curucui chrysochlorus</i>	145
<i>curucui</i>	144
<i>tuidara, Tyto alba</i>	116
<i>turdina, Dendrocincla</i>	190
<i>enalincia, Dendrocincla</i>	190
<i>turdinus turdinus, Heleodytes</i>	237
<i>Turdus fumigatus abariensis</i>	235
<i>fredericki</i>	235
<i>fumigatus</i>	235
<i>hauxwelli</i>	235
<i>leucomelas albiventer</i>	234
<i>ephiphialis</i>	231
<i>leucomelas</i>	234

<i>rufiventris jneensis</i>	236
<i>rufiventris</i>	236
<i>Tyrannus melancolicus melancholicus</i>	221
<i>despotes</i>	221
<i>Tyto alba tuidara</i>	116
<i>umbretta, Sclerurus caudatus</i>	189, 190
<i>unicinctus, Parabuteo unicinctus</i>	100
<i>Urochroma surda</i>	128
<i>variegatus, Crypturellus</i>	51
<i>varius rufinus, Empidonomus</i>	219, 220
<i>varius, Empidonomus</i>	220
<i>Veniliornis maculifrons</i>	165
<i>verreauxi oehroptera, Leptotila</i>	68
<i>violacea pampolla, Tanagra</i>	256, 257, 258
<i>violacea, Tanagra</i>	257
<i>Oreopelia</i>	69
<i>Nyctanassa</i>	90
<i>violaceicollis, Tanagra chlorotica</i>	251, 255
<i>violicauda, Trochilus</i>	140
<i>Vireosylva chivi agilis</i>	215
<i>chivi</i>	246
<i>viridis cuvierii, Pachyrhamphus</i>	228
<i>viridis, Pachyrhamphus</i>	227
<i>vividus, Forpus passerinus</i>	121
<i>vociferans, Lipaugus</i>	230
<i>Volatinia jacarina atronitens</i>	283
<i>jacarina</i>	282
<i>splendens</i>	283
<i>wiedi, Troglodytes musculus</i>	228
<i>Xenops minutus minutus</i>	189
<i>Xiphocolaptes albicollis albicollis</i>	196
<i>bahiae</i>	197
<i>Xiphorhynchus guttatus guttatus</i> „	192
<i>yetapa, Elanoides forficatus</i>	101
<i>ypiranganus, Emberizoides herbicola</i>	288



Índice dos nomes vulgares

Agachada.....	88	Franga d'agua azul.....	75
Agachadeira.....	77, 88	Fura-matto.....	119
Alma de gato.....	148, 151	Gallinha do matto.....	180
Amassa-barro.....	181, 182	Garriça.....	238
Andorinha.....	162, 248, 249	Garrinchão.....	237
Andorinha-do-matto.....	162	Gaturamo.....	254, 256
Anna-velha.....	91	Gavião.....	107
Anum-branco.....	154	Gavião caboré.....	96
Anum Coróia.....	153	Gavião carijó.....	101
Anum-de-enchente.....	153	Gavião matteiro.....	96
Anum peixe.....	153	Gavião pomba.....	103
Anum-preto.....	154	Gavião-thesoura.....	19, 104
Araponguinha.....	225, 226	Gaviãozinho.....	19, 106
Aracuã.....	57	Gente-de fóra-já-chegou..	247
Aracunão..	157	Gurinhata.....	254, 256
Arassari.....	156	Inambú-chororó.....	55
Arassari-póca.....	159	Jacú.....	56
Azulão.....	274	Jacú-mulambo.....	152
Bastião.....	230	Jacú-porco.....	152
Batuirá.....	88	Jacupemba.....	56
Bem-te-vi.....	212	Jacutinga.....	60
Bem-te-vi do bico chato.	214	Jahó.....	2-54
Bico-de-cravo.....	14, 161	Jandaya.....	117, 118
Bico-de-fogo.....	161	Japira.....	292
Biguá.....	95	Japú-gamella.....	17, 290
Cumutanga.....	124	Japú-guassú.....	290
Curíango.....	133	Japuira.....	292
Curica.....	126	Jassanã.....	89
Curió.....	276	Jerú.....	123
Cú-tapado.....	121	João Congo.....	290
Dormião.....	159	João-corta-páo.....	133
Dorminhoco.....	27, 159	João-de-barro.....	182
Encontro.....	297	Juriti.....	68, 69
Espanta-bofada.....	78	Jurú.....	19, 123
Fogo-apagou.....	63	Jurúassú.....	123
Formigão.....	131	Jurúva.....	231
Frauga d'agua.....	74	Lavadeira.....	200

Lavandeira.....	200	Coruja.....	109
Maçarico 77, 80, 83, 84, 85, 86		Coruja branca.....	116
Maçarico-de-colleira.....	80	Curuja do campo.....	113
Maçarico-de-bico-torto...	81	Corruira.....	238
Macuca.....	51	Corvo marinho.....	95
Macuco.....	51	Cuiúba.....	121
Mãe-da-lua.....	132	Periquito verdadeiro....	122
Maitaca.....	14, 125, 126	Perúia-chóca.....	143
Marid'-é-dia.....	213	Piaçoca.....	16, 89
Maria-molle.....	91	Picapara.....	77
Maríangú.....	133	Picapau.....	168
Marrequinha.....	89	Pica-páu-de-cabeça-ama- rella.....	166
Martim-pescador.....	129	Pinto d'agua.....	75
Mergulhão.....	77	Pinto do matto....	180
Nambú.....	55	Pocassú.....	61
Narceja.....	88	Pomba.....	61
Papa-capim.....	280, 281	Pomba amargosa.....	62
Passaro preto.....	293	Pomba parará.....	67
Pata d'agua.....	95	Pururú.....	131
Patinha d'agua.....	77	Querí-queri.....	107
Pavó.....	233, 298	Quero-Quero.....	16, 78
Pêga.....	297	Rasga-mortalha.....	88
Peixe-frito.....	152	Rendeiro.....	201
Periquito.....	122	Rôla.....	65, 66
Periquito-de cabeça-ama- rella...	118	Rôla azul.....	67
Bico-pimenta.....	277	Rôlo-sangue-de-boi.....	66
Bico-rasteiro.....	88	Roliuha.....	65
Caboclinho.....	279	Sabacú-de-corôa.....	90
Caboré.....	19, 114	Sabiá.....	234
Caga-sebo.....	206, 216	Sabiá coca.....	235, 236
Canário-da terra.....	284	Sabiá da matta.....	235
Canário do campo.....	286	Sabiá da praia.....	240
Capitão-do-matto.....	143	Sabiá laranjeira.....	235
Cardeal.....	289	Sabiá verdadeiro.....	235
Carrega-madeira.....	185	Sacy.....	152
Carriça.....	238	Sahyra.....	250, 258
Casaca de couro.....	241	Sanã.....	74
Cassaróba.....	61	Sangue-de-boi....	264
Chauã.....	19, 124	Sanhaço.....	260
Chopim.....	293	Sanhaço de coqueiro	261, 261
Chora-lua.....	132	Sanhaço de mauoeiro....	262
Chororão.....	54	Sapitica.....	251
Coroia.....	153	Saracura.....	70, 71, 72, 74
Corujão.....	110	Savacú-de-corôa.....	90

Sebastião.....	230	Tiriva pequena.....	120
Sem-fim.....	152	Tres-pótes	72
Serrador.....	282	Tropeiro.....	230
Socózinho.....	91	Tsín.....	287
Soffrê.....	295	Tucano.....	155
Soldado.....	297	Tuim....	121
Suia.....	125, 126	Tururi.....	53
Suindara.....	116	Tururím.....	53
Suiriri.....	219, 221	Velludinho.....	282
Surucná.....	143	Viola.....	241
Taquara.....	131	Viuvinha.....	201
Tié-sangue.....	264	Urutáu.....	132
Tiriba.....	19, 120	Zabelê.....	54
Tiriba grande.....	119		



OS COTINGIDEOS DO BRASIL

POR

CARLOS DA CUNHA VIEIRA

Da sub-seção de Vertebrados do Museu Paulista

A grande família dos Cotingideos, exclusivamente americana, é largamente distribuída por toda a América do Sul e Central, do Norte da Argentina até a zona Sul do México. Dois gêneros apenas ocorrem nas Antilhas.

Compreende 32 gêneros com mais de 100 espécies e é representada no Brasil por 25 gêneros, com 51 espécies e 21 sub-espécies conhecidas. Grande parte destes gêneros ocorre na zona tropical, onde alguns como *Rupicola*, *Phoenicircus*, *Querula*, *Gymnoderus* e *Perissocephalus* são característicos.

Pertencem os Cotingideos à sub-ordem dos Passeriformes Mesomyodeos e ao grupo dos Oligomyodeos. Slater, no Catálogo de Aves do Museu Britannico (vol. XIV, 1888), dividiu-a em seis sub-famílias: *Tityrinae*, com as «Araponguieras» (*Tityra*); «Anambés» (*Pachyrhamphus*) e «Canelleiros» (*Platypsaris*); *Lipauginae*, com os «Virussús» (*Lipaugus* e *Lathria*); *Attilinae*, com *Attila* e *Casiornis*; *Rupicolinae*, com os «Gallos-da-serra» (*Rupicola*) e *Phoenicircus*; *Cotinginae*, com as «Cotingas» (*Cotinga*); «Corocochós» (*Anapellion*), etc.; *Gymnoderinae*, com as «Arapongas» (*Procnias*), «Pavós» (*Pyroderus*), «Anambés pretos» (*Cephalopterus*); etc. Certos auctores collocam os *Attilineos* nos Tyrannideos ou nos Formi-

cariídeos e os generos *Iodopleura* e *Calyptura* nos Piprideos. Hellmayr (Cat. Birds of the Americas, Field Museum, 1929), separa o genero *Rupicola*, formando com elle a familia *Rupicolidae* e inclue nos *Cotingideos* o genero *Laniisoma*, separado dos *Piprideos*.

E' familia muito heterogenea, cujas especies variam muito em tamanho, fórma, estrutura e colorido. Assim, os generos *Cephalopterus* e *Pyroderus* são constituídos de fórmas relativamente gigantescas, ao passo que *Iodopleura* e *Calyptura* são minúsculas; *Cotinga*, *Phoenicircus*, *Xipholaena*, *Haematoderus*, etc., são de vivo e brilhante colorido nos machos; *Lathria*, *Lipaugus*, *Tijuca*, etc., são de côres sombrias em ambos os sexos; *Tityra* e outros generos têm a 2.^a remige primaria inteiramente atrophiada; certas especies do genero *Procnias* têm uma original caruncula erectil, e, *Cephalopterus*, possui um bello appendice de pennas sobre o peito.

Os tarsos podem ser inteiramente lisos, como em *Iodopleura*, ou de variada escutellação. Assim, em *Pyroderus*, *Cotinga*, *Cephalopterus*, etc., o espaço plantar do tarso é cheio de granulações (typo pycnaspideo); em *Lipaugus*, *Casiornis* e *Attila*, têm uma unica série de escutellas amplas de fórma quadrada ou rectangular (typo holaspideo); em *Platypsaris*, *Ampelion* e *Phibalura*, têm 2, ou raramente 3 dessas séries de escutellas (typo taxaspideo).

O dedo médio tem a phalange basal incompletamente unida ao dedo interno, e a 2.^a phalange desse dedo nunca coincide exactamente com a do dedo externo.

O bico póde ter tamanho e fórma variados, ora é alongado e comprimido, ora é largo e chato, porém sempre de typo dentirostro como o dos Tyrannídeos.

As azas variam tambem em tamanho e estrutura, podendo ser mais ou menos curtas ou bem longas, como em *Phoenicircus* e *Calyptura*. As 10 remiges primarias, das quaes a externa é a mais curta, apresentam muitas vezes modificações importantes, assim *Tityra*, *Pachyrhamphus* e *Platypsaris* têm a 9.^a primaria anormal (extrema-

mente curta e ponteaguda); *Phoenicircus* tem, nos machos a 7.^a primaria com a ponta inteiramente rija. As remiges secundarias são em numero de 10 ou 11 e as coberteiras tambem apresentam, por vezes, curiosas modificações como em *Xipholaena*, em que são singularmente rijas e lanceoladas.

A cauda tem 12 rectrizes e pôde ser truncada (*Tijuca*), alongada (*Lathria*), curta (*Cotinga*) ou profundamente furcada (*Phibalura*).

Certos generos são ornados de abundantes cerdas rictaes, principalmente *Attila*, *Lipaugus* e *Lathria*; outros, como *Rupicola* e *Cephalopterus*, de cristas de penas calidas sobre o bico; outros ainda, como *Procnias*, de exquisitas earunculas sobre a base do bico.

Em certos generos, como *Cotinga*, *Tijuca* e *Pachyrhamphus*, existe profundo dimorphismo sexual que é muito attenuado ou completamente nullo noutros, como em *Lathria*, *Lipaugus*, *Casiornis*, etc.

São aves em geral, de vôo curto e pesado, peculiares ás grandes e espessas mattas. Muitas dellas, como *Procnias* e *Pyroderus*, são frequentadoras das mais altas arvores, o que as torna difficilmente visiveis. Especies menores como as dos generos *Attila*, *Casiornis* e *Pachyrhamphus* frequentam a borda das mattas e descem mesmo até o chão. A alimentação principal consiste em fructos, porém, muitas especies, não desprezam insectos, chegando até algumas a acompanhar os Formicariideos no interior das mattas. Certos Cotiugideos são notaveis pela voz singularmente aguda, como as «Arapongas» (*Procnias*) ou caracteristica como as «Pavós» (*Pyroderus*) e os Anambés (*Cephalopterus*).

Infelizmente, muito pouco se sabe actualmente sobre a nidificação destas aves. Goeldi na sua «Monogr. das Aves do Brasil» descreve um ninho de *Phibalura* e C. Euler no seu trabalho sobre ninhos e ovos de aves brasileiras (Rev. Mus. Paulista, vol. 4), descreve os ninhos e os ovos de *Attila cinerea* e de *Pachyrhamphus viridis* e *P. Cuvieri*. A collecção seriada do Museu Paulista consta

de 316 exemplares provenientes de varios Estados do Brasil e alguns paizes limitrophes. Faltam, porém, 3 generos completos; *Haematoderus*, *Porphyrolaema* e *Calyptra*, e muitas especies e sub-especies da Amazonia.

CHAVE PARA A DETERMINAÇÃO DOS GENEROS BRASILEIROS

- A) A 2.^a phalange do dedo médio é unida ao dedo externo em quasi toda a sua extensão:
 - a) Tarsos fortes; crista muito desenvolvida, cobrindo o bico em quasi toda a sua extensão; bico mais alto que largo *Rupicola*.
 - aa) Tarsos fracos; crista pequena, não cobrindo o bico; este, é mais largo que alto:
 - b) Culmen exposto maior que o gonys; côr fundamental encarnada *Phoenicircus*.
 - bb) Culmen exposto menor que o gonys; côr fundamental amarello-olivaceo *Laniisoma*.
- B) A 2.^a phalange do dedo médio é inteiramente livre:
 - a) Fórmãs grandes (aza com 160 a 250 mm.):
 - b) Sem cerdas rictaes; abertura do bico muito fendida:
 - c) Região auricular e lados do pescoço nus; mento com plumagem abundante; bico de culmen elevado: . . . *Gymnoderus*.
 - cc) Região auricular emplumada; mento quasi desnudo; bico de culmen muito achatado *Procnias*.
 - bb) Com cerdas rictaes bem desenvolvidas; abertura do bico muito menos fendida:
 - d) Pileo com crista; pescoço com pennacho pendente; colorido preto *Cephalopterus*.
 - dd) Pileo sem crista e pescoço sem pennacho; colorido não inteiramente preto:
 - c) Narinas cobertas de pennas; partes inferiores do corpo, cabeça e pescoço vermelho *Haematoderus*.
 - ee) Narinas nús; partes inferiores pretas ou pardas:

- f) Alto da cabeça, lóros e região orbitaria inteiramente nús *Calvifrons*.
- ff) Alto da cabeça, lóros e região orbitaria emplumados:
 - g) Maior, com larga mancha vermelho-alaranjada no peito e pescoço . . . *Pyroderus*.
 - gg) Menor, com larga mancha vinacea no peito e pescoço *Querula*.
- aa) Fórmãs menores (aza com menos de 160 mm.):
 - b) Bico menor (culmen exposto menor ou igual ao dedo médio sem unha); colorido vivo nos machos; sexos em geral dessemelhantes:
 - c) Cauda bifurcada em tesoura *Phibalura*.
 - cc) Cauda curta, menor que a metade do comprimento da aza:
 - d) Bico mais largo (o comprimento do culmen exposto é igual á largura do bico na base) . . . *Iodopleura*.
 - dd) Bico mais estreito (o comprimento do culmen é menor que a largura do bico na base) *Calyptura*.
 - ccc) Cauda mais comprida e truncada, maior que a metade do comprimento da aza:
 - e) Coberteiras das azas rijas e lanceoladas *Xipholaena*.
 - ce) Coberteiras das azas normaes:
 - f) Gonys mais curto, o angulo do gonys é anterior ao limite das narinas:
 - g) Tarsos revestidos de pennas até quasi a metade; bico mais curto e largo; colorido predominante amarello-olivaceo; sexos semelhantes *Ampelion*.
 - gg) Tarsos inteiramente nús; bico mais longo e estreito; machos adultos de côr azul-brilhante e manchados de vinaceo; femeas de colorido sombrio *Cotinga*.

- ff) Gonys mais comprido; o seu angulo é posterior ao limite anterior das narinas; colorido preto nos ♂♂ ad. com remiges amarellas; ♂♂ de colorido amarello-olivaceo . . . *Tijuca*.
- bb) Bico maior (culmen exposto maior que o dedo-médio sem unha) ♂♂ ad. de colorido não vivo; sexos semelhantes ou quasi:
- a) Culmen muito arredondado, sem carena ou quilha distincta; a largura do bico ao nivel das narinas é igual á sua altura:
- c) Região orbital e lóros nús; ♂♂ ad. branco-cinza com cauda e cabeça preta; ♀♀ estriadas . . . *Tityra*.
- cc) Região orbital e lóros emplumados; ♂♂ ad. cinzentos; femeas ferrugineas *Platypsaris*.
- aa) Culmen mais estreito, com carena ou quilha distincta; a largura do bico ao nivel das narinas é maior que a sua altura:
- b) Gonys longo (o seu angulo é anterior ás narinas e o comprimento do culmen excede ao do tarso):
- c) Menor; colorido ferrugineo em ambos os sexos . . . *Attila*.
- cc) Maior; colorido pardo-cinza em ambos os sexos . . . *Lathria*.
- bb) Gonys mais curto, o angulo do gonys não excede o limite anterior das narinas e o comprimento do culmen não excede o do tarso:
- a) Maiores (azas com mais de 95 mm.); colorido cinza-olivaceo em ambos os sexos:
- b) Lado posterior do tarso serrilhado; cerdas rictaes mais abundantes; dedos externos unidos unicamente na base *Lipaugus*.
- bb) Lado posterior do tarso liso; cerdas rictaes menos abundantes; dedos externos unidos na ponta da 2.^a phalange *Laniocera*.
- aa) Menores (azas com menos de 95 mm.):
- b) Colorido dos ♂♂ ad. cinza-ferrugineo nas partes superiores e amarello-citrino nas inferiores; o comprimento do tarso não excede ao da quarta parte da aza *Casiornis*.

- bb) Colorido dos ♂ ♂ cinza preto ou olivaceo amarelado; o comprimento do tarso excede ao da quarta parte da aza *Pachyrhamphus*.

* * *

1) Genero **TITYRA** Vieillot

Tityra VIEILLOT Anal. Ornít. Élém. pag. 39, 1816, typo *Lanius cayana* L.

Aves de regular tamanho munidas de grande e forte bico, de ponta fortemente uncinada e culmen bastante arredondado, com quilha mediana distincta. São desprovidas de certas rictaes, as narinas são expostas e os lóros e a região orbital são nús. As azas são de tamanho moderado, com as 7.^{as} e 8.^{as} primarias mais longas e as 9.^{as} (nos ♂ ♂ ad.) anormaes, muito curtas, estreitas e ponteagudas. A cauda tem largas rectrizes de pontas arredondadas; os tarsos são quasi pycnaspideos, de comprimento igual ao do dedo médio, sem unha e a phalange basal desse dedo é quasi toda adherente ao dedo externo.

Os ♂ ♂ adultos são de coloração cinzento esbranquiçada, com a cabeça, cauda e remiges primarias e secundarias mais ou menos pretas; as ♀ ♀ são em geral semelhantes, porém, em varias especies, são estriadas de cinzento.

Comprehende este genero 4 especies, com varias sub-especies distribuidas por toda a America do Sul e Central, do Paraguay e Brasil Meridional, até o Mexico.

No Brasil, occorrem as seguintes:

A) Lóros nús; ♀ ♀ estriadas de cinzento:

a) Cauda inteiramente preta:

- b) Menor (aza com 0m,123); bico com colorido preto sómente na ponta (Amazonas) . . . *cayana cayana*.

- bb) Maior (aza com 0m,130); bico com colorido preto em quasi toda a extensão (Nordeste, Sudoeste e Sul) *cayana brasiliensis*.

- aa) Cauda cinzento-clara com larga faixa preta:
- b) Maior (aza com 0m,131); bico mais forte (Matto Grosso) *semif. fortis*.
- bb) Menor (aza com 0m,129); bico mais fraco (Norte e Amazonia) *semifasciata semifasciata*.
- B) Lóros emplumados; ♀ ♀ não estriadas:
- a) Base da cauda com larga faixa branca e pontas das rectrizes marginadas de branco:
- b) Com as faces e a região auricular brancas (Norte do Amazonas) *inquisit. albitorques*.
- bb) Com as faces e a região auricular pretas (M. Grosso e Amazonia) *inquisitor pelzeni*.
- aa) Base da cauda quasi inteiramente preta; sem branco nas pontas das rectrizes (Nordeste para o Sul) . . . *inquisitor inquisitor*.
- c) Cauda inteiramente branco-acinzentada . . . *leucura*.

***Tityra cayana cayana* (L.)**

Anambé branco

Lanius cayanus LINNAEUS, Syst. Nat. 12.^a ed., p. 137, 1766 (Cayenna).

Pachyrhynchus cajanus SPIX, Av. Bras., 2, p. 32, pl. 44, fig. I, 1825.

Tityra cayana SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., v. 14, p. 328, 1888 (Guyanas, Amazonia, Colombia, Equador e Venezuela); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., v. I, p. 304, 1907 (Rio Juruá); SNETLAGE, Journ. Ornith., 55, p. 290, 1907 (Pará); idem, Bol. Mus. Goeldi, v. 8, p. 347, 1914 (Pará).

Tityra cayana cayana HELLMAYR, Field Mus. of Nat. Hist., Zool. Séries, v. XIII, pag. 204, 1929 (Guyanas, Venezuela, Colombia e Bolivia).

Descrição: ♂ ♂ ad.: partes superiores branco-acinzentadas; partes inferiores, idem; pileo e nuca pretos; bico avermelhado com a ponta preta; azas com as remiges primarias e parte das secundarias pretas; cauda inteiramente preta; pés quasi pretos.

♀ ♀ ad.: colorido semelhante porém estriadas de cinza no dorso e no peito.

Dimensões: Comprimento da aza 125 mm.; cauda 80 mm.; bico 23 mm.; tarso 23 mm.

Habitat: Guianas e Venezuela; léste da Colombia, Equador, Perú e Bolivia, Brasil (Amazonas e Pará).

Museu Paulista: Ns. 3.442 ♂, Amazonas, Rio Juruá, 1902; 3.443 ♀, idem; 3.444, idem; 9.811, Amazonas; 10.087 ♂, Pará, Val-de-Caus, 1920.

***Tityra cayana brasiliensis* (Swainson)**

Araponguira, Canjica

Psaris brasiliensis SWAINSON, Anim. Menag., pag. 286, 1873 (N. do Brasil);

Pachyrhynchus cajanus SPIN, Av. Bras., 2, pag. 32, 1825 (Piauí);

Tityra brasiliensis SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, pag. 329, 1888 (Pernambuco, Bahia, Rio, S. Paulo, R. G. do Sul); IHERING & IHERING Cat. Fauna Bras., I, p. 305, 1907 (S. Paulo e R. G. do Sul); LIMA, Rev. Mus. Paul., XII, pag. 100, 1920;

Tityra cayana brasiliensis HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XII, pag. 336, 1929 (Piauí); idem, vol. XIII, 1929 (Bahia, S. Paulo, Argentina e Paraguay); O. PINTO, Rev. Mus. Paul., t. XVII, 1932 (S. Paulo); NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. LX, pag. 302, 1930 (M. Grosso).

Descrição: ♂ ♂ ad. bem semelhantes aos precedentes, porém maiores e com o bico quasi todo preto, excepto na região basal que é avermelhado; ♀ ♀ ad., idem.

Dimensões: Comprimento da aza 130 mm.; cauda 83 mm.; bico 25 mm.; tarso 25 mm.

Habitat: Do Nordeste do Brasil até o R. G. Sul, M. Grosso, Paraguay e Norte da Argentina.

Mus. Paulista: Ns. 590 ♂, R. G. Sul, Novo Hamburgo, 1898; 1.134 ♀, S. Paulo, Jaboticabal, 1900; 2.967 ♂, S. Paulo, S. Carlos, 1898; 3.171, S. Paulo, Franca, 1902; 5.028 ♂, S. Paulo, Itapura, 1904; 5.029 ♀, idem; 7.744 ♂, Minas, T. Ottoni, 1908; 5.819 ♂, S. Paulo, Rio Feio, 1905; 8.032 ♂, S. Paulo, Franca, 1910; 8.193 ♀, S. Paulo, Ituverava, 1911; 9.059 ♂, R. G. Sul, 1915; 9.060 ♂, R. G. Sul, Novo Württemberg, 1915; 9.866 ♀, S. Paulo, V. Olympia, 1916; 10.078 ♀, M. Grosso, Corumbá, 1917; 10.279 ♂, Bahia, Itabúna, 1919; 11.888 ♂, S. Paulo, Ilha Queimada, 1920; 12.549 ♂, S. Paulo, Valparaíso, 1931; 14.290 ♂, Bahia, Rio Gongogy, 1932.

***Tityra semifasciata semifasciata* (Spix)**

Pachyrhynchus semifasciatus SPIX, Av. Bras., 2, pag. 32, pl. 44, fig. 2, 1825 (Pará).

Tityra semifasciata PELZELN, Ornith. Bras., 2, pag. 119, 1868 (Amazonas). SCLATER, Cat. Brit. Mus., 14, pag. 330, 1883 (Equador, Perú e Pará); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, pag. 348, 1914 (Pará e Maranhão).

Tityra semifasciata semifasciata HELLMAYR, Field Mus. Nat., Hist., Zool. Ser., v. XIII, p. 208, 1929 (Rio Madeira); NAUMBURG Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. IX, 1929 (M. Grosso).

Descrição: ♂♂ ad.; colorido geral cinzento muito claro; lados da cabeça, mento e vertex, pretos; azas com remiges primárias e secundárias internas, pretas; cauda branca com larga faixa preta; bico com a base avermelhada e a metade apical ennegrecida; pés negros; ♀♀ ad.; colorido geral mais sombrio e cabeça cinza pardacenta.

Dimensões: Comprimento da asa 128 mm.; cauda 78 mm.; bico 25 mm.; tarso, 24 mm.

Habitat: Do N. do Maranhão, por toda a Amazonia até o Perú e a Colômbia.

Museu Paulista: Ns. 10.797 ♂ Pará, Santarém, 1920; 10.798 ♂ idem; 10.799 ♂, juv., Pará, Obidos, 1920; 10.800 ♂, idem; 11.877 ♂, idem.

***Tityra semifasciata fortis* Berl. & Stolz.**

Tityra semifasciata fortis BERLESPSCH & STOLZMANN, P. Z. S. London, 1896, p. 369, 1896 (Perú); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., v. XIII, pag. 210 (Perú).

Tityra semifasciata SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 330, 1888 (Bolivia).

Muito semelhante á *T. semifasciata semifasciata*, porém é maior (aza 130 mm.; cauda 80 mm.; tarso 25 mm.), e tem o bico mais forte.

Habitat: Sudeste e Centro do Perú, Bolivia Oriental e Septentrional; Matto Grosso (limites com a Bolivia).

Museu Paulista: N. 7.816 ♂ Perú, Chuchumayo, 1904.

***Tityra inquisitor inquisitor* (Lichtenstein)**

Lanius inquisitor LICHTENSTEIN, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 50, 1823 (S. Paulo).

Tityra (Erator) inquisitrix PELZ., Orn. Bras., 2, p. 120, 1868 (Est. S. Paulo).

Tityra inquisitor. SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, pag. 331, 1888 (R. G. Sul); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 211, 1899 (Rio, S. Paulo); IHERING, & IHERING, Cat. Faun. Bras., I, p. 305, 1907 (S. Paulo, Santa Catharina, Espirito Santo).

Tityra inquisitor inquisitor HELLMAYR, Field Mus. of Nat., Hist., v. XII, p. 336; 1929 (Piauhy); idem, vol. XIII, 1929 (Bahia, Espirito Santo, Santa Catharina e Argentina).

Descrip.: ♂♂ ad.: partes superiores, branco acinzentadas, cabeça preta; azas, menos as secundarias externas, pretas; cauda, excepto na base, preta; partes inferiores brancas acinzentadas; ventre, branco; bico e pés, pretos ♀♀ semelhantes, porém, com a fronte e região auricular, partes; dorso estriado.

Dimens.: Comprimento da aza 110 mm.; cauda 67 mm.; bico 22 mm.; tarso 20 mm.

Hab.: De Santa Catharina até o Piauhy; Paraguay e N. da Argentina.

***Tityria inquisitor pelzelni* Salv. e God**

Tityra pelzelni SALVIN e GODMAN, Biol. Centr. Am., Av., 2, p. 120, 1890 (M. Grosso); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 306, 1907 (M. Grosso).

Tityra albitorques PELZELN, Ornith. Bras., 2, p. 120, 1868 (M. Grosso); SCLATER, Cat. Brit. Mus., 14, p. 332, 1888 (M. Grosso).

Tityra erythrogenys SNETHILAGE, Bol. Mus. Goeldi, v. VIII, p. 348, 1914 (Pará).

Tityra inquisitor pelzelni HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser., XII, p. 338, 1929 (Maranhão); idem, v. XIII, p. 218, 1929 (Maranhão).

Erator inquisitor pelzelni NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. LX, p. 304, 1930 (M. Grosso).

Bem semelhante á precedente, porém menor e com maior extensão branca na base da cauda. Frequentemente tem a margem apical da cauda distintamente branca. Esse caracter porém, ás vezes, falta em ambos os sexos.

Dimens.: Comprimento da aza 108 mm.; cauda 65 mm.; bico 20 mm.; tarso 19 mm.

Mus. Paul.: 10.079 ♂, Matto Grosso: S. Luiz de Cáceres, 1917.

Hab.: Maranhão, Pará, Amazonas, Matto Grosso, Bolívia.

***Tityria inquisitor albitorques* Dabus**

Tityra albitorques DABUS, Bull. Ac. Roy. Belg., 14, p. 2, p. 104, 1847 (Perú); PELZELN, Ornith. Bras., 2, p. 120, 1868 (Amazonas). SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 332, 1888 (Equador, Colombia); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil, I, p. 305 (Colombia); *Erator albitorques*, RIDGWAY, Bull. U. S. Nat. Mus., 50, p. IV, p. 863, 1907.

Tityra inquisitor albitorques HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser., XII, p. 222, 1929.

Differe de *T. inquistor pelzelni* em ter as faces e a região auricular brancas; a cauda em ambos os sexos é muito mais branca na base e na ponta das rectrizes.

As dimensões são as mesmas.

Hab.: Norte do Amazonas; regiões orientaes do Equador, Perú e Colombia até o Panamá.

Mus. Paul.: 5.246 ♂, Colombia, Bogotá, 1905; 5.247 ♀, idem.

***Tityra leucura* Pelzel**

Tityra (Erator) leucura PELZELN, Ornith. Bras., 2, p. 183, 1863 (Rio Madeira).

Tityra leucura HELLMAYR, Nov. Zool., 17, p. 132, 1910; idem, Field Mus. Nat. Hist., v. XIII, p. 225, 1929; IHERING & IHERING, Cat. F. Bras. I, p. 306, 197.

Erator leucura NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. XL, p. 307, 1930.

Descrip.: Semelhante á *T. inquistor albitorques*, porém é mais cinzenta escura no peito e no dorso e a cauda é inteiramente branca-acinzentada, com ligeiras listras pretas na face interna das rectrizes mais externas.

E' bem menor que as precedentes.

Hab.: E' conhecido apenas um exemplar do Museu de Vienna colleccionado no Rio Madeira (Matto Grosso), por Natterer em 1826.

2) Genero: **PLATYPSARIS** Sclater

Platypsaris SCLATER, P. Z. S. London, 25, p. 72, 1857; typo *Pachyrhynchus aglaiae*.

Hadrostromus CABANIS e HEINE, Mus. Hein, 2, p. 84, 1854; typo *Tityra atricapilla* de Vieillot.

Aves bem menores que as precedentes, de colorido geral sombrio nos machos e ferrugineo nas femeas. A 2.^a phalange do dedo externo é inteiramente livre e o tarso é quasi taxaspideo. O bico é forte e de largura

quasi igual á altura; o culmen é quasi recto até a ponta, que é ligeiramente uncinada. Poucas cerdas rictaes; narinas expostas; azas de tamanho moderado, com as 6.^{as}, 7.^{as} e 8.^{as} remiges primarias mais longas. Cauda com a ponta distinctamente arredondada. Constitue fórma intermediaria entre *Tityra* e *Pachyrhamphus* e a sua distribuição é a mesma, exceptuando-se uma especie que ocorre nas Antilhas.

No Brasil occorrem apenas 2 especies:

- A) Maior (aza com 0m,12); ♂♂ com o dorso preto-fuliginoso; partes inferiores inteiramente cinnamomeas; ♀♀ ferrugineas com pileo cinzento *rufus*.
- B) Menor (aza com 0m,095); ♂♂ com uma faixa rosea na região cervical; ♀♀ ferrugineas com pileo ferrugineo . . . *minor*.

***Platypsaris rufus rufus* (Vieillot)**

Canelleiro

Tityra rufa VIEILLOT. Nouv. Dict. Hist. Nat., 3, p. 347, 1816 (Paraguay).

Pachyrhynchus cinerascens SPIN, Av. Bras., 2, p. 34, pl. 46, fig. 1 1825.

Hadrostomus atricapillus PELZEN, Ornith. Bras., 2, p. 120, 1868 (Rio de Janeiro, S. Paulo, Goyaz e Paraná); SCLATER. Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 333, 1888 (R. G. Sul e Bahia); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 211, 1899, (E. S. Paulo).

Hadrostomus rufus IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 306, 1907 (S. Paulo, E. Santo, Bahia).

Platypsaris rufus rufus HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 339, 1929 (Piauhy e Ceará); idem, vol. XII, p. 194, 1929 (Piauhy, Ceará e Bahia); NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. XL, p. 306, 1930.

Descrição: ♂♂ adultos: colorido geral cinza-escuro fuliginoso; cabeça preta; dorso quasi preto com a base das escapulares branca; cauda cinza-escuro; garganta, peito e abdomen cinnamomeos; bico e pés plumbeos; ♀♀ adultas: partes superiores ferrugineas; cabeça cinzenta; partes inferiores cinnamomeas.

Dimensões: Comprimento da aza 102 mm.; cauda 72 mm.; bico 17 mm.; tarso 16 mm.

Hab.: Norte da Argentina, Bolívia; Brasil, do Piauí até Mato Grosso e o R. G. do Sul.

Mus. Paul.: 2.969 ♀, S. Paulo: Piquete, 1896; 2.970 Bahia, 1898; 2.969 ♂♂, S. Paulo, Iguape, 1893; 4.622 ♂ j., S. Paulo: Barretos, 1904; 5.017 ♂, S. Paulo: Itapura, 1904; 5.021 ♂, S. Paulo: Itapura, 1904; 5.024 ♂ j., São Paulo: Itapura, 1904; 5.025 ♀, S. Paulo: Itapura, 1904; 5.422 ♀, S. Paulo: Ubatuba, 1903; 5.423 ♂, S. Paulo, Ubatuba, 1905; 6.312 ♀, E. Santo, Rio Doce, 1906; 7.459 ♂, Bahia, V. Nova, 1908; 7.640 ♂, Bahia, Cidade da Barra, 1908; 7.461 ♂, Bahia, V. Nova, 1908; 7.462 ♀, Bahia, Cidade da Barra, 1908; 7.465 ♀, Bahia, V. Nova, 1908; 8.033 ♂, S. Paulo, Franca, 1910; 8.197 ♀, S. Paulo, Ituverava, 1911; 10.955 ♀, S. Paulo, Itatiba, 1922; 11.316 ♀, S. Paulo, Presid. Epitácio, 1926; 14.294 ♀, Bahia, Rio Gongogy, 1932; 14.382 ♂, S. Paulo, Rio Mogy-Guassú, 1933; 14.447 ♂, S. Paulo, Itatiba, 1933.

***Platysaris minor* (Lesson)**

Querula minor LESSON, Traité d'Orn., l. 5, p. 363, 1830 (Cayenna).

Hadrostomus minor PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 120, 1868 (M. Grosso); SCLATER, Cat. B. Britis Mus., 14, p. 337, 1888 (Guyanas, Colombia, Equador, Pará); IHERING & IHERING Cat. F. Brasil., 1, p. 307, 1907.

Platysaris minor SNETHILAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 349, 1914 (Pará); idem, Bol. Mus. Nac. Rio Janeiro, 2, n. 6, p. 63, 1926 (Maranhão); HELLMAYR, Field Mus. of Nat. Hist., v. XII, 1929; idem, v. XIII, pg. 197; 1929.

Descrip.: ♂♂ adultos: partes superiores pretas; uropygio, azas e cauda mais claras; partes inferiores cinza-escuro; uma faixa rosea no peito; bico e pés pretos; ♀♀ adultas: partes superiores ferrugineas; uropy-

gio, cauda e parte da aza castanhos; partes inferiores cinnamomeas.

Dimensões: Comprimento da aza 95 mm.; cauda 70 mm.; bico 19 mm.; tarso 19 mm.

Hab.: Do Norte do Maranhão, por toda a Amazonia até a Colombia, Equador, Perú, Norte da Bolivia e Matto Grosso.

Museu Paulista: 2.535 ♀, Equador, 1909.

3) Genero: **PACHYRHAMPHUS** Gray

Pachyrhampus GRAY, List. Gen. Birds, p. 31, 1840, typo *Psaris cuyleri* Swainson.

Pequenas aves de bico relativamente curto e largo (a sua largura na bórda posterior das narinas é muito maior que a altura); culmen com quilha distincta, quasi recto em todo o seu comprimento e com a ponta fracamente uncinada. Cerdas rictaes bem desenvolvidas. Azas de tamanho moderado sendo que os ♂♂ adultos têm a 9.^a primaria abreviada e com a ponta sub-falcada. A cauda é mais ou menos arredondada e as rectrizes são largas e com a ponta subacuminada. O tarso é quasi taxaspideo sendo menor que o dedo médio com unha. O colorido dos machos adultos varia desde o preto e o cinzento até o verde e o amarello. As femeas são ferrugineas. Comprehende umas 20 especies distribuidas pela America do Sul e Central.

No Brasil, occorrem as seguintes especies e subespecies.

A) Colorido geral pardo-ferrugineo em ambos os sexos:

a) Partes superiores e cabeça de colorido mais escuro (Amazonas) *castaneus saturatus*.

aa) Partes superiores e cabeça de colorido mais claro (Brasil Central e Meridional) *castaneus castaneus*.

B) Colorido geral dos ♂♂ cinzento e das ♀♀ ferrugineo: *rufus*.

- C) Colorido geral dos ♂♂ preto-cinereo e das ♀♀ amarelado-olivaceo:
- a) Fronte e lóros brancos:
 - b) Muito maior (aza com 0m,076) (Norte até S. Paulo) *marginatus marginatus*.
 - bb) Muito menor (aza com 0m,069) (Norte até Amazonia) *marginatus nanus*.
 - aa) Fronte e lóros pretos:
 - b) Partes inferiores cinereas:
 - c) Maior (aza com 0m,083) (Brasil Meridional *polychropterus spixii*.
 - ec) Menores (aza com menos de 0m,083):
 - d) Colorido cinereo; ventre e dorso muito mais claro (Nordeste) *polychropterus polychropterus*.
 - dd) Colorido cinereo; ventre e dorso muito mais escuro:
 - e) Partes superiores e inferiores quasi inteiramente pretas: (Rio Madeira e Negro) *polychropterus niger*.
 - ee) Partes superiores e inferiores cinzentas (Rio Negro e Tapajóz) *polychropterus tristis*.
 - bb) Partes inferiores branco-puro *surinamus*.

D) Colorido geral amarello-olivaceo em ambos os sexos; ♂♂ com pileo preto: *viridis viridis*.

***Pachyrhamphus viridis* (Vieillot)**

Tityra viridis VIEILLOT, Nouv. Dict. Hist. Nat., 3, p. 348, 1816 (Paraguay).

Pachyrhynchus cuvieri SPIX, Av. Bras., 2, p. 33, p. 45, fig. 2, 1825.

Pachyrhamphus viridis SCLATER, Cat. Brit. Mus., 14, p. 338, 1888 (Pernambuco, Bahia, Rio, S. Paulo); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 307, 1907 (S. Paulo, E. Santo, Bahia); SNETHLAGE, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, 2, n. 6, p. 52, 1926 (Ilha de Marajó).

Pachyrhamphus viridis cuvieri HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Séries, XII, p. 340, 1929 (Piauhy e Ceará); NAUMBURG,

Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. XL, 1929 (M. Grosso); O. PINTO, Rev. Mus. Paul., t. XVII, 1932 (M. Grosso).

Pachyrhamphus viridis viridis HELLMAYR, Field Mus. of Nat. Hist., v. XIII, pag. 164; 1929 (Piauíhy, Ceará, Bahia).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores verdes; pileo preto; azas e cauda escuras marginadas de verde; lados da cabeça e parte do pescoço cinzentos; fronte e lóros brancos; abdomen e garganta brancos; peito amarello-claro; bico e pés plumbeos; ♀♀ semelhantes, porém com as coberteiras superiores pardas e o pileo da mesma côr do dorso.

Dimensões: Comprimento da aza 75 mm.; cauda 60 mm.; bico, 15 mm.; tarso, 15 mm.

Hab.: Norte da Argentina, Paraguay e Matto Grosso; Rio Grande do Sul até a ilha de Marajó.

Museu Paulista: N.º 2.976 ♂, Bahia, 1898; 2.977 ♀, S. Paulo, Iporanga; 4.224 ♂, S. Paulo, Itararé, 1903; 4.620 ♂ S. Paulo; Bebedouro, 1904; 6.310 ♂, Espirito Santo, 1906; 6.704 ♀ Espirito Santo, Rio Doce, 1906; 7.458 ♂, Bahia, Cd. da Barra, 1908; 8.217 ♀, S. Paulo, Ituverava, 1911; 13.273 ♂, M. Grosso, Miranda, 1930; 12.459 ♂, M. Grosso, Aquidauna, 1931; 14.299 ♂, Bahia, Corupéba, 1933.

***Pachyrhamphus surinamus* (L.)**

Muscicapa surinama LINNAEUS, Syst. Nat. 12.^a ed., I, p. 325, 1766 (Surinam).

Pachyrhamphus surinamus PELZELN, Orn., 2, p. 120 (Cayenna); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 340, 1888 (Cayenna); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., v. XIII, pag. 168; 1929.

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores preto-brilhante, com largas manchas brancas dos lados do dorso; partes inferiores, brancas; coberteiras inferiores das azas e ponta das rectrizes, brancas; bico plumbeo e pés pretos;

as ♀♀ têm a cabeça e as margens externas das azas, ferrugineas; o dorso superior cinereo e o inferior, branco.

Hab.: Guianas e Pará.

***Pachyrhamphus rufus* (Boddaert)**

Muscicapa rufa BODDAERT, Tabl. Pl. Enl., p. 27, 1783 (Cayenna).

Pachyrhynchus rufescens SPIX, Av. Bras., 2, p. 34, pl. 46, fig. 2, 1825 (Pará).

Pachyrhamphus cinereus PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 121, 1868 (Pará); SCIATER, Cat. Mus. Brit., 14, p. 341, 1888, (Panamá, Colombia, Guianas e Pará); SNETLAGE; Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 349, 1914 (Pará).

Pachyrhamphus rufus IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 307, 1907 (Pará); HELLMAYR, Field Mus. of Nat. Hist., v. XIII, p. 169, 1929 (Colombia, Venezuela, Amazonas).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores cinzentas; alto da cabeça preto; fronte e lóros brancos; azas pretas, com a margem das secundárias brancas; partes inferiores brancas e acinzentadas; cauda cinzento-escura com a margem das rectrizes brancas; bico plumbeo; pés pretos; ♀♀, partes superiores castanhas; remiges enegrecidas; partes inferiores cinzameas.

Dimensões: Comprimento da aza 70 mm.; cauda 50 mm. bico 12 mm.; tarso 19 mm.

Hab.: Panamá, Colombia, Venezuela e Amazonia.

Mus. Paul.: 2.525, Am. do Sul, 1902; 2.783 ♂, Amazonas; Rio Juruá, 1902; 2.974 ♂, Bahia, 1898; 3.385 ♀, Pará, Santarém, 1903; 10.390 ♀, Pará, Lagôa Grande, 1920.

***Pachyrhamphus castaneus castaneus* (Jardine e Selby)**

Tityra castanea JARDINE e SELBY, Illust. Orn., 1, pl. 10, fig. 2, 1827 (Brasil).

Pachyrhamphus rufescens PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 122, 1868 (S. Paulo e Paraná).

- Pachyrhamphus rufus* SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 343 1888 (S. Paulo e Paraná).
- Pachyrhamphus castaneus* IHER. & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 307, 1907 (S. Paulo, Espírito Santo, Bahia).
- Platyptaris castaneus* O. PINTO, Rev. Mus. Paul., tom. XVII, p. 87, 1931 (S. Paulo).
- Pachyrhamphus castaneus castaneus* HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser. v. XIII, p. 172, 1929 (Argentina).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores castanhas; pileo, castanho escuro: região auricular e nuca, cinzentos; partes inferiores cinnamomeas; cauda castanho-pandacenta; bico plumbeo; ♀♀ semelhantes, porém sem 2.^a remige primaria modificada.

Dimens.: Comprimento da aza 85 mm.; cauda 62 mm.; bico 12 mm.; tarso 18 mm.

Hab.: Argentina, Paraguay, Brasil Meridional e Central até o Sul da Bahia.

Mus. Paul.: 103 ♀, S. Paulo, Iguape, 1897; 547 ♂ S. Paulo, Itatiba, 1899; 2.974 ♂, Bahia, 1898; 2.011 ♂ S. Paulo, Baurú, 1901; 3.975 ♂, S. Paulo, Piquete, 1896; 4.225 ♀, S. Paulo, Itararé, 1903; 4.228 ♂, idem; 5.425, S. Paulo, Ubatuba, 1905; 6.311 ♀, Espírito Santo, 1906; 7.453 ♂ Bahia, Villa Nova, 1908; 7.454 ♂, idem; 7.455 ♀, idem; 8.683 ♂, Paraná, Castro, 1914; 12.518 ♂, S. Paulo, Valparaizo, 1931.

***Pachyrhamphus castaneus saturatus* Chapman**

- P. castaneus saturatus* CHAPMAN, Bull. Am. Mus. Nat. Hist. 33, p. 628, 1914 (Colombia).
- Pachyrhamphus rufus* (não de Boddaert) SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 343, 1888 (Equador); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., p. 307, 1907 (Amazonas).
- Pachyrhamphus castaneus* SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 350, 1914 (Pará).

Differe da precedente especie em ser de tamanho menor e mais escuro no dorso e na cabeça, ao passo que é mais claro nas partes inferiores.

Hab.: Colombia, Equador, Perú e Amazonia.

***Pachyrhamphus polychropterus polychropterus* (Vieillot)**

Canelleirinho

Platyrhynchus polychropterus VIEILLOT, Nouv. Dict. Hist., Nat., 27 p. 10, 1818 (Bahia?).

Pachyrhamphus polychropterus SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 345. 1888 (Bahia); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 308, 1907 (Bahia).

Pachyrhamphus polychropterus polychropterus HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Pub., Zool. Ser., 12, p. 341, 1929 (Maranhão e Piauí); idem, vol. XIII, p. 179, 1929, (Bahia, Piauí e Maranhão).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores pretas; cabeça preta com brilho metálico no pileo; uropygio cinereo; azas pretas manchadas de branco; cauda preta com a ponta das rectrizes brancas; partes inferiores cinzentas; bico plumbeo; pés pretos; ♀♀ adultas de colorido geral olivaceo; dorso e azas pardacentas; abdomen, peito e garganta cinnamomea.

Dimens.: Comprimento da aza 76 mm.; cauda 57 mm.; bico 12 mm.; tarso 15 mm.

Habit.: Nordeste do Brasil, Norte da Bahia ao Sul do Maranhão.

Mus. Paul.: 2.973 ♂, Bahia, 1898; 2.978 ♂, idem.

***Pachyrhamphus polychropterus spixii* (Swainson)**

Pachyrhynchus spixii SWAINSON, Anim. Menag., p. 289, 1837 (Brasil?).

Pachyrhamphus polychropterus (não de Vieillot) PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 121, 1868 (S. Paulo, Rio de Janeiro, Paraná,

Goyaz, M. Grosso); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 345, 1888 (Argentina, S. Paulo e R. G. Sul); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 308, 1907 (S. Paulo).

Pachyrhamphus polychropterus notius NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., p. 308, 1929 (M. Grosso).

Pachyrhamphus polychropterus spixii HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, pag. 177; 1929 (Argentina).

Bem maior que o precedente (aza 80 mm.; cauda 60 mm.); os ♂♂ adultos têm o dorso muito mais preto e as partes inferiores mais escuras.

Hab.: Norte da Argentina, Uruguay e Paraguay; Brasil, do Rio Grande do Sul até Matto Grosso e o Sul de Minas.

Mus. Paul.: 546 ♂, E. S. Paulo; Itatiba, 1889; 1.206 ♀, E. São Paulo, S. Sebastião, 1900; 1.694 ♀, S. S. Paulo, Rincão, 1901; 2.971 ♀, E. S. Paulo, Iporanga; 2.972 ♂ E. São Paulo, Iguape; 4.408 ♂ j., E. S. Paulo, Tietê, 1904; 4.841 ♀, S. Paulo, Alto da Serra, 1904; 5.426 ♂, E. S. Paulo, Ubatuba, 1905; 5.427 ♂, E. S. Paulo, Ubatuba, 1905; 5.428 ♂, E. S. Paulo, Ubatuba, 1905; 5.026 ♀, São Paulo, Itapura, 1904; 5.430 ♀, E. S. Paulo, Ubatuba, 1905; 6.305 ♂, Espírito Santo, 1906; 8.800 ♂, São Paulo, Ypiranga, 1912; 9.067 ♂ Rio Grande do Sul 1915; 9.068 ♀, Rio Grande do Sul, 1915; 9.069 ♂, Rio Grande do Sul, 1915; 11.817 ♀, E. S. Paulo, Ubatuba; 11.992 ♀, E. S. Paulo, Serra da Boacaina, 1924.

***Pachyrhamphus polychropterus niger* (Spix)**

Pachyrhynchus niger SPIX, Av. Bras., 2, p. p. 33, p. 45, fig. I, 1825. 1825.

Pachyrhamphus niger SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 343, 1888 (Equador); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 308, 1907 (Equador); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 350, 1914 (Pará).

Pachyrhamphus polychropterus niger HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zoology, vol. XIII, pag. 180; 1929 (Perú); NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. XL, p. 308, 1930 (Matto Grosso).

Descrição: ♂♂, adultos: partes superiores pretas; alto da cabeça preto, com brilho metálico; azas e cauda, pretas; coberteiras superiores das azas, marginadas de branco; partes inferiores cinzento-fuliginosas; bico e pés, plumbeos; ♀♀ adultas: partes superiores oliváceas; azas e cauda pintadas de ferrugineo muito elaro; partes inferiores amareladas e cinamomeas.

Dimensões: Comprimento da aza 78 mm.; cauda 60 mm.; bico 26 mm.; tarso 16 mm.

Hab.: Perú, Equador e Colombia; Brasil, Amazonia.

Mus. Paul.: N. 2.547, Equador, 1902.

***Pachyrhamphus polychropterus tristis* (Kaup)**

Psaris marginatus tristis KAUP, P. Z. S. London, 19, p. 48, 1852.

Pachyrhamphus polychropterus (não de Vieillot) PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 121, 1868 (Amazonas).

Pachyrhamphus niger SOLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 343, 1888 (Colombia, Venezuela, Guyana Inglesa, Pará); IHERING & IMBONG, Cat. F. Bras., I, p. 308, 1907; SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 350, 1914 (Pará).

Pachyrhamphus polychropterus tristis HELLMAYR, Field. Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, p. 181, 1929 (Venezuela e Amazonas).

Differe de *P. polychropterus niger* em ser bem mais elaro nas partes inferiores, principalmente no abdomen. As dimensões são as mesmas.

Hab.: Guyanas, Colombia e Venezuela; Amazonia e Maranhão.

***Pachyrhamphus marginatus marginatus* (Lichtenstein)**

Todus marginatus LICHTENSTEIN, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 51, 1823 (Bahia).

Pachyrhamphus atricapillus PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 121, 1868 (Rio de Janeiro); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 347, 1888 (Bahia); IHERING & IHERING Cat. F. Bras. I, p. 308, 1907 (Bahia e Espírito Santo).

Pachyrhamphus marginatus NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. XL, p. 309, 1930 (Matto Grosso).

Pachyrhamphus marginatus marginatus HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Scr., v. XIII, pag. 186; 1929.

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores cinereas; dorso manchado de preto; cabeça preta, com reflexos metálicos; fronte e lóros brancos; azas pretas, com remiges marginadas de branco; cauda preta, com a ponta das rectrizes brancas; partes inferiores brancas e acinzentadas; peito cinzento, garganta esbranquiçada; cristo e abdomen, brancos; bico plumbeo e pés pretos; ♀♀ adultas: partes superiores olivaceas; cabeça pardacenta; azas escuras, marginadas de ferrugineo-claro; cauda quasi preta, com a ponta das rectrizes pardas; partes inferiores, amarelo-cinnamomeas.

Dimensões: Comprimento da aza 70 mm.; cauda 55 mm.; bico 12 mm.; tarso 15 mm.

Hab.: Littoral do Brasil, de Pernambuco até o Sul do Estado de S. Paulo; Matto Grosso (?).

Mus. Paul.: N. 6.173 ♂ juv., Espírito Santo, 1905; 6.307 ♀, idem; 6.309 ♀, idem; 7.456 ♂, Bahia, V. Nova, 1908; 7.457 ♀, idem; 10.290 ♂ juv., Bahia, Itabúna, 1919; 11.820 ♀ Espírito Santo, 1906.

***Pachyrhamphus marginatus nanus* Bangs e Penard**

Pachyrhamphus marginatus nanus BANGS e PENARD, Bull. Mus. Comp. Zool., 64, p. 395, 1921 (Perú).

Pachyrhamphus marginatus SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 350, 1914 (Pará e Maranhão).

Pachyrhamphus atricapillus (não de Gmelin) PELZELN, Orn. Bras. 2, p. 121, 1868 (Amazonas); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 347, 1888 (Guyanas, Venezuela, Perú).

Pachyrhamphus marginatus nanus, HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser., v. XIII, pag. 187; 1929 (Maranhão); idem, v. XIII, 1929.

É bem semelhante ao precedente, porém menor (aza com 63 mm. a 69 mm.), e está distribuído pelas Guianas, Venezuela e partes orientais da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. No Brasil, ocorre na Amazônia até o Norte do Maranhão.

Museu Paulista: Ns. 10.815 ♂, Pará, Obidos, 1920; 10.816 ♂, idem; 10.817, idem.

4) Genero: **LIPAUGUS** (Boie)

Lipaugus BOIE, Isis, 21, p. 318, 1828, typo *Muscicapa plumbea* Lichtenstein.

Lathria SWAINSON, Classif. Birds, 2, p. 255, 1837, typo *Ampelis cinerea* Vieillot.

Compreende este genero aves grandes, de colorido sombrio. O tarso é de escutellação tipicamente pycnaspidea e o seu comprimento é igual ao do dedo médio com unha ou ao comprimento do culmen exposto. A phalange basal do dedo médio adhire parcialmente ao dedo externo. O bico é muito mais curto que a cabeça, sendo um tanto largo na base, o seu culmen é bem encurvado, tendo quilha mediana bastante distincta e a ponta fortemente uncinada. Possuem cerdas rictaes e as narinas completamente expostas e de fórma mais ou menos oval. Azas de tamanho moderado, com as 7.^{as} e 8.^{as} primarias mais longas. Cauda quasi tão longa quanto a aza com as rectrizes largas e de ponta arredondada.

Este genero ocorre na America do Sul, desde o Brasil Meridional até o Norte do Panamá.

No Brasil, sómente 2 especies:

- A) Maior (aza com 135 mm.), colorido geral, cinza-pardacento; ventre escuro; cauda e azas pardacentas *lanioides*.
- B) Menor: (aza com 124 mm.); colorido geral, cinza-plumbeo; ventre claro; cauda e azas cinereas *cinerascens*.

***Lipaugus cineraceus* (Vieillot)**

Ampelis cinerea VIEILLOT, Nouv. Dict. Hist. Nat. 8, p. 162, 1817, (Guyana).

Lathria cinerea SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 352, 1888 (Guyanas, Equador, Pará); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 309, 1907 (Amazonas); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 351, 1914 (Pará e Maranhão).

Lathria plumbea SCLATER, Cat. B. Mus., 14, p. 351, 1888 (Bahia).

Lipaugus plumbeus PEZELN, Orn. Bras., 2, p. 122, 1868 (Amazonas e Matto Grosso).

Lathria cineracea cineracea, HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 342, 1929 (Maranhão); NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. XL, p. 310, 1930 (Matto Grosso).

Lipaugus cineraceus HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., v. XIII, 1929 (Guyanas, Perú, Amazonas, Pará e Maranhão).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores cinereas; azas e cauda cinza escuro; partes inferiores também cinereas, porém muito mais claras, principalmente na garganta e no abdomen; bico e pés, plumbeos; ♀♀ adultas semelhantes, porém com as remiges secundarias pardacentas.

Dimensões: Comprimento da aza 128 mm.; cauda 120 mm.; bico 20 mm.; tarso 20 mm.

Hab.: Guyanas, Colombia e Venezuela; Brasil, do Amazonas até o Norte de Matto Grosso e do Pará até o Sul da Bahia.

Museu Paulista Ns. 2.257 ♂, Amazonas, Rio Juruá, 1901; 2.666 ♂, idem; 3.438 ♂ juv., idem; 10.295 ♂, Bahia, Ilhéus, 1919; 10.296 ♀, Bahia, Itabuna, 1919; 10.297, Bahia, Ilhéus; 12.020 ♂, Pará, Murutucú, 1924; 14.291 ♂ Bahia, Serra do Palhão, 1932; 14.292 ♀ Bahia, Rio Jucurucú, 1933.

***Lipaugus lanioides* (Lesson)**

Sabiá-do-matto-grosso, Virussú, Sabiá-tropeiro, Sebastião.

Turdampelis lanioides LESSON, Ec. Mond. Sav., 11, n. 7, p. 156, 1844 (Brasil).

Lipaugus virussu PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 122, 1868 (E. São Paulo).

Lathia virussu SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 351, 1888 (R. G. do Sul); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 213, 1899 (E. Rio de Janeiro); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 308, 1907 (E. S. Paulo e Minas Geraes).

Lipaugus lanioides HELLMAYR, Field. Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., v. XIII, p. 159, 1929 (S. Paulo e Santa Catharina).

Descrição: Partes superiores cinzentas e pardacentas; azas e cauda quasi pardo-escuras; dorso e cabeça cinza-escuro; partes inferiores mais claras; garganta estriada de branco; ventre e crísso, pardacentos; bico e pés, pardo-escuro. As fêmeas são inteiramente semelhantes.

Dimensões: Comprimento da aza 135 mm.; cauda 126 mm.; bico 21 mm.; tarso 22 mm.

Hab.: Do Sul de Minas Geraes e Espirito Santo até Santa Catharina.

Muscu Paulista: Ns. 511 ♂, S. Paulo, Iguape, 1897 3.767, Brasil; 6.048, Minas, Marianna, 1906; 8.034 ♂, S. Paulo, Franca, 1910.

5) Genero: LANIOCERA Lesson

Laniocera LESSON, Rev. Zool., 3, p. 353, 1840, typo *Laniocera sanguinaria* LESSON = *Ampelis hypopyrrha* VIELLOT.

Aves de regular tamanho, assemelhando-se bem ás do genero precedente, porém com o tarso exaspideo.

Colorido geral cinereo com manchas pardacentas. Azas moderadas com a 7.^a, 8.^a e 9.^a remiges primarias mais longas. O bico é mais ou menos do comprimento

de metade da cabeça, mais estreito que largo nas nárinhas; culmen distintamente quilhado, quasi recto na base e não muito uncinado na ponta. Cerdas rictaes bem desenvolvidas e narinas parcialmente recobertas pelas plumulas da fronte. Cauda com rectrizes pouco largas e com a ponta arredondada. O tarso é tipicamente exaspideo e do mesmo comprimento do dedo médio com unha.

Estão distribuidas pela America Central e Sul, da Guatemala até o Sul da Bahia. No Brasil, ocorre uma unica especie:

***Laniocera hypopyrrha* (Vieillot)**

Ampelis hypopyrrha VIEILLOT, Nouv. Dict. Hist. Nat., 8, p. 164 1817 (Guyana).

Aulia hypopyrrha PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 123, 1868 (Bahia); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 354, 1888 (Bahia).

Laniocera hypopyrrha IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 309, 1907, (Amazonas); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 351, 1914 (Pará); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Zool., v. XIII, p. 149, 1929 (Perú).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores cinereas, lavadas de olivaceo; azas cinza escuro; coberteiras da aza e remiges secundarias externas, com as pontas ferrugineas; cauda cinza-escuro com as pontas das rectrizes ferrugineas; partes inferiores cinza claro; peito com pennas ferrugineas de pontas pretas; de cada lado do peito, manchas ochraceas e amarellas; crisso pardacento; coberteiras inferiores das azas, brancas, salpicadas de cinza; bico e pés pardo-escuro; ♀♀ semelhantes, porém sem as pennas ferrugineas do peito.

Dimensões: Comprimento da aza 113 mm.; bico 17 mm.; cauda 90 mm.; tarso 18 mm.

Hab.: Guyanas, Colombia e Perú; Brasil, do Amazonas e Pará até o Sul da Bahia.

Museu Paulista: Ns. 2.268 ♀, Amazonas, Rio Iurua, 1901; 10.294 ♂, Bahia, Itabúna, 1919; 14.289 ♀, Bahia, Rio Jucurucú, 1932.

6) Genero: **RHYPTITERNA** (Reichenbach)

Rhytipterna REICHENBACH, Av. Syst. Nat., p. 65, 1850, typo
Muscicapa simplex Lichtenstein.

Aves semelhantes às do genero *Lipaugus* no colorido cinzento escuro, porém menores (aza com 85 a 110 mm.). O bico é mais curto que a cabeça, mais largo que alto ao nível das nariuas; com culmen distintamente quilhado e bem recto até a ponta que é fortemente uncinada. Possuem fortes cerdas rictaes que são ovaes e parcialmente recobertas pelas plumulas da fronte.

Azas de tamanho moderado com as 7.^{as} e 8.^{as} primarias mais longas e as 6.^{as} e 9.^{as} mais curtas. Cauda quasi tão longa quanto a aza, com rectrizes largas e de pontas arredondadas. Tarso de escutellação peculiar, com a parte superior fortemente serrilhada. O seu comprimento excede em muito ao dedo médio com unha, cuja plialange basal adhire inteiramente ao dedo externo.

Comprehende duas especies na America Central e Guyanas e duas subespecies no Brasil.

***Rhytipterna simplex simplex* (Lichtenstein)**

Muscicapa simplex LICHENSTEIN, Verz. Dubl. Berliner Mus., p. 53, 1823 (Bahia).

Lipaugus simplex PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 123, 1868 (Rio de Janeiro); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 356, 1888 (Brasil); IHERING & IHERING, Cat. Bras., I, p. 309, 1907 (Bahia); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, v. 8, p. 351, 1914 (Pará).

Rhytipterna simplex simplex Field Mus. Nat. Hist., v. XIII, pag. 152; 1929 (Bahia).

Descrição: ♂ ♂ adultos: partes superiores uniformemente cinza-olivacea; azas e cauda cinza-escuro; partes inferiores mais pallidas; abdomen ligeiramente amarelado e crisso levemente pardacento; bico e pés, plum-

beos; ♀♀ adultas inteiramente semelhante no colorido geral, porém com as azas e a cauda marginadas de ferrugineo.

Dimensões: Aza, 100 mm.; cauda 93 mm.; bico 19 mm.; tarso 20 mm.

Hab.: Littoral do Brasil, do Rio de Janeiro ao Norte da Bahia.

Museu Paulista: Ns. 5.245 ♀, Bahia; 6.175 ♂ juv.?, Espírito Santo, 1905; 6.277 ♂, Espírito Santo, 1906; 6.278 ♀, Espírito Santo, Porto Cachoeiro, 1906; 10.291 ♀, Bahia, Belmonte 1919; 10.292 ♀, Bahia, Belmonte, 1919; 10.293 ♂, Bahia, Itabúna, 1919; 10.415, Minas Geraes, Rio Matipós, 1919; 11.903 ♀, Pará, Utinga, 1923; 14.209 ♂, Bahia, Jucurucú, 1933.

***Rhyptiterna simplex frederici* (Bangs e Penard)**

Lipaugus simplex frederici BANGS e PENARD, Bull. Mus. Comp. Zool., 62, p. 71, 1918 (Surinam); HELMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., v. XII, p. 343, 1929 (Maranhão); NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. XL, p. 311 (Matto Grosso).

Lipaugus simplex (não de Lichtenstein) PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 123, 1868 (Matto Grosso); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 356, 1888 (Colombia, Equador e Perú); IHERING, IHERING Cat. F. Brasil., I, p. 309, 1907; Sneathlaga, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 351, 1914 (Pará).

Rhyptiterna simplex frederici HELMAYR, Field Mus. Nat. Hist., v. XIII, pag. 153; 1929 (Colombia e Maranhão).

E' inteiramente semelhante ao precedente, differindo em ter as partes inferiores bem mais escuras; assim, o peito é mais cinza escuro e o ventre é muito menos amarelado.

Hab.: Guyanas, Colombia, Venezuela, Equador e Perú; Brasil, por toda a Amazonia até o Norte de Matto Grosso e Norte do Maranhão.

Mus. Paul.: Ns. 10.801 ♂, Pará, Obidos, 1920; 10.802 ♂, Pará, Obidos, 1920; 10.803 ♂, Pará, Obidos, 1920; 10.804 ♂, Pará, Obidos, 1920; 10.805 ♂, Pará, Obidos, 1920.

7) Genero: **Attila** Lesson

Attila LESSON, *Traité d'Ornit.*, l. 5, p. 360, 1830, typo *Attila brasiliensis* Lesson.

Aves de tamanho médio (aza com 80 a 105 mm.), de colorido mais ou menos ferrugineo ou castanho-amarelado.

O bico é comprido e estreito com o culmen quasi inteiramente recto até a ponta, que é fortemente uncinada.

O gonys é pouco curvo e muito mais longo que o angulo da mandibula. Narinas grandes e de fôrma oval, parcialmente recobertas por fortes cerdas que se estendem por toda a commissura do bico e pelo mento. Azas relativamente curtas e de pontas arredondadas, com as 6.^{as}, 7.^{as}, e 8.^{as} primarias mais longas e a 10.^a, mais curta que a 3.^a (algumas vezes mais curta que a 2.^a). Cauda de tamanho regular, com rectrizes ligeiramente arredondadas na ponta. Tarso tão longo quanto o culmen exposto, com a planta tarsal escutellada unicamente ao longo da linha mediana.

Este genero, como *Casiornis*, devido ao comprido e estreito bico fortemente uncinado foi, por alguns auctores, collocado nos *Formicariídeos* ou nos *Tyrannídeos*, porém a estrutura do tarso permite a sua collocação entre os *Cotingídeos*.

A) Peito e pescoço estriados:

- a) Menor (aza com 0m,092); bico mais fraco (Amazonia) . . .
spadiceus spadiceus.
- aa) Maior (aza com mais de 0m,092); bico mais forte (Região costeira do Sul da Bahia ao Espírito Santo)
spadiceus uropygiatus.

B) Peito pardo-ferrugineo:

- a) Bico muito mais curto (com 0m,015) . . . *phoeniceurus*.
- aa) Bico muito mais comprido (com mais de 0m,015):
 - b) Cabeça inteiramente ferruginea . . . *cinnamomeus*.
 - bb) Cabeça acinzentada:
 - c) Menor (aza com 0m,082); bico mais curto e largo . . . *citrineiventris*.
 - cc) Maior (aza com 0m,092); bico mais comprido e estreito . . . *rufus*.
 - bbb) Cabeça pardo-olivacea:
 - d) Maior (aza com 0m,094 a 0m,100); colorido pardo-ferrugineo mais claro (Matto Grosso) . . . *bolivianus bolivianus*.
 - dd) Menor (aza com 0m,091 a 0m,093); colorido pardoferrugineo mais escuro (Amazonia) . . . *bolivianus uattereri*.

1) *Atila spadiceus spadiceus* (Gmelin)

- *Muscicapa spadicea* GMELIN, Syst. Nat., I, p. 397, 1789 (Cayenna).
- Atila brasiliensis* SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 352, 1914 (Pará).
- Atila spadiceus* SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 362, 1888 (Perú e Guayanas); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 352, 1914 (Pará).
- Atila ruficularis* PELZELN, Ornith. Bras., 2, p. 96, 1868 (Matto Grosso); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 311, 1907 (Matto Grosso); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 353, 1914 (Amazonas)).
- Atila uropygialis* PELZELN, Ornith. Bras., 2, p. 96, 1868 (Matto Grosso); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 360, 1888 (Colômbia, Guayana Inglesa).
- Atila spadiceus spadiceus* HELLMAYR, Field Mus. Hist., v. XIII, pag. 128; 1929 (Perú).

Conforme Hellmayr (Birds of the Americas, Field Mus. Nat. Hist., vol. XIII, 1929), esta espécie oferece inúmeras variações de cor, o que dá lugar a grande confusão. A plumagem passa pelas seguintes fases:

1.^a phase — As partes superiores são de colorido verde bem definido ou oliváceo-citrino; o uropygio é amarello-claro; as remiges secundárias levemente marginadas de pardo-escuro externamente; cauda escura; garganta e peito citrinos com listras amarelladas ou acinzentadas; abdomen branco, listrado de cinzento, flancos e coberteiras inferiores da cauda mais ou menos amarellado-citrinas; coberteiras inferiores das azas, amarello-esverdeadas. Esta variação foi descripta como *Atila brasiliensis*, *viridescens*, *wighti* e *neoxenus*.

2.^a phase — O verde da cabeça, garganta e peito é substituído pelo cinzento e esta cor também invade, em grau variável, a plumagem dorsal; o amarellado dos flancos e coberteiras inferiores das azas tomam um colorido mais pallido. A esta variação deram o nome de *Atila spodiostethus*.

3.^a phase — As partes superiores são pardo-escuras; azas ferrugineas com as secundárias marginadas de pardo ou pardo ferrugineo como o dorso; uropygio amarello vivo; cauda ferruginea; garganta e peito cinzento-escuro, listrado de pardo-escuro; flancos e coberteiras inferiores lavadas de ochraceo.

Esta phase foi descripta como *A. uropygialis*.

4.^a phase — Toda a plumagem é invadida por pigmentação ferruginea; as partes superiores, incluindo as secundárias internas são cinnamomeo-escuras; o uropygio é amarello-fulvo ou amarello-ochraceo; os lados da cabeça e a superfície ventral pardo-amarellada, mais clara no abdomen; coberteiras inferiores das azas ochraceas fulvas ou ochraceas amarelladas.

Esta forma foi descripta como *Muscicapa spadicea* e *Atila rufigularis*.

Hab.: Guayanas, Venezuela, Nordeste do Perú e Norte da Bolívia; Brasil, por toda a Amazonia.

***Attila spadiceus uropygiatus* (Wied)**

Muscicapa uropygiata WIED, Beitr. Naturg. Bras. 3, p. 868, 1831 (Estado do Espírito Santo).

Attila brasiliensis (não de Lesson) SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 359, 1888 (Bahia).

Attila spadiceus (não de Gmelin) SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 362, 1888 (Bahia).

Attila uropygiata IHERING e IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 310, 1907 (Rio, Espírito Santo e Bahia).

Attila spadiceus uropygiatus HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. vol. XIII, pag. 133; 1929.

De colorido inteiramente semelhante ao da precedente, porém maior e de bico mais forte.

Hab.: Região costeira do Sudeste do Brasil, do Sul da Bahia ao Estado do Rio de Janeiro.

***Attila bolivianus bolivianus* Lafresnaye**

Attila bolivianus LAFRENSNAYE, Rev. Zool., II, p. 46, 1848, (Bolivia); IHERING & IHERING, Cat. Fauna Bras., I, p. 310, 1907 (Matto Grosso e Bolivia); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 353, 1914 (Amazonas).

Attila validus PELZELN Orn. Bras. 2, p. 96, 1868 (Matto Grosso); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 1-1, p. 364, 1888 (Matto Grosso e Bolivia).

Attila bolivianus bolivianus NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1929, v. XL, 1930 (Matto Grosso); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, pag. 141; 1929 (Bolivia).

Descrição: Partes superiores pardo-ferrugineas; cabeça pardo-olivacea; uropygio e cauda castanhos; azas pardo-escuras, marginadas de ferrugineo; partes inferiores pardo-cinnamomeas, mais escuras no peito; garganta castanho-clara; bico e pés, pardo-escuros.

Dimensões: Comprimento da aza 102 mm.; cauda 87 mm.; bico 24 mm.; tarso 22 mm.

Hab.: Sudoeste do Brasil (Matto Grosso) e Léste da Bolivia e do Perú.

***Attila bolivianus nattereri* Hellmayr**

Attila nattereri HELLMAYR, Verh. Zool. Bot. Ges. Wien, 52, p. 95, 1902 (Amazonas e Pará); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 311, 1907; SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 353, 1934 (Pará).

Attila bolivianus (não de Lafresnaye) PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 96, 1868 (Amazonas e Pará); Ihering & Ihering, Cat. F. Bras., 1, p. 310, 1907 (Amazonas e Pará).

Attila bolivianus nattereri HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., v. XIII, p. 142, 1930.

E' menor que o precedente (aza 98 mm.) e mais escuro; o pilco é olivaceo acinzentado; os lados da cabeça são pardo cinnamomeos; o dorso e as margens das rectrizes são mais escuros; uropygio, cauda e partes inferiores também mais ferrugineas.

Dimensões: Comprimento da aza 98 mm.; cauda 84 mm.; bico 25 mm.; tarso 23 mm.

Hab.: Amazonia.

Attila rufus* (Vieillot)**Capitão-de-sahira, Tianguassú***

Tyrannus rufus VIEILLOT, Nouv. Dict. Hist. Nat., 35, p. 87, 1819, (Rio de Janeiro).

Attila cinereus PELZELN Orn. Bras., 2, p. 95, 1868 (Rio de Janeiro S. Paulo e Paraná); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 363, 1888 (S. Paulo e Bahia); IHERING & IHERING, Cat. Brasil., 1, p. 310, 1907 (S. Paulo, Espírito Santo, Bahia e Santa Catharina); Lima, Rev. Mus. Paul., 12, p. 100, 1920 (Bahia); M. RIBEIRO, Arch. Mus. Nac., Rio de Janeiro, 24, p. 254, 1923 (Itatiaya).

Attila rufus HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, pag. 142; 1929 (Bahia e Rio de Janeiro).

Descrição: Partes superiores pardo-ferrugineas; cabeça inteiramente cinzenta, fronte esbranquiçada; azas castanho-escuras; uropygio quasi cinnamomeo; cauda cas-

tanho-parda; partes inferiores cinnamomeas e cinzentas; peito ferrugineo, ventre cinnamomeo, garganta cinerea, estriada de branco; coberteiras inferiores das azas e margem interna das remiges, cinnamomeas; bico e pés, pardos.

Dimensões: Comprimento da aza 95 mm.; cauda 85 mm.; bico 24 mm.; tarso, 24 mm.

Hab.: Sudeste do Brasil, do Sul da Bahia até o Estado de Santa Catharina.

Museu Paulista: Ns. 267 ♀, S. Paulo, Cachoeira, 1898; 5.244, Bahia, 1898; 5.432 ♂, S. Paulo, Ubatuba, 1905; 5.436 ♀, S. Paulo, Ubatuba, 1905; 6.174 ♂ Espirito Santo, 1905; 6.313 ♂, idem; 7.885 ♂ Estado do Rio de Janeiro, Nova Friburgo, 1909; 7.886, idem; 7.887, idem; 10.299 ♀, Bahia, Ilhéus, 1919; 11.028 ♂, S. Paulo, Cubatão, 1923; 12.021 ♂ Minas Geraes, Rio Matipós, 1919; 14.293 ♂, Bahia, Rio Gongogy, 1923.

***Atila citriniventris* Sclater**

Atila citriniventris SCLATER, P. Z. S. Lond., 27, p. 40, 1859 (Perú); PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 96, 1868 (Amazonas); SCLATER Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 363, 1888 (Perú); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 311, 1907; SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, v. 8, p. 353, 1914; HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., v. XIII, pag. 144; 1929.

Descrição: Partes superiores pardas ferrugineas; uropygio cinnamomeo; cauda castanha; cabeça cinerea escura; lóros esbranquiçados; azas escuras, marginadas de pardo; partes inferiores pardo cinnamomeas; garganta e peito mais escuros; mento cinereo; bico e pés, pardos.

Dimensões: Comprimento da aza 82 mm.; cauda 67 mm.

Hab.: Léste do Equador e Nordeste do Perú; Noroeste do Estado do Amazonas.

***Attila phoeniceus* Pelzein**

Attila phoeniceus PELZEIN, Orn. Bras., II, 1868, p. 96 (São Paulo, Paraná, Goyaz e Matto Grosso); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., I, p. 311, 1907 (S. Paulo); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., v. XIII, pag. 144; 1929; NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., vol. XL, 1930.

Descrição: Esta especie é caracterizada pelo bico que é muito mais curto que o de qualquer outra especie deste genero. Partes superiores pardo ferrugineas; azas escuras, marginadas de pardo; dorso ferrugineo; uropygio e cauda castanho-claro; cabeça cinza pardacenta; partes inferiores cinnamomeas; garganta e peito ferrugineos; ventre e crisso cinnamomeos; cauda, castanha; bico e pés, pardo-escuros.

Dimensões: Comprimento da aza 91 mm.; cauda 75 mm.; bico 15 mm., tarso 16 mm.

Hab.: Matto Grosso, Goyaz, S. Paulo e Paraná.

Museu Paulista: N. 5.415 juv., S. Paulo, Ubatuba, 1905.

***Attila cinnamomeus cinnamomeus* (Gmelin)**

Muscicapa cinnamomea GMELIN, Syst. Nat., I, p. 937, 1789 (Cayenna).

Muscicapa thamnophiloides SPIN, Av. Bras., 2, p. 19, pl. 26, fig. 2, 1825 (Amazonas).

Attila thamnophiloides PELZEIN, Orn. Bras., 2, p. 96, 1868 (Amazonas e Cayenna); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 364, 1888 (Guyanas e Amazonia); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., I, p. 311, 1907; SNETHILAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 353, 1914 (Pará).

Attila thamnophiloides thamnophiloides HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., 12, p. 344, 1929 (Maranhão).

Attila cinnamomeus cinnamomeus HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., v. XIII, p. 148, 1929; (Guyanas e Maranhão).

Descrição: Partes superiores pardo-ferrugineas; azas escuras, marginadas de pardo; uropygio e cauda castanho-claro; partes inferiores pardo-cinamomeas; mais claras no abdômen e no crisso; bico e pés.

Dimensões: Comprimento da aza 95 mm.; cauda 90 mm.; bico 20 mm.; tarso 23 mm.

Hab.: Guianas, Perú, Amazonia até o Norte do Maranhão.

Museu Paulista: Ns. 6.800 , Surinam, 1900, 10.807 ♀ ?, Pará, Tapérinha.

8) Genero: **CASIORNIS** (Des Murs)

Casiornis Bp., DES MURS, Orn. Castelnau Voy., p. 35, 1855, typo *Casiornis typus* Des Murs.

Aves muito aproximadas do genero *Attila*, porém de tamanho menor e cauda mais longa. O bico é mais chato e de ponta menos uncinada.

Colorido geral ferrugineo-amarellado em ambos os sexos. Planta tarsal semelhante á de *Attila*, isto é, com uma unica série de amplas escutellas na linha mediana da planta tarsal.

Comprehende duas especies, ambas brasileiras:

- A) Dorso castanho-pardo *rufa*.
 B) Dorso pardo-escuro *fusca*

Casiornis rufa (Vieillot)

Thamnophilus rufus VIEILLOT, Nouv. Dict. His. Nat., 3, p. 316, 1816. baseado em Azara (Paraguay).

Casiornis rubra PELZEN, Orn. Bras., 2, p. 96, 1868 (S. Paulo. Goyaz, Matto Grosso); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 365, 1888 (Argentina, Goyaz); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 311, 1907 (S. Paulo).

Casiornis rufa SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 354, 1914

(Amazonas); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Publ., Zool. Ser., 12, p. 344, 1929 (Maranhão); idem, v. XIII, p. 147, 1929 (Argentina, S. Paulo, Matto Grosso e Maranhão); O. PINTO, Rev. Mus. Paul., t. XVII, 1932 (Matto Grosso).

Descrição: Partes superiores castanho-escuras; partes inferiores pardo-cinamomeas, mais claro na garganta; abdomen ligeiramente amarellado; pés, pardo-escuro; bico pardo.

Dimensões: Comprimento da aza 87 mm.; 83 mm.; bico 15 mm.; tarso 18 mm.

Hab.: Norte da Argentina; Paraguay, Léste da Bolívia, Brasil, do Norte de São Paulo e Matto Grosso, através de Minas e Goyaz até a Baixa Amazonia.

Museu Paulista: N. 1.245 ♀, (S. Paulo, Jaboticabal), 1900; 1.639 ♂, S. Paulo, Rincão, 1901; 4.409, S. Paulo, S. Jeronymo, 1904; 4.610 ♂, S. Paulo, Bebedouro, 1904; 4.611 ♀, S. Paulo, Bebedouro, 1904; 5.027 , S. Paulo, Itapura, 1904; 8.041 ♀, S. Paulo, Franca, 1910; 8.194 ♀ S. Paulo, Ituverava, 1911; 10.048, Matto Grosso, 1917; 10.074 ♀ Matto Grosso, Corumbá, 1917; 10.075 ♀ ?, Matto Grosso, Corumbá, 1917; 10.076 ♂, Matto Grosso, Corumbá, 1917; 10.808 ♀, Pará, Lagôa Grande, 1920, 12.462 ♂, ♂, Matto Grosso, Sant'Anna do Par- 12.389 ♂, Matto Grosso, 1930; 12.412 ♂, Matto Grosso, Miranda, 1930.

Casiornis fusca Sclater e Salvin

Casiornis fusca SCLATER e SALVIN, Nom. Av. Neotrop., p. 57, 159, 1873 (Bahia); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 366, 1888 (Bahia); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., I, p. 312, 1907 (Bahia); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 351, 1914 (Pará); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., 12, p. 344, 1929 (Maranhão, Piahy e Ceará).

Descrição: Partes superiores pardo acinzentadas; cabeça e cauda castanhas; azas escuras, marginadas de ferrugineo; partes inferiores pallido-cinamomeas, mais

claras na garganta; abdomen amarello-claro; bico pardo-claro; mais pallido na base; pés pardos.

Dimensões: Comprimento de aza 83 mm.; 77 mm.; bico 13 mm.; tarso 19 mm.

Hab.: Nordeste do Brasil, Bahia, Ceará, Piauh, Maranhão e Pará e Amazonas.

Museu Paulista: N.º 2.980, Bahia, 1898; 6.629 ♂, Maranhão, Primeira Cruz, 1906; 7.576 ♂ Bahia, Villa Nova, 1908; 7.577 ♀, Bahia, Villa Nova, 1908; 7.180 ♂, Maranhão, Miritiba, 1907; 7.181 ♀, Maranhão, Miritiba, 1907; 7.578 ♀, Bahia, Villa Nova, 1908.

9) Genero: **PHOENICIRCUS** Swainson

Phoenicircus SWAINSON, Faun., Bor. Amer., 2, p. 491, 1832, typo
Ampelis caruifex Linnaeus.

Comprehende este genero bellas aves de regular tamanho e brilhante colorido. A 3.^a phalange do dedo externo é unida ao dedo médio e o lado interno da planta tarsal é emplumado. O bico é curvo e fraco, de culmen fortemente recurvo, com a ponta da maxilla pouco uncinada.

Os machos têm a 4.^a remige primaria curiosamente modificada, terminando em ponta aguçada e reduzida somente ao rachis. O colorido do pileo, que é ornado por bella crista, é vermelho vivo, assim como o das partes inferiores, contrastando com a côr escura do dorso e das azas. As femeas são de colorido quasi sombrio. E' genero quasi confinado á Amazonia e comprehende apenas duas especies.

A) Garganta e dorso pardacentos *carnifex*.

B) Garganta e dorso pretos *nigricollis*.

Phoenicircus carnifex* (Linnaeus)Anambé, Saurá, Papa-assahy*

Lanius carnifex LINNAEUS, Syst. Nat., 10.^a ed., I, p. 91, 1758 (Surinam).

Phoenicircus carnifex PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 131, 1868 (Amazonas e Pará); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 367, 1888 (Guyana, Inglaterra, França e Pará); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil, I, p. 312, 1907; SNETHILAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 354, 1914 (Pará); HELMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., Sér., v. XIII, pag. 93; 1929 (Guyana Inglaterra e Pará).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores vermelhas e pardo-escuras; pileo com crista brilhantemente vermelho-carmezim; nuca e dorso alto, preto-fuliginoso; uropygio e cauda escarlates, com a ponta das rectrizes pardacentas; azas com as remiges primarias ennegrecidas e as secundarias marginadas de pardo; partes inferiores escarlates e pardacentas; garganta e peito, pardo-escuros; bico e pés amarello pardacentos; ♀♀, partes superiores, idem; partes inferiores vermelhas e pardas; abdomen vermelho-sangue; bico e pés pardos.

Dimensões: Comprimento da aza 110 mm.; aza 80 mm.; bico 15 mm.; tarso 25 mm.

Hab.: Guyanas e Amazonia.

Museu Paulista: Ns. 3.735 ♂, Guyana Inglaterra, 1890; 10.181 ♂, Pará, Santarém, 1920; 11.074 ♀, Pará, Marajó, 1921; 11.988 ♂ juv., Pará, Murutucú, 1924; 1.990 ♀, Pará, Murutucú, 1924; 12.007 ♂ juv., Pará, Murutucú, 1924.

***Phoenicircus nigricollis* Swainson**

Phoenicircus nigricollis SWAINSON, Fauna Bor. Am., II, p. 491, 1832, baseado em *Ampelis carnifex* de SPINX, Av. Bras., 2, p. 4, pl. 5 (Amazonas).

Phoenicocercus nigricollis PELZELN, Ornith. Bras., 2, p. 131, 1868 (Amazonas); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14 p. 368, 1888 (Perú e Equador); SNETHILAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 355,

1914; idem, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, 2, n. 6, p. 52, 1926 (Amazonas).

Phoenicircus nigricollis HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XIII, pg. 94; 1929.

Descrição: ♂♂ adultos: crista, peito, abdomen, uropygio e coberteiras superiores da cauda, vermelho-carmezim; garganta preta; lados da cabeça, nuca, dorso e coberteiras superiores das azas, preto-carmezim; ♀♀ adultas, partes superiores pardo-oliváceas; cauda e pileo lavados de escarlata; partes inferiores escarlates com peito e garganta pardacentos; bico e pés, pardos.

Dimensões: Comprimento da aza 105 mm.; cauda 81 mm.; bico 15 mm.; tarso 24 mm.

Habitat: Léste do Perú e do Equador e Alto Amazonas.

Museu Paulista: N. 6.498 ♂, Guyana Inglesa, 1906.

10) Genero: **RUPICOLA**

Rupicola BRISSON, Orn., 4, p. 37, 1760, typo *Pipra rupicola* Linnaeus.

Aves grandes, de bico compresso e tomia lisa, narinas largas e ovas, encobertas pelas pennas da crista. Cabeça com uma notavel crista muito compressa e semicircular, abrangendo toda a cabeça e cahindo sobre o bico. Tarsos e pés muito fortes com grandes unhas compressas e fortemente recurvas. A 2.^a phalange do dedo médio é unida ao dedo externo em quasi toda a sua extensão. O tarso é revestido na parte anterior por grandes escudos e o espaço plantar é cheio de pequenas escutéllas.

Azas grandes com a primeira remige primaria anormal terminando em ponta aguçada e as secundarias internas largas e truncadas.

O colorido é vermelho vivo ou alaranjado nos machos e escuro nas femeas.

A cauda é larga e composta de rectrizes arredondadas.

Este genero, por offerecer certos caracteres bem distinctos dos Cottingideos, foi, por Ridgway (Bull. 50, Unit, States Nat. Museum, p. 330, 1907) e Hellmayr (Field Mus. Nat. Hist. Zool. Sér., vol. XIII, p. 242, 1929), separado desta familia, formando uma familia á parte: *Rupicolidae*. Comprehende poucas especies distribuidas pelo Norte da America do Sul. No Brasil, sómente uma especie:

***Rupicola rupicola* (L.)**

Gallo-da-serra, Gallo-do-Pará

Pipra rupicola LINNAEUS, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 338, 1766 baseado em *RUPICOLA* Brisson (Orn. 4, p. 347, p. 34, fig. 1, 1760, Surinam).

Rupicola crocea PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 131, 1868 (Amazonas); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 369, 1888 (Guyanas e Amazonas).

Rupicola rupicola IHERING e IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 312, 1907; SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 355, 1914 (Amazonas). HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., vol. XIII, p. 242, 1929 (Guyanas).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores de brilhante colorido alaranjado-vivo; azas cinza-escuro com largas faixas brancas transversaes e as remiges secundarias marginadas de alaranjado pallido; cauda pardo-acinzentada com a ponta alaranjada muito pallida; bico e pés amarellados. ♀♀ adultas, pardas olivaceas, com o uropygio, cauda, abdomen e coberteiras inferiores das azas, manchadas de alaranjado.

Dimensões: Comprimento da aza 185 mm.; cauda 103 mm.; bico 30 mm.; tarso 27 mm.

Habitat: Guyanas, Sul da Venezuela e Norte da Amazonia.

Museu Paulista: Ns. 7.071 ♂, Rio Uapé, Amazonas; 11.335 ♀, Amazonas?

11) Genero: **PHIBALURA** Vieillot

Phibalura VIEILLOT, Anal. Nouv. Orn. Élé. p. 31, 1816, typo por monotypia *Phibalura flavirostris* Vieillot.

Aves de tamanho regular (aza com 105 mm.), com cauda comprida e profundamente furcada, semelhante a das andorinhas. Bico pequeno, com o culmen exposto mais curto que o dedo médio sem unha. O tarso é taxapideo e o dedo externo tem a 3.^a phalange inteiramente livre do dedo médio. Os sexos são quasi semelhantes, e de colorido preto e amarello-olivaceo.

Comprehende uma unica especie.

Phibalura flavirostris* VieillotTesourinha*

Phibalura flavirostris VIEILLOT, Anal. Nouv. Orn. Élé., p. 68, 1816 (Brasil); PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 131, 1868 (São Paulo e Rio de Janeiro); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 215, 1899 (S. Paulo); idem, 4, p. 156, 1900 (Est. do Rio de Janeiro); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil, I, p. 312, 1917 (Est. S. Paulo); M. RIBEIRO, Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro, 13, p. 183, 1906 (Itatiaya); idem, 24, p. 23, 1923 (Itatiaya); HELLMAYR, Field. Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, 1929, p. 97, (Rio de Janeiro).

Descrição: ♂♂ adultos: dorso amarello olivaceo com as pennas marginadas de preto; nuca cinzento-esbranquiçada; pileo com pennas escarlates occultas; garganta amarello-viva; peito branco, estriado de preto; abdomen amarello-esbranquiçado com manchas pretas; cauda preta com as rectrizes ligeiramente marginadas de olivaceo; uropygio amarellado; azas inteiramente pretas com as reniges secundarias esbranquiçadas; bico e pés amarello-pallido; ♀♀ adultas bem semelhantes, porém com a cabeça cinzenta, sem pennas escarlates; azas de colorido olivaceo e cauda mais curta.

Dimensões: Comprimento da aza 105 mm.; cauda 125 mm.; bico mm.; tarso 18 mm.

Habitat: Brasil Meridional, do Estado do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul; Léste do Paraguay.

Museu Paulista: Ns. 311 ♂, S. Paulo, Alto da Serra, 1899; 1.636, S. Paulo, Rincão, 1900; 4.086 ♀, S. Paulo, Itararé, 1903; 5.900 ♀, S. Paulo, Campos do Jordão, 1905; 5.901 ♀, idem; 6.948 ♀, Paraná, Castro, 1907; 6.949 ♀, idem; 8.781 ♀, idem; 8.272 ♂, Paraguay, Puerto Bertoni, 1906; 11.734 ♂, S. Paulo, Itararé, 1903; 11.767 ♀, idem; 11.769 ♀, idem; 11.882 ♂, S. Paulo, Ilha Queimada, 1920.

12) Genero: **LANIISOMA** Swainson

Laniisoma SWAINSON, Faun. Bor. Am. II, p. 492, 1832; *Ptilochloris* SWAINSON, Classif. Birds, 2, p. 250, 1837.

As aves deste genero assemelham-se, no colorido, ás aves do genero precedente, são porem pouco maiores e não têm cauda bifurcada.

A 3.^a phalange do dedo externo é unida ao dedo médio por menos da metade de seu comprimento. O bico é de typo tyrannino e bem maior e mais forte que o de *Phibalura*; o culmen é recto e fortemente uncinado.

As azas são compridas, e nos machos adultos, têm a 4.^a primaria levemente recurvada para fóra. Têm cerdas rictuaes abundantes, mas fracas e a cauda é curta e truncada.

O colorido geral da plumagem é amarello-olivaceo.

Este genero foi collocado por Sclater (Cat. Birds Brit. Mus. v. XIV, p. 317, 1888), entre os *Piprideos*, os lado de *Heteropelma*, *Neopelma* e *Schiffornis*, formando a sub-familia *Ptilochlorinae*.

Laniisoma elegans (Thunberg)

Chibante, Assobiador

Ampelis elegans THUMBERG, Dissert, Tulb. Nov. Spec. Ampelis, p. 2, 1823 (Brasil).

Ptilochloris squamata PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 126, 1868 (S. Paulo); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 317, 1888 (Bahia e E. do Rio de Janeiro); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 209, 1889 (S. Paulo); IHERING & IHERING, Cat. Fauna Bras., I, p. 302, 1907 (S. Paulo).

Laniisoma elegans HELLMAYR, Field, Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, p. 95, 1929.

Descrição ♂♂ adultos: partes superiores verde-oliva; azas e cauda escuras, marginadas de verde-oliva; pileo preto; partes inferiores amarellas; peito e flancos estriados de preto; ♀♀ adultas semelhantes, porém com todas as primarias normaes; cabeça muito mais clara e todas as partes inferiores cobertas de pennas marginadas de preto, de aspecto escamoso.

Dimensões: Comprimento da aza 150 mm.; cauda 74 mm.; bico 14 mm.; tarso 19 mm.

Habitat: Littoral do Brasil, do Sul da Bahia ao Estado de S. Paulo.

Museu Paulista: Ns. 2.186 ♀ S. Paulo, S. Sebastião, 1901; 5.003 ♀, S. Paulo, Itapura, 1904; 7.882 ♂ Estado do Rio: Serra Macahé, 1909; 8.201 ♂ S. Paulo, Ituverava, 1911.

13) Genero: **TIJUCA** Férussac

Tijuca FÉRUSSAC, Bull. Sci. Nat., 19, p. 324, 1829, typo por monotypia *Tijuca atra* LESSON.

Este genero é caracterizado pelo colorido negro dos machos adultos que lhes dá o aspecto de um Icterideo. O bico é forte, com o culmen estreito e recurvo; o culmen exposto é pouco maior que o dedo médio sem unha e a mandíbula é pouco recurva. A abertura do bico é de tamanho moderado e as cerdas rictaes são fracas. A planta tarsal é escutellada e a 3.^a phalange do dedo externo é inteiramente livre do dedo médio. Unhas grandes, compressas e fortemente recurvas. Os

machos adultos são negros com o bico amarello e as fêmeas são verde-oliva e amarelladas.

A sua área de dispersão parece restringir-se ao S. E. do Brasil e comprehende uma unica especie:

***Tijuca atra* Férussac**

Tijuca

Tijuca atra (Lesson M. S.) FÉRUSAC, Bull. Sci. Nat., 19, p. 324, 1829 (Brasil).

Tijuca nigra LESSON, Cent. Zool., liv., I, p. 31, pl. 6, 1830 (Brasil); PELZELN, Ornith. Bras., 2, p. 132, 1868 (Bahia?); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 373, 1888 (Estado do Rio de Janeiro); IHERING, Rev. Mus. Paul., 4, p. 156, 1900, (Estado do Rio de Janeiro); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., I, p. 313, 1907 (Brasil).

Tijuca atra HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., v. XIII, p. 101, 1929 (Est. Rio).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores pretas; primarias marginadas de amarello-vivo; bico amarello-alaranjado; pés pretos; ♀♀ adultas verde-oliva; partes inferiores mais pallidas, ventre amarellado; bico alaranjado-escuro e pés escuros.

Dimensões: Comprimento da aza 150 mm.; bico 21 mm.; cauda 115 mm.; tarso 25 mm.

Habitat: Sudeste do Brasil, Estados do Rio de Janeiro e região limitrophe de Minas Geraes.

Museu Paulista: Ns. 6.472 ♂, Brasil, 1906; 7.889 ♂, Estado do Rio de Janeiro, Serra de Macahé, 1909; 7.648 ♂, (montado), Brasil.

14) Genero: **AMPELION** Cabanis

Ampelion Cabanis em Tschudi, Fauna do Perú, Aves, p. 137, 1846, typo *Ampelis encullata* Swainson.

Comprehende este genero robustas aves de colorido geral esverdeado em ambos os sexos. A planta tarsal é revestida de uma fileira de grandes escutéllas de cada lado (typo taxaspideo). A aza é de tamanho regular com as remiges todas normaes e a cauda é longa e truncada. O bico é curto e largo (a largura ao nivel das narinas é muito maior que a altura na mesma região), de culmen fortemente recurvo e com largas narinas circulares. Os tarsos e os pés são relativamente fracos, com unhas finas e recurvas.

Os sexos são quasi semelhantes, predominando o colorido verde-olivaceo e preto.

São aves peculiares á America do Sul, não passando além do Panamá.

- A) Dorso inteiramente verde-oliva *melanocephalus*.
B) Dorso pardo-amarellado *cucullatus*.

Ampellon melanocephalus (Wied)

Corococho

Procnias melanocephalus WIED, Reise Bras., I, p. 168, 1820 (Espírito Santo).

Ampellon melanocephalus PELZELN, Ornít. Bras., 2, p. 132, 1868 (Bahia); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 374, 1888 (Brasil); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 216, 1899 (E. S. Paulo, E. Rio de Janeiro); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil, I, p. 313, 1907 (Estado de S. Paulo e Espírito Santo); LIMA, Rev. Mus. Paul., 12, 1920 (Bahia); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, p. 102, 1929.

Descrição: Partes superiores verde-oliva; cabeça inteiramente preta; partes inferiores verde-amarelladas; peito esverdeado, ligeiramente estriado de cinzento claro; abdomen amarello claro; coberteiras inferiores das azas idem; bico e pés, plumbeos.

Dimensões: Comprimento da aza 115 mm.; cauda 93 mm.; bico 16 mm.; tarso 20 mm.

Habitat: Do Sul da Bahia ao Estado de S. Paulo.

Museu Paulista: Ns. 2.891 ♀, S. Paulo, Iguape, 1893; 6.387 ♂ Estado do Espírito Santo, 1905; 6.532 ♂, S. Paulo, Alto da Serra, 1906; 6.708 ♀, Estado do Espírito Santo, 1906; 6.709 ♂, idem; 10.301 ♂, Bahia, Itabúna, 1919; 11.138 ♂ S. Paulo, Iguape, 1925; 94.288 ♂, Bahia, Rio Jucurucú, 1923.

***Ampellon cucullatus* (Swainson)**

Corococho, Corocotéo, Rorocoré

Procuia cucullata SWAINSON, Zool. Illust., 1, p. 37, 1821 (Brasil).

Ampellon cucullatus SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 3, 1888 (Estado do Rio de Janeiro, Estado de S. Paulo, R. Grande do Sul); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 2, 1899 (Estado de S. Paulo); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 4, p. 156, 1900 (S. Paulo); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. p. 102, 1929 (Rio de Janeiro).

Descrição: ♂♂ adultos: dorso alto pardo e amarello; cabeça e nuca, pretos; uropygio verde-oliva escuro; cauda quasi preta marginada de verde; azas, idem; coberteiras inferiores das azas, amarellas; coberteiras superiores, escuras, marginadas de amarello pallido; mento, garganta e peito anterior, pretos; abdomen e crisso, amarello vivo; bico e pés, plumbeos; ♀♀ adultas, semelhantes, porém com o colorido preto muito descorado.

Dimensões: Comprimento 117 mm.; cauda 99 mm.; bico 15 mm.; tarso 22 mm.

Habitat: Littoral do Brasil do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul.

Museu Paulista: Ns. 157 ♀, S. Paulo, Santo Amaro, 1898; 303 ♂, S. Paulo, Alto da Serra, 1899; 2.982 ♀, S. Paulo, Iguape, 1898; 5.582 ♂, S. Paulo, Ubatuba, 1905; 5.583 ♀, idem; 5.584 ♂, idem; 7.883 ♂, Estado do Rio: Serra de Macahé, 1909; 7.884 ♂, Estado do Rio, Serra de Macahé, 1909; 8.283 ♂, S. Paulo, Alto da Serra, 1911.

15) Genero: **COTINGA** (Brisson)

Cotinga BRISSON, Ornith., 2, p. 339, 1760, typo *Ampelis cotinga* Linnaeus.

Aves de tamanho médio e brilhante colorido, constituem o mais bello grupo da familia Cotingidae. A aza é de tamanho regular, com as primarias externas mais ou menos acuminadas. O bico é pequeno, largo (a altura ao nivel das narinas é muito menor que a sua largura no mesmo ponto); o culmen é distinctamente carenado, pouco recurvo, proximo á base, mais fortemente na ponta; a ponta da maxilla é levemente uncinada. As narinas são expostas, grandes e um tanto ovaes. Cerdas rictaes quasi imperceptiveis. Cauda cerca de $2/3$ a $3/4$ tão longa quanto a aza, com as rectrizes largas e de pontas arredondadas. O tarso é mais comprido que o culmen exposto e a sua planta é de escutellação typicamente picnaspidea. A phalange basal do dedo médio é inteiramente adherente ao dedo externo.

O colorido dos machos adultos é de vivo azul e purpura e das femeas e machos immaturos é pardo cinzento escuro nas partes superiores, mais claro nas inferiores, com pennas de aspecto escamoso.

Comprehende 6 especies distribuidas pelas zonas tropicaes da America do Sul e Central, da Guatemala até o Brasil Central.

Nó Brasil, occorrem 4 especies:

- A) Machos adultos com as partes inferiores do corpo inteiramente azues e esverdeadas:
 - a) Com a base das pennas pretas *cayana*.
 - aa) Com a base das pennas brancas *maynana*.
- B) Machos adultos com as partes inferiores do corpo mais ou menos purpureas:
 - a) Com uma faixa azul através do peito *cincta*.
 - aa) Com o peito inteiramente purpureo *cotinga*.

Cotinga cotinga (Linnaeus)*Anambé azul, Cururá*

Ampelis cotinga LINNAEUS, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 298, 1766 (Brasil).

Cotinga caerulea PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 132, 1868 (Amazonas e Pará); SCHLATER Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 382, 1888 (Guyanas).

Cotinga cotinga IHERING e IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 313, 1907; SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 356, 1914 (Pará); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, pag. 104; 1929 (Guyana Inglesa).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores azul-brilhante; azas e cauda pretas; partes inferiores: mento, garganta, peito e abdomen, purpura; lados do abdomen e crisso, azul-brilhante; coberteiras inferiores das azas, pretas; bicos e pés, pretos; ♀♀ adultas: partes superiores pardo-cinzentas com pennas marginadas de branco; partes inferiores esbranquiçadas; abdomen e crisso ochraceos pallido.

Dimensões: Comprimento da aza 110 mm.; cauda 70 mm.; bico 14 mm.; tarso 16 mm.

Habitat: Guyanas e Amazonia.

Museu Paulista: Ns. 6.497 ♂, Guyana Inglesa, 1881; 11.076 ♂, Pará, Providencia, 1921; 11.077 ♂ juv., idem; 11.078 ♀, idem; 11.991 ♀, idem; 11.079 ♀, Pará, Utinga, 1924; 11.995 ♂ juv., Pará, Murutucú, 1924; 11.997 ♀, Pará, Utinga, 1924; 11.999 ♂ juv., Pará, Murutucú, 1924; 12.026 ♀, Pará, Utinga, 1924.

Cotinga maculata (Müller)*Catingá, Quirua*

Ampelis maculatus P. S. L. MÜLLER, Natursyst., Suppl., p. 147, 1776 (Brasil).

Ampelis cotinga (não de Linnaeus) WIED, Reise Brasil, I, p. 275, 1820 (Bahia); idem, Beitr. Naturg. Bras. 3, p. 391, 1830 (Espírito Santo e Bahia).

Cotinga cincla SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 383, 1888 (Bahia); IHERING, Rev. Mus. Paul., 4, p. 156, 1900 (Estado do Rio de Janeiro; IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., I, p. 314 (Espírito Santo).

Cotinga maculata HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, pag. 104; 1929 (Bahia).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores azul-brilhante; azas e cauda, pretas; partes inferiores: mento e garganta vermelho-purpurino, peito da mesmo côr, atravessado por uma faixa azul; abdomen purpurino com flancos azues; crisso azul; coberteiras, inferiores das azas, pretas, manchadas de azul; bico e pés pretos; ♀♀ adultas: partes superiores pardo escuras, com pennas marginadas de ochraceo; partes inferiores ochraceo avermelhadas com pennas manchadas de preto na parte central; crisso e margens internas das pennas das azas, vermelho-ochraceo.

Dimensões: Comprimento da aza 123 mm.; cauda 83 mm.; bico 15 mm.; tarso 20 mm.

Habitat: Região costeira do Brasil, do S. do Estado da Bahia ao Estado do Rio de Janeiro.

Museu Paulista: Ns. 6.315 ♂, Espírito Santo, 1906; 7.642, Brasil, ♂; 9.367 ♂, Estado da Bahia.

Cotinga maynana (L.)

Ampelis maynana LINNAEUS, Syst. Naturae, 12.^a ed., I, p. 293, 1766, baseado em Brisson, Orn. 2, p. 341, p. 34, fig. 2, 1760 (Perú).

Cotinga maynana PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 133, 1868 (Amazonas); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 386, 1888 (Perú); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., I, p. 314, 1907; SNETHAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 356, 1914 (Amazonas); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, p. 108, 1919 (Perú).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores azul brilhante; base das pennas brancas; garganta purpurea; azas e cauda pretas, marginadas de azul; bico e pés, pretos; ♀♀ adultas: partes superiores pardo-escuras; partes inferiores mais ochraceas, sendo as penas manchadas de cinza escuro no centro; coberteiras inferiores das azas e crisso, ochraceos.

Dimensões: Comprimento da aza 115 mm.; cauda 77 mm.; do bico 15 mm.; do tarso 21 mm.

Habitat: Léste do Perú e Equador e Amazonia Superior.

***Cotinga cayana* (L.)**

Anambé azul

Ampelis cayana LINNAEUS, Syst. Nat. 12.^a ed., I, p. 298, 1766 (Cayenna).

Cotinga cayana PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 233, 1868 (Amazonas e Pará); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 385, 1888 (Guyanas, Perú e Equador); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 314, 1907 (Pará); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 356, 1914 (Pará e Amazonas); NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. LX, p. 312, 1930 (Matto Grosso); HELLMAYR, Field Mus. of Nat. Hist., Zool. Sér., v. XIII, p. 108, 1929 (Perú e Guyana Inglesa).

Descrição ♂♂ adultos: partes superiores azul-brilhante, com manchas pretas na parte central das pennas do pileo e do dorso; azas e cauda, pretas, com as remiges e rectrizes marginadas de azul; partes inferiores também vivamente azues; garganta largamente colorida de vermelho purpurino; remiges secundárias com as partes inferiores brancas; bico e pés, pretos; ♀♀ adultas: partes superiores pardo-escuras com pennas ligeiramente marginadas de cinza-claro; azas e cauda pretas, marginadas de ochraceo claro; partes inferiores mais claras, sendo o peito, abdomen e crisso, ochraceos claros.

Dimensões: Comprimento da aza 118 mm.; cauda 86 mm.; do bico, 16 mm.; do tarso, 20 mm.

Habitat: Cuyanas, Colombia, Equador e Perú, Norte da Bolívia; Brasil, Amazonia.

Museu Paulista: Ns. 3.432 ♂, Amazonas, Rio Juruá, 1902; 3.433 ♂, idem; 3.434 ♂, idem; 7.825 ♂ juv., Guyana Inglesa, 1909; 7.826 ♀, idem; 10.596 ♂, Pará, 124 (empalhado); 10.597 ♀ idem; 11.938 ♂ juv., Pará, Utinga 1923; 11.993 ♂, Pará, Murutucú, 1924; 11.996 ♀, Pará Utinga, 1924; 12.001 ♀, idem; 12.019 ♀, idem; 12.064 ♂, Pará, Murutucú, 1926; 12.018 ♀, Pará, Utinga, 1924; 11.989 ♀, idem.

16) Genero: **PORPHYROLAEMA** (Bonaparte)

Porphyrolaema BONAPARTE, Ateneo Italiano, 2, n.º 11, pag. 315, 1854 typo por monotypia *Cotinga porphyrolaema* Dev. e Sclater.

Distingue-se do genero *Cotinga* pelo bico, que é mais entumescido e muito mais largo na base, e pela cauda que é quasi truncada. A planta tarsal é pycnaspidea e a 3.ª phalange do dedo externo é inteiramente livre. A cauda é muito mais curta que a asa, e o bico é muito forte e largo (a sua largura nas narinas é quasi igual ao comprimento do gonys).

Compreende unicamente uma especie propria da Amazonia.

Porphyrolaema porphyrolaema (Deville e Sclater)

Cotinga porphyrolaema DEVILLE e SCLATER, Rev. Mag. Zool., 4, p. 226, 1852 (Perú); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 386, 1888 (Perú e Equador); SNETHLAGE, Vol. Mus. Goeldi, 8, p. 357. 1914.

Porphyrolaema porphyrolaema HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Sér., v. XIII, p. 102, 1929.

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores pretas; pennas do dorso marginadas de branco; pontas das coberteiras das azas e margens externas das remiges pri-

maria, brancas; partes inferiores, brancas; garganta purpurina; peito lavado de purpurino; coberteiras inferiores das azas, brancas; bico e pés, pretos; ♀♀ adultas: partes superiores quasi pretas, listradas de pardo-claro; partes inferiores, pardo-ferrugineas, estriadas de preto; coberteiras inferiores das azas, lado interno das pennas das azas e da cauda, ferrugineo pallido; crisso, idem.

Dimensões: Comprimento da aza 102 mm.; da cauda 75 mm.

Habitat: Léste do Equador e Noroeste do Perú; Estado do Amazonas (Rio Purús).

17) Genero: **XIPHOLENA** Gloger

Xipholeua GLOGER Hand. und Hilfsb. Nat., p. 320, 1841, typo *Ampelis pompadora* L = *Turdus puniceus* PALLAS.

Bellas aves de tamanho médio e singular plumagem de colorido purpurino vivo ou escuro.

E' notavel sobretudo, o singular feitio lanceolado das pennas das partes superiores, numa das especies (*X. lamellipennis*) e a esctructura rija do rachis das coberteiras superiores das azas, noutras especies.

A planta tarsal é de escutellação pccnaspídea e a 3.^a phalange do dedo externo é inteiramente livre. O bico é fraco e estreito, com culmen pouco recurvo. As narinas são inteiramente expostas, com cerdas rictaes quasi imperceptiveis. A cauda tem comprimento igual á mais de metade do comprimento da aza, e tem rectrizes de pontas arredondadas. Os machos adultos são de colorido vinaceo escuro ou purpurino, com as azas ou cauda brancas; as femeas são de colorido sombrio.

Existem apenas 3 especies peculiares ás Guyanas e á Amazonia.

- A) Colorido geral preto; cauda e remiges inteiramente brancas *lamellipennis*.
- B) Colorido geral purpurino; remiges brancas e cauda purpurina *punicea*.
- C) Colorido geral cinza-vinacco-escuro; remiges e cauda da mesma côr *atropurpurea*.

Xipholena lamellipennis (Lafresnaye)*Anambé-branco, Bacacú-preto*

Ampellis lamellipennis LAFRESNAYE, Mag. Zool., 1, cl. 2, p. 9, 1839 (Pará?).

Xipholena lamellipennis PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 133, 1868 (Pará); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 389, 1888 (Pará); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 357, 1914 (Pará); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., 1, p. 314, 1907; HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Sér., v. XIII, pag. 110; 1929 (Brasil).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores purpura escuro, quasi preto; azas brancas; cauda inteiramente branca; coberteiras superiores das azas com o rachis muito rijo e desenvolvido, cobrindo quasi toda a aza; bico plumbeo e pés, pretos; ♀♀ adultas, pardas e escuras nas partes superiores das azas e remiges, marginadas de branco.

Dimensões: Comprimento da aza 123 mm.; da cauda, 86 mm.; do bico, 16 mm.; do tarso 18 mm.

Habitat: Baixo Amazonas, do rio Tapajóz, até o Norte do Estado do Maranhão.

Museu Paulista: Ns. 7.184 ♂, Maranhão, Miritiba, 1907; 7.185 ♂, idem; 7.186 ♀, idem; 7.187 ♀, idem; 10.778 ♂, Pará, Itaituba, 1921; 10.779 ♀, Pará, Santarém, 1921; 10.780 ♂, Pará, Murutucú, 1926, 12.037 ♀, idem.

Xipholena punicea (Pallas)*Anambé*

Turdus puniceus PALLAS, Vroeg's Catalogue, Adumbrat., p. 2, 1764 (Surinam?).

Ampelis pompadora LINNAEUS, Syst. Nat., 12^a ed., I, p. 298, 1766, baseado em *Turdus puniceus* Pallas.

Xipholena pompadora PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 133, 1868 (Amazonas); SCLATER, Cat. B. Brit. Museum, 14, p. 387, 1888 (Guyanas).

Xipholena punicea IHERING e IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 314, 1907 (Guyana Inglesa e Amazonas); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 357, 1914 (Amazonas e Pará); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Sér., v. XXIII, p. 110, 1929 (Guyana Inglesa); NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., v. XL, p. 313, 1930 (Matto Grosso).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores de colorido vermelho purpurino; azas brancas com a ponta das primárias pretas; coberteiras superiores alongadas e lanceoladas; cauda vermelho purpura, esbranquiçada na base; ♀ acinzentada na parte superior; azas escuras, marginadas de branco; partes inferiores mais pallidas; ventre quasi branco.

Dimensões: Comprimento da aza 130 mm.; da cauda, 78 mm.; do bico, 15 mm.; tarso 22 mm.

Habitat: Guyanas e Norte do Estado do Amazonas.

Museu Paulista: Ns. 2.488 ♀, Guyana Inglesa, 1902; 3.428 ♂, Amazonas, Rio Juruá, 1902; 3.429 ♂, Amazonas, Rio Juruá, 1902; 3.430, idem; 3.431 ♀, idem; 11.720 ♂ juv., Guyana Inglesa, 1902.

***Xipholena atropurpurea* (Wied)**

Ampelis atropurpurea Wied, Reise Bras., I, pag. 262, 1820 (Espírito Santo).

Xipholena purpurea PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 133, 1868 (Bahia).

Xipholena atropurpurea SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 388, 1888 (Pernambuco e Bahia); IHERING, Rev. Mus. Paul., 4, p. 156, 1900 (Est. do Rio de Janeiro); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 314, 1907 (Bahia e Espírito Santo); LIMA, Rev. Mus. Paul., XII, p. 100, 1920 (Bahia); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., vol. XIII, pag. 111; 1929; (Bahia).

Descrição: ♂ adultos: partes superiores e inferiores de colorido vinaceo-purpurino escuro; azas pretas, com as remiges secundárias e coberteiras superiores marginadas de branco; coberteiras inferiores das azas, bran-

cas; bico plumbeo e pés pretos; ♀♀ adultas: partes superiores cinereas; azas, idem, com as secundarias externas e coberteiras superiores das azas marginadas de branco; partes inferiores esbranquiçadas; lado interno e coberteiras inferiores das azas, brancas.

Dimensões: Comprimento da aza, 115 mm.; da cauda, 73 mm.; bico, 15 mm.; tarso, 20 mm.

Habitat: Léste do Brasil, do Sul de Pernambuco até o Estado do Espirito Santo e Rio de Janeiro.

Museu Paulista: Ns. 2.060 ♀, Brasil; 2.983 ♀, Bahia, 1898; 6.316 ♀, Espirito Santo, 1906; 10.303 ♂, Bahia; Ilhéus, 1919; 10.304 ♀, Bahia, Belmonte, 1919.

18) Genero : **IODOPLEURA** Lesson

Iodopleura LESSON, Rev. Zool., 2, p. 45, 1838, typo *Pardolatus pipra* Lesson.

Aves muito pequenas (azas com menos de 80 mm.), de colorido sombrio cinza-escuro, pardo-fuliginoso ou preto. Os machos adultos têm um tufo de pennas violaceas alongadas ao lado do peito, o que caracteriza o genero. A cauda é curta e as azas são compridas, com as primarias, ligeiramente arqueadas. O bico é curto e largo, as narinas são emplumadas e não têm cerdas rictaes. A planta tarsal é de escutellação pycnaspidea.

São aves exclusivamente sul-americanas, distribuidas desde a Colombia, através das Guyanas e Amazonia até o Sudeste do Brasil.

No Brasil, ocorre 1 especie e 1 subespecie:

- A) Com garganta branca *isabellae*.
- B) Com garganta ferrugineo-clara *pipra pipra*.

***Iodopleura pipra pipra* (Lesson)**

Pardolatus pipra LESSON, Cent. Zool., p. 81, pl. 26, 1831 (Brasil).

Iodopleura pipra, SCLATER Cat. Mus. Brit., 14, p. 392, 1888 (Estado do Rio de Janeiro); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 217, 1899 IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., I, p. 315, 1907.

Iodopleura pipra pipra, HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Sér., v. XIII, pag. 125; 1929 (Estado do Rio).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores cinereas; cabeça quasi preta; azas e cauda, escura, com rectrizes marginadas de pardacento; partes inferiores cinzentas, listradas de branco; garganta, abdomen inferior e crisso ochraceo pallido; de cada lado do peito um tufo de pennas de vivo violeta; coberteiras inferiores das azas, brancas; bico e pés, pretos; ♀♀ adultas semelhantes, porém a cabeça não é tão escura e não têm o colorido violeta nos flancos.

Habitat: Sudeste do Brasil, Estados do Espirito Santo e Rio de Janeiro.

Iodopleura isabellae Parzudaki

Iodopleurus isabellae PARZUDAKI, Rev. Zool., 10, p. 186, 1847 (Amazonas); PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 126, 1868 (Amazonas); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 393, 1888 (Perú, Equador, Pará); SNETHILAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 358, 1914 (Pará); IHERING & IHERING Cat. F. Bras., I, p. 319, 1907; HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Sér., v. XIII, p. 126 (Perú).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores de colorido cinza-fuliginoso; lóros e uropygio, brancos; partes inferiores esbranquiçadas; garganta, peito alto e abdomen inferior, brancos; de cada lado do peito, um tufo de pennas vivamente violetas; coberteiras inferiores das azas, brancas; bico e pés, pretos; ♀♀ adultas semelhantes, porém, sem o colorido violeta dos lados.

Dimensões: Comprimento da aza 81 mm.; da cauda 38 mm.; do bico 8 mm.; de tarso, 13 mm.

Habitat: Léste do Perú e da Colombia; Amazonia

Museu Paulista: Ns. 11.102 ♀, Pará, Obidos, 1921; 11.926 ♂, juv., Pará, Morutucú, 1923; 11.934 ♂, Pará, Murutucú, 1923.

19) Genero: **CALYPTURA** Swainson

Calyptura SWAINSON, Faun. Bor. Amer., 2, pag. 491 (1831),
typo *Pardolatus cristatus* Vieillot.

Este genero comprehende uma unica especie de pequena e rara ave de côres variadas e brilhantes. A cauda é curta (menos de metade do comprimento da aza) e o bico é mais estreito que no genero *Iodopleura*. As azas tambem são mais curtas.

Tem sido encontrada sómente n'uma área muito limitada do Sudéste do Brasil.

Calyptura cristata (Vieillot)

Pardolatus cristatus VIEILLOT, Nouv. Dict. Hist. Nat., 24, p. 528, 1818 (Rio de Janeiro).

Calyptura cristata SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 394, 1888 (Est. do Rio de Janeiro); IHERING, Rev. Mus. Paul., 4, p. 156, 1900 (Est. do Rio de Janeiro); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., I, p. 315, 1907 (Est. do Rio de Janeiro); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., vol. XIII, p. 127, 1929.

Descrição: Partes superiores amarello-esverdeadas; fronte e uropygio amarello puro; cabeça com crista escarlate marginada de preto; azas e cauda escuras, marginadas de amarello-esverdeado; pontas das coberteiras superiores e margens das secundarias externas, brancas; partes inferiores amarellas, sendo esse colorido mais vivo ao ventre inferior; coberteiras inferiores, brancas; bico e pés pretos; femeas inteiramente semelhantes.

Habitat: E' conhecida unicamente no interior do Estado do Rio de Janeiro (Cantagallo e Nova Friburgo). Nenhum exemplar possui o Museu Paulista.

21) Genero : **HÆMATODERUS** Bonaparte

Haematoderus BONAPARTE, Ateneo Italiano, 2, n. 11, p. 314, 1854, typo por monotypia *Haematoderus militaris* Gm.

Comprehende uma unica especie, notavel por sua brilhante côr e tamanho, com pennas alongadas e estreitas no pileo e na nuca.

***Haematoderus militaris* (Shaw)**

Coracina militaris SHAW, Mus. Lever., n. 2, p. 61, 1792 (Cayenna).
Haematoderus militaris PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 134, 1868 (Pará); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 395, 1888 (Guyana);
HIERING & HIERING, Cat. F. Bras., 1, p. 315, 1907; Sneathlage, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 358, 1914; HELLMAYR, Field. Mus. Nat. Hist., v. XIII, p. 225 (1929).

Descrição: Partes superiores e inferiores vermelho-carmezim; as pennas da cabeça, pescoço, uropygio e peito, alongadas e estreitas; azas e cauda pardas escuras; bico avermelhado e pés pretos. As fêmeas são menores, pardas nas partes superiores e encarnadas nas partes inferiores e na cabeça.

Dimensões: Comprimento da aza, 230 mm.; cauda 140 mm.

Habitat: Guianas e Estado do Pará.

Nenhum exemplar deste genero existe actualmente nas collecções do Museu Paulista.

20) Genero : **QUERULA** Vieillot

Querula VIEILLOT, Anal. Nouv. Orn. Élé., p. 37, 1816, typo por monotypia *Muscicapa purpurata* P. L. S. Müller.

Ave grande, de côr uniformemente preta em ambos os sexos. Bico muito mais curto que a cabeça, largo (a largura ao nivel das nariuas é muito maior que a altura no mesmo ponto), com culmen distintamente carenado, direito em toda a metade basal e fortemente

curvado na ponta, que é pouco uncinada. Narinas parcialmente occultas por plumulas rijas e marginadas anteriormente e posteriormente por larga membrana. Cerdas rictaes fortes e recurvas. Azas compridas, com largas remiges, sendo a 6.^a e a 8.^a primarias as mais longas. Cauda comprida, de rectrizes largas com pontas arredondadas. Tarso maior que o culmen exposto e de escuteilação pycnaspidea. Dedo médio com a phalange basal quasi toda ligada ao dedo externo; unhas grandes e fortemente recurvas; E' peculiar á America Central e Amazonia.

***Querula purpurata* (Müller)**

Anambé-una, Anambé-preto

Muscicapa purpurata P. L. S. MULLER, Natursyst. Supp., p. 169, 1766 (Cayenna).

Querula cruenta PELZELN, Ornít. Bras., 2, p. 134, 1868 (Pará); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 396, 1888 (Guyanas, Perú, Equador, Costa Rica e Panamá).

Querula purpurata IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 315, 1907 (Pará); SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 358, 1914 (Pará); HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Sér., 12, p. 345, 1929 (Goyaz); idem, vol. XIII, p. 228, 1929 (Costa Rica, Guyanas, Colombia e Amazonas).

Descrição: Partes superiores e inferiores inteiramente pretas; garganta coberta por pennas alongadas de colorido carmezim escuro; bico plumbeo e pés pretos. As femeas não têm esse colorido purpurino na garganta.

Dimensões: Comprimento da aza 186 mm.; cauda 125 mm.; bico, 23 mm.; tarso, 24 mm.

Habitat: Costa Rica, Panamá, Colombia e Equador; Guyanas e Léste do Perú e Venezuela; Brasil: Amazonia e Norte de Goyaz.

Museu Paulista: Ns. 2.471 ♂, Equador, 1902; 3.389 ♀, Pará, Santarém, 1903; 10.782 ♂, idem, 1920; 10.783 ♂, idem; 10.784 ♂, idem; 11.572 ♂, Colombia, 1913; 11.573 ♀, Panamá, 1927; 12.034 ♂, idem; 12.032 ♀, Colombia; 1914.

21) Genero: **PYRODERUS** Gray

Pyroderus GRAY, List. Gen. Birds, p. 38, 1840, typo *Coracias scutata* Shaw.

Aves notáveis pelo tamanho, constituem os gigantes desta família. O colorido da plumagem é quasi todo negro e manchado de escarlata. O bico é muito grande e forte, de culmen e gonys quasi rectos e ponta não muito uncinada. Largas narinas parcialmente emplumadas e cerdas rictaes abundantes e fortes. As azas são compridas e pontuadas; a cauda é tambem comprida e larga, com ponta arredondada. Os tarsos são de escutellação tipicamente pycnaspidea e muito robustos. Os pés são tambem muito fortes, com grandes unhas compressas e fortemente recurvas. A 2.^a phalange do dedo médio é inteiramente livre do dedo externo.

Comprehende varias sub-especies que habitam a America do Sul, desde a Colombia e as Guyanas até o Sudéste do Brasil.

Pyroderus scutatus scutatus* (Shaw)Pavó*

Coracias scutata SHAW, Mus. Lever., n. 4, p. 199, 1792.

Pyroderus scutatus SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 397, 1888 (Brasil); IHERING, Rev. Mus. Paul., 3, p. 217, 1899, (S. Paulo); idem, 4, p. 157, 1900 (Estado do Rio); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 315, 1907 (Estado do S. Paulo, Paraná e Espirito Santo); LIMA, Rev. Mus. Paul., 12, p. 100, 1920 (Bahia).

Pyroderus scutatus scutatus HELLMAYR, Field Mus. Nat., Hist. Zool. Sér., v. XIII, p. 228, 1929 (Argentina).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores negras, com reflexos metallicos; garganta, lados do pescoço e peito alto, alaranjado-escarlata; no peito médio e nas coberteiras inferiores das azas, pennas castanhas; bico plumbeo e pés pretos; ♀♀ adultas, se-

melhantes, porém menores e com o colorido escarlate da garganta muito mais descorado.

Dimensões: Comprimento da aza 240 mm.; cauda, 170 mm.; bico, 30 mm.; tarso, 35 mm.

Habitat: Sudéste do Brasil, do Sul da Bahia e Minas Geraes até o Rio Grande do Sul; Paraguay e Norte da Argentina.

Museu Paulista: Ns. 1.751 ♂, Paraná, Jacarésinho, 1901; 6.043 ♂, idem; 6.397 ♂, Estado do Espirito Santo, 1909; 6.705 ♂, idem; 10.305 ♂, Bahia, Ilhéus, 1919; 11.511 ♂, S. Paulo, Vanuire, 1928; 12.879 ♀, S. Paulo, Valparaíso, 1931; 14.285 ♂, Bahia, Rio Jucurucú, 1933; 14.286 ♂, idem.

22) Genero: **CEPHALOPTERUS** G. Saint-Hilaire

Cephalopterus GEOFFROY SAINT HILAIRE, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, 13, p. 235, 1809, typo por monotypia *Cephalopterus ornatus* G. Saint-Hilaire.

Grandes aves de aspecto muito exquisto devido, á notavel ornamentação da cabeça e pescoço. O pileo possui uma original crista erectil de pennas mais ou menos recurvas e rijas, terminadas em tufos, de modo que, quando são levantadas pela ave excitada, tomam a fôrma de um guarda-sol. No pescoço, uma longa barbêlla pendente, coberta de largas pennas imbricadas.

O colorido da plumagem é uniformemente preto em ambos os sexos.

O bico é comprido e forte, largo na base e de culmen fortemente recurvado na ponta que é distinctamente uncinada.

As narinas são expostas e obliquamente ovaes. Cerdas rectas bem fortes e recurvas.

Azas longas e largas com as 6.^{as}, 7.^{as} e 8.^{as} remiges primarias mais longas.

Cauda com cerca de metade do comprimento da aza e com rectrizes de pontas ligeiramente acuminadas. Os tarsos são longos e de escutellação pycnaspidea. O dedo médio tem a phalange basal completamente adherente ao dedo externo e as unhas são compressas, fortes e muito recurvas.

Comprehende 3 sub-especies que habitam a America Central e Sul, desde a Costa Rica até a Amazonia.

No Brasil, ocorre sómente a subespecie:

***Cephalopterus ornatus ornatus* Geoffroy**

Pavão-do-matto, Anambé-preto, Toropichy

Cephalopterus ornatus GEOFFROY DE SAINT-HILAIRE, Annal. Mus. Hist. Nat. Paris, 13, p. 238, pl. 15, 1809 (Brasil); PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 135, 1868 (Matto Grosso); SCLATER, Cat. Orn. Bras., 2, p. 135, 1868 (Matto Grosso); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 399, 1888 (Colombia, Equador, Bolivia e Matto Grosso); SETHLAG, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 359, 1914 (Amazonas); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., 1, p. 316, 1907.

Cephalopterus ornatus ornatus HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Sér., v. XIII, pag. 232; 1929 (Colombia, Perú e Amazonas).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores, pretas com ligeiro brilho esverdeado na crista, barbélia e dorso; penas da fronte com o rachis branco; bico de coloração plumbea escura e pés pretos; ♀♀ semelhantes, porém menores, de colorido menos profundamente preto e com barbadélia muito mais curta.

Dimensões: Comprimento da aza, 255 mm.; cauda 154 mm. bico, 35 mm.; tarso, 40 mm.

Habitat: Sul da Venezuela e Léste da Colombia, Equador, Perú e Bolivia; Brasil, Amazonia e Oéste de Matto-Grosso.

Museu Paulista Ns. 2.446 ♂, Equador, 1902; 5.872 ♂, Colombia, 1906.

23) Genero: **Perissocephalus** Oberholser

Perissocephalus OBERHOLSER, Proc. Ac. Nat. Sc. Philad. 1899, pag. 209. nova designação para *Gymnocephalus* de Geoffroy de Saint-Hilaire, preocupado.

Aves muito semelhantes ás do genero precedente na estrutura do bico e do tarso.

São das maiores desta familia e facilmente distinguíveis pela cabeça mais ou menos, núa, conforme o sexo. O pileo, a fronte, os lóros e a região orbital são inteiramente nús. O bico é de typo corvino, comprido e forte, muito mais largo que alto na base e fortemente carenado e uncinado na ponta. Na base, poucas, mas fortes cerdas rictaes. Narinas muito largas, inteiramente expostas e obliquamente ovaes. Azas compridas e de largas remiges de pontas mais ou menos acuminadas. Cauda relativamente curta e arredondada. Tarsos compridos e muito fortes, assim como os pés. Unhas tambem muito fortes, compressas e fortemente recurvas.

Planta tarsal de escutellação pycnaspidea. Colorido geral pardo-ferrugineo-olivaceo em ambos os sexos.

Comprehende uma unica especie exclusiva das Guianas e regiões limitrophes.

Perissocephalus tricolor (Müller)*Máu, Urutahy*

Corvus tricolor P. Z. S. MÜLLER, Natursyst. Suppl., p. 85, 1776 baseado em Daubenton, Pl. Enl. 521 (Cayenna).

Corvus calvus GMELIN, Syst. Nat., 1, p. 372, 1788 (Cayenna).

Gymnocephalus calvus PELZELN, Ornit. Bras., 2, p. 135, 1868 (Amazonas); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 1-4, p. 40 1888 (Guyanas).

Calviifrons calvus IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 316, 1907; SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, 8, p. 359, 1914 (Pará).

Perissocephalus tricolor HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Zool. Sér., v. XIII, p. 234, 1929 (Guyana Inglesa).

Descrição: Partes superiores pardas amarellas, sendo esse colorido mais claro no dorso alto; fronte, pileo, lóros e região orbital nús, com raras cerdas pretas; azas e cauda, pretos; partes inferiores quasi ferrugineas, principalmente no crisso e no abdomeu; coberteiras inferiores das azas brancas; mento, nú, com algumas cerdas esbranquiçadas; bico e pés, pretos; ♂♂ semelhantes no colorido, porém menores e com a cabeça muito menos núa.

Dimensoes: Comprimento da aza, 220 mm.; cauda, 103 mm.; bico, 50 mm.; tarso, 45 mm.

Habitat: Guyanas e Norte da Amazonia.

Museu Paulista: N.º 6.462 ♂, Guyana Ingleza.

24) Genero: **GYMNODERUS** Geoffroy

Gymnoderus GEOFFROY DE SAINT-HILAIRE, *Annal. Mus. Hist. Nat.*, Paris, 13, p. 237, 1809, typo *Corvus nudus* GMELIN — *Graucula foetida* LINNAEUS.

Aves grandes, porém menores que as do tres ultimos generos, de aspecto vulturino e com garganta e pescoço nús.

O bico é forte, de largura igual á altura na base, pouco carenado e fortemente uncinado. A plumagem do pileo, dos lóros e do mento é densa e velludosa.

As azas são compridas, de remiges com ponta acuminada; a cauda é comprida, de rectrizes largas e pontas truncadas.

O tarso é curto e fraco e tem a planta tarsal de escutellação pycnaspidea.

Os pés são fracos, assim como as unhas.

O colorido geral da plumagem é preto-schistaceo, mais claro nas partes inferiores e muito carregado na cabeça e no pescoço.

Gymnoderus foetidus (L.)*Anambé-assá, Anambé-pitiú*

Gracula foetida. LINNAEUS, Syst. Nat., 10.^a ed., I, p. 103, 1758.
Gymnoderus foetidus PELZEN, Orn. Bras., 2, p. 133, 1868
(Matto Grosso); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 402,
1888 (Guyanas e Equador); IHERING, Rev. Mus. Paul., 6,
p. 435, 1905 (Amazonas); IHERING & IHERING, Cat., F. Bras.,
I, p. 346, 1907 (Amazonas); SNETHILAGE, Bol. Mus. Goeldi,
8, 359, 1914 (Pará); NAUMBURG, Bull. Am. Mus. Nat. Hist.,
v. XL, p. 314, 1929 (Matto Grosso); HELLMAYR, Field Mus.
Nat. Hist., Zool., vol. XIII, p. 235, 1929 (Perú).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores preto-chistaceas; plumagem velludosa da cabeça e da garganta, preta; região auricular e lados do pescoço, nú e de côr azul-cobalto; coberteiras superiores das azas, secundarias externas e margens das outras remiges, cinza brancacento; coberteiras inferiores das azas, pretas; bico plumbeo e pés pretos; ♀♀ adultas, semelhantes, porém menores, com a garganta mais emplumada e sem o esbranquiçado das azas.

Dimensões: Comprimento da aza, 207 mm.; cauda, 130 mm.; bico, 20 mm.; tarso, 30 mm.

Habitat: Guyanas, Sul da Venezuela, Norte da Bolívia, Léste do Equador e Perú; Brasil, Amazonia e Norte de Matto-Grosso.

Museu Paulista: Ns. 3.435 ♀, Amazonas, Rio Juruá, 1902; 3.436 ♀, idem; 4.437 ♀, idem.

25) Genero: **PROCNIAS** Illiger

Procnias ILLIGER, Prodr. Syst. Mann. et Av., p. 228, 1811, typo
Ampelis variegata GMELIN = *Ampelis averano* HERMANN.

Este genero comprehende quatro especies grandes (azas com 145 a 170 mm.), distribuidas pela America Central e Sul, da Costa Rica ao Sul do Brasil.

O bico é fraco, deprimido basalmente, muito largo e profundamente fendido, chegando a commissura até em baixo dos olhos.

O culmen é pouco recurvo e com forte carena; a ponta da maxilla é muito fracamente uncinada. As narinas são expostas e largamente ovaes. Cerdas rectaes ausentes. Azas compridas, de remiges largas e de pontas acuminadas; cauda, cerca de 2/3 do comprimento da aza, com rectrizes de pontas sub-acuminadas. O tarso é de escutellação tipicamente pycnaspidea e o dedo médio com unha é pouco maior que o tarso com a phalange basal unida na maior parte ao dedo externo. As unhas são curtas e largas. Certas espécies têm çarunculas erecteis na cabeça e existe profundo dimorphosino sexual, sendo as fêmeas de colorido cinza-olivaceo, ao contrario dos machos que são brancos ou pardos.

No Brasil, tres especies:

A) Garganta e lóros nús:

a) Plumagem inteiramente branca *nudicollis*.

aa) Plumagem parda e branca com azas pretas . . *averano*.

B) Garganta e lóros emplumados *alba*.

***Procnias alba* (Hermann)**

Gainambé

Ampelis alba HERMANN, Tab. Affin. Anim. p. 213, 1783, (Cayenna).

Chasmarhynchus niveus PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 134, 1868 (Amazonas); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 103, 1888 (Guyanas e Venezuela); IHERING & IHERING, Cat. F. Bras., I, p. 316, 1907 (Guyana e Amazonia Inferior).

Procnias alba HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., Sér. v. XIII, 1929 (Guyana Ingleza).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores inteiramente brancas; cabeça com uma longa caruncula ligeiramente emplumada na fronte; bico e pés, pretos; ♀♀ adultas: partes superiores verdes; inferiores amarelladas, salpicadas de verde; crisso amarellado.

Dimensões: Comprimento da aza, 162 mm.; da cauda, 100 mm.

Habitat: Guyanas e regiões limitrophes do extremo Norte do Brasil.

Nenhum exemplar desta especie possui o Museu Paulista.

***Procnias nudicollis* (Vieillot)**

Araponga, Ferreira

Ampelis nudicollis VIEILLOT, Nouv. Dict. Hist. Nat., Nouv. édit., 8, p. 164, 1817 (Brasil).

Chasmodon nudicollis PELZELN, Orn. Bras., 2, p. 134, 1868 (Estado do Rio de Janeiro e S. Paulo); SCLATER, Cat. B. Brit. Mus., 14, p. 404, 1888 (S. Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul); IHERING, Anuario do Estado do Rio Grande do Sul, 16, p. 128, 1899 (R. G. do Sul); idem, Rev. Mus. Paul., 3, p. 218, 1899 (Estado de S. Paulo); idem, 4, p. 157, 1900 (Estado do Rio de Janeiro); IHERING & IHERING, Cat. F. Brasil., 1, p. 316, 1907 (S. Paulo e Rio Grande do Sul).

Procnias nudicollis HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., Zool., v. XIII, p. 238, 1929 (Brasil).

Descrição: ♂♂ adultos: partes superiores e inferiores inteiramente brancas; lados da cabeça e garganta nus, com raras cerdas pretas; bico preto e pés pardos. ♀♀ adultas: partes superiores verdes, com a cabeça mais escura; partes inferiores amarelladas, estriadas de verde; garganta cinzenta com estrias pretas; crissom amarellado.

Dimensões: Comprimento da aza, 157 mm.; da cauda, 90 mm.; do bico, 22 mm.; do tarso, 25 mm.

Habitat: Sudoeste do Brasil, do Sul da Bahia e Minas Geraes ao Rio Grande do Sul e regiões vizinhas da Argentina e Leste do Paraguay.

Museu Paulista: Ns. 310 ♀, S. Paulo, Alto da Serra, 1899; 309 ♂ juv., idem; 7.595 ♂, Bahia, Villa No-

va, 1908; 601 ♂, Rio Grande do Sul, Novo Hamburgo, 1899; 7.396 ♀, Bahia, Villa Nova, 1908; 11.137 ♀, S Paulo, Iguape, 1925.

***Procnias averano averano* (Hermann)**

Ampelis averano HERMANN, Tab. Aff. Anim., pp. 211, 1914, 1783, baseado em Buffon, Hist. Nat. Ois., 4, p. 457, 1778 (Nordeste do Brasil).

Ampelis variegata GEMELIN, Syst. Nat., I, p. 841, 1789, idem.

Procnias averano averano HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Sér., XII, p. 345, 1929 (Maranhão); idem, vol. XIII, p. 240, Zool. Sér., 1929 (Maranhão).

Descrição: ♂♂ adultos: dorso, cauda e partes inferiores excepto a região nua da garganta, brancos; parte superior da cabeça e região auricular, pardo cinzameos; azas, inclusive as coberteiras superiores e inferiores, profundamente negras.

Habitat: Nordeste do Brasil.

Nenhum exemplar desta espécie possui o Museu Paulista.

[Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page]



ALIPIO DE MIRANDA-RIBEIRO

Cycloramphus, Grypiscus e Iliodiscus e as Leis de Prioridade

ANTECEDENTES

Uma das controversias mais interessantes a respeito de systematica zoologica de que tenho me occupado, é a que se refere ao titulo supra e foi objecto dos seguintes trabalhos:

- THOMAS BARBOUR E G. K. NOBLE — «Alguns amphibios do N. O. do Perú — com a revisão dos generos *Telmatobius* e *Phyllobates* — Bull. of the Museum of Comparative Zoology, vol. LXIII, n.º 8 ests. — 1920.
- II — ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO — O genero *Telmatobius* já foi constatado no Brasil? — Revista do Museu Paulista, tomo XII, com 6 ests. — 1920.
- III — THOMAS BARBOUR — Copeia, n.º 138 de 26 de Janeiro de 1925.
- IV — ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO — Gymnobatrachios brasileiros — Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. XXVII — 1926.
- V — DR. ADOLPHO LUTZ — Taxonomia e biologia do genero *Cycloramphus* — Mem. Instit. Oswaldo Cruz vol. XXII — anno 1929.
- VI — ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO — *Cycloramphus*, *Grypiscus* e *Iliodiscus* — Bol. do Mus. Nacional, vol. V, n.º 4 — 1929.

Caracter provisório do genero *Iliodiscus*

O genero *Iliodiscus*, por mim fundado em 1920 no vol. XII da Revista do Museu Paulista — foi ali declarado um genero provisório. Quando publiquei a minha pergunta sobre se o genero *Telmatobius* já fôra constatado no Brasil, genero então affirmado pelos auctores mais respeitaveis da época, F. Steindachner,¹ G. Boulenger,² Baumann³ e Anderson,⁴ discutindo e estabelecendo o genero *Iliodiscus*, eu salientei: «O estudo das descrições de *Telmatobius brasiliensis* de Steindachner e *Telmatobius asper* de Boulenger, por um lado, e por outro o exame dos detalhes anatomicos dos exemplares do Museu Paulista que deveriam ser incluídos em tal genero, revelavam-nos arciferos de familia juncta aos generos *Acris* e *Grypiscus*. Dahi, portanto, a necessidade da criação de uma diagnose generica (que fosse vista a transcrição no fim da nota, de *Cycloramphus*, **unico genero onde poderiam ser incluídas as fôrmas em questão**), para seu perfeito estabelecimento no quadro dos Batrachios brasileiros, necessidade que se incrementava á vista dos exemplares do sexo masculino dessa forma, apresentarem órgão que não é encontrado nos *Telmatobii* — a saber, um amplo disco, perfeitamente glabro e situado justamente na préga iliaca e cuja função desconheciamos por completo. D'ahi o genero *Iliodiscus*». E mais adiante «assim os vomerinos posteriores ás choanas e a grande glandula em cada lado, *não bastavam para que fosse fixado o genero Cycloramphus* cuja especie, para maior confusão era

1) Material de Natterer, do Rio de Janeiro.

2) Material de Sta. Catharina.

3) Verbreitung d. Gattung *Telmatobius*, Karte III, vol. 1. *T. asper* — Brasilianische Batr. des Borneo Naturhistorisches Museums, Zool. Jahrbuch, II Heft 33 Bd. — 1912 (A mais importante contribuição do Dr. Göldi á Zool. do Brasil)

4) Arkiv f. Zoologi — (Stockholm) Bd. 9, Heft 1; material colligido pelo meu pranteado amigo, Dr. Pedro Carlos Djalmar Dusen, em Sta. Catharina e Paraná, Brasil.

vagamente indicada: «do Brasil» por Dumeril e «da Índia» por Tschudi; loc. cit. pg. 81. Aliás, porque também não referir ao caso o genero **Grypiscus** de Cope? Por **esse** motivo não riscava a diagnose de **Ilodiscus** que me parecia perfeitamente admissível, até que os *auctores dispondo de melhores meios pudessem* resolver em definitivo o assumpto, *revendo mesmo as especies* para melhor elucidação.» Mir. Riob.^o Rev. do Museu Paulista vol. XII, pgs. 267 e 278 — 1920. Isso foi repetido em todas as minhas publicações ultteriores sobre o assumpto e aqui citadas.¹

Misturas de caracteres

Porque é que os detalhes anatomicos, grande glandula em cada lado e vomerinos posteriores ás choanas — sacco vocal e união dos metatarsos externos **não bastavam** para a fixação do genero *Cycloramphus*?

Na transcrição que ali, n'esse volume da Revista do Museu Paulista, eu dei das paginas da diagnose de Dumeril e Bibron tem-se «Deux groupes ou deux rangs de dents palatines, situés **entre les arrières na-rines ou au niveau de leur bord posterieur**»... «Les dents vomeriennes **ianiot** reunis en deux très petits groupes **positivement entre les narines inferieures**, tantot disposées sur deux rangs en chevron et un peu plus en arriere»... «Une des **deux espèces** qui appartiennent à ce genre a une glande sur chaque flanc, l'autre n'en offre sur aucune partie du corps; les mâles de celle-ci manquant de sacs vocaux, mais ceux de celle-la en sont pourvus»... «Nous avons conservé à ce genre le nom de **Cycloramphus** sous lequel Mr. Tschudi l'a indiqué dans la Classification des Batraciens, sans dire que c'est dans notre collection qu'il a observé la seule espèce qu'il y rapporte et que nous avons d'ailleurs déjà désignée comme étant le type d'un genre particulier sous le nom de *Pithecopis fuliginosus*» etc.

1) Archivos do Mus., 1926, Boletim 1929.

Bastam taes trechos entrelaçados sem distribuição alguma para que resalte a convicção da mistura de caractéres de dous generos diferentes, de que não escapou Tschudi, estabelecendo a sua diagnose. N'esta foram eliminados mesmo as diferenças maiores. Ao mesmo tempo, no mesmo trabalho éra transcripta a diagnose do genero *Telmatobius* de Wiegmann, publicado no volume 17, pte. I das Nova Acta Acad. Caes. Leopold. Carol. pg. 263 datado de 1835. Vejamos ambas:

Ranae — 5 — *Cycloramphus*, Tsch. *Caput latum, rotundum, rictum oris latissimum, linguam crassam, rotundam, margine postico liberam; dentes palatinos angulum acutum formantes, fortes, tympanum latens, digitos tenues, scelides breves semipalmatas* — Patria India. *Cycloramphus fuliginosus* Tsch. (1838).

Bombinatores — 1 — *Telmatobius*, Wiegmann. *Caput breve rostrum rotundatum verticem planum, pupillam rotundam, dentes maxillares, palatinos nullos? Linguam rotundam, ovalem, parte antica adnatam; antipedum digitos liberos, scelidum membrana basi connexas; palmae callis corneis metacarpe carentes. Telmatobius peruvianus* Wiegmann. Nova Acta Leopold. Carol., tomo XVIII tab. XX fig. 2. (1835).

Extraordinario é que Tschudi, publicando o seu extenso trabalho, *declarasse* — nas «Nachtragliche Bemerkungen» — descriptas em Havre de Grace a 24 de Janeiro de 1832 — e publicadas á pg. 99 da Mém. da Soc. Nat. Neuchâtel, tomo II — 1838 — em questão — *que estivera em Paris, vendo as collecções e as etiquetas e desenhos de Bibron*, no Museu daquela cidade; e na diagnose generica tenha dado *Cycloramphus fuliginosus «da India»*, como typo do genero que fundava com os caractéres de *Telmatobius* englobados desde a fonte originaria, como se vê de Demeril.

E se este, logo depois reclamou, fel-o sem adiantar cousa alguma, porque homologou o nome generico publicado e não definiu os dous generos, englobados como éram, aliás, de sua comprehensão.

As Leis de Prioridade

Não é possível, interpretando um texto, attribuir-lhe faculdades que as suas palavras não lhe dão. Se a palavra é a expressão dos pensamentos, aquillo que está escripto é a expressão do pensamento realisado. Fugir dahi é discutir indefinidamente, sem a menor base real.

Para evitar os males de controversias interminaveis e indefinidas, foi estabelecido um Codigo Internacional de Nomenclaturas dos Animaes, a que todo militante em zoologia está submettido.

Assim, de accordo com esse Codigo, qual é o nome válido de um genero, em zoologia? Art.º 25: O nome válido de um genero ou de uma especie — **só póde ser aquelle sob o qual o dito genero ou a dita especie foi designado pela primeira vez**, sob a condição: a) de que o nome tenha sido publicado e acompanhado de uma indicação, definição ou descripção. b) de que o auctor tenha applicado os principios da nomenclatura binaria. (Indicação deve ser interpretada de modo seguinte: Quanto á especie — é uma referencia bibliographica, uma figura publicada ou uma citação definida de um nome mais antigo para o qual se proponha outro novo. Quanto ao genero: uma referencia bibliographica, uma citação definida de um nome mais antigo para o qual se propõe um nome novo ou bem a citação ou designação de uma especie typo. Em caso algum póde se entender pela palavra «indicação» como significando etiquetas de museus, exemplares de museus ou nomes vulgares).».

Não ha duvida que Tschudi, tendo publicado o genero *Cycloramphus* pela primeira vez em 1838, fel-o seguindo os principios da nomenclatura binaria — mas publicou o typo generico acompanhado d'uma indicação perfeitamente fóra dos moldes observados pelas régras do Código; e definiu e descreveu esse genero sob os caractéres e conceitos que englobavam *Telmatobius*.

Tal o seu *animus*.

Ora, quando — Art.^o 28, um genero é formado pela união de dous ou mais generos ou subgeneros, toma o mais antigo dos nomes genericos ou subgenericos válidos de seus componentes. Se os nomes são da mesma data, será conservado aquelle que fôr escolhido pelo primeiro revisor. A mesma regra se applica quando se reünem duas ou mais especies para formar uma unica especie ou sub-especie.

Recommendação: Em falta de revisão prévia a procedencia é recommendada pela seguinte maneira: a) Um nome generico a que acompanha a designação de um typo deve preferir-se a outro que não tenha essa designação. Se não se especifica typo algum será preferido aquelle cuja diagnose seja mais adequada. b) Um nome especifico de descripção e figura é preferivel a outro acompanhado de uma diagnose ou somente de uma figura.

c) Em egualdade de circunstancias deve preferir-se aquelle nome que apparece em primeiro logar na publicação (precedencia de pagina).

Assim, não ha fugir: *Cycloramphus fuliginosus* Tsch. **Patria India — 1838** — é *nomen nudum*; não póde preterir *Telmatobius peruvianus*, Wiegmann Nova Acta Acad. Caes. Leopold. Carol., vol. 17, pg. 263 (descripção) est. XVI figs. 3, 3a-3c-**1835**.

Não bastava a Dumeril protestar porque Tschudi houvesse empregado um nome de especie — visto em suas collecções; a existencia de Tschudi, ahi, é indifferente; estivesse Dumeril no seu logar e repetisse a mesma diagnose e o mesmo nome ou *Pithecopis* que fosse, e a consequencia seria a mesma.

A publicação de Dumeril devia *rever e corrigir* Tschudi o que éra impossivel porque **sen**, éra o conceito zoologico de Tschudi; eis porque, longe disto, manteve os caractéres dos dous generos num só, com o nome do genero que Tschudi havia publicado e empregando por

typo de sua diagnose mixta o mesmo nome específico já empregado pelo seu antecessor. Augmentando o flagrante, *Cycloramphus fuliginosus*, veio no mesmo quadro, acima de *Cycloramphus marmoratus*:

Tableau synoptique des Espèces du genre *Cycloramphus*

Flanc	{ portant chacun une gland.....1 <i>C. fuliginosus</i>
	{ sans glands.....2 <i>C. marmoratus</i>

Pithecopis já estava, pois, incluído na synonymia do genero de Wiegmann; e os dous vieram englobados até Steindachner e Baumann, sendo o seu typo indicado por mim, para o genero *Grypiseus* de Cope e provisoriamente incluído em *Ilodiscus*, «até que auctores dispondo de melhor material resolvessem definitivamente o assumpto ¹.»

Que a concepção que Tschudi possuía do seu genero *Cycloramphus* éra a mesma de Dumeril e Bibron, encerrando englobadamente o genero *Telmatobius*, se comprova das palavras do proprio Tschudi em 1845.

«3 Gen. *Cycloramphus* Tschudi.

Classif. Batr. — 1838.

63 — 1. *C. marmoratus* Dum. & Bibr.

Soc. cit., pg. 455.

Reptilium conspectus quae in Republica peruana reperiuntur et pleraque observata vel collecta sunt in itinere a Dr. J. J. Tschudi.» — *Archiv für Naturgeschichte* 1845 — pg. 167.

Este conceito perdurou atravez do tempo, sendo ainda uma citação corroborante a de
Guichenot

1) Rev. do Museu Paulista, Vol. XII (1920).

«*Cycloramphus marmoratus*, Gay, in Historia Physica y Politica de Chile, vol. II, pg. 94 est. 7 fig. 4 — 1848» e, afinal

Günther

«*Cyclorhamphus marmoratus*, in A Catalogue of the Batrachia salientia in the British Museum, pgs. 4, 21 e 133 — 1858.

Foi ahi, nesse Catalogo, em 1858 — que, pela primeira vez foi desmembrado de *Telmatobius* o genero que eu chamei de *Iliodiscus*. E foi o eminente Naturalista Alberto Günther que assim agiu, á pagina 4 do Catalogo citado.

«7 — *Cyclorhamphus* — Artelhos semipalmados; dentes vomerinos em dous grupos. Lingua inteira posteriormente — Chile.

«8 — *Pithecopsis* — Uma grande glandula em cada lado; dentes vomerinos em duas series obliquas; lingua inteira posteriormente — Brasil».

O procedimento de Günther, representa a opinião n.º 4 do Art.º 26 do Codigo:

«Os nomes manuscriptos entram a fazer parte da nomenclatura, quando publicados nas condições do Art.º 25 — e a questão de validade em nada depende que taes nomes sejam acceitos ou repudiados pelo auctor responsavel por sua publicação».

Mas ahi, então, deixa de figurar exclusivo o auctor originario para ser substituido pelo nome do revisor:

«Art.º 24 — Quando uma especie se divide, a especie restringida que conserva o nome original da primitiva, pôde receber uma indicação, exprimindo tanto o nome do auctor original como o d'aquelle que fez a revisão: Exemplo — *Taenia solium*. (partim) Goerz».

Applicando o caso ao genero, visto como os art.ºs 6 e 11 têm o mesmo valor, Günther que agiu, dando corpo ao genero *Pithecopsis* Bibron, M. S. do Museu de

Paris, também nada adiantou, porque o genero *Cycloramphus* não podia entrar em discussão, não fôra «erroneamente suprimido».

E o mesmo *Pithecopis* por elle invocado, estava no caso do «nome que nasceu morto» — do Art.º 36, sendo incluído em synonymia logo á segunda edição do mesmo Catalogo do Museu Britannico, pelo successor de Günther, Geo. Boulenger, em 1882.

O art.º 36 das Regras de prioridade é fulminante:

«Os homonymos repudiados jamais podem ser empregados.

Os synonymos só em caso de restabelecimento de grupos erroneamente suprimidos.¹⁾

Eis porque nenhum auctor mais, a não ser Hofmann,²⁾ acompanhou Günther na sua louvavel, porém anodyna tentativa de salvar o genero de Dumeril e Bibron, pelo rotulo manuscripto deste. Não éra possível salvar o espirito da diagnose d'aquelles auctores, tal como o de Tschudi, o *animus de crear um genero para duas especies* — se uma dellas já fazia parte de diagnose publicada e reconhecida. E dahi vieram os auctores (Berg, Anal. Mus. B. Aires, tomo V, ser. 2.ª, II pg. 163 — 1896 — 97.) até o mais moderno *vade-mecum* da batrachologia moderna — Nieden — «Anura» (in das Tierreich, pg. 368-1923) que novamente reeditou *Cycloramphus*. Outros como Steindachner («Contr. batrachologica; publicada em 1864 nos Verhandl d.k.k. Zool. Bot. Gesellschaft in Wien pg. 282) e Boulenger — Ann. & Mag. e outras revistas, — e Anderson — Archiv for Zoologi Bd. 9 — Heft I pg. 3-1914, nem mais fallaram em *Cycloramphus* adoptando francamente *Telmatobius* para ambas as fórmas.

1) Regras Internacionais da Nomenclatura Zoologica.Codigo de Nomenclatura publicado nas Memorias do IX Congresso Internacional de Zoologia.

2) Bronn's Klassen & Ordnungen d. Thierreiches — Amphibia.

E isto é uma consequencia lógica do Codigo de Nomenclatura: Art.º 6 — Os nomes genericos e subgenericos estão sujeitos ás mesmas regras e recommendações e e são subordinados ao ponto de vista da nomenclatura — isto é — tem o mesmo valor», «Art.º 11 — O mesmo se diz quanto aos nomes especificos e sub-especificos». Analogia — Exemplos não faltam e para julgamento basta o seguinte passado e julgado entre auctores francezes:

Cuvier (George Dagobert), descreveu em 1812 um golphiinho, citando igualmente o que suppunha os seus caracteres crancanos, segundo exemplares do Museu do Paris, — bôto-vermelho do Amazonas. Dando-lhe por typo a pelle de um exemplar colleccionado pelo naturalista brasileiro — Alexandre Rodrigues Perreira e levado do Museu de Lisbôa por Saint-Hilaire (E. Geoffr.), elle o comparou a outros; deu uma figura do rosto nas «Recherches sur les Ossements Fossiles.» Quando em 1823, na segunda edição dessa obra, voltou novamente a explicar que «éra o bôto do Amazonas levado do Museu de Lisbôa que elle havia chamado de *frontatus*» — esta declaração de nada lhe valeu — por ser impossivel separar o espirito, o *animus* da descripção original que englobara o craneo primeiro referido d'uma especie do Oceano Indico.

Ficou esta (de que elle déra a indicação figurada nos Ossements Fossiles) com o nome de *Steno frontatus* Cuv., máo grado o protesto de seu auctor original e o testemunho escripto de Frederico Cuvier — revisor e editor da 4.ª edição dos Ossements Fossiles; e a existencia da pelle do bôto levado por Ferreira para a Europa, — no Museu de Paris, onde eu proprio ahi o vi e d'elle retirei notas e desenhos no anno de 1911.

Pouco importa, pois, que, como pensava Günther, Bibron tivesse etiquetado no Museu de Paris com a designação de *Pithecopis fuliginosus* o genero chamado por Dumeril em favor de *Cycloramphus*. Günther at-

tendeu-lhe ás razões, quiz dar-lhe mão forte. Mas este parecer não pôde ser mantido porque *Pithecopsis* de Dumeril e Bibron também continha *Telmatobius marmoratus* que esses dous ultimos auctores declaravam «*especie do mesmo genero.*»

Foi naturalmente por este facto que Boulenger que em 1882, na segunda edição do Catalogo dos Batrachios do Museu Britannico, havia soerguido de novo *Cycloramphus*, abandonou-o de todo nas vezes ultiores em que teve de publicar alguma cousa sobre o assumpto, só admittindo total e exclusivamente *Telmatobius* — mesmo para aquellas especies para as quaes outros auctores queriam desenterrar *Cycloramphus*.

Genero, especie e typo

Toda a systematica e, com ella, toda a nomenclatura zoologica repousa sobre a 10.^a Edição do Systema Natural de Linneu, publicada em 1758 e hoje reeditada para uso dos naturalistas, em sequencia ao Codigo Internacional de Nomenclatura. Todo naturalista sabe que genero é aquelle numero de *especies* que pôdem ser reunidas sob a mesma identidade de uns tantos caractéres ou detalhes morphologicos. Em outras palavras: genero é a constante morphologica que reúne as especies.

A especie é considerada de duas maneiras: A fôrma que nasceu e transmite a sua identidade indefinida e invariavel atravez do tempo ou a forma que caminha com o tempo e com o meio: mensageiro da fôrma atravez do tempo.

Estas duas entidades estão e estarão sujeitas a interminaveis divagações e erros. O typo não: Typo em zoologia é, em essencia, invariavel dentro da systematica — é o exemplar escolhido para assignalar a especie ou, definida esta, o genero. E quando na publicação original de um genero, uma de suas especies é explicitamente designada como typo, ella será aceita como tal, acima de qualquer outra consideração.

Por isso mesmo, o typo é sómente um unico exemplar. Adopta-se, em geral que, quando um auctor, por qualquer motivo, tenha baseado sua descripção sobre mais de um exemplar, estes sejam considerados como cotypos. Esta lei é sequente e não retroactiva. Ninguem tem o direito de escolher um typo para uma especie se o auctor não o fixou pois, recommendaram as leis do Codigo (Appendice, letra A) seja indicado o Museu em que esse typo se encontra e o numero com o qual o mesmo ahi se acha registrado — e isto deve ser feito no acto de estabelecimento d'uma especie ou dum genero.

Apenas, quando o typo escolhido e fixado por um auctor tenha desaparecido — pôde ser eleito um outro novo — sob a condição indispensavel que este proceda do mesmo local que o typo primitivo.

O Genero *Grypiscus*

Em 1925 pedi ao Prof. Barbour examinar-me *Grypiscus* o que se comprova de Copeia, n.º 138 pg. 26 — 1925 e da pg. 41 de 1926 do volume XXVII dos Archivos do Museu; e o resultado correspondia a uma parte das minhas indagações. Ficára de pé a duvida sobre a articulação monocondylar do pelvis do typo de Bibron e das phalangetas não dilatadas deste e do typo de Cope (Archivos do Museu, 1926 e Boletim, 1929).

Actualmente é-nos possivel verificar essas duas particularidades morphologicas porque, do exame dos typos guardados nos museus de Cambridge — U.S.N.A. e de Paris, pôde-se julgar que o primeiro detalhe não foi levado a effeito por Cope — pois o exemplar d'este ultimo Museu está virtualmente intacto na região lombar e abdominal. E a dimensão da ponta dos dedos e artelhos apparece com a mesma ligeira intumescencia terminal que é notada nos dous typos e nos exemplares que eu incluirei no genero *Iliodiscus*. Podemos comparar *Grypiscus* com o typo do Bibron, pois, aproveitando

a ida do Prof. Alberto José de Sampaio á Paris, pediu-me que me obtivesse dos Professores Pellegrin e Angel, daquelle Museu, uma figura exacta daquelle typo de Bibron e uma photographia no dobro do tamanho natural — das duas faces dorsal e ventral. A evidencia generica é irrefutavel e a revisão, feita a meu pedido, peio Professor Barbour e publicada em Copeia, é a que deve prevalecer — ainda em consequencia do Codigo de Nomenclatura. Já isto foi dito, no meu artigo anterior, pg. 19, Conclusões Item III-1929. *Crypiscus*, pois, é o nome generico que deverá permanecer para todas as especies até agora incluidas em *Cycloramphus*, *Grypiscus* e *Ilhodiscus* e para variar daquellas especies que outros auctores incluíram indevidamente no genero *Telmatobius*.

Cabe-nos agradecer aos Professores Thomas Barbour, Jacques Pellegrin, F. Angel e A. Sampaio, a efficaç interferencia.

Synonymia do genero *Telmatobius*

Telmatobius (Wiegmann)

Nova Acta Acad. Leopold. Carol. Nat. Curiosorum, tomo XVIII, pg. 263 — ests. XVI, figs. 3,3a-3c — 1835

Synonymos:

Cycloramphus TSCHUDI, Classif. Batr., pg. 81 Mém. Soc. Nat. Neufchatel — T. II — 1838.

Cycloramphus e *Pithecopsis* DUMERIL e BIBRON, Erpetologie générale, vol. VIII, pg. 554 est. 87 fig. 3 — 1841.

Cycloramphus TSCHUDI, Archiv. für Naturgeschichte, pg. 167 — 1845.

Cycloramphus GAY, Hist. Phys. & Pol. Chile, vol. II, pag. 94, est. 7, fig. 4 — 1848.

Cyclorhamphus GUNTHER, Cat. pgs. 4 21 e 133 — 1858.

Telmetobius BOULENGER, Cat. II ed., pg. 190 — 1882.

Telmatobius NIEDEN, Anura pg. 378 — 1923.

Uma enumeração especifica bem approximada vem neste ultimo trabalho; uma critica criteriosa no Bull.

of the Mus. of. Comp. Zool., vol. LXIII, n.º 8-1920 e outros ultteriores. O Prof. Angel incluio ahi uma nova *T. escomeli* — Anales de Sciencies Naturelles, Zool. VI-1923 pgs. 107-111 que nos parece mais proxima de *Calyptiocephalus* e evidentemente apresenta um genero novo.

Synonymia do genero *Grypiscus*

Grypiscus (Cope)

Journ. Acad. Philad., Ser. 2.^a vol. 6 pg. 206-1867.
Barbour, Copeia, n.º 139-1925.

Synonymos:

Pithecopsis GUNTHER, (nec Dum. & Bibr.) Cat. pgs. 4 e 22 — 1858.

Pithecopsis HOFFMANN, Bronns' Klassen & Ordnungen d. Tierreiches — pg. 619 — 1878.

Cyclorhamphus BOULENGER, Cat. II ed. pg. 189 — 1882.

Cycloramphus? *Grypiscus?* MIR. RIB.^o — Rev. do Mus. Paulista, vol. II — 1920.

Ilidiscus MIR. RIB.^o — op. loc. cit. — 1920.

Cycloramphus NIEDEN, Anura, pg. 368 — 1923.

Grypiscus BARBOUR, Copeia, n.º 138 — 1925.

Cyclorhamphus LUTZ, Mem. Instit. Osw. Cruz — Maio de 1929.

Ilidiscus MIR. RIB.^o — Bol. Mus., vol. V n.º 4 — 1929.

As especies do genero

Grypiscus (Cope)

«Mandibula com uma serie de dentes pleurodonte e um dente permanente elevado em cada lado da symphyse. Ossos prefrontaes plenamente desenvolvidos, em contacto entre si em toda a extensao e com os frontoparietaes. Apparelho auditivo bem desenvolvido, lingua larga, inteira, pouco livre. Dentes vomerinos. Paratoides ausentes. Dentes mandibulares apenas salientes sobre a margem alveolar parecendo inseridos á mucosa

d'onde são facilmente raspados. Sacro dicondylar. Xiphisterno cartilaginoso, artelho provido de membrana natatoria. (Cope.)

A que accrescentamos: Dedos e artelhos com a phalangeta capitonada ou l-fonne, os ultimos inais ou menos palmados, um sacco vocal e enormes discos entumescidos nas ilhargas¹ nos machos. Typo do genero — *Grypiscus umbrinus* Cope — Journ. Acad. Sci. Philad., Ser. 2.^a-vol. 6, pg. 206-1867; e Bull. U. S. Nat. Mus. n.º 34 — pg. 381 e 40 — fig. 119 — e est. LXX fig. 11 — 1889; exemplar n.º 1471 do Museu de Zoologia comparado de Cambridge, U. S. N. Am., adiante reproduzido por photographia do Dr. Barbour.

Não consideramos ainda *Grypiscus umbrinus* identico á especie de Bibron, como fizeram Lutz² e Barbour.³

Grypiscus umbrinus Cope, têm probabilidades a favor dessa these: o mesmo local de procedencia — a dade do Rio de Janeiro e varios caractéres anatomicos. Julgamos entretanto que elle tem outros que o afastam e serviram em parte para que Cope, que estudou os dous typos, não os identificasse como generos:

1.º — Dentes pleurodotes; 2.º — *Xiphisterno emarginado, escutiiforme*. Egualmente tenho duvidas considerando o tamanho relativo dos dous typos. E' certo que este character da diversidade de tamanho, poderia representar um dimorphismo sexual; e que o mesmo póde ser dito dos dentes pleurodotes. Tenho receio de acompanhar Barbour quando elle diz que os dentes pleurodotes talvez jamais existissem. Cope éra uma auctoridade severa. Isto até certo ponto, desloca *Grypiscus umbrinus* para o campo das «species inquirenda». Mas é um facto que elle é dado como tendo dentes pleurodotes em metade do tamanho do typo de Bibron.

1) Nunca sobre a região lombar, como em *Paludicola*.

2) Op. cit.

3) Bull. Mus. Comp. Zool. vol. LXIX, n. 10 — 1929.

As suas glandulas iliacas são enormes, embóra estejam vasias. Os seus pés parecem inais palmados — consulte-se — os desenhos de Cope com os aqui reproduzidos, copiados da photographia do typo.

Não fosse este ultimo character e *Grypiscus umbrinus* pareceria proximo do que Lutz chamou de *Cyclorhamphus pinderi*; noto-lhe as proporções, a pelle, a côr e parece-me que na photographia que me deu Barbour, — estão as tres verrugas por fóra das tibias. Eu inclui esta especie de Lutz como synonymo de *G. semipalmatus* Mir. Rib.o, baseado na fórmula da membrana natatoria em ambos parecida (e desconfiado do desenhista).

Mas, na verdade, eu acho mais affinidade entre *Grypiscus umbrinus* Cope e *Gr. pinderi* Miranda-Ribeiro, do que entre o primeiro e o typo de Bibron.

E sou levado a isso pela forma do aparelho esternal; contudo, nem *G. umbrinus* nem o typo de Bibron exhibem aquelle character universal que eu não vi ausentes em nenhuma das outras especies — a tarja branca interocular.

Não me sinto com pressa alguma de concluir em tal emergencia, contudo, pretendo a seguir, exprimir o meu modo de considerar as especies do genero sem os seus respectivos synonymos, porque varias devem ser incluidas nas «*species inquirenda*».

Nieden deixou *Cyclorhamphus asper* Werner, no genero por elle desenterrado, em 1923 e *Telmatobius asper*, Boulenger, seu synonymo, no genero de Wiegmann. O que Lutz havia chamado de *Cyclorhamphus boulengeri*¹ eu inclui na synonymia de *Illiodiscus brasiliensis*, o que deve ser corrigido aqui para *Grypiscus brasiliensis* Steind. conforme se salienta da comparação das figuras dos typos respectivos.

Barbour reunio *Illiodiscus semipalmatus*, descripto por mim, a *Grypiscus umbrinus* em 1925² e depois, at-

1) Op. cit. pag. 11 est. 3 figs. 1-2 — 1920

2) Copeia — n.º 138.

tendendo a Lutz, acompanhou-lhe a opinião¹ adoptando como certa a fig. 4 da estampa I de Lutz que pretende representar *Cycloramphus asper* de Werner. Eu creio que *Iliodiscus semipalmatus*, de Campo Grande — S. Paulo não reproduz nenhuma das duas especies.

Minha opinião neste caso é que *Iliodiscus semipalmatus* é talvez synonymo de *Grypiscus duseni* (Anderson) e como tal distincto da especie de Werner, conforme muito bem disse Boulenger.

Assim as diferenças acompanhadas das respectivas illustrações serão melhor percebidas na ennumeração a seguir, para estudo da synonymia das especies:

Pelle inteiramente lisa.

Xiphisterno marginado

- a) Pés quasi palmados.
Marmorado uniforme. . . . 1 — *Gr. umbrinus* Cope
— Rio de Janeiro — typo Mus. Comp. Zool. Cambridge
U. S.
- b) Pés palmados.
Tarja interocular branca. . . . 2 — *Gr. pinderi* Mir.
Rib.º I. S. Sebastião — S. Paulo Museu Paulista 647.
- c) Pés semipalmados.
Marmorado. uniforme, Tibias lisas. . . . 3 — *Gryp.
fuliginosus* (Dum. & Bibr.). Rio de Janeiro — typo, n.º
750 Mus. Paris.
Tarja interocular. . . . 4 — *Gryp. lutzi* nomen novum
— Raiz da Serra, Petropolis, typo Instit. Osw. Cruz.
Tibias tuberculadas. . . . 5 — *Gryp. scleromeris* nom.
nov. S. da Bocaina, typo Mus. Inst. Osw. Cruz. . . .
(*Gr. umbrinus* Lutz)
- d) Pés livres de membranas natatorias. . 6 — *G. eleutheroda-
ctylus* Mir. Rib.º Serra de S. Paulo typo 120 Museu
Paulista.

Pelle inteiramente granulosa.

²) Bul. Mus. Comp. Zool. n. 10 — 1929.

Xiphisterno ovoide

- a) Pés palmados. . . . 7 — *G. brasiliensis* (Steind.) Rio de Janeiro, (*Gr. dubius* Mir. Rib.º *Gr. boulengeri* Lutz).
- b) Pés semipalmados. . . . 8 — *G. asper* (Werner) Sta. Catharina — typo — Mus. Berl. (*Gr. asper?* Boul.)
- c) Pés quasi sem palmas; tarja interocular. Col. uniforme. . 9 — *Gr. dusei* (Anderson) Paraná — typo — Mus. Stockolmo (*Gr. semipalmatus* Mir. Rib.º Campo Grande S. Paulo — typo n.º 737 Museu Paulista).

Cyclorhamphus granulatus Lutz, fica fóra dessa nossa nossa apreciação. Sentimos que ella representa uma bôa especie do genero *Craspedoglossus* talvez identica a *bolitoglossus* Müll. ou cousa parecida; comtudo, a parte, pela constituição anatomica que as figuras revelam, do genero que foi até agóra objecto da nossa attenção.

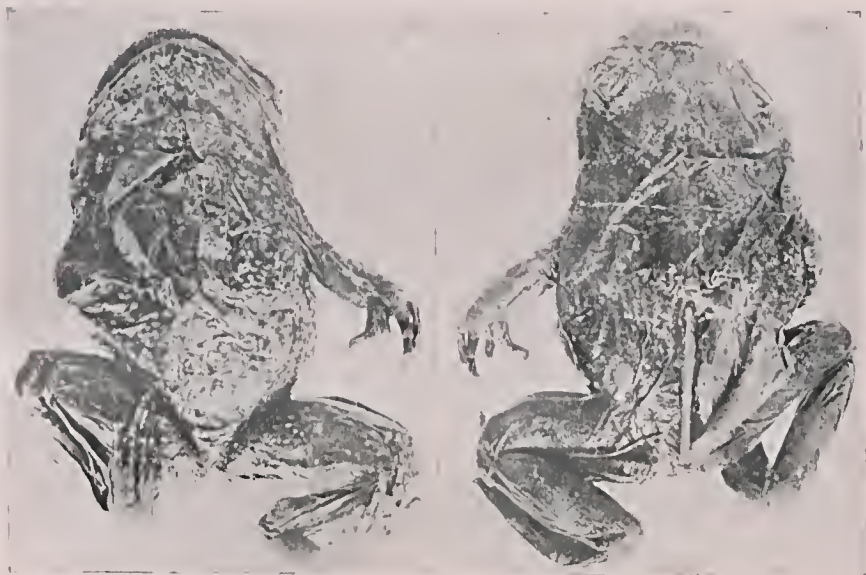
Rio, 1 de Janeiro de 1932.



***Grypiscus fuliginosus* (Dum. & Bibr.)**
(Tipo do Museu de Paris)



SciELO



1

$\times 1\frac{3}{4}$

2



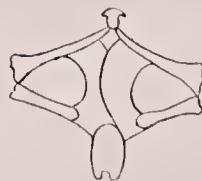
3



5



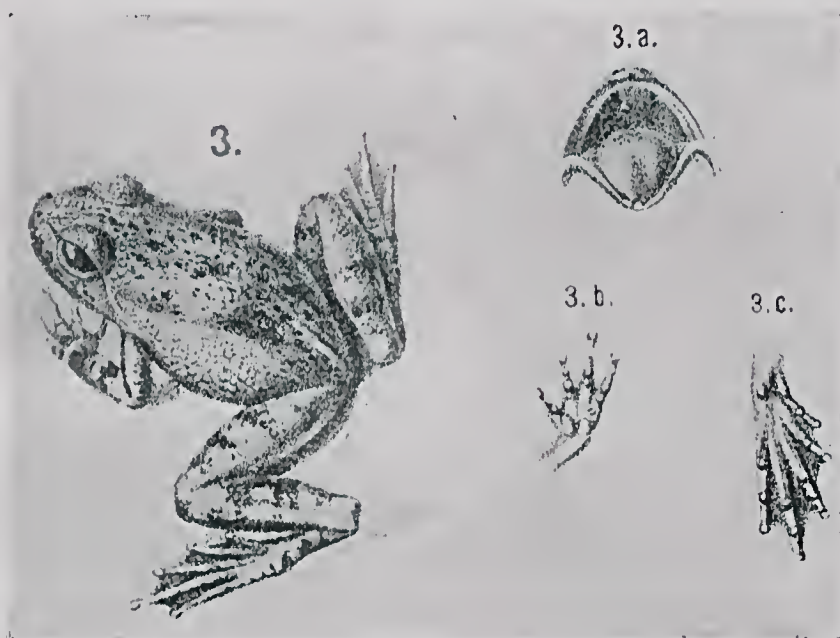
4



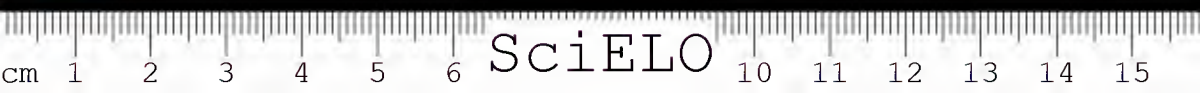
1-4 — *Grypiscus umbrinus* Cope.
5 — *pinderi* Mir. Rib.



SciELO



- 1 — *Grypiscus fuliginosus* (Dum. & Bibr.)
2 — *Grypiscus asper* (Werner)
3 — *Grypiscus brasiliensis* (Steind.)



SciELO

Sobre uma nova especie do genero
Callipogon (Coll. *Cerambycidae*)

por

PAULO DE MIRANDA RIBEIRO
(Do Museu Nacional)

Callipogon joinvillei sp. nov.

Dentre os *Callipogon* do Museu Nacional, encontro um exemplar procedente de Sta. Catharina que, em face da bibliographia ao meu dispor e da comparação que effectuei com os demais exemplares deste genero, não só do Museu como das collecções do Instituto de Biologia Vegetal e do fallecido Snr. Julius Melzer, julgo tratar-se de uma nova forma.

Apresenta o exemplar, côr de canella um pouco mais accentuada que *C. cinnamomeus* L., mandibulas curtas, mostrando, assim como o episthomo, pubescencia pouco desenvolvida; o dente vertical, innexistente; olhos, em cima e em baixo, menos approximados e menos volumosos do que na especie supra citada; primeiro articulo das antenas, na bórba interna, rudimentarmente pubescente até o primeiro quarto; prothorax sem pontuação sexual, tendo os cantos posteriores salientes em espinho, porem menos affastados dos clytros e com o bórdo posterior em curvas mais suaves que em *C. cinnamomeus* L.; todo o pronoto coberto de pubescencia uniforme.

Comprimento 55mm. Um exemplar macho, nas collecções do Museu Nacional do Rio de Janeiro, proveniente de Joinville, Sta. Catharina, colligido pelo Sur. Bruckner.

Rio de Janeiro em Junho de 1935.



PAULO MIRANDA RIBEIRO

Rev. Museu Paulista
Tomo XIX



***Callipogon joinvillei* n. sp.**



SciELO

El *Berlepschia rikeri* y su Biología

por

A. M. OLALLA

Esta curiosa e interesante Ave que los Brasileños de la Amazonía lo llaman «Arapaçu dos coqueiros», hasta la presente es bastante rara en las colecciones Ornitológicas. Pertenece á la grande Familia de los *Dendrocolaptidae*, constituyendo un solo género, éste representado por la especie *Berlepschia rikeri* (Ridgw.). Ave coleccionada por primera vez en las vecindades de Santarém, por el Naturalista coleccionador norte-americano C. Riker, por el año de 1884 y mencionado científicamente en (Pr. U. S. Nat. Mus. IX, Pag. 523, 1886). Su descripción general es la siguiente: parte superior castaño encendido; régimes de las alas pardas; cabeza negra pintada de finas líneas longitudinales blancas; parte inferior del cuerpo negro pintado longitudinalmente de blanco, diferenciándose las cobijas inferiores que son cruzadas transversalmente de líneas blancas. El Ave en cuestión mide: largura del ala 10 ctm, de la cola 9,5 ctm. del pico 2,5 ctm.

Hasta 1927 ésta Ave era conocida como proveniente exclusiva del bajo Amazonas en el E. del Pará, pero en éste año la expedición «Lee Carnet Day» enviada por el «Am. Mus. Nat. His. New-York» hacia el Monte Roraima en la Guayana Inglesa, capturó 2 ejemplares de ésta Ave en la «Fazenda Brasil», localidad situada a 17 Klmtrs. al N. E. de la ciudad de Manáos. En Agosto de 1928 cuando miembro de la expedición «Tyler-Dui-

da» enviada por el mismo Muséo hacia el «Monte Duida» en el R. Orinoco, (Venezuela) coleccioné 2 ejemplares de éste «Arapacú» en las vecindades de la primera localidad donde fue capturada ésta Ave en 1927. En el 1928 coleccionamos en las savanas de Esmeralda (localidad situada en las faldas del Mt. Duida) más de una docena de éstos pájaros. En 1931 volvi ha encontrar éstas Aves en la margen izquierda del R. Tapajós a 18 millas de la ciudad de Santarém. Posteriormente tengo coleccionado ejemplares de éste pájaro en las siguientes localidades: R. Tapajós: Santarém, R. Tocantins: Ilha do Taiuna. Tengo observado ésta Ave en los siguientes lugares: R. Tapajós: Tauary, localidad situada en la márgen derecha del R. Tapajós á 25 millas de Santarém; la región del bajo Amazonas en el E. del Pará, infaliblemente donde existen grupos de palmeras de Moriche (*Mauritia vinifera*); la plaza de la «Trindade» (Belém) y Val-de-caes. Tambien lo coleccioné en el R. Acará en la villa de éste nombre. Los ejemplares auténticos de éstas Aves los he mandado á las siguientes Instituciones Científicas: América del Norte: «Amer. Mus. Nat. His. New-York y Mus. Comp. Zool. Bost. Mass. Europa: Riksmuseum, Stockholm, Suecia. América del Sur: Universidad Central de Quito, Rep. del Ecuador y Muséo Paulista, Brasil.

Biología

Ésta Ave vive exclusivamente en las palmeras de Moriche (*Mauritia vinifera*) donde se mantiene permanentemente buscando sus alimentos que consisten en insectos y larvas de éstos. Éste pájaro no procura su comida en los troncos o ramas gruesas de ésta palmera, (como generalmente lo hacen sus congéneres de la Familia) sino que procura siempre las partes débiles de las hojas donde á los brincos coje los insectos etc. Cuando una larva está posada en alguna hoja, él Ave se aquietta para verificar si está viva su presa, una vez hecha ésta verificación, mueve la cabeza en diferentes

direcciones como que magnetizando su víctima; cuando ha depasado un ligero tiempo en éstos movimientos, brinca certeramente cojiendo con el pico su presa, golpeala repetidas veces contra la hoja de la palmera y una vez qué ésta ya no tiene vida, trágala levantando acentuadamente la cabeza para arriba. En ésta función, quien ve éste pájaro, nunca puede acreditar que se trata de un *Dendrocolaptidae*, pareciéndose en ésta face al *Heliodytes* de la Familia de los *Troglodytidae*. Los movimientos del *Berlepschia* se asemejan á los de sus parientes de la Familia, cuando busca sus alimentos en las partes posteriores de las consavidas hojas del Moriche. Entonces gatea acendiendo como sus parientes. Tambien cuando busca larvas de insectos en algunas partes podridas de los tallos de las hojas mencionadas se asemeja a sus congéneres, produciendo el ruido típico de los miembros de la Familia *Picidae*, ruido producido del choque del pico del Ave en la madera; siendo que éste golpecito no es muy comun en los *Dendrocolaptidae*. Éstas Aves son extremamente pacíficas tanto entre si como con cualquier pájaro que la casualidad les lleve ha posarse en las citadas palmeras. Siempre gustan andar en parejas hasta de cuatro especimenes que generalmente se encuentran en una misma palmera o en alguna otra muy cercana. Son Aves precautivas y por éste motivo procuran hacer su *Hábitat* en las palmeras frondosas y altas, procurando ocultarse cuanto posible á las vistas imprudentes del cazador. Verdaderamente éstos pájaros á pesar de ser abundantes, no es facil matarlos, porqué se vuelven invisibles en las regulares alturas de las mencionadas palmeras, procurando siempre colocarse en las partes superiores de éstas; de manera que, quien no conoce su silvo, dificilmente podrá divisarlos y mismo verificar la existencia de éstas Aves en localidades donde como ya dije abundan. Quien pasa por un «Buritizal» en las regiones expresadas donde viven éstos pájaros, infaliblemente en las mañanas de dias despejados oirá un silvo fino y penetrante, semeiante á ésta voz: fi-fi-fi-fi-fi-fi-fi-fi-

fi-fi-fi-fi-fi-fi-fi, unas veces más corto y otras muy prolongado, pues ésta voz es producida por el Ave en cuestión. La voz de los machos es un poco más fuerte y grave que la de las hembras, gustando de silvar todos los miembros del lote, a veces dos individuos juntos.

Éstas Aves son extremadamente unidas entre si. Cuando un ejemplar vuela para otra palmera, éste es seguido inmediatamente por los demás compañeros. (Sentimiento bastante frecuente en ésta Familia) Cuando se mata uno de ellos, los demás acompañan éste en su caída vertijñosa, solamente volviendo ha retomar el vuelo cuando éste toca el suelo. Se nota visiblemente la turbación de éstos porque empiezan a silvar asiduamente, lanzando así su protesto contra la mano cruel que quitó la vida a uno de sus inseparables compañeros. Éstas AVECITAS demuestran el sentimiento de unión e el acto de siempre buscar sus alimentos casi unidos, de allí que repetidas veces he muerto dos de un tiro. Es inutil insistir en querer matar un otro ejemplar del lote despues de matar el primero, porque los restantes se ocultan de una forma tal, que nunca pude verlos despues de hacer la primera víctima. Despues de éste fatal acontecimiento para ellos, continúan silvando a menudo hasta dos o tres dias despues desta triste ocurrencia. A veces se une á éste grupo un otro individuo, pero generalmente se mantienen incompletos. Éstas Aves tienen su área limitada para pasar su vida, nunca mesclándose individuos de dos grupos diferentes. De manera que éste costumbre en ellos, facilita un poco al cazador que desea capturarlos. Son asiduos i constantes vividores en éstas áreas, retirándose de allí solamente cuando son perseguidos asiduamente. Entónces parece que hacen sus viajes, buscando un lugar mas tranquilo. A éstos pájaros se los encuentra tanto en los claros como en los centros de los bosques donde existan grupos de palmeras de «Burity».

A pesar de muchos esfuerzos que tengo hecho, no he conseguido encontrar sus nidos, pero créo que ha-

cen éstos en las mismas palmeras, visto que éstas Aves no habitan en otro lugar.

Acredito que solamente las palmeras de «Burity» constituyen su *Hábitat* y soy absolutamente contra lo que se propala, diciendo qué éstas Aves viven tambien en las palmeras de Coco. Nunca vi éstos pájaros en éstas palmeras demorarse á mas de un minuto, pues solamente posan en ellas para descansar de sus largos vuelos.

Manáos 2/5/935.



El genero *Sciurillus* representado en la
amazonia y algunas observaciones sobre
el mismo

por

A. M. OLALLA

CONCIDERACIONES

La lectura de un concienzoso y erudito estudio hecho por el Dtr. Oliverio M. de Oliveira Pinto, asistente de la sección zoológica de Vertebrados del Muséo Paulista y publicado en la (Rev. do Mus. Paul. Vol. XVII-1.ª Pag. 263-320-1931) sobre los *Sciuridae* del Brasil, consonante las colecciones de éstos Roedores, existentes en dicho Muséo, en él cual aparece el género *Sciurillus* como proveniente exclusivo de la Guayana francesa, me llevó ha publicar el presente artículo, apenas con el intuito de demostrar esta aparición zoogeográfica en el admirable Valle Amazónico, donde personalmente he coleccionado ejemplares del Roedor en cuestión.

Estoy conciente de la imperfección de éste trabajo, emanada de la falla de literatura conveniente, permitiéndome de antemano recorrer á la benevolencia de los entendidos, pidiéndoles apenas justicia para la buena voluntad que me impele ha noticiar la presencia de éste pequeño *Coatipuru-zinho*, nombre vulgar conqué coocen éste interezante mamífero los Brasileños, en las diversas localidades donde vive.

Expreso aquí mis sinceros agradecimientos á los Sñrs. Dtrs. Affonso de E. Taunay y Oliverio M. de Oliveira

Pinto, el primero: Director del Muséo Paulista y el segundo personaje entendido en la Ciencia zoológica, ambos, autores de brillantes trabajos Científicos y representantes eficientes de la Cultura Brasileña, puesto que á la liberalidad de éstos personajes, devo el hospedaje y publicidad del presente trabajo.

Manáos, E. de Amazonas, 4 de Mayo de 1935.

Sciurus pusillus Desmar

Con este nombre se le conocia al «petit Guerlinguet» de Buffon, incluido por Allen en 1897 en su nuevo subgénero *Microsciurus* (Bull. Am. Mus. Nat. His., XXXIII, 1914, paj. 154) y posteriormente separado por Thomas en 1914 con la determinación típica-autónoma-genérica de *Sciurillus*. Esta pequeña Ardilla es una de las especies más menores de la Familia conocida en Sur-America, siendo éste género representado por la especie *Sciurillus pusillus*, que como se verá á continuación no solamente vive en la Guayana francesa, sinó también en lá márjen derecha del R. Amazonas.

En el cuadro de generos de ésta Familia de Roedores presentado por Allen en 1915, se vé que el rabo de este animal es más largo que la largura de la cabeza y cuerpo unidos, resultando asi una media de largura total de (cabeza, cuerpo y rabo) 220 mm. Entretanto, las mensuraciones obtenidas por mi son las siguientes:

Sexo	Largura total	Larg. rabo	Dimens, parte post. pata
♂	199 mm.	94 mm.	29 mm.
♂	200 mm.	100 mm.	25 mm.
♀	221 mm.	108 mm.	23 mm.
♀	221 mm.	110 mm.	30 mm.
♀	205 mm.	100 mm.	24 mm.

Todos éstos ejemplares fueron colectados en la márjen izquierda del R. Tapajós, entre el «Igarapé Amorim» y la «Villa de Boim» en los años 1932 y 1934. Actualmente éste material pertenece, al (Mus. of Comp. Zool.

Bost. Mass.) y (Riksmus. Stock. Suecia). Es preciso notarse que todos los ejemplares mencionados eran completamente adultos.

Bajo el árvitro de las mensuraciones arriba expresadas y sacando la media parcial de los ejemplares de cada sexo, tendremos el siguiente resultado:

2 ♂	<i>L. T. Media</i>	<i>L. R. Medio</i>	<i>D. P. P. Medio</i>
	199 mm.	97 mm.	27 mm.
3 ♀	215 mm.	106 mm.	25 mm.

Con el intuito de hacer un paralelo con las mensuraciones medias expresadas por Allen en el cuadro de géneros de la Familia de éstos Roedores, me permito citar á continuación la media general obtenida en los 5 ejemplares examinados, teñendo el siguiente resultado:

<i>L. T. Media</i>	<i>L. R. Medio</i>	<i>D. P. P. Medio</i>
209 mm.	102 mm.	26 mm.

Con éste práctico resultado, lógicamente se vé qué no concuerdan éstas medias con las citadas por el Eminente Mamalogista Norteamericano, deviendo aclarar que las mensuraciones tomadas por mí, son las del sistema moderno en las colecciones de mamíferos, esto es: largura total parte inferior: desde la punta de la nariz hasta la terminación de las vértebras caudales, sin contar los pelos que generalmente en éstos mamíferos depasa de la terminación de las citadas vértebras, susecivamente uso éste sistema para la medición del rabo, etc.

Dejo aquí anotado los resultados obtenidos con las mensuraciones tomadas en el animal despues de muerto y antes de ser pelado, á fin de que los especialistas determinen si los ejemplares de la Amazonia son los mismos exactamente que los de la Guayana francesa. En mi opinión, juzgo tratarse de una sub-especie del de la

Guayana, puesto que, el característico inconfundible en ésta especie es la mancha blanca en el lado posterior de las orejas del animal. Otra causa ponderable para ésta opinión, es la grande distancia que existe de la Guayana á la marjen derecha del Amazonas, siendo que la anchura de éste gigantesco rio, limita las poseciones zoogeográficas á animales como éstos que no saben nadar trechos tan considerables.

Em 1927 coleccioné el primer ejemplar de éste Roedor en la marjen derecha del R. Ucayali en la Amazonía Peruana y en la Región denominada Sarayacu. En el mismo año y anteriormente a ésta captura, ví por primera vez ésta pequeña Ardilla en la misma márjen de éste caudaloso rio (afluente principal del R. Amazonas) en el lugar denominado Chingana, pequeño riacho situado á unas 4 millas de la desembocadura de éste grande rio. En 1928 me comunicó el Dtr. O. Thomas, Mammalogista Ingles y Autoridad del Muséo Británico, haber llegado en las colecciones formadas por R. Heendi en el R. Ucayali, un ejemplar de éste interesante Roedor, capturado en Canchauayo, arriba de la ciudad de Contamana; ésta captura se efectuó tambien en la misma marjen derecha de Ucayali. Hasta mayo de 1928 coleccioné en el R. Ucayali haciendo varias estaciones en las dos márjenes de éste rio, siendo que llegué hasta la confluencia de los ríos Tambo y Urubamba y á pesar de poner siempre cuidado en la observación del animal en cuestión, no lo volví ha ver. Estos ejemplares se encuentran en el «Amer Mus. of Nat. Hist. of New-York» y «Britsch Museum of London».

En 1929 fui sorprendido nuevamente con la presencia de éste mamífero en la márjen derecha del R. Madeira en la Amazonía Brasileña y en las vecindades de la «Villa de Borba», allí coleccioné algunos ejemplares que los encontré siempre parcialmente. En el mismo año lo volví ha encontrar nuevamente en los terrenos firmes del canal «Ramos» en la desembocadura del «Lago Andirá». En 1931 lo volví ha o encontrar en la már-

jen derecha del R. Tapajós entre la región de «Igarapé Amorin-Villa de Boim»; en ésta misma región son coleccionados los ejemplares que sirvieron de objeto para éste trabajo, como lo tengo ya dicho. Todo el material coleccionado por mi, está en el «Am. Mus. Nat. His. New-York.

En conclusión, la distribución Geográfica en la Amazonia hasta la fecha presente se puede considerar evidentemente así:

Perú: R. Ucayali, márgen derecha, desde su desembocadura hasta su formación o sea la confluencia del R. Tambo y Urubamba que lo forma éste rio.

Brasil: La región comprendida entre los ríos «Madeira y Tapajós.

Biología

El *Sciurillus* Amazónico vive exclusivamente en los terrenos firmes, deleitándose en correr y buscar sus alimentos en los árboles altos y frondosos. Nunca lo vi caer al suelo (como hacen sus congéneres de la Familia) ni para buscar frutas ni en caso de peligro, más siempre corriendo vertiginosamente por los troncos y ramas de los árboles; la lijereza de éste animal en ésta función es admirable, capás de esconderse repentinamente de las vistas del cazador mas hábil y prespicás. Éstos animales no gruñen como sus congéneres que denuncian así su presencia, más hacen un ruido monosilabo que mas se parece con el canto del grillo, pudiendo ser interpretado por la siguiente voz; Sic-Sic, ésta voz es penetrante a los oídos, pero quien no conoce ésta voz, difícilmente podrá descubrir al animal. Generalmente para hacer éste ruido se suben bastante alto en el árbol, procurando siempre el espacio que queda entre dos ramas; allí, estirado produce esta voz; por consiguiente lo contrario de sus congéneres que para gruñir, siempre se sientan, procurando acomodarse bien. En la región del R. Tapajós con-

seguí observarlos en lá época del zelo en los meses Mayo-Agosto; en ésta época se reunen en manadas hasta de 8 individuos machos persiguiendo una hembra, la cual corre á la cabeza del bando siendo seguida por los machos que con sus agudas voces denúncianse inmediatamente, solamente en ésta época los vi procurar los matorrales espesos de encima de los árboles, donde se mete toda la manada, efectuandose una riña y confución entre ellos, acentuándose sus voces; terminado seguramente el acto sexual, sa'len del matorral procurando correr desesperadamente. En ésta época yó maté una ocasión, 6 ejemplares de una vez. Procuré matar la hembra que acentuadamente es mayor que el macho, una vez muerta ésta, los machos no sabian que rumbo tomar, llegando ha bajarse hasta pequeña distancia del suelo, nó maté los 3 restantes, porque se fueron ha refujiar encima de los árboles de un lagote.

Éste animal se alimenta de pequeños frutos silvestres, corezas del árbol de huavo (Ingazeiro) y recinas de determinado árbol, todo ésto constatado por el examen Anatómico hecho en el estómago y intestinos. Este animal cuando muerto en la época del zelo, despide un olor penetrante, semejante al de sus congéneres machos de la Familia. En el mes de Junio en el R. Tapajós, coleccioné hembras fecundadas, siendo sus embriones en numero de 2. En el mes de Agosto, diré á fines deste mes, ya no se encuentran manadas, pero si raramente un macho; éste ya no hace continuamente su típico ruido de voz, sinó con grandes intervalos.

O Genero LOBOEDERUS

por

CARLOS AMADEU CAMARGO ANDRADE

Naturalista Colleccionador do Museu Paulista

Ao manipularmos o material de nossas collecções, encontrámos, em relação ao genero *Loboederus*, uma difficuldade, na identificação de suas especies, que veio determinar essas nossas considerações. Com effeito, possuindo nós duas especies d'aquelle genero, e estando os autores modernos concordes na existencia de uma unica, será a outra nova, por força. Porem como distinguil-a? Eis o ponto que tentaremos esclarecer. Sem outro intuito que o de procurar fazer um pouco de luz sobre o assumpto, ou promover os debates para que outros a façam, vimos expor o que se nos afigura mais logico.

Dada a complexidade do problema trata-lo-emos por partes iniciando as nossas considerações pelos primeiros debates provocados pela questão.

Em 1830, Perty, Delect. Anim. Articul. p. 21. descreveu um elaterideo do Brasil, São Paulo, — *Elater appendiculatus*, possuindo um forte caracteristico, até então desconhecido nesta familia — *ad angulus posticus lobolis 2 auriculiformibus*, que por si só poderia caracterizar um genero como muito bem diz o A. no inicio de sua diagnose: — *Forsan aliquando genus proprium constitutum.*

Um anno após, Guérin, Mag. Zool. Ins., p. 9, 1831,¹ estabeleceu um novo genero — *Loboederus*, a vista de

1) SHERBORN — *Index Animal.* no referir-se a dacta da publicação da especie equivocon-se dizendo: *Guérin in Latraille 1834* quando sua diagnose vem logo a seguir a do genero na obra acima citada.

um insecto da mesma procedencia e com os mesmos caracteristicos do exemplar de Perty denominando-o especificamente *monilicornis*.

Posteriormente, Lacordaire considerou-as como synonymos, conservou o nome generico de Guérin e o especifico de Perty, porem as divergencias das descrições são tão acentuadas que não podiamos aceitar tal opinião sem previo exame da questão.

Com effeito, Guérin descrevendo as antenas diz: — *Antennes moniliformes... de onze articles, dont le premier est le plus grand, et le dernier le plus petit, avoide*. Perty descreve-a: *antennae subserratae, 11-articulatae: articulo 1.º obconico-cylindrico, 2.º minuto subgloboso, 3.º 10.º subaequalibus, 11.º lanceolato*. As differenças são por demais evidentes para que consideremos as duas especies como identicas; resta-nos porem a hypothese, dado o silencio a respeito, de se tratar de differenças de caracteres determinados, apenas, por diversidade de sexos. Não nos parece, porem, que tal seja exato, pois para Perty o segundo articulo é — *minuto* — e Guérin cala-se a este respeito em sua descrição, mostrando, porem, na illustração ampliada o 2.º maior que o 3.º. A differença é ainda por demais flagrante para que aceitemos tal hypothese.

Procurando averiguar se algum dos citados A.A. modificou a sua diagnose primitiva, consultamos a litteratura a respeito. Deparou-se-nos então, um trabalho de Latreille. Este A., nos *Ann. Soc. Ent. France 1834 p. 148* redescreeu o genero e quando estuda a antena diz: *Antennes comprimées, la plupart, des articles, presque carrés, un peu plus étroits inférieurement, avec le côté interne un peu dilaté en manière de dent de scie; le second fort court; point de faux article distinct au bout du dernier*.

Guérin parece ter concordado com a rectificação, pois silencia a este respeito dizendo tão somente (*Icon. Règn. Anim. p. 42. Nota*) — *Nous avons donné les caractères de ce genre dans le Magasin d'entomologie, p. 9*

(1831); Latreille les a reproduits dans les *Annales de la Soc. Ent. de France*, t. 3, p. 148; mais il s'est trompé au sujet de la localité de l'espèce type, en l'indiquant de Java, car elle vient du Brésil.

Com esta rectificação podemos admittir a hypothese, a principio aventada da diversidade de caracteres determinada pela differença de sexos.

Aceito como certo, tudo isto restar-nos-ia identificar uma das duas especies que possuímos, para, com certeza, diagnosticarmos a nova. Em principio afigurou-se-nos muito facil o problema, mas ao tentarmos resolve-lo vimos grandes difficuldades levantarem-se á medida que procurávamos elucidar a questão.

A' medida que juntávamos subsidios novos, novos e maiores eram os entraves que levantávamos em torno da questão. Passaremos a relatar os principaes pontos das controversias entre auctores diversos, chamando a attenção para os pontos principaes, na expectativa de alguma prova com as quaes faremos os alicerces da hypothese que ousaremos levantar.

Vamos analysar ponto por ponto deixando as conclusões geraes para o fim.

Tomaremos como ponto de partida as antenas por serem um dos que mais divergencias têm occasionado.

No que respeita á forma Guérin descreveu-a como *moniliformes* ao passo que Lacordaire diz que ella é *filiforme*. Este A. porem, se contradiz quando escreve: *filiforme chez les femelles, de onze articles: 1.º arqué, 2.º court, obconique, 3 a 10 allongés et á peine dentés (mâles), transversaux, subégaux (femelles), 11.º plus long, arrondi au bout.* — dando a entender, assim, que a palavra filiforme não foi empregada em seu sentido proprio, mesmo porque, seria absurdo imaginar-se uma antena com 11 articulos, 1 cmt. de comprimento, com segmentos transversaes e em forma de fio.

Posteriormente, Candèze, ao tratar do genero em sua valiosa monographia, V.º II p. 69 diz: — *Antennes de la longueur de la moitié du corps e déprimées chez*

le mâle, plus courtes et jiliformes chez la femelle... Para este A. a antenna differe, com o sexo, em comprimento e forma, como já tinha escripto Lacordaire; somos forçados, porem, a discórdar, pelo exame que procedemos em nosso material. As antennas, nos machos, são de facto, um pouco maiores, ao passo que, nas femeas estas são bem mais robustas que n'aquelles. Não posso explicar este lapso do grande monographista; ou não teve em mãos um exemplar femea, ou não quiz contradizer o seu grande Mestre, mesmo porque juntou ao seu trabalho uma illustração que não condiz com o que escreve.

Sómente, 50 annos após, outro tratadista, O. Schwarz occupou-se da questão, *Gen. Insect.*, 46, p. 69. Diz este Auctor: *Die Fühler sind beim ♂ von halber Körperlänge und seitlich zusammengedrückt, beim ♀ kürzer und dünner; das erste Glied ist so lang wie breit, das letzte verlängert und unten vor der Spitze schwach abgesetzt.* Encontramos aqui, não só a abstenção de qualquer referencia á fôrma, como a menção de uma particularidade nova e interessante, um desfalque por baixo na extremidade do ultimo articulo.

Os primeiros que trataram da questão calam-se a este respeito. Latreille em sua descripção affirma, cathegoricamente, que não existem: — ... *point de faux article distinct au bout du dernier*¹; evidentemente, qualquer anormalidade na extremidade deste, tel-o-ia descripto. Candèze não se refere a elle, porem o lapis do illustrador registrou-o.

Como vemos, cada um dos autores citados, via as antennas com um aspecto; de *moniliformes* passaram a *jiliformes*, *sub serradas*, *deprimidas*; de, *sem falso articulo*, á antenna armada de um *falso articulo*.

Vejamos agora em relação aos tarsos o que dizem os varios autores. Os primeiros occupam-se superficialmente

1) A este pequeno estreitamento brusco junto a extremidade do ultimo articulo, muito commum entre os elaterideos, é, ordinariamente, chamado, entre os auctores, *falso articulo*.

da questão. Latreille descrevendo-as diz: *Articles des tarses entiers, sans palettes*. Guérin e Perty nada dizem em relação aos tarsos se são ou não providos de lamellas.

Lacordaire, foi o primeiro á referir esta particularidade e diz: *M. Guérin-Méneville n'a connu que la femelle, et ne parle pas de la lamelle des tarses, que est á peine visible chez elle tandis qu'elle est très-apparente chez le mâle*. Que tal se tenha dado, concordamos, porém como explicar o silencio de Perty, tão metuculoso em suas magnificas diagnoses? Levantamos tal pergunta pelo seguinte: se admittirmos o exemplar de Guérin como ♀, somos forçados a aceitar o de Perty como ♂, mesmo porque, para serem identicos, só a diversidade de sexos explicaria as divergencias de forma. Não ter este A. ligado importancia a este facto é difficil de sustentar-se em vista de já haver mencionado em outras especies que a possuem dando mostrás de toma-lo em consideração.

Recorramos a Candèze e a supreza será maior. Lacordaire affirmou ter visto uma, já este A. cita duas e procurando justificar-se perante o Mestre por este acrescimo, diz: *M. Lacordaire, dans son Gènera des Coléoptèrs, ne signale qu'une seule lamelle sous le troisièmè article des tarses. Celle que je mentionne sous le second est, en effei, variable sous le rapport de la grandeurs, elle ne se voit bien qu'aux tarses anterieurs des mâles; les femelles en sont presque dépourvues*.

Na expectativa de aclarar a questão ouçamos o mais recente dos A.A., O. Schwarz: *Die Beine sind ziemlich lang, die Tarsen etwas kürzer als die Schienen, das erste, etwas verlängerte Glied nur sehr schwach, das zweite und dritte ziemlich stark gelappt*. Aqui, a questão, já é encarada sem restricções.

Deu-se, como vemos, uma interessante transformação; passamos de tarsos não lamellados a tarsos providos de 2 lamellas com todas as formas intermediarias. A impressão deixada por tudo isto, é de terem jogado indistinctamente com duas especies.

Analizemos, entretanto, a questão da forma dos ar-

tículos dos tarsos. Guérin assignalou: *Tarses composés de cinq articles cylindriques*. Lacordaire escreveu: *Tarses assez courts, comprimés ciliés partout, articles 1-4 décroissant graduellement...*; entretanto, Candeze observou-os differentemente: — *Tarses plus courts que le jambes, leur premier article aussi long que le deux suivants...* Quem se der ao trabalho de examinar as illustrações que acompanham esta pequena contribuição, se capacitará melhor da confusão que houve entre os A.A.

Em relação á forma geral, tambem, as opiniões não se moldam ao mesmo ponto de vista. Guérin achou-o — *oblongus* — Candeze diz: — *peu à peu atténuées à partir de la base...* e assevera em outro ponto *assez large, peu convexe*; compare-se isto com as photographias junto e a explicação virá por si só. Candeze ao iniciar sua diagnose diz: *Castaneus, dense cervino-tomentosus...* Querendo-se interpretar o pensamento deste A. ao empregar estes termos, recorra-se ao *Anoplischius (Cyanithodera) longicornis* Blanch., insecto commun, facil de identificar, e que muito se assemelha a uma de nossas especies, justamente, a de tarsos lamellados.

Em resumo organisamos um quadro comparativo entre as diagnoses antigas e as modernas chamando a attenção para os pontos de maiores divergencias.

<i>Antigas :</i>	<i>Modernas :</i>
Antennas moniliformes, articulos subquadrados, ultimo articulo sem pseudo articulo.	Antennas suberradas, deprimidas, ultimo articulo, pseudo articulado.
Tarsos, sem lamellas apparentes, articulos cylindricos 1 a 4 decrescendo gradualmente.	Tarsos lamellados, 1.º articulo igual a somma dos dois seguintes.
Elytros abahulados, parallelos até quasi ao apice.	Elytros afilando da base ao apice, onde são deprimidos.
A pubescencia não chega a mascarar a côr do tegumento.	A pubescencia, muito vesivel, mascarando a côr do tegumento.
Dimensões de 16 á 20 mill.	20 á 25 mill.

Comparando, agora, o nosso material com o quadro acima, vimos que de facto existem duas especies, concor-

dando assim os caracteres de uma com as primitivas diagnoses e a de outra com as mais recentes. Segundo nossa opinião, houve, como já dissemos, grande confusão entre os varios A.A. Talvez tivesse ella sido, de facto, mais por falta de material, dados especificos, lapso de tempo mais ou menos longo entre um estudo e outro, etc...

Com effeito, sendo o material typico raro, mesmo nas collecções dos Institutos que se acham em seu *habitat* proprio, São Paulo, Brasil, mais o é ainda nos Institutos do Velho Mundo. Já Candeze disse: *Fort rare dans les collections*; dahi, aventarmos a hypothese da falta de dados de comparação e consequentemente a confusão de uma especie com a outra, tomando-as como sexos differentes de uma mesma especie. Esta hypothese tem fundamento, pois de outra maneira não se explicam as observações de Lacordaire¹ e outros em relação á diversidade de antenas entre os machos e femeas, o que não se dá com uma só especie como tivemos occasião de assignalar, porem plausivel se tomarmos indifferentemente um exemplar de uma e outra. E quem se der ao trabalho de examinar um espécime em face das descrições, apenas, sem ter visto o outro, verá, com que facilidade, se pode tomar uma pela outra.

Por tudo quanto ficou exposto admittimos as seguintes conclusões: o material typico é rarissimo, o outro é relativamente commum, não sendo de extránhar, portanto, que só este ultimo tenha chegado posteriormente as mãos dos especialistas. Como a confusão é possivel, e tenham tomado uma pela outra e ao redescreverem a especie, crentes de que se tratava de uma mesma especie, procuravam melhorar as descrições, enxertando caracteres novos com a idea de que tivessem sido omittidos por seus antecessores e procurando conservar,

1) *Il n'ya aucun rapport entre les antennes des deux sexes, comme on le voit dans la formule qui precede.*

no maximo, o meio termo, entre uma e outra, pela dificuldade de material de comparação e, portanto de base para modificações radicaes.

Logo, se as descrições eram baseadas em outra especie e cada vez com novos acrescimos de partiularidades desta, chegou-se á perfeição das diagnoses actuaes se referirem a um insecto muito diverso do primitivo.

Consequentemente, os A.A. actuaes descrevem uma especie nova, certos de estarem aprimorando a descrição da que constitue a typica.

LOBOEDERUS. Guerin

GUÉRIN-MENEV. Mag. de Zool. Ins. 1831 p. 9, pl. 9; idem Icon. Reg. Anim., fasc. 4 p. 12. fig. 10; idem Icon. Reg. Anim. p. 42, pl. 13, fig. 10; LATREILLE. Ann. Soc. Ent. France, III, 1834, p. 148; CASTELNAU. Hist. Nat. Ins. Col. I, 1840, p. 239; (*Lobederus*) LOCORDAIRE, Gen. Coleopt. IV, 1857, p. 167-169; CANDEZE, Mon. Elat. II, 1859, p. 9, 78; (*Loboderus*) O. SCHWARZ in WYSTSMAN, Gen. Inset. 46, Elat., 1906, p. 61, 69. (*Lobederus*) S. SCHENKLINGIN, Coleop. Catal. Junk. part. 80, 1925, p. 82.

Fronte escavada longitudinalmente, pouco inclinada, saliente na frente, cavidade nasal quasi tão larga como alta. Labio superior arredondado na frente. Mandibulas fortes, com um pequeno dente um pouco antes da ponta. Palpos maxillares, grandes, ultimo articulo em forma approximada de machado. Antennas fortes alongadas ultrapassando o angulo posterior do prothorax, um pouco mais longos nos machos, de 11 articulos, 1.º grande, 2.º pequeno arredondado, 3.º ao 10.º sub-eguaes, 11.º alongado.

Prothorax transversal, irregular, pubescente, mormemente junto ás faces lateraes e ao angulo posterior; junto a estes e na face posterior um pequeno appendice corneo, recurvado para cima e para fóra, provido de pellos na extremidade, que é arredondada. Os angulos não são apparentes; as faces lateraes em semicirculo, dando ao prothorax a forma de um cone truncado.

Elytros alongados, perfeitamente estriados; estrias forte e grossamente pontuada a medida que se afastam da base onde são lisas; interestrias, um pouco approxinadas aos pares, quasi planas, revestidas de uma pubescencia alongada.

Prosterno curto, lamina do mento muito desenvolvida, ponte posterior saliente entre as coxas anteriores e recurvada para baixo.

Mesosterno inclinado, cavidade mesosternal de bordos não salientes.

Coxas posteriores alargadas interiormente com um forte dente.

Patas longas, tarsos diminuido do 1.^o ao 4.^o, robustos, munidos de lamellas ou brochas de pellos.

Toda a parte inferior inclusivel os membros revestidos da mesma pubescencia que a parte superior.

Este genero é facilmente caracterizado d'entre os inumeros *Elaterideos*, pelo appendice junto aos angulos posteriores. Os exemplares sem lamellas apparentes parecem não pertencer a sub-familia mas no mais os caracteres são concordes. No momento só conhecemos duas especies de distribuição geographica ainda muito restricta, não transpondo as fronteiras do Estado de São Paulo para *monilicornis* e a outra é até agora só conhecida do Municipio da Capital.

1. *appendiculatus*, (Perty)

fig. 1 — a, b, c.

PERTY (*Elater*) Delectus Anim. Artic. 1830. p. 21. pl. fig. 5;
LACORDAIRE, (parte), Gen. Coleop. IV, 1857, p. 167, CANDEZE
(parte), Monog. Elat, II, 1859, p. 9, 78; SCHAWARZ (parte)
Gen. Insect. p. 46.

monilicornis — GUERIN, Mag. de Zool. Ins. p. 9, fig. 9. 1831.

Castanho-escuro, revestido de pellos amarelllos, alorados, oblongo, paralelo.

Fronte fortemente impressa longitudinalmente, avançada para frente, arredondada, ponto-rugulosa.

Antennas moniliformes de 11 artigos; 1.º, grande, robusto, 2.º pequeno arredondado, 3.º ao 10.º subquadrados, pouco deprimidos, 11.º alongado, arredondado na extremidade; as do macho são mais longas e das fêmeas mais curtas e robustas.

Prothorax transversal retrahido na frente arredondado nos lados, convexo, canaliculado no meio junto a base, superfície fina e esparsamente pontilhada, faces lateraes um pouco aplanadas e com a pubescencia muito serrada e longa; angulos posteriores faltam, junto a este na face posterior um appendice corneo recurvado para cima e para fora com um pincel de pellos na ponta.

Escudo ogival.

Elytros alongados, 4 vezes mais longos que o prothorax, convexos, paralelos até $\frac{3}{4}$ do comprimento e d'ahi conjuntamente arredondados, não deprimidos no apice, estriados, estrias pontuadas grossamente com as bases lisas, interestrias um pouco irregulares em largura, com pubescencia igual a do prothorax, rebordo marginal engrossado.

Tarsos com artigos cylindricos robustos, gradativamente decrecente em comprimento, com pinces de pellos bastos inferiormente, sem lamellas visiveis.

Patas e inferiormente da mesma côr e pubescencia da parte superior.

Long. 16 á 20 mill. Lat. 4 á 5 mill.

3 exemplares, 2 machos e 1 fêmea, São Paulo, Leme e Franca. São exemplares perfeitos, a pubescencia não é caduca, porem não tem densidade sufficiente para mascarar a côr do tegumento como acontece com a especie seguinte, maior, mais larga, menos convexa provida de lamellas, com falso artigo no ultimo artigo antennal etc.

***L. luederwaldti* n. sp.**

fig. 2-a-b-c.

Castanho-avermelhado, pubescencia amarello-ocracea, basta e longa, mascarando a côr fundamental e dando ao insecto uma côr acinzentada; alongado, largo e um pouco deprimido.

Fronte com forte impressão no centro, avançada para frente, arredondada pontuação grossa e forte, muito pubescente.

Antennas sub-serrada: 1.º articulo quasi tão largo como longo, 2.º pequeno arredondado, 3.º ao 10.º, no ♂, vão perdendo em largura e ganhando em comprimento, na femea são subquadrados, 11.º alongado com um falso articulo na ponta. Ellas são um pouco deprimidas por baixo, mais longas no macho e mais largas na femea.

Prothorax transversal, os lados atraz são um pouco paralelos e depois estreitados para frente formando um cone truncado, longitudinalmente sulcado mais forte junto a base, superficie irregular, pontuação forte na frente, fina atraz; angulos posteriores arredondados, sem prolongamento, junto a estes, na face posterior, em uma pequena escavação, nasce um appendice corneo recurvado para cima e para fora, com pelos na ponta que é arredondada. Pubescencia muito serrada principalmente junto aos angulos posteriores e margens lateraes formando tufos.

Escudo ogival.

Elytros da largura do prothorax, estreitando para o apice onde são deprimidos. Estriados, estrias com pontos menos na base em que são lisas e fundas. Interstrias planas, muito pubescentes, irregulares em largura. Rebordo marginal engrossado e fortemente pubescente. Conjuntamente arredondados no apice.

Tarsos um pouco comprimidos, 1.º tão longo quanto os 2 seguintes reunidos, 2.º e 3.º munidos de lamellas, muito visiveis nos machos, pouco nas femeas. Par-

te inferior do corpo e patas da côr geral com a mesma pubescencia.

Long. 20 á 25 mill. Lat. 5 á 6 1/2 mill.

Esta especie é relativamente habundante, consegui examinar 35 exemplares dos 2 sexos porem todos de proviniencia da Capital.

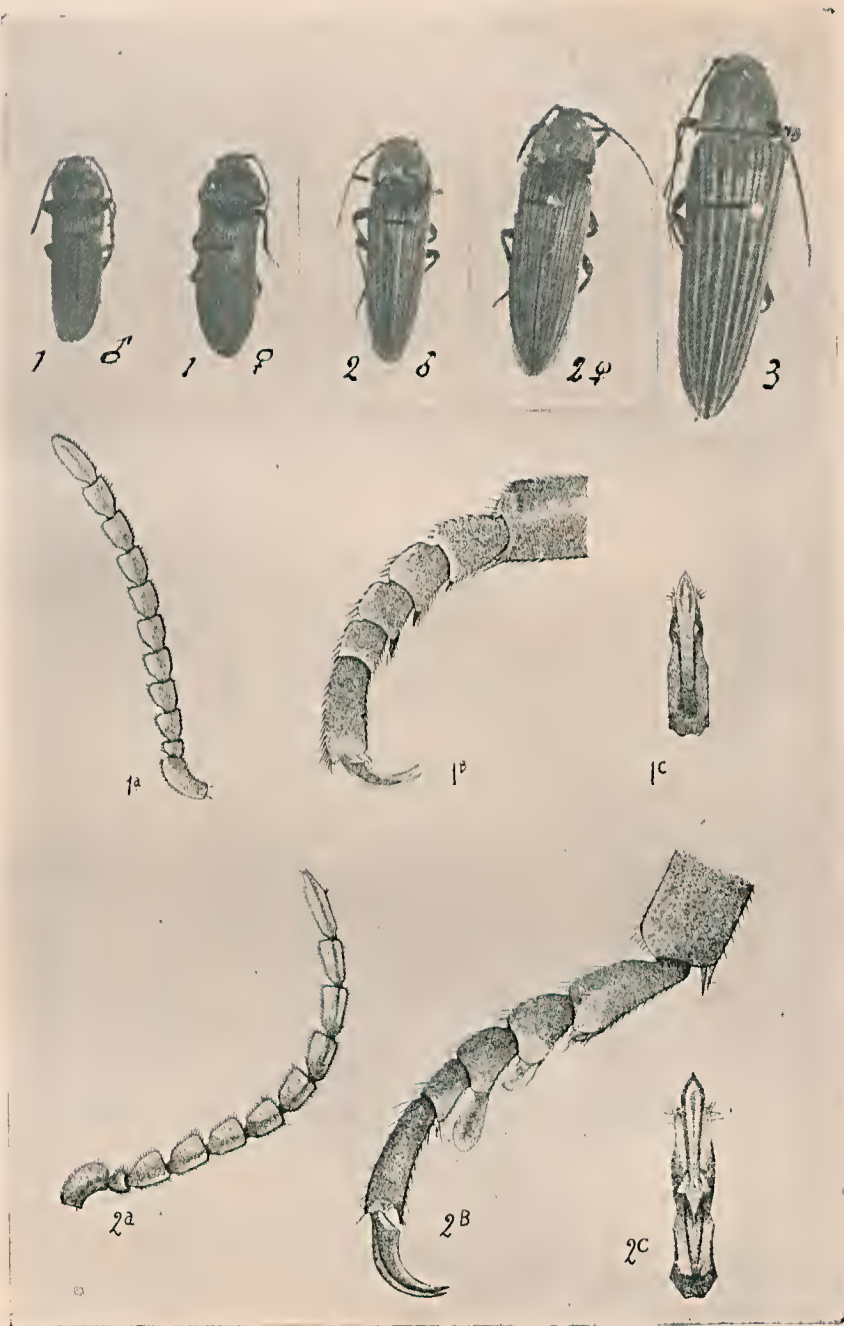
Em comparação com a especie anterior, é grande, larga, clara, devido a sua grande pubescencia. Havendo as duas especies facil se torna separalas, mas isolada é necessario um exame attento aos caracteres externos, e pela genitalia pode-se tirar as duvidas possiveis. Esta especie é dedicada ao mestre e amigo H. Luedewaldt.

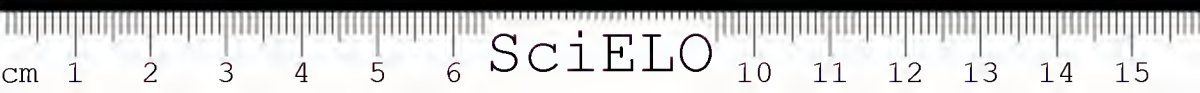
Explicação das figuras

Fig. 1 — *Loboederus appendiculatus* (Perty) ♀, ♂ um pouco augmentados, — a-b-c. partes do ♂.

F. 2 — *Loboederus luederwaldti* n. sp. ♀ e ♂ um pouco augmentados. a-b-c. partes do ♂.

F. 3 — *Anophischiu longicornis* Blanch.





SciELO

NOTAS SOBRE PARASITISMO EM BORBOLETAS

POR

JOÃO LANE
Museu Paulista

E

FREDERICO LANE JR.

Quando em 1933 publicamos as nossas primeiras observações na «Revista de Biologia» vol. 4 pags. 76/79, o nosso material de Hymenopteros parasitos estava ainda indeterminado, falha esta que tencionavamos corrigir no futuro, e que, agora, podemos fazer devido á cortesia dos Srs. Haroldo Morrison, R. A. Cushman, A. G. Gahan e C. F. W. Muesebeck do U. S. Dept. Agriculture que tiveram a gentileza de determinar o nosso material.

Nas linhas a seguir daremos as classificações com notas sobre as especies.

Hospedador: *Roitschildia arethusa* Walker

Parasito: *Cosmiocryptus* sp.

Nota-se a mudança de larva para pupa por um escurecimento de exemplar. Aparecem por ultimo as asas, partes buccaes e patas. As larvas que a principio são brancas tomam aos poucos uma côr amarellada. As pupas ficam coloridas depois de algum tempo da seguinte forma: — antenas, parte anterior do thorax e abdomen em preto, parte inferior do thorax e patas em vermelho. O abdomen é maior do que no adulto e mostra estrias brancas nos lados. Em um casulo de *Roitschildia* as pu-

pas foram encontradas nas seguintes posições: um grupo estava longitudinalmente disposto com as cabeças em direcção ao centro, outro na mesma posição colocado na outra extremidade do casulo e, finalmente, uma única pupa de *Ichneumonideos* tomava uma posição diagonal entre os dois grupos referidos. Outros exames demonstraram que esta disposição não é em todos os casos observada. Os *Ichneumonideos* constroem compartimentos chitinosos nos quaes passam ao estado de pupa. A eclosão se dá nas pupas de *Rotschildia*, pela extremidade ligada ao suporte ou por orifícios esparsos em sua superfície. A contagem dos orifícios, em casulos velhos de *Rotschildia*, seria de valor, para o calculo do numero de parasitas que não sahissem pela extremidade, conforme acabamos de notar.

Conseguimos manter vivas durante sessenta dias algumas larvas de *Ichneumonideos* que porem não se transformaram em pupas. Uma dellas supportou a imersão em alcool a 40°, por um minuto, vivendo ainda diversos dias.

Em um caso os *Ichneumonideos* parasitavam, juntamente com *Tachnideos* um unico casulo de *Rotschildia*.

Hospedador: *Rotschildia arethusa* Walker.

Parasito: *Eremotylus macrurus* (L).

Individuos grandes. Encontramos unicamente um exemplar em cada casulo de *Rotschildia*. Fazem uma cellula interna dura, lisa e na occasião da eclosão roem um orificio circular, na extremidade em que está a cabeça. pelo qual sahem.

Hospedador: *Papilio* sp.

Parasito: *Ipobracon* sp.

Conseguimos quatro exemplares que parasitavam um casulo. Eclosão em Agosto 4.

Hospedador parasito: *Zygofrontina* sp. (aff. *capitis*)

Hyperparasito: *Perissocentrus* sp.
Tetrastichus sp.

Recebemos em 10 de Abril de 1934 cento e dezoito casulos de *Rotschildia* que abrimos deixando a pupa exposta. Em quatro casulos a transformação de larva para pupa tinha apenas se iniciado.

Em 12 de Maio observamos trez puparios e uma larva de *Tetrastichus* sp. que ficaram no assoalho da gaiola para criação. Abrimos um casulo que estava muito parasitado, mas os parasitos, devido provavelmente á compressão, jaziam mortos e pareciam ser de *Tachinideos*. Examinando os puparios, encontramos quatro larvas, seis pupas e trez adultos, um dos quaes fugiu, de *Tetrastichus*.

Em Julho 1, houve eclosão de dois *Tetrastichus* a qual foi por nós facilitada, devido á adherencia do pupario aos appendices caudales dos mesmos.

Em 10 de Abril rompemos uma pupa de *Zygofrontina*, retirado de um casulo de *Rotschildia*, encontrando neste, tres pupas de *Perissocentrus* sp. que deram eclosão a adultos em 14 de Maio.

Devido á nossa ausencia, em Julho de 1934, não nos foi possivel continuar nossas observações. Dos 118 casulos de *Rotschildia* obtivemos a eclosão de 29 adultos isto é approximadamente 25 % do total.



MONOGRAPHIA DOS LUCANIDEOS BRASILEIROS

POR

HERMANN LUEDERWALDT †

PREFACIO

Após a morte de Hermann Luederwaldt, assistente na sub-seção de Invertebrados do Museu Paulista, confiou-nos o Dr. Affonso de E. Taunay a tarefa de publicar o estudo que sobre os Lucanideos brasileiros havia realiado o illustre entomologista falecido.

Essa monographia foi redigida originariamente em lingua allemã; grande parte já estava traduzida para o vernaculo. Fizemos revisão da traducção elaborada ainda em vida do autor e completámos o trabalho vertendo a parte referente ás sub-familias *Dorcinae* e *Syndesinae*. Procurámos sempre conservar, assim na traducção como na revisão, a linguagem e as locuções habitualmente empregadas pelo autor em outros trabalhos publicados em lingua portugueza.

JOSÉ ELIAS DE MORAES

Assistente do Laboratorio de Parasitologia da Faculdade
de Medicina de São Paulo.

WOLFFHARDT, JOSEPH (1871-1941)

1871-1941

EXTRACT

The following is an extract from the report of the Commission on the Administration of the German Colonies, published in 1919. It contains a detailed account of the administration of the German colonies during the period 1914-1918. The report is divided into two main parts: the first part deals with the general administration of the colonies, and the second part deals with the administration of the colonies during the war. The first part is divided into three sections: the first section deals with the general administration of the colonies, the second section deals with the administration of the colonies during the war, and the third section deals with the administration of the colonies after the war. The second part is divided into two sections: the first section deals with the administration of the colonies during the war, and the second section deals with the administration of the colonies after the war. The report is a valuable source of information on the administration of the German colonies during the period 1914-1918.

Report of the Commission on the Administration of the German Colonies, 1919.

Published by the German Colonial Office, Berlin, 1919.

FAMILIA LUCANIDÆ

GENERALIDADES

Citamos somente os caracteres morphologicos mais notaveis, sufficientes para distinguir com segurança os Lucanideos brasileiros dos outros Lamellicornios.

Antennas geniculadas, com 10 articulos; escapo alongado, flagello com 3 a 7 laminas alongadas para deante. Patas destinadas á carreira. Tarsos com 5 articulos, inferiormente com pubescencia amarella. Unhas com empodio. Elytros cobrindo completamente o abdomen. Palpos maxillares com 4 articulos. Palpos labiaes com 3 articulos. Fossas coxae anteriores, fechadas posteriormente. Coxas medias transversaes. Abdomen com 5 segmentos visiveis.

Na systematica segui quasi sempre o Coleopterorum Catalogus de Junk e Schenkling, pars 8, 1910 (autor G. Van Roon). Schroeder, em seu «Handbuch der Entomologie» vol. III, 1925, não reconhece sub-familias de Lucanideos, mas somente tribus.

CHAVE PARA AS SUB-FAMILIAS

(Todos os caracteres referem-se principalmente ás especies brasileiras).

1. Antennas, em ♂ e ♀, com 3 articulos terminaes curtos e grossos.
2. Olhos, em ♂ e ♀, separados perfeitamente em uma metade superior e outra inferior pela carena genal horizontal. Mandibulas do ♂ (nos exemplares bem desenvolvidos) conformadas em galhada de cervo; as da ♀ bem curtas; ha portanto grande dimorfismo sexual. Ambos os sexos de tamanhos differentes 1. *Chiasognathinae*
- 2.2. A carena genal divide o olho parcialmente ou deixa-o integro (*Colecephalaria*). Somente no *Metadorcinus auritus* (subfam. *Dorcinae*), coloptero de 13 mm. de comprimento, é ella tão fortemente desenvolvida, que posteriormente deixa livre apenas um pequeno intervallo. Nesta especie, porém,



as mandíbulas do ♂ não são conformadas em gálhada de cervo. Mandíbulas da ♀ muito curtas.

3. ♂ Mandíbulas desenvolvidas em forma de gálhada de cervo; nos lados relativamente pouco curvas, nem para dentro nem para baixo (excepto *Macrocrates australis*); e, em exemplares bem desenvolvidos, approximadamente do mesmo comprimento ou maiores que a cabeça e o thorax reunidos. Cabeça, na borda lateral, atrás dos olhos, sem gibbosidade; quando muito, fracamente convexa, arredondada nos angulos posteriores (*Leptinopterus*); ou carena longitudinal fraca, terminando nos angulos posteriores em um dente pequeno ou uma gibbosidade (*Macrocrates*).

♀ Olhos distantes da borda posterior da cabeça, cerca de seu diametro. Pronoto com angulos posteriores distinctos e quasi sempre tambem com angulos antero-posteriores nitidos. Elytros com um denticulo distincto no hombro (*Leptinopterus*); ou olhos muito distantes da borda posterior da cabeça, um pouco anteriores ao meio dos lados da cabeça; pronoto com angulos posteriores totalmente arredondados e hombro dos elytros arredondado, sem denticulo (*Macrocrates*).

♂ e ♀: Mesosterno em *Lepinopterus* nitidamente mais elevado que as coxas medias; em *Macrocrates* não mais elevado. O ♂ bem desenvolvido muito maior que a ♀, como nos *Chiasognathinae* 2. *Cladognathinae*

- 3.3. ♂ — Mandíbulas não augmentadas nitidamente ou, quando se apresentam em forma de gálhada de cervo (*Aegognathus* e *Metadorcus*), são recurvadas fortemente para dentro e sempre muito mais curtas que o pronoto e a cabeça juntos. Borda lateral da cabeça, atrás dos olhos, muitas vezes com gibbosidade. Caracteres distinctivos nitidos entre as ♀♀ dos *Cladognathinae* e aquellas da sub-familia precedente não podemos estabelecer porque a litteratura é muda neste assumpto e o material á nossa disposição, escasso.

♂♀ Mesosterno, sempre aplanado entre as coxas medias, não as ultrapassa ou apenas muito pouco como em *Macrocrates* ♂♀, ou, raramente, mesosterno saliente em forma de gibbosidade (excepto no *Scortizus maculatus* e *Sclerostomus cruentus*). Os sexos não differem no tamanho, excepto *Aegognathus* e *Metadorcus*). 3. *Dorcinae*

- 1.1. Antennas, em ♂ e ♀, com 6 laminas terminaes fortemente prolongadas e de tamanhos quasi iguaes. Olhos não divididos. Mandíbulas do ♂ não muito desenvolvidas. Sexos iguaes no tamanho 4. *Syndesinae*

1. Sub-familia CHIASOGNATHINAE

J. THOMSON, Ann. Soc. Ent. Fr. (4) II, 1892, p. 311 (*Chiasognathitae*). 12 generos, dos quaes 4 são representados na America do Sul. Para o Brasil entra em consideração somente um genero.

Genero : **PHOLIDOTUS** M'Leay

M'LEAY, Horae Ent. I, 1819, p. 97.

Chalcimon DALM, Ephemerides Ent. 1824, p. 1.

Casignetus M'LEAY, Horae Ent. I, 1819, p. 98, ♀.

Typ: *humboldti* Gyll. 1817.

Somente 3 especies, que são limitadas ao Brasil.

Todo o insecto mais ou menos de um brilho metallico; na ♀ brilho metallico pelo menos nos elytros, nos lugares salientes. Patas escuras ou mais ou menos avermelhadas. Corpo robusto; superior e inferiormente, inclusive no escutello e nas patas (femures), com pontilhado mais ou menos forte e com pequenas escamas arredondadas ou alongadas, unidas, alvacentas ou amareladas, situadas nos pontos. Cabeça achatada, muito mais estreita que o pronoto, ultrapassando na frente a base das mandibulas. Angulos antero-externos, isto é, os angulos anteriores da carena ocular nitidos. Olhos deslocados fortemente para traz e separados da borda posterior da cabeça apenas por uma tumefacção lisa e brilhante. Pronoto arqueado, estreitado muito fortemente para a frente, arredondado na borda anterior de cada lado excavado e com angulos anteriores salientes. Na borda posterior sinuoso de cada lado. Angulos posteriores, nitidos; lados, atraz da porção mediana, distinctamente arredondados, faltando os angulos antero-posteriores. Borda lateral crenada. Disco desigual com sulco mediano mal delimitado, plano, largo. Elytros ligeiramente arqueados; cada um com duas carenas longitudinaes lisas, obtusas, das quaes uma tem origem no hom-

bro e se estende até a parte media e a outra começa ao lado na parte interna e alcança o apex. Hombros arredondados sem denticulos. Labio inferior transversal, muito arredondado anteriormente. Prosterno, entre as coxas, com carena bastante alta, estreita, não saliente superior e posteriormente. Mesosterno com gibbosidade fortemente proeminente entre as coxas medias. Metasterno com sulco mediano distincto. Patas esbeltas. Tibias anteriores, na porção externa, denteadas fortemente e crenadas entre os dentes. Tarsos mais ou menos tão longos como as tibias.

♂ — Mandibulas (em exemplares bem desenvolvidos) longas e robustas, quasi tão longas como a cabeça e o pronoto juntos, e recurvadas para o lado e para baixo; ponta recurvada em gancho para dentro; dente apical presente; deste até a base, denteada em serra regular, curta e densa; parte apical geralmente ainda com um dente na base que se prolonga para frente como uma carena. Faltam os dentes molar e basilar.

♂♂ menos desenvolvidos mostram quasi a mesma conformação das mandibulas que os do genero *Leptinopterus*. Labio superior escondido. Cabeça na frente cor-diforme ou excavada angularmente, raras vezes recta, inteiramente arredondada ao lado até os angulos antero-externos que são agudos. Lado superior desigual, mais ou menos grosseiramente pontilhado. Antennas esbeltas; escapo mais ou menos tão longo como o flagello, um pouco curvo e espessado na ponta; articulos do flagello 1-3 um pouco mais longos que espessos, 4-6 tão longos como espessos ou mais espessos. Pronoto com pontilhado esparso, irregular, mais fino ou mais grosseiro, com lados fortemente inclinados para baixo. Elytros muito mais estreitos que o pronoto em *maximus*; pouco mais estreito em *minor*; região do escutello um pouco elevada, escamosa e pontilhada ou, pelo contrario, nua, lisa e brilhante. Labio inferior, no meio da parte anterior, com pubescencia em pincel, muito longa; o se-

gundo articulo dos palpos labiaes e maxillares é o mais longo. As quatro tibias posteriores em geral inteiramente desarmadas.

♀ muito menor que ♂. Mandibulas muito curtas, recurvadas, apontadas; na borda interna com um dente atraz da ponta; na borda superior com outro dente forte ou com um angulo quasi no meio. Labio superior grosso, distinctamente saliente entre as mandibulas. Antennas mais robustas que as do ♂; todos os articulos do flagello, quando muito com excepção do primeiro, mais espessos que longos. Cabeça arredondada na borda anterior; anteriormente, no meio, com gibbosidade ou com ponta pouco arqueada; plano superior desigual, com rugas grosseiras e numerosas com pontilhado rugoso e com pubescencia levantada. Elytros mais estreitos que o pronoto, raras vezes quasi da mesma largura. Labio inferior e garganta pontilhados grosseiramente e pubescentes. Tibias medias com um espinho posterior ao meio; tibias posteriores simples ou tambem com um espinho.

CHAVE DAS ESPECIES

♂♂

1. Mandibulas, no lado interno aplanado, somente na base, com escamas curtas (não pubescentes). Labio inferior liso ou com pontilhado fino e com pubescencia moderada e pouco longa. Garganta lisa ou com pontilhado fino e com escamas amarellas não densas 1. *spixi* Perty
- 1.1. Mandibulas no lado interno, no minimo no quarto posterior, espessas e longas, fortemente salientes com pubescencia amarella. Labio inferior com pubescencia muito densa e longa. Garganta com pontilhado grosseiro e com pubescencia mais ou menos amarella.
2. Mandibulas, no canto externo, arredondadas, sem carena e gibbosidade; pubescencia, no lado interno, extendendo-se até alem da metade do seu comprimento . . . 2. *humboldti* Gyll.
- 2.2. Mandibulas, no canto externo, com uma carena mais ou menos distincta, extendendo-se da base até mais ou menos o meio da parte basilar (da base até o dente apical); e,

na extremidade desta carena, geralmente com um tuberculo: pubescencia no lado interno extendendo-se no maximo até o meio do seu comprimento 3. *lindei* Boil.

♀♀

As ♀♀ de *humboldti* e *spixi* só se podem distinguir, tendo-se á disposição varios exemplares de ambas as especies para a comparação. Ellas foram caracterisadas pelos ♂♂. A ♀ de *lindei* é incerta.

1. *Pholidotus spixi* (Perty)

Fig. 2, 4 ♂, 6 ♀.

PERTY, Delect. Anim. Art. 1830, p. 54, t. 11, fig. 13. BURM. Handb. V, 1847, p. 420. — LACORD, Gen. Col. III, 1856, p. 12.

dejeani BUQUET, Ann. Soc. Ent. Fr. X. 1841, Bull. p. 21.

Distrib.: Sul do Brasil.

Museu Paulista: Joinville, III. 1913, Schmalz leg. — Rio Grande do Sul. Rio Negro (Estado de Paraná, XII).

Coll. Melzer: S. Bento (Santa Catharina), 1921, J. Naderer leg.; Rio Negrinho (Sta. Catharina) XI, 25. A. Maller leg. — Passa Quatro (Minas), Fazenda de Campos, I, XII, 1916, XI, 1915, J. F. Zikán leg. — Rio Negro (Paraná) XI. 24.

Coll. Zikán: Itatiaya (Est. do Rio de Janeiro) 1.000-1.100 m. I, II, XII. — Virginia, XII; Passa Quatro, XI (Minas).

Coll. Buck: S. Francisco de Paula (Rio Grande do Sul).

Havia 27 ♂♂, maior, medius, minor, 27 ♀♀.

♂ — Comprimento (medido do angulo antero-inter-no da cabeça até a ponta dos elytros) 14-29 mm; comprimento total 17-30 mm. Superiormente castanho claro ou escuro, raras vezes verde azeitona ou verde metallico; patas geralmente mais escuras; elytros frequentemente pardacentos e pronoto esverdeado; raras vezes elytros castanhos mais escuros e pronoto verde escuro. Mandibulas recurvadas fortemente para baixo, arredondadas, internamente achatadas, lisas ou pontilhadas muito fina e dispersamente; base escamosa e não pubescente, re-

vestida internamente de escamas mais densas e mais longas. Tres variedades de côres.

As ♀♀ são mais esbeltas que as de *humboldtii* e, em geral, um pouco menores, 15-17 mm.; elytros, geralmente, com faixa distincta de escamas posteriormente ao meio e uma mancha no apex. As escamas restantes são mais escassas. Pronoto em geral com sulco mediano mais profundo e mais pronunciado.

2. *Pholidotus humboldti* (Gyll.)

Fig. 1 ♂, 9 ♀.

GYLL., em Schoenh. Syn. Inst. (1) III, App. 1817, p. 197 — GUÉR. l. c. Régn. Anim. Ins. 1843, p. 109, t. 27, f. 6. — BITT. Handb. V, 1847, p. 419.

geotrupoides M'LEAY, Horae Ent. I, 1819, p. 98, ♀.

lepidosus M'LEAY, l. c. p. 97, ♂.

Distrib.: Sul do Brasil.

Mus. Paul.: Ubatuba, E. Garbe leg.; Ypiranga; Bocaina, R. Spitz leg. IV (Est. de São Paulo). — Nova Friburgo (Est. do Rio de Janeiro), II, III, E. Gonnelle leg. — Col. Mutum (Esp. Santo) V, E. Garbe leg. — Cabo Verde (Minas) I, J. A. Diaz leg.

Coll. Zikán: Itatiaia, 700-1.100 m., II, III, IV, V; Petropolis, J. G. Foetterle leg. (Est. do Rio de Janeiro). — Mar de Espanha, IV, V; Virginia, II; Passa Quatro, II, III; Rio José Pedro (Minas). — Esp. Santo, II.

Coll. Melzer: Passa Quatro (Minas) Faz. de Campos, I, 1918, J. F. Zikán leg.

Coll. Instit. Biol.: Rio de Janeiro (Dr. C. Moreira) Brasil, ex. coll. Friedenreich. Havia 42 ♂♂, 23 ♀♀.

♂ — Comprimento 15-25 mm.; comprimento total 35 mm. Maior e mais robusto que o de *spixi*. Superiormente verde metálico claro ou escuro; elytros muitas vezes com mixto de cor castanha mais ou menos escura, em forma de manchas ou faixas longitudinaes. Raramente elytros castanhos claros e pronoto verde; raras vezes

castanhos escuros ou predominantemente verdes escuros ou verdes com uma faixa transversal larga sem escamas no meio dos elytros. Mandibulas, com todas as variedades de côres, geralmente mais escuras, menos recurvadas para baixo e menos arredondadas que as de *spixi* e quasi sempre tambem pontilhadas mais grosseiramente. Canto externo ausente ou indistincto. 9 variedades de côres.

Com transições para *lindei*, nos quaes existe a pequena carena no canto externo das mandibulas; no lado interno, porém, é mais extensamente pubescente.

As ♀♀ parecem mais robustas e, em geral, tambem um pouco maiores que as de *spixi*, 16-18 mm. Elytros sem faixas de escamas ou ellas são mais indistinctas; os elytros, porém, são ás vezes mais densamente escamosos. Pronoto com sulco mediano mais fracamente desenvolvido.

3. *Pholidotus lindei* Boil.

Fig. 3, 54 ♂.

BOILEAU, Bull. Soc. Ent. Fr. 1899, p. 296.

Distrib.: Sul do Brasil.

Mus. Paul.: 3 ♂♂ maior; um da colonia Hansa, Blumenau (Santa Catharina) 1907, Reustner leg., o outro de Leme (Est. de S. Paulo), P. Richter de Rio Claro leg.; o terceiro de Espirito Santo, Col. Mutum, E. Garbe Leg.

Coll. Melzer: Joinville (Santa Catharina) III. 1922, C. Smith, leg. 7 ♂♂, e 1 ♀ a qual talvez pertença a esta especie.

O lado superior é verde metallico, matizado de castanho nos elytros. Nos outros caracteres muito parecido com *humboldti*, apresentando igualmente o mesmo tamanho.

A ♀ foi descripta por Boileau baseado em um exemplar.

II. Sub-familia CLADOGNATHINAE

PARRY, Trans. Ent. Soc. Lond. 1870, pag. 75 (*Cladognathidae*).

Existem 12 generos, dos quaes *Macrocrates* exclusivamente e *Leptinopterus* quasi exclusivamente são limitados ao Brasil, sendo assignaladas porém uma ou duas especies do ultimo genero (*erythrocnemus* e ? *paranensis*) tambem na Argentina (Bruch, Catal. der argent. Col. Pars IV, 1911, p. 181); dois outros generos possuem representantes na restante região neotropica. Os oito outros generos pertencem unicamente ao Velho Mundo.

CHAVE DOS GENEROS

1. Hombros dos elytros com angulo nitido ou com pequena ponta saliente. ♂: Articulos do flagello não alongados, quando muito com o comprimento approximadamente duplo da espessura. ♀: Angulos posteriores do pronoto, como no ♂, talhados obliquamente ou excavados, com angulos posteriores sempre presentes e distinctos e, com uma unica excepção (*rotundicollis*), tambem com angulos antero-posteriores distinctos ou pelo menos indicados . . 1. *Leptinopterus* Hope
- 1.1. Hombros dos elytros fortemente arredondados, sem angulo ou pontas. ♂: Articulos do flagello muito alongados, varias vezes mais longos que espessos. ♀: Pronoto, atraz, totalmente arredondado, sem vestigio de angulos . . 2. *Macrocrates* Burm.

1. Genero **LEPTINOPTERUS** Hope

HOPE, Entomol. Magaz. V, 1833, pag. 316.

Psalidostomus BURM, Handb. V, 1847, pag. 377.

Typ: *femoratus* Fabr., 1775.

Todas as especies deste genero existem no Brasil; e sómente uma ou duas, como já foi dito, foram encontradas tambem na argentina. Forma esbelta e comprimida. Cabeça transversal, quasi sempre pelo menos com angulos antero-externos distinctos. Carena ocular não saliente ou pouco saliente e dividindo o olho anteriormen-

te no máximo até um terço de seu diametro. Antennas pouco longas, brilhantes, geralmente negras; articulos da clava, na porção terminal, cinzentos ou pardacentos e mates; escapo mais ou menos arqueado e espessado na extremidade. Pronoto arqueado, achatado, e superficialmente excavado de cada lado da borda anterior. Angulos anteriores proeminentes. Angulos antero-posteriores e angulos posteriores quasi sempre distinctos. Elytros mais estreitos que o pronoto e estreitando-se progressivamente para traz, arqueados e achatados. Escutello em geral com pêlos amarellados, mais geralmente alvacentos. Labio inferior muito transversal. Na margem anterior geralmente arredondado. Carena do prosterno posterior e superiormente saliente em angulo pronunciado. Mesosterno mais elevado que as coxas medias, achatado e nunca em forma de gibbosidade como em *Pholidotus*. Patas graciosas geralmente brilhantes. Tibias anteriores espinhosas na borda externa. Nos exemplares de côr mais clara todas as bordas possuem orlas finas e escuras; no pronoto é visivel, muitas vezes, uma macula coxal negra e arredondada; joelhos geralmente negros.

♂. — Mandibulas esbeltas, geralmente brilhantes, mas podem ser tambem mates na mesma especie, proeminentes e rectas, achatadas geralmente em toda borda superior, estreitadas progressivamente para a frente, denteadas mais ou menos na borda interna, ponta recurvada para dentro e afilada. Dente molar bem desenvolvido, geralmente um pouco alargado e entalhado ou bifido. Olhos distinctos e muito anteriores ao meio dos lados da cabeça; olhos de *minor* no meio ou um pouco posteriormente ao meio. Labio superior pequeno, saliente, separado da cabeça por uma sutura distincta; anteriormente pubescente e pelo menos a parte posterior bem perceptivel mesmo com as mandibulas inteiramente fechadas. Articulos do flagello tão longos quanto espessos. Cabeça geralmente fina e densamente rugosa, quasi tão larga como o pronoto, transversal, abaulada atraz, achata-

da na frente ou excavada. Borda lateral recta ou quasi recta. Angulos antero-internos quasi sempre mais ou menos fortemente arredondados. Angulos antero-externos distinctamente indicados. Pronoto muito transversal, quadrangular, com bordas geralmente rectas, fracamente excavadas ou muito levemente arredondadas. Borda anterior na porção media quasi sempre angulosa para frente. Borda posterior excavada de cada lado. Elytros mais ou menos tão longos como o pronoto e a cabeça juntos. Labio inferior e garganta, lisos ou finamente rugosos ou finamente pontilhados e glabros. Tibias medias simples, no maximo com denticulos pouco visiveis posteriormente ao meio. Tibias posteriores, quasi sem excepção, desarmadas. Lado inferior do corpo, na região mediana, e sobretudo todo o abdomen são em geral brilhantes; nos lados, porém, principalmente nas grandes peças lateraes da cabeça, nos episternos do prosterno, mates ou fracamente brilhantes.

Nos ♂♂ menos desenvolvidos desaparecem successivamente os dentes das mandibulas, e elles então assemelham-se ás ♀♀, á primeira vista; entretanto as mandibulas, mesmo nos menores exemplares de ♂♂, são sempre mais esbeltas que as das ♀♀ e têm outra conformação.

Ainda quanto á esculptura, parecem-se os ♂♂ mal desenvolvidos sempre mais com as ♀♀; tambem quanto á conformação da borda anterior do pronoto vemos que nos ♂♂ robustos a parte mediana é em angulo agudo, nos mais fracos é arredondada, etc.

♀ — Muito menor que o ♂ bem desenvolvido. Mandibulas muito curtas, arqueadas, afiladas, com um dente forte mais ou menos no meio da borda interna inferior. Borda superior sulçada, com duas margens cortantes, sem dentes. Cabeça muito mais estreita que o pronoto, fracamente arqueada posterior e lateralmente, superiormente achatada; grosseira e densamente pontilhada. Borda anterior superficialmente entalhada. Angulos antero-externos geralmente distinctos. Olhos no meio dos la-

dos da cabeça ou um pouco posteriormente. Labio superior espesso, perceptível distinctamente. Artículos do flagello, talvez com excepção do primeiro e segundo, muito mais espessos que longos. Pronoto muito transversal, quadrangular, estreitado anterior e posteriormente. Lados, até os angulos antero-posteriores, geralmente arredondados. Elytros muito mais longos que o pronoto e a cabeça juntos. Labio inferior na frente mais recto e, como a garganta, quasi sempre grosseiramente pontilhado; o labio inferior, muito densamente e a garganta em geral só parcialmente. Tibias medias com um ou raramente com varios pequenos espinhos nas bordas externas. As tibias posteriores simples ou quasi simples. Lado inferior do corpo, em geral, inteiramente brilhante.

Considerando o dimorphismo sexual, não se pode pensar em uma divisão systematica que sirva ao mesmo tempo para ♂♂ e ♀♀. O agrupamento de Burmeister referente á conformação das mandibulas *DO* ♂ *BEM* *DESENVOLVIDO*, foi applicado tambem aqui. Mas a classificação das especies segundo este systema é muito difficil e mesmo impossivel, quando se estudam ♂♂ ou ♀♀ menos desenvolvidos. Entretanto, pode-se dizer que as ♀♀ concordam bem, quanto á côr, com os ♂♂.

Por isso segue-se primeiramente uma chave curta que não se refere á collocação systematica das especies, servindo sómente para uma orientação provisoria.

As ♀♀ quasi sempre foram collocadas com reserva ao lado dos ♂♂ referidos; observações posteriores nos mostrarão si com ou sem razão. As ♀♀, cujos ♂♂ não foram encontrados, foram designadas com novos nomes para se poder ordeual-as de algum modo e tambem para permittir o exame minucioso do material accumulado nas collecções. Pela simples retenção de exemplares não classificaveis, não alcançaremos um fim util. E se esperarmos encontrar ♂ e ♀ «in copula» nada poderemos fazer.

CHAVE DAS ESPECIES DO GENERO LEPTINOPTERUS, NÃO ATTENDENDO À COLLOCAÇÃO SYSTEMÁTICA ¹

1. (106) Escutello com pubescencia.
2. (83) Lado superior sem pubescencia ou quasi sem pubescencia; quando muito, o pronoto pouco pubescente nas bordas lateraes e posterior; os elytros com ligeira pubescencia na borda lateral e no apex.
3. (14) ♀ Pronoto (tambem no disco), é uitada porém irregularmente aguilhado, pontilhado grosseira ou quasi grosseiramente e em geral densamente. Sulco mediano em geral ausente. Angulos antero-posteriores muitas vezes apenas indicados. Pronoto e cabeça pardos avermelhados e dessa mesma cor ordinariamente tambem o lado inferior. Elytros pardos claros ou escuros, jamais negros, com pontos finos e esparsos e com varias estrias pouco profundas. (Grupo principal *Polyodontus*)
4. (9) Lado superior mate ou pouco brillante ou com reflexos. Elytros amarellos ocraceos; pronoto e cabeça mais escuros.
5. (6) Femures avermelhados, tibias negras. Elytros com mancha negra, curta e triangular no escutello (♂ desconhecido) *puncticollis* Luederw
6. (5) Femures e tibias avermelhados ou as tibias mais escuras. Elytros com a estria sutural negra, estreita, pouco alargada para a frente.
7. (8) Elytros amarellos ocraceos sujos
polyodontus Hope ♀
8. (7) Elytros amarellos ocraceos claros
polyodontus var. *unicolor* n. var. ♀
9. (4) Lado superior brilhante, castanho; cabeça e pronoto mais escuros em geral.
10. (13) Lado inferior quasi todo avermelhado.

(1) Onde não existir outra observação, as mandibulas do ♂ bem desenvolvido são symetricas, regularmente achatadas em toda a borda superior até a ponta; existem dentes apical e basilar, e ordinariamente pelo menos tambem um dente mediano.

11. (12) Femures avermelhados, tibias negras (σ^7 desconhecido): *nigrotibialis* n. sp. φ
12. (11) Femures e tibias avermelhados ou tibias pardas avermelhadas. Elytros com macula pequena, triangular e negra no escutello *bicolor* Luederw. φ
13. (10) Tibias avermelhadas. Lado inferior do corpo negro, assim como os femures (e tambem a pubescencia do escutello?). Sulco mediano do pronoto fino, porém distincto. (σ^7 desconhecido) *luederwaldti*¹ n. sp. φ
14. (3) $\sigma^7\varphi$. Pronoto da φ no disco, com pontos finos, pouco visiveis e esparcos; e quando muito aguilhoado, nitida e grossciramente nas bordas lateraes; quando os pontos no disco são mais grosseiros elles são superficiaes ou então tratam-se de $\sigma^7\sigma^7$.
15. (72) Elytros de côr escura ou, quando claros, sempre sem a macula escura e triangular na base; região do escutello no maximo escurecida.
16. (17) Pronoto do σ^7 , nas bordas, na metade anterior, fortemente arredondado. Elytros amarellos ocraceos claros, pronoto castanho carregado, femures e tibias amarellados (φ desconhecida) (Grupo principal Femoratus) *constricticollis* Heller, σ^7
17. (16) Pronoto do σ^7 no lado, até os angulos antero-posteriores, recto ou quasi recto, ou no maximo suavemente arredondado; na φ mais fortemente.
18. (19) φ . Angulos antero-posteriores do pronoto totalmente ausentes, sendo regularmente arredondada quasi toda borda lateral e sinuosa sómente um pouco antes dos angulos posteriores. Côr semelhante á de *constricticollis*, só os femures são castanhos muito escuros (σ^7 desconhecido) *rotundicollis* Luederw. φ
19. (18) Outros caracteres: angulos antero-posteriores do pronoto, em ambos os sexos, distinctos, ou, si arredondados, (não raramente nas $\varphi\varphi$) são pelo menos indicados.
20. (29) σ^7 . Pronoto, nas bordas lateraes e posterior com pubescencia um pouco longa e espaçada. Mandíbulas, na porção posterior do lado superior, deprimidas; em *maior* espiraladas na metade anterior; parte apical alongada e com

(1) Veja a descripção da especie.

- varios dentes; falta o dente basilar. Elytros muito mais claros que o resto do lado superior. (Grupo principal *Polyodontus*).
21. (28) Lado superior mate. Pronoto não arredondado nas bordas.
22. (23) Patas negras; assim tambem o resto do corpo. Elytros castanhos, abdomen vermelho escuro (♀ desconhecida): . . .
polyodontus var. *nigra* Nagel, ♂
23. (22) Femures e tibias totalmente ou quasi totalm.nte pardas avermelhadas. Pronoto, cabeça e mandibulas pardos claros ou escuros ou negros. Lado inferior, pelo menos na metade posterior, pardo avermelhado.
24. (27) Elytros pardos; região do escutello um pouco escurcida.
25. (26) Dente mediano das mandibulas posterior ao meio:
polyodontus Hope ♂
26. (25) Dente mediano exactamente no meio (♀ desconhecida):
consimilis Moellenk ♂
27. (24) Elytros amarellos ocraceos claros. Região do escutello não escurecida; tambem a sutura escura anteriormente, de modo nenhum alargada. Dente mediano no meio ou um pouco antes do meio . . . *polyodontus* var. *unicolor* n. var. ♂
28. (21) Lado superior brilhante. Elytros castanhos. Pronoto até os angulos antero-posteriores arredondado regularmente. Dente mediano muito posterior ao meio . . . *bicolor* Luederw. ♂
29. (20) Pronoto, em ambos os sexos, na borda lateral e posterior, sem pubescencia; mandibulas do ♂ maior na metade anterior não espiralada (*excepto robustus*)
30. (55) Femures e tibias unicolores ou quasi unicolores; si de coloração clara, então, no maximo, as tibias são um pouco mais escuras (vide 55). Grupo principal *Femoratus*.
31. (32) Todo lado superior unicolor, regularmente amarello ocraceo claro, mate. Femures e tibias amarellos avermelhados. Mandibulas do ♂, na extremidade apical, alongadas e pelo menos com um dente. (♀ desconhecida)
mazama Kriesche. ♂
32. (31) De coloração diversa.
33. (34) Elytros de côr amarella ocracea clara ou escura; quando muito, escutello escurecido; parte superior restante parda avermelhada clara ou escura, de uma só côr, ou

- pronoto com parte media negra e maculas coxae; femures e tibias vermelhas amarelladas. Lado superior mate. (♀ desconhecida) *v-nigrum* var. *immaculatus* Luederw. ♂
34. (33) Outros caracteres.
35. (48) ♀♀.
36. (37) *Garganta* com pontilhado fino e espalhado. Todo corpo negro brilhante; elytros posteriormente com brilho purpúreo *sarcorhamphus* Cast. ♀
37. (36) *Garganta* com pontilhado muito grosseiro e quasi sempre abundante. Lado superior, pelo menos nos elytros, mate, quando muito com pequeno brilho.
38. (39) Femures e tibias pardos avermelhados claros; nas partes restantes, côr parda avermelhada mais escura *ibex* Billb ♀
39. (38) Patas totalmente negras, assim como o lado inferior do corpo totalmente ou em sua maior parte.
40. (41) Falta ou é indistincta a orla de pêlos amarellos na borda anterior do pronoto. Grande e robusto, quasi 20 mm. de comprimento. Inteiramente negro ou, na *forma a*, pronoto pardo avermelhado escuro. (Grupo principal *Robustus*): *robustus* Luederw. ♀
41. (40) A orla de pêlos amarellos na borda anterior do pronoto é muito distincta. Muito menor; só 15 mm. de comprimento approximadamente. (Grupo principal *Femoratus*)
42. (47) Superiormente mate ou pronoto com reflexos.
43. (44) Inteiramente ou quasi inteiramente negro (por analogia com o ♂) *melanarius* Hope ♀
44. (43) De outra coloração.
45. (46) Elytros negros. Pronoto e cabeça pardos avermelhados escuros, ou muito mais claros que os elytros *melanarius*, forma a, ♀
46. (45) Elytros pardos avermelhados escuros. Pronoto e cabeça negros, ou muito mais escuros que os elytros *melanarius*, forma b, ♀
47. (42) Só os elytros mates, pronoto e cabeça brilhantes. Elytros negros, pronoto e cabeça pardos avermelhados escuros *melanarius*, forma c, ♀
48. (35) ♂♂

49. (52) Lados superior e inferior, inclusive patas, negros ou pronoto pardo avermelhado escuro. Lado superior mate, excepto as mandíbulas.
50. (51) Pronoto, lateralmente, até os ângulos antero-posteriores, distintamente convergente. Mandíbulas (como em *polyodontus*), na parte basilar do lado superior, comprimidas, e na metade posterior do lado interno, planas; parte apical alongada e denteada; (Dente basilar presente) (Grupo principal *Robustus*) *robustus* Luederw. ♂
51. (50) Pronoto nos lados distintamente divergente até os ângulos antero-posteriores (no único exemplar à minha disposição em ♂ *minor*) Mandíbulas (segundo Burmeister), na parte apical, tridenteadas (Grupo principal *Femoratus*) *melanarius* Hope ♂
52. (49) De outra cor. Mandíbulas na parte apical alongadas e denteadas.
53. (54) Corpo esbelto. Lado superior, inteiramente ou na maior parte, pardo muito escuro ou purpúreo escuro (às vezes parecendo quasi negro, mate ou pouco brilhante; patas negras ou castanhas *sarcorhamphus* Cast. ♂
54. (53) Corpo robusto. Inteiramente pardo avermelhado escuro, lado inferior e patas mais claros. Lado superior mate, só as mandíbulas brilhantes *ibex* Billb. ♂
55. (30) Femures e tíbias de cor diferente.
56. (61) Femures avermelhados, tíbias negras. Lados superior e inferior igualmente negras, raras vezes o pronoto castanho escuro.
57. (58) Lado superior mate ou quasi mate ou com reflexo: *femoratus* F. ♀
58. (57) Lado superior, pelo menos em parte, brilhante.
59. (60) Só o pronoto brilhante . . . *femoratus*, forma a, ♀
60. (59) Todo lado superior muito brilhante *femoratus*, var. *lucidus* Luederw. ♀
61. (56) Femures negros ou, raramente, castanhos escuros; tíbias avermelhadas ou amarelhadas. Mandíbulas do ♂ assimétricas; parte apical curta e sem dentes.
62. (63) Lado superior colorido uniformemente ou quasi uniformemente. Negro, mixto com castanho escuro ou totalmente castanho negro; mate ou sómente com pouco brilho *erythrocnemus* Burm. ♂♀

63. (62) Lado superior intensamente bicolor. Elytros nitidamente mais claros que o pronoto e a cabeça.
64. (69) Pelo menos os elytros mates ou quasi mates.
65. (68) Elytros pardos avermelhados.
66. (67) Cabeça e pronotos negros. Pronoto mate ou brilhante no ♂; com reflexo na ♀ *tibialis* Eschsch. ♂♀
67. (66) Cabeça e pronoto pardos avermelhados e mates *tibialis*, forma a, ♂♀
68. (65) Elytros amarelos ocraceos. Pronoto e cabeça castanhos escuros, raras vezes negros no ♂ ou pardos na ♀ *tibialis* forma b (= *fulvus* Luederw.) ♂♀
69. (64) Elytros e, em geral, tambem o pronoto brilhantes.
70. (71) Elytros amarelos ocraceos; cabeça e pronoto negros ou castanhos claros ou escuros . . . *tibialis* var. *bucki*, n. var. ♂♀
71. (70) Elytros castanhos; cabeça e pronoto mais escuros: *tibialis* var. *castaneus* Luederw. ♂♀
72. (15) Elytros amarelos ocraceos claros, sutura e uma grande macula triangular unida na frente com a sutura negras ou ás vezes castanhas escuras; raramente é esta macula rudimentar.
73. (80) Lado superior mate ou com certo brilho ou com reflexos.
74. (79) Femures e tibias avermelhados. Pronoto e cabeça pardos avermelhados claros ou escuros ou negros. Mandibulas do ♂ pardas avermelhadas claras. Elytros typicamente com linhas regulares de pontos bastante grandes e superficiaes.
75. (76) A macula triangular, nos elytros, muito grande e nitida; no ♂ estende-se mais ou menos até atraz da metade, na ♀ até ou quasi até o apex; parte apical das mandibulas do ♂ maior, alongada e denteada *v-nigrum* Hope ♂♀
76. (75) A macula é fortemente reduzida.
77. (78) A macula é curta, mais ou menos tão longa quanto larga, porém ainda em forma triangular. (♀ desconhecida) *v-nigrum*, forma a, ♂
78. (77) A macula não é mais triangular (♀ desconhecida) *v-nigrum* forma b, ♂

79. (74) Patas totalmente negras, parte media dos femures avermelhada, pronoto, cabeça e mandíbulas pardas avermelhadas. Elytros com pontilhado raro e espalhado (♀ desconhecida) *affinis* Parry, ♂
80. (73) Lado superior ou pelo menos os elytros brilhantes. Pronoto, cabeça e mandíbulas negros, assim também o lado inferior totalmente ou quasi totalmente negro. Triangulo dos elytros muito mais estreito que em *v-nigrum*.
81. (82) Patas inteiramente negras. Mandíbulas do ♂ com parte apical curta e sem dentes. (♀ desconhecida) *nitidus* Luederw. ♂
82. (81) Femures totalmente ou na maior parte vermelhos amarelados *nitidus* var *lepidus* Luederw. ♂♀
83. (2) Lado superior do corpo, pelo menos nos elytros e no pronoto, coberto mais ou menos ricamente com pequenos pêlos ou escamulas; em uma especie (*pellitomarginatus*), sómente na borda, numa zona estreita; em outra especie (*atramentarius*), bordas lateraes do pronoto e dos elytros, assim como o terço posterior dos elytros, com pubescencia longa rara.
84. (89) ♀♀. (Grupo principal *Femoratus*)
85. (86) Todo lado superior fortemente brilhante. Pronoto e elytros com pubescencia abundante sómente em uma zona estreita, na borda. Angulos antero-posteriores do pronoto ausentes. Côr negra. Elytros castanhos, todos os femures na porção media pardos avermelhados claros (♂ desconhecido) *pellitomarginatus* Luederw. ♀
86. (85) Pelo menos os elytros mates ou sómente com brilho fraco ou com reflexo. Pubescencia muito mais rica, presente em exemplares recentes na totalidade dos elytros e no pronoto approximadamente até a metade. Lado superior negro, raramente amarello ocraceo.
87. (88) Patas quasi totalmente negras ou castanhas escuras *gracilis* Boil. ♀
88. (87) Patas quasi totalmente avermelhadas ou somente nos femuraes *gracilis*, ab. *rufipes* Luederw. ♀
89. (84) ♂♂
90. (91) Pronoto de forma muito divergente; angulos anteriores, posteriores e antero-posteriores agudos; estes são muito desenvolvidos e o pronoto, por isso, mostra-se fortemente divergente para traz. Mandíbulas esbeltas, com 3 dentes entre

- o meio e a extremidade. Côr totalmente negra (♀ desconhecida) (Grupo principal *Fryi*): *fryi* Parry, ♂
91. (90) Outros caracteres: Pronoto de forma ordinaria, com bordas paralelas ou quasi paralelas ou, quando divergentes para traz, os angulos antero-posteriores nunca são muito salientes: (Grupo principal *Femoratus*)
92. (103) Cabeça inteiramente glabra.
93. (94) Femures vermelhos, tibias negras. Lado superior negro, raramente castanho. Mandibulas asymetricas; parte apical curta, sem dentes: *femoratus* F. ♂
94. (93) As patas totalmente negras ou de côr escura.
95. (96) Elytros, na borda, e superiormente só na ultima terça parte, recobertos com pêlos longos e escassos. Pronoto, para traz, divergente distiuctamente; na borda anterior, no meio, não anguloso, porém arredondado. Mandibulas com parte apical alongada com pequenos dentes; falta o dente basilar. Côr inteiramente negra e mate. (♀ desconhecida) *atramentarius* Nagel, ♂
96. (95) Elytros, em toda a superficie, com pequenos pêlos curtos e finos; mandibulas asymetricas.
97. (98) Sutura com pubescencia. Lado superior negro ou castanho muito escuro. Revestimento dos elytros e do pronoto consiste em pêlos finos, iguaes, distribuidos regularmente e não formando tufos; (♀ desconhecida) *ypirangensis* Luederw. ♂
98. (97) De cada lado da sutura uma estria nitidamente limitada e estreita, (duma largura de 1 mm. mais ou menos, nos grandes exemplares) sem pubescencia. Revestimento do lado superior como a do *ypirangensis*.
99. (100) Elytros, assim como a parte restante do lado superior, negros. Mandibulas na parte apical, um pouco alongadas e com um dente (♀ desconhecida) *suturalis* Luederw. ♂
100. (99) Elytros vermelhos amarellados ou amarelllos ocraceos, na parte restante do lado superior côr negra ou parda muito escura. Mandibulas na parte apical, curtas e sem dentes (♀ desconhecida).
101. (102) Lado superior, excepto as mandibulas, mate ou quasi mate *elegans* Jacowl. ♂
102. (101) Lado superior inteiramente brilhante: *elegans* var: *catharinensis*, n. var. ♂

103. (92) Cabeça também com escamas mais ou menos finas claras, principalmente na frente. Revestimento do lado superior pelo menos aquelle dos elytros, em forma de escamulas quasi todas em tufo ou panniculos. As escamulas são compostas de varias particulas e posteriormente em geral são mais largas que anteriormente. Côr variavel. Elytros negros, castanhos ou pardos avermelhados. Mandibulas symmetricas ou um pouco asymetricas e também variaveis.
- a. Extremidade um pouco recurvada para dentro; extremidade apical alongada, mais recta e em geral coberta com varios tuberculos. Na borda mediana 0 — 1 tuberculo ou dente: *maximus* 3 exemplares fortemente desenvolvidos (fig. 31).
 - b. Extremidade recurvada para dentro em forma de gancho; extremidade apical um pouco alongada e munida de um tubereulo. Borda mediana com um tubereulo: *maximus*, a forma ordinaria.
 - c. Extremidade como a de b, mas a extremidade apical não alongada e sem dentes. Borda mediana com 1 — 2, raramente com 3 tuberculos: *maior* (Fig. 36)
 - d. Extremidade como a de c, mas em geral sómente com dente apical e basilar: *medius*.
 - e. Somentes com dente basilar: *minor*.

As variações das côres são as seguintes, em ♂ e ♀:

- a. Patas negras ou quasi totalmente negras ou ainda castanhas muito escuras.
- b. Lado superior bicolor; elytros pardos avermelhados claros ou escuros; pronoto e cabeça negros ou então muito mais escuras do que os elytros: *Typo* ♂♀, entre elles um ♂ *maximus*.
- b.b. Lado superior unicolor ou quasi unicolor, negro; quando muito os elytros posteriormente um pouco pardos avermelhados ou (muito raramente) o pronoto pardo avermelhado.
- c. Pronoto e cabeça também negros: *forma a*, a mais frequente, varios ♂♂ *maior*, um *minor* e um *maximus*, assim como varias ♀♀
- cc. Pronoto pardo avermelhado: *forma b*, ♂ e ♀.
- a.a. Patas do ♂ totalmente ou quasi amarellas ocraceas ou pardas avermelhadas claras, as da ♀ só os femures assim matizados.

- d. Lado superior bicolor: Somente os elytros ou os elytros e o pronoto pardos avermelhados claros ou escuros; cabeça negra ou então muito mais escura que os elytros: *ab rufipes*, varios ♂♂ e ♀♀
- d.d. Lado superior unicolor ou quasi unicolor.
- e. Todo lado superior pardo avermelhado; quando muito os elytros um pouco mais claros: *forma d*
1 ♂ 1 ♀.
- e.e. O lado superior negro ou muito escuro: *forma b*.
3 ♂♂, entre elles 1 *maximus*, e 1 ♀
104. (105) Patas quasi totalmente negras ou castanhas escuras:
gracilis Boil. ♂
105. (104) Patas quasi totalmente avermelhadas:
gracilis var. *rufipes* Luederw. ♂
106. (1) Escutello sem pubescencia. Pronoto, no meio da margem anterior, arredondado (não anguloso). Mandibulas do ♂ na extremidade apical alongadas e denteadas varias vezes.
107. (108) Todo corpo negro liso e sem pubescencia. Em cima um pouco brilhante. (♀ desconhecida) (Grupo principal *Paranensis*): *paranensis* Parry, ♂.
108. (107) Côr negra, elytros vermelhos amarelados. Superiormente brilhante. Pronoto, no disco, pontilhado e com pubescencia. Parece faltar o dente basilar. (Grupo principal *Fraternus*) *fraternus* Westw. ♂♀.

DIVISÃO SYSTEMATICA DOS GRUPOS PRINCIPAES.

1. No ♂ bem desenvolvido, o lado superior da mandibula apresenta sómente uma saliencia longitudinal que se estende sem interrupção até a ponta; esta saliencia é raramente pouco pronunciada ou ausente.
2. Mandibula do ♂, no lado superior, é achatada e se estreita progressivamente da base, que é larga, até a ponta; a saliencia longitudinal corre junto ou ao lado da borda externa.
3. Escutello, no ♂ e na ♀, pubescente. O dente basilar costuma estar presente mesmo nos menores exemplares ♂♂. Na ♀ o escutello, no disco, é liso ou finamente pontilhado . .
1.º grupo principal FEMORATUS

- 3.3. Escutello, no ♂ e na ♀, sem pêlos. Na fêmea, pronoto com grandes pontos. Somente uma espécie
2.º grupo principal FRATERNUS
- 2.2. Mandíbula do ♂ cylindrica, com ou sem saliência longitudinal na parte superior; extremidade apical alongada e com multiplos dentes. Dente basilar ausente.
1. Escutello do ♂ sem pêlos. ♀ desconhecida, porém provavelmente analoga ao ♂, com escutello sem pêlos. Somente uma espécie 3.º grupo principal PARANENSIS
- 4.4. Escutello do ♂ com pêlos. ♀ desconhecida, porém (provavelmente) também com escutello provido de pêlos
4.º grupo principal FRYI
- 1.1. Mandíbula do ♂, no lado superior, com duas saliências, uma posterior á outra: uma se extende da base da margem externa até ou mais ou menos o meio da borda interna, isto é, até o dente mediano; outra se estende dessa região até a ponta; a metade posterior do lado superior mais ou menos comprimida; a metade anterior, pelo contrario, deprimida no lado interno; extremidade apical alongada e com multiplos dentes. No ♂ e na ♀, escutello com pêlos.
5. Mandíbula do ♂ (vista lateralmente) não espessada ou pouco espessada; metade anterior excavada internamente. Dente basilar presente. Pronoto sem pêlos. Coloração geral negra no ♂ e ♀. Na fêmea, pronoto, no disco, não nitidamente pontilhado. Somente uma espécie
5.º grupo principal ROBUSTUS
- 5.5. Mandíbula do ♂ (vista de lado) fortemente espessada anteriormente á parte media; metade anterior excavada em espiral na porção interna. Dente basilar do ♂ ausente. Pronoto nitidamente pubescente nas margens lateraes e posterior. Na fêmea, pronoto, no disco, com pontos numerosos e grosseiros. Côr principal do lado superior no ♂ e ♀ parda clara ou escura 6.º grupo principal POLYODONTUS

1.º Grupo principal: FEMORATUS

Divisão systematica do grupo

1. Pronoto, em ♂ e ♀, com angulos antero-posteriores muito nitidos ou, pelo menos, indicados.
2. Mandíbula do ♂ symetricas, isto é, ambos os dentes basilares e (character typico) também os outros dentes estão

na mesma ou quasi na mesma altura, pelo menos em todos os exemplares que possuem o dente apical já formado. Em ♂ e ♀, o lado superior do corpo é glabro ou quasi glabro, com excepção do *atramentarius* ♂ (Grupo *Ibex*) do qual só se conhece o ♂, que é completamente negro e mate, e cujo pronoto lateralmente e os elytros lateral e posteriormente possuem pubescencia longa e rara.

3. Pronoto, no ♂, lateralmente na metade anterior, fortemente arredondado. Elytros pardos amarellados. Femures e tibias tambem coradas. Somente uma especie. (♀ desconhecida) . . . 1. Grupo CONstricticollis

- 3.3. Pronoto, no ♂, lateralmente até os angulos antero-posteriores, recto ou quasi recto, quando muito ligeiramente arredondado; na ♀ pelo contrario mais fortemente arredondado.

4. Elytros pardo-amarellados em ambos os sexos. Sutura e uma macula connexa, triangular, maior ou menor, nitidamente delimitada, juntamente com a base, de côr negra ou, mais raramente, parde escura 2. Grupo V-NIGRUM.

- 4.4. Elytros sem aquella macula caracteristica. Região junto ao escutello, quando muito, arredondada . . . 3. Grupo IBEX

- 2.2. Mandibulas do ♂ symetricas ou ligeiramente asymetricas. Elytros e pronotos, em ambos os sexos, mais ou menos ricamente escamosos (não pubescentes), os elytros tambem no dorso; no ♂ (unicamente neste genero) tambem a cabeça, que na ♀, pelo menos anterior e lateralmente, pode ser pubescente. Escamas, quasi todas em tufos ou em paniculo; cada escama composta de varias pequenas partes. Côr variavel, mesmo aquella das patas. Somente uma especie (Vide 2-2-2) 4 Grupo GRACILIS

- 2.2.2. Mandibula do ♂ fortemente asymetrica, isto é, ambos os dentes basilares e em geral tambem os outros dentes não se dispõem na mesma altura; o dente basilar esquerdo está nitidamente voltado para deante.

5. Lado superior do corpo, pelo menos no ♂, nos elytros e no pronoto, mais ou menos ricamente revestido por pequenas cerdas finas; em uma especie (*pellitomarginatus*) somente nas bordas externas (Femures avermelhados, tibias negras em 2 especies; ou patas completamente negras nas outras especies . .

5. Grupo FEMORATUS

5.5. Lado superior do corpo, em ambos os sexos, glabra ou quasi glabra. Femures negros ou muito escuros e tibias avermelhadas 6. Grupo TIBIALIS

1.1. Pronoto, pelo menos na ♀, regularmente arredondado nos lados, com nitidos angulos posteriores, sendo completamente ausentes os angulos antero-posteriores. Corpo, no lado superior, não pubescente. Vide *rotundicollis*, no grupo *Tibialis* (♂ desconhecido).

1. Grupo CONSTRICTICOLLIS

(Sómente uma especie) Elytros brilhantes, pardos amarellados. Pronoto escuro, vermelho-pardo, mate. Femur e tibias pardos-amarelladas. Lado inferior pardo-escuro. Lado superior quasi liso. ♀ desconhecida. Estado do Rio de Janeiro.

Leptinopterus constricticollis Heller ♂

HELLER, Ent. Mitt. 1924, pg. 63, com fig.

Distribuição: Brasil (Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro).

♂ — Comprimento total 24 mm. Côr semelhante á de *L. tibialis* Eschsch. e com este um tanto parecido; mas as mandibulas são symetricas, rectas recurvadas levemente para cima, com dentes basilar e apical e, antes do meio, com dente mediano. Cabeça negra. Pronoto transversal, convergente para traz, com brilho gorduroso, pardo avermelhado escuro. Lados na metade anterior, fortemente arredondados; largura maxima no terço anterior; metade basilar, de ambos os lados, bisinuosa e (conforme a figura) com angulo antero-posterior distincto. Lado superior, como a cabeça, quasi liso com pontilhado muito fino e esparso. Orla na borda posterior pontilhada distinctamente em series. Sulco mediano no terço anterior. Em ambos os lados, não longe da borda posterior, com impressão transversal curta. Escutello com pubescencia. Elytros brilhantes, amarellos ocraceos pallidos, pontilhados densa e esparsamente (apenas em series) e marginados de negro. Abdomen verme-

lho escuro. Femures e tibias da mesma coloração que os elytros. Lado inferior do corpo castanho escuro.

Differe de todas as outras especies de *Leptinopterus* pelos lados fortemente arredondados na metade anterior do pronoto.

♀ desconhecida (talvez *rotundicollis* Luederw.)

2. Grupo V-NIGRUM

Chave das especies

1. Lado superior mate ou no maximo um pouco brilhante.
2. Femures e tibias inteiramente vermelhos. Elytros com series regulares de pontos bastante grandes e brilhantes: . . .
 1. *v-nigrum* Hope ♂♀
- 2.2. Patas inteiramente negras; parte media dos femures avermelhada. Elytros pontilhados escassa e esparsamente (♀ desconhecida) 2. *affinis* Parry, ♂
- 1.1. Lado superior nitidamente brilhante: 3. *nitidus* Luederw. ♂♀

1. *Leptinopterus v-nigrum* Hope

fig. 20 ♀

HOPE, (Westwood) Cat. Lue. 1845, p. 15.

triangularis BURM. Handb. V, 1847, p. 380.

Distribuição: Sul do Brasil.

Mus. Paul.: Serra de Macahé (Estado do Rio de Janeiro) XI, E. Garbe leg.

Coll. Zikán: Nova Friburgo, XII, Dr. Fr. Ohaus leg.; Itatiaya, 700-1.100 m., I, XI, XII, (Estado do Rio de Janeiro).

Existem cinco ♂♂ maior e minor, e dez ♀♀.

♂. — Comprimento 12-21 mm., total 21 mm. Superiormente mate; mandibulas brilhantes ou mates. Cabeça nos lados e pronoto pelo menos na parte antero-lateral, em geral densamente rugosos e em algumas regiões grosseiramente pontilhados. Elytros quasi sempre com series de pontos distinctos; côr amarella escura, raramente

(em pequenos exemplares) amarella muito clara. Uma macula grande e triangular de côr negra, tem inicio no hombro ou perto d'elle e estende-se pelo menos até o meio. De côr negra tambem a sutura e as bordas. Pronoto, cabeça¹ e mandibulas uniformemente castanhos ou negros, ou quando castanho mais claro, o pronoto e a cabeça são cinzentos escuros, principalmente na zona mediana, assim como tambem as bordas e uma macula coxal. Lado inferior mais ou menos preto ou castanho. Femures e tibias vermelhos amarellados, joelho e extremidade das tibias em geral escuros. Mandibulas, na parte apical alongada, em geral ainda com 1-3 denticulos obtusos. Atraz do dente apical geralmente ainda um denticulo tambem no meio. Fóra disso a borda mediana pode apresentar ainda varios denticulos em posição differente. Dente apical simples ou bifurcado.

Forma a. Fig. 27 ♂. A macula dos elytros, curta, triangular e muito menor que a do typo. *Mus. Paul.*: Joinville (Santa Catharina) VI, Schmalz leg. 1 ♂ maior. — *Coll. Zikán*: Itatiaya (Rio de Janeiro) I, II, XII, 9 ♂♂ maior e minor.

Forma b. A macula existe ainda distinctamente, porém sem forma triangular nitida. *Coll. Zikán*: Itatiaya (Rio) II, XII, 2 ♂♂ maior.

ab. *immaculatus* LUEDERW, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro 1930, pg. 123. A macula falta inteiramente, quando muito alarga-se a sutura negra um pouco no escutello. *Mus. Paul.*: Brasil 1 ♂ minor. *Coll. Zikán*: Itatiaya I, XII, 2 ♂♂.

2. *Leptinopterus affinis* Parry

Fig. 18, ♂.

PARRY, Trans. Ent. Soc. Lond. 1872, pag. 80, t. 1, f. 5, ♂.

Distribuição: Sul do Brasil (proximidade do Rio Paraná).

(1) Em exemplares muito pequenos cabeça e pronoto são vermelhos claros (Burmeister).

♂. — Comprimento 7 linhas, mandíbulas 3. Semelhante ao *L. v-nigrum* Hope. Negro como azeviche. Mandíbulas symétricas, pouco mais longas que a cabeça e o pronoto, planas, recurvadas desigualmente, cada uma com quatro tubérculos pequenos na borda interna e com dente apical bifurcado. Extremidade (conforme a figura) recurvada fortemente para dentro, sem dentes e não alongada; dente basilar presente. Cabeça um pouco mais estreita que o pronoto, chanfrada anteriormente. Muito angulosa anteriormente aos olhos. Lados quasi rectos. Pronoto em ambos os lados com uma fosseta. Sulco mediano pouco desenvolvido. Escutello com pubescência. Elytros amarellos claros, com macula triangular no escutello, sendo esta macula porém, muito mais estreita que a do *v-nigrum*. Pontilhado raro e esparso (em series no *v-nigrum*). Hombro com tubérculo pequeno. Patas desarmadas. Femur no meio com manchas vermelhas.

♀ desconhecida.

3. *Leptnopterus nitidus* Luederwaldt

Fig. 28 ♂.

LUEDERWALDT, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, VI, 1930, pag. 123.

Distribuição: Sul do Brasil.

Coll. Melzer: Rio Negrinho (Santa Catharina) XI, A. Maller leg.

1 ♂ maior, 1 ♂ minor.

♂ — Comprimento 15-18 mm., total 20-26 mm. Elytros e mandíbulas fortemente brilhantes; a parte restante do lado superior menos brilhante. A macula triangular dos elytros com a metade da largura da do *v-nigrum* e mais prolongada. Pronoto e cabeça, inclusive mandíbulas, patas e lado inferior, total ou quasi totalmente de côr negra. Mandíbulas, inclusive *lepidus*, com dente apical bifurcado e nos ♂♂ mais fortes do typo, com espinho no meio. Pronoto com sulco mediano nítido e com fossetas indistinctas em ambos os lados na meta-

de anterior. Sulco marginal lateral com pubescência fina. Disco com pontilhado fino e raro, assim como parte da cabeça. O apex dos elytros apresenta igualmente pêlos finos.

♀ desconhecida.

Typo ♂ no Mus. Paul.

Diferente de *affinis* Parry pelo brilho do lado superior e pelos elytros essencialmente pontilhados em séries como os de *v-nigrum*; elles mostram, quando muito, para dentro pontilhado fino e distincto.

Ab. *lepidus* Luederw. 1. c. p. 124, fig. 24, ♀. Assim como o tipo; mas os femures são avermelhados. 1 ♂ *minor* e 1 ♀, com a notação «Brasil» na collecção do Museu Paulista. A ♀ esculpturada e colorida como o ♂, mas cabeça e pronoto mais brilhantes; tibias medias com um espinho forte, posterior ao meio. Typo ♂♀ no Museu Paulista.

3. Grupo IBEX

Chave das especies

1. Lado superior não pubescente ou quasi glabro.
2. Lado superior colorido em escuro (negro, vermelho pardacento ou purpureo escuro).
3. Patas negras ou pardas escuras.
4. Forma robusta em ambos os sexos

1. *Lept. melanarius* Hope ♂♀

Forma a. Elytros negros. Pronoto e cabeça pardos escuros ou cabeça negra ♀.

Forma b. Elytros pardo-avermelhados. Pronoto mais escuro. Cabeça negra ♀.

Forma c. Como a *forma a*, porém pronoto brilhante e, no disco, muito nitidamente pontilhado. (vide *L. robustus* Luederw.) ♀. Em todo Brasil meridional.

- 4.4. Forma esbelta em ambos os sexos. Pouco brilhante no lado superior e mate. Cabeça e mandibulas negras, pronoto e elytros pardos castanhos muito escuros (quasi negros). Lado inferior negro. Pronoto com pontilhado fino, que lateralmente se torna um pouco mais grosseiro. Mento finalmente pontilhado, ♀ (não com certeza) de coloração negra,

sendo avermelhados somente os elytros, posteriormente e de cada lado na parte media. Pronoto muito finamente pontilhado, mais grosseiramente só nas partes mais externas. Brilhante no lado superior. Brasil meridional

3. *Lept. sarcorhamphus* Cast.

3.3. Femures e tibias avermelhados. Completamente pardo avermelhado, inclusive as patas. Lado superior mate. ♂ *medius* e *minor*: pronoto no disco não pontilhado, nos lados grosseiramente pontilhado. Brasil meridional

2. *Lept. ibex* Billb ♂♀

2.2. Lado superior regularmente claro, pardo amarelado, só com mancha escura no pronoto; lado inferior mais escuro e pardo. Pronoto para deante nitidamente convergente, disco mais grosseiramente pontilhado que em *v-nigrum*; nos outros caracteres semelhante a este ultimo (♀ desconhecida) Rio de Janeiro . .

4. *Lept. mazama* Kriesche ♂.

1.1. Lados do pronoto e dos elytros, assim como o terço posterior dos elytros, revestidos com pêlos longos, raros, amarelados. Completamente negro e mate. Mandíbula na parte superior, na metade anterior, fracamente excavada. Pronoto na porção posterior, divergente (♀ desconhecida). Brasil . . .

5. *Lept. atramentarius* Nagel ♂.

1. *Leptinopterus melanarius* Hope

HOPE (Westw.) Cat. Luc. 1845, p. 15 ♂.

funereus HOPE (Westw.) l. c. (forma *minor*) ♂♀.

morio BURM. Handb. V, 1847, p. 379, ♂.

A diagnose original diz: «Niger opacus, capite quadrato plano margine antico emarginato, mandibulis capite paullo longioribus, basi interne 2 tuberculatis dente medio, apiceque tridenticulato, prothorace postice angustiori, scutello albido-piloso, pedibus nigris. Long. corp. (mand. incl.) lin. 13. Habitat in Brasilia».

Diagnose de *funereus*: «Praecedenti valde affinis; differt magnitudine minori, capite prothorace angustiori mandibulis dentibus duobus basalibus alteroque subapicali armatis. Long. corp. ♂ lin. 10 1/2 (mand. incl.) ♀ lin. 7. Variat mas mandibulis capite parum brevioribus, latio-

ribus, marginibus internis simplicibus. Long. corp. lin.
7. Habitat Brasilia.»

Burmeister acrescenta a essas descrições pouca coisa de novo. Segundo elle as mandibulas do ♂ são symmetricamente denteadas; tornam-se planas (vistas de lado) da base progressivamente em direcção á extremidade. Mandibulas, patas e borda inferior fracamente brilhantes e sedosas. A ♀ elle não conhecia.

Tenho á disposição sómente 1 ♂ *minor* que deve pertencer a esta especie. As mandibulas são pontilhadas no lado superior da metade posterior. Os angulos antero-externos da cabeça são obtusos. A cabeça mesma é coberta com grandes pontos brilhantes, principalmente na porção anterior. O pronoto um pouco divergente até os angulos antero-posteriores, com abundante pontilhado lateral. Os elytros são pontilhados irregular e indistinctamente; o apice com pubescencia finissima. Mus. Paul.; Rio Matipó (Minas Geraes) 1919, Pinto da Fonseca leg.

As ♀♀, segundo descripção do *funereus* por Hope, são também negras.

Os exemplares que se achavam á disposição do autor, que provavelmente pertencem a esta especie e que differem do *L. robustus* aparentemente só pelo seu tamanho, são negros, sendo o lado superior mate ou com reflexo, principalmente no pronoto. A cabeça é arredondada nos angulos antero-externos. Elytros como os do ♂.

Forma a. Elytros negros, pronoto e cabeça pardos avermelhados ou cabeça negra. Mus. Paul.: Alto da Serra (São Paulo), XI, XII, 1924, E. Schwebel e H. Luederwaldt leg., 3 ♀♀.
Coll. Melzer: no mesmo lugar I, 1925, R. Spitz leg. 2 ♀♀.

Forma b. Elytros pardos avermelhados, pronoto escuro, cabeça negra. Mus. Paul. Joinville (Sta. Catharina) Schwartz leg. VI — 1899 1 ♀.

Forma c. Como a *forma a*, mas o pronoto brilhante e também no disco ponteadado muito distinctamente; com sulco mediano fraco e duas fossetas em ambos os lados na porção media.
Coll. Melzer: Alto da Serra, I, 1925, R. Spitz leg. 1 ♀.

Na chave geral do genero *Leptinopterus*, sob 40 (41) respectivamente 41 (40), foi notado, no *melanarius* ♀, que a orla de pêlos amarelos na borda anterior do pronoto é muito distincta e no *robustus* ♀, porém, indistincta ou ausente; mas este caracter não parece ser constante.

2. *Leptinopterus ibex* (Billb.)

Fig. 22 ♀, 23, 29 ♂.

BILLB. Mém. Ac. Petersb. VII, 1820, pg. 382, t. 12, f. 1. — STURM, Cat. 1826, pg. 67, t. 2, f. 13 a-c. — BURM, Handb. V, 1847, pg. 379.

Distribuição: Sul do Brasil.

Mus. Paul.: Corcovado (Rio de Janeiro I, 1899, Dr. Ohaus leg. 1 ♀. — Brasil (von Staudinger) 1 ♂ med.

Coll. Zikán: Rio Itabapoana (Esp. Santo) II, XI, 1 ♂ *minor*, 1 ♀.

Coll. Inst. Biologico no Rio de Janeiro (Dr. C. Moreira): Rio Capital, XI, 1924, D. Mendes leg. 2 ♂♂.

♂. — (Segundo descrições de Sturm e Burmeister, e conforme os ♂♂ pequenos examinados pelo autor): De tamanho ordinario. Lado superior pardo avermelhado claro ou escuro, (purpúreo) e mate. Lado inferior mais claro. Patas ainda mais claras (vermelhas pardacentas). Esculptura pequena. Cabeça transversal, chata, excavada na frente, com angulos antero-externos nitidos. Mandibulâs mais longas que cabeça e prothorax. Dente basilar presente, tambem um dente mediano, não distante do dente apical, assim como 5-7 dentes apicaes. Pronoto mais largo que a cabeça e os elytros. Angulos anteriores obtusos. Lados paralelos ou quasi paralelos. Angulos posteriores e antero-posteriores acuminados. Borda anterior duas vezes profundamente excavada, a posterior tambem, porém superficialmente. Elytros com pontilhados muito fino, em parte em series. Hombro com denticulos. Tibias anteriores com dois dentes maiores e varios menores; tibias medias e, posteriores simples ou quasi simples.

♂ *medius* e *minor* com pontilhado, na cabeça, mais ou menos abundante e grosseiro; também assim no pronoto nas bordas, principalmente ao lado. Mento pontilhado grosseira e densamente; garganta com pontilhado grosseiro e espalhado. Prosterno lateralmente, até os episternos, coberto com pontos grandes e densos. Nos outros caracteres como *maior*.

♀ (segundo o nosso material): Comprimento 17-19 mm. Côr como a do ♂. Pronoto com reflexo, lateralmente com pontilhado grosseiro. Angulos antero-posteriores indicados. Mesosterno pelo menos lateralmente e abdômen posteriormente, pontilhados grosseiramente.

A espécie que Sturm determina em sua fig. 18 e como ♀, é um ♂ *minor* e a figura 18 a das mandíbulas não é exacta, pois ella lembra antes a *polyodontus*. Bilberg descreve um ♂ *minor*.

3. *Leptinopterus sarcorhamphus* (Cast.)

Fig. 21 ♀, 25 ♂.

CAST, Hist. Nat. II (? 1837) 1840, pg. 172. — Burm. V, pg. 380.

Distribuição: Brasil.

Coll. Melzer: S. Paulo Capital (Butantan) I, F. C. Hohne leg.
1 ♂ *maior*.

Coll. Zikán: Itatiaya (Est. do Rio de Janeiro) 1924, ex. coll.
Lutz, 1 ♂ *maior*.

♂ — (Segundo o exemplar de Melzer). Comprimento 20 mm. total 30 mm. De talhe esbelto e mandíbulas estreitas. Lado superior pouco brilhante. Cabeça e mandíbulas negras. Pronoto e elytro castanhos escuros (parecendo quasi negros). Pubescencia branca no escutello e nas bordas anterior e posterior do pronoto. Cabeça, lateralmente atraz dos olhos, com pontilhado. Mandíbulas, em cada lado, com um pequeno dente mediano antes e atraz do meio. Parte apical alongada com dente api-

cal forte e dois dentes menores. Pronoto com pontilhado mais rico, mais fino e uniforme, que nos lados se torna ligeiramente mais grosseiro. Fossas coxae com linha obliqua, curta, impressa. Borda anterior, no meio, angulosa. Patas castanhas muito escuras. Lado inferior negro e, em geral, com pontilhado muito escasso e fino (tambem no mento) e com pontilhado denso e grosseiro apenas no prosterno lateralmente, excepto os episternos. Zona mediana do esterno mais brilhante; nas outras partes com brilho menor.

♀.— Comprimento 14 mm. Tambem de talhe gracioso, contrariamente á ♀ de *ibex*. De côr uniformemente negra; só os elytros, posteriormente e, em ambos os lados na parte media, avermelhados. Superior e inferiormente brilhante. Pronoto com pontilhado muito fino e esparso, nas bordas externas com pontilhado mais grosseiro, com sulco mediano indicado e uma fosseta pouco pronunciada em cada borda, um pouco antes do meio. Elytros com pontilhado fino e esparso, com algumas linhas longitudinaes fracamente deprimidas. Tibias anteriores com 4 dentes fortes (os dentes menos desenvolvidos faltam totalmente.) Tibias medias com 1-2 espinhos, e as posteriores com um espinho. Lado inferior esculpido como o do ♂, garganta com pontilhado fino e esparso; o mento, porém é pontilhado tambem denso e grosseiramente e com pubescencia rara e longa.

Burmeister, pag. 380, e o Col. Cat. de Junk e Schenkling, 1910, pag. 31, identificam *sacorhamphus* com *ibex*, e de facto é difficil distinguir o ♂ do primeiro do ♂ do ultimo pelas diagnoses. O primeiro é esbelto, e os elytros são menos convexos que os de *ibex*. O lado superior é mais liso, mais brilhante e muito mais escuro. A descripção de Castelnau é muito curta: «Long. 12 lig. Larg. 3 2/3 lig. D'un brun-châtain, allongée; mandibules très longues, aplaties, avec une dent à la base et trois ou quatre vers l'extrémité; tête carrée; angles postérieurs du corselet échancrés; ecusson velu et jaune; ♀ à mandibules très courtes. — Brésil». Pois a côr (tambem

a das patas e do lado inferior) não é parda-avermelhada ou purpurea, porém castanha, o que está de accordo com o exemplar de Melzer.

A ♀ pelo contrario é muito differente da especie citada. Aliás não é certo si a ella pertence. Por causa de seu talhe gracioso, concorda bem com o ♂ e por causa da coloração posterior dos elytros em parte avermelhada.

4. *Leptinopterus mazama* Kriesche

KRIESCHE, Stett. Ent. Zeitg. 1926, pg. 384.

Distribuição: Estado do Rio de Janeiro.

A diagnose original diz: «Comprim. 21 mm. Talvez a especie mais proxima de *v-nigrum* Hp.; a côr, porém, é no lado superior regularmente amarella ocracea clara, com borda negra fina ao redor das mandibulas, da cabeça, do prothorax e dos elytros; no prothorax em ambos os lados, uma macula coxal de côr negra, oval e longitudinal; no lado inferior regularmente castanho mais escuro. Clypeo levemente convergente para traz; o pronoto converge distinctamente para frente; os seus espinhos lateraes obtusos e, os dos angulos posteriores agudos; seu pontilhado é muito mais grosseiro, comquanto superficial. Elytros no apex apresentam estrias longitudinaes mais densas e tambem pontos mais grossos, porém mais fracos que no pronoto.

♀ desconhecida.»

5. *Leptinopterus atramentarius* Nagel

Fig. 26 ♂

NAGEL, Deut. Ent. Zeitschr. 1928, p. 275, fig. pag. 277.

Distribuição: Brasil.

♂— Comprimento das mandibulas 15, da cabeça 6, do prothorax 5, dos elytros 13 mm. Largura maxima 11 mm. Negro mate. Cabeça rugosa, angulos anteriores

arredondados, carena dos olhos prolongada para frente em uma ponta aguda. Mandíbulas duas vezes e um terço mais longas que a cabeça, bi-sinuosas, semelhantes às do *polyodontus*. Sua superfície é excavada fracamente na metade anterior um pouco brilhante. Dente mastigador bifido, em lugar do dente basilar uma intumescência, dente mediano no primeiro terço, dente apical o maior, quasi bifido, parte apical com 5 dentes truncados. Pronoto divergente para traz. Bordas cobertas com pêlos dourados, longos, escassos. Com sulco longitudinal fracamente desenvolvido, que quasi attinge as bordas anterior e posterior. Disco ponteadado, bordas rugosas. Angulos anteriores arredondados, angulos posteriores excavados, borda posterior bi-sinuosa. Escutello com pubescência escassa. Elytros, na região do hombro e da sutura anterior, pontilhado distinctamente. Bordas e terço posterior cobertos com pêlos longos e escassos. Cada elytro com 4 costelas longitudinaes. Garganta finamente pontilhada e com duas impressões nitidas, longitudinaes. Mandíbulas internamente na base, com pontilhado denso e profundo. Pro- e mesosterno no meio, pontilhados. Metasterno com sulco longitudinal. Tibias anteriores com 6 espinhos, medias com 1 e posteriores com 0 espinhos.

♀ desconhecida.

4. Grupo GRACILIS

(Uma só especie)

Leptinopterus gracilis Boil.

Fig. 30 ♀ 31 ♂ *max*, 36 ♂ *minor*, 37, 40 ♂ *minor*.

BOIL. Bull. Soc. Ent. Fr. 1899, pg. 196.

Distribuição: Sul do Brasil (Santa Catharina).

Mus. Paul.: Itatiaya (Rio de Janeiro). Campos do Jordão.

Coll. Melzer: Passa Quatro, Fazenda dos Campos (Minas Geraes XI, XII, Zikán leg.

Coll. Zikán: Virginia, Faz. dos Campos, 1.500 m., I, II, X, XI, XII (Minas Geraes).

Existiam: 36 ♂♂ em todos os estados e 18 ♀♀.

♂. — Comprimento 14-19, total 19-30 mm. Muito variável na conformação das mandíbulas e principalmente também na côr. Em cima mate. Mandíbulas mates ou brilhantes. Lado inferior negro ou mais ou menos pardo avermelhado; mandíbulas negras, raras vezes pardas-avermelhadas. Dente apical quasi sempre não bifurcado. Cabeça divergente para frente; posteriormente no meio com ou sem impressão arredondada. Em cima com pontilhado fino e esparso. Pronoto, no disco liso ou finamente pontilhado; lateralmente aspero e com pontilhado fino e mais grosseiro. Angulos anteriores agudos ou obtusos. Sulco mediano, pelo menos nos exemplares robustos, em geral distinto e bastante longo. Tibias anteriores com 2-3 dentes grandes e varios pequenos. Mandíbulas asperas; em sua conformação, podem distinguir-se 5 formas, as quaes não raramente fazem transição de uma para outra.

1. Extremidade pouco recurvada para dentro; extremidade apical alongada, mais recta e em geral coberta com varios tuberculos. Na margem mediana 0-1 tuberculo ou dente; *maximus*, 3 exemplares de desenvolvimento muito pronunciado (Fig. 31).
2. Extremidade em forma de gancho recurvado para dentro; extremidade apical um pouco alongada e com um tuberculo. Sulco mediano com 1 tuberculo: *maximus*, a forma usual.
3. Extremidade como o de n.º 2, mas a extremidade apical não alongada e sem dentes. Sulco mediano com 1-2 (raramente com 3) tuberculos; *maior* (Fig. 36).
4. Extremidade como o de n.º 3, porém, em geral somente com dente apical e basilar: *medius*.
5. Sómente com dente basilar: *minor* (fig. 37 e 40).

Na côr podem distinguir-se, em ambos os sexos, as seguintes variações:

1. Patas negras ou então castanhas muito escuras.
2. Lado superior bicolor: Elytros pardos avermelhados claros ou escuros; pronoto e cabeça negros ou muito mais escuros que os elytros: Typo, ♂♀ (entre elles um ♂ *maximus*).
- 2.2. Lado superior de uma só côr negra; quando muito os elytros posteriormente um pouco pardos avermelhados, ou (raras vezes) o pronoto pardo-avermelhado.
3. Pronoto e cabeça também negros; *Forma a* (forma mais frequente) diversos ♂♂ *maior*, 1 *minor*, 1 *maximus* e 4 ♀♀.
- 3.3. Pronoto pardo-avermelhado — *Forma b*. ♂ e ♀.
- 1.1. Patas do ♂ totalmente ou quasi totalmente amarellas ocreas ou pardas claras; na ♀ só os femures assim coloridos.
4. Lado superior bicolor: Elytros somente ou elytros e pronoto pardos-avermelhados claros ou escuros. Cabeça negra ou muito mais escura que os elytros: ab. *rufipes* Luederw. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, VI, 1930, p. 126. Varios ♂♂ e ♀♀. Typo ♂♀ no Mus. Paul.
- 4.4. Lado superior duma só côr.
5. Todo lado superior pardo-avermelhado; quando muito os elytros um pouco mais claros; *Forma a*, 1 ♂, 1 ♀.
- 5.5. O lado superior negro ou muito escuro: *Forma b*, 3 ♂♂, entre elles 1 *maximus*, 1 ♀.

As ♀♀ (fig. 30), segundo Boileau, são superiormente glabras, porém esta affirmação deve ser erronea, ou então as suas duas ♀♀ são formas anormaes. O autor teve á disposição uma serie de exemplares da mesma região dos ♂♂ e do mesmo colleccionador e que portanto devem pertencer á mesma especie. Pêlos do lado superior como no ♂. Cabeça glabra ou anteriormente com pubescencia mais ou menos erecta. O pronoto é geralmente glabro em todo o disco, sómente nas bordas com pubescencia. Sulco mediano, em geral, distincto. Borda lateral, grosseiramente pontilhada. Os elytros, na maxima extensão, pelo menos lateral e posteriormente com rica pubescencia. Pontilhado indistincto, ás vezes em series, que podem ser fracamente impressas. Lado superior mate ou com reflexo, principalmente no pronoto.

De *L. pelltomarginatus* ♀ differe pelo lado superior mate, etc.; de todas as outras especies, em ambos os sexos, pelas escamas em tufos ou em paniculos da borda superior.

Boileau compara *gracilis* na côr com *tibialis*, do qual elle se distingue, porém, á primeira vista pelo lado superior pubescente.

5. Grupo FEMORATUS

Chave das especies

1. ♂.
 2. Sutura com pubescencia, ou elytros, em geral, com pubescencia escassa.
 3. Femures avermelhados, tibias negras 1. *femoratus* F.
 - 3.3. Femures e tibias de côr negra (♀ desconhecida) 2. *ypirangensis* Luederw.
 - 2.2. Em ambos os lados da sutura, uma estria estreita nitidamente delimitada com largura de mais ou menos 1 mm. (em grandes exemplares), sem pubescencia.
 4. Extremidade apical das mandibulas curta e sem dentes. Côr negra, elytros vermelhos amarelados ou amarelllos ocraceos (♀ desconhecida) 3. *elegans* Jacowl.
 - 4.4. Extremidade apical das mandibulas alongadas e com um só dente. Lado superior negro ou castanho escuro (♀ desconhecida) 4. *suturalis* Luederw.
- 1.1. ♀.
 5. Lado superior sem pubescencia, mate ou brilhante. Côr negra. Femures avermelhados *femoratus* F.
 - 5.5. Lado superior, no pronoto e nos elytros lateralmente em uma zona estreita, com pubescencia rica. Superiormente brilhante. Côr negra; elytros castanhos, femures em parte avermelhados (♂ desconhecido): . . 5. *pelltomarginatus* Luederw.

1. *Leptinopterus femoratus* (F.)

Fig. 34 ♂ maior

FABR. Ent. Syst. II, 1775, pg. 237. — OL. Ent. I, 1, 1789, pg. 17, t. 4, f. 10. — BURM. Handb. V, 1847, pag. 378.

Distribuição: Sul do Brasil.

Mus. Paul.: S. Paulo Capital (Ypiranga). — Rio de Janeiro, Capital, V. Mir. Ribeiro leg. — S. João del Rey (Minas Geraes), A. da Silveira leg.

Coll. Melzer: Cotia (S. Paulo) I, G. Gericke leg. — Passa Quatro (Minas) X, XI, XII, Zikán leg.

Coll. Zikán: Itatiaya, 700-1.100 m, X, XI, XII, I; Rio Muriche, XI (Estado do Rio de Janeiro). — Virginia, 900-1.500 m, I, X; Mar de Hespanha XI, (Minas Geraes).

Coll. Instit. Biol. Rio de Janeiro (C. Moreira): Theresopolis, XI, 1915, Mir. Ribeiro leg; Itatiaya, V, 1929 (Estado do Rio de Janeiro). — Matto Grosso, Mir. Ribeiro leg.

Existiam 52 ♂♂, em todas as fases, e 26 ♀♀. O maior numero de exemplares, do Itatiaya e de Minas Geraes.

♂ — Comprimento 12-23 mm. total 14-35 mm. Cór negra, sómente os femures vermelhos amarellados, com joelhos negros; ás vezes pronoto ou cabeça ou ambos, assim como o lado inferior mais ou menos pardos avermelhados escuros. Superiormente mate ou quasi mate ou mandibulas brilhantes; pronoto em geral com reflexo, ás vezes tambem os elytros; pubescencia do lado superior variavel e, não raramente, transitando para a de *gracilis*; aquella dos elytros ás vezes notavelmente densa. Pronoto, cabeça e mandibulas com pontilhado indistincto ou ausente. Mandibulas com parte apical curta sem dentes, com dente apical bifurcado, mais raramente simples e em geral ambas as mandibulas, na borda mediana, com um dente mais fraco anterior ao meio. Pronoto com angulos anteriores obtusos. Sulco mediano distincto só nos maiores exemplares.

♀ — Côr como a do ♂. Comprimento 13-17 mm. Lado superior mate, sem pubescencia. Pronoto com sulco mediano indicado ou ausente; lateralmente pontilhado grosseiro; disco, quando mate, com pontilhado fino e pouco visível; quando com reflexo, o pontilhado é muito mais distincto. Tibias anteriores em geral com 5 dentes; tibias medias com um espinho posterior ao meio, raras vezes ainda com 1-2 espinhos finos em cima e, ainda mais raramente desarmadas.

Forma a. ♀ — Igual ao typo, porém o pronoto distinctamente brilhante; o pontilhado é esparso e fino, porém distincto. Elytros, pelo menos na metade anterior, pontilhados da mesma maneira, e, no dorso, em geral, também com series de pontos. *Coll. Melzer:* Passa Quatro (Minas Geraes) XI, Jaczer leg. *Coll. Zikán:* Passa Quatro (Minas Geraes) 915 m. XII. — Itatiaya (Rio de Janeiro) 700 m. XI, XII, 11 exemplares.

Var. lucidus LUEDER. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro 1930, pag. 125. Todo insecto notavelmente brilhante. O pontilhado, no lado superior, muito distincto. *Coll. Zikán:* Itatiaya (Rio de Janeiro) 700-1.000 m. I, XI, XII. 4 ♀♀. — *Coll. Instlt. Biol.:* Rio de Janeiro (C. Moreira): Itatiaya (Rio de Janeiro) 1 ♀. Typo ♀ no Museu Paulista.¹

2. *Leptinopterus ypirangensis* Luederw.

LUEDERWALDT, Bol. Mus. Nac. Vol. VI, 1930, pag. 126 (*suturalis*, var. *ypirangensis*)

Distribuição: Sul do Brasil.

Mus. Paul.: Alto da Serra (S. Paulo) I, R. Spitz leg. 1 ♂ *minor*.

Coll. Melzer: Hab. ? 1 ♂ *minor*.

Muito parecido ao *elegans*, porém os elytros negros ou castanhos muito escuros e a sutura com pubescencia.

Typo ♂ no Museu Paulista.

(1) Como nos informa o Snr. Zikán em carta de 1 de Julho de 1931, apanhou elle no Itatiaya também o ♂ da *lucidus*; outro ♂ de Lambary (Minas) XII — 1926 — J. Halik leg.

3. *Leptinopterus elegans* Jacowl.

Fig. 32 ♂ maior

JACOWL. Horae Soc. Ent. Ross. XXXIV, 1900, pag. 632.

Distribuição: Sul do Brasil.*Mus. Paul.:* Joinville (Santa Catharina) Schmalz leg. 1 ♂ maior.*Coll. Melzer:* Rio Negrinho (Sta. Catharina) I, Maller leg. 1 ♂ minor.*Coll. Zikán S. Bento* (Sta. Catharina) XI-1924 — K. Maller leg. 1 ♂ medius.

♂ — Comprimento 15-22 mm. total 22-32 mm. Em cima quasi inteiramente mate; cabeça e pronoto com ou sem reflexo. Negro. Pronoto negro ou castanho escuro, lado inferior, em parte, castanhos; elytros amarellos ocraceos e, pelo menos em grandes exemplares, região do escutello mais escura. Pronoto, pelo menos lateralmente, fino e densamente rugosos. Pubescencia do lado superior fina, simples e igualmente distribuida em uma só direcção. Borda mediana das mandibulas em ambos os lados com 2 dentes distantes. Pronoto com angulos anteriores obtusos. Tibias anteriores com 2 grandes e numerosos pequenos espinhos.

Typo no Mus. Paul.

Ab. *catharineusis*, n. ab. Lado superior inteiramente brilhante, especialmente no escutello e no pronoto. 1 ♂ na collecção de Melzer, do Rio Negrinho (Est. de Santa Catharina) I, 1926, K. Maller leg.

4. *Leptinopterus suturalis* Luederw.

Fig. 35 ♂ maior.

Luederw. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, VI, 1930, pag. 125.

Distribuição: Sul do Brasil.*Mus. Paul.:* Alto da Serra (S. Paulo) X, XI, XII, E. Schwebel, R. Spitz, H. Luederwaldt leg. 2 ♂♂ maior e 1 ♂ minor.

Coll. Melzer: Eng. Coelho (S. Paulo) A. Richter leg. 1 ♂ maior (em geral com pubescência muito fina e escassa no lado superior); S. Paulo (Matto do Governo) X, 1929, J. Melzer leg. 1 ♂ minor.

Semelhante ao *elegans*, porém com mandíbulas mais esbeltas, que apresentam, em *minor*, entre o dente apical e a extremidade ainda um dente forte; a extremidade apical mais ou menos com o duplo do comprimento da do *elegans*. 2 exemplares mostram, mais ou menos no meio de cada mandíbula, ainda um denticulo e o terceiro exemplar sómente na mandíbula direita. A côr é, superiormente, como já se pode reconhecer pela chave, muito escura, negra ou castanha escura. Sutura em forma de estria estreita, escura, elevada e cortante como a de *elegans*.

Typo ♂ no Museu Paulista.

5. *Leptinopterus pellitomarginatus* Luederw.

Fig. 14 ♂.

LUEDERW. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, VI, 1930, pg. 125.

Distribuição: Sul do Brasil.

Coll. Melzer: Passa Quatro (Minas Geraes) I, 1915, Jaezer leg. 1 ♂.

A' diagnose na chave das especies pode-se ainda acrescentar: Comprimento 13 mm. Cabeça castanha escura. Elytros ponteados muito esparsa e finamente, com varias series de pontos deprimidos fraca e irregularmente, em ambos os lados. Lado inferior pontilhado mais ou menos grosseiramente. Episternos do proesterno lisos, assim como tambem a parte media do metasterno; abdomen, na parte media, pontilhado finamente.

O insecto tem, á primeira vista, semelhança com as ♀♀ do grupo *polyodontus* porém não se pode confundil-o, por causa do brilho do lado superior, com nenhuma outra ♀ que possúe elytros pubescentes etc.

Typo ♀ no Mus. Paulista.

6. Grupo TIBIALIS

Chave das especies.

1. Pronoto com angulos antero-posteriores nitidos, ou quando arredondados são claramente indicados.
2. Lado superior bicolor, elytros amarellados avermelhados ou pardos amarellados claros ou castanhos; pronoto e cabeça negros ou pelo menos muito mais escuros de que os elytros.
3. Elytros avermelhados, mates 1. *Lept. tibialis* Luederw. ♂♀
Forma a. Cabeça e pronoto pardos avermelhados e mates ♂♀.
Forma b. Elytros claros, pardos amarellados, mates ♂.
Ab. bucki Luederw. Elytros pardos amarellados claros, porém o lado superior brilhante ♂♀.
Ab. castaneus Luederw. Elytros pardos castanhos. Lado superior sempre brilhante. ♂♀. Em todo Brasil meridional.
- 2.2. Lado superior unicolor ou quasi unicolor, pardo negro ou negro, mixto com pardo escuro. Pelo menos os elytros são mates. Brasil. Argentina . . 2. *Lept. erythrocnemus* Burm ♂♀
- 1.1. Pronoto com angulos posteriores completamente arredondados, toda margem lateral quasi regularmente arredondada e entumescida somente um pouco antes dos angulos posteriores. Elytros pardos amarellados. Pronoto pardo avermelhado escuro, assim como em parte os femures. ♂ desconhecido. Santa Catharina 3. *Lept. rotundicollis* Luederw. ♀

1. *Leptinopterus tibialis* (Eschsch.)

Fig. 33 ♂ maior.

ESCHSCH. Entomogr. 1, 1822 pg. 5, t. 1, f. 1 — BURM. Handb. V, pag. 379 (falta no Col. Cat. de Junk e Schenkling).

Distribuição: Sul do Brasil (Santa Catharina).

Mus. Paul.: Colonia Hansa, Blumenau. Offerta do Snr. Reustner. Joinville, VI, 1899, J. P. Schmalz leg. (Santa Catharina). — Avaré (S. Paulo) — Rio Grande do Sul, Dr. H. von Ihering leg. — Rio Negro (Paraná) 1, 1925, A. Richter leg.

Coll. Melzer: Rio Negrinho (Santa Catharina) 1, 1926, XI, 1925. A. Maller leg. — Municipio de Tibagy Monjabinhos, XI. 1920, A. Richter leg.; Rio Negro (Paraná).

Coll. Inst. Biol. Rio de Janeiro (Dr. C. Moreira); Brasil, A. Marques leg.

Existiam 12 ♂♂ e 3 ♀♀.

♂. — Comprimento 18-24, total 29-35 mm. Elytros mates; pronoto, em geral, um pouco brilhante. Mandíbulas negras. Elytros vermelhos côr de jacynto (segundo Jul. Müller, tábua das côres, 1872), amarelos pallidos avermelhados (segundo Burmeister). Mandíbulas com extremidade apical curta, sem dentes. Dente apical simples ou bifurcado. Borda mediana, antes do meio ou no meio, com denticulos, podendo estes faltar. Pronoto fina e densamente rugoso, com angulos anteriores obtusos, raramente arredondados e, em ambos os lados, em geral com uma fosseta, antes do meio, não longe do sulco mediano, que é pouco pronunciado, porém quasi sempre distincto. Elytros em geral com series distinctas e regulares de pontos maiores, raras vezes com pontilhado irregular, fino ou quasi indistincto.

♀. — Colorida como o ♂, superiormente mate. Comprimento 14-16 mm. Pronoto com reflexos fortes ou fracos, liso ou pontilhado muito finamente; pontilhado grosseiramente na borda lateral. Sulco mediano ausente ou indistincto.

Forma a. Cabeça e pronoto pardos avermelhados mates. ♂♀.

Forma b. (Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro VI, 1930, pag. 124 = *tibialis* var. *fulvus*). Elytros amarelos ocraceos claros, cabeça e pronoto castanhos escuros, mais raras vezes negros. (Femures em um ♂ pardos avermelhados escuros). No restante, como o typo. — *Mus. Paul.*: Theresopolis, ex. coll. *Ohaus*; Joinville, VI, 1899, J. P. Schmalz leg. (Santa Catharina); Itapura, (Estado de São Paulo) X. 1929, A. Richter leg. — *Coll. Buck*: São Francisco de Paulo (R. Grande do Sul) I, 1924. — 5 ♂♂ maior, 1 med. e 1 minor.

Var. *bucki* n. var. (= *fulvus*, forma a, Luederw. l. c.). Elytros amarelos ocraceos, pronoto e cabeça pardos. Tambem o lado superior brilhante. Pronoto do ♂ com pequena impressão em ambos os lados, não longe da borda posterior. *Mus. Paul.*:

Theresopolis (Santa Catharina) ex. coll. Ohaus. — Coll. Buck. S. Francisco de Paulo (Rio Grande do Sul) 1. 1924. — Coll. Benesh: Cruzeiro (Santa Catharina). 2 ♂♂ maior, 2 ♀♀. Typo ♂♀ no Museu Paulista.

Var. *castaneus* LUEDERW. l. c. (comparar Boileau, Bull. Soc. Ent. Fr. 1899, pg. 300, sob. nome *L. erythrocnemus*). Elytros castanhos claros ou escuros, pronoto e cabeça castanhos muito escuros ou negros. Também o lado superior brilhante. Pronoto sem impressão.

As ♀♀ parecem mais largas que as do typo e as de ambas as variedades, talvez, em consequencia de montagem defeituosa. Coll. Melzer: S. Bento, 1921, J. Naderer leg.; Rio Negrinho, I, 1926, K. Maller leg. (Santa Catharina). — Coll. Buck: S. Francisco de Paulo (Rio Grande do Sul), I, 1924. — 3 ♂♂ minor, 3 ♀♀.

Typo ♂♀ no Museu Paulista.

2. *Leptinopterus erythrocnemus* (Burm.)

BURM. Handb. V, 1847, pg. 378 ♂. — PARRY, Cat. Col. Luc. 1847, pg. 13 (*erythrocnemus* = *tibialis* var.?). — BOIL. Bull. Soc. Ent. Fr. 1899 pag. 300.

femoratus THOMS. Ann. Soc. Ent. Fr. (4) II, 1862, pag. 397 (nota). *tibialis* K'LUG. Nov. Act. Leop. Car. 1825, XII, pag. 431.

Distribuição: Brasil (Valle do Rio Paranapanema). Argentina (segundo Bruch, Cat. Col. 1916).

Mus. Paul.: Brasil, 1 ♀.

Coll. Melzer: Assis (Estado de São Paulo) XII, 1917, O. Neumann leg. 1 ♀.

♂. — (Descrição segundo Burmeister); «Comprimento 10 lin. Mandibulas denteadas asymmetricamente, a esquerda com dentes mais fortes que a direita, como em *femoratus*. Lado superior mate, castanho escuro com pontilhado espalhado e fraco. Tibias alaranjadas. Lado inferior com brilho sedoso. Cabeça relativamente mais larga e mais grossa que a de *femoratus* F. e por isso o pronoto mais estreitado para traz.»

Segundo Boileau esta especie é rara e pouco conhecida. Ella apresenta grande semelhança com *tibialis* e

não passa provavelmente de uma boa variedade desta (vide Parry). As tibias devem ser mais curtas e mais rectas. Cór negra, com excepção das tibias encarnadas. Além disso, diz Boileau que possui um exemplar extraordinário de *tibialis*, com coloração escura na cabeça e no pronoto, com elytros quasi totalmente castanhos (comparar *tibialis*, ab. *castaneus* Luederw.).

As duas ♀♀ á disposição do autor têm um comprimento de 17 mm. mais ou menos. Pronoto negro ou pardo avermelhado escuro, pontilhado finamente, na borda lateral grosseiramente. Elytros também pardos avermelhados escuros porém, na metade anterior, cambiando quasi para cór negra; mates, com ou sem pontilhado. Cabeça, femures e antenas negras, tibias castanhas claras. Lado inferior da cabeça, prosterno e mesosterno com pontilhado abundante e grosseiro assim também nos lados do metasterno. Abdomen com pontilhado fino e esparso, ultimo segmento com pontilhado abundante e mais grosseiro; apex com pubescencia amarella, assim como nas demais ♀♀ das outras especies. Tibias medias com espinho forte posterior ao meio.

3. *Leptinopterus rotundicollis* Luederw.

Fig. 16 ♀.

LUEDERW. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, vol. VI, 1930, pag. 121.

Distribuição: Santa Catharina.

Mus. Paul.: Joinville (Santa Catharina) VI, J. P. Schmalz leg.
1 ♀.

♀ — Comprimento 14 mm. Pronoto, nos lados arredondado bastante forte e regularmente, e somente um pouco antes dos angulos posteriores, excavado, faltando completamente os angulos antero-posteriores. Inteiramente brilhante; cabeça mais mate por causa do forte pontilhado. Elytros amarellos ocraceos com series pontilhadas finas em parte fracamente deprimidas e também com interestrias finamente pontilhadas. Pronoto pardo aver-

melhado escuro com pontilhado nitido no disco muito fino e esparso. Lado superior da cabeça e lado inferior do corpo negros; lado inferior da cabeça e parte do escapo assim como parte dos femures pardos avermelhados escuros. Lado inferior parcialmente com pontilhado rico e grosseiro.

Foi determinado provisoriamente como sendo esta especie e pertence talvez ao *constricticollis* ♂, com o qual elle está de accordo na côr.

Typo ♀ no Museu Paulista.

II. Grupo principal FRATERNUS

(Uma só especie)

1. *Leptinopterus fraternus* Westw.

Fig. 10 ♂.

WESTW. Trans. Ent. Soc. Lond. 1874, pg. 359, ♂♀, t. 3, f. 3.

Distribuição: Brasil.

Extracto da diagnose original, com o auxilio da figura:

«♂. Comprimento 19 linhas. Côr negra, um pouco brilhante, elytros de uma só côr vermelha amarellada. Cabeça muito finamente granulosa, plana, posteriormente com impressão distincta, afilada para traz. Excavado na frente. Posteriormente, de ambos os lados, com zona brilhante de pontilhado espalhado e de granulação grosseira. Mandibulas largas e planas, com dente molar truncado, adeante com tuberculo pequeno; na primeira terça parte com pequeno dente conico e na segunda com dente apical forte e com pequeno tuberculo atraz. Extremidade apical com 4-5 dentes pequenos. Pronoto divergente para traz, um pouco brilhante, com pontilhado fino, denso e pubescente. Borda anterior chanfrada duas vezes profundamente e no meio arredondada. Borda

posterior quasi recta, assim tambem as bordas lateraes. Angulos posteriores talhados obliquamente com angulos posteriores e antero-posteriores distinctos. Escutello glabro. Elytros pontilhados muito finamente, em ambos os lados com 6-7 estrias longitudinaes muito finas. Tibias anteriores serrilhadas, com 3-4 dentes maiores; tibias medias com espinhos finos.»

«♀ — Comprimento 8 linhas. Brilhante, com pontos grandes, especialmente no pronoto. Este ultimo é negro e sem reflexo metallico, como em *polyodontus*. Escutello sem pubescencia. Elytros, na sutura, negros. Pontilhado mais distincto que no ♂ e tambem com 5 estrias longitudinaes.»

III Grupo principal PARANENSIS

(Uma só especie)

1. *Leptinopterus parancensis* Parry

Fig. 13 ♂ maior.

PARRY, Trans. Ent. Soc. Lond. 1872, pg. 80, t. 1, f. 4.

Distribuição: Sul do Brasil (Paraná); Argentina (Bruch, Catal).

Coll. Buck: S. Francisco de Paulo (Rio Grande do Sul) I, 1924, 1 ♂ maior.

Coll. Inst. Biol. S. Paulo. Capital, A. Reis leg. 1 ♂ maior.

♂. — Comprimento 27, total 40 mm. Inteiramente negro. Lado superior fortemente brilhante. Lado inferior, inclusive patas, mate; somente a metade posterior da garganta e as partes visinhas, a carena prosternal e as epipleuras dos elytros, brilhantes. Corpo, superior e inferiormente, quasi sem pontos e sem pubescencia; tambem a franja de pêlos, na borda anterior do pronoto, é tão fina que facilmente póde passar despercebida. Bocca e tarsos inferiormente com pubescencia vermelha amarellada. Elytros com pontilhado muito fino e esparso. Cabeça e pronoto cobertos infero-lateralmente com pe-

quenas papillas arredondadas e esparsas; estas papillas tambem existem nas porções supero-lateraes da cabeça, posteriormente aos olhos e nos angulos anteriores do pronoto; e estão ausentes no exemplar de São Paulo. Mandibulas, bastante cylindricas, symetricas, um pouco recurvadas. Falta o canto superior (exemplar do Rio Grande do Sul) ou elle é fortemente desenvolvido, correndo quasi no meio, desapparecendo sómente pouco antes da extremidade (exemplar de São Paulo); faltam os dentes basilar e apical (presente só o dente mastigador); com dente mediano forte, simples ou duplo, em posições symetricas ou asymetricas, mais ou menos no meio, e 4-6 dentes apicaes. Cabeça mais larga que longa, com angulos antero-externos agudos. Borda lateral, na parte media, um pouco retrahida. Para dentro, atraz dos angulos antero-internos, com impressão transversal cor-tante, que falta no exemplar de São Paulo. Pronoto, no meio da borda anterior, arredondado superficialmente. Lados, até os angulos antero-posteriores, bastante parallelos e superficialmente excavados ou um pouco divergentes. Borda anterior, lateralmente não marginada. Angulos posteriores e antero-posteriores agudos. Garganta na frente com 1-3 impressões semi-lunares. Tibias anteriores com 2 grandes e 3 pequenos dentes, atraz um pouco crenadas; as 4 tibias posteriores simples.

Segundo Parry o coleoptero é mate. As mandibulas possuem um pequeno dente mediano e dois dentes apicaes. Angulos posteriores e antero-posteriores do pronoto pouco salientes. Tibias anteriores com 3 dentes na extremidade.

♀ desconhecida.

IV. Grupo principal FRYI

(Uma só especie)

1. *Leptinopterus fryi* ParryFig. 12 ♂ *maximus*.

PARRY, Proc. Ent. Soc. Lond. 1862, pg. 112, ♂ *max.* t. VII, f. 4; Trans. Ent. Soc. Lond. 1864, pg. 43, t. 7, f. 4; ♂; l. c. 1870, pg. 89 (nota).

Distribuição: Brasil (Cantagallo).

Extracto da diagnose original com consideração da figura:

«♂. Comprimento 14, mandíbulas 7 linhas. Cór negra. Mandíbulas, cabeça e pronoto um pouco brilhantes; elytros mates. Pronoto e elytros finamente pontilhados e revestidos mais ou menos com pêlos curtos cinzentos. Cabeça na frente entalhada superficialmente e elevada. Angulos anteriores cortados obliquamente, com angulos externos e internos agudos. Mandíbulas esbeltas, igualmente largas, levemente recurvadas com 3-4 dentes fortes, na ultima metade. Dente basilar ausente. Pronoto transversal, convergente para frente, muito mais largo que os elytros. Borda anterior com duas ligeiras excavações e um angulo no meio. Borda posterior entalhada superficialmente e muito mais curta que a anterior. Lados entalhados superficialmente até os angulos antero-posteriores que são muito fortemente proeminentes e muito agudos. Angulos anteriores proeminentes e agudos, como os angulos posteriores. Disco com duas impressões superficiaes perto da borda anterior e com uma terceira posteriormente, na linha mediana. Escutello com pubescencia castanha dourada. As 4 tibias posteriores desarmadas.»

«♀ desconhecida». Exemplar muito raro.

V Grupo principal ROBUSTUS

(Uma só especie)

1. *Leptinopterus robustus* Luederw.

Fig. 5 ♀, 7 ♂ maior.

LUEDERW. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, VI, 1930, pg. 127.

Distribuição: Brasil.*Mus. Paul.:* Esp. Santo, 1906, E. Garbe leg. — Rio Mucury (Minas Geraes), P. Richter leg.*Coll. Melzer:* Guandú (Espírito Santo) XII, F. Hoffmann leg.*Coll. Zikán:* Faz. Jerusalem (Esp. Santo) XI — Rio José Pedro (Minas Geraes) II.

Existiam 5 ♂♂ maior e 2 ♀♀.

♂. — Comprimento 22-25, total 31-34 mm. Muito robusto. Lado superior mate. Inteiramente negro ou pronoto pardo avermelhado escuro. Mandíbulas muito mais fortes e curtas que em *polyodontus*, parte apical com 2-4 tubérculos arredondados. Atraz do dente apical, às vezes ainda existe um dente mais fraco. Dente mediano forte, quasi no meio. Antes do dente mastigador, ainda 1-2 tubérculos basilares menores e arredondados. Cabeça nos lados finamente rugosa, nos angulos posteriores grosseiramente rugosa. Pronoto sem pubescencia no disco com pontilhado em geral fino e esparso, e lateralmente pontilhado mais grosseiro e extenso. Lados arredondados muito superficialmente e distinctamente convergentes da parte anterior até os angulos antero-posteriores. Elytros com esculptura geralmente indistincta. Apex com pubescencia muito fina e curta. Tibias medias com 1-2 espinhos.

♀ — Semelhante ao ♂ na côr e na esculptura. Tibias medias pelo menos com um pequeno espinho. Dificilmente se distingue de *melanarius*.

O ♂ com seu talhe robusto póde ser comparado á primeira vista ao *atramentarius*, mas differe pelo pro-

noto, que na especie de Nagel é fortemente divergente da parte anterior até os angulos antero-posteriores.

Nas collecções, determinado como *melanarius* Hope, respectivamente *morio* Burm. Os nossos exemplares concordam tambem com as descrições; nada porém está assinalado sobre a particular forma da mandibula do ♂.

Typo ♂♀ no Museu Paulista.

VI. Grupo principal POLYODONTUS

Chave das especies.

1. ♂
 2. Patas negras, elytros castanhos. Pronoto com lados quasi paralelos. (♀ desconhecida)
 1. b. *polyodontus* var. *nigra* Nagel
 - 2.2. Femures e tibias inteiramente ou na maior parte avermelhados.
 3. Pelo menos os elytros brilhantes e castanhos. Pronoto com lados muito distintamente convexos: . . . 3. *bicolor* Luederw.
 - 3.3. Elytros. assim como o restante lado superior, mates ou quasi mates; quando muito, as mandibulas mais ou menos brilhantes. Pronoto com lados rectos ou quasi rectos. Elytros castanhos claros ou escuros.
 4. Elytros de tamanho normal 1. *polyodontus* Hope
 - 4.4. Elytros nitidamente mais estreitos e menores
 2. *consimilis* Mocllenk.
 - 1.1. ♀. Lado superior glabro ou quasi glabro. .
 5. Tibias avermelhadas ou castanhas escuras.
 6. Femures, assim como quasi todo lado inferior do corpo, avermelhados. Pronoto sem vestigio de sulco mediano.
 7. Lado superior mate ou um pouco brilhante ou com reflexos. Elytros amarellos ocraceos; a sutura é negra e alarga-se muito pouco na direcção do escutello
 1. *polyodontus* Hope
 - 7.7. Lado superior nitidamente brilhante. Elytros castanhos com macula negra maior ou menor no escutello
 3. *bicolor* Luederw.

- 6.6. Femures negros, assim como o lado inferior do corpo. Lado superior castanho. Pronoto com sulco mediano fino, porém distinto (♂ desconhecido) . . . 6. *luederwaldti* n. sp.
- 5.5. Tibias negras.
8. Lado superior nitidamente brilhante. Elytros castanhos (♂ desconhecido): . . . 4. *nigrotibialis* n. sp.
- 8.8. Lado superior mate. Elytros amarelos ocraceos com macula negra, curta e triangular no escutello, como em *v-nigrum* (♂ desconhecido) . . . 5. *puncticollis* Luederw.

1. *Leptinopterus polyodontus* Hope

Fig. 8 ♂ maior, 17 ♀

HOPE (WESTW) Cat. Luc. 1845, pg. 15. — BURM. Handb. V, 1847, pg. 381.

Distribuição: Sul do Brasil.

Mus. Paul.: Petropolis (Rio de Janeiro) XI, 1904, Dr. Ohaus leg. 1 ♂ maior.

Coll. Melzer: S. Paulo Capital (Bosque da Saúde), XI, 1914 J. Melzer leg.

♂. — Comprimento 20, total 31 mm. Pronoto, Cabeça e mandíbulas castanhas muito escuras. Lado inferior, na maior parte, pardo-avermelhado claro. Cabeça convergente para traz, com sulco mediano superficial. Dente mediano posterior ao meio. Todo pronoto com pontilhado irregular, disperso e não grosseiro. Bordas lateraes e posterior com pêlos um pouco longos e espalhados. Lados, até os angulos antero-posteriores, rectos ou quasi rectos ou levemente sinuosos, parallelos ou quasi parallelos. Elytros pardos escuros, zona do escutello escurificada e a sutura negra alargada distinctamente para frente. Elytros com pontilhado muito fino e disperso e com pontilhado em series indistinctas.

Uma ♀, que aqui colloco provisoriamente, é colorida em pardo claro na maior parte do lado inferior. Elytros amarelos ocraceos sujos. Tibias medias com um espinho mais forte.

Complementos de outros autores: ♂♂ menores possuem patas de cor mais clara e às vezes também mandíbulas, cabeça e pronoto de cor vermelha clara (Burmeister).

1a. *Leptinopterus polyodontus*, var. *unicolor* n. var.

Mus. Paul.: Itatiaia (Rio de Janeiro) 700 m, X, 1925, Zikán leg.

Coll. Melzer: Susanno (Estado de S. Paulo) XI, 1920, R. Muns. leg.; S. Paulo Capital (Bosque da Saúde) XI, J. Melzer leg.

— Itatiaia (Rio de Janeiro) 700 m, XI. Zikán leg.

Coll. Zikán: Itatiaia (Rio de Janeiro) 700 m. X. XI.

Existiam: 4 ♂♂, 1 ♀.

Quasi conforme o typo. Porção anterior e superior do corpo de cor parda mais clara. Pronoto com lados rectos ou levemente arredondados e sinuosos. Mandíbulas, na parte apical, com 3-7 dentes. Dente mediano no meio. Elytros com nitido e regular pontilhado em series, de cor amarella ocracea clara. Zona do escutello não escurcida, e também a sutura negra não é alargada.

A unica ♀ (S. Paulo Capital, ex. coll. Melzer) concorda muito bem com os ♂♂ na opacidade do lado superior e na cor puramente amarella ocracea dos elytros; apenas a sutura negra é um pouco alargada para frente. Pronoto com reflexos.

A presente ab. devia também concordar com *consimilis* por causa do dente mediano das mandíbulas no ♂, dente este collocado no meio, os elytros, porém, são de tamanho normal.

Typo ♂♀ no Museu Paulista.

1b. *Leptinopterus polyodontus*, var. *negra* Nagel.

NAGEL, Deut. Ent. Zeit. 1924, pg. 401.

Distribuição: Norte do Brasil. (Obidos e Amazonas).

Extracto da diagnose original: «♂. Primeiramente *polyodontus*. Comprimento, inclusive mandíbulas, 33 mm.;

mandibulas 11 mm. Côr negra, inclusive as patas; elytros castanhos, com orla negra na borda anterior e na sutura, mates, com 7-8 series pontilhadas muito finas e paralelas. Lado inferior mate e muito finamente granuloso; lado superior mais grosseiramente granuloso. Abdomen com brilho vermelho escuro. Cabeça com lados paralelos e extremidade anterior acuminada. Fronte entalhada profundamente; em frente, uma excavação em forma de *gamella*,¹ que possui um prolongamento desde antes do meio da borda posterior até a borda anterior do pronoto. Mandibula direita, como a do *polyodontus*, no fundo com curva fraca; mandibula esquerda (atrophiada) com dente duplo desenvolvido (dente molar dos autores). Pronoto com lados quasi paralelos, levemente excavados. Angulos anteriores arredondados. Angulos antero-posteriores e posteriores agudos.»

« ♀ desconhecida ».

Esta especie devia ser considerada como bôa por causa da forma da cabeça (lados paralelos).

2. *Leptinopterus consimilis* Moellenk.

MOELLENK. Not. Leyd. Mus. XXII, 1900, pg. 47; Deut. Ent. Zeit. 1903, pg. 350.

Distribuição: Rio Grande do Sul.

♂. — Comprimento 36 mm. Muito proximo a *L. polyodontus*: Mandibulas, na base, com pequeno dente obtuso (dente molar dos autores), e achatadas até o meio. Exactamente no meio, com um dente desenvolvido, o qual em *polyodontus* está abaixo do meio. Pronoto todo differente do de *polyodontus*; neste, os lados são excavados; em *consimilis*, porém, elles são paralelos e geralmente mais largos que a cabeça. Elytros nitidamente mais estreitos e menores que em *polyodontus*. Côr como a deste ultimo. O primeiro e o ultimo dente, na parte

(1) — (muldig vertieft).

apical das mandíbulas, não se sobressáem fortemente como em de *polyodontus*, mas existem somente denticulos duplos obtusos. Lado inferior e patas como as de *polyodontus*.

♀. desconhecida.

Talvez somente variedade de *polyodontus*.

3. *Leptinopterus bicolor* Luederw.

Fig. 11 ♂.

LUEDERW. Rev. Mus. Paul. XVII, 1931, pg. 424.

Distribuição: Brasil.

Coll. Inst. Biológico Rio de Janeiro (Dr. C. Moreira) 1 ♂ maior, da antiga collecção de Friedenreich. Brasil.

Coll. Melzer: Itatiaya (Rio de Janeiro) XI. 1924, Zikán leg. 1 ♀. — Susanno (São Paulo) XI. 1920. R. Muns. leg. 1 ♀.

♂ — Comprimento 21,5 mm., total 32 mm. Mate; elytros e ultima metade das mandíbulas, brilhantes. Cór parda avermelhada escura; elytros, abdomen e patas, castanhas; os elytros fortemente escurecidos no escutello. Pronoto com ligeira pubescencia lateralmente e na borda posterior. Esculptura mais ou menos, semelhante á de *polyodontus* e a este tambem semelhante em outros caracteres. *Diferenças principaes:* elytros brilhantes, dente mediano das mandíbulas situado ainda mais perto da base; e borda lateral do pronoto, até os angulos antero-posteriores, muito distinctamente arredondados.

♀. — Superior e inferiormente brilhante. Elytros castanhos; pronoto, cabeça e lado inferior pardos avermelhados. Elytros irregularmente pontilhado e com series pontilhadas mais grosseiras, regulares e, em alguns lugares um pouco impressas. Pronoto com angulos antero-posteriores arredondados, porém indicados. Tibias medianas com 1-2 espinhos; tibias posteriores com um unico espinho.

Ambas as ♀♀ assemelham-se em brilho e côr ao ♂.

Typo ♂ na collecção do Inst. Biol. Rio de Janeiro,
typo ♀ na collecção do Museu Paulista.

4. *Leptinopterus nigrotibialis* n. sp.

♀. — De tamanho normal. Lado superior brilhante e sem pubescencia. Elytros castanhos, pronoto e cabeça pardos avermelhados. Pronoto tambem no disco, com pontilhado denso, grosseiro e nitidamente aguilhoado. Escutello com pubescencia. Elytros ponteados muito finamente e com varias estrias fracamente deprimidas. Lado inferior brilhante e quasi todo pardo avermelhado. Femures avermelhados, tibias negras. 1 exemplar da collecção Zikán (sob *variabilis* n. sp., não publicado.) Brasil.

Typo ♀ na collecção Zikán.

5. *Leptinopterus puncticollis* Luederw.

LUEDERW. Bol. Mus. Nac. Vol. VI, 1930, pg. 123.

Coll. Zikán: Itatiaya (Rio de Janeiro) 700. XII, 1 exemplar.

♀ — Como a de *v-nigrum* e, pela côr dos elytros etc., corresponde á forma *a* daquela especie; o pronoto porém, com pontilhado regular, grosseiro e bastante denso, e todas as tibias são negras, somente os femures vermelhos amarellados. Comprimento 10 mm. (♂ desconhecido).

Tipo ♀ na collecção Zikán.

[6. *Leptinopterus luederwaldti*¹ n. sp.]

Museu Paulista: Santa Catharina, Rio Negrinho, XI-1925 A.
Maller leg.

(1) O autor não chegou a denominar esta especie, estava identificada por um numero, denominando-a *luederwaldti*, prestamos uma homenagem ao mesmo. — N. T.

Coll. Melzer: Rio Negrinho (Santa Catharina) XI, 1925, A.
Maller leg. 1 exemplar.

Accrescentamos á descripção da chave o seguinte: Cabeça com grande impressão triangular nitida. Carena ocular só posteriormente angulosa e anteriormente toda arredondada. Pronoto com pontilhado fino, pertencendo por isso esta especie talvez a outro grupo. Elytros mais claros que pronoto e cabeça; pontilhado irregular e muito fino, com algumas series de pontos mais grossos, em parte fracamente deprimidos.

♂ desconhecido.

2. Genero **MACROURATES** Burm.

Burm. Handb. V, 1847, pg. 381.

Typo: *bucephalus* Hope 1845.

Tres especies, duas do Brasil, a terceira sem indicação do lugar.

Os dois sexos são de tal modo differentes, que só concordam mais ou menos nos seguintes pontos: Forma não esbelta. Elytros arqueados, mais estreitos que o pronoto. Articulos da clava mates na extremidade.

♂. — Cabeça muito grande, maior que o pronoto, bastante arqueada, anteriormente pouco ou não achatada e divergente para frente. Angulos posteriores salientes em denticulo agudo ou em tuberculo. Olhos anteriormente ao meio dos lados da cabeça, pequenos; carena curta. Labio superior muito grande, transversal, excavado; destacado da cabeça em cima e cortante, as bordas lateraes inferiores com pubescencia curta; em baixo, no meio, salientes em forma de lobos. Mandibulas symetricas, com extremidade bifurcada e com dentes basilares e apicaes. O dente molar, porém, parece faltar: nem é sequer assig-nalado nas descripções, e nem reconhecivel com segurança nas figuras 38 e 39; tambem no meu exemplar, ♂ maior, de *australis*, não é reconhecivel ou então está es-

condido entre os lábios superior e inferior, (mesmo com mandíbulas abertas). Antenas e palpos longos e delgados. Antenas mais longas que a metade do corpo, sem as mandíbulas. Artículos da clava muito pequenos, curtos e acuminados. Escapo recurvado fortemente e espessado na porção terminal. Escutello sem pubescência, assim como quasi o corpo inteiro. Mesosterno, entre as coxas médias, é plano e não as ultrapassa. Tibias anteriores fracamente denteadas. Tibias médias com um espinho, posterior ao meio.

♀ — Muito menor que o ♂. Cabeça muito menor que o pronoto, antenas muito mais curtas que as do ♂; artigos do flagello só pouco mais longos que espessos. Olhos um pouco anteriores ao meio dos lados da cabeça. Tibias anteriores fortemente alargadas para frente e denteadas fortemente. Tibias médias com um espinho posterior ao meio.

CHAVE DAS ESPECIES

1. Cór principal, superior e inferiormente (inclusive os elytros) em ambos os sexos castanha ou negra.
2. ♂ Mandíbula lateralmente recta, só na extremidade um pouco recurvada para dentro.
- ♀. Esporão terminal das tibias anteriores muito mais fortes que no ♂. Ambos os sexos castanhos. Norte do Brasil
 1. *Macro. bucephalus* Hope (Fig. 39)
- 2.2. Mandíbula nitidamente curva nos lados. Cór castanha.
- ♀. Esporão terminal das tibias anteriores não differe daquelle do ♂. Cór negra. Sul do Brasil
 2. *Macro. australis* Lucderw. (Fig. 15, 19, 68)
- 1.1. ♂ Cór principal vermelha clara ou escura; pronoto, patas e lado inferior, na maior parte, quasi negros; elytros intensamente amarelllos ocraceos. Mandíbula semelhante ao de *bucephalus* (♀ desconhecida) *Habitat?*
 3. *Macro. formosus* Didier (Fig. 38)

1. *Macrocrates bucephalus* (Hope)

Fig. 39 ♂.

HOPE (WESTW.) Cat. Luc. 1845, pg. 15. — BURM. Handb. V, 1847, pg. 381-382. DOHRN, Stett. Ent. Zeitschr. XXIII, 1862, pg. 155, ♀. — PARRY Trans. Ent. Soc. Lond., vol. II, 1864-66, pg. 44, ♀; pl. X, fig. 9, ♂ (não citado no Col. Cat. de Junk-Schenkling).

Distribuição: Norte do Brasil.

Como não conseguimos a diagnose original damos a descrição de Burmeister: «Cabeça dos ♂♂ mais larga que o pronoto, arqueada consideravelmente; inclinada para frente, porem não entalhada; a borda, em cima das mandibulas é recta; canto agudo, do qual se estende a parte labial como placa larga, excavada, arqueada na frente e pubescente entre as mandibulas. Mandibulas um pouco mais longas que a cabeça, conformadas symetricamente, rectas, sómente um pouco recurvadas na porção terminal, alli bifurcadas; e alem disso com 2 dentes na borda interna, dos quaes o maior se acha proximo da bifurcação e o menor na base. Olhos pequenos, com carena curta, estreita. Labio inferior curto e largo, chanfrado no meio, sem orla de pêlos. Palpos e antenas muito longos e delgados, as ultimas mais longas que a metade do corpo sem as mandibulas; o leque tri-articulado muito pequeno, seus articulos curtos e acuminados, na maior parte lisos; os articulos, antes do leque, arredondados. As genas anteriormente ao pronoto proeminentes em tuberculos. Pronoto mais curto e mais estreito que a cabeça, na metade anterior com lados parallellos, depois estreitado fortemente em direcção dos hombros; os angulos, porém, não alongados. Escutello pequeno, sem pubescencia. Elytros ovaes, sómente tão longos como a cabeça e o pronoto juntos, não estreitados para traz. Prosterno com carena alta, aguda, inclinando-se rectamente para traz; mesosterno não proeminente, ligeiramente arredondado, sem excavação na extremidade. Pa-

tas graciosas, porém não longas; tibias anteriores com extremidade simples, com 4-6 dentes sucessivamente menores superiormente; tibias medias com um espinho fraco no canto, e tibias posteriores sem espinho; os pés inferiormente com pubescencia longa (Diagnose de genero, o autor).

«A ♀ não conheço; por analogia deve ter uma cabeça menor que o prothorax; antenas muito mais curtas, tibias anteriores mais fortemente denteadas e um espinho mais forte nas tibias medias. Tambem as tibias posteriores devem apresentar um espinho de canto.»

Comprimento de 16 linhas.

«♂. Coloração castanha escura, sómente as mandíbulas castanhas. Toda face superior finamente granulosa, com brilho sedoso sem pontos grosseiros. Tibias com finos pêlos. Plantas dos pés longos amarelos avermelhados. Regiões das genas e da garganta avermelhadas.»

Sobre a ♀ deste «*Lucanideo bastante raro*» declara Dohrn, que elle pode confirmar a presumpção de Burmeister baseado em um exemplar á sua disposição, e completa ainda a diagnose: «Tibias anteriores robustas, terminando quasi em forma de pá; «espinho interno» e os dois ultimos dentes externos muito fortes, relativamente aos delicados do ♂. Tibias medias com um espinho forte e um pequeno superiormente; tibias posteriores com um espinho fraco. Cabeça e pronoto pardos avermelhados claros.»

2. *Macrocrates australis* Luederw.

Fig. 15 ♀, 19 ♂ maior, 68.

LUEDERWALDT, Revista de Entomologia Vol. 4 — 5 Setembro de 1934 — Fasc. 3 — pg. 388.

Distribuição: Sul do Brasil.

Museu Paulista: Joinville (Santa Catharina). Da collecção de Schmalz, 1990, 1 ♂, 1 ♀. Typos.

Diferente do *M. bucephalus* pelos seguintes caracteres:

♂. — Labio superior (fig. 68), na borda superior, não recto, porém ligeiramente excavado; a excavação apresenta novo entalhe na parte média e lateralmente é um pouco sinuosa; na borda inferior ha uma proeminencia arredondada na parte média e a extremidade possui pubescencia longa, em pincel. Mandibulas tão longas como a cabeça e o pronoto juntos, recurvadas nos lados nitidamente e bastante regularmente. Cabeça, nas porções postero-lateraes, proeminente, não em tuberculo, porém em pequeno dente acuminado. Pronoto, na metade anterior, com lados não paralelos, porém nitidamente convergentes para traz; angulos antero-posteriores, immediatamente depois do meio, saliente em angulos bem desenvolvidos e obtusos. Angulos posteriores também muito nitidos. Elytros notavelmente mais longos que a cabeça e o pronoto; alem da esculptura muito densa, fina e quasi microscopica, ha pontilhado muito fino e esparso. Prosterno, supero-posteriormente, na extremidade, saliente e fortemente arredondado.

♀. — De côr totalmente negra, superior e inferiormente; somente a cabeça, na maior parte, e os angulos anteriores são pardos avermelhados.

Outros caracteres:

♂. — Comprimento 25, mandibulas 11, total 33 mm. Mandibulas fortemente recurvadas para baixo, fortemente excavadas de perfil; com a ponta um pouco recurvada para dentro. Borda interna, entre os dentes apical e basilar, com 6 tuberculos, dos quaes alguns são duplos; dente basilar muito desenvolvido, transverso, acuminado; internamente, na base, com pequeno espinho. Extremidade apical superiormente bifida, na margem interna com forte dente apical. Borda externa excavada, na base, entre os angulos anteriores da cabeça. Flagellos approximadamente tão longos como o escapo. Prono-

to, nos lados, finamente marginado; mais fortemente na borda posterior. Angulos antero-internos e antero-externos juntamente arredondados. Borda anterior duas vezes fortemente exeavada; parte media não angulosa, porém fortemente arredondada. Margem posterior bastante recta. Espaço entre os angulos posteriores e antero-posteriores dirigido para baixo e excavado. Esetello não pontilhado. Lado inferior com esculptura semelhante á do lado superior; pontos mais grosseiros são abservados no mesosterno e em seus episternos, e também nas pleuras e nos episternos do metasterno. O metasterno com esculptura como os elytros, com fino sulco mediano e de cada lado, adeante das coxas medias, com sulco fino, cortante, um pouco obliquo, bastante longo. Tibias anteriores só um pouco mais largas que as quatro tibias posteriores; pubescencia das tibias muito fina. Corpo pardo eseuo, elytros e mandibulas castanhas claras. Mate, também no abdomen e nas patas; elytros um pouco brilhantes; mandibulas e antenas fortes brilhantes.

♀. — Comprimento, inclusive mandibulas, 20 mm. Cabeça muito mais estreita que o pronoto, um pouco transversal; margem anterior quasi recta, angulos anteriores totalmente arredondados; posteriormente arqueada, anteriormente aplanada. Lado superior, na maior parte com pontilhado grosso, posteriormente com pontilhado fino e irregular. Mandibulas curtas, recurvadas, acuminadas e pontilhadas; na borda interna superior, anteriormente ao meio, com um forte dente e, correspondente a este, na borda inferior, outro dente também forte. Os tres primeiros articulos do flagello (vistos de cima), approximadamente tão longos como espessos; os tres articulos seguintes um pouco mais longos. Pronoto transversal, muito nitidamente marginado, excepto o meio da borda anterior. Borda anterior de cada lado fortemente exeavada; parte media não angulosa, porém arredondada. Borda posterior suavemente arredondada, lados regular e fortemente arredondados. Angulos anteriores proeminentes e obtusos. Angulos posteriores totalmente arredondados.

Disco com pontilhado fino, espalhado e irregular; lados com pontilhado mais grosseiro. Escutello nitidamente pontilhado. Elytros mais estreitos que o pronoto; internamente com pontilhados muito fino e esparso. Carena prosternal, no meio da borda posterior, com angulo obtuso. Patas robustas. Tibias anteriores com 5 dentes fortes, cujo tamanho diminúe progressivamente; tibia medias com um espinho forte posterior ao meio e outro menor anterior ao meio; tibia posteriores com um pequeno espinho posterior ao meio. Elytros mates, escutello e região visinha, pronoto, cabeça, patas, abdomen e antenas, brilhantes; a porção restante do lado inferior, pouco brilhante. Esculptura do lado inferior semelhante áquella do σ , mas o metasterno tambem apresenta lateralmente um pontilhado esparso e grosseiro; sulco mediano tambem presente. Mento com pubescencia longa e amarella e com pontilhado denso e muito grosseiro. A parte restante do lado inferior da cabeça com pontilhado grosseiro ou fino, muito irregular. Tibias medias e posteriores, internamente, com pêlos bastante longos e finos.

De *M. formosus* differe o σ pelo escapo que é tão longo como o flagello (em *formosus* é nitidamente mais curto), pelas mandibulas que nos lados são nitidamente recurvadas e munidas de tuberculos na borda interna (em *formosus* quasi rectas e sem tuberculos na borda interna), pela conformação differente da extremidade apical, e pela forma diversa do dente basilar; pela differença de forma do pronoto, e finalmente pela côr parda dos elytros (que em *formosus* são amarellos oeraceos pardos).

Typo σ ♀ no Museu Paulista.

3. *Macrocrates formosus* Didier

Fig. 38 σ

DIDIER, Bull. Soc. Ent. France, 1926, pg. 83-85.

Distribuição: Brasil?

Estracto da diagnose original: «♂ *medius*. Comprimento (inclusive mandibulas) 28, mandibulas 9 mm. Semelhante ao *M. bucephalus*, porém mais esbelto e differindo muito nitidamente pela forma da cabeça, das mandibulas, do pronoto e pela côr. Cabeça, na borda anterior, concava, excavação com angulos lateraes agudos. Escapo das antenuas mais curto que o flagello. Mandibula quasi recta, muito levemente convexa na borda externa; de perfil encurvada distinctamente em direcção da base. Parte apical com 3 dentes, como a do *bucephalus*. Posteriormente, em cima, com dente agudo, encurvado levemente. Um denticulo basilar e um outro, na borda externa directamente na base. Pronoto lateralmente pouco convexo. Angulos antero-posteriores proximos da base, pouco indicados, arredondados. Angulos posteriores apagados. Espaço, entre ambos os angulos, arredondado. Elytros guarnecidos por uma linha fina, negra, brilhante. Corpo inferiormente mate e muito finamente granuloso. Tibias medias com um espinho; tibias posteriores simples. Corpo inteiramente mate. Côr principal vermelha mais ou menos escura; pronoto, patas e a maior parte do lado inferior, de côr quasi negra; elytros intensamente amarellados ocraceos.

1 ♂, ex. coll. Van de Poli (Boileau), sem indicação do lugar. ♀ desconhecida».

III. Subfamilia DORCINAE

PARRY, (Trans. Ent. Soc. Lond. 1864, p. 86, *Dorcidae*)

Conforme o «Coleopterorum Catalogus» de 1910, esta sub-familia encerra 25 generos, dos quaes 6 americanos e ao mesmo tempo brasileiros.

CHAVE DOS GENEROS

1. Carena ocular, em ambos os sexos, divide o olho anteriormente, em extensão maior ou menor, porém sempre nitidamente.

2. Mandíbulas do ♂ aumentadas, fortemente recurvadas, como gálhada de cervo ou quasi assim. Carena ocular, em ambos os sexos, divide anteriormente o olho em pequena extensão, no maximo até a metade.
3. Escutello, no ♂ e na ♀, com pubescencia amarella dourada. ♂: Cabeça, nos lados, posteriormente aos olhos, plana ou, quanto muito, ligeiramente convexa. ♀: Prosterno, na parte posterior, totalmente arredondado (nunca no ♂).
1. *Aegognathus* Leutlin.
- 3.3. Escutello, no ♂ e na ♀, glabro, assim como os elytros e o pronoto. ♂: Cabeça, nos lados, logo posteriormente aos olhos, com uma gibbosidade espessa e conica, muito proeminente. Prosterno posteriormente com angulo, que em maior póde ser arredondado. ♀: Prosterno, na parte superoposterior, com forte angulo 2. *Metadoreus* Parry.
- 2.2. Mandíbulas do ♂ não muito aumentadas, approxinadamente tão longas como a cabeça.
4. Carena ocular divide quasi totalmente o olho, de tal modo que entre a carena e protuberancia cephalica posterior existe um espaço apenas visivel. Escutello glabro
3. *Metadorcinus* Kriesch.
- 4.4. Carena ocular muito mais curta.
5. Elytros fortemente achatados. Mesosterno, entre as coxas medias, com uma gibbosidade muito alta, arredondada superiormente, no ♂ e na ♀. A unica especie brasileira apresenta, em todo lado superior e tambem no escutello, numerosas manchas com escamas amarelladas ou esbranquiçadas . . .
4. *Scortizus* Westw.
- 5.5. Elytros regularmente convexos, de convexidade mais ou menos accentuada. Mesosterno, entre as coxas medias, só apresenta gibbosidade nitida em *cruentus*, mas então a superfície do corpo não apresenta escamas 5. *Sclerostomus* Burm.
- 1.1. Carena ocular, em ambos os sexos, não divide o olho, ou o divide em muito pequena extensão
6. *Colecephalaria* Didier.

1. Genero *ÆGOGNATHUS* Leuthner¹

LEUTNER. Trans. Ent. Soc. Lond. 1883, p. 445.

Typo do genero: *waterhousei* Leuthner, 1883.

(1) A Descripção foi baseada em *Ægognathus spitzzi* por não ter a mão o typo.

Tres especies, duas na Colombia e no Perú, a terceira no Brasil.

Ligeiro abaulamento. Cabeça fortemente transversal. Labio superior pequeno, porém nitidamente separado da cabeça, transverso, arredondado na porção media da margem anterior, proeminente. Pronoto fortemente transverso, marginado, excepto na porção media da margem anterior. Margem anterior, de cada lado, excavada. Lados suavemente arredondados. Angulos anteriores em proeminencias obtusas. Angulos posteriores obliquamente talhados com nitidos angulos posteriores e antero-posteriores. Elytros mais estreitos que o pronoto. Hombrós com pequenos espinhos. Mento fortemente transverso. Margem anterior ligeiramente excavada. Margem posterior recta. Angulos anteriores arredondados. Prosterno, posteriormente, todo arredondado. Mesosterno, entre as coxas medias, suavemente arredondado, da mesma altura ou ligeiramente mais elevado que as coxas, fortemente alargado para deante. Metasterno com fino sulco mediano. Tibias anteriores com 4 ou 5 dentes maiores, dos quaes os dous anteriores são os mais desenvolvidos.

1. *Aegognathus spitzzi* Ohaus

Fig. 62, 63, 65.

OHAUS, Senckerbergiana. XI, 1929, p. 155, fig. 1, pag. 156, ♂.

Distribuição: Brasil meridional.

Mus. Paul.: São Paulo. Alto da Serra, II, 1911, E. Schwebel, e J. Lane leg., 1921, 2 ♂♂ — Alto da Serra. XII. 1909 n. IV. 1910, E. Schwebel leg 5 ♀♀.

Coll. Melzer: S. Paulo (Pinheiros) I. 1921 e Alto da Serra, II, 1925, R. Spitz leg. 3 ♂♂.

♂. — Comprimento, 15 a 20, total 18 a 27 mm. Cór negra como pixe ou elytros mais pardacentos. Estes ultimos são completamente mates ou mostram ligeiro re-

flexo. Pronoto, cabeça e mandíbulas brilhantes. Patas, antenas e flagelos, abdomen, mesosterno e prosterno em suas partes medias, mais ou menos brilhantes, como tambem a cabeça em sua parte posterior; lado inferior mate. Pronoto, cabeça e mandíbulas, assim como as partes mates do lado inferior, com esculptura densa, fina e microscopica; e com a superficie simples ou, como o mento, com um pontilhado esparso e muito fino. Elytros, em sua maior parte, e o pronoto, pelo menos na margem lateral, com numerosas escamas amareilas douradas; as escamulas, com dois ou mais pequeninos pêlos, são todas semelhantes, como no *Leptinopterus gracilis* e quasi sempre distribuidas em grupos. O prosterno lateralmente, o mesosterno e seus episternos na totalidade, assim como o metasterno, pelo menos nas partes antero-lateraes, e os episternos e pleuras do metathorax, com pontilhado grosseiro e espalhado. Cabeça bastante plana quadrangular, anteriormente divergente. Margem anterior fortemente excavada e, sobre o labio superior, uma fosseta mais ou menos nitida. Angulos posteriores arredondados. Lados rectos ou quasi rectos. Angulos anteriores talhados obliquamente; angulos antero-internos arredondados, angulos externos nitidos. Flagelos com o primeiro articulo minimo e com articulos seguintes mais longos que espessos e muito maiores. Olhos situados mais ou menos no meio dos lados da cabeça. Mandíbulas possantes, fortemente recurvadas para dentro, com um espinho apontado, muito desenvolvido e recurvado para dentro, na parte media da margem superior; ponta um pouco alargada, talhada obliquamente e um pouco excavada; faltam os dentes basilar e apical; ás vezes, nos pequenos exemplares, anteriormente ao vertice, na margem interior, ha uma serie não pronunciada de tuberculos, ou quando falta o dente medio ha uma gibbosidade arredondada e bem nitida. Dente molar bem desenvolvido. Pronoto bastante uniformemente largo. Margem posterior ligeiramente excavada (quasi duas vezes chanfrada). Elytros com va-

rias linhas longitudinaes pouco profundas, encurtadas e finas. Mento approximadamente tres vezes mais largo que longo. Tibias medias com um espinho posteriormente ao meio; tibiaes posteriores simples.

♀. — Comprimento 15 a 17 mm. Lado superior com reflexo, ou pronoto e cabeça brilhantes. Lado inferior e patas fortemente brilhantes. Lado inferior, em geral muito mais ricamente pontilhado que o do ♂ (principalmente no abdomen). Cabeça com a largura maxima na parte media, superiormente achatada na parte media, anteriormente um pouco excavada. Angulos antero-internos obtusos; os externos, ausentes. Lado superior com pontilhado denso e grosseiro. Mandibulas curtas, recurvadas, apontadas, com dous dentes bem desenvolvidos e approximados, mais ou menos na parte media da margem interna. A maior parte dos articulos do flagello são mais espessos que longos. Olhos situados posteriormente ao meio dos lados da cabeça. Pronoto liso e, como os elytros, glabro; na margem anterior nitidamente mais estreito que na posterior; a margem posterior é bastante recta. Lados quasi sempre um pouco pontilhados. Elytros com series de pontos regulares, finos e não nitidos. Mento approximadamente duas vezes e meia mais largo que longo e com pontilhado denso e grosseiro. Tibias medias com um espinho posteriormente á metade e com um a tres pequenos espinhos ou eminencias superiormente; tibiaes posteriores com um pequeno espinho posteriormente ao meio.

Muito semelhante ás ♀♀ do *Leptinopterus*, porém posteriormente o prosterno é totalmente arredondado, o mesosterno não é mais elevado que as coxas medias ou muito pouco; e os angulos antero externos da cabeça faltam completamente.

? *Aegognathus iridicolor* n. sp.

Coll. Mus. Paulista, Alto da Serra, São Paulo, II-1911, E. Schwebel leg. 1 ♂, *minor*. (Na mesma localidade que *A. Spitzzi*).

O insecto seguinte tambem pertence provavelmente a *Aegognathus*.

Diferenças entre esta especie e *A. spitzii*. Cór negra. Pronoto azulado, com pronunciado reflexo. Cabeça de cór azul cambiante. Todo lado inferior muito brilhante. Ausencia de fina esculptura microscópica. Ausencia de escamas nos elytros e no pronoto (só o escutello tem pubescencia amarella e os elytros no apice). Mandibulas muito fortemente brilhantes, mais ou menos tão longas como a cabeça, muito espessas, arredondadas, com ponta aguda, e recurvada para dentro. Ausencia de fosseta acima do labio inferior. Carena ocular mais curta e mais cortante, dividindo o olho approximadamente na quarta parte de seu comprimento, anteriormente recurvada para dentro; e internamente, proximo á carena, uma fosseta. Angulos antero-externos totalmente arredondados. A maior parte dos articulos do flagello, um pouco mais longos que espessos. Comprimento 13 mm.

2. Genero **METADORCUS** Parry

PARRY, Trans. Ent. Soc. Lond. 1870. p. 88.

Typo do genero: *rotundatus* Parry 1862.

Ligeiro abaulamento. Labio superior transverso, pequeno porém nitido. Cabeça com angulos antero-internos obtusos, muito pronunciados; os externos são totalmente arredondados. Pronoto marginado, excepto a parte media da margem anterior. Margem anterior arredondada, chanfrada de cada lado, com uma orla pubescente amarella, pouco nitida. Margem posterior, de cada lado, ligeiramente chanfrada. Angulos posteriores talhados obliquamente, permanecendo nitidos os angulos antero-posteriores e posteriores. Elytros muito mais longos que o pronoto e a cabeça sem a mandibula. Hombro com pequenas pontas. Mento recto na margem posterior. Prosterno posteriormente com angulo. Metasterno com fina linha me-

diana. Tibias anteriores com dous grandes dentes e varios menores posteriormente.

♂. — Mandibulas muito mais curtas que a cabeça e o pronoto, com um forte dente recurvado para dentro no meio da margem superior; em frente desse dente, na margem inferior, ha uma gibbosidade; a extremidade é um pouco alargada, a margem superior prolonga-se em ponta e em baixo é talhada obliquamente e gibbosa. Dente molar ausente ou insignificante. Cabeça muito fortemente transversal, anteriormente muito excavada, sem fossa profunda acima do labio superior. Lado superior um pouco achatado. Olhos mais ou menos no meio dos lados da cabeça. Pronoto approximadamente tão largo como a cabeça ao nível das gibbosidades posteriores, muito fortemente transversal e divergente para deante. Angulos anteriores arredondados. Lados fracamente arredondados, posteriormente chanfrados. Elytros muito mais estreitos que o pronoto. Articulos do flagello, todos ou quasi todos, mais longos que espessos. Mento mais de tres vezes mais largo que longo; na margem anterior levemente arredondado e superiormente com pontilhado fino e espalhado. Garganta, em toda sua largura, com forte excavação obliquamente dirigida para deante. Tibias medias e posteriores desarmadas ou quasi desarmadas.

♀. — Mandibulas recurvadas, margem superior um pouco excavada e pontilhada; margem interna, anteriormente ao meio, com forte dente. Cabeça muito menor que o pronoto, e anteriormente muito mais estreita que posteriormente, na margem anterior ligeiramente reintrante, convexa na parte supero-posterior, plana anteriormente; quasi todo lado superior com pontilhado denso e grosso. Olhos exactamente nos angulos posteriores. Articulos do flagello mais espessos que longos, com excepção do primeiro. Pronoto transversal, convergente para deante. Lados arredondados. Elytros um pouco mais estreitos que o pronoto. Mento approximadamente duas vezes mais largo que longo, com pontilhado denso e

grosseiro. Margem anterior recta. Angulos anteriores obtusos ou arredondados. Garganta bastante plana. Tibias medias e posteriores com um espinho, posteriormente ao meio.

As ♀♀ differem daquellas do genero *Leptinopterus*, com as quaes facilmente podem ser confundidas, tambem pela proeminencia dos angulos anteriores da cabeça; naquellas os angulos são muito proeminentes; nestas, pelo contrario, são totalmente arredondados; tambem ellas se distinguem pelo mesosterno que naquellas ultrapassa as coxas medias, e nestas não as ultrapassa ou as ultrapassa muito pouco.

(Somente uma especie).

1. *Metadoreus rotundatus* (Parry)

Fig. 42, 43.

PARRY, (*Leptinopterus*) Proc. Ent. Soc. Lond. 1862, pg. 112; l. c., 1864, pag. 43, t. 7, ♂; 1870, pag. 88: — Boll. Bull. Soc. Ent. Fr. 1899; pag. 298, ♀.

Distribuição: Brasil meridional.

Museu Paulista: Brasil, provavelmente do Rio Grande do Sul, colleccionados pelo Dr. H. von Ihering, 6 ♂♂ e 1 ♀; S. Lourenço (Rio Gr. do Sul) VIII, 1901, R. von Ihering leg. 1 ♀.

Coll. Buck: Lageado (R. Gr. do Sul) I, 1930, 1 ♂.

♂. — Comprimento 13-17, total 16-21 mm. Superiormente de côr parda avermelhada escura ou cabeça e pronoto mais ou menos negros. Sutura escurificada. Mandibulas, quasi todo o lado inferior, patas e antenas de côr negra. Articulos da clava, como de ordinario, pardacentos na extremidade. Lado superior mate, pouco esculpado. Cabeça com pontilhado muito fino, espalhado; em *minor* pontilhado mais evidente. Patas e lado inferior em parte brilhantes. Mandibulas brilhantes. Lado inferior do corpo menos pontilhado que na ♀.

♀. — Comprimento 13 mm. Fracamente brilhante ou elytros mates. Cabeça com pontilhado denso e grosseiro. Pronoto com pontilhado muito fino e espalhado, lateralmente pontilhado mais grosseiro. Nos outros caracteres, semelhante ao ♂.

3. Genero **METADOREINUS** Kriesche

KRIESCHE, Stett. Ent. Zeit. 1922, pag. 126.

Typo do genero: *auritus* Kriesche, 1922.

Na diagnose original consta: «O novo genero, proximo ao *Sclerognathus* Hp., differe deste ultimo pela conformação das faixas oculares que são muito desenvolvidas na porção posterior e dividem quasi todo olho, de tal modo que entre ellas e a eminencia post-ocular da cabeça resta apenas um espaço muito pequeno, apenas visivel. Todos os outros caracteres são assignalados na descripção da unica especie, que á observação rapida é muito semelhante a um pequeno *Metadorcus rotundatus* Parr.

1. *Metadoreinus auritus* Kriesche

KRIESCHE, 1. c.

Distribuição: Brasil meridional (Sta. Catharina). Typo em minha collecção.

«♂. — A coloração é um mixto de negro e vermelho escuro (este ultimo na mesma tonalidade que em *M. rotundatus* Parr.). São de côr negra: o lado inferior, com excepção das coxas anteriores; as patas, as mandibulas, a cabeça, com excepção do campo medio que é deprimido; a parte media horizontal e a estreita orla do pronoto, assim como uma estria sutural que começa anteriormente com uma largura igual a um terço da largura dos elytros, estreita-se um pouco posteriormente e sem attingir a extremidade dos elytros, mistura-se com a outra côr. Todas as outras partes são vermelhas. Os

limites de ambas as côres são confusos, mais nítidos apenas sobre os elytros. Lado superior completamente mate, lado inferior brilhante. A conformação das mandíbulas corresponde áquella do *Scl. ditomoides* Westw. (Trans. Ent. Soc. London 1855, Pl. 11, fig. 4). Formação arqueada (Rundbogen) longa como a cabeça, possuindo o dente basilar com duas gibbosidades, furcula terminal com tres pontas e robusto dente transversal no meio da margem superior. Cabeça anteriormente um pouco concava, na totalidade deprimida e plana para deante, com uma pequena gibbosidade no angulo anterior, correspondente á margem externa de cada mandíbula; lateralmente a esta parte a cabeça é fortemente deprimida até a faixa ocular. Esta corre obliquamente para traz e para fóra, tem uma margem externa ligeiramente concava, estreita-se posteriormente e termina com uma formação arredondada e larga. Posteriormente ao olho encontra-se uma eminencia de medio tamanho. Cabeça com pontilhado esparso. Campo medio muito fino, partes lateraes e faixas oculares grosseiras, porém planas. Pronoto tão largo como a cabeça ao nivel do canthus; sua margem anterior projecta-se ligeiramente em dupla gibbosidade pouco pronunciada; os angulos anteriores são arredondados, um pouco proeminentes, as margens lateraes são paralelas, os angulos posteriores são talhados em obliquo e ligeiramente concavos, a margem posterior é recta. Além da metade estende-se um campo longitudinal oval, aproximadamente horizontal, que na parte media tem uma bifurcação e cujos lados vão ter a dupla gibbosidade como já mencionada. Todo pronoto tem um pontilhado esparso e fino. Elytros mais estreitos que o pronoto, apenas um pouco estreitados nos hombros, com nove finas series longitudinaes de pontos de cada lado. Todo mento é deprimido em forma de gamella (muldig vertieft) e possui pontilhado grosseiro; sua margem anterior é ligeiramente convexa. Tibias anteriores com 5 ou 6 espinhos, tibia medias com 3, e tibia posteriores com 1 ou 2. Prosterno com pontilhado «nadelrissig». Mesosterno com pon-

tilhado fino e muito espalhado. Anneis abdominaes com pontilhado mais denso e forte. Appendice do prosterno e do mesosterno diminuto e obtuso. ♀ desconhecida. Comprimento 13 mm.»

«A nova especie deve parecer-se, por causa da eôr, com o *Sclerostomus cruentus* Burm., que eu conheço somente atravez da descripção muito curta; nesta descripção todavia já apparece uma notavel differença: Burmeister assignala as gibbosidades cephalicas como mais pronunciadas que nas outras especies; em *auritus* pelo contrario ellas são fracamente desenvolvidas. Si as especies *ditomoides* Westw. e *neotragus* Westw. fossem synonymas da especie *cruentus*, como quer Parry (sobre o que eu tenho duvidas; a meu vêr eu consideraria as 3 especies como validas), então a especie *auritus*, como demonstram os exemplares de *neotragus* que eu possúo, nada teria que vêr com *cruentus*. Em todo caso, o *Metadorcinus auritus* morphologica e geographicamente estabelece uma transição entre as especies de *Scortizus* e *Sclerognathus* do Oeste brasileiro e o *Metadorcus rotundatus* Parr. do Sul, o qual na systematica não deve mais permanecer nos *Cladognathinos*, mas deve ser transposto para os *Dorcinos* no novo genero.»

4. Genero **SCORTIZUS** Westw.¹

WESTW, Ann. Sc. Nat. (2) I, 1834, p. 119 — BURM. Handb. W, 1847, p. 421 — CHENU, Enc. Hist. Nat. III, 1860, p. 126.

Typo do genero: *maculatus* Klug, 1825.

Uma especie brasileira e varias outras sul-americanas, principalmente no Chile.

(1) Na differenciação deste genero com os seguintes eu me baseei em Burmeister, pois na litteratura accessivel não encontrei nenhum ponto de referencia por onde se distinguisse *Scortizus* do *Sclerostomus*. Informações dirigidas a cinco especialistas em Lucanideos não tiveram resultados. Também Parry, em seu catalogo do 1875, não é claro sobre esses generos. Pois (pags. 19 e 20) elle está na verdade de accordo com o catalogo

Carena ocular divide o olho somente em pequena parte. Pronoto mais largo que os elytros, fortemente elevado anteriormente, disco achatado. Margem anterior, duas vezes chanfrada e profundamente. Margem posterior e margens lateraes rectas ou quasi rectas. Angulos anteriores proeminentes e arredondados. Angulos posteriores acuminados, angulos antero-posteriores arredondados. Parte media com uma larga excavação, cujas bordas grossas se unem na margem anterior no ♂, ou formam dous pequenos cornos separados na ♀. Elytros com ou sem pequeninas pontas nos hombros e cada elytro somente com uma costella espessada, sem escamas, negra cinzenta no dorso, que tem inicio na margem anterior, na proximidade do escutello, aproxima-se da sutura posteriormente, e desaparece adeante da ponta. Mento fortemente transverso, pontilhado, um pouco excavado. Margem anterior ligeiramente excavada. Margem posterior recta. Angulos anteriores arredondados. Garganta mais ou menos pontilhada. Prosterno posteriormente arredondado, com angulo muito marcado. Metasterno com fina linha mediana. Tibias anteriores com dous espinhos anteriores maiores e varios menores posteriormente.

da collocção de Junk e Schenkling, com *Scortizus plagiatu*s e *maculatus* porém não *tuberculatus*, *costatus* e *pulverulosus*, os quaes ollo pño neste genero com um ponto de interrogação; e da mesma forma com *Scortizus cucullatus*, o qual no catalogo mencionado está collocado no *Sclerognathus*.

É possivel que se encontrem esclarecimentos sobre este ponto em Westwood, Ann. Sc. Nat. (2) 1, 1834 e no catalogo de Hope Westwood de 1845, mas estes dous trabalhos apozar de muito osforço não puderam ser obtidos.

Tambem não foi possivel, pelo material presente, separar os dous generos de accordo com os catalogos mais recentes de 1910. Alem disto, a separação de Burmeister parece ser muito natural e a sua differenciação dos generos parece valer para ambos os sexos.

No catalogo de Coleopteros de Junk e Schenkling, no genero *Scortizus*, como litteratura só é adduzido Westwood. Em especies brasileiroas estão alli marcadas ou são descriptas no mesmo nome generico: *costatus* Hope (= *cuniculus* Thoms), *dentifer* Moellenk., *gonnellei* Boil., *maculatus* Klung (= *irroratus* Hope), *plagiatus* Burm (= *hastatus* Westw.), *sulcicollis* Moellenk.

1. *Scortizus maculatus* (Klug)

Fig. 50-51.

KLUG, Nov. Act. Leop. Car. XII, 2, 1825, p. 432 — BURM.
Handb. V. 1817, p. 422 — WESTW. Trans. Ent. Soc. Lond.
1855 p. 210, t. 11, f. 8.

irroratus HOPE, Trans. Zool. Soc. Lond. 1, 1835, p. 100,
t. 14, f. 3. ♀ — CHÉNU, Enc. Hist. Nat. 1855, t. 15,
f. 1 ♂.

Distribuição: Brasil (Rio de Janeiro).

Museu Paulista: Serra de Macahé (Est. do Rio de Janeiro) XI,
1909, E. Garbe leg. Cabo Verde (Minas) 1920. J. A. Díaz
leg. (♂).

Coll. Melzer: Passa Quatro (Minas) XI, 1925, Jaeger leg. (♀).
Existiam 2 ♂♂, 1 ♀.

Côr negra. Lado superior na maxima parte mate; brilhantes são apenas as duas obliquidades sobre o pronoto, ou pelo menos a região antero-superior da cabeça, ou no minimo as gibbosidades intermediarias; escamas numerosas e irregulares na cabeça e no pronoto, principalmente nos lados, e no ♂ tambem na cabeça anteriormente. Elytros, além das escamas variaveis no dorso, com uma faixa escamosa espessa, transversa e irregular no hombro, com uma faixa cruzada (Kreuzbinde) posteriormente ao meio e uma mancha no apice, e de tal forma que uma faixa intensamente negra, curta, aos lados da parte media, attinge os olhos immediatamente. Escutello tambem com escamas. Lado inferior, inclusive patas e antennas, brilhante; somente os lados do metasterno com mais escamas; no restante glabro ou quasi glabro. Cabeça muito mais estreita que o pronoto, transversal. Angulos antero-internos arredondados. Carena ocular divide o olho somente em pequena extensão.

♂. — Comprimento, 16 a 17 mm. Mandíbula mais longa que a cabeça, acuminada, proeminente e recta, mas a ponta é recurvada para dentro; na base da margem superior com um forte dente horizontal. Cabeça, na parte anterior, fortemente divergente e muito excavada na margem anterior. Gibbosidades intermediarias prolongadas até o meio da margem posterior, como faixas frontaes glabras e um tanto brilhantes, um pouco em forma arqueada, fortemente achatada e que vão se apagando; o espaço approximadamente triangular entre essas faixas é aplanado. Gibbosidades antero-externas pronunciadas. Olhos situados approximadamente no meio dos lados da cabeça. Carena ocular fortemente saliente, angulosa no meio. Prolongamento ocular posterior fortemente desenvolvido. Pronoto com lados paralelos. Tibias medias com um pequeno espinho; tibias posteriores simples.

♀. — Comprimento 11 mm. Mandíbulas curtas e recurvadas. Cabeça não achatada, plana, approximadamente triangular, mais pontilhada que no ♂. Lados arredondados. Margem posterior muito mais larga que a anterior. Margem anterior ligeiramente excavada. Olhos um pouco posteriores ao meio. Carenas oculares muito fracamente desenvolvidas. Pronoto fortemente divergente para traz, até os angulos antero-posteriores. Angulos anteriores em ponta. Disco com pontilhado numeroso e extenso (no ♂ muito menos).

5. Genero **SCLEROSTOMUS** Burm.

Burm Handb. V, 1847, p. 423.

Sclerognathus HOPE (ex Burm. MS) Cat. Luc. Col. 1845, p.

26. — NAGEL, Stett. Ent. Zeit. 1930, pag. 93, nota.¹

Typo do genero: *cucullatus* Blanch (do Chile) 1837 (conforme Burmeister).

13 especies no Brasil e varias outras na America do Sul.

(1) No catalogo de Coleopteros de Junk e Schenkling são citados, como litteratura, os seguintes autores, fóra Hope (Westwood) e Burmeister:

DIVISÃO SYSTEMATICA

1. Conformação robusta. Pronoto sem ou quasi sem excavações ou elevações, quando muito com uma fraca depressão anteriormente, ou, no meio da margem anterior ligeiro abaulamento com tuberculos ou com duas pequenas saliências pouco pronunciadas e, pelo menos no ♂ sem sulco medio . . .

1.º Grupo ROTUNDATUS

- 1.1. Conformação esbelta. Pronoto em ambos os sexos com excavações ou elevações ou pelo menos com sulco medio nítido ou, em lugar deste, uma impressão longitudinal.

2. Elytros não pontilhados, somente providos com costellas regulares, finas, porem bem indicadas e não interrompidas; a segunda costella (proxima á sutura) é a mais desenvolvida . . .

2.º Grupo GOUNELLEI

- 2.2. Elytros pontilhados listrados ou listrados pontilhados ou com pontilhado entre as costellas; quando não ha pontilhado entre as costellas (*costatus* — *coniculus*), estas são muitas vezes interrompidas.

3. ♂♀. Elytros pontilhados listrados ou com pontilhado irregular entre as costellas; pelo menos algumas series de pontos, proximo á sutura, são excavadas e assim as correspondentes interestrias são nitidamente convexas ou mesmo formam carenas. O mesosterno posteriormente, entre as coxas medias, não se salienta em gibbosidades, quando muito é ligeiramente convexo.

4. Elytros com margens lateraes não pubescentes.

5. ♂♀ Todas as costellas (8-9) do elytro ou a maior parte dellas bem desenvolvidas e brilhantes, porém com frequencia mais ou menos nitidamente interrompidas. Pronoto com uma depressão longitudinal mediana, larga, lozangular, e de cada lado com duas impressões grandes, chatas e arredondadas (tambem em *costatus* — *cuniculus*?). Carena do prosterno posteriormente arredondada. ♀ Pronoto na parte antero-mediana com duas pontas 3.º grupo COSTATUS

SOLIER, in Gay, Hist. Chilo, Zool. V, 1851, p. 49, *Epipedus*.

SOLIER, l. c. p. 56, *Pycnosiphorus*.

CHÉNU, Encycl. Hist. Nat. 1855, t. 15, f. 6, *Godartia*.

Como especies brasileiras, no genero *Sclerognathus*, são apresentadas ou no mesmo genero são novamento descriptas as seguintes especies: *aurocinctus* Boil., *cruentus* Burm. (= *cribratus* Thoms., *ditomoides* West, *neotragus* Westw.), *rotundatus* Boil., *signatipennis* Deyr., *sikani* Ohaus.

- 5.5. ♂♂. Costellas dos elytros não nitidamente interrompidas, porém ellas pôdem, principalmente as externas, apagar-se mais ou menos ou mesino faltar completamente. Pronoto lateralmente sem impressão; ou só com uma impressão de cada lado anteriormente 4.º grupo *PLAGIATUS*
- 4.4. ♂♀ Elytros, nas margens lateraes, com pêlos vermelhos amarellados bastante densos . . . 5.º grupo *DENTICULATUS*
- 3.3. Elytros regularmente listrados pontilhados (series de pontos não deprimidas ou somente um pouco deprimidas; interestrias não convexas ou pouco convexas).
6. Mesosterno entre as coxas medias não saliente em gibbosidades.
7. Lado superior não pubescente, sem escamas. Pronoto lateralmente, alem da impressão longitudinal mediana, com pelo menos uma fosseta nitida 6.º grupo *DENTIFER*
- 7.7. Lado superior ou pelo menos os elytros com pubescencia mais ou menos clara ou com escamas 7.º grupo *SIGNATIPENNIS*
- 6.6. Mesosterno, entre as coxas medias, proeminente em gibbosidade nitida, conica, obtusa. Pronoto alem da impressão longitudinal mediana, sem depressões ou só anteriormente, de cada lado, com uma fosseta muito attenuada 5.º grupo *CRUENTUS*

1. Grupo *ROTUNDATUS*

Chave das especies

1. Elytros simples.
2. Pronoto negro.
3. Pronoto muito mais largo que os elytros (♀ desconhecida):
1. *rotundatus* Boil.
- 3.3. Pronoto tão largo ou menos largò que os elytros: . . .
3. *zikani* Ohaus ♂♀
- 2.2. Pronoto vermelho sanguineo: . . 3. *rufficollis* Luederw. ♂♀
- 1.1. Elytros com margens lateraes largas de 1 mm., com pêlos densos e amarellos dourados . . 4. *marginivillosus* n. sp. ♂♀

1. *Sclerostomus rotundatus* Boil.¹

Fig. 56

BOIL. Mém. Soc. Ent. Belg. IX, 1912, p. 43, t. 1, f. 4; Naturalist, XXIV, 1902, p. 201.

Distribuição: Brasil. 1 exemplar.

♂ — Comprimento, 13 mm. Curto e convexo. Côr negra, bastante brilhante. Cabeça larga, inclinada, fortemente excavada. Depressão superior indistinctamente trapezoidal, anteriormente limitada pela margem anterior que é quasi recta e limitada lateral e posteriormente por uma borda, principalmente ao nível dos olhos. Olhos muito pequenos, incluídos nas genas, não proeminentes, divididos na metade pela carena ocular um pouco proeminente e anteriormente arredondada, a qual carena está unida á margem anterior por uma curva convexa. Clypeo, entre as mandíbulas, difficilmente reconhecível, inclinado, brilhante, bastante largo, com angulos arredondados, de forma pentagonal. Cabeça abruptamente estreitada, logo posteriormente aos olhos, de côr mate muito delicada, excepto na margem anterior, cujos angulos lateraes são particularmente lisos e brilhantes. Mandíbulas bastante curtas, brilhantes, arredondadas na parte vertical, com uma curvatura superior concava; quasi recta na parte horizontal que abruptamente se recurva na região da ponta. Um pouco anteriormente ao meio, com um dente largo e quadrangular; superiormente a este, uma carena curta e pouco desenvolvida. Este dente basilar quadrangular, na mandíbula esquerda é um pouco mais forte que na mandíbula direita e apresenta na proximidade um denticulo, que não existe á esquerda. Extremidades recurvadas e com duas pontas. Antennas curtas, escapo tão longo como o flagello. Pronoto transversal, fortemente abaulado. Margem anterior um pouco convexa e nos lados ligeiramente marginada. Angulos anteriores curtos e arredondados. La-

(1) Veja *S. zikani* Ohaus, nota 1.

dos quasi rectos. Angulos posteriores e antero-posteriores arredondados. Margem posterior arredondada. Anteriormente talhado quasi verticalmente. Lado superior, comquanto muito liso e brilhante, está coberto com numerosos e finos pontos providos de pêlos; lateralmente pontilhado mais accentuado, como tambem nas duas impressões lateraes. Disco sem linha mediana e sem elevação no meio da margem anterior. Elytros fortemente abaulados, arredondados, ovalares; menos brilhantes que o pronoto. Sutura larga, brilhante, um tanto entumescida. Cada elytro com 3 series, cada uma formada por tres listras pontilhadas muito rectas e muito finas; as duas inter-estrias, entre estas 3 series, bastante estreitas. Base pontilhada. Hombros quasi desarmados. Mento bastante grande, quasi plano. Angulos anteriores fortemente arredondados. Margem anterior excavada. Lado superior brilhante, com pontilhado fino e com pêlos. Prosterno posteriormente um pouco proeminente, arredondado. Mesosterno inclinado, sulcado anteriormente. Abdomen brilhante, com pontilhado bastante grosseiro. Patas curtas. Tibias anteriores com tres dentes arredondados, de tamanhos quasi eguaes, posteriormente ao duplo dente acuminado que é fortemente desenvolvido. Tibias medias e posteriores com um espinho.

♀ desconhecida.

2. *Sclerostomus zikani* Ohaus¹

Fig. 52, 53.

OHAUS. Senckenbergiana, vol. 11, 1929, pag. 158, f. 3, 4 ♂♀

Distribuição: Brasil meridional.

Museu Paulista: Itatiaya, no valle das Agulhas Negras, 2200 m.
(Est. do Rio de Janeiro) IV, V, 1906, 1 ♂; 1 ♀.

(1) Conforme uma carta de 17. IV. 1931, do Dr. Benesh, o *S. zikani* (segundo o Dr. Didler) é identico ao *S. rotundatus* Bell. Mas si compararmos as duas figuras, chegamos à convicção de que se tratam de duas boas espécies.

Coll. Zikán: Alto do Itatiaia, 2200 m, III, 1926, diversos exemplares.

Coll. Instituto Biológico, Rio de Janeiro: Itatiaia, II 1922, D. Mendes leg. 1 ♀.

Typo no Museu Senckenberg (Alemanha).

Fortemente abaulado, curto, muito robusto. Côr negra ou lado inferior mais ou menos pardo avermelhado, assim como as patas. Brilhante. Lado inferior, em todo o mesosterno e abdomen, assim como lateralmente no metasterno, com pontilhado grosseiro. Cabeça fortemente transversal, e nas carenas oculares mais ou menos tão larga como o pronoto na margem anterior. Margem anterior fracamente concava. Angulos anteriores arredondados. Labio superior grande, transversal, com margem anterior arredondada. Olhos situados posteriormente ao meio dos lados da cabeça. Carenas oculares fracamente desenvolvidas, arredondadas, dividindo o olho mais ou menos até a metade. Pronoto, de todos os lados, fortemente marginados; no ♂, anteriormente, no meio, é mais delicado. Angulos anteriores arredondados e quasi sempre um pouco proeminentes. Angulos posteriores totalmente arredondados (por este motivo faltam os angulos antero-posteriores). Margens anterior e posterior bastante rectas. Sulco mediano ausente. Elytros com listras pontilhadas não nitidas, pontos bastante grosseiros, as series ás vezes se acham apagadas na margem ou alli se desfazem em pontilhado irregular; ás vezes ellas se dispõem em grupos de tres series proximas umas das outras. Algumas listras pontilhadas no dorso são pouco profundas. Hombros sem pequenos espinhos. Mento fortemente transverso, brilhante, pontilhado e um pouco pubescente. Margens lateraes e anterior arredondadas; anteriormente, no meio, pequena emarginação. Carena prosternal muito desenvolvida, posteriormente toda arredondada. Mesosterno, entre as coxas medias, deprimido, com margens cortantes. Tibias medias e posteriores com um



forte espinho; as tíbias médias possuem também alguns espinhos menores acima do espinho desenvolvido.

♂. — Comprimento, 13 a 14 mm. A cabeça (sem a mandíbula) mais o pronoto aproximadamente tão longos como os elytros. Cabeça lisa, com uma impressão transversal. Mandíbulas aproximadamente do comprimento da cabeça e na parte terminal recurvada para cima e para dentro; superiormente, junto á base, com pequena carena cortante e recurvada; ponta bifurcada; dente basilar muito desenvolvido, quadrangular; excavado na extremidade, superiormente junto á base com um tubérculo; entre a ponta e o dente basilar um ou varios tuberculos menores. Genas sem tuberculos, apenas convexas. Pronoto com lados bastante rectos, paralelos ou um pouco convergentes posteriormente; liso, elevado anteriormente e, muito proximo á margem anterior, com depressão quasi vertical, profunda, arredondada na margem superior. Elytros mais estreitos que o pronoto. Tibias anteriores com dous fortes dentes na base e varios menores posteriormente.

♀ — Comprimento, 12 mm. Cabeça com pontilhado grosseiro e bastante denso. Fronte achatada ou ligeiramente convexa. Mandíbulas recurvadas para dentro, com dente somente no meio da margem interna. Pronoto¹ simplesmente convexo, hem regularmente grosseiro, pontilhado em extensão bastante grande (pontos e não pubescencia), divergente posteriormente. Lados arredondados. Elytros aproximadamente tão largos como o pronoto. Tibias anteriores com dous fortes dentes terminaes e dous dentes meaos desenvolvidos posteriormente.

(1) Pronoto com fôssetas lateraes. Elytros com series regulares de pontos grosseiros (Ohaus).

3. *Sclerostomus ruficollis* Luederw.

Fig. 55, 64

LUEDERW. Rev. Museu Paulista, 1931, p. 425.

Distribuição: Brasil.*Coll. Inst. Biol.* Rio de Janeiro. Itatiaya (Estado do Rio). II. 1929. D. Mendes leg. 1 ♂, 1 ♀.

Comprimento, 14 mm. (medido da margem anterior da cabeça). Corpo alongado, robusto, bastante abaulado. Quasi todo insecto é brilhante. Côr negra ou negra azulada. Pronoto vermelho sanguineo, com margens acinzentadas. Lado inferior de côr negra uniforme no ♂, ou metasterno e em parte as coxas avermelhadas na ♀. Lado inferior na garganta, no prosterno, no mesosterno e no metasterno lateralmente e abdomen em grande extensão, com pontilhado grosseiro. Labio superior obtusamente triangular; cabeça em grande parte achatada, um pouco em forma de um semicirculo aberto para deante, anteriormente com ligeira e regular excavação. Bordas oculares fortemente desenvolvidas. Carena ocular lateralmente muito saliente, fortemente arredondada, dividindo o olho quando muito até a metade. Pronoto liso, quando muito nos lados com fiuo pontilhado. Na margem anterior, de cada lado, ligeira excavação. Angulos anteriores um pouco proeminentes e arredondados. Angulos posteriores nitidos. Margem posterior quasi recta. Margens lateraes e posterior finamente marginadas. Elytros com pontilhado muito fino, irregular e com varias series bastante regulares de pontos mais grosseiros. Mento de forma commum, com pontilhado denso e grosseiro. Prosterno na parte posterior largamente arredondado. Tibias anteriores com dous fortes espinhos e dous ou tres espinhos menos desenvolvidos; tibias medias e posteriores com um espinho robusto; tibias medias ainda com um ou dous espinhos mais delicados, anteriores ao espinho principal.

♂. — Cabeça, na parte superior, com uma forte impressão e sem pontilhado. Angulos anteriores cortados, com angulos antero-internos e antero-externos arredondados ou obtusos. Mandibulas, na extremidade, fortemente alargadas e duas vezes ligeiramente excavadas; na margem interna, um pouco anteriormente ao meio, com duas pontas: uma debaixo da margem interna, outra em cima (mandibula esquerda); ou então, extremidade terminando em ponta e, na margem superior, antes da ponta, com dente, e a margem interna com tres pontas (mandibula direita). Pronoto, na margem anterior, não nitidamente marginado; no meio um pouco abaulado e com tuberculos. Sulco mediano não nitido.

♀ — Cabeça, na parte superior, com impressão mais fraca, com pontilhado irregular e bastante grosseiro. Angulos anteriores arredondados. Mandibulas com largura maxima na parte anterior; mandibula esquerda chanfrada na margem anterior, e mandibula direita acuminada e com dente anteriormente ao meio. Pronoto regularmente convexo, com sulco mediano chato, bem nitido; em toda margem anterior fina e nitidamente marginado.

Typo ♂♀ na collecção Inst. Biologico, Rio de Janeiro.

4. *Sclerostomus marginivillosus* n. sp.

Distribuição: Brasil meridional.

Museu Paulista: Alto do Itatiaya, 2.200 m., VI, VII, 33 Ex. coll. Zikán, 1 ♂ e 1 ♀.

Coll. Zikán: mesma localidade, e mesma altitude, 3 ♂♂ e 2 ♀♀.

Typo ♂ a col. Museu Paulista.

Abaulado. Côr negra. No lado superior fracamente brilhante; no lado inferior fortemente brilhante. Cabeça (sem as mandibulas) e pronoto juntos muito mais curtos que os elytros. Cabeça transversal, mais estreita que o pronoto. Margem anterior com duas ligeiras reintrancias e angulos anteriores arredondados. Carena ocular pouco

saliente. Olhos posteriores ao meio dos lados da cabeça, proximos á margem posterior. Carena ocular divide o olho approximadamente na primeira terça parte. Pronoto convexo, lateralmente arredondado, menos no ♂ que na ♀; marginado em todos os lados, simples ou quasi simples apenas no meio da parte anterior. Angulos anteriores proeminentes, arredondados ou obtusos. Angulos posteriores cortantes; angulo antero-posteriores ausentes. Margem anterior convexa no meio. Margem posterior bastante recta. Sulco mediano ausente. Escutello curto, não pubescente, pontilhado. Elytros mais estreitos que o pronoto, com pontilhado grosseiro e bastante irregular, muito denso lateralmente, mais espalhado medianamente, e num ou noutro lugar vestigios de series pontilhadas. Margem lateral, approximadamente de 1 mm. de largura, com densa pubescencia amarella dourada; os pêlos bastante longos e quasi sempre dirigidos para deante. Hombrs com pequenos espinhos. Mento transverso, com pontilhado grosseiro, pontas quasi sempre sem pêlos. Margem anterior arredondada, sem angulos anteriores. Placa da garganta, mate. Carena prosternal muito desenvolvida, um pouco achatada superiormente. Posteriormente truncado e superiormente com angulo nitido. Mesosterno, anteriormente ás coxas medias, ligeiramente deprimido, com margens lateraes cortantes. Lado inferior com pontilhado abundante e grosseiro nos lados do prosterno, no mesosterno e nos ultimos segmentos abdominaes. Tibias anteriores com tres ou quatro espinhos, tibias medias com um forte espinho posteriormente e tres ou quatro menores anteriormente; tibias posteriores com um espinho.

♂. — Comprimento 16-17 mm. Cabeça lisa ou com fino pontilhado nas margens; com uma impressão muito grande e pronunciada, de forma approximadamente semilunar, que se estende da margem anterior até quasi a margem posterior. Carena ocular bastante desenvolvida, sem angulo. Mandibulas recurvadas; na margem inferior, para dentro, posteriormente ao meio, com um grande

dente de duas pontas, e anteriormente com pequenos tuberculos. Pontas obliquamente talhadas, obtusas. Pronoto liso ou quasi liso, um pouco elevado anteriormente e, proximo á margem anterior, no meio, com duas pontas finas e approximadas. Margens lateraes um pouco divergentes para deante. Placa da garganta com pontilhado fino e espalhado.

♀. — Comprimento 15 mm. Cabeça com pontilhado grosseiro, com impressão plana, mal delimitada e da mesma extensão que no ♂. Carena ocular fracamente desenvolvida. Mandibulas com ponta obtusa, com dente internamente na margem inferior, anteriormente ao meio. Pronoto regularmente convexo, com pontilhado muito fino e espalhado, lateralmente mais grosseiro; nos sulcos posterior e lateraes com pontilhado grosseiro e denso, semelhante ao ♂, porem mais accusado. Margem lateral arredondada. Placa da garganta com pontilhado grosseiro.

2. Grupo GOUNELLEI

(Somente uma especie).

1. *Sclerostomus gounellei* (Boil.)

Boil. Bull. Soc. Ent. Fr. 1899, p. 299.

Distribuição: Brasil, Itatiaya (Estado Rio de Janeiro?) 2.300 m.

E. Gounelle leg. 2 ♂♂ e 2 ♀♀.

Côr parda avermelhada escura, ligeiramente irisada. Proxima a *Scortizus plagiatus* Burm. e *costatus* Hope.

♂. — Cabeça quadrangular, superiormente muito excavada, margem anterior cortada. Carena ocular proeminente em angulo. Genas com alargamento regularmente anguloso. Mandibulas muito fortemente arqueadas, tão longas como a cabeça, «s'appliquent l'une contre l'autre par toute leur moitié apicale». Inferiormente, com uma especie de carena, superiormente com um dente pouco livre. Ponta bifurcada. Antennas curtas, esbeltas. Pronoto,

anteriormente, no meio, com dupla gibbosidade, fortemente elevada, um pouco dirigida para deante. Lados rectos. Angulos posteriores arredondados e um pouco proeminentes. Margem posterior em arco. Elytros com costellas estreitas, elevadas, bem indicadas; a segunda, proxima á sutura, é a mais forte. Lado inferior do corpo quasi negro, brilhante. Manto anteriormente alargado, trapezoidal, arredondado, pontilhado. Prosterno proeminente, prolongado posteriormente. Mesosterno excavado anteriormente. Tibias anteriores com muitos dentes; tibias medias com tres ou quatro; tibias posteriores com 2 a 3 dentes pequenos.

♀. — Muito semelhante ao ♂ do mesmo tamanho, somente mais escura. Eminencia do pronoto mais fraca. Costellas dos elytros mais nitidamente indicadas.

3. Grupo COSTATUS

Chave das especies.

1. Elytros com nitidas series de pontos entre as costellas elevadas.
2. ♂♀. Lado superior negro, bastante matizado de vermello. ♂. Olhos proximos á margem posterior da cabeça e por isto faltâm as gibbosidades dorsaes. Carenas oculares não proeminentes. Angulos anteriores da cabeça, juntamente com as carenas, totalmente arredondados. As duas carenas longitudinaes do pronoto, no meio da parte anterior, completamente fundidas uma com a outra e salientes em uma elevada gibbosidade: 1. *costatus* Hope.
- 2.2. ♂♀. Lado superior uniformemente negro ou pardo escuro. — ♂. Olhos afastados da margem posterior da cabeça, gibbosidades da gena bem desenvolvidas. Carenas oculares fortemente desenvolvidas, posteriormente angulosas. Pronoto, no meio da parte anterior, duas curtas pontas, como na ♀ 1a. *costatus* subsp. *genalis* n. subsp.
- 1.1. ♂. Elytros sem series de pontos entre as costellas elevadas. Pronoto como no *costatus* — *genalis* (♀ desconhecida): 1b. *costatus* subsp. *cuniculus* Thoms.

***Sclerostomus costatus* (Hope)**

Fig. 45.

HOPE (WESTW). Cat. Luc. 1845, p. 27 — BURM. Handb. V, 1847, p. 426 (*Sclerostomus*) — WESTW. Trans. Ent. Soc. Lond. 1855, p. 209, t. 11, f. 5. PARRY, cat. III, 1875, p. 14.

Hemicardanus interruptocarinulatus HLLV. Ent. Mitt. 1927, p. 213; Hllat. Ent. Blätter 1929, p. 47, (erradamente como de «S. W. Borneo»).

Distribuição: Brasil.

Mus. Paul.: Petropolis (Rio de Janeiro) X. 1904. Dr. Fr. Ohaus leg. 1 ♀.

Coll. Zikán, Faz. Jerusalem (Espírito Santo) XI, 1914 1 ♀.

Como em nossa collecção falta o ♂ e eu não pos-
suo a diagnose original de Hope, apresento aqui ape-
nas um excerpto de Burmeister: « ♂♀. Comprimento
6 lin. Mais estreito que *cruentus* e *plagiatus*, de lados pa-
rallelos. Côr negra. Superiormente mate. Inferiormente
brilhante, pardo escuro, com pontilhado esparso. Cabeça
do ♂ pequena, incluída no pronoto até os olhos, e por
isto sem gibbosidades dorsaes. Fronte deprimida. Man-
dibula curta, com dente espesso no meio e com a ponta
bifurcada. Pronoto com depressão mediana, lozangular,
enjo angulo anterior se eleva no ♂ em alto tuberculo.
Fosseta de forma circular e pontilhada; alem disto, de
cada lado, duas fossas arredondadas e pontilhadas. Orla
lateral de côr vermelha sanguinea carregada. Elytros de
cada lado com oito costellas elevadas, lisas, parcialmente
interrompidas e nove series pontilhadas, largas, circula-
res entre as costellas; cada elytro com duas manchas
obliquas, de côr vermelha de sangue, uma no hombro,
outra na extremidade. Appendice do mesosterno plano e
obtusos. Tibias anteriores com seis dentes marginaes; ti-
bias medias com quatro espinhos pequenos e dirigidos
para cima».

Com esta descripção concorda aquella de Westwood
de 1855; somente elle accrescenta que as costellas dos

elytros são mais brilhantes e a segunda costella (proxima da sutura) é espessada, e que as tibias medias trazem tres espinhos e as tibias posteriores, cinco espinhos.

Com os dous exemplares que possuímos podemos completar a diagnose da ♀ do seguinte modo: Comprimento, 11 a 13 mm. Cabeça mais estreita que o pronoto, com pontilhado denso e grosseiro. Margem anterior muito ligeiramente excavada. Angulos anteriores arredondados. Carena ocular muito fracamente desenvolvida, dividindo o olho em extensão menor que a metade. Olhos proximos da margem posterior. Mandibula esquerda obliquamente talhada na ponta e, na margem interna, mais ou menos no meio, com dente largo e arredondado; mandibula direita com ponta bifurcada, internamente com dente desenvolvido e acuminado. Todo pronoto com pontilhado grosseiro e denso, um pouco convergente para deante; de todos os lados finamente marginado excepto no meio da margem anterior. Margem anterior, no meio, arredondada; nos lados, chanfrada. Margem posterior de cada lado muito levemente chanfrada. Lados muito ligeiramente arredondados. Angulos anteriores obtusos, proeminentes. Angulos posteriores não cortados, porém arredondados, e por este motivo faltam os angulos antero-posteriores. Angulos posteriores acuminados. As bordas grossas da depressão media abertas anteriormente e com duas leves pontas ou tuberculos. Elytros um pouco mais estreitos que o pronoto. Hombros com pequenas pontas. Mento fortemente transversal, com pontilhado denso e grosseiro. Margem anterior excavada. Margem posterior recta. Angulos posteriores salientes. Carena prosternal fortemente desenvolvida, posteriormente arredondada. Mesosterno convexo (porem não com gibbosidades) entre as coxas medias. Metasterno com sulco mediano fino e completo. Lado inferior quasi todo negro. Os pontos trazem pequenos pêlos. Espinhos das tibias são variaveis. Egalemente a côr vermelha do lado superior varia em aspecto e forma.

1.^a *Sclerostomus costatus*, subsp. *genalis*, n. subsp.

Fig. 57

Distribuição: Brasil.*Coll. Melzer:* S. Paulo, capital (1 ♂, 1 ♀ na Avenida Paulista), 1, 1919, X, XII, 1917, 1 ♂, 2 ♀♀.

Semelhante ao *costatus*, porém o ♂ differe pela gibbosidade genal, pela differente conformação do pronoto, pela differente conformação das mandibulas e pela carena genal que é bem desenvolvida.

Superior e inferiormente, côr negra. Pontos do lado inferior (tambem nas coxas medias e posteriores) com pequenos pêlos finos, amarellados. Cabeça transversal, angulos anteriores arredondados. Margem anterior excavada. Carena ocular divide o olho approximadamente até a metade. Pronoto brilhante, transverso; marginado com excepção do meio da margem anterior; um pouco mais largo que os elytros. Alem das duas impressões lateraes ainda ha uma impressão pouco visivel na margem (como fig. 5, de Westwood, 1855). A impressão media vae da margem anterior á margem posterior, é aberta anterior e posteriormente, e anteriormente no meio apresenta duas pequenas pontas curtas ou pequenos tuberculos. Margem anterior convexa e chanfrada. Angulos anteriores um pouco proeminentes, angulos posteriores em fina ponta. Angulos antero-posteriores completamente ausentes. Lados fracamente arredondados. Elytros com oito (nove) costellas frequentemente interrompidas; a segunda (terceira) é a mais desenvolvida; entre ellas, um pontilhado em serie. Hombros com pontas agudas. Mento fortemente transverso, com pontilhado abundante e grosseiro. Carena prosternal fortemente desenvolvida; posteriormente o mento é arredondado. Mesosterno, entre as coxas medias, nitidamente convexo, anteriormente não deprimido. Metasterno com sulco mediano fino e nitido. Tibias anteriores com cinco ou seis dentes; tibias medias e posteriores com um espinho mais desenvolvido. Outros caracteres como *costatus*.

♂. — Comprimento 13 mm. Mandíbulas aproximadamente tão longas como a cabeça, recurvadas para dentro e para cima; com dente basilar esbelto e em forma conica; com dentes medios desenvolvidos, obtusos, cavalgados dous a dous, posteriormente ao meio; ponta bifurcada e um dente largo e arredondado, na margem inferior, anteriormente. Parte inferior com pêlos curtos, em um estreito sulco longitudinal, proximo á margem interna. Cabeça e pronoto com pontilhado fino e espalhado. Carena ocular bastante fortemente desenvolvida, posteriormente com angulo obtuso. Posteriormente aos olhos, uma gibbosidade genal curta, porém nitida. Pronoto de largura mais ou menos uniforme. Margem lateral, nos angulos anteriores, bastante alargada.

♀. — Comprimento, 11 a 13 mm. Não parece distinguir-se, excepto pela côr, da ♀ do *Scl. costatus*.

Typo ♂ na coll Melzer, Typo ♀ no Museu Paulista.

1b. *Sclerostomus costatus* subsp. *enuiculus* (Thoms.)

THOMS. Ann. Soc. Ent. Fr. (4) II. 1862, p. 429.

Distribuição: Brasil.

♂. — Comprimento 11 mm. Superior e inferiormente pardo avermelhado, um pouco brilhante. Cabeça pontilhada, triangular, com impressão. Mandíbulas muito mais curtas que a cabeça. Pronoto pontilhado; no meio da parte anterior, com duas pontas. Disco com larga impressão longitudinal. Angulos posteriores acuminados. Elytros não mais estreitos que o pronoto, com 16 costellas brilhantes e muitas vezes interrompidas. Interstrias mates (surdis), lisas. Lado inferior do corpo pontilhado; no abdomen, pontilhado grosseiro e raro. Patas ligeiramente pontilhadas. Tibias anteriores com muitos dentes; tibia medias e posteriores com um só dente.

♀ desconhecida.

Das quatro impressões arredondadas sobre o pronoto, como as apresenta o typo, nada se observa; além disto as interestrias dos elytros são lisas. Este caracter deveria bastar para estabelecer o insecto como subespecie. No catalogo de Coll. de Junk e Schenkling *cuniculus*, figura como synonymo de *costatus*.

4. Grupo PLAGIATUS

Chave das especies.

1. Pronoto, além da impressão principal média, apresenta de eada lado, anteriormente, uma fosseta arredondada; é fortemente estreitado na porção posterior; com a largura maxima entre os angulos anteriores que são espessados e proeminentes; impressão longitudinal, anteriormente, sem gibbosidades pequenas (♀ desconhecida) . . . 1. *plagiatus* Burm. ♂
- 1.1. Pronoto, além daquela impressão, anteriormente, sem fosseta.
2. Elytros, no dorso, com costellas não brilhantes ou fracamente brilhantes. Pronoto posteriormente não estreitado; largura uniforme ou largura maxima posteriormente ao meio; lados nitidamente exeavados; anteriormente no meio com espinho forte e alongado e de eada lado com gibbosidade possante e obtusa 2. *securiformis* n. sp ♂
- 2.2. Elytros no dorso com cinco costellas nitidas e brilhantes *securiformis* ♀

1. *Sclerostomus plagiatus* Burm.

Fig. 47

Burm. Handb. V, 1847, pag. 425 ♂.

S. hastatus WESTW. Trans. Ent. Soc. Lond. 1855, p. 205, t. 11, f. 2 ♂.

Distribuição: Brasil (Bahia).

Descrição conforme Burmeister: «♂ Comprimento 11 lin. Maior que *cruentus*. Cabeça mais larga, anteriormente mais inclinada, fronte deprimida, gibbosidades dorsaes mais obtusas e mais largas. Porção superior mate,

de côr vermelha sanguinea escura, elytros mais claros, com mancha negra em cruz na sutura. Lado inferior e patas negros, brilhantes, com pontilhado grosseiro e espalhado. Mandibulas mais longas que a cabeça, com dente basilar fraco, ponta bifurcada e dous dentes no meio, quasi superpostos, na margem superior e inferior. Pronoto posteriormente estreitado, com fino pontilhado. Lados excavados em enseada. Angulos anteriores em tuberculos. Porção media com impressão lozangular, com pontilhado mais accentuado, e alem disto, anteriormente, uma fosseta chata. Elytros anteriormente mais largos, um pouco abaulados, com nove series pontilhadas deprimidas. Interestrias alternadamente abauladas e finamente pontilhadas. Gibbosidades mesosternaes mais chatas e mais obtusas, como em *cruentus*. Tibias anteriores com seis dentes; tibias medias com um espinho.

Excerpto da diagnose de *hastatus* de Westwood: «♂ Comprimento 9, mandibulas quasi 2 lin. Cabeça de côr negra. Pronoto e elytros mais escuros; as duas costellas principaes dos elytros de côr castanha clara e brilhantes; sutura e uma faixa transversa, mais ou menos no meio, de côr negra. Cabeça larga, transversa, na parte anterior largamente excavada. Angulos anteriores obliquamente talhados e, de cada lado, alargado em um lobulo deprimido que divide o olho até o meio. Vertice da cabeça lateralmente tumefeito. Disco, posteriormente, com duas impressões arredondadas. Mandibulas um pouco mais longas que a cabeça e bastante rectas. Ponta dividida em quatro dentes. Base, internamente, com um dente obtuso. Antennas curtas, articulos 2.^o ao 7.^o, de comprimento quasi igual, do 8.^o ao 10.^o com ponta internamente. Pronoto transverso, anteriormente tão largo como a cabeça; na porção posterior progressivamente estreitado. Margem anterior, no meio, elevada e um pouco proeminente. Disco com sulco mediano e com impressão profunda e arredondada, entre o meio e os angulos anteriores. Estes ultimos são proeminentes e alargados. Angulos posteriores em ponta. Elytros um pouco mais estreitos

que o pronoto, com listras simples. Interestrias pontilhadas. Cada elytro com uma costella forte e brilhante, aproximadamente no meio. Hombros com pente. Mento transversal um pouco excavado anteriormente e com cílios. Angulos anteriores arredondados. Prosterno muito fortemente pontilhado. Tibias anteriores serrilhadas, com 7 ou 8 dentes, bem desenvolvidos, que progressivamente diminuem de tamanho. Tibias medias com tres ou quatro espinhos; tibias posteriores com um espinho».

A figura de Westwood não apresenta nenhuma gibbosidade dorsal e, no pronoto, não apresenta angulos antero-posteriores. O disco do pronoto possúe, posteriormente, de cada lado, além do sulco mediano, uma impressão pouco pronunciada. Os elytros apresentam nitidamente estrias pontilhadas.

2. *Sclerostomus securiformis* Luederw.

Fig. 58, 59.

LUEDERW. Revista de Entomologia, Vol. IV, Fasc. III, p. 389, 1934.

Distribuição: Estados do Rio de Janeiro e Minas Geraes.

Coll. Museu Paulista: Alto Itatiaya (Est. do Rio de Janeiro) VI, VII, 1933, 2 ♂♂, 1 ♀. Ex Coll. Zikán. outros exemplares encontram-se nas *collecções* Zikán, Melzer e Instituto Biologico do Rio de Janeiro.

♂. — Comprimento 10 a 14 mm. Côr negra; mate. São brilhantes o escutello, a extremidade do corno do pronoto; na cabeça, as carenas oculares, as gibbosidades intermediarias e ainda talvez as gibbosidades dorsaes, assim como as mandibulas; alem disto todo o lado inferior, as patas e as antenas. Cabeça fortemente transversa, com pontilhado fino e espalhado, excavado na borda anterior. Fronte quasi plana. Angulos totalmente arredondados. Gibbosidades das genas salientes. Carenas oculares dividem os olhos apenas até a metade, são bastante altas e posteriormente com angulo obtuso. Mandibulas cunei-

formas mais longas que a cabeça, fortemente recurvadas para cima, com margem superior e inferior; inferiormente elevadas na margem interna, com pubescência amarella (esta região não é limitada). Ponta fortemente bifurcada. Margem inferior, no meio, com grande placa quadrangular, que no corte é apenas excavada ou no angulo anterior faz saliência em um possante espinho. Margens superior e inferior bastante estreitas. Dente basilar muito pequeno ou ausente. Pronoto fortemente transverso, na parte anterior approximadamente tão largo ou mais largo que a cabeça nas carenas oculares; de todos os lados é bem marginado, ou simples no meio da margem anterior. Margens anterior e posterior bastante rectas. Lados chanfrados. Angulos anteriores obtusos, um pouco proeminentes. Disco com pontilhado esparso. Anteriormente, no meio, um espinho forte, bastante longo, acuminado, um pouco dirigido para cima ou horizontal; além disto, de cada lado, um tuberculo forte e arredondado. Posteriormente ao tuberculo uma impressão longitudinal larga, ligeiramente deprimida. Elytros com nove finas series pontilhadas, que muitas vezes só são regulares no dorso e só nessa região são pronunciadas. Interestrias quasi sempre finas, com pontilhado irregular e algumas dellas, proximas á sutura, nitidamente convexas; a terceira, é a mais fortemente convexa. Hombro com pontas muito pequenas. Lado inferior irregularmente pontilhado. Mento fortemente transverso, com pontilhado grosseiro e com pubescência afastada e erecta. Angulos anteriores fortemente arredondados. Margem anterior ligeiramente excavada. Margem posterior recta. Carena prosternal fortemente desenvolvida, posteriormente arredondada ou com angulo pronunciado. Mesosterno, entre as coxas medias ligeiramente convexo. Metasterno, no disco, liso ou com pontilhado fino; com sulco mediano. Tibias anteriores com dous dentes marginaes grandes e, posteriormente, com varios dentes menores ou de tamanhos bastante uniformes. Tibias medias com um espinho e varios pequenos anteriormente; tibias posteriores somente com um espinho pequeno.

♀. — De forma commum, com a cabeça e pronoto bastante grosseiramente pontilhados, como é habitual. Côr negra. Carena ocular divide o olho só na terça parte aproximadamente; ella é baixa, e posteriormente ao olho com ponta. Pronoto com a largura maxima posterior ao meio. Margem anterior duas vezes fortemente sinuosa, parte media saliente e com duas pontas obtusas. Disco com impressão longitudinal media chata. Elytros, proximo á sutura, com tres a cinco costellas nitidas, elevadas, brillhantes; a terceira é a mais fortemente desenvolvida. Nos caracteres restantes semelhante ao ♂, mesmo na armadura da tibia, na pubescencia do mento etc.

Forma a. Parte superior de côr vermelha ferruginea mais ou menos accentuada. ♂♀ Mesma localidade que o typo. No Museu Paulista.

5. Grupo DENTICULATUS

(Só uma especie).

1. *Sclerostomus denticulatus* Luederw.

LUEDERW. Revista de Entomologia Vol. IV, fasc. III, p. 388, 1931.

Distribuição: Brasil.

Museu Paulista: Alto de Itatiaya (Estado do Rio de Janeiro) 2.200 m. 1 ♂; 1 ♀, ex. coll. Zikán.

Coll. Zikán, da mesma localidade, etc, 3 ♂♂, 4 ♀♀.

Comprimento 14-17 mm. Coloração negra. Clava antennal pardacenta. Lado superior bastante brilhante; lado inferior, muito brilhante. Cabeça mate, com uma impressão muito grande, bastante profunda, com pontilhado espalhado, ocellar; esta impressão estende-se da margem anterior até uma faixa bastante larga e muito rugosa na margem posterior e occupa a maior parte da cabeça. Margem anterior excavada, angulos anteriores arredondados. Carena ocular posteriormente com forte angulo e não alcança até a metade dos olhos. Entre os olhos e a

margem posterior ha uma gibbosidade arredondada. Mandibulas cuneiformes, com fortes dentes basilaes. Pronoto transverso, convexo, todo emarginado. Lados bastante rectos e bastante parallellos. Margem anterior sinuosa de cada lado. Angulos anteriores proeminentes e obtusos, angulos posteriores arredondados ou quasi arredondados. Angulos antero-posteriores ausentes. Plano superior com pontilhado fino e espalhado. Parte media com impressão longitudinal larga, recta, chata e que se estende até a margem posterior; anteriormente bem fortemente elevada e na margem anterior com dous tuberculos obtusos. Sulcos marginaes lateraes estreitos, anteriormente alargados. Escutello sem pubescencia e muito finamente pontilhado. Elytros com varias costellas brilhantes, não interrompidas, que entretanto desapparecem parcialmente na porção posterior (6 ou 7 costellas); a terceira é a mais desenvolvida. Sulcos profundos, com pontilhado irregular e grosseiro. Margens lateraes bastante espessas e bastante largas, com pubescencia vermelha amarellada. Hombros com grosseiros espinhos. Mento transverso, com pontilhado grosseiro; os pontos em parte trazem pêlos. Placa da garganta com pontilhado espalhado, mais grosseiro ou mais fino. Carena prosternal forte, talhada posteriormente, superiormente com angulo. Mesosterno achatado entre as coxas medias. Lado inferior com abundante pontilhado. Tibias anteriores com numerosos espinhos; tibias medias com um espinho mais forte e varios menores adeante; tibias posteriores com um a tres espinhos.

♂. — Mandibulas, superiormente, na extremidade, talhada obliquamente e um pouco excavadas; a larga margem mandibular bastante recta, inferiormente tambem com angulo; margem superior, interiormente, mais ou menos no meio, com dente.

♀. — Mandibulas, superiormente, na extremidade, não talhadas; na margem superior, antes da ponta, com uma excavação profunda e arredondada, e assim se forma um robusto dente immediatamente atraz mais ou menos no meio. Margem mandibular como no ♂.

6. Grupo DENTIFER.

Chave das especies.

1. Pronoto com angulos anteriores communs. Além da depressão longitudinal media, uma impressão com forma de gamella (muldenartig).
2. Interstrias dos elytros, do meio até a ponta, interrompidas e com series de tuberculos pequenos e alongados. Pronoto brilhante, arredondado nos lados; a parte media anteriormente é deprimida; lados de depressão unidos anteriormante e avançando horizontalmente sobre a cabeça. (♀ desconhecida) . .
 1. *sulcicollis* Moellenk ♂.
- 2.2. Interstrias dos elytros intactos ou as series pontilhadas apagam-se completamente na parte posterior. Pronoto com depressão longitudinal media; os femures do pronoto encontram-se no meio da margem anterior
 2. *dentifer* Moellenk ♂♀.
- 1.1. Pronoto com angulos anteriores tallhados bastante largamente e obliquamente; no meio da margem anterior ha uma gibbosidade obtusa e dirigida para cima; parte media com depressão longitudinal fraca e de cada lado com uma ou duas pontas pequenas e arredondadas. Olhos situados junto á margem posterior da cabeça, gibbosidades dorsaes faltam por este motivo (♀ desconhecida) 3. *truncatus* n. sp. ♂

1. *Sclerostomus sulcicollis* Moellenk

MOELLENK. Internat. Ent. Zeit. 1912, p. 301.

Distribuição: Brasil, Espirito Santo, Serra do Mar, 1800 m.

Na diagnose original assim consta: «♂. Comprimento 15 mm. Semelhante á especie precedente *dentifer*, porém o dente mandibular está inclinado para dentro e é muito menor. Carena ocular angulosa e proeminente, e por tal motivo a cabeça apparece maior, como em *dentifer*. Pronoto brilhante. Lados arredondados. Depressões, como em *dentifer*, porém as bordas longitudinaes da depressão principal, que se encontram na margem anterior,

avancam longitudinalmente só até o meio. Elytros com nove listras que até o meio estão connexas e, na região do apice, resolvem-se em pequenas listras tuberculares alongadas; entre ellas, series de pontos, como em *dentifer*. Lado inferior brilhante. Tibias anteriores com sete dentes marginaes nítidos. Prosterno com carena chata e obliquamente inclinada. Nos outros caracteres, como em *dentifer*.

♀ desconhecida.

Não é seguro que *S. sulcicollis*, como também *dentifer*, sub o ponto de vista systematico, esteja bem collocado neste lugar, porque a descrição summaria das estrias dos elytros deixa lugar a duvidas.

2. *Sclerostomus dentifer* Moellenk.

MOELLENK. Internat. Ent. Zeitung, 1912, p. 301.

Distribuição: Brasil (Esp. Santo, Serra do Mar, 2.000 m)

♂. — Comprimento, inclusive mandibulas, 15 mm. Lado superior mate, negro acinzentado, matizado de vermelho como em *gounellei*, do qual a nova especie se aproxima. Mandibulas recurvadas para cima, com forte dente basilar e um outro dente vertical no meio. Carena ocular alcança até o meio do olho, e é bem saliente; o angulo externo é arqueado e ultrapassa os angulos dorsaes que são fortemente salientes (estes ultimos são mais largos em *gounellei*). Articulos do flagello arredondados. Pronoto com lados paralelos e com duas bordas longitudinaes, que se encontram no meio da margem anterior. Disco com depressão e, alem disto, com impressões em forma de gamella (muldenartig). Elytros listrados, cada um com nove series pontilhadas não profundas. Interestrias não interrompidas. Lado inferior do corpo brilhante. São robustos o mento, a carena prosternal obtusa e conica, e os anneis abdominaes. Lados do thorax com pontilhado esparso. Patas muito graciosas. Tibias anteriores com cinco dentes marginaes e dous dentículos recurvados. Tarsos com pubescencia muito exigua.

♀. — Comprimento 12 mm. Cabeça pequena, excavada na margem anterior. Superiormente aos olhos, duas gibbosidades obtusas. Carenas oculares curtas, salientes em angulo. Angulos dorsaes notaveis. Depressões do pronoto como no ♂. Elytros, cada um com nove estrias entre ellas se ies de pontos. Tibias anteriores com cinco dentes marginaes. Outros caracteres como no ♂.

3. *Sclerostomus truncatus* n. sp.

Fig. 61

Distribuição: Brasil (S. Leopoldo, Rio Grande Sul) 1, 1923, 1 ♂.

Coll. Buck: 1 ♂ mesma procedencia.

Typo ♂ no Museu Paulista.

♂. — Comprimento 11-12 mm. Côr negra ou elytros pardos escuros. Lado superior mate; lado inferior, patas, antenas e mandibulas brilhantes. Todo lado inferior com um pontilhado numeroso e bastante grosseiro, os pontos quasi sempre trazem um fino pêlo. Cabeça fortemente transversal, pelo menos tão larga como o pronoto em sua parte mais larga, com pontilhado fino e esparso. Fronte, até a margem posterior, com uma forma indistinctamente triangular, com impressão, mais pronunciada na margem posterior. Margem anterior ligeiramente excavada. Angulos anteriores completamente arredondados. Labio superior pequeno, anteriormente arredondado. Mandibula approximadamente tão longa como a cabeça, e na parte inferior, junto da margem interna, em uma zona alongada, estreita e deprimida, com pubescencia erecta; na extremidade, que é recurvada para cima e para dentro, com uma margem superior e uma inferior; ponta bifurcada. Margem inferior fortemente alargada para dentro, com uma margem interna longa, completamente recta e com um dente basilar esbelto; angulos posteriores rectos. Margem superior muito mais estreita, posteriormente com dente largo, triangular, horizontal, que corresponde com

os angulos posteriores da margem inferior, isto é, a ultrapassa. Olhos deslocados para uma posição proxima á margem posterior e por isto falta a gibbosidade da gena. Carenas oculares dividem os olhos alem da metade, são muito desenvolvidas, em angulo cortante, e nos lados salientam-se horizontalmente. Gibbosidades intermediarias muito desenvolvidas e bastante altas. Pronoto não mais largo ou pouco mais largo que os elytros, transverso, pouco abaulado, saliente no meio da margem anterior em um espinho; posteriormente um pouco estreitado e marginado, com excepção do meio da margem anterior. Margens anterior e posterior bastante rectas. Labos excavados. Angulos anteriores talhados bastante largamente e obliquamente; angulos externos determinados por este corte são nitidos. Angulos posteriores arredondados, por isto faltam os angulos antero-posteriores; os angulos propriamente posteriores, pelo contrario, são nitidos. Disco com pontilhado fino, irregular e espalhado. Parte media com impressão longitudinal larga e pouco profunda; de cada lado, uma ou duas impressões pequenas, arredondadas e pouco profundas. Elytros com regular pontilhado em estrias (estrias não deprimidas ou muito pouco deprimidas). Interestrias planas, com pontilhado mais ou menos fino e em serie. Hombros com uma ponta muito fina. Apice com pubescencia muito fina. Mento fortemente transverso com abundante pontilhado, porém sem pêlos. Angulos anteriores arredondados. Margens anterior e posterior rectas. Carena prosternal muito desenvolvida, arredondada posteriormente. Mesosterno chato. Metasterno com sulco mediano fino. Tibias anteriores com dous dentes grandes e varios menores posteriormente. Tibias medias e posteriores com um espinho mais forte e um ou dous pequenos superiormente.

Em um exemplar a margem infero-interna da mandibula esquerda é fortemente convexa e, em lugar do angulo posterior recto, existe um dente desenvolvido.

♀ desconhecida.

Esta especie é proxima a *cruentus* Burni., porém já differe pelo mesosterno, que não apresenta gibbosidade, porém é chato.

7. Grupo SIGNATIPENNIS

Chave das especies.

1. Elytros com manchas pequenas, espalhadas e providas de pêlos.
Escutello pouco pubescente . . . 1. *signatipennis* Deyr ♂.
- 1.1. Elytros largamente providos de pêlos bastante longos . . .
2. *aurociuctus* Boil ♂ ♀

Sclerostomus signatipennis Deyr

Fig. 41

DEYR. Ann. Soc. Ent. Fr. (4) IV, 1861, p. 319 ♂ — PARRY, Trans. Ent. Soc. Lond. 1861, t. 3, f. 2, ♂.

Distribuição: Brasil.

Collecção Zikán: Virginia, Faz. dos Campos (Minas) 500 ms. XII-1921 — 1 ♂.

♂ — Comprimento 10 mm. Côr negra, lados do pronoto e dos elytros de côr parda ferruginosa indistincta. Pubescencia toda amarellada. Lado superior quasi todo mate. Mandibulas, patas, antenas e lado inferior brilhantes. Cabeça fortemente transversa. Fronte ligeiramente deprimida. Margem anterior excavada, angulos anteriores arredondados. Carena ocular bastante alta, dividindo o olho approximadamente até o meio, posteriormente arredondada. Gibbosidade da gena curta e obtusa. Lado superior com pontilhado espalhado, lateralmente mais grosseiro. Mandibulas tão longas como a cabeça, pouco recurvadas; externamente, adiante do meio, na margem superior, com dente grande e arredondado. Ponta bifurcada. Lado inferior com serie pubescente obliqua, nitida e recta. Pronoto um pouco mais longo que a cabeça entre as carenas oculares, abaulado, largamente quadrangu-

lar, quasi todo marginado e, como a cabeça, pontilhado. Margem anterior duas vezes sinuosa, margem posterior recta. Lados quasi parallellos. Angulos anteriores obtusos, um pouco salientes. Angulos antero-posteriores arredondados. Angulos posteriores nitidos. Disco com impressão grande e chata, de forma approximada de uma larga lança, impressão que se estende da margem anterior até a posterior e termina com dous tuberculos pequenos e brilhantes; alem disto, de cada lado, posteriormente uma impressão arredondada, pouco profunda e bastante grande. Todas as margens com escamas mais ou menos amarelladas. Escutello com pubescencia densa e amarella. Elytros com pontilhado em serie, bastante delicado. Interestrias pouco convexas. Series pontilhadas, lateral e anteriormente, bastante irregulares. Nos lados e na metade posterior, manchas irregulares com escamulas amarellas, que trazem finos pêlos, de conformação approximada de leque. Hombros quasi desarmados. Mento fortemente transverso. Margem anterior ligeiramente excavada. Angulos anteriores nitidos. Margem posterior recta e muito mais larga que a anterior. Superficies pontilhadas. Prosterno muito desenvolvido e arredondado posteriormente. Mesosterno apenas convexo. Metasterno, em toda sua superficie, com pontilhado denso e muito grosseiro, com fino sulco mediano. Tibias anteriores com 5 ou 6 espinhos; tibias medias e posteriores com um espinho. Lado inferior do corpo mais ou menos pontilhado, e os pontos, pelo menos em parte, trazem pêlos.

♀ desconhecida.

Addenda: — Comprimento 13,5 mm. Gibbosidade geral do ♂ quasi tão longa como as carenas oculares e tambem ultrapassa o pronoto nos lados da porção anterior. Pronoto só possui a grande impressão media; lados um pouco excavados, angulos posteriores completamente tallados. Elytros, na base, interiormente aos hombros, e extremidade da sutura, com pubescencia clara, dourada; porção media com pequenas manchas pubescentes (Déyrolle).

Comquanto nosso exemplar se afaste da diagnose de Deyrolle sob muitos pontos de vista, mesmo assim poderia elle no maximo constituir uma variedade da especie.

2. *Sclerostomus euroclinetus* Boil

Boil., Bull. Soc. Ent. Fr. 1899, p. 293.

Distribuição: Brasil, Itatiaia (Estado do Rio de Janeiro) 2.300 m. E. Gounelle leg. 2 ♂♂, 2 ♀♀.

Côr toda negra; elytros um pouco avermelhados, largamente providos de pêlos bastante longos, sedosos, de côr amarella dourada.

♂ — Cabeça larga, fortemente excavada, margem anterior convexa, angulos anteriores arredondados. Olhos divididos na primeira terça parte pela carena ocular. Mandibulas um pouco mais longas que a cabeça, regularmente arredondadas e ligeiramente arqueadas na ponta; base com um dente forte, chato e bifurcado «qui fait corps en avant avec une denticule»; um segundo denticulo adiante da ponta que é simples e verticalmente achatada. Antennas curtas; clava pectinada. Pronoto um pouco mais largo que a cabeça; posteriormente estreitado e nos angulos posteriores, talhados bem cortantes. Anteriormente, no meio, com dupla gibbosidade um pouco saliente. Cabeça e pronoto mates. Elytros com pontos bastante finos em series longitudinaes. Lado inferior do corpo fortemente abaulado, muito brilhante, de côr negra. Mento com fino pontilhado, quasi em angulo recto. Prosterno saliente posteriormente, talhado em angulo recto. Mesosterno excavado anteriormente. Tibias anteriores com muitos dentes; tibias medias com um dente pequeno e um grande; as tibias posteriores com um dente.

♀ — Quasi tão grande como o ♂. Colorida da mesma maneira, porém a cabeça e o pronoto são mais brilhantes. Cabeça, na margem anterior, ligeiramente concava; a excavação bem fortemente pontilhada. Pronoto

quasi brilhante, muito finamente pontilhado. Elytros mais fortemente pontilhados, como no ♂; interestrias, proximamente á sutura, muito nitidas. Lado inferior muito abaulado, de côr negra, brilhante.

8. Grupo CRUENTUS.

Chave das especies.

1. ♂
2. Pronoto com pontilhado grosseiro ou um pouco grosseiro. Lados, posteriormente ao meio, não alargados.
3. Gibbosidades intermediarias notavelmente grandes. Pronoto com lados paralelos e angulos anteriores salientes. Lados do pronoto e dos elytros de côr vermelha sanguinea (♀ sanguinea) 1. *cruentus* Burm. ♂
- 3.3. Gibbosidades intermediarias de tamanho usual. Pronoto com lados suavemente arredondados e com angulos anteriores apenas salientes. Lado superior do corpo todo negro 1d. *cruentus* var. *tristis* n. var. ♂
- 2.2. Pronoto com pontilhado muito fino. Lados com a largura maxima posteriormente ao meio. Angulos anteriores nitidamente salientes. Côr negra.
4. Pronoto com gibbosidade fortemente alongada, anteriormente, no meio, Mandibulas alongadas, quasi rectas (♀ desconhecida) 1a. *cruentus* var. *neotragus* Westw. ♂
- 4.4. Pronoto com gibbosidade não saliente. Mandibulas mais curtas que a cabeça e fortemente recurvadas. (♀ desconhecida) 1b. *cruentus* var. *ditomoides* Westw. ♂
- 1.1. ♀ Côr negra.
5. Cabeça não granulosa, porém com pontilhado nitidamente grosseiro. Elytros claramente mais estreitos que o pronoto 1d. *cruentus* var. *tristis* n. var. ♀
- 5.5. Cabeça granulosa. Elytros tão largos como o pronoto (♂ desconhecido) 1e. *cruentus* var. *cribratus* Thom. ♀

1. *Sclerostomus cruentus* Burm

Burm. Handb. V. 1847, p. 425. ♂.

Distribuição: Brasil.

Burmeister diz (aqui, damos apenas um resumo): «♂ 6 lin. Superfície dorsal suavemente abaulada, não achatada, faltam as bordas. Tuberculos dorsaes presentes etc. Superiormente mate, côr negra; lados do pronoto e dos elytros de côr vermelha sanguinea carregada, com progressiva transição para a côr negra do fundo. Lado inferior negro, assim como as patas. Cabeça e pronoto com pontilhado espalhado e grosseiro; os pontos são maiores nos dous lados do vertice. Carena ocular muito alta e larga. Gibbosidades intermediarias particularmente desenvolvidas. Mandibulas tão longas como a cabeça, com dente basilar grande. Ponta bifurcada; na margem superior um outro dente em ponta. Pronoto com lados parallelos. Angulos anteriores salientes. Angulos posteriores retrahidos. Disco com sulco mediano; em sua extremidade, atraz da margem anterior, ha dous nodulos. Elytros com nove séries pontilhadas nitidas, não deprimidas. Appendice mesosternal é uma gibbosidade obtusa, sem entalhe. Tibias anteriores com cinco dentes marginaes».

Parry¹ (Trans. Soc. Ent. Lond. 1870, pag. 96) acha que o exemplar de *cruentus* de que se serviu Burmeister para sua descripção era uma forma immatura, por causa da côr vermelha nos lados do pronoto e dos elytros.

O seguinte insecto eu o considero como *tristis* n. var. de *cruentus*, até que possa dispôr de material mais abun-

(1) Parry Trans. Ent. Soc. Lond. 1870, p. 96. Colloca como synonymos do *cruentus* ♂ tambem *neotragus* Westw ♂, *ditomoides* Westw ♂; e *cribratus* Thom ♀ tambem allí deveria figurar. A synonymia de Parry é duvidosa, no entanto ella foi conservada no Catalogo dos Coleopteros de 1910. Aquí, aquollas tres formas são consideradas como variedades de *cruentus*. As principaes differenças constam na chave. Apenas resumos das diagnoses são apresentados.

dante e melhor. As mandíbulas do ♂ têm também outra forma e as carenas oculares do ♂ são mais notavelmente altas e largas.

[*Sclerostomus cruentus* var. *tristis* n. var.]

Typo ♂ na coll. Mus. Paulista typo ♀ na Coll. Zikan.

Coll. Buck: ♀♀ Porto Alegre 1930.

Mandíbulas brilhantes. Cabeça anteriormente excavada. Gibbosidades intermediárias brilhantes, de tamanho commum. Pronoto transverso; finamente marginado, exceptuando quando muito o meio da margem anterior. Margem anterior excavada de ambos os lados. Margem posterior recta. Angulos posteriores nítidos, angulos antero-posteriores ausentes. Disco com suave impressão longitudinal, que termina adeante da margem anterior em um duplo tuberculo obtuso, fraco e brilhante. Elytros na base nitidamente mais estreitos que o pronoto. Hombro com fina e pequena ponta. Disco, de cada elytro, com varias series pontilhadas finas, não deprimidas, que na parte posterior progressivamente se apagam. Lados quasi sem pontilhado ou com pontilhado irregular. Mento transverso, pontilhado. Mesosterno entre as coxas medias, saliente em gibbosidade. Tibias anteriores com muitos dentes; tibias medias e posteriores com um espinho principal e superiormente denteadas ou simples.

♂ — Comprimento 11 1/2 mm. Mandíbulas recurvadas e approximadamente tão longas como a cabeça. Ponta bifurcada. Na margem inferior, pouco antes da ponta, um terceiro denticulo (ou, talvez melhor: ponta em tres dentes, sendo o dente medio o mais longo). Margem superior, mais ou menos no meio, com um dente robusto e obtuso, obliquamente dirigido para dentro e que na base apresenta uma dilatação. Dente basilar robusto. Lado inferior, na margem interna, com um sulco recto, fino e fracamente pubescente. Cabeça sem impressão. Anteriormente e lateralmente, com um talhe obliquo que determina

formação de angulos obtusos. Carena ocular divide bem o olho até o meio; posteriormente com um alargamento bastante notavel e arredondado e quasi horizontal. Gibbosidades dorsaes não ultrapassam os angulos anteriores do pronoto. Plano superior com um pontilhado desigual e espalhado; de cada lado, posteriormente, um grupo pontilhado maior, constituido por pontos muito grandes. Pronoto com angulos posteriores um pouco espessados. Disco com pontilhado grosseiro e bastante abundante, principalmente nos lados. Mento com impressão regular e profunda. Margem anterior convexa.

♀ — Comprimento 9 a 10 mm. Cabeça com ligeira impressão, com pontilhado grosseiro e regularmente denso. Angulos anteriores arredondados. Carena ocular fracamente desenvolvida, dividindo o olho apenas em pequena extensão. Com gibbosidades dorsaes fracas porém nitidas, em um exemplar. Pronoto divergente posteriormente. Angulos anteriores salientes e obtusos. Disco regularmente espesso e com pontilhado grosseiro. Mento apenas com impressão chata. Prosterno talhado em porção posterior, superiormente com angulo obtuso.

Nos ontros caracteres semelhante a *S. cruentus* Burm.

1a. *Sclerostomus cruentus* var. *neofragus* (Westw)

Fig. 44

WESTW. Trans. Ent. Soc. Lond. 1855, p. 207, t. 11, f. 3. ♂

Distribuição: Brasil (São Paulo).

♂ — Comprimento 5 lin. Côr negra. Lado superior mate. Lado inferior brilhante com pontilhado raro e fino. Cabeça transversa, ligeiramente pontilhada (variolosopunctatum). Meio do vertice mais liso, com excavação chata e arredondada. Gibbosidades intermediarias elevadas. Angulos anteriores tallados obliquamente. Gibbosidades das genas pequenas e espinhosas. Carena ocular divide o olho até a metade. Mandibulas salientes quasi

rectas, um pouco mais longas que a cabeça, e superiormente com uma carena cortante. Ponta espessa, alargada, como um pavilhão. Dente apical internamente alongado. Mento transverso, angulos anteriores arredondados. Pronoto um pouco mais largo e mais longo que a cabeça. Angulos anteriores obtusos. Lados, posteriormente ao meio, um pouco alargado. Disco com pontilhado muito fino. Sulco mediano bem profundo. Margem anterior, no meio, com prolongamento em capuz e corno; corno com ponta brilhante. Elytros curtos. Cada elytro aproximadamente com sete series pontilhadas finas e irregulares. Tibias anteriores com seis dentes grandes; tibias medias com tres dentes e tibias posteriores com dous.

♀ desconhecida.

Westwood só conhecia um exemplar.

1b. *Sclerostomus cruentus* var. *ditomoides* (Westw)

Fig. 46

WESTW. Trans. Ent. Soc. Lond. 1855, p. 208, t. 11, f. 4. ♂

Distribuição: Brasil (Rio de Janeiro).

♂ — Comprimento 5, mandibula 1 lin. Côr negra. Superiormente, mate; inferiormente muito brilhante, apenas pontilhado. Cabeça transversal, parte media com impressão obliqua e fraca. Disco com pontilhado espalhado (vage varioloso-punctato); pontos nas porções lateraes e posterior mais grosseiros. Margem anterior excavada. Gibbosidades intermediarias e evadas e brilhantes. Angulos anteriores obliquamente talhados. A carena ocular divide o olho até a metade. Gibbosidades genaes salientes (conforme a figura, como os do *neotragus*) e espiniformes. Labio superior escondido. Mandibulas recurvadas e quasi tão longas como a cabeça. Ponta quasi dividida em tres partes. Margem interna, no meio, com espinho curto e obtuso. Pronoto transverso, um pouco mais largo que a cabeça, com pontilhado muito fino e «punctatissimo» na impressão longitudinal. Angulos anteriores sa-

lientes e obtusos. Angulos posteriores obliquos. A ligeira impressão media termina anteriormente com um pequeno tuberculo duplo. De cada lado, na metade anterior, com uma impressão pequena e ligeira. Elytros pontilhados na base. As seis finas series pontilhadas apagam-se muito antes da ponta. Tibias anteriores com seis espinhos, tibiae medias com varios espinhos e tibiae posteriores com um espinho.

♀ desconhecida.

Westwood observou somente um exemplar.

1c. *Sclerostomus cruentus* var. *orbistratus* (Thoms)

THOMS. Ann. Soc. Ent. Fr. 1862, p. 429.

Distribuição: Brasil, Bahia.

♀ — Comprimento 10 mm. Cór negra, apenas brilhante. Elytros de cór ligeiramente parda (sub-fuliginosa). Cabeça granulosa. Pronoto com pontilhado grosseiro e denso. Parte media com impressão longitudinal que anteriormente faz duas pequenas saliências. Elytros não mais estreitos que o pronoto; elles são approximadamente duas vezes mais longos que o pronoto. Anteriormente, pontilhado; os pontos logo desaparecem no meio da cór parda. Hombros ligeiramente proeminentes. Patas pontilhadas. Tibias anteriores com muitos dentes; tibiae medias e posteriores com um forte dente. Corpo, no lado inferior, com fino pontilhado.

♂ desconhecido.

Esse coleoptero lembra o *S. coruntus* Sol. nome que não existe no catalogo dos Coleopteros de Junk e Schenkling; mas é apresentado como *in litt.* em Geminus Harold sob o nome de *Scortizus cucullatus* Bl. (Chili).

6. Genero **COLECEPHALARIA** Didier

DIDIER, Estud. Col. Lucan. du Globe, 1929, p. 121.

Typo do genero: *ebeninus* Deyr (*Platycerus*) 1861.

(Só uma especie.)

1. *Colecephalaria ebeninus* (Deyr)

Fig. 60

DEYR. Ann. Soc. Ent. Fr.⁴ IV; 1864, p. 317, t. 4 f. 4 (*Platycerus*).*Distribuição*: Brasil.

A diagnose original assim consta, em resumo: « ♂ Comprimento 12 mm. largura 4 1/2 mm. Côr negra. Brillhante. Talhe curto e robusto. Cabeça larga. Antennas muito esbeltas. Cabeça anteriormente com excavação circular, com forte impressão e com pontilhado bastante fino e abundante; que é ainda um pouco mais abundante nos lados e proximo dos olhos. Mandibulas arredondadas, bastante eurtas, fortemente alargadas; internamente com um forte dente no meio. Antennas alongadas, como nas outras especies, porém muito mais delgadas, as tres laminulas muito approximadas como nas femeas deste genero (tambem *Platycerus* de Aut.). Pronoto curto e largo, muito pouco estreitado anteriormente. Angulos posteriores largamente talhados, angulos antero-posteriores arredondados, o angulo posterior propriamente dicto ligeiramente acuminado. Margem posterior recta. Margem anterior largamente excavada de cada lado, a parte media com uma saliencia um pouco em forma de lobulo, assim como tambem os angulos anteriores. Todos os lados finamente marginados; margens muito elevadas. Superficie com um pontilhado fino e espalhado. Disco com quatro pontos impressos, dos quaes os dous anteriores são um pouco afastados e os posteriores, proximos á base, muito afastados. Elytros curtos, parallellos, largamente marginados junto ao angulo da sutura. Pontos das estrias pouco abundantes e pouco regulares; algumas interestrias um pouco elevadas, não nitidas e obtusas. Prosterno, posteriormente, entre as coxas medias, saliente e verticalmente talhado. Femures, até além da metade, um pouco espessados. Tibias, em toda extensão da parte inferior, com sulco estreito.

IV. Sub-familia SYNDESINAE

MAC LEAY, Horae ent. I, 1819. p. 104 (*Syudesidae*)

Sómente dois generos, dos quaes um, *Syndesus* M. Leay, só encerra especies (cinco) do Velho Mundo; o outro genero, *Hexaphyllum* Gray, só encerra especies (duas) americanas: *H. aequinoctiale* Buquet de Bogotá e da Argentina, e *H. schuberti* Perty, do Brasil.

1. Genero **HEXAPHYLLUM** Gray

GRAY in Griff. Animal Kingdom. Ins. I. 1832, p. 536.

Psilodou PERTY, Delect. Anim. 1830, p. 53.

Typo do genero: *schuberti* Perty 1830.

1. *Hexaphyllum schuberti* (Perty)

Fig. 48, 49.

PERTY, Delect. Anim. 1830, p. 54, t. 11, fig. 12 ♀ — CAST. Hist. Nat. Ins. II, 1837, pg. 176.

brasilense GRAY, Griff. Anim. Kingdom., Ins. I, 1832, p. 536, t. 46 f. 4 — WESTW. Ann. Sc. Nat. (2) I, 1834, p. 114, t. 7, f. 1 e 2 — BURM. Handb. V, 1847, p. 532.

Distribuição: Brasil meridional.

Museu Paulista: Minas Geraes. I ♀.

Coll. Melzer. Guarujá (Santos) XII, 1920, W. Melzer leg. 2 ♂♂.

Coll. Zikán. Passa Quatro (Minas) 1160 m., I, 1923. I ♂.

Comprimento (desde a ponta das mandibulas) 15-18 mm. Fortemente abaulado, cylindrico. Brillhante. Todo negro ou, principalmente o lado inferior, de côr mais ou menos parda avermelhada; pubescencia avermelhada, muito rara; palpos labiaes e maxillares, assim como as antennas, pardas avermelhadas, ou as laminas mais claras. Cabeça muito curta, principalmente no ♂, muito mais

estreita que o pronoto; na parte anterior com profunda excavação; a excavação é lisa, e passa imediatamente para a carena ocular que avança anteriormente sobre o olho (porém não o divide) sob a forma de uma gibbosidade espessa. Olhos muito grandes, anteriormente tumefeitos e em contacto directo com o pronoto. Labio superior muito pequeno, oval, vertical. Antennas com seis laminas esbeltas, sendo as anteriores de igual comprimento. Pronoto transverso, apenas mais largo que os elytros, fortemente abaulados, de largura bastante uniforme, e marginado nas margens lateraes e posterior, assim como nos lados da margem anterior, proximo dos angulos anteriores. Margem anterior (para alojar os olhos) com duas profundas excavações. Margem posterior bastante recta, muito mais longa que a margem anterior. Lados arredondados, lisos ou entalhados. Angulos anteriores nitidos; angulos posteriores arredondados. Disco não plano, irregularmente provido de pontos grosseiros ou finos em maior ou menor abundancia; no meio um largo e profundo sulco longitudinal não encurtado, cujos lados se espessam fortemente na parte anterior. Elytros com dez sulcos regularmente largos e profundos e forte formação em bastonete; as pontas são transversas e quadrangulares. As interestrias alternadamente elevadas e em faixas, são lisas ou finamente pontilhadas. Hombros com pontas muito finas. Labio inferior pontilhado e pubescente. Garganta lisa. Prosterno, em fôrma de sapateiro, estreito, na parte posterior totalmente arredondado. Mesosterno com pontilhado grosseiro e irregular; a porção estreita, entre as coxas medias, fortemente deprimida. Metasterno fortemente convexo, com pontilhado irregular, mais grosseiro ou mais fino, mais denso ou mais espalhado, e mais ou menos pubescente. Episternos estreitos, um pouco alargados anteriormente, e pontilhados. Tibias anteriores, em ponta, com dous possantes espinhos lateraes, entumescidos na base, e posteriormente com dentes entalhados muito menores. Tibias medias e posteriores denteadas, sendo o dente inferior o mais robusto.

♂ — Mandibulas um pouco mais curtas que o pronoto no meio, recurvadas para dentro, em ponta, na margem superior com dente muito robusto, e com um dente duplo, menor, no meio ou posteriormente ao meio. Cabeça muito curta. Gibbosidades intermediarias ausentes. Pronoto, anteriormente, no meio, saliente em fortes bordas e terminando em uma pequena gibbosidade.

♀ — Mandibulas muito mais curtas que no ♂, com longos cilios, proeminentes e rectas, recurvadas para cima, em ponta e com um dente na margem superior, posteriormente ao meio. Cabeça muito mais longa que no ♂, pontilhada, e no meio da margem posterior, com uma fosseta. Gibbosidades intermediarias possantes, espiniformes, proximos á margem anterior da cabeça e formando uma furcula com a gibbosidade terminal da carena ocular. Pronoto, anteriormente no meio, pouco saliente, terminando em duas gibbosidades.

Suplemento

Leptinopterus gracillipes Dider

DIDIER — Études sur les Coleoptères Lucanides du Globe, Fasc. 3-4, 1928.

«Voisin du *L. tibialis* Eschs, et surtout du *L. gracilis* Boileau.

♂. Tête haute, rétrécie en avant, à surface mate, finement granuleuse; canthus à peine indiqués; mandibules plus convexes en dehors que chez *gracilis*, légèrement canaliculées, à pointe apicale peu aigue, légèrement courbée en dedans, ne formant pas de crochet à son extrémité comme chez *tibialis*; le bord interne est inerme depuis la dent basale jusqu'au tiers supérieur où existent trois denticules peu saillants.

Antennes longues, à scape plus robuste que le fouet; le 2^e article est plus court que les articles 3 et 4; le 7^e est renflé, le 8^e brillant, en éperon, triangulaire; le 9^e

avec la zone spongieuse très réduite portée par une cupule brillante; au 10^e la zone spongieuse est plus arrondie, plus large, et la cupule brillante plus étroite.

Pattes fines, élégantes, noires, avec quelques denticules sur le bord externe des tibias antérieurs; tibias médians et postérieurs inermes.

♀. Tête haute, fortement ponctuée, à angles antérieurs arrondis; bord antérieur légèrement concave; mandibules larges, convexes carénées; tête élargie au niveau des joues en arrière de l'œil.

Prothorax à côtés externes fortement convexes jusqu'à l'angle médian bien marqué; surface finement ponctuée.

Élytres bombés à contour externe arrondi.

Pattes grêles, noires; quelques denticules arment le bord externe des tibias antérieurs.

Coloration brun rouge un peu plus claire sur les élytres, la couleur de la femelle est plus sombre que celle du mâle.

Les dimensions principales sont les suivantes:

	♂	♀
Longueur totale, mandibules incluses:	25,5 mm.	16 mm.
Longueur des mandibules:	8,5 mm.	1,5 mm.
Largeur maxima aux élytres:	7 mm.	7 mm.
Largeur maxima au prothorax:	7 mm.	6,5 mm.

Type du Brésil. Coll. R. Didier, ex-coll. Boileau.»

Pertence ao grupo principal *Femoratus*, porém não se aproxima de nenhum de seus grupos, principalmente os ♂♂ por causa dos elytros largos e fortemente arredondados nos lados, motivo pelo qual deve formar um grupo a parte.

A chave do grupo pode ser modificada da seguinte maneira:

- 1 — Pronoto no ♂ e ♀, com angulos antero-posteriores muito nitidos ou, pelo menos, indicados.
- 1a. Elytros, pelo menos no ♂, com as faces lateraes fortemente arredondados; no quarto anterior muito mais largos, do que

o pronoto em sua maior largura, sendo os angulos anteriores tão largos como os angulos antero-posteriores do pronoto (pelo desenho de Didien. Pronoto da ♀ finamente pontuado.

Côr — ♂♂ e ♀♀, castanho-avermelhado, pernas pretas . . .

Grupo GRACILIPES

1a.a. Elytros sempre visivelmente mais estreitos do que o pronoto.

2 — Mandíbula do ♂ symetrica...

Indice das figuras

- Pholidotus spixi* Perty ab. *plajietus* Figs. 2, 4 ♂♂, 6 ♀.
- Pholidotus humboldti* Gyll. Figs. 1 ♂, maior 9 ♀.
- Pholidotus lindei* Boil. Figs. 3 e 54 ♂♂.
- Leptinopterus constricticollis* Heller Fig. 66 ♂.
- Leptinopterus v-nigrum* Hope Fig. 20 ♀
- Leptinopterus v-nigrum* Hope forma *a* Luederw. Fig. 27 ♀.
- Leptinopterus affinis* Parry Fig. 18 ♂ maior (Tr. Ent. Soc. Lond. 1872 1 — f. 5).
- Leptinopterus nitidus* Luederw. Fig. 28 ♂ maior.
- Leptinopterus nitidus* Luederw. ab. *lepidus* Luederw. Fig. 24 ♀.
- Leptinopterus ibex* Billb. Figs. 22 ♀, 23 e 29 ♂♂.
- Leptinopterus sacorhamphus* Cast. Figs. 21 ♀, 25 ♂.
- Leptinopterus atramentarius* Nagel, Fig. 26 ♂. (Deut. Ent. Z. 1928 p. 277).
- Leptinopterus gracilis* Boil. Figs 30 ♀, 31 ♂ max., 36 ♂ maior, 37 e 40 ♂♂ minor.
- Leptinopterus femoratus* F. Fig. 34 ♂ maior.
- Leptinopterus elegans* Jacowl. Fig. 32 ♂ maior.
- Leptinopterus suturalis* Luederw. Fig. 35 ♂ maior.
- Leptinopterus pellitomarginatus* Luederw. Fig. 14 ♀.
- Leptinopterus tibialis* Eschsch. Fig. 33 ♂ maior.
- Leptinopterus rotundicollis* Luederw. Fig. 16 ♀.
- Leptinopterus fraternus* Westw. Fig. 10 ♂. (Tr. Ent. Soc. Lond. 1864-66 VII f. 3).
- Leptinopterus paranensis* Parry Fig. 13 ♂ maior.

- Leptinopterus fryi* Parry. Fig. 12 ♂ *maximus*. (Tr. Ent. Soc. Lond. 1864-66 VII f. 4).
- Leptinopterus robustus* Luederw. Figs. 5 ♀, 7 ♂ *maior*.
- Leptinopterus polyodontus* Hope Fig. 8 ♂ *maior* 17 ♀.
- Leptinopterus bicolor* Luederw. Fig. 11 ♂.
- Macrocrates bucephalus* Hope (Westw.) Fig. 39 ♂. (Tr. Ent. Soc. Lond. 1864-66 X f. 9).
- Macrocrates australis* Luederw. Figs. 15 ♀, 19 ♂ *maior*, 68 labio inferior ♂.
- Macrocrates formosus* Didier Fig. 38 ♂. (Bul. Soc. Ent. Fr. 1926 p. 82-83)
- Aegognathus spitzi* Ohaus. Figs. 62, 63 ♂♂ e 65 ♀.
- Metadoreus rotundatus* Parry. Figs. 42 ♀, 43 ♂.
- Scortizus maculatus* Klug. Figs. 50 ♂ 51 ♀.
- Sclerostomus rotundatus* Boil. Fig. 56 ♂.
- Sclerostomus zikani* Ohaus. Fig. 52 ♂, 53 ♀.
- Sclerostomus ruficollis* Luederw. Figs. 55 c 64 a, b, c.
- Sclerostomus costatus* Hope (Westw.) Fig. 45.
- Sclerostomus costatus* Hope (Westw.) sub. sp. *genalis* Luederw. Fig. 57 ♀.
- Sclerostomus plagiatu*s Burm. Fig. 47 ♂. (Tr. Ent. Soc. Lond. 1855 — II — f. 2)
- Sclerostomus securiformis* Luederw. Fig. 58 ♂ 59 ♀ ?
- Sclerostomus truncatus* Luederw. Fig. 61 ♂.
- Sclerostomus signatipennis* Dcy. Fig. 41 ♂.
- Sclerostomus cruentus* var. *neotragus* Westw. Fig. 44 ♂. (Tr. Ent. Soc. Lond. 1855 — II — f. 3).
- Sclerostomus cruentus* var. *ditomoides* Westw. Fig. 46 ♂. 1. c. f. 1.
- Colecephalaria ebeninus* Deyr. Fig. 60 ♂.
- Hexaphyllum schuberti* Perty. Figs. 48 ♂, 49 ♀.

Estampa 1.

- Fig. 1 *Pholidotus humboldti* Gyll. ♂ *maior*.
- Fig. 2 *Pholidotus spixi* Perty ab. *plagietus* Lucem. ♂
- Fig. 3 *Pholidotus lindei* Boil. ♂ *maior*.

- Fig. 4 *Pholidotus spixi* Perty ♂
Fig. 5 *Leptinopterus robustus* Luederw. ♀
Fig. 6 *Pholidotus spixi* Perty ♀
Fig. 7 *Leptinopterus robustus* Luederw. ♂ maior.
Fig. 8 *Leptinopterus polyodontus* Hope ♂ maior.
Fig. 9 *Pholidotus humboldti* Gyll. ♀
Fig. 10 *Leptinopterus fraternus* Westw. ♂ (Trans. Ent. Soc. Lond. 1864-66).
Fig. 11 *Leptinopterus bicolor* Luederw. ♂
Fig. 12 *Leptinopterus fryi* Parry ♂ maximus (Trans. Ent. Soc. Lond. 1864-66 VII — f. 4).

Estampa II.

- Fig. 13 *Leptinopterus paranensis* Parry ♂ maior.
Fig. 14 *Leptinopterus pellitomarginatus* Luederw. ♀
Fig. 15 *Macrocrates australis* Luederw. ♀
Fig. 16 *Leptinopterus rotundicollis* Luederw. ♀
Fig. 17 *Leptinopterus polyodontus* Hope ♀
Fig. 18 *Leptinopterus affinis* Parry ♂ maior (Trans. Ent. Soc. Lond. 1872 I — fig. 5).
Fig. 19 *Macrocrates australis* Luederw. ♂
Fig. 20 *Leptinopterus v-nigrum* Hope ♀
Fig. 21 *Leptinopterus sacorhamphus* Cast. ♂
Fig. 22 *Leptinopterus ibex* Billb. ♂
Fig. 23 *Leptinopterus ibex* Billb. ♂
Fig. 24 *Leptinopterus nitidus* Luederw. ab. *lepidus* Luederw. ♀
Fig. 25 *Leptinopterus sacorhamphus* Cast. ♂
Fig. 26 *Leptinopterus atramentarius* Nagel ♂ (Deutsch. Ent. Z. 1928 f. 277).
Fig. 27 *Leptinopterus v-nigrum* Hope ♂ maior, forma *a* Luederw.
Fig. 28 *Leptinopterus nitidus* Luederw. ♂ maior.
Fig. 29 *Leptinopterus ibex* Billb. ♂
Fig. 30 *Leptinopterus gracilis* Billb. ♀

Estampa III.

- Fig. 31 *Leptiuopterus gracilis* Boil. ♂ max.
Fig. 32 *Leptiuopterus elegans* Jacowl. ♂ maior.
Fig. 33 *Leptiuopterus tibialis* Eschsch. ♂ maior.
Fig. 34 *Leptiuopterus femoratus* F. ♂ maior.
Fig. 35 *Leptiuopterus saturalis* Luederw. ♂ maior.
Fig. 36 *Leptiuopterus gracilis* Boil. ♂ maior.
Fig. 37 *Leptiuopterus gracilis* Boil. ♂ minor.
Fig. 38 *Macrocrates formosus* Didier ♀ (Bul. Soc. Ent. Fr. 1926 p. 82-83).
Fig. 39 *Macrocrates bucephalus* Hope (Westw) ♂ (Trans. Ent Soc. Lond. 1864-66 VII — f. 4).
Fig. 40 *Leptiuopterus gracilis* ♂ minor.
Fig. 41 *Sclerostomus signatipennis* Deyr. ♂
Fig. 42 *Metadorcus rotundatus* Parry ♀
Fig. 43 *Metadorcus rotundatus* Parry ♂
Fig. 44 *Sclerostomus cruentus* Westw. var. *neotragus* Westw. ♂ (Trans. Ent. Soc. Lond. 1855 II — f. 3).
Fig. 45 *Sclerostomus costatus* Burm. ♀ l. c. f. 5.
Fig. 46 *Sclerostomus cruentus* var. *ditomiodes* Westw. l. c. f. 4.
Fig. 47 *Sclerostomus plagiatus* Burm. ♂ l. c. f. 2.

Estampa IV.

- Fig. 48 *Hexaphyllum schuberti* Perty ♂
Fig. 49 *Hexaphyllum schuberti* Perty ♀
Fig. 50 *Scortizus maculatus* Klug. ♂
Fig. 51 *Scortizus maculatus* Klug. ♀
Fig. 52 *Sclerostomus zikani* Ohaus. ♂
Fig. 53 *Sclerostomus zikani* Ohaus. ♀
Fig. 54 *Pholidotus lindei* Boil. ♂ maior.
Fig. 55 *Sclerostomus ruficollis* Luederw. ♀
Fig. 56 *Sclerostomus rotundatus* Boil. (Mem. Soc. Ent. Belg. IX 1902 I — f. 4).

Fig. 57 *Sclerostomus costatus* Hope ♀ sub-esp. *genalis* Luederw.

Fig. 58 *Sclerostomus securiformis* ♂ Luederw.

Fig. 59 *Sclerostomus securiformis* Luederw. ♀?

Fig. 60 *Platycerus ebeninus* Deyer (Ann. Soc. Ent. Fr. 1864 IV f. 4).

Fig. 61 *Sclerostomus truncatus* Luederw. ♂

Fig. 62 *Aegognathus spitzi* Ohaus. ♂ *minor*.

Fig. 63 *Aegognathus spitzi* Ohaus. ♂ *maior*.

Fig. 64 *Sclerostomus ruficollis* Luederw. Mandibulas a) ♂ esquerda b) ♀ direita, c) ♀

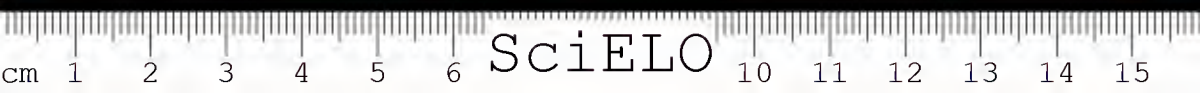
Fig. 65 *Aegognathus spitzi* Ohaus ♀

Fig. 66 *Leptinopterus constricticollis* Heller ♂

Fig. 67 Terminologia da mandíbula:

- a) parte apical.
- b) dente apical
- c) dente mediano
- d) dente basal
- f) carena intermedia.

Fig. 68 *Macrocrates australis* Luederw. (labio inferior).



Indice

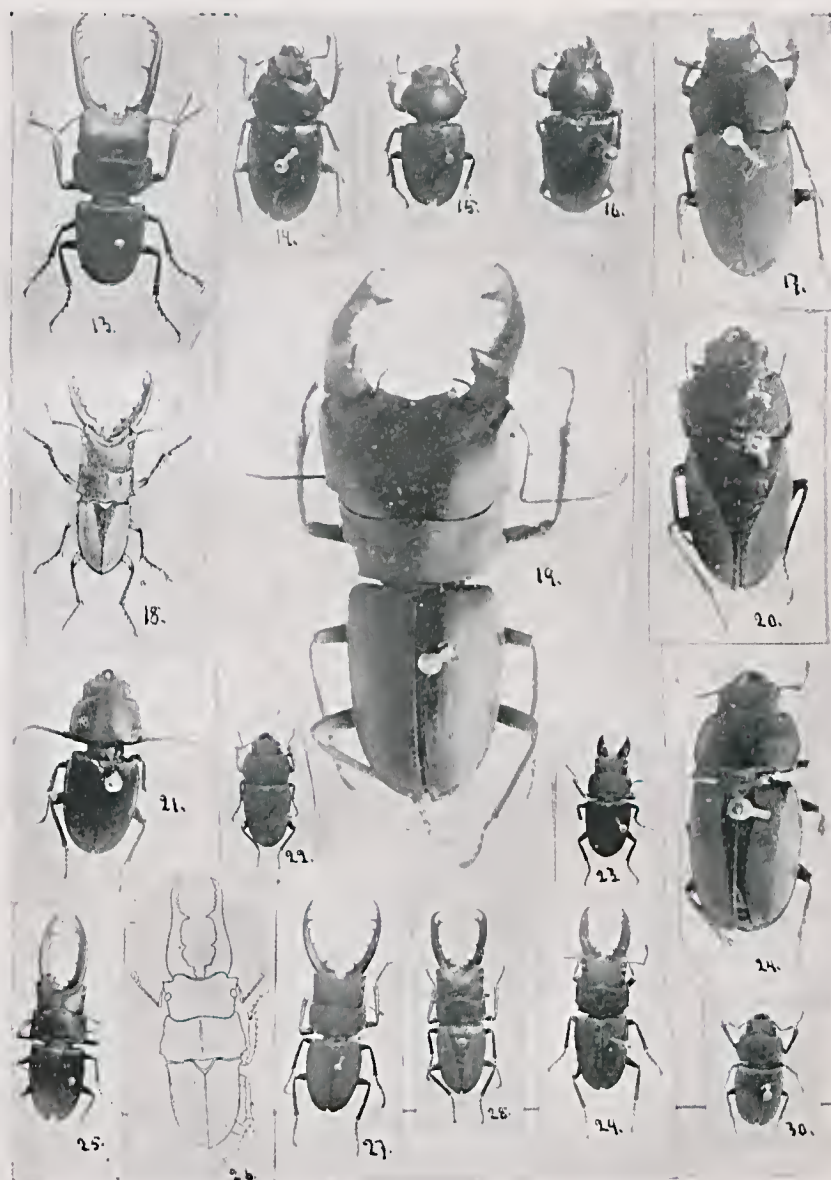
<i>Aegognathus</i>	515	<i>Denticulatus</i> (grupo)	547
<i>affinis</i> , <i>Leptinopterus</i> ...	475	<i>deuticulatus</i> , <i>Sclerostomus</i>	547
<i>atramentarius</i> , <i>Leptinopterus</i>	483	<i>Dentifer</i> (grupo).....	549
<i>auritus</i> , <i>Metadorcinus</i> ...	522	<i>dentifer</i> , <i>Sclerostomus</i> ...	550
<i>aurocinctus</i> , <i>Sclerostomus</i>	555	<i>ditomoides</i> , <i>Sclerostomus</i>	
<i>australis</i> , <i>Macrocrates</i> ...	510	<i>cruentus</i>	560
<i>bicolor</i> , <i>Leptinopterus</i> ...	505	<i>Dorcinae</i>	514
<i>brasiliense</i> Gray.....	563	<i>ebeninus</i> , <i>Colecephalaria</i>	562
<i>bucephalus</i> <i>Macrocrates</i>	509	<i>elegans</i> , <i>Leptinopterus</i> ...	490
<i>bucki</i> , <i>Leptinopterus</i> ti-		<i>erythrocnemus</i> , <i>Leptino-</i>	
<i>bialis</i>	493	<i>pterus</i>	494
<i>Casignetus</i> M'Leay.....	451	<i>Femoratus</i> (Grupo princi-	
<i>castaneus</i> , <i>Leptinopterus</i>		<i>pal</i>)	471
<i>tibialis</i>	494	<i>Femoratus</i> (grupo)	487
<i>catharinensis</i> , <i>Leptinopte-</i>		<i>femoratus</i> , <i>Leptinopterus</i>	488
<i>rus elegans</i>	490	<i>femoratus</i> Thoms.....	494
<i>Chalcimon</i> Dalm.....	451	<i>formosus</i> , <i>Macrocrates</i> ...	513
<i>Chiasognathinae</i>	451	<i>Fraternus</i> (grupo princi-	
<i>Cladognathinae</i>	457	<i>pal</i>)	496
<i>Colecephalaria</i>	561	<i>fraternus</i> , <i>Leptinopterus</i>	496
<i>consimillis</i> , <i>Leptinopterus</i>	504	<i>Fryi</i> (grupo principal)...	499
<i>Constricticollis</i> (grupo)..	473	<i>fryi</i> , <i>Leptinopterus</i>	499
<i>constricticollis</i> , <i>Leptino-</i>		<i>funereus</i> Hope.....	478
<i>terus</i>	473	<i>genalis</i> , <i>Sclerostomus</i> cos-	
<i>Costatus</i> (grupo).....	538	<i>tatus</i>	541
<i>costatus</i> , <i>Sclerostomus</i> ...	539	<i>geotrupoides</i> M'Leay....	455
<i>cribratus</i> , <i>Sclerostomus</i>		<i>Gounellei</i> (grupo).....	537
<i>cruentus</i>	561	<i>gounellei</i> , <i>Sclerostomus</i> ..	537
<i>Cruentus</i> (grupo).....	557	<i>gracilipes</i> , <i>Leptinopterus</i>	565
<i>cruentus</i> , <i>Sclerostomus</i> ..	557	<i>Gracilis</i> (grupo).....	484
<i>cuniculus</i> , <i>Sclerostomus</i>		<i>gracilis</i> , <i>Leptinopterus</i> ...	484
<i>costatus</i>	542	<i>hastatus</i> Westm.....	543
<i>dejeani</i> , Buquet.....	454	<i>Hexaphyllum</i>	563

humboldti, Pholidotus...	455	polyodontus, Leptinopterus	502
Ibex (grupo).....	477	<i>Psalidosomus</i> Burm.....	457
ibex, Leptinopterus.....	480	<i>Psilodon</i> Perty.....	563
immaculatus Leptinopte-		puneticollis, Leptinopte-	
rus v-nigrum.....	475	rus.....	506
<i>interruplocarinulatus</i>		Robustus (grupo princ-	
Hllv.....	539	pal.....	500
iridieolor Aegognathus..	518	robustus, Leptinopterus.	500
<i>irroratus</i> Hope.....	526	Rotundatus (grupo)....	529
<i>lepidosus</i> M'Leay.....	455	rotundatus, Sclerostomus	530
lepidus, Leptinopterus		rotundatus, Metadorcus..	521
nitidus.....	477	rotundicollis, Leptinopte-	
Leptinopterus.....	457	rus.....	495
lindei, Pholidotus.....	456	ruficollis, Sclerostomus..	534
Lucauidae.....	449	sareorhamphus, Leptinop-	
lucidus, Leptinopterus		terus.....	481
femoratus.....	489	schuberti, Hexaphyllum	563
luederwaldti, Leptinopte-		<i>sclerognathus</i> Hope.....	527
rus.....	506	Sclerostomus.....	527
Macroerates.....	507	Seortizus.....	524
maeulatus, Seortizus....	526	seuriformis, Sclerosto-	
marginivillosus, Scleros-		mus.....	545
tomus.....	535	Signatipennis (grupo)...	553
mazama, Leptinopterus..	483	signatipeunis, Sclerosto-	
melanarius, Leptinopte-		mus.....	553
rus.....	478	spitzl, Aegognathus....	516
Metadorcinus.....	522	spixi, Pholidotus.....	454
Metadoreus.....	519	suleieolis, Sclerostomus..	549
<i>morio</i> Burm.....	478	Supplemento.....	565
nigra, Leptinopterus po-		suturalis, Leptinopterus.	490
lyodontus.....	503	Syndesinae.....	563
nigrotibialis, Leptinopterus	506	Tibialis (grupo).....	492
nitidus, Leptinopterus...	476	<i>tibialis</i> Klug.....	494
neotragus, Sclerostomus		tibialis, Leptinopterus...	492
eruentus.....	559	<i>triangularis</i> Burm.....	474
Paranaensis (grupo prin-		tristis, Sclerostomus erueu-	
cipal).....	497	tus.....	558
paranaensis, Leptinopterus	497	truncatus, Sclerostomus.	551
pellitomarginatus, Lepti-		unicolor, Leptinopterus	
nopterus.....	491	polyodontus.....	503
Pholidotus.....	451	V-Nigrum (grupo).....	474
Plagiatus (grupo).....	543	v-nigrum, Leptinopterus	474
plagiatus, Sclerostomus..	543	ypirangensis, Leptinopte-	
Polyodontus (grupo prin-		rus.....	489
cipal).....	501	zikani, Sclerostomus....	531



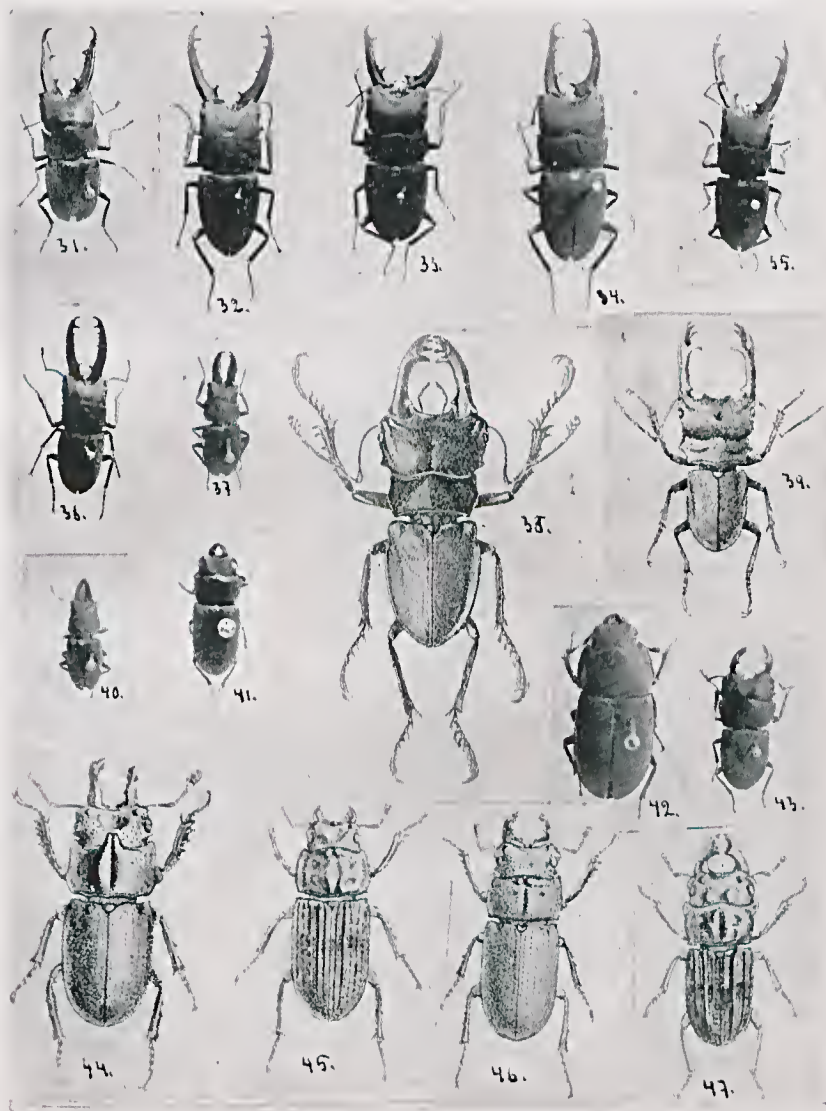


SciELO

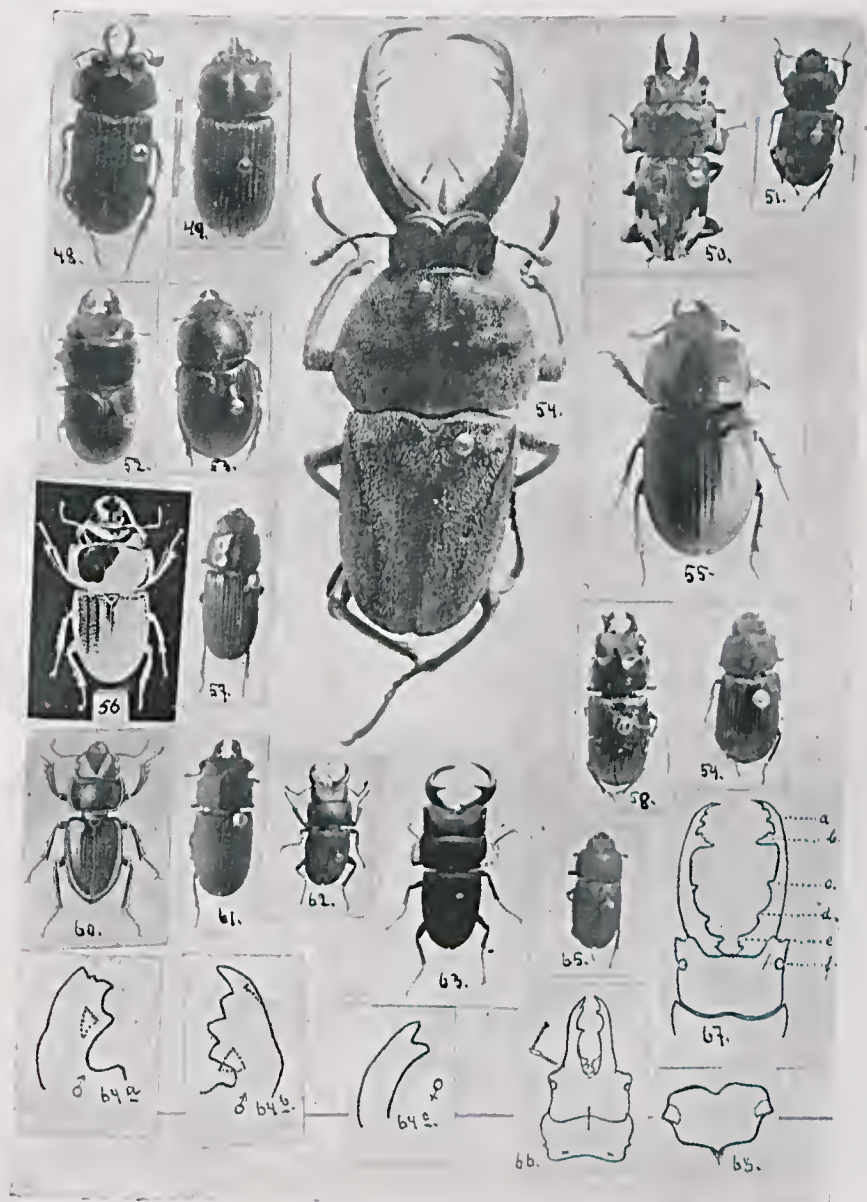




SciELO









Nota sobre *Phanaeus* (*Megaphanaeus*) *septentrionalis* Pessôa

POR

JOÃO LANE

E

C. AMADEU DE CAMARGO ANDRADE

O Professor Dr. Samuel B. Pessôa,¹ quando fez a revisão do genero *Phanaeus*, teve oportunidade de descrever uma nova especie do sub-genero *Megaphanaeus*, baseando-se em 5 exemplares da collecção do Museu Paulista e provenientes de Belém, Pará, denominando-a *septentrionalis* em alusão a sua distribuição geographica.

Este material tem todos os caracteristicos das ♀♀ do genero e como tal foi encarado pelo autor em seu referido trabalho.

Posteriormente recebemos uma collecção de coleopteros, para determinar, propriedade da firma Zellibor & Hauf (Instituto Cientifico Natural), da qual separamos alguns *Phanaeus* e dentre estes 7 exemplares identicos a *septentrionalis* Pessôa, provinientes de Manaus e Santarém.

Levados pela curiosidade de só apparecerem ♀♀ da referida especie e para aclarar certas duvidas que po-

(1) Contribuição para o conhecimento das especies brasileiras do genero *Phanaeus* (Col. Searabaeidae). — Annuaire da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Vol. X, Fasc. III, 1934.

deriam surgir futuramente, sobre a identidade desta especie, resolvemos, de commum accordo com o autor fazer algumas dissecções para comprovação do sexo. O resultado foi magnifico. Tivemos occasião de constatar que o material typico era constituido por 4 ♀♀ e 1 ♂, conseguindo, tambem, 1 ♂ no novo material.

A vista deste resultado a questão ficou nas seguintes condições: — o material typico é constituido por 4 ♀♀ e 1 ♂; os exemplares ♂♂, não differem das ♀♀ por caracteres secundarios.

Assim sendo, esta especie não cahe na chave de Olsoufieff (2) modificada por Pessoa (3), pelo que se torna necessario ou formar para ella um novo subgenero ou modificar a chave de modo a abrangel-a como nos parece mais razoavel. De accordo com esta ultima interpretação substitua-se, na chave dos sub-generos, a dichotomia 2, segunda parte, pelo seguinte:

♀♀ com tarsos anteriores; ♂ e ♀ com um longo corno cephalico; ♀♀ em geral differindo quanto a forma exterior pouco dos ♂♂ ou ♀♀ com um corno mais curto, com dois pequenos cornos supplementares (tridenteado), porem então os elytros são quasi mates, excepto *SEPTENTRIONALIS* em que não ha differença entre ♂♂ e ♀♀. Corpo grande e massiço (até 55 mm.) com uma forte saliencia mediana denteada sobre o pronoto sub-genero *MEGAPHANAEUS*.

Na chave das especies, do referido sub-genero, substitua-se pelo seguinte:

Especies menores (34-39 mm.) carena do pronoto em
♂♂ e ♀♀ sem cornos lateraes
Ph. (M) septentrionalis Pessoa

A descripção da especie é fiél, sendo necessario substituir onde se lê — ...5 exemplares, todos jemeas...

(1) d'OLSOUFIEFF, G. — *Les Phaneides (Coleoptera Lamellicornia)* Fam. Scarabaeidae — Trib. Coprini. Insecta, 13.e année — 1924.

(2) l. c.

pelo seguinte: 4 ♀♀ e 1 ♂... e no título do quadro comparativo, na pag. seguinte, leia-se ♂ e ♀ em lugar de ♀ completando a descrição com a seguinte nota: ♂♂ e ♀♀ *idênticos, não ha caracteres secundarios que habilitem a distinguir os sexos.*

Como bem assignalou Pessoa muitos são os traços externos subseptíveis de provocar uma confusão desta especie com *bonariensis*, porém, os parameros são bem differentes, limitando perfeitamente as duas especies.

Aqui apresentamos os typos mais proximos de parameros, desenhados em quatro faces, tornando assim mais facil uma verificação. Representam os desenhos, da esquerda para direita, respectivamente as faces lateral, dorsal, ventral e frontal, esta ultima posição tem a vantagem de completar os detalhes e dar uma idéa perfeita das proporções entre a base e o apice, como tambem uma vista geral da forma.

- 1-A, 1-B, 1-C, 1-D, *Ph. (M.) ensifer* GERM.
 2-A, 2-B, 2-C, 2-D, *Ph. (M.) lancifer.* (L)
 3-A, 3-B, 3-C, 3-D, *Ph. (M.) bonariensis* GORY.
 4-A, 4-B, 4-C, 4-D, *Ph. (M.) septentrionalis* Pessoa.





1a



1b



1c



1d



2a



2b



2c



2d



3a



3b



3c



3d



4a



4b



4c



4d

Camargo del



SciELO

REVISÃO DAS CINCO ESPECIES
DO GENERO
MYELOBIA HERR.-SCHAEFF

(*Morpheis* Hbn.) (Fam. *Pyrilidae*, Microlep.) com 7 figuras.

por

ROBERTO SPITZ

(Sub-assistente aposentado do Museu Paulista.)

As cinco especies até agora descriptas são as seguintes:

- 1.^o *Myelobia smerintha* Huebner. Vol. II, estampa 408, fig. 3-4; Walker Cat. Sep. Het. B. M. VII, pg. 1.546 (1856), Burmeister Descr. Rep. Argent. Atlas Lepid. pag. 61 (1880);
- 2.) *Myelobia paleacea* Herr.-Schaeff. Vol. I. pag. 75, fig. 150;
- 3.) *Myelobia decolorata* Herr.-Schaeff. Vol. I. pag. 75 fig. 151;
- 4.) *Myelobia pustulata* Herr.-Schaeff. Vol. I. pag. 75, fig. 152;
- 5.) *Myelobia murina* Herr.-Schaeff. Vol. I. pag. 75, fig. 153;

Kirby cita no seu catalogo vol. I, pag. 877 (1892) *pustulata* como synonyma de *smerintha*, e cita *paleacea*, *decolorata* e *murina* como especies boas.

A' *M. smerintha* junta-se como nova descripção a de *Morpheis smerinthea*, var. *alba* Koehler, «Fauna Argent. II, pag. 26 (1924)», e um trabalho interessante do Dou-

tor Rodolpho v. Ihering, intitulado: Observações sobre *Myelobia smerintha* Hbn.,» Revista de la Sociedad Argent. Physis III, pg. 60-68 (1916)» Infelizmente os trabalhos de Burmeister e de Koehler não foram accessíveis e aquelle do Dr. v. Ihering não se toma em consideração, para o presente trabalho, por só visarmos aqui, o esclarecimento da identidade das cinco especies supra mencionadas. O Sr. Koehler deve ter descripto uma forma da *M. smerintha*.

Inicialmente seja dito que *M. smerintha* é uma especie muito variavel da qual ainda não foi publicado nenhum resultado positivo de sua criação.

Myelobia smerintha Hbn. (supra sob. 1.) é a especie originariamente descripta e incontestada do genero, por isso ella deve valer por forma nominal. As illustrações de Huebner dão bôa imagem de uma ♀, com 110 mm. de extensão das azas, de colloração amarello tostado escuro e de desenhos fracos, da qual Walker dá bôa descripção. Por isso deve ser reconhecida como ♀ typica da forma nominal.

As outras tres especies supra mencionadas sob 2.-4, foram descriptas em poucas palavras e figuradas por Herr.-Schaeffer; tambem para ellas Walker dá descripções mais minuciosas. A especie *decolorata* supra citada sob 3. (descripta por Herr.-Schaeff. como 2.^a especie) consideremol-a por emquanto, como bôa e tratemos, primeiramente das especies citadas sob 2., 4. e 5. como formas da *smerintha*.

Como 1.^a especie, na serie das suas descripções, Herr.-Schff. citou um ♂ como *paleacea*, figurando-o com uma envergadura de 71 mm. (supra sob 2), como terceira especie (em cima sob 4) *pustulata*, tambem um ♂, com a extensão das azas de 101 mm. e como quarta cita *murina* ♀ com 99 mm. Resulta das descripções e illustrações¹ uma extensão das azas de 71-101 mm. para os

(1) Supõe-se que as illustrações de Huebner e Herr.-Sch. correspondam ao tamanho natural.

♂♂ e de 99-110 mm. para as ♀♀. Em suas curtas diagnoses dá, para *paleacea* ♀: «côr empoada, azas anteriores com pontos dispersos, forceps anal curioso»; para *pustulata* ♂: «duas listas umbrosas de 3/4 da borda anterior até o meio da borda interior, denteadas e sinuosas, no meio quasi interrompidas, o espaço entre ellas ponteadado em preto mais forte, azas posteriores na borda anterior e interior em amarello argilloso», para *murina* ♀: «azas anteriores em fulvo só». No fim das descrições acrescenta ainda: «Não sei porque o Sr. Walker quer juntar a minha *pustulata* á *smerintha* de Huebner. Talvez fosse mais conviniente a ligação da primeira com a segunda e da terceira com a quarta especie; todas são da America do Sul e vivem, em seus primeiros estagios, sem duvida, em troncos vegetaes». Pelo exposto ha ligação da *paleacea* com a *decolorata* e da *pustulata* com a *murina*.

Walker foi o primeiro que se occupou do grupo *smerintha*, mais intensivamente; junta *pustulata* H.-Sch. ♂ á *smerintha* Hbn. ♀ e dá para ambas a diagnose seguinte: «castanho claro, abdomen castanho escuro, margem apical castanho pallido. Azas anteriores ponteadas de preto, duas faixas apicaes interrompidas. Azas posteriores alvas, margem anterior amarellada, base pardacenta». Para *paleacea* ♂ cita: «côr de palha, azas anteriores escuras fracamente ponteadas, duas listas no apex cinzentas, azas posteriores brancas»; e para *murina* ♀: «castanho escuro, com listas amarelladas no dorso, das azas anteriores ás maculas obliquas formando faixas anegradas, azas posteriores brancas, base avermelhada, e costta amarellada. Note-se a respeito das illustrações de Huebner e de Herrich-Schaeffer, que as reproduções do primeiro (estampa 408, fig. 3-4) dão bôa imagem de uma ♀ castanho amarellada escura e, excepto quanto a macula cellular, quasi sem desenho. A *paleacea* de H.-Sch. fig. 150 corresponde em côr e desenho ao *facies* do ♂; as illustrações fig. 152 da *pustulata* ♂ e fig. 153 da *murina* ♀ ficaram cinzento escuros demais. Os ♂♂ são

sempre cinzento-empoados, ou cinzento-amarellados claros, e as ♀♀ amarello mais carregado.

A prova da synonymia das tres especies descriptas por H. Schaeffer com a *M. smerintha* de Huebner deduz-se do seguinte: Temos mais de 50 exemplares collectados em duas noites. De um total de 800-900 exemplares foram escolhidos os mais extremados em relação ao tamanho, á côr e ao desenho, além disso havia ainda pequeno numero de exemplares das redondezas da Capital de São Paulo e do Interior do Estado. Os ♂♂ possuem uma extensão das azas de 59-117 mm., as ♀♀ de 78-126 mm. Pela côr é possível distinguir, para olhos praticos, a primeira vista, o ♂ da ♀. Os primeiros são sempre claros, cinzento-amarello-pallido, as ♀♀ em variações de ocre vão, desde o amarello puro até o avermelhado, do ocre-pardacento a ocre-castanho, ocre-cinzento, como também cinzento amarellado, e possuem brilho de madreperola mais forte, especialmente nos exemplares frescos. Assim variado, também é o desenho. Só a macula clara é constante assim como o ponto preto ali dentro, no fim das cellulas das azas anteriores, em um unico exemplar da collecção elle parece extinguir-se. Ao lado desta macula clara, acha-se em ambos os lados, muitas vezes, outra macula longitudinal, escura, (vide estampa I fig. 1-2); a macula exterior ocorre as vezes nas listas transversaes exteriores, a inferior forma parte da lista transversal interna. Ambas as listas transversaes e a macula apical escura são bem differentes na forma do desenho, ás vezes faltam parcial ou totalmente. A lista transversal exterior raras vezes é bem pronunciada, a interior estende-se as mais das vezes sómente do ramo cellular inferior á margem posterior (veja Est. II. fig. 6-7).

As listas transversaes são muito alargadas em alguns exemplares e semeadas densamente de pontos fortes, formando assim maculas pretas. A côr e desenho não têm nenhuma influencia sobre o ponteameto, podendo ser finas ou grossas ou mais ou menos densas.

Nas antenas e nas nervuras não existem diferenças. Também o forceps anal citado por H.-Sch. em *paleacea* não apresenta diferença de forma. Outras diferenças específicas não foram verificadas.

Resumindo, resultam as observações seguintes da coleção examinada:

1. para a especie *smerintha* Huebner ♀♀ extensão das azas de 107-123 mm., a forma descripta e todas as formas de transição até ocre-amarello claro, bem desenhado e até sem desenho;
2. para a forma *paleacea* H.-Sch. ♂♂ 78-107 mm. e um exemplar quasi sem desenho, ponteados finamente e somente com 59 mm;
3. para a forma *pustulata* H.-Sch. ♂♂ 96-111 mm. com côr mais escura e mais desenhada.
4. para a forma *murina* H.-Sch. ♂♂ 103-117 mm. côr mais ocre-cinzenta e com desenho mais extenso.

Para todas as especies em questão existem formas de transição, não se encontrando em todo material dois exemplares inteiramente iguaes em côr e desenho. As variações de tamanho em verdade são estranhas, não possuem, entretanto nenhuma importancia como caracter especifico, sendo que taes diferenças já foram observadas também em outras familias, como por exemplo *Aegeriidae* e *Cossidae*, etc., cujas lagartas vivem em madeira e em raizes.

Sobre a biologia das especies do genero *Myelobia*, ao que eu saiba, nada ha de seguro. Existe no Museu Paulista, material biologico (lagartas mumificadas, cascas de chrysalidas, fiação em gomos de bambú com grandes aberturas provavelmente de *smerintha*), que não se pode entretanto tomar em consideração por não haver observação positiva de creação. E' positivo somente que a lagarta vive na raiz do bambú (*Nastes barbatulus* Rupr.) e que subindo aos gomos para sua transformação, ali faz

um furo para a saída da imagem, passando então a pupa dentro de um tecido.

O resultado do exame do presente material aclara que se trata de animal muito variavel e que as tres especies apresentadas por H.-Sch. como especies boas, *Myelobia paleacea*, *pustulata* e *murina*, só podem valer como formas da *M. smerintha* Hbn.

Não sendo conhecido o ♂ de *smerintha* Hbn. ♀, n'aquelle tempo, Walker (1856) juntou-lhe a *pustula* H.-Sch. ♂ e isto com razão. *Pustula* H.-Sch. devia por isso ser synonyma de *smerintha* Hbn. e valer como legitimo ♂ desta. Na sequencia das descripções de Herr.-Schff é, entretanto, descripto em 1.º lugar como ♂, *paleacea* e este é que devia ter sido juntado á *smerintha* ♀. O facto de Walker não o ter feito, só tem explicação na circumstancia de *pustulata*, pela descripção e illustração, approximar-se mais de *smerintha* que a *paleacea*, muito menor e de coloração mais clara e por isso considerada por Walker boa especie.

Fica ainda por discutir a ♀ da *paleacea* de H.-Sch. e o ♂ da *murina* de H.-Sch. Ambas as formas acham-se em bons exemplares na presente collecção, assim ♂♂ pertencentes ás ♀♀ da *paleacea*, como tambem ♀♀ pertencentes aos ♂♂ da *murina*, e além d'estes, varias outras formas ainda. Por isto tanto *pustulata* como *murina* são synonymas de *smerintha* Hbn. ou, como já acima foi dito, podem ser consideradas formas d'esta; porem, se assim as considerar-mos como consequencia logica, uma immensidade de formas distinctas devem ser reconhecidas segundo o presente material.

Porque não se achou até agora os ♂♂ e ♀♀ que faltavam! Os autores d'um lado não tinham material sufficiente para comparação, por outro não se podia, por causa da grande variabilidade dos exemplares, juntal-os convenientemente sendo então, mais simples, dar nome a cada especie desenhada ou pintada de outra forma.

Myelobia decolorata Herr.-Schaeff.

Myelobia decolorata H.-Sch. pode ser considerada seguramente boa espécie e a opinião de H.-Schaeffer de que não se devia juntar sua *pustulata* á *smerintha* Hbn., mas sim *pustulata* á *decolorata*, é seguramente falsa. As diferenças específicas são muito evidentes como, já em parte, resultam das próprias ilustrações de H.-Schaeffer. Existe somente, semelhança na cor, é de supôr que Herr.-Schff. foi levado ao erro pela semelhança da cor, *pustulata* ali, está representada com a cor da palha palida ou ocre-amarello pallido.

Evidentemente elle não possuia nenhum ♂ da *decolorata*, aliás teria reconhecido exatamente as diferenças de espécie e o teria descripto evidenciando um corte de azas bem differente do da sua propria ♀ (veja Est. I. fig. 3-5) e das formas da *smerintha*.

Decolorata tem outras nervuras, as antenas são um pouco mais compridas e mais fortes, o flagello das antenas se reduz bem successivamente até o apex, assim como as pestanas; em *smerintha* e suas formas as pestanas se reduzem rapidamente atraz do primeiro quarto das antenas sendo, até ali mais compridas. As azas anteriores e posteriores da *decolorata* são muito mais largas; as azas anteriores na margem posterior e exterior abaixo do apex, fracamente cortadas, não o sendo em sua margem anterior; o apex não é falciforme.

Tambem as azas posteriores exhibem forma mais redonda. O ♂ tem azas mais estreitas do que a ♀, com a ponta das azas anteriores largamente extendidas. Existe o ponto cellular preto, faltando porem, a mácula clara na qual elle se acha nas formas de *smerintha*. Fóra disto as listas transversaes das azas anteriores tem outra conformação. A exterior nasce na costa da macula apical castanha escura e segue na margem interior em linha denteada parallelá á margem exterior. A lista transversal interior decorre da costa ao lado da exterior até o meio das azas, encurvando ali para dentro, e termi-

nando no primeiro terço das azas da margem posterior; em alguns exemplares, porém, nasce da lista transversal exterior no meio das azas, a metade anterior mostra-se inteiramente extinta. As células medianas de ambas as azas são mais curtas e a construção das nervuras é formada de outra maneira que as das formas *smerintha* como resulta claramente dos desenhos da fig. 3-5 Est. I. As diferenças de extensão das azas são menores, desenho e côr mais constantes.

Havia 6 ♂♂ com 80-84 mm. e 3 ♀♀ com 97-98 mm. de extensão das azas. Foram apanhados na vizinhança de Mogy das Cruzes, acerea de 50 kilometros da Capital do Estado de São Paulo.

REVISION DER FUENF ARTEN
DER GATTUNG
MYELOBIA HERR.-SCHAEFF.

(*Morpheis* Hbn.) (Fam. *Pyrilidae*, Microlep.)

von

ROBERTO SPITZ

Die fuenf bisher beschriebenen Arten sind folgende:

1. *Myelobia smerintha* Huebner. Vol. II. Taf. 408, fig. 3-4; Walker Cat. Sep. Het. B.M. VII, pag. 1546 (1856) Burmeister Descr. Rep. Argent. Atlas Lepid. pag. 61 (1880);
2. *Myelobia paleacea* Herr.-Schaeff. Vol. I. pag. 75, fig. 150;
3. *Myelobia decolorata* Herr.-Schaeff. Vol. I. pag. 75, fig. 151;
4. *Myelobia pustulata* Herr.-Schaeff. Vol. I. pag. 75, fig. 152;
5. *Myelobia murina* Herr.-Schaeff. Vol. I. pag. 75, fig. 153;

Kirby fuehrt in seinem Katalog Vol. I, pag. 877 (1892) *pustulaia* als synonym mit *smerintha*, und *paleacea*, *decolorata* und *murina* als eigene Arten an.

Zu *M. smerintha* kaeme noch als neue Beschreibung *Morpheis smerinthea* var. *alba* Koehler, Fauna Argent. II, pag. 26 (1924) und eine interessante Arbeit Dr. Rudolf von Iherings, Observações sobre *Myelobia smerintha* Hbn., Revista de la Socied. Argent. Physis II, pp. 60-68 (1916).

Die Arbeiten Dr. Burmeisters und Koehlers sind leider nicht zugaenglich, diejenige des Herrn Dr. v. Ihering kann fuer die vorliegende Arbeit nicht beruecksichtigt werden, da hier hauptsaechlich die Klarstellung ueber die Identitaet der obigen fuenf Arten beabsichtigt ist. Herr Koehler duerfte eine Form der *M. smerintha* beschrieben haben.

Einleitend sei bemerkt, dass es sich bei *M. smerintha* um eine hoechst variable Art handelt und dass ein positives Zuchteresultat aus der Raupe nicht veroeffentlicht wurde.

Myelobia smerintha Hbn. (oben sub 1.) ist die zuerst beschriebene, unbestrittene Art der Gattung, demnach muss sie als Nominatform gelten. Die Abbildungen Huebners geben das gute Bild eines dunkel gelbbraun gefaerbten, schwach gezeichneten ♀ mit 110 mm. Fluegelspannung, wozu Walker eine gute Beschreibung gibt. Es wird somit als typisches ♀ der Nominatform anzusehen sein.

Die naechsten oben sub 2.-4. genannten drei Arten hat Herr.-Schaeff. kurz beschrieben und abgebildet, auch hierzu gibt Walker ausfuehrlichere Beschreibungen. Die oben sub 3. angefuehrte *decolorata* (als 2. Art. von H.-Sch. beschrieben) sei als gute Art zunaechst zurueckgestellt, die sub 2., 4. und 5. angefuehrten als Formen der *smerintha* vorerst behandelt.

Als erste Art in der Folge seiner Beschreibungen hat Herr.-Schaeff. als *paleacea* ein ♂ angefuehrt und abgebildet mit 71 mm. Fluegelspannung (oben sub 2.). *Pustulata*, als 3. Art (oben sub 4.), ist auch ein ♂ mit 101 mm. Spannweite, und als 4. (oben sub 5.) *murina*, ein ♀ mit 99 mm. Spannweite. Es resultiert nach den Beschreibungen und Abbildungen (1) eine Spannweite von 71 — 101 mm. fuer die ♂♂ und von 99 — 110 mm., fuer die ♀♀. In seinen kurzen Diagnosen gibt er an:

(1) Unter der vermuteten Annahme, dass die Abbildungen Huebners und H. — Sch. der natuerlichen Groesse entsprechen.

zu *paleacea* ♂: «staubfarbig, Vfl. mit zerstreuten Punkten merkwuerdige Afterzange»; zu *pustulata* ♂: «2 Schattenstreife von $\frac{3}{4}$ des Vorderrandes zur Mitte des Innenrandes zackig und geschwungen, in der Mitte fast unterbrochen, der Raum zwischen ihnen staerker schwarz punktiert, Hfl. gegen den Vorderrand und Innenrand lehmgelb»; zu *murina* ♀: «Vfl. fast einfarbig rehfarben». Zum Schlusse seiner Beschreibungen bemerkt er noch: «Ich weiss nicht aus welchem Grunde Herr Walker meine *pustulata* mit *smerintha* Huebners verbinden will. Passender waere vielleicht die Verbindung der ersten mit der zweiten und der dritten mit der vierten; alle stammen aus Suedamerika und leben in ihren ersten Stunden ohne Zweifel im Pflanzenmarke...» Demnach also eine Verbindung von *paleacea* mit *decolorata* und *pustulata* mit *murina*.

Walker war der erste, der sich mit der *Smerintha*-gruppe schon intensiver befasst hat; er zieht schon *pustulata* H.-Sch. ♂ zu *smerintha* Huebner ♀ und gibt fuer beide folgende Diagnosen an: «Lichtbraun, Abdomen dunkelbraun, Apicalrand blassbraun. Vfl. schwarz punktiert, 2 Apicalbinden unterbrochen. Hfl. weisslich, Vorderrand gelblich, Basis braeunlich». Fuer *paleacea* ♂ fuehrt er an: «strohfarbig, Vfl. dunkel schwach punktiert, 2 Streifen am Apex aschgrau, Hfl. weiss», und fuer *murina* ♀: «Dunkelbraun am Ruecken gelblich gestreift, Vfl. die zwei schraegen bindenfoernigen Makeln schwaerzlich, Hfl. weiss, Basis roetlich, an der Costa gelblich».

Zu den Abbildungen Huebners und Herrich-Schaeffers sei bemerkt, dass die Abbildungen des ersteren (Taf. 408. fig. 3,4) das gute Bild eines dunkel gelblichbraunen, bis aut den Zellfleck fast zeichnungslosen ♀ gibt. H.-Sch. *paleacea* Fig. 150 entspricht in Farbe und Zeichnung dem ♂ Habitus; die Abbildungen Fig. 152 *pustulata* ♂, und Fig. 153 *murina* ♀ sind zu dunkel grau ausgefallen. Die ♂♂ sind stets staubgrau, licht gelblichgrau, die ♀♀ tiefer gelb.

Der Beweis der Synonymität der 3 von H.-Schaeffer beschriebenen Arten zu *M. smerintha* Hübner soll sich aus dem Nachstehenden ergeben.

Es liegen vor ueber 50 Exemplare aus den Ausbeuten von zwei Naechten. Aus einer Anzahl von 800-900 wurden die extremsten bezueglich Groesse, Faerbung und Zeichnung ausgewaehlt, ausserdem liegt noch eine kleinere Anzahl vor aus der Umgebung der Hauptstadt São Paulo und aus dem Innern des Staates gleichen Namens. Die vorliegenden ♂♂ haben eine Expansion von 59 — 117 mm., die ♀♀ von 78 — 126 mm. — Was die Faerbung anbelangt, so ist es fuer ein geuebtes Auge moeglich, auf den ersten Blick ♂ und ♀ zu unterscheiden. Erstere sind stets licht, fahl gelblichgrau, die ♀♀ ockergelb, von rein ockergelb bis roetlichocker, braeunlichocker bis ockerbraun, ockergrau, auch gelblichgrau, und haben staerkeren Perlmutterglanz, besonders frische Exemplare. Ebenso verschieden ist die Zeichnung. Constant ist der helle Fleck und der schwarze Punkt darin am Zellende der Vfl., er erscheint nur bei einem Exemplar der vorliegenden Kollektion ausgeloescht. An diesem hellen sitzt oft beiderseits noch ein laenglicher, schwaerzlicher Fleck (vide Taf. I. Fig. 1 e 2), der aeusserer Fleck verlaeuft manchmal in den aeusseren Querstreifen, der innere bildet einen Teil des inneren Querstreifens. Die beiden Querstreifen und der dunkle Apicalfleck sind ganz verschieden in der Zeichnungsanlage, sie fehlen oft teilweise oder ganz. Der aeusserer Querstreif ist selten ganz ausgepraegt, der innere reicht groesstenteils nur vom unteren Zellaste bis zum Hinterrande (vide Tafel II fig. 6, 7). Die Querstreifen sind bei manchen Exemplaren stark verbreitert und im Zwischenraum mit starken Punkten dicht bestreut, sodass dadurch schwarze Flecke entstehen. Die Faerbung und Zeichnung hat keinen Einfluss auf die Punktierung, sie kann fein oder grob und mehr oder weniger dicht sein.

In den Fuchlern und Adern findet sich kein Unterschied. Ebenso zeigt die von H.-Sch. bei *paleacea* er-

wachnte Afterzange in der Form keine Unterschiede. Andere Artunterschiede wurden nicht konstatiert.

Zusammenfassend ergeben sich demnach aus der vorliegenden Kollektion:

1. fuer die Art *smerintha* Huebner ♀♀ mit 107 — 126 mm. Expansion in der beschriebenen Form und allen Uebergaengen bis ganz licht ockergelb und scharfgezeichnete bis ganz zeichnungslose;
2. fuer die Form *paleacea* H.-Sch. ♂♂ mit 78 — 107 mm., 1 ♂ fast zeichnungslos, schwach fein punktiert mit nur 59 mm.
3. fuer die Form *pustulata* H.-Sch. ♂♂ mit 96 — 111 mm., dunkler und mehr gezeichnet.
4. fuer die Form *murina* H.-Sch. ♀♀ mit 108 — 117 mm. mehr ockergrau mit ausgebreiteter Zeichnung.

Fuer alle in Frage stehenden Arten liegen Uebergaenge vor und es finden sich unter der vorliegenden Anzahl nicht 2 ganz gleich gefaerbte und gleichgezeichnete Exemplare. Dies Groessenverhaeltnisse sind zwar auffallend, haben aber als Artmerkmal keine Bedeutung, da solche Unterschiede auch von anderen Familien bekannt sind, z.B. bei *Aegeriden* und *Cossiden* etc., deren Larven im Holze oder in Wurzeln leben.

Ueber die Biologie der Arten der Gattung *Myelobia* ist meines Wissens nichts Sicheres bekannt. Im Museo Paulista befindet sich wohl biologisches Material, (mumifizierte Laven, Puppenhuelsen und Gespinnste in Staemmen von Bambus mit grossen Schlupfloechern, welche hoechstwahrscheinlich der *smerintha* an gehoeren) welches aber hier nicht beruecksichtigt werden kann, da kein positives Zuchtresultat vorliegt. Sicher ist nur, dass die Raupe an der Wurzel von Bambus (*Nastes barbatus* Rupr.) lebt und zur Verpuppung in die Schaefte steigt, dort ein Schlupfloch fuer den Falter anfertigt und sich in einem Geppinnste zur Puppe verwandelt.

Das Resultat der Untersuchung des vorliegenden Materials erhellt klar, dass man ein auusserst variables Tier vor sich hat und die drei von H.-Sch. als eigene Arten aufgestellten *Myelobia pa'eacea*, *pustulata* und *murina* nur als Formen der *M. smerintha* Hbn. gelten koennen.

Da zu *smerintha* Hbn. ♀ damals noch kein ♂ bekannt war, hat Walker (1856) *pustulata* H.-Sch. ♂ zu *smerintha* Hbn. ♀ gezogen, und dies mit Recht. *Pustulata* H.-Sch. haette demnach synonym zu werden mit *smerintha* Hbn. und als legitimes ♂ dieser zu gelten. Nach der Reihenfolge in der Beschreibung H.-Sch. ist aber *paleacea* als erstes ♂ beschrieben und haette als ♂ zu *smerintha* Hbn. ♀ gestellt werden sollen. Warum Walker dies nicht getan hat, kann nur darin seinen Grund gehabt haben, dass *pustulata* nach der Beschreibung und Abbildung der *smerintha* naeher kommt als die viel kleinere und viel heller gefaerbte *paleacea*, die von Walker doch fuer eine eigene Art angesehen wurde.

Es bleibt noch zu besprechen das ♀ zu *paleacea* H.-Sch. und das ♂ zu *murina* H.-Sch. Beide Formen finden sich gut unter den vorliegenden Exemplaren, sowohl ♀♀, die zu den ♂♂ der *paleacea*, als auch ♂♂, die zu den *murina* ♀♀ passen, ausser diesen noch in vielen anderen Formen. Demnach haben auch *pustulata* und *murina* als synonym zu *smerintha* Hbn. zu gelten, oder, wie schon gesagt, als Formen derselben angesehen zu werden; aber dann koennte man in logischer Konsequenz dem vorliegenden Material nach eine Unzahl distinkter Formen benennen. Warum man die fehlenden Ehehaelften bisher nicht herausgefunden hat? Die Autoren hatten einerseits zu wenig Vergleichsmaterial, und bei der grossen Variabilitaet wusste man mit den einzelnen Exemplaren nicht recht, wo man sie zuteilen soll, und da war es am einfachsten, jedem anders gezeichneten oder gefaerbten Kinde einen Namen zu geben.

***Myelobia decolorata* Herr-Schaeff**

Myelobia decolorata H.-Sch. ist sicher als eine gute Art anzusehen und die Meinung H.-Schaeffers, dass nicht seine *pustulata* zu *smerintha* Hbn. zu ziehen, sondern seine *pustulata* mit *decolorata* zu verbinden gewesen waere, ist sicher falsch. Die Artverschiedenheit ist in die Augen springend, wie schon teilweise aus den Abbildungen H.-Schaeffers selbst hervorgeht. Aehnlichkeit besteht nur in der Faerbung, die aber bei *decolorata* stets blass strohgelb oder fahl ockergelb ist, und es liegt die Vermutung nahe, dass H.-Sch. durch die aehnliche Faerbung zur irrigen Auffassung veranlasst wurde. Offenbar lag ihm kein ♂ der *decolorata* vor, sonst haette er die Artunterschiede richtig erkannt und auch das ♂ beschrieben, das einen ganz anderen Fluegelschnitt aufweist wie sein eigenes ♀ (s. Tafel I, fig. 3-5) und die *smerintha*-Formen.

Decolorata hat ein anderes Geaeder, die Fuchler sind etwas laenger und staerker, die Fuchlergeisel verjuengt sich ganz allmaechlich bis zur Spitze wie auch die Bewimperung, bei *smerintha* und ihren Formen verjuengt sich die Bewimperung rapid nach dem 1. Viertel und sie ist bis dahin viel laenger. Vorder- und Hfl. der *decolorata* sind viel breiter, die Vfl. am Vorderrande garnicht, am H. rande und A. rande unter dem Apex nur schwach ausgeschnitten, der Apex nicht sichelartig vorgezogen. Auch die Hfl. weisen mehr runde Form auf. Das ♂ hat schmaelere Fluegel als das ♀ mit lang ausgezogener Spitze der Vfl. Der schwarze Zellpunkt ist vorhanden, es fehlt aber der lichte Fleck, in welchem er bei den *Smerintha*-formen steht. Ausserdem sind die Querstreifen der Vfl. anders gestaltet. Der aeuessere entspringt an der Costa aus dem dunkelbraunen Apicalfleck und verlaeuft in Zackenlinie parallel dem Aussenrande in den I. rand. Der innere Querstreifen verlaeuft von der Costa neben dem aeuesseren bis zur Fluegelmitte, von da biegt er nach innen um und endet im ersten Fluegeldrittel des H.randes, bei manchen Exemplaren entspringt er aber aus

dem acusseren in der Fluegelmitte, die vordere Haelfte ist ganz ausgeloescht. Die Mittelzellen beider Fluegel sind kuerzer und der Rippenbau anders gestaltet wie bei den *M. smerintha*-Formen wie aus den Zeichnungen (s. Taf. I; fig. 3 e 4) deutlich hervorgeht. Die Groessenunterschiede sind geringer, Zeichnung und Faerbung konstanter.

Es liegen vor 6 ♂♂ mit 80 — 84 mm., 3 ♀♀ mit 97 — 98 mm. Fluegelspannung. Sie wurden in der Naehc von Mogy das Cruzes, ca. 50 Klm. von der Stadt São Paulo, gefangen.

ESTAMPA I

fig. 1

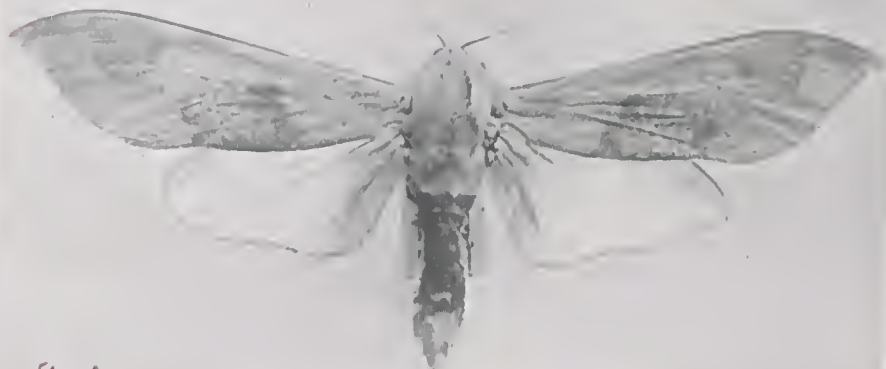


fig. 2

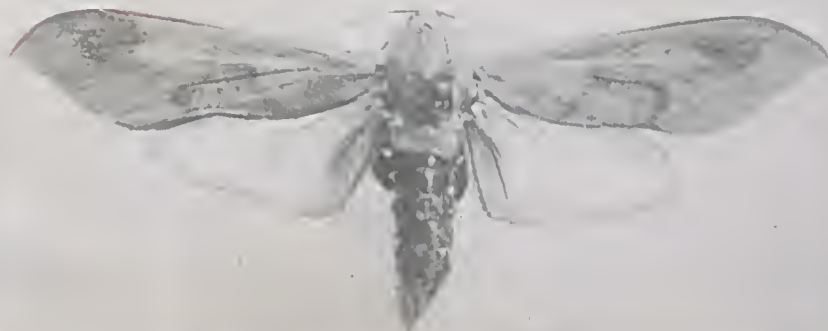
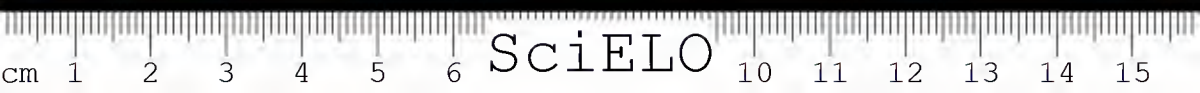
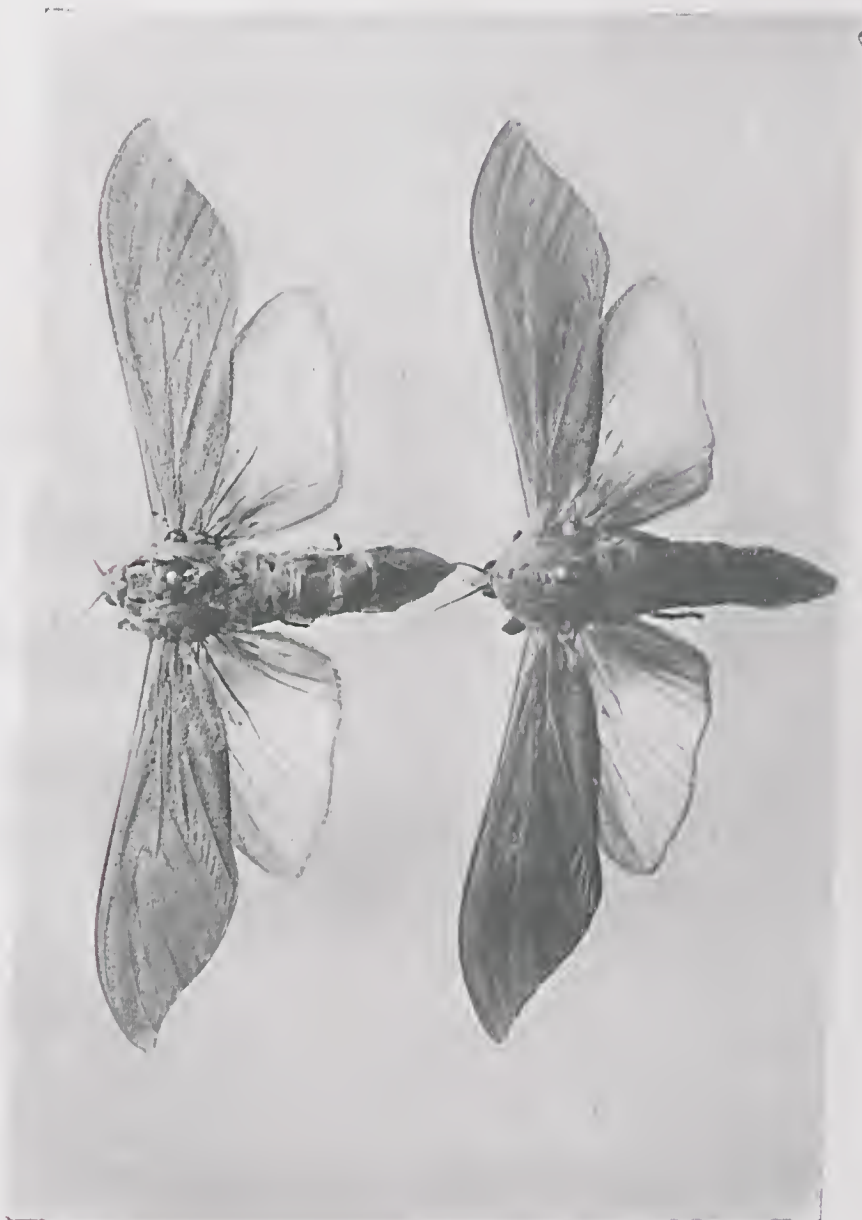


Fig. 1-2 *Myelobia smerintha* Hbn. ♀♀
 Fig. 3 *Myelobia smerintha* Hbn. ♂
 Fig. 4-5 *Myelobia decolorata* Herr-Schäffer ♂, ♀.



SciELO

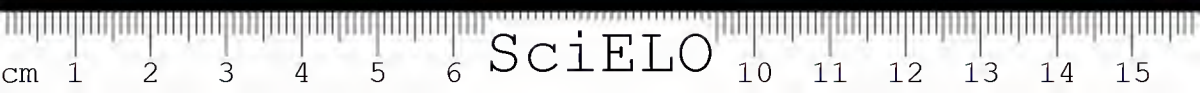
ESTAMPA II



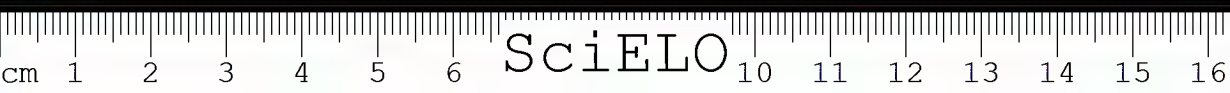
6

7

6-7 *Myelobia smerintha* Hbn.



SciELO



SciELO



SciELO

